HO SEITIMO LIVRO
DA
HISTORIA DO DESCOBRIMENTO
E
CONQVISTA DA INDIA
PELOS PORTVGVESES.

Feyto por Fernã Lopez de Castanheda.

Com priuilegio Real. 1554.

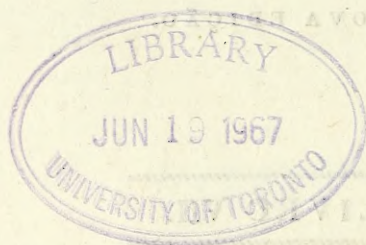
HISTORIA
DO
DESCOBRIMENTO
E
CONQVISTA DA INDIA
PELOS
PORTVGVESES

POR

FERNÃO LOPEZ DE CASTANHEDA.

NOVA EDIÇÃO.

LIVRO VII.

LISBOA. M.DCCC.XXXIII.

NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

POR ORDEM SUPERIOR.

PROLOGO

NO SEYTIMO LIVRO DA HISTORIA do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses dirigido ao muyto alto & muyto poderoso Rey dom Ioão ho Terceiro deste nome nosso Senhor, Rey de Portugal & dos Algarues, daquem & dalem mar em Africa, senhor de Guiné & da conquista, nauegação & comercio de Ethiopia, Arabia, Persia & da India.

Por Fernão lopez de Castanheda.

Sentença he de Tulio nas suas tusculanas, muyto alto & muyto poderoso Rey nosso senhor q̃ a hõrra cria as artes & desejosos da gloria da virtude, nos acendemos pera a ganhar. Sentẽça verdadeiramẽte muyto digna de ser notada principalmente dos principes & dos senhores: porque se eles não fauorecerem com hõrras & merces as boas cousas que seus vassalos fazem, assi nas armas, como nas letras: como em qualquer outro genero de officios virtuosos com que a repubrica he ilustrada, não auerá nhũa pessoa que se de a eles, nem os siga. E porq̃ nos tempos antigos, as façanhas nas armas, a sciencia das letras, os singulares engenhos nas artes macanicas: se estimarão tanto dos principes & das repubricas em que se fazião, & se galardoauão muyto bẽ: Ouue antre os Gregos, & antre os Romãos, & ãtre os Barbaros tantos & tão singulares capitães: tão esforçados caualeyros, tão excelentes sabios & letrados de tanta erudição, & officiaes tão perfeytos em todas as artes macanicas, como largamẽte contão as historiaś antigas & modernas, com que deixo dalegar por breuidade. E despois que este fauor de hõrras & merces cessou de se fazer antrestas nações, aos que forão excelentes nas artes que digo se forão elas perdendo, que nem ouue mais

capitães, nem caualeyros, & falecerão os sabios & letrados: nem ouue mais officiaes que nas artes macanicas se prezassem de terem as perfeições que os antigos teuerão. E conhecendo V. A. isto Principe prudentissimo, desejando dennobrecer seus reynos & senhorios, trabalha tanto com sua suprema liberalidade de fazer merces aos homes que em todas as artes que digo sam singulares, pelo que muytos trabalhão por ho serem nelas: & por isso tem V. A. tanta copia deles, não somente seus naturais mas estrangeiros, que de muyto longe correm à fama de suas merces grandissimas. O que tambem me deu animo pera sair cõ a mostra de meu engenho, & trazer coele a luz: cousa de tanto seruiço de V. A. & honrra de seus reynos como he esta historia do descobrimẽto & conquista da India pelos Portugueses. Cousa de tanta admiração & tão digna de se pubricar, que quãdo a Raynha nossa senhora vio ho primeyro liuro, disse a dona Maria de noronha que lho deu. Que cousa tamanha como aquela, mais cedo se ouuera de pubricar, & não ouuera destar escondida tanto tempo, & de ser auida por muyto miraculosa nos reynos estrangeiros: he impressa parte dela em Frãça & se imprime em Italia: polo que mereço merce pois fuy ho primeyro Portugues que tomey tão honrrada empresa, & lhe dey fim tanto a minha custa como nosso senhor Deos he testemunha: que por sua infinita misericordia tenha por bem de alongar por muytos ãnos a vida de V. A. com acrecentamento de seu real estado pera que fauoreça com merces a seus vassalos, com que os prouoque a fazerem cousas porque merecão sempre de serem tão nomeados polo mundo como sam.

HO SEPTIMO LIVRO
DA
HISTORIA DO DESCOBRIMENTO
E
CONQVISTA DA INDIA
PELOS PORTVGVESES

Em que se contẽ o que eles fizerão gouernandoa Lopo vaz de sam payo, por mãdado do muy alto & muyto poderoso rey dõ Ioão nosso senhor, ho terceyro deste nome,

Feyto por Fernão lopez de Castanheda.

CAPITOLO I.

De como foy aberta a terceyra socessam em que hia Lopo Vaz de sam Payo.

Enterrado dom Anriq̃ de meneses, ajũtarãse todos os capitães, fidalgos, & pessoas principais na igreja de Cananor, com Afonso mexia védor da fazenda, que hi acertou destar: & ho licenciado Ioão de soiro ouuidor géral da India, pera abrirẽ a segunda subcessão da gouernança da India, que logo Afonso mexia abrio perante todos. Em que se achou q̃ socedia Pero mazcarenhas que estaua por capitão de Malaca donde não podia vir se não dali a onze meses por amor da moução. Com o que todos ficarão cõfusos por a India ter necessidade de gouernador, assi por el rey de Calicut estar de guerra, & tambẽ el rey de Cãbaya: como por esperarẽ por rumes no Mayo seguinte, ou em Setẽbro. E como Afõso mexia praticasse cõ algũs quẽ enlegerião por gouerna-

dor em ausencia de Pero mazcarenhas: disse Ioão de soyro q̃ estaua na pratica, que se poderã saber quẽ era ho da terceira subcessam: q̃ esse pois el rey confiaua dele a gouernãça da India, a gouernaria melhor q̃ outrẽ, & a esse deuião denleger q̃ a gouernasse em ausencia de Pero mazcarenhas. O q̃ logo contrariou dõ Vasco deça reprouando muyto tal parecer: porq̃ ho da terceira subcessam na ora q̃ fosse recebido por gouernador, posto que ate a vinda de Pero mazcarenhas ficaua igoal coele ẽ todos os seus poderes, assi na justiça, como na fazẽda, do q̃ se na India seguiria grãde diuisam: por o que não se deuia dabrir a terceira nem el rey ho auia dauer por bẽ. E tambẽ o que fosse nela despois q̃ teuesse posse da gouernãça, a não quereria alargar a Pero mazcarenhas & seria muyto grãde reuolta. E deste parecer forão algũs fidalgos. E porẽ Afonso mexia ho não quis tomar: dizendo que pera se escusarẽ todos aqueles inconueniẽtes juraria o q̃ fosse na terceira subcessam nos sanctos euãgelhos, & assi assinaria hũ auto q̃ disso faria: que tanto que Pero mazcarenhas chegasse á India lhe alargaria a gouernança. E ele mesmo Afõso mexia, & todos os capitães & fidalgos da India jurarião tambẽ que ho farião fazer, & coisso ficaria a cousa segura. O que a todos pareceo bem, & assi ho jurarão & assinarão em hũ auto q̃ disso fez Vicẽte pegado q̃ era secretairo, & assinado ho auto, Afonso mexia abrio a terceira subcesão em que se achou que sucedia Lopo vaz de sam Payo capitão de Cochim. E sabido que ele auia de gouernar ate a vinda de Pero mazcarenhas de Malaca, tornou Afonso mexia a jurar que vindo Pero mazcarenhas de Malaca faria que logo lhe Lopo vaz de são Payo entregasse a gouernãça da India, & ho mesmo tornarão a jurar os outros todos: & assi ho assinarão em outro auto que Vicẽte pegado tornou a fazer destes juramentos, aos tres dias de feuereiro de mil & quinhẽtos & vinte seis. Isto feyto partirão se todos pera Cochim onde Afonso mexia entregou a gouernãça da

India a Lopo vaz de são Payo pera q̃ a gouernase ate a vinda de Pero mazcarenhas de Malaca, jurâdo primeyro ele Lopo vaz de são Payo de ho fazer assi, & assinãdo em hũ auto q̃ disso fez Vicente pegado, q̃ tambẽ foy assinado per Afonso mexia, & per todos os capitães & fidalgos q̃ se ali acharão & pelo ouuidor geral.

CAPITVLO II.

De como Lopo vaz de são Payo desbaratou hũa armada de mouros de Calicut no rio de Bacanor.

Entregue Lopo vaz de são Payo da gouernança da India despachou pera Bẽgala Ruy vaz pereira & deu a capitania do seu galeão a Manuel de brito, & assi mãdou Iorge cabral por capitão mór de certos paraós as ilhas de Maldiua pera fazer presas, que tambem se partio logo. E estes despachados, fezse Lopo vaz prestes pera ir correr a costa do Malabar, porque soubesse elrey de Calicut que posto que dõ Anrrique era falecido q̃ auia quẽ lhe auia de dar que fazer, & partio se de Cochim a seis dias de feuereiro & foy na galé bastarda de q̃ era capitão dõ Vasco de lima & forão capitães das velas grossas a fora os dos catures & bargantĩs Diogo da silueira, dom Afonso de meneses, Manuel de brito, Manuel de macedo, Antonio da silua, Anrriq̃ de macedo, Diogo de mezquita & Lopo de mezquita. E de Cochim foy ho gouernador corrẽdo a costa ate Cananor sẽ achar nenhũ paraó de Calicut, porq̃ os mais como disse estauão dentro no rio de Bacanor, & algũs outros por esses rios q̃ não ousauão de sair. E estando Lopo vaz em Cananor tomando mantimẽtos, lhe foy dada hũa carta de dom Iorge telo que acodisse, porq̃ os paraós q̃ ali estauão se q̃rião partir, & ele com a gẽte q̃ tinha não era poderoso pera lhes impidir a partida, por os mouros q̃ estauão neles serẽ doze mil, & vẽdo Lopo vaz a grossa gẽte que os mouros erão, mãdou logo chamar Christouão de sou-

sa & Antonio da silueira q̃ estauão em Goa pera que se ajuntassem coele com a mais gente q̃ podessẽ leuar: por ele ter pouca pera hũ feyto tão importãte como aquele, & porque auia ainda de fazer algũa detẽça por amor dos mãtimentos que tomaua, mandou a Manuel de brito que se fosse ẽtretanto ajũtar com dom Iorge telo. E tomados os mantimentos, Lopo vaz de sam Payo se partio pera ho rio de Bacanor: onde chegado soube como os mouros estauã grãdemente fortalecidos, não somẽte de muyta artelharia em estancias ao longo do rio, mas cõ estacadas dum cabo & do outro cõ que estreitarão tanto ho rio que a nossa frota não podia ir se nã a fio: & de hũas estacadas ás outras estauã dados cabos por debaixo dagoa pera que os nossos nauios ẽcalhassem neles & não podessem passar. E cõ tudo Lopo vaz determinou de pelejar com os mouros & queimarlhe os paraós & não esperar por Christouão de sousa nem por Antonio da silueira se tardassem: & pera pelejar com as estancias dos mouros mãdou armar quatro bateis de mãtas que tirauão senhos tiros grossos pera irem diãte, & apos eles as outras velas. E vendo que não chegauão Christouão de sousa nem Antonio da silueira não quis mais esperar, porque não parecesse aos mouros que lhes auia medo: & determinado de os cometer fez alardo de sua gente, que achou serem setecentos & tantos homens. E chamado a conselho pera consultar cõ os capitães & outras pessoas ho modo de que cometeria os ĩmigos foy muyto contrariado dos mais que não pelejasse com os mouros, alegando que pera a grande força de gente & dartelharia que eles tinhão tinha ele muyto pouca: & que não se auia dauenturar ho gouernador da India em cousa tã perigosa. E os mais dos que isto dizião era por quererem mal a Lopo vaz & terem enueja de gouernar a India, q̃ cuydou cada hũ deles de ho enlegerem pera a gouernar em ausẽcia de Pero mazcarenhas, & por isso lhe estoruauão que não fizesse hũ feyto tão famoso como aquele seria porq̃ perdesse aquela

hõrra. E entẽdẽdo ele suas tenções por saber quanto lhes pesaua de ele gouernar a India, disse que ficasse a cousa assi indeterminada ate ir ver ho rio, & ho desembarcadoiro, q̃ vio na madrugada seguinte cõ a claridade da lũa indo em hũ catur, & em outros dous Manuel de brito, & Payo rodriguez daraujo que escolheo pera isso por serem muyto esforçados. E os mouros que virão os catures tirauãlhes com a artelharia das estãcias: & erão os pelouros tantos q̃ se os catures não forão bẽ cosidos com terra não poderão escapar de serem arrombados & mortos quãtos yão dentro. E com tudo passarão muyto grande perigo: mas nẽ por isso Lopo vaz de sam Payo nã deixou de ver toda a força que os mouros tinhão: & de volta lhes mãdou cortar os cabos que tinhão de hũas estacadas ás outras pera desempidir ho caminho, & forão cortados per homẽs que ho fizerão de mergulho. E feyto isto tornouse á frota, onde deu conta disso aos capitães & fidalgos fazendolhe a vitoria muy facil se cometessem os immigos: & os mais forão do parecer que tinhão dãtes q̃ não se pelejasse. E como os deste parecer erão mais que os que dizião que pelejasse não ousaua Lopo vaz de dar remate a estes conselhos, & dilatauaho ate a vĩda de Christouão de sousa & Dãtonio da silueira, cujos pareceres cria que serião q̃ pelejasse, & assi ho disserão despois que chegarão: do que Lopo vaz ficou muyto cõtẽte porque tinha por muy certo auer vitoria dos immigos. E ordenada a maneira de q̃ os auia de cometer, ao outro dia que forão vinte cinco de Feuereiro em rompendo ho dia abalou pelo rio acima com sua gẽte que serião mil homẽs, & forão nesta ordem os quatro bateis de mantas na diãteira, & no primeyro ya Manuel de brito, no segundo Payo rodriguez daraujo: & despois os bateis com bargantĩs & catures a fio, & no derradeiro Lopo vaz com a bãdeira real, todos toldados & embandeirados, & senhas peças dartelharia nas proas & berços polos bordos, rompendo a boga arrancada pelo rio acima cõ grande arroido de gritas

& tãger de trombetas: & começando de descobrir as estancias dos immigos começarão eles de tirar com seus tiros, & chouião os pelouros de serẽ muyto bastos, pelo que os Portugueses forão cõ muyto grande perigo & trabalho ate chegarem defronte da tranqueira principal, õde Manuel de brito, Payo rodriguez & os outros da dianteira desembarcarão com espãtosa briga, por os immigos trabalharem quanto podião por lhes tolher a desembarcação cõ bombardadas, espĩgardadas & frechadas. E rompendo os Portugueses por antrelas com esforço sobre natural abalrroarão com a tranqueira, de que com ajuda de nosso senhor fizerão fugir os ĩmigos posto que se defendião marauilhosamente. Desbaratada a tranqueira, desembarcou Lopo vaz cõ a bandeira real pera recolher os Portugueses por não saquearem ho lugar que era del rey de Narsinga amigo del Rey de Portugal, & por isso não queria que lhe fizessem nhũ agrauo, & tambẽ porq̃ ho ele não fizesse aos Portugueses que estauão em Bisnegar. E recolhidos os Portugueses, mandou Lopo vaz queimar os paraós dos ĩmigos que todos arderão, & assi hũa casa dalmazem que estaua chea despeciaria & droga pera carrega dos paraós: & em quanto se queimaua forão embarcadas oytẽta peças dartelharia que se tomarão na trãqueira, & as mais delas de metal. E esta muyto grande vitoria alcãçou Lopo vaz sem lhe matarẽ mais que quatro Portugueses & forão feridos cento, & dos ĩmigos forão mortos muytos segundo se soube pelo grande prãto que por eles foy feyto ẽ Calicut: cujo rey sintio muito a queima daqueles paraós pola grande perda que recebeo em suas rendas & com quebra de seu estado.

CAPITOLO III.

De como Francisco de sá se partio pera ir a çũda, & de como dom Iorge de meneses foy por capitão de Maluco.

Recolhido Lopo vaz de sam Payo, partio se pera Goa: & entrãdo pelo rio de Pangim, Francisco de sá que estaua por capitão de Goa lhe mandou per muytas vezes requerer que não passasse dali que ho nã auia de recolher na cidade, por quãto não era gouernador da India se não Pero mazcarenhas q̃ era por el Rey que podia dar a gouernança da India, & ele era feyto polos homẽs que a não podião dar, & por isso lhe na auia dobedecer. E a camara de Goa ajudaua tambem Francisco de sá a fazer estes requerimentos, mas Lopo vaz nã deu por eles & passou auãte ate surgir diante do cais da cidade õde se passou hũ grãde pedaço em requerimentos q̃ Lopo vaz mandou fazer a Frãcisco de sá sobre lhe abrir as portas da cidade que estauão fechadas. E Frãcisco de sá com lhe parecer que tinha por si a camara da cidade insistia ẽ não abrir: & por derradeiro mãdou abrir as portas por amor de Christouão de sousa que interueo nisso. E entrado Lopo vaz na cidade tirou a capitania da fortaleza a Frãcisco de sá & deu a Antonio da silueira de meneses que tinha casado per palauras de futuro com hũa sua filha, & a Francisco de sá mandou ho pera Malaca pera dahi ir fazer hũa fortaleza a çũda que he antre a ilha de çamatra, & a da Iaoa, cujo rey por se recear doutro seu vezinho lhe tomar ho reyno mandara pedir ao gouernador dom Duarte que mandasse lá fazer hũa fortaleza: & q̃ lhe daria muyta pimenta & mais barata que em Cochĩ. E porque el Rey de Portugal se receaua que os Castelhanos fossem tomar aq̃la terra sabendo a muyta pimenta que auia nela mandaua ali fazer fortaleza: a cuja capitania & cargo de a fazer deu a Frãcis-

co de saá por ser hũ fidalgo de muyto seruiço. E sabendo Lopo vaz que ele tinha este cargo ho despachou, & deulhe trezẽtos homẽs q̃ pera este feyto erão necessarios, q̃ forão embarcados em hũ galeão & duas galeotas: & assi despachou pera capitão de Maluco a dõ Iorge de meneses filho de dõ Rodrigo de meneses a quem dom Anrrique de meneses sendo gouernador dera esta capitania, & deulhe cẽ homẽs que fossem coele em dous nauios: & a capitania mór do mar de Maluco deu a Simão de sousa galuão filho de Duarte galuão, & dõ Iorge auia dir debaixo da capitania de Frãcisco de sá ate Malaca pera onde partirão em Março. E no mesmo mes despachou tambem Lopo vaz a Martim afonso de melo jusarte por capitão mór de seys velas pera ir fazer presas ás ilhas de Maldiua, onde andando Martim afonso topou com hũa nao de rumes q̃ vão de Tenaçarim pera Iudá & leuauão muyta riqueza, & os rumes serião trezentos homẽs. E Martĩ afonso posto que não leuaua mais que ate cincoenta, com quanto vio q̃ os rumes erão muytos aferrou coeles com ho seu nauio somente, & como os rumes lhe tinhão muyta auantagem no numero esteue dous dias aferrado coeles sem os poder entrar pelejãdo muy brauamente. E neste tempo forão mortos muytos dos rumes & dos nossos algũs que entrarão a nao no cabo destes dous dias, & acabarão de matar todos os rumes, & tomarão a nao q̃ leuou a goa onde foy inuernar.

C A P I T V L O IIII.

De como Lopo vaz de sam payo cõcertou Raix xarafo cõ Diogo de melo capitã dormuz.

Atras fica dito como dõ Anriq̃ de meneses por q̃ixumes delrey dormuz & de Raix xarafo escreuera a Diogo de melo q̃ se temperasse em não dar causa a q̃ lhe fizessem mais queixume dele. E parece q̃ não dando Diogo de melo por estas cartas ou por rezão pera isso (co-

mo he mais de crer) prẽdeo Raix xarafo & trataua tão asperamente, q̃ deu materia q̃ em hũs Porques q̃ algũs praguentos fizerão na India fizesẽ hũ que dezia. Porq̃ diogo de melo, xarafo dame dinheiro, Porq̃ ele diz velo velo, não sejas meu carniceiro. E sabẽdo Lopo vaz esta cousa como ya: & tambẽ por lhe Diogo de melo mandar pedir q̃ ho fosse fazer amigo cõ Raix xarafo antes de vir Pero mazcarenhas: determinou lopo vaz de ir lá, porq̃ como conhecia pero mazcarenhas por isento sabia q̃ sẽdo gouernador q̃ auia de castigar rigurosamente a Diogo de melo se ho achasse culpado, & por ser seu parente determinou de lhe ir acodir. E poendo em conselho sua ida a Ormuz, foylhe muyto cõtrariada: dizẽdo todos, q̃ ainda q̃ sua ida lá fora necessaria a ouuera de deixar por el rey de Calicut estar de guerra, & por auer nouas de rumes: quanto mais não auendo nhũa necessidade de ir a Ormuz, & auẽdo tãtas pera ficar na India. E cõ todas estas rezões não quis se não ir, & pera resistir a armada de Calicut deixou por capitão mór da costa do Malabar Antonio de miranda dazeuedo cõ toda a armada de remo. E na fim de Março se partio pera Ormuz indo na galé bastarda cõ dom Vasco de lima, & não leuou em sua companhia mais de quatro nauios grossos de q̃ erão capitães dõ Afonso de meneses, Diogo da silueira, Manuel de brito & Manuel de macedo. E na trauessa do golfão teue grandes calmarias com q̃ se deteue muyto & lhe morreo muyta gẽte, & despois de muyto trabalho & fadiga foy aferrar a outra costa no porto de Calayate, cujo Xeque estaua leuantado contra os Portugueses por mandado del rey Dormuz & de Raix xarafo polas auexações que recebião de Diogo de melo. E ho Xeq̃ tornou a ser amigo dos Portugueses por lhe Lopo vaz de sã Payo affirmar q̃ não ya a Ormuz se não a desagrauar el rey Dormuz & a Raix xarafo se estauã agrauados, & pera castigar Diogo de melo se ho merecesse. E assi como tornou este Xeq̃ a amizade dos Portugueses, assi tornou ho de Mazcate: & ĩdo caminho

Dormuz achou na agoada de teiue Francisco de mendoça hũ dos capitães da cõserua Deitor da silueira, q̃ com tẽpo se apartara dele & foy ali ter, & hi achou hua nao de mouros q̃ tomou q̃ despois foy vendida por mil pardaos. E dali prosseguio pera Ormuz, onde chegado mandou logo soltar Raix xarafo, & lhe disse q̃ nã ya a outra cousa se não pera ho fazer amigo com Diogo de melo: q̃ se tinha dele algũs agrauos q̃ requeresse sua justiça & q̃ lha faria ainda q̃ era seu parente. E Raix xarafo como soube este parentesco desconfiou de lhe Lopo vaz fazer justiça, & disse q̃ não queria nada q̃ lhe perdoaua, & ho mesmo fez el rey Dormuz auisado por Raix xarafo, & assi ficarã amigos cõtra sua võtade. E Lopo vaz reprẽdeo Diogo de melo porq̃ ho achou culpado, & assi ficou inuernando em Ormuz.

CAPITVLO V.

De como Eytor da silueira do porto de Maçua mandou chamar dom Rodrigo de lima, & se foy a Ormuz.

Eitor da silueira q̃ per mãdado de dõ Anrrique de meneses ho fora esperar ao cabo de Goardafum vendo que se passaua ho tẽpo de sua chegada foyse a Maçua, & chegàdo aa ilha de Dalaca ho primeyro Dabril, escreueo logo a dõ Rodrigo de lima fazendolhe saber como estaua em Maçua pedindolhe que fosse logo coele, & mãdou esta carta ao çoltão Darquico q̃ lha mandasse. E ele lha mãdou ao lugar de Barua õde ja estaua cõ ho Barnegais, & bẽ triste cõ todos os de sua companhia por terẽ por noua q̃ a India era perdida & os Portugueses todos mortos. E esta carta Deytor da silueira lhe foy dada na segunda oytaua de Pascoa a noyte: & logo dom Rodrigo escreueo ao embaixador do preste que era ido a hũs lugares seus q̃ se partisse pera Maçuá ondestaua a armada dos Portugueses: & a segũda feyra despois da pascoela se partio dõ Rodrigo & foy coele ho Barne-

gais pera ho entregar a Eytor da silueira, & leuaua dous mil homẽs de mulas & algũs em caualos & seyscẽtos de pé, & por amor da muyta gente gastou aq̃la somana toda ẽ quinze legoas q̃ auia de Barua a Maçua, õde chegados entregou ho Barnegais dõ Rodrigo de lima & os de sua companhia a Eytor da silueira com grande prazer, & mãdoulhes dar cincoẽta vacas, & muytos carneiros, & galinhas, & muyto pescado: & despois chegou ho embaixador q̃ ho preste mandaua a Portugal. E embarcado Eytor da silueira se partio aos vintoyto Dabril, & foy fazer agoada á ilha de Camarão ho primeyro de Mayo, & estãdo hi ho padre Francisco aluarez q̃ tinha assinada a coua em q̃ fora enterrado ho corpo de Duarte galuão quãdo ali faleceo vindo Lopo soarez de Iudá desenterrou sua ossada pera a leuar á India, & isto secretamẽte sem ho saber mais q̃ Gaspar de sá feytor da armada, & ambos leuarão a ossada ao galeão sam Lião em q̃ yão, & tẽdoa metida acodio vento a popa cõ q̃ se Eytor da silueira partio, & disse Gaspar de sá a Francisco aluarez, q̃ assi como Duarte galuão fora bõ homem & acabara seus dias em seruiço de Deos, assi lhes daua Deos bõ tẽpo por ele. E aos dez de Mayo q̃ a armada era auãte Dadẽ & entrada no golfão q̃ lhe fazia rosto ho inuerno da India, se começou hũa muyto grãde tormẽta de vento cõ que a segũda noyte cõ ho grande escuro q̃ fazia se espalhou a frota & se perderão hũs dos outros cõ grandissimo trabalho dos corpos ẽ darẽ á bomba pera esgotarẽ a muyta agoa q̃ lhes entraua, & perigo das vidas do mar q̃ os comia. E coeste tẽporal foy forçado a Eytor da silueira arribar á costa da India õde se achou só na enseada de Cãbaya: & por ser ja inuerno & nã ter õde se acolher tornou a arribar ao golfão cõ a mesma tormẽta, andando sempre ás voltas q̃ nã podia nauegar doutro modo, & nelas se lhe gastou todo ho Mayo & sete dias de Iunho, & porq̃ os mantimẽtos q̃ leuaua nã erão pera tanto tẽpo foranselhe acabando, principalmẽte a agoa de q̃ se lhe foy a mayor parte cõ

ho trabalhar do nauio na tormēta, & chegou a ser tão pouca q̃ andou a gēte tres dias quasi sem comer nada por não terem q̃ beber. E neste tēpo Eytor da silueira por dar exēplo aos outros foy ho primeyro q̃ deixou de beber, & algũa pouca dagoa que leuaua na sua camara a daua por sua mão aos doētes q̃ auia algũs q̃ adoecião cõ fome & sede, q̃ ele esforçaua cõ muyto boas palauras: & porq̃ nã sospeitassem q̃ bibia na sua camara nunca quis entrar nela neste tempo, & agasalhauasse na tolda: o q̃ daua muyto esforço a todos pera sofrer tamanha fadiga, a q̃ aprouue a nosso senhor de dar remedio cõ auerem vista de Mazcate a sete de Iunho hũ dia a tarde, em q̃ ateli nē sãos nē doentes não tinhão bibido por de todo não auer agoa no nauio. E andando ás voltas pera tomar porto q̃ não podião tomar por lhes ho vēto ser cõtrairo acodirãlhe duas fustas dos nossos q̃ ali andauão darmada que lhes derão agoa, & leuarão ho galeão á toa ao porto de Mazcate: & tomados ali mantimētos se partio Eytor da silueira pera Ormuz õde estauão os capitães de sua armada q̃ chegarão xxviii. de Mayo. E chegado Eytor da silueira a Ormuz, dom Rodrigo deu a Lopo vaz hũa carta q̃ leuaua do Preste pera Diogo lopez de siqueira, & hũa roupa de seda cõ doze grãdes chapas douro de martelo, & ele lhe fez merce em nome del Rey de Portugal de duzētos pardaos, & tambē ao embaixador do Preste doutros duzētos, & mandou logo tirar a mõte os nauios da armada Deytor da silueira por terē necessidade de corregimēto pola tormēta passada, & mãdou pagar soldo a sua gēte porq̃ não tinha q̃ gastar por as presas q̃ não fizera no estreito. E concertados os nauios, mandou na entrada Dagosto Eytor da silueira q̃ fosse a põta de Diu esperar as naos q̃ fossē do mar roxo pera Cãbaya, & mandou coele Manuel de brito & Manuel de macedo nos seus galeões, & cõ quatro galeões & duas carauelas se partio pera a põta de Diu quasi na fim Dagosto, & ele & os capitães da sua armada tomarão hi por força tres naos de mouros de

Meca q̃ yão pera Diu em q̃ se fizerão tão boas presas que despois de vẽdida a fazẽda q̃ se tomou nelas mõtouse no quinto del Rey sessẽta mil pardaos pagas as partes a fora os catiuos que forão muytos. E porq̃ despois da tomada destas naos não passarão mais outras, partiose Eytor da silueira pera Chaul, õde achou Lopo vaz de sam Payo q̃ auia pouco q̃ chegara Dormuz q̃ fez muyta hõrra a Eitor da silueira polas presas & muytos catiuos q̃ trazia de q̃ as galés & nauios da armada se podião bẽ fornecer. E foy acerto q̃ hũ soldado natural de Viseu vio àtrestes catiuos q̃ estauão presos hũ judeu velho q̃ moraua no reyno de Fartaque por õde passàdo ele cõ outros portugueses pera Ormuz, q̃ se perderao na costa do mesmo reyno & yão muyto pobres: aq̃le judeu velho q̃ estaua preso os agasalhou ẽ sua casa, & lhes deu cõ q̃ se vestissẽ & despesa pera ho caminho. E lembrado este soldado deste bem q̃ lhe fizera, pedio a Lopo vaz q̃ lhe fizesse merce dele, cõtandolhe a causa porq̃ lho pedia: & ele lha fez louuandolhe muyto a lẽbraça q̃ tinha do bẽ que recebera. E despois ho soldado àdou coele pedindo aos outros soldados dizẽdo a todos ho bem q̃ lhe fizera, & ajũtoulhe cĩcoẽta pardaos: & quãdo os mouros & outros judeus souberã isto dizião pubricamẽte q̃ outro bẽ não era agardecido senã o q̃ se fazia aos Portugueses, & por isso lhes auião de fazer bẽ quãdo os achassem ẽ suas terras.

C A P I T V L O VI.

De como temẽdose Meliq̃ saca capitão de Diu del rey de Cãbaya determinou de dar fortaleza aos Portugueses.

Ho quarto rey de Cãbaya q̃ ouue nome çoltão madofar teue hũ filho q̃ foy ho primeyro a q̃ chamou Badur, que sendo moço mandaua matar por lhe dizerẽ os seus feiticeiros q̃ despois de homẽ auia de dar muyta oppressã ao reyno & ho auia de destruir por ser muyto mao.

E sendo Badur auisado disto fugio & foyse pelo mûdo em trajos de jogue com q̃ andou por diuersos reynos & quasi q̃ soube as lingoas de todos por ser muyto curioso de saber as cousas estrãgeiras & muy ẽgenhoso, & indo ter á cidade de Chitor no reyno de Sàga (q̃ como disse confina cõ ho de Cãbaya) soube como seu pay era falecido, & assi hũ seu filho q̃ por seu falecimẽto lhe sucedera no reyno, & q̃ os senhores de Càbaya leuâtarão por rey outro seu irmão. E determinàdo dauer por esta via ho reyno q̃ era seu de dereyto, descobriose á raynha Cremetĩ (q̃ estaua viuua & gouernaua o reyno por ho principe ser ainda menino) pedĩdolhe ajuda & fauor pera cobrar seu estado: o q̃ lhe ela deu de boa võtade, & fez cõ el rey do Màdou seu vezinho senhor muy poderoso q̃ tambẽ lha desse: & cõ esta grande ajuda cobrou ele ho reyno em q̃ matou seu irmão ẽ hùa batalha despois dalgũas q̃ ouuerão ambos. E sẽdo çoltão Badur pacifico rey de Càbaya começou de se querer vìgar dalgũs senhores do reyno q̃ seguirão cõtrele a parte de seu irmão, & ãtrestes foy Meliq̃ saca filho de Meliquiaz, q̃ era capitão de Dio, & receãdo ele q̃ el rey lho tomasse, determinou de se fauorecer cõ os Portugueses, & porq̃ lhe parecia q̃ não auia gouernador na India por ser ainda ẽ Ormuz escreueo a Christouão de sousa q̃ lhe mãdasse hũ homẽ muyto hõrrado, que lhe queria dar cõta dũ caso de muyta importàcia, pera o que lhe era necessario fauor do gouernador & não quis escreuer o q̃ era por não ser descuberto: & por Lopo vaz estar ẽ Chaul foylhe dada esta carta, & pola imizade q̃ sabia q̃ auia antre Meliq̃ & el rey de Cambaya lhe pareceo q̃ por necessidade se lhe queria encomẽdar, & ele quisera ser o q̃ fora a verse cõ Meliq̃, mas foy por todos cõtrariado em conselho, dizendo q̃ não era bẽ que ho gouernador da India fosse a cousa incerta: & acordarão q̃ fosse Eytor da silueira cõ a armada cõ q̃ partira Dormuz, & ele foy cõtẽte & se partio logo.

CAPITVLO VII.

Do conselho q̃ Hagamahmut deu a Meliq̃ sobre despejar Diu: & como lho tomou.

Chegado Eytor da silueira ao porto de Diu Meliq̃ se vio logo coele & lhe contou toda a îmizade q̃ auia antrele & el Rey de Cambaya de quẽ se não auia de fiar posto que recõciliassem, porq̃ nao goardaua a ninguẽ sua palaura: & por isto queria por se vingar dar a fortaleza de Diu a el Rey de Portugal pera ter seu fauor & ajuda quãdo lhe fosse necessaria, porem que auia de leuar toda a artelharia & munições que tinha em Diu pera laq̃te hũa ilha nos Rezbutos õde queria fazer sua morada por se segurar del rey de Cãbaya, & q̃ lhe auião de dar ametade do q̃ rendesse a alfandega de Diu. E algũas vezes q̃ Meliq̃ se vio com Eitor da silueira teue coele esta pratica sẽ auer mais effeyto, porq̃ mouros nũca acabão de se determinar porq̃ de seu natural sã descõfiados: & este tinha algũ receyo q̃ despois q̃ teuessẽ Diu nã lhe dariã nada, & fazialho ter Hagamahmut aq̃le mouro seu parente de q̃ faley atras que estaua coele, a quẽ pesaua tanto de dar Diu aos nossos q̃ desejaua de ho matar, & como não podia dissimulaua coele & dizialhe q̃ fazia muyto bẽ de dar Diu aos Portugueses por se segurar del rey de Cãbaya, porẽ q̃ segurança teria ele de lhe darẽ ametade do q̃ rendesse a alfandega de Diu despois q̃ ho teuessem, & q̃ lhe parecia q̃ estando eles no porto de Diu não se deuia de ir pera laquete: porq̃ como os Portugueses nã erão seus amigos por natureza se não por interesse quẽ lhes tolheria q̃ ao embarcar de sua pessoa, molheres & thesouro q̃ era grande ho não tomassem cõ tudo, pera q̃ estado em seu poder lhe alargase ho thesouro & o que lhes pedia da rẽda de Diu. E como Meliq̃ era descontiado & andasse tao cheo de medo fezlho muyto grande esta duuida de Hagamahmut

q̃ era seu parẽte & amigo, & de quẽ confiaua q̃ se doeria de sua vida & hõrra, & por isso o que lhe disse fez nele tamanha impressã q̃ sospeitou que aquilo poderia assi ser, & começou de se ãtreter em sua ida, & pregũtou a Hagamahmut o q̃ faria: & ele por lhe nã sair de todo da vontade q̃ sabia q̃ era dar Diu, disselhe q̃ assi ho deuia de fazer pera se segurar del rey de Cambaya. E pera seguraça dos Portugueses q̃ não fizessem o que receaua não se deuia dembarcar coeles no porto: & deuia de dizer a Eytor da silueira que se tornasse a Chaul fingindo algũas causas pera isso, & despois de partido se embarcaria muyto a seu saluo & se iria, & ele ficaria em Diu pera ho ẽtregar a Eytor da silueira q̃ logo mandaria chamar despois de sua partida. E não sendo Meliq̃ tão recatado como lhe era necessario teue por muyto bõ ho conselho de Hagamahmut q̃ lho não daua a outro fim se não pera que os Portugueses não ouuessem Diu, que determinaua de partido Melique ho entregar a el rey de Cambaya pera se congraçar coele: & começando a embarcação de Melique de se dilatar, ya Hagamahmut cõ recados a Eytor da silueira ao seu galeão dizendolhe da parte de Melique que sentia aluoroço nos moradores de Diu por verem a nossa frota no porto & começarem de sentir q̃ lhe queria dar Diu, & que receaua de se leuantarem contrele, por isso q̃ deuia tornarse a Chaul pera com sua ida se assessegar a cidade, & assessegada tornaria. E parecendo a Eytor da silueira que aquilo era arrependerse Melique mandoulhe dizer q̃ do aluoroço da cidade lhe nã desse nada, porque como a fortaleza estaua da banda do mar podia embarcar se hũa noyte secretamẽte, & em se embarcando se meteria ele dentro na fortaleza, & como fosse nela lhe daria pouco polos aluoroços da cidade. Ao que Melique respondeo por conselho de Hagamahmut que ele não se auia dir de Diu sem leuar toda sua fazenda & artelharia o que não se podia embarcar se não por espaço de dias, & em quanto se embarcasse seria sua ida descu-

berta o que ele não queria, por isso lhe parecia que se deuia de tornar a Chaul & ele embarcaria sua fazenda mais dissimuladamẽte & sem sospeita da gẽte q̃ assessegaria cõ sua ida: & tẽdo tudo prestes ho mãdaria chamar, & assi se faria melhor & mais a saluo de todos. E desconfiãdo Eytor da silueira da verdade de Meliq̃ por estes recados, por saber a verdade da sospeita q̃ tinha de lhe não dar Diu, banqueteaua Hagamahmut & outros mouros que yão coele, & mandaualhes dar muyto vinho duuas pera que os embebedasse, por lhe parecer que bebados lhe dirião a determinação de Meliq̃. E Hagamahmut como era prudẽte ẽtẽdiao & faziase muyto bebado: & porque se Eytor da silueira fosse dizialhe que Meliq̃ nã lhe auia de dar fortaleza em Diu, & q̃ ho tinha ali pera assentar bẽ suas cousas cõ el rey de Cãbâya cõ quẽ ãdaua tratãdo amizade.

CAPITVLO VIII.

De como Eytor da silueira se tornou a Chaul, & do mais q̃ fez Lopo vaz de sã Payo.

E isto creo Eytor da silueira q̃ seria assi porq̃ segũdo ho feruor q̃ vira ẽ Melique pera despejar Diu pareceolhe que ao outro dia ho despejaria, & vendo a dilação que punha, teue por certo que se arrependia da primeyra determinaçã: & assi ho escreueo a Lopo vaz pedindolhe que determinasse o que faria, porque lhe parecia que sua estada era sem proueito. Vista por Lopo vaz esta carta, mostrouha em cõselho em que lhe foy dito por algũs que ninguem podia melhor determinar o que Eytor da silueira faria naquele negocio que ele mesmo pois lá estaua & via o que passaua, de q̃ podia determinar o que seria melhor: porque determinarse coeles que não tinhão experiencia do que la ya era fazer cousa ás escuras: & que podião com sua determinação deitar de todo a perder aquele negocio de que a el rey de

Portugal resultaua tanta honrra & tanto proueito, por isso que Eytor da silueira ho determinasse & assi ho fizesse. Outros disserão q̃ pois ele era tão froxo que estando la & vendo o que passaua nao sabia determinar o que faria, & ho mãdaua pregũtar a quem ho não via, que não era bem deixar cousa de tanta importancia em sua determinação, & que se mãdasse homem que ho soubesse fazer. E como os pareceres erão differẽtes, & quasi tantos dũa parte como da outra, laçouse Lopo vaz da que dizião que Eytor da silueira determinasse o que lhe parecesse, porq̃ lhe pareceo que naquilo lhe fazia fauor porq̃ desejaua de ho ter de sua mao, sem mais atentar quanto melhor fora mãdar outro porque nao fizera o que fez Eytor da silueira, a quem escreueo o que determinara no conselho. E como a cousa ficou em seu parecer, & ele esteuesse enfadado destar ali vendo como Melique insistia que fosse a Chaul, & crendo que ho fazia por não comprir o que tinha prometido se foy sem mais cõsiderar, que assi como podia ser que Melique mentia assi tambem falaria verdade. E que ho medo que tinha del rey de Cambaya lhe representaria mil inconuenientes pera fazer hũa cousa tamanha como deixar Diu & dalo aos Portugueses. E partido foy ter a Chaul õde deu conta a Lopo vaz do que passaua ẽ Diu: & não atentando mais Lopo vaz naquele negocio não tornou a mandar logo Eytor da silueira a Diu ou outro com hũa instrução do que auia de fazer, ãtes ordenou de ho mandar ao estreito a fazer presas & que partiria dali, porque em quanto se apercebesse pera a partida se Melique mandasse recado pera dar a fortaleza acodisse logo. E isto se assentou em conselho, & porq̃ as nouas da vinda dos rumes aa India se começauão dauiuar por certas, pareceo bem a Lopo vaz escreuelas a el Rey de Portugal, & q̃ as leuasse Francisco de mendoça no seu nauio, por quem lhe tambem escreueo a abertura da sua subcessam pola ausencia de Pero mazcarenhas, & como gouernaua a India: & porque podesse

vir gente na armada do anno seguinte despachou logo Francisco de mendoça q̃ partio na entrada Doutubro porque chegasse a Portugal antes que a armada partisse: & tambẽ despachou pera Moçambiq̃ a Nuno vaz de castelo branco capitão & feytor do nauio do trato de Cãbaya pera çofala, a q̃ mandou q̃ desse auiso em Moçãbiq̃ da vinda dos rumes porq̃ se hi fossem ter q̃ esteuessẽ apercebidos. E estas nouas dos rumes escreueo lopo vaz a Goa & a todas as outras fortalezas, rogando aos casados q̃ quisessem seruir a el rey de Portugal em certas cousas que lhes nomeou q̃ erã necessarias por amor da vinda dos rumes pera o q̃ não auia dinheiro ao presente. O que eles fizerão de muyto boa vontade, & em Cochim começarão logo hũ galeão & hũa carauela, & hũa gale: & de renouar a fortaleza que estaua dãneficada: & em Cananor se abrio hũa caua muyto alta que cingisse a fortaleza, & em Goa hũ lanço de chapa no muro & hũ galeão, & hũa carauela, & hũa gale, & em Chaul outra gale, & mandou tambẽ Lopo vaz Fernão de morais a Ormuz com poluora & outras cousas necessarias pera defensam da fortaleza. E feyto tudo isto partiose pera Dabul pera ho destruir por estar aleuantado, & posto que estaua assentado em cõselho q̃ Eitor da silueira ficasse ẽ Chaul, & dali se partisse pera ho estreito, porque se Melique mandasse recado lhe acodisse: lopo vaz ho leuou cõsigo com toda a armada pera ho mãdar de Goa, sendolhe requerido por todos os fidalgos que ho não leuasse porque se não perdesse Diu por ele ali não estar se Melique mãdasse recado pera ho entregar, & nã quis se não leualo, & isto a requerimẽto Deitor da silueira, porque ouue por afronta ficar em Chaul com Christouão de sousa que daua mesa a todos os fidalgos que ali inuernarão que erão muytos, & assi a outra muyta gente que todos folgauão destar em Chaul por Christouão de sousa ser muyto largo de cõdição & apraziuel. E porque Eitor da silueira não auia dandar tão acõpanhado como ele, por não poder fazer o que

ele fazia não quis ficar em Chaul, & fez com Lopo vaz que ho leuasse a Goa: o q̃ foy a final causa de se desta vez não auer Diu.

C A P I T V L O IX.

De como ho Tanadar de Dabul pedio paz a Lopo vaz de sam Payo.

De Chaul se foy Lopo vaz de sam Payo a Dabul com determinaçã de o destruir porque ho tanadar recolhia ali mouros de Meca, & consentia que carregassem suas naos, & trazia algũas fustas darmada auẽdo paz ãtre el Rey de Portugal & ho Hidalcão. E entrando pola barra dentro cõ a gente prestes pera desembarcar, sayo ho Tanadar a recebelo em hũa almadia, porq̃ não era aquele contra quem ya Lopo vaz, se não outro q̃ lhe sucedera no officio que desejaua de conseruar a paz q̃ estaua assentada, & por isto sayo a receber a Lopo vaz & desculpouselhe da culpa que teuera seu antecessor pedindolhe q̃ lhe confirmasse a paz que estaua assentada com os nossos, & que faria quanto quisesse. E ele lha cõfirmou com cõdição que lhe entregasse as fustas com sua artelharia, que logo entregou, & hũa nao de Meca que estaua carregada de pimenta, & que não acolheria mais outras no seu porto. E isto feyto partiose Lopo vaz pera Goa.

C A P I T V L O X.

Do q̃ acõteceo a Antonio galuão capitão de hũa das naos da carga ate chegar á India.

Neste ãno de mil & cccccxxvi. partirão de Portugal pera a India quatro naos sem capitão mór de que forão capitães Frãcisco danhaia, Tristão vaz da veiga, Antonio dabreu que leuaua a capitania mór do mar de Malaca, & Antonio galuão filho de Duarte galuão, que partio

derradeiro de todos a dezaseys de Mayo: que nũca ateli partira nao tã tarde. E chegando á costa de Guiné andou nela corenta dias hora na volta do mar hora na da terra sem poderem sair dali fora: porque como aqui correm as agoas em demasia pera terra cô a enchente da maré por muyto que de noyte se alargauão pera ho mar não podia ser tanto que quàdo amanhecia não se achassem pegados cõ terra, porque não podião romper a grande força dagoa. E como Antonio galuão entendesse algũa cousa da pilotagem, dizia muytas vezes ao piloto q̃ fossem na volta do mar pois tinha vento, que posto q̃ fosse escasso que quanto mais se empegassem lhes alargaria. E ho piloto não queria dando suas rezões q̃ Antonio galuão recebia cõtra sua võtade por lhe não parecerẽ boas, mas não lhe queria tomar seu officio de mandar a via. E andâdo neste trabalho foy ter coele hũ nauio que ya da ilha de sam Thome pera Portugal, & sabendo que a nao ya pera a India lhe disserão dele que se tornassem pera Portugal porque ja não tinhão tempo pera irem á India aquele âno por ser na fim de Iunho, & q̃ estauão ainda na paragem do cabo do monte: com o que a gẽte da nao ficou confusa & aluoroçada pera requerer ao capitão que se tornassem, assi por ser tarde, como por a nao pender muyto & ser temerosa de vela: porem Antonio galuão os assessegou esforçando os que esperaua em nosso senhor de passar aquele anno a India. E vendo ho piloto & mestre do nauio como querião prosseguir sua viagem, disserão ao piloto da nao que porque não se alargaua da terra & fazia ho caminho pera ho cabo de santo Agostinho, porque aq̃la era a verdadeira nauegação, pelo que ele pedio perdão a Antonio galuão de não querer tomar seu côselho que então aprouou por bõ: & dali por diâte se fez na volta do mar, & quis nosso senhor que lhes alargou sempre ho vento & fizerão coele seu dereito caminho, & porem dando ás velas quando as outras amainão q̃ assi era necessario por ser muyto tarde. E porque a gẽte se agas-

taua com andarem tanto, Antonio galuão polos animar & tirar ho medo que tinhão mandaua sempre ter pão & vinho sobre cuberta pera que comessem & bebessem, & atambor & pandeiros pera tangerẽ & cantarem: porque doutra maneira morrerão todos de pasmo. E como Antonio galuão vio ho erro q̃ ho piloto fizera em não se empegar da costa de Guiné nã descansou mais sobrele & tomou antre si cuidado da via & de cartear: & era tão certo nisso que fazendose ho piloto & outros cõ as ilhas de Tristão da cunha passadas, sempre perfiou que nã & no proprio pôto q̃ disse q̃ as auiã de ver as virão, do q̃ ho piloto & os outros se espantarão muyto. E nauegando com muyto trabalho se poserão ẽ altura de trinta & noue graos, & dali começarã a deminuir & por se fazerẽ com ho cabo dobrado no mes de setẽbro em q̃ ouuerão destar na India, pareceo ao piloto que ja aquele ãno não poderião ir a ela, ainda q̃ Antonio galuão q̃ria ir por fora, do que se o piloto agastaua tanto, q̃ disse á gente que os q̃ria leuar a perder, porque os vẽtos auião ja de ser leuantes, & as agoas corrião muyto naquele tempo pera ho estreito de Meca, onde os auião de lançar como ja lançarão outras naos, & este auia de ser ho derradeiro remedio quãdo os deos quisesse saluar milagrosamẽte: mas que ho mais certo era q̃ antre moução & moução que era ho mes doutubro & de setẽbro auião dachar tãta calmaria naquele golfão q̃ auiã de morrer de fome & de sede, & isto quãdo escapassẽ dos muytos baixos & ilhas & rastinguas q̃ auia nele. E coestas rezões & com outras prouocou quasi todos a que fizessem por força ir Antonio galuão por dẽtro quãdo não quisesse por sua võtade. & primeyro ho piloto ẽ nome de todos lhe fez hũa fala em que lhe daua todas as rezões que digo & outras muytas pera não ir por fora se não por dentro, & inuernar em Moçãbiq̃. Ao q̃ Antonio galuão respondeo que não auia dir se não por fora, & q̃ esperaua em nosso sñor de passar aquele ãno á India, rogãdo muyto a todos que lhes parecese bem ho q̃ dizia, &

insistindo nisto chamou ho piloto ao mestre, q̃ auia nome Esteuão dias pera q̃ ho ajudasse contra o capitão poys todos erão da sua parte, ao que ele respõdeo que nũca deos quisesse q̃ fosse cõtra tal pessoa, quãto mais sendo seu capitão, a que era obrigado dobedecer, & coisto ficou a cousa assi. E cõ tudo tendo o piloto os mais da sua parte determinou de leuar a nao a Moçãbique mandando gouernar pera lá, ho q̃ sabẽdo Antonio galuão mandou logo gouernar pera onde queria, pelo que ho piloto lhe emcãpou a nao, & fez fazer hũ auto de como lhe o capitão tomaua ho seu officio & q̃ria meter a nao no fundo req̃rẽdolhe da parte delrey q̃ lhe deixasse fazer seu caminho & como Antonio galuão visse q̃ ho melhor era ir por fora não quis se não fazer ho que lhe parecia bem: & disse q̃ ele mãdaria a via: & porq̃ lhe não mudassẽ a derrota tinha de noite & de dia hũa agulha na sua camara em q̃ via pera onde gouernauão, & encomẽdauase a nosso sñor mandando dizer missa todos os dias, & á noite a Salue & as ladaynhas & rogaua a nosso sñor q̃ lhe valesse. E era tam deuoto, q̃ quebrãdolhe ho garoupez cõ hũa teruoada nã quis q̃ se concertasse ao outro dia por ser dia sancto, nẽ ao outro q̃ era domĩgo, cõ quãto o mestre se queixaua q̃ perdião viagẽ sem a ceuadeira, & todauia não quis Antonio galuão q̃ se corregesse ho garoupez por serẽ os dias q̃ erão, ho que parece que foy permissão diuina porq̃ se andarão naq̃les dous dias tãto quãto o mestre quisera ouuerão dir varar por cima dos baixos dos abrolhos que estão em dezasete graos da bãda do norte, & sẽdo perto da linha começoulhe dadoecer algũa gente q̃ ele fez curar cõ tanta diligencia q̃ lhe nã morreo nĩguẽ, ho q̃ foy muyto despantar, porq̃ ali morrẽ sẽpre muytos. E despois q̃ ho piloto vio quã bõ conselho fora ho Dantonio galuão em ir por fora, & q̃ esperaua de ser muy cedo cõ a costa da India pediolhe perdão dos req̃rimẽtos q̃ lhe fizera, louuãdoho do melhor piloto do mundo: & indo ja perto da costa da India acharãose antre as ilhas de Maldiua,

& como sã todas rasas com a agoa & nẽ ho piloto nẽ nenhũ dos que yão na nao forão ali nũca ficarão muyto agastados: & mais porque virão hũs baixos por proa q̃ arrebẽtauão em frol, ho q̃ visto por Antonio galuão se sobio a gauea com ho mestre, (porq̃ ho piloto desacoroçoou) pera descobrir de lá a terra & por onde auião dir, & assi chegou aos baixos q̃ conheceo que erão de pedra viua, pelo q̃ lhe pareceo que ao lõgo deles auia de ser alcantilado, & mandou fazer caminho ao derredor deles, & em se poendo ho sol mãdou tirar algũs tiros pera q̃ acodisse gẽte de terra se a ouuesse, de q̃ soubesse õde era. E logo sayo de hũa ilha hũa almadia bẽ esquipada em q̃ ya hũ velho com quinze ou vinte homẽs que chegãdo abordo da nao entrou dentro, & dele soube Antonio galuão q̃ era sñor daq̃la ilha q̃ auia nome Gâfar hũa das de Maldiua & que ya bem nauegado: & foy coele ate ho outro dia em amanhecẽdo que sayo dantre as ilhas, & posto q̃ ho mestre & piloto cõselhauã a Antonio galuão q̃ não deixase ir os das ilhas ate ho poerem na costa da India não quis dizẽdo q̃ afora não fazer ho q̃ deuia ficaria a gẽte tam escandalizada que ainda q̃ vissem outra nao nã lhe acoderiã & a deixarião dar á costa, & galardoãdolhes a boa obra q̃ lhe fizerão os deixou ir, & partidos daqui hũ domĩgo na fim doutubro ẽ amanhecẽdo ouuerão vista de doze velas & arribãdo a elas virão terra & ao longo dela hũa grãde armada q̃ com ho terrenho se fazia na volta do mar, & das doze velas q̃ parecerão primeiro, & neste tempo foy conhecida a terra q̃ erão as serras de Calicut: & a armada era de Malabares, & as doze velas cuidauão serem de rumes que era a propria mouçâo pera virem, & os nossos estauão ja prestes pera pelejar que em amanhecendo se apercebeo Antonio galuão, & nisto hũa das doze velas chegou á nao, & conhecẽdo que era dos nossos saluouos com hũa grande grita, & entrarão algũs na nao que disserão a Antonio galuão como estaua defronte de Calicut que estaua de guerra & de lá era a armada que

vião, & que ho tempo os lançara ali vindo pera Cochim das ilhas de Maldiua com fazenda pera a feitoria, pedindolhe que os leuasse em sua conserua porque não tinhão artelharia, & ele ho fez assi & a armada de Calicut não ousou de os cometer, cuydando que todos erão darmada & forãose meter no porto, & Antonio galuão surgio defronte por lhe ser ho vento contrairo pera Cochim, pera onde queria ir, não temendo ho perigo que era estar tão perto dos immigos, & ali pedirão muyto todos os da nao a Antonio galuão que pois ho vento era a popa pera Cananor & pera Goa que fossem lá & que farião muyto proueito em vẽder hi suas mercadorias, porq̃ vẽdendoas em Cochim como era ho derradeiro porto auião de fazer barato delas. E escusandose Antonio galuão desta ida por recear que não tornasse a Portugal no ãno seguinte por quão tarde era, lhe disserão que isso querião eles, porque como a nao era grande & não tinha na India õde inuernar irião a Ormuz em que farião muyto proueito dobrãdo sua fazẽda, & quando tornassem seria mais cedo & poderião empregar de vagar: & como isto era perda del rey não quis Antonio galuão q̃ se fizesse, & acodindolhe tempo foyse a Cochim onde achou as outras naos que aquele anno partirão de Portugal.

C A P I T V L O XI.

De como el rey de Portugal mandou que Lopo vaz de sam Payo fosse gouernador.

E chegados a Cochim Francisco danhaya & Tristão vaz da veiga q̃ erão capitães de duas naos derão a Afõso mexia védor da fazẽda duas vias de cartas q̃ lhe leuauão del Rey de Portugal, & nestas achou ele dous maços de subcessões da gouernança da India por falecimẽto de dom Anrrique de meneses. E pera saber como aquilo era leo hũa de duas cartas que lhe el Rey escreuia que dizia.

« Afonso mexia, eu el Rey vos enuio muyto saudar. Per duas vias vos enuio nesta armada que nosso senhor leue a saluamẽto dous sacos de cartas & despachos das cousas dessas partes que ouue por meu seruiço q̃ agora fossem, & leua hũ dos sacos Tristão vaz daueiga & outro Francisco danhaya: tomay as cartas que vão pera vos & as do capitão mór lhe day & assi todas as outras ás pessoas a que vão, & não fique nhũa que não seja dada, & aquelas que esteuerẽ fora donde vos esteuerdes mandaylhas dar & vão a todo bô recado. E nesta armada me enuiay hũ rol de como forão dadas aquelas que destes as pessoas onde vos estais, & ho modo que teuestes em enuiar as outras q̃ vão pera as pessoas que esteuerẽ fora, & tomay disto bõ cuydado, porq̃ ho ey por muyto meu seruiço serẽ dadas todas as ditas cartas: as prouisões q̃ vão das subcessões da capitania mór, tẽde naq̃la boa goarda & segredo q̃ cumpre a meu seruiço como de vos confio. Scripta em Almeirim a vinte dias de Março Pero dalcaçoua carneyro a fez de mil & quinhẽtos & vinte seys: & das outras prouisões q̃ ja la tẽdes não se ha dusar, & as tereis ẽ boa goarda & mas trareis quando ẽ bora vierdes. el rey. A outra carta era do teor desta, se não q̃ não tinha esta particula derradeira. E vistas pelo védor da fazenda, pegouse a esta particula derradeira que das prouisões das subcesões q̃ estauã na India nã se auia dusar: & por isso determinou dabrir estas q̃ yão de nouo, & dizẽdo q̃ era hũa cousa que cumpria muyto ao seruiço del Rey, fez ajũtar na sé de Cochim dom Vasco deça capitão da fortaleza, ho licenceado Ioão do soiro ouuidor geral da India, Ioà rabelo feytor de Cochim, Duarte teixeira tesoureyro das mercadorias, com outros officiaes da fazẽda & da justiça, & assi os capitães da armada de Portugal & outros fidalgos & caualeyros da India. E juntos todos lhes leo aquelas duas cartas que lhe el Rey escriuia: & despois lhes disse que ẽ hũa delas parecia bem claramẽte não querer el Rey que se vsasse das subcessões que estauão

na India se não daquelas que ali mandaua, & que derogaua as que erão abertas, pelo que queria abrir as outras, & ver quem el Rey mandaua que fosse gouernador pera ho auerẽ por esse. Ao que dom Vasco deça, disse que por dizer na sua carta que das prouisões que estauão na India não se vsara, não se entendia que se vsasse das q̃ vão posto que as da India fossem abertas: porque se el Rey aquilo quisera que assi ho declarara, & que escreuera parecendolhe que as subcessões que estauão na India não erão abertas, mas sendo ho como auia de mandar que se não vsasse delas & ficar em tamanha obrigação como ficaua aos q̃ daua a gouernãça da India & lha tiraua sem nhũa causa pelo que mãdaua ter em muyto grande segredo as subcessões, & pois el Rey não mandaua, que posto que fossem abertas as q̃ estauão na India, que se abrissem as q̃ mãdaua de nouo que lhe requeria da parte del Rey que as não abrisse, & não desse causa a auer diuisões na India, que estaua claro auer antre Pero mazcarenhas cuja era a gouernança de dereyto: & aquele que se achasse na noua subcessam cuja a gouernança não era, pois el Rey não mãdaua que lha dessem: & se ele queria seruir sua alteza, que lhe tornasse a mandar a noua subcessam cõ declaração do porque a nã abrira. E deste parecer de dõ Vasco forão muytos, & outros com ho védor da fazenda que se abrisse a noua subcessam. E ele disse a dom Vasco & aos outros que de ser mal ou bem abrirse a noua subcessam, que ele daria conta de como ho fizera, & q̃ a auia dabrir: & assi ho fez contra vontade da mayor parte dos q̃ ali estauão.

CAPITVLO XII.

De como Lopo vaz de sam payo foy declarado por gouernador.

Aberta a noua subcessão Fernão nunez escriuão da fazenda a leo em alta voz, dizendo

« Eu el Rey faço saber a todos os meus capitães & alcaydes móres das minhas fortalezas da India, capitães das naos, nauios das armadas que nas ditas partes àdão, feytores & escriuães de minhas feytorias, capitães de naos, nauios q̃ vão pera vir cõ a carrega pera estes reynos, fidalgos, caualeyros, & gẽte darmas q̃ nas ditas partes andarẽ & a todas quaes quer outras pessoas & officiaes da justiça & fazẽda a q̃ este meu aluara for mostrado, q̃ pela muyta confiança que tenho de Lopo vaz de sam payo fidalgo de minha casa, que nas cousas de q̃ ho encarregar me sabera bẽ seruir: me apraz que sendo caso que faleça dõ Anrrique de meneses, q̃ ora he meu capitã mór & gouernador das ditas partes da India q̃ nosso Senhor não mâde, subceda & entre na dita capitania mór & gouernança, ho dito Lopo vaz pera nela me seruir, cõ aquele poder, jurdição & alçada que tinha dada ao dito dom Anrrique de meneses, & me apraz que aja em cada hũ âno em quanto me seruir na dita capitania mór & gouernança, dez mil cruzados. s. cinco mil em dinheiro, & os outros cinco mil em pimẽta comprada do seu dinheiro ao partido do meyo, tomãdo & nomeando seu risco nas naos & nauios q̃ nomear que vierẽ pera estes reynos, segundo ordenãça dos partidos do meyo. E entrãdo assi ho dito Lopo vaz na dita capitania mór & gouernança da India, entrará na capitania mór do mar que ele tem, Antonio de miranda dazeuedo, com ho ordenado que coela tinha ho dito Lopo vaz de sam payo, & no cargo que ele ao tal tempo teuer, prouerá ho dito capitão mór ate eu prouer: & não

estãdo na India ho dito Lopo vaz ao tempo do falecimento do dito dom Anrrique, por ser vindo pera estes reynos ou sendo falecido, ou falecẽdo despois dẽtrar & suceder na dita capitania mór & gouernança, ẽ qualquer destes casos entrara por capitão mór & gouernador Pero mazcarenhas que está por capitão de Malaca: & auera ho dito Pero mazcarenhas, os ditos dez mil cruzados, de seu ordenado de capitão mór & gouernador, daquela maneyra que os ordeno ao dito Lopo vaz, & ẽtrará Pero de faria na capitania de Malaca, õde o dito Pero mazcarenhas está & auerá ho ordenado da capitania de Malaca. E estãdo ele por capitão ẽ Goa prouera ho dito meu capitão mór na dita capitania, a pessoa que lhe parecer que pertence mais a meu seruiço ate eu prouer, & auerá ho ordenado da dita capitania. E porem volo notefico assi, & vos mando a todos em geral & a cada hũ em espicial, que vindo ho dito caso se cumpra, & goarde inteyramente este meu aluara como nele he conteudo, & a qualq̃r dos sobreditos que entrar na dita gouernãça obedeçaeis, & cumpraes seus requerimentos & mandados, assi como ho fazies ao dito dom Anrriq̃, & como sois obrigados de fazer ao dito meu capitão mór & gouernador, & em todo ho deixai vsar, do poder, jurdeçào, & alçada, que ao dito dom Anrrique tinha dada por minha carta, sem duuida nem embargo algũ que a elo ponhaeis, & mando ao meu vedor da fazenda que em cada hũ anno em quanto me seruir na dita capitania mór & gouernança, lhe mande pagar os ditos dez mil cruzados na maneyra sobre dita. Feyto em Almeirim, á quatro dias Dabril, Iorge Rodriguez ho fez, de mil & quinhentos & vinte seys. E estes dez mil cruzados que ordeno que ajão os sobreditos por anno, sera naquele proprio modo, forma & maneyra q̃ os tenho dados ao dito dõ Anrrique, & ho ordenado de Antonio de miranda dazeuedo entrando na capitania mór do mar serão dous mil cruzados por anno. s. mil em dinheiro & mil em pimenta no modo sobredito de como a ha dauer

ho dito dom Anrrique, posto que diga q̃ ha dauer ho ordenado de Lopo vaz. El rey. Lido este aluara, foy feyto hũ auto por Fernão nunez escriuão da fazẽda da abertura daquela subcessam, q̃ foy assinado pelos mais dos que ali estauão, porem a mais da gẽte assi altos como baixos estranhauão muyto abrirse aq̃la subcessam, & dizião q̃ ho védor da fazẽda fizera hũa cousa muyto errada & roubaua sua hõrra a Pero mazcarenhas que por dereyto era verdadeyro gouernador, & que Lopo vaz de sam Payo não faria bem daceitar a gouernança que não era sua: & que vindo Pero mazcarenhas esperauão que ouuesse na India grande reuolta por ter nela muyto mais valia q̃ Lopo vaz de sam Payo. E bẽ parece que adiuinhando el Rey de Portugal estas reuoltas q̃ se poderião seguir, como soube per Frãcisco de mendoça que dõ Anrrique de meneses era falecido & lhe subcedera Pero mazcarenhas por cuja ausencia Lopo vaz de sam Payo gouernaua a India, por atalhar ás diuisões que poderia auer mãdou logo Pedreanes frãces em hũ nauio cõ recado q̃ auia Pero mazcarenhas por verdadeyro gouernador: & este se perdeo na ilha de sam Lourenço & não ouue effeyto o que el rey quisera. E declarado Lopo vaz de sam Payo por gouernador, & auẽdo ho védor da fazẽda por esse, despachou logo dom Anrrique deça que lhe leuasse a Goa (onde lhe pareceo q̃ ho achasse) a subcessam, & por ele escreueo hũa carta á camara de Goa em que lhescreueo o que fizera pera q̃ soubesse q̃ Lopo vaz de sam Payo era gouernador & o teuesse por esse: & sabendo hũ Thome pirez capitão dũ catur esta noua, partio logo de Goa ẽ busca de Lopo vaz pera lhe dar esta noua & ganhar as aluisaras & achou ho em Dabul de caminho pera Goa. E sabida a noua pola armada, os mais dela estranharão muyto o que fizera ho védor da fazẽda, porque todos querião antes que Pero mazcarenhas fosse gouernador q̃ Lopo vaz de sam Payo que continuando dali sua viagem chegou a Goa, onde sendo recebido como gouernador deu a capitania mór do mar

a Antonio de miranda dazeuedo & a de Goa a Pero de faria. E deixàdo em Goa a Eytor da silueira pera que fosse ao estreito, se partio pera Cochim.

C A P I T V L O XIII.

De como Hagamahmut se leuantou com Diu, & ho deu a el rey de Cambaya.

Partido Eytor da silueira de Diu desesperado de se fazer fortaleza, Melique saca q̃ falaua verdade & esperaua de comprir o que prometera, começou logo de ho despejar, & mandou sua artelharia a Iaquete pera onde determinaua de se ir. E Hagamahmut a quẽ pesaua tanto como disse de Meliq̃ dar Diu aos Portugueses, & trazia gràde diligẽcia polo estoruar, leuàtouse hum dia cõ a cidade por el rey de Càbaya, sendo Meliq̃ em hũa sua quintã duas legoas de Diu: do q̃ a gẽte foy cõtẽte por lhe pesar muyto de se ele ir dali cõ Meliq̃: & leuàtada a cidade logo Hagamahmut ho fez saber a el rey de Cambaya, mãdandolhe dizer o q̃ Meliq̃ determinaua, & pedindolhe a capitania dela, & q̃ lhe mãdasse gẽte. E el rey sabendo este recado partio logo pera Diu. E sabẽdo Meliq̃ o q̃ Hagamahmut tinha feyto, conheceo entao a falsidade do conselho q̃ lhe dera em fazer ir Eytor da silueira pera Chaul, õde cuydàdo q̃ ainda estaua Lopo vaz de sam Payo lhe mãdou dizer o q̃ passaua, pedindolhe q̃ lhe acudisse, porque esperaria ate sua vinda. E Christouão de sousa por não ter armada q̃ lhe mãdasse, mãdou este recado a Goa q̃ foy dado a Eytor da silueira, por ho gouernador ser partido pera Cochim: & Eytor da silueira como ho soube partiose logo pera Chaul indo coele muytos fidalgos & outra gente, mas sua ida foy fora de tẽpo & sem proueito por não estar em Chaul quàdo Meliq̃ mãdou ho recado q̃ se hi esteuera ainda se podera auer Diu, a q̃ primeiro q̃ chegasse a Chaul chegou el rey de Cambaya cõ gràde poder de gẽte, & Me-

liq̃ escassamẽte pode auer hũa fusta em q̃ fugio pera Iaq̃te. E tudo isto se sabia em Chaul quando chegou Eytor da silueira, q̃ do mar mãdou dizer a Christouão de sousa q̃ se tinha algũ recado de Diu q̃ lho mãdasse. E ele respõdeo q̃ aq̃la fortaleza era del Rey de Portugal, & se a ele tinha por essa q̃ fosse lá & saberia ho recado, & se assentaria o q̃ deuião de fazer, & se não q̃ se fosse em bora. E parecẽdo a Eytor da silueira q̃ por capitão mór daq̃la armada lhe deuia Christouão de sousa de mãdar ho recado, insistia q̃ lho mãdasse & não q̃ria lá ir, & tambẽ por recear q̃ como lá fosse lhe tomasse a armada & mandar outrẽ a Diu. E dãdolhe Francisco de sousa tauares palaura de não se fazer tal se foy á fortaleza, & ẽ cõselho lhe disse Christouão de sousa o q̃ passaua em Diu q̃ era escusado ir lá: pelo q̃ se assẽtou q̃ não fosse & tornasse a dar cõta disso ao gouernador, & não fosse ao estreito, por ser certo q̃ çoleimão raix per mãdado do turco passaua á India cõ hũa grãde armada de turcos & q̃ estaua na ilha de Camarão fazẽdo hũa fortaleza, & ho mesmo escreueo Christouão de sousa ao gouernador por Eytor da silueira, q̃ assẽtado isto se partio logo pera Goa onde não achãdo ainda ho gouernador se partio pera Cochim.

CAPITVLO XIIII.

Do grãde aluoroço q̃ auia na gẽte da India, dizẽdo q̃ Lopo vaz nã era gouernador.

Partido ho gouernador Lopo vaz de sam Payo da cidade de Goa, chegou a Cochim, õde ho védor da fazenda era tambem capitão, q̃ na armada do anno presente lhe mãdara el Rey de Portugal prouisam pera ho ser juntamente com védor da fazẽda. E sabẽdo que Lopo vaz de sam Payo era chegado ho recebeo com muyta festa & ho tornou com todos a jurar & obedecer por gouernador da India: & como em Cochim estaua jũta a mayor

parte da gente dela, & os mais erão afeyçoados a Pero mazcarenhas & desejauão que ele gouernasse vendo q̃ se fazia ho contrairo pubricamẽte, estranhauão muyto o que ho védor da fazenda fizera em abrir a noua subcessam de Lopo vaz de sam Payo despois de Pero mazcarenhas ser jurado & obedecido por gouernador, & chamado pera gouernar, & que lhe roubaua sua honrra & justiça. E era a onião que fazião sobristo muyto grande, & auia bandos antre os da parte de Pero mazcarenhas, & os do gouernador, & perfiauão com muyto perigo sobre qual era gouernador por dereyto auendo palauras hũs com os outros & desafios & pelejas: & era a reuolta tamanha sobristo em Cochim que nã se ouuia nunca outra cousa, & pera mais ajuda chegou na segunda oytaua do Natal hũ jungo a Cochim que deu noua que Pero mazcarenhas ficaua embarcado & partira pera a India, q̃ agrauou mais nos de sua valia o que lhe ho védor da fazẽda fizera. E ho gouernador como soube a noua da vinda de Pero mazcarenhas, porque ele soubesse primeyro que chegasse a Cochim q̃ não era gouernador, & não fizesse aluoroço mãdou ho terlado de sua subcessam, & ho do auto que se fez quãdo foy jurado & obedecido por gouernador a Anrriq̃ figueira feytor & alcayde mór de Coulão com hũ regimento que tanto que Pero mazcarenhas chegasse ao porto lhe fosse mostrar ao mar ho terlado da subcessam & do auto, & se ho ouuesse por bõ lhe fizesse muyto gasalhado, & doutra maneyra que ho não acolhesse na fortaleza. Partido este recado pera Coulão, porque ho gouernador sabia que se dizia pubricamente que ele tomaua por força a gouernança a Pero mazcarenhas pera dar a entẽder a todos que não era assi por conselho do védor da fazenda mandou ao derradeyro dia de Dezembro chamar a sua casa Bastião de sousa, Felipe de crasto, Antonio galuão, Francisco danhaya & Tristão vaz da veiga capitães das naos da armada q̃ auia de tornar pera Portugal, que parecia q̃ por essa causa podião dizer sẽ affeição o que lhes naq̃le ca-

so parecesse, & perante Antonio rico que aquele anno fora de Portugal por secretario disse o que se dizia por parte de Pero mazcarenhas contra a sua subcessam. E por ele não fazer justiça dos que tão ousadamẽte dizião mal dele, & queria ver se por bem se querião enmendar, que lhes pedia como a fidalgos que tinhao tanta rezão de falar verdade que liuremẽte lhe dissessem com juramẽto dos santos euagelhos o q̃ lhes parecia da sua subcessam, & se ẽtẽdião q̃ por virtude dela era gouernador: & logo ho secretario lha leo. E lida, como quer q̃ ho gouernador lhes pregũtou simprezmẽte o q̃ lhes parecia de sua subcessam, & se o fazia gouernador: assi simprezmente disserão todos & cada hũ por si, que tinhão por cousa muyto clara ele ser gouernador por sua subcessam, & que assi o queria el Rey, & assi ho jurarão que lhes parecia. E Tristão vaz acrecentou mais, dizendo que por se euitarem cousas que serião deseruiço de Deos & del Rey, ele gouernador ho deuia de ser, & tambem por estar em posse da gouernança: & quanto a se ele ou Pero mazcarenhas ho deuião de ser por justiça, era necessario ver todas as prouisões passadas & por as não ter vistas ho deixaua de dizer. E a isto se calou ho gouernador, & disse que assinasse o q̃ dissera, porq̃ de tudo Antonio rico fez hũ auto q̃ ele & os outros assinarã. E a mesma pregũta, & polas mesmas palauras fez ho gouernador a hũ Frey Ioão Daro da ordem de sam Domingos homem letrado, que por mandado del Rey de Portugal fora pregar á India, que jurou ao gouernador q̃ ho era por dereyto por virtude da sua prouisam: & pera ser mais notorio a todos ho diria na pregação q̃ auia de fazer no dia seguinte q̃ era da Circuncisam de nosso senhor, & no cabo da pregação disse as murmurações que auia contra ho gouernador por parte de Pero mazcarenhas estranhandoho muyto, porque Lopo vaz de sam Payo era verdadeyro gouernador, dando pera isso as melhores rezões que pode, & affirmando que assi ho sustẽtaria em París & em Salamanca & em Por-

tugal pera ondestaua embarcado, pelo que se deuia de crer que falaua verdade pois nã tinha necessidade do gouernador, de quẽ não era tamanho amigo como de Pero mazcarenhas: porem que auia de dizer verdade, & requereo ao gouernador da parte de Deos que lhe lẽbrasse bẽ que tinha nas mãos hũa cousa de tanta importancia & de tãto peso como era a gouernança da India: & que pois el Rey de Portugal a confiaua dele, que lhe requeria da sua parte que castigasse grauissimamente quẽ fizesse aluoroços ou mouesse duuidas na sua prouisam, & que os degradasse de Cochĩ se fosse necessario. E o gouernador ho fez assi, & degradou logo a hum Simão toscano que fora criado de Pero mazcarenhas, porq̃ era ho principal que affirmaua que Pero mazcarenhas era gouernador, & q̃ ho gouernador lhe roubaua sua justiça: & assi degradou pera Chaul a Vicente pegado polo mesmo caso & aquiria muytos q̃ tiuessẽ sua voz. E durando estas reuoltas que de cada vez erão mayores forão acabadas de despachar as naos da carrega que auião dir pera Portugal de que forão capitães Bastião de sousa, Frãcisco danhaya, Tristão vaz da veiga & Antonio galuão, q̃ partidos de Cananor seguirão sua viagem pera Portugal, leuando Antonio galuão a ossada de seu pay Duarte galuão: q̃ ho clerigo Frãcisco aluarez trouuera á India de Camarão vĩdo do Preste: & Antonio galuão a leuou muyto secretamẽte na nao por a gẽte do mar ter q̃ se perderá a nao em q̃ for corpo morto. E estas naos chegarão todas a Portugal a saluamento.

CAPITVLO XV.

De como Christouão de sousa capitão de Chaul determinou q̃ Lopo vaz de sam payo não era gouernador.

Vicente pegado que foy degradado pera Chaul pelo gouernador, despois que foy lá por se vingar dele, disse a Christouão de sousa que era verdade que ho gouernador & ho védor da fazẽda estauão concertados de não darem a gouernança a Pero mazcarenhas, affirmãdo que Lopo vaz de sam Payo era verdadeyro gouernador & nao ele: & que assi ho mandaua el Rey de Portugal em hũa prouisam que dizia, que em caso que Pero mazcarenhas esteuesse por gouernador ho deixasse de ser, & ho fosse Lopo vaz de sam Payo, & mostroulhe ho terlado da carta do védor da fazenda: em que el Rey dizia que das subcessões q̃ estauão na India nao se vsasse: & assi ho terlado da subcessam de Lopo vaz de sam Payo que viera de nouo. E parecẽdo a Christouão de sousa que ho védor da fazenda fizera o que não diuia em abrir a noua subcessam: pois Pero mazcarenhas estaua declarado, obedecido & jurado por gouernador, & q̃ el Rey na particula da carta a q̃ se ho védor da fazẽda pegaua não mãdaua, que posto que Pero mazcarenhas fosse gouernador se abrisse a noua subcessam: pareceolhe muyto mal ser Lopo vaz de sam Payo gouernador, & muyto peor a determinação com que Vicente pegado lhe dizia que estauão ele & ho védor da fazenda, & que seria forçado auer na India diuisam que seria cousa muyto perjudicial, por ser certo estar Çoleymão raix em Camarão com a armada do Turco pera passar á India, & que auia de ser na mouçao de Mayo ou de Setembro. E pera saber que meyo nisto tomaria, ajuntou a conselho ho alcayde mór, feytor & outros officiaes da fortaleza com muytos fidalgos que estauão coele: & Vicẽte pegado disse a todos o q̃ dissera a ele só. E lidos os terlados da

carta do védor da fazenda, & da prouisam do gouernador: propos Christouão de sousa ho caso, & todos disserão que lhes parecia o que disse que parecia a ele, & q̃ Lopo vaz de sam Payo não tinha nhum dereyto na gouernança polas rezões declaradas: mas porque se escusasse diuisam antre duas tais pessoas, & os males q̃ se dela seguirião, era necessario que se posessem em justiça pera se julgar por dereyto & nã por armas de qual deles era a gouernança: & que isto deuia descreuer logo a Lopo vaz de sam Payo, desenganando ho que não auia dobedecer por gouernador a quem isto refusasse antes auia de ser contrele: & que mandasse esta carta a Francisco de sousa tauares que a desse a Lopo vaz de sam Payo. E como este era ho mesmo parecer de Christouão de sousa, escreueo a carta & mandou a a Francisco de sousa que a deu ao gouernador em Goa como direy a diante.

CAPITVLO XVI.

Do juramento q̃ ho gouernador fez em Cochim.

Tendo ho gouernador por muyto certo estarẽ os rumes em Camarã fazẽdo hũa fortaleza pera despois de feyta passarem a India, determinou de os ir buscar & pelejar coeles: & porque sabia que àdauão muytos Portugueses em Choramãdel, escreueo a Ambrosio do rego que la era feytor & alcayde mór que lhes dissesse da sua parte q̃ logo sopena de tredores se fossem a Cochim porque compria assi a seruiço del Rey, & que perdoaua aos q̃ fossem obrigados á justiça quaesquer culpas que teuessem: porem como ho eles não tinhão por verdadeyro gouernador não lhe obedecerão, & tambẽ em Cochim muytos não se querião embarcar pera ir coele, dizendo pubricamẽte que fingia ir ao estreyto por não estar em Cochim na chegada de Pero mazcarenhas por nã se poer coele Pero mazcarenhas em dereyto sobre a gouernan-

ça, & por isso não auião dir coele nem obedecer a seus mandados. E diziase isto tão soltamẽte, & punhase tãto por obra que se embarcauão muyto poucos. E querendo ho gouernador atalhar ao castigo q̃ isto merecia, & fazer notorio a todos q̃ partia com tenção de ir pelejar com os rumes: hũ domingo estãdo á missa em ho sacerdote leuantãdo a hostia disse em voz que podesse ser ouuido. Eu juro naquela hostia consagrada em que está ho verdadeyro corpo de nosso senhor Iesu Christo que me parto com tenção de ir buscar os rumes & pelejar coeles, & pera lhes toruar que não passem á India. E por esta ser minha determinação, mando a todo homem Portugues tirando aos fronteiros da fortaleza que se embarquem comigo, & quem ho não fizer sayba certo que sera grauemẽte castigado. E coeste juramẽto & amoestação que ele fez se embarcou a gente toda crendo q̃ auia dir pelejar com os rumes: & antes de se embarcar deu hũ regimento a Afonso mexia em que lhe mandaua que não recebesse a Pero mazcarenhas como a gouernador, antes se quisesse desembarcar em Cochim como gouernador lho defendesse por armas. E coeste regimẽto lhe deu hũa carta pera ele de grandes consolações sobre a mudança q̃ el Rey fizera de ho fazer segũdo sendo primeyro. E feyta esta diligẽcia se partio de Cochim ẽ Ianeyro de mil & quinhentos & vinte sete: & chegando a Cananor deu a dõ Simão de meneses ho mesmo regimento q̃ deixara a Afonso mexia, & hi deixou por capitão mór de certos bargantins a hũ fidalgo chamado Iorge de sousa pera que goardasse a costa de Calicut: & ho primeyro de Feuereyro se partio pera Goa, & em baticalá achou Eytor da silueira que lhe disse o que fizera em Diu. E a certeza que Christouão de sousa tinha da estada dos rumes em Camarão, & como por seu conselho & requerimentos não partira pera ho estreyto: & dali escreueo o gouernador a Christouão de sousa ho fundamento que leuaua dir pelejar cõ os rumes, pedindolhe que lhe mandasse a armada que te-

uesse & a gẽte que lhe sobejasse da ordenada á fortaleza. E partindo daqui pera Goa achou no caminho Fernão de morais que vinha Dormuz, de cujo rey lhe deu cartas, & do capitão da fortaleza, & do feytor: em que lhe faziao queixume de Raix xarafo de cousas que tinha cometidas contra ho seruiço del rey Dormuz que por isso ho prẽdera, pedindolhe todos tres que logo mandasse por ele, porque em quanto esteuesse em Ormuz sempre auia de fazer maldades.

CAPITVLO XVII.

De como se assentou que ho gouernador não fosse a Camarão.

Chegado ho gouernador a Goa, jũtos todos os capitães & fidalgos prĩcipais da armada no mosteiro de sam Francisco com os mestres & pilotos dela lhe propos a estada dos rumes ẽ Camarão, & como queria ir pelejar coeles. O que todos ouuerão por muyto escusado por quã pouca gente tinha, & que seria muyto grande doudice ir cometer hũa tão poderosa armada como os rumes tinhão estando eles em terra, & acordouse que ho gouernador inuernasse em Goa, & que vindo no verão seguinte armada de Portugal teria mais gẽte & poderia ir esperar os rumes aa ponta de Diu onde os tomaria trabalhados da viagem & com a artelharia abatida pola passagem do golfão: & desta maneyra com ajuda de nosso senhor os desbarataria de todo. E de tudo isto fez ho secretario hũ auto q̃ todos assinarão. E sabendo a gente comum como ho gouernador não auia dir buscar os rumes, logo começou de dizer que essa fora sempre sua determinação posto que jurara ho contrairo, que bem sabião que não deitara aquela fama se não por fugir de Pero mazcarenhas pera não se poer coele em dereyto, & dizião outras muytas cousas em desprezo do gouernador, porque verdadeyramente crião que ho não era se não Pero

mazcarenhas. E desenganado ho gouernador que não auia dir a Camarão, mandou Manuel de macedo a Ormuz pera que trouuesse Raix xarafo preso a Goa pera ser castigado se ho merecesse, & mãdoulhe que tornasse a inuernar a Goa, & mandou logo ao capitão moor do mar que se fosse ate Cochim leuãdo grãde vigia sobre não errar Pero mazcarenhas, & q̃ achando ho lhe dissesse da sua parte que se fosse inuernar a Cananor ou a Cochim, porq̃ assi cumpria a seruiço del rey seu senhor: & quando não quisesse se não ir a Goa que tornasse coele ate a barra, donde ho não deixaria passar ate lhe não fazer saber como ali estaua, & deulhe hũa carta pera Pero mazcarenhas que se quisesse tornar a Malaca que lhe daria mayor ordenado do q̃ tinha a capitania. E a causa porq̃ ho gouernador receaua que Pero mazcarenhas fosse a Goa, era porque vendo ho a gente comum & muytos fidalgos q̃ erão da sua banda aueria aluoroço & se faria diuisam, & ho farião poer em dereyto com Pero mazcarenhas, & não queria estar nessa auentura.

CAPITVLO XVIII.

De como foy morto Gaspar machado, & outros Portugueses.

Passãdose estas cousas na India, Pero mascarenhas q̃ estaua por capitão de Malaca, mandou ẽ Ianeiro deste anno de vinte seys hũ nauio pera a India, a cujo capitão não soube ho nome. E foy em sua companhia hũ Gaspar machado, q̃ ya em hũ seu jungo cõ sua fazenda q̃ era moyta, & nauegando por sua viagem forão ter ao cabo de Comorim, onde tomarã Patemarcar hũ valẽte mouro, q̃ ãdaua por capitão mór de hũa armada del rey de Calicut de cincoenta & dous paraós: & ya caminho de Ceilão a fazer guerra a el Rey, por ser amigo dos Portugueses: & quis nosso Senhor q̃ ho mar andasse picado, & fizesse grãde marulho, pera os Portugueses q̃

yão no nauio & no jũgo escaparẽ a Patemarcar, q̃ se os aferrara os tomara, & ele bem os quisera aferrar mas não ousou, porq̃ cõ a marulhada não se lhe desfizessem os paraós cõ ho nauio, & cõ ho jungo q̃ erão mayores, & mais fortes que os paraós, & por isso não ousou daferrar coeles, & cõ tudo posse de balrrauento deles, & tiroulhes muytas bombardadas, com q̃ lhes ferio, & matou muytos homẽs, & antreles foy Gaspar machado, & asaz teuerão que fazer os outros em se acolher: & forãose a Cochim, onde acharão falecido dõ Anrrique de meneses.

CAPITVLO XIX.

De como Pero mascarenhas soube que era gouernador da India, & do que fez.

Iorge cabral que foy por capitão mór de certas fustas ás ilhas de Maldiua, vendo como Pero mazcarenhas era gouernador, determinou de lhe ir dar esta noua a Malaca, cõ fundamento q̃ lhe daria a sua vagante, da capitania de Malaca por aluissaras da noua q̃ lhe leuaua. E assentado isto cõsigo, partiose pera Malaca na fusta em q̃ andaua: & deu a noua a Pero mascarenhas q̃ era gouernador da India, per falecimento de dom Anrriq̃ de meneses. E Pero mascarenhas lhe prometeo a capitania de Malaca quãdo se fosse pera a India: & da hi a algũs dias, foy certeficado de todo q̃ era gouernador da India, per Antonio da silua de meneses, que lhe deu a carta Dafonso mexia, em q̃ lhe dizia que era gouernador, & ho mandaua chamar: & ho auto q̃ foy feyto de sua subcessão: o q̃ tudo visto pelo alcaide mór, feytor, & officiaeis da fortaleza, & assi por outras pessoas honrradas q̃ estauão nela, foy Pero mascarenhas obedecido por gouernador da India. E isto feyto fezse prestes pera se partir pera a India ẽ Agosto, cõ tenção desperar ho leuãte na ilha de Pulopuar, q̃ he ẽ Setẽbro, q̃ se chama a moução peq̃na, cõ que se iria pera a India. E antes q̃

partisse deu a capitania a Iorge cabral. Ho q̃ Aires da cunha quisera impedir: dizẽdo q̃ a capitania pertẽcia a ele, por ser capitão mór do mar, porq̃ quando Afonso dalbuquerq̃ ganhara Malaca que se fora pera a India, deixara: que falecendo Ruy de brito q̃ ficaua por capitão da fortaleza, sucedesse na capitania Fernão perez dandrade, q̃ era capitão mór do mar, & despois passara el rey dõ Manuel hũ aluara, q̃ estaua na feytoria: que nas cousas de Malaca se goardassem os regimẽtos q̃ Afonso dalbuquerq̃ hi deixara, & assi se goardara na deferença q̃ Nuno vaz pereyra teuera cõ Antonio pacheco, sobre a capitania, por morte de Iorge de brito, como disse no liuro Quarto: & por isso q̃ a ele Aires da cunha pertencia a capitania da fortaleza, & não a Iorge cabral, fazendo sobristo req̃rimentos a Pero mascarenhas q̃ lha desse. Ao que respondeo, q̃ tudo quãto Aires da cunha dizia era assi, se a capitania vagara por sua morte, mas q̃ vagaua por entrar na gouernãça da India, & por ser gouernador, era sua a dada daq̃la vagante, & a podia dar a quem quisesse, & por isso a daua a Iorge cabral, assi por aluissara das nouas q̃ lhe leuara, como por ser hũ fidalgo de muyto merecimẽto por sua linhajem, & por muytos seruiços q̃ tinha feytos a el rey. E com tudo Aires da cunha protestou de Pero mascarenhas lhe pagar a sua custa ho ordenado da capitania. E querẽdo Pero mascarenhas partir cõ a determinação q̃ digo: os pilotos lhe req̃rerão q̃ não partisse, porque não auia de poder ir a India naq̃la moução, mas não quis deixar dir: & partiose ẽ hũ nauio caminho da ilha de Pulopuluar, õde estãdo surto, lhe deu tão brauo tẽporal de vẽto, q̃ ho masto do nauio quebrou por tres lugares, & esteue muyto perto de se perder, & escapãdo Pero mascarenhas desta borriscada, tornouse a Malaca pera se aparelhar q̃ nã podia assi proseguir sua viagem, & ẽ Malaca achou Frãcisco de sá cõ a armada q̃ leuaua pera ir fazer a fortaleza ẽ çunda: & coele ya dõ Iorge de meneses por capitã de Maluco, per prouisão

de dom Anrrique de meneses, q̃ lhe Pero mascarenhas confirmou, & lhe deu outro nauio que fosse em sua cõpanhia, a fora ho em q̃ ya: a cujo capitão nã soube ho nome: & assi lhe deu mais gẽte da q̃ leuaua, & munições & mandoulhe que fosse pola via de Borneo, pera se descobrir aq̃la nauegação pera Maluco, q̃ era mais curta que pela via de Banda, & dãdolhe regimẽto do q̃ auia de fazer, partiose dom Iorge caminho de Borneo: & porq̃ Simão de sousa galuão, que ya por capitã mór do mar de Maluco, soube q̃ Pero mascarenhas determinaua, de ir sobre Bintã pera ho tomar: & soube quã pouca cousa era a capitania mor do mar de Maluco: & quão pouco podia nela seruir a el Rey de Portugal, que era pera o q̃ a ele pedira: nã quis ir a Maluco: & ficou ẽ Malaca pera se achar na empresa de Bintão: que tinha q̃ auia de ser hũa cousa de muyta honrra & fama, a q̃ era muyto inclinado.

CAPITVLO XX.

Em q̃ se escreue ho sitio & a fortaleza da ilha de Bintão.

Vendo Pero mazcarenhas que lhe era forçado esperar a moução grande pera a India: & achandose com a gente que Francisco de sá leuara, determinou de ver se podia coela tomar Bintão q̃ tãta guerra fazia a Malaca. E assentado em conselho que ho fizesse, partiose com hũa armada de dezanoue velas. s. hũ galeão pequeno, hũa galé, quatro nauios redondos, dous bargãtins, dous bateis de mãtas, quatro lãcharas & cinco calaluzes: & a fora Aluaro de brito que era capitão da galé em que ya Pero mazcarenhas, forão capitães Frãcisco de sá, Aires da cunha, Antonio de brito, Duarte coelho, Fernão serrão Deuora, Simão de sousa galuão, Ioão pacheco: & aos outros não soube os nomes. Irião nesta armada trezẽtos Portugueses & seyscẽtos Malayos, de que yão por capitães dous mouros honrrados, hũ chamado Sanaya

raja, o outro Tuã mafamede. E coesta armada se partio pera a ilha de Bintão que na lingoa Malaya quer dizer estrela: & por isso el rey de Bintão tinha por titulo muyto hõrrado chamarse rey da estrela. Iaz esta ilha sessenta legoas de Malaca auante do estreito de Cincapura pegada com a terra firme, que hũ estreito rio que se vay meter no mar aparta dela, ao longo deste rio hũ pedaço da foz dele está situada hũa boa pouoação chamada Bintão pouoada de mouros Malayos, onde ho rey que foy de Malaca se recolheo despois que per Antonio correa foy lançado do pagode, como disse no liuro quinto & a tomou ao senhor dela q̃ era seu vassalo: & despois que el rey que foy de Malaca se apossou dela, a fortificou grandemente pera se defender dos Portugueses com receo que tinha de irem sobrele. E a maneyra da sua fortaleza foy esta, ẽ hũa baya pequena onde se ho rio mete que he ho porto da cidade: fez ao longo dũ canal que se ali faz em voltas hũa estacada pera ficar tão estreito q̃ hũa gale não podesse virar nele. E esta estacada era de paos muyto grossos metidos em olhos de grãdes mós: & despois de metidos deitauão as mós no mar, & que se yão ao fũdo, & eles ficauão pera cima fora dagoa em boa altura, & doutros paos tão grossos como mastos de nauios q̃ naquela terra se chamão paos ferros mandou fazer hũa tranqueira entulhada que cercaua a pouoação em redõdo com seus baluartes dos mesmos paos tambẽ entulhados, & com suas portas que se fechauão & abrião, & em hũa põte que atrauessaua ho rio pera seruentia da ilha & da terra firme estauão dous baluartes na entrada & saida dela: & nelas & na tranqueira auia trezẽtos tiros dartelharia. Esta tranqueyra que cercaua a pouoação tinha em lugar de caua tres ordẽs de estrepes com as põtas heruadas & postos ẽ reues hũs pera quẽ quisesse entrar, & outros pera quẽ quisesse sair. Esta pouoação era fundada em terra deuassa & apaulada, & por isso todas as casas estauão sobre esteos de pao aleuantadas da terra & seruianse por

pontes ou minhoteiras, saluo as del rey, que estauão sobre hũ oiteyro da banda do sertão.

CAPITVLO XXI.

De como Pero mazcarenhas foy sobre a ilha de Bintã.

E nauegando Pero mazcarenhas pera esta ilha, passou muito grãde trabalho no caminho por ser muyto roim, & todo per canaeis q̃ se fazião antre hũ grande arcepelago dilhas, & chegado cõ toda a frota, surgio de fora da barra, & dahi mãdou sondar ho canal da baia per onde auia dẽtrar, & foiho sondar Duarte coelho, q̃ lhe disse, que era ĩpossiuel poder entrar a nossa frota sem arrãcarẽ primeyro a estacada: & mais desembarcando diante da tranq̃ira, nã escaparia nhũ dos Portugueses viuo, segũdo a muyta soma dartelharia q̃ tinha, & afora isso nã se poderia ẽtrar por ser muito alta. E sabido por Pero mazcarenhas este perigo, determinou dẽtrar pela ponte por onde se seruião pera a terra firme, onde não auia tãta artelharia, & pera segurar esta ponte, & poder melhor ẽtrar por ela: determinou de a mandar abalrroar por hũ dos nauios redondos, & coele mãdaria arrancar a estacada, pera entrar toda a frota: & porq̃ isto era cousa de muyto perigo, escolheo pera ho fazer hũ Fernão serrão Deuora q̃ tinha por esforçado, & era capitão dũ dos nauios como disse, a q̃ fez cincoẽta Portugueses pera ho ajudarẽ a este feyto: & fortalecido ho nauio de largas & fortes arrombadas, q̃ podessẽ resistir aos tiros dos ĩmigos, & assi de boa artelharia: ẽtrou na baia indo atoado a dous calaluzes porque fosse bem pelo meo do canal, & ali começarão os q̃ yão no nauio darrancar as estacadas, no q̃ passarão tamanho trabalho camanho nã se pode ĩmaginar, trabalhando continuamẽte no cabrestante, cõ que arrãcauão as estacas a força de peitos, & de braços, cospindo muytas vezes sangue cõ ho trabalho, & como as estacas erã muytas, & a deten-

ça muyto grande em as arrancar, surdião tã pouco, q̃ ao mais que ãdauão cada dia, era ho cõprimẽto de hũa corda desparto, & coeste vagar gastarão oyto dias em chegarẽ defrõte da trãqueira, donde as bõbardadas logo forão tantas que era medo ouuilas, quanto mais velas: & daneficarão ho nauio de modo, q̃ se não forão as arrombadas fora todo arrombado & metido no fundo. E andando os Portugueses nesta fadiga, apareceo hũa armada ao mar q̃ ya demandar a barra de Bintão.

CAPITVLO XXII.

De como foy desbaratada a armada que el rey de Pão mandaua em socorro del Rey de Bintão.

El rey de Bintão como vio a frota de Pero mazcarenhas, & tinha dele noticia que era muyto caualeiro & determinado, temẽdo de se ver coele em afronta, mandou muy depressa pedir socorro a el rey de Pão seu genrro & vezinho, que lho mandou logo de trinta & tres lancharas em que irião bem dous mil homẽs & muytos mantimentos. E esta era a armada que pareceo ao mar: & porque Pero mazcarenhas se receou que chegada esta saisse a del rey de Bintão & tomassem a sua no meyo & lhe dessem fadiga, não quis esperar que chegasse: & determinando de ir pelejar coela no mar leuando parte da sua meteose em hũ balanco, & corrẽdo toda a frota disse sua determinação aos capitães, que lhe pedirão muyto que não tomasse aquele trabalho de que ho eles escusarião, & que ficasse em goarda do porto porque assi seria melhor. E fazẽdo seu rogo mandou quatro lancharas & cĩco calaluzes (a cujos capitães nã soube os nomes) que fossem pelejar com a frota del rey de Pão, & mandou por seu capitão mór Duarte coelho: & tendo andada hũa legoa donde ficaua Pero mazcarenhas chegarão a tiro de berço da armada dos immigos a que começarão de tirar com sua artelharia, & eles com medo

dela os meter no fundo fugirão logo leuãdo a proa em hũa ilha que estaua dali legoa & mea ate onde lhe os Portugueses derão caça, matandolhe muytos com a artelharia, & de vinte tres lancharas que chegarão primeyro toda a gẽte saltou em terra & fugio pola ilha & as lancharas forão tomadas pelos Portugueses, as outras dez não podendo aferrar a ilha passarão auante & acolhiãse: o q̃ vẽdo Duarte coelho porque não escapassem, saltou com algũs dos que yão coele em hũ balanco da sua lãchara, & a força de remo deu apos eles, tirandolhes com hũ meyo berço que ho balanco leuaua por proa, & nhum dos outros capitães ho seguio por estarẽ todos ocupados em tomar as lancharas que digo. E vẽdo os mouros ir ho balanco só virarão a ele indo obra de hũa legoa auante da ilha: & ele com quãto vio quãtos erão os que voltauão sobrele, não deixou de ir por diante, & vendo os mouros sua ousadia teueranse, & ele tambem se teue porque lhe pareceo doudice cometer tantos cõ tão poucos como leuaua se não quãdo não podesse fazer mais. E tornãdo os mouros a ir parele, ya pareles: & detendose detinhase: & isto fizerão por tantas vezes q̃ sobreueo a noyte, de que a estas horas era muyto perto, & os mouros fizerãse na volta do mar, & Duarte coelho se tornou pera os outros capitães & forãse todos pera Pero mazcarenhas com as lãcharas que tomarão aos mouros carregadas de mantimẽtos: com que ele folgou muyto & teueo por pronostico da vitoria que auia dauer del rey de Bintão, & assi ho disse a todos esforçãdo os pera a peleja.

CAPITVLO XXIII.

De como Fernão serrão pelejou com Laqueximena.

Desbaratada esta armada, tornarão os do nauio de Fernão serrão a seu trabalho, darrancarẽ as muytas & muyto grandes estacas que estauão metidas pelo canal por onde auião dir á põte: em que se virão em tamanho perigo & leuarão trabalho immenso quanto não se pode cõtar, porque hũs tinhão os peitos abertos das barras do cabrestãte, outros tinhão os braços moidos de tapar os muytos rombos que a artelharia dos immigos fazia no nauio, que não cessaua de tirar de dia nem de noyte com que ho esburacaua todo, & era nele a agoa tanta com toda a diligencia q̃ os Portugueses fazião pola esgotar, que quasi se yão ao fundo. E coesta tamanha fadiga que lhes durou quinze dias, quis nosso senhor q̃ vencesse seu trabalho a força dos immigos, & chegarão á põte dãdo hũa grãde grita & aferrarão coela. O que sabido por el rey agastouse tanto que deshonrraua os seus de muy asperas palauras, pelo que algũs intentarão de fazer dar ho nauio á costa, & como foy noyte na vazãte da maré lhe cortarão as amarras de mergulho: & sintĩdo os Portugueses que caçaua acodirão logo & surgirão outras ancoras que tinhão a pique, & forrarão as amarras de cadeas de ferro por lhas não cortarem. E vendo os mouros que não podião fazer nada se tornarão muyto enuergonhados: & el rey mãdou então a Laqueximena que com quinhentos homẽs em õze lancharas que tinha varadas fosse pelejar com Fernão serrão & ho tomasse, cuydando que a muyta artelharia da tranqueyra impediria aos outros nauios que lhe não acodissem, & mandou que tirassem roda viua, & entre tanto Laq̃ximena foy aferrar ho nauio de Fernão serrão que bem trabalhou por não ser aferrado desparando assaz de bombardadas: porem como as lãcharas erão muytas nã

se pode tolher a algũas que ho não abalrroassem por proa & logo saltarão muytos mouros dentro, & apos estes aferrarão outros & ẽcherão ho nauio, & outros que não podião entrar tirauão de fora muytas frechadas: & os que estauão no nauio como erão muytos apertarão tão rijo com os Portugueses que por mais esforçadamẽte que pelejauão os leuarão ate ho conues: & aqui foy a peleja muy braua & Fernão serrão foy derribado com muytas feridas, porẽ era tão esforçado que se leuãtou logo & tornou a pelejar com muyto esforço. E com tudo os seus estauão tão feridos que não podião escapar se a este tempo não sobreuierão Pero mazcarenhas & Duarte coelho cõ algũs Portugueses, que ouuindo as primeyras bombardadas do nauio acodirão logo em hũ balanco por escaparem da artelharia que tiraua da tranqueyra. E chegãdo ás lancharas, porque lhe elas impedião q̃ não entrassem no nauio deitarãlhes dẽtro panelas de poluora com que começarão darder, & os ĩmigos por não se queymarem hũs se deitauão ao mar, outros fazião afastar as lancharas & desabafarão ho nauio & fugirão: o que os mouros que estauão dẽtro não sintirão cõ ho arroido da peleja. E desabafado ho nauio, entrarão Pero mazcarenhas & Duarte coelho com os que yão coeles, & ajudarão Fernão serrão tambem que nhũ dos mouros escapou de morte, sẽ dos Portugueses morrer nhum posto que todos estauão muyto feridos, pelo que Pero mazcarenhas quisera q̃ se forão pera os curarem, & q̃ irião outros em seu lugar: & eles não quiserão, dizendo que em quanto teuessem vida não se auião de tirar dali: o que lhes agardeceo muyto & louuou seu esforço, & curados todos se tornou aa frota.

CAPITOLO XXIIII.

De como Pero mazcarenhas tomou a cidade de Bintão.

Vendo Pero mazcarenhas a grãde ousadia dos mouros em lhe quererẽ tomar ho nauio a sua vista, ouue medo que lhe queymassem a frota cõ balsas de fogo, & por isso não quis mais dilatar de cometer a cidade, & assentou de ser pola ponte como tinha determinado, mas porque os mouros teriào disso receo por amor do nauio q̃ estaua pegado coela, & poerião nela toda a força de sua defensam: determinou de lhes fazer crer que auia dentrar pela trãqueira, õde mandou hũa noyte fazer hũa estãcia de pipas & cestos de campo cheos de terra em que mandou assestar tres berços, & assi mãdou fazer com enxadas hũa larga estrada. E Laq̃ximena que estaua por capitão na tranqueyra ho mandou logo dizer a el rey, & q̃ lhe mandasse mais gente. E ele ho fez assi, & muytos mouros q̃ estauão em outras partes se passarão pera ali cuydando que por aquele lugar auião os Portugueses de cometer a entrada, & era ho aluoroço muy grãde antreles crẽdo que ao outro dia auião de ser mortos todos os Portugueses. E como foy noyte Pero mazcarenhas mãdou a Sanaya raja q̃ desembarcasse cõ os piães Malayos & se posesse detras da estãcia das pipas, & assi corẽta Portugueses: & mãdoulhes q̃ teuessem tẽto q̃ ẽ vẽdo fogo em qualquer dos baluartes da põte, posessẽ fogo aos berços & tangessẽ as trõbetas, & dessẽ grãdes gritas como q̃ desembarcauão pera cometer a trãqueira. E deixãdo a frota ondestaua por não ser sentido se embarcou nos balãos & mãchuas, & desembarcou bẽ pera baixo na terra firme que ficaria hũa legoa da põte, pera õde tomou ho caminho q̃ fez cõ trabalho grandissimo & perigo, & por milagre de nosso senhor não se perderão todos, porq̃ yão por vasa em q̃ atolauão ate a cinta & ate debaixo dos braços, & por antre hũas aruo-

res q̃ chamão mãgues q̃ deitão as raizes pera cima & ficão como os pés das mesmas aruores, & como era escuro marrauão coeles, & se não fora ho esforço que lhes nosso señor daua este trabalho abastaua pera os debilitar tanto que não ficarão pera fazerem cousa q̃ prestasse, porq̃ yão todos ẽlameados, molhados & q̃brãtados. E com tudo chegarão á ponte hũa hora antemanhaã & tão esforçados & inteiros como se então se leuantarão da cama, & acharão Fernão serrão prestes com sua gente com muytas panelas de poluora, com q̃ logo poserão ho fogo a hũ baluarte que estaua na entrada da ponte em vindo da ilha, & nele estaua por capitão hũ mouro chamado Tuão raja, & ho baluarte era de madeira & entulhado & pegando ho fogo na madeyra começou logo darder. E a isto acordarão os mouros q̃ estauão nele, que cuydando que Pero mazcarenhas auia de cometer pola trãqueyra estauão muy descuydados de cometer por ali, & por isto & por estarem desuelados de vigiarẽ toda a noyte adormecerão: & acordados com ho arroido do fogo sayranse do baluarte por não arderem nele, & acodirão a hũ postigo com q̃ se a põte fechaua, cujas portas os portugueses tinhão acerca arrõbadas & q̃bradas de todo, remeterã ao postigo Ayres da cunha & Ioão pacheco & ẽtrarão em q̃ pes aos mouros que lhes resistião brauamente, mas eles matando algũs dos dianteiros entrarão dẽtro, & a pos eles quantos estauão fora: & como os mouros virão entrar os primeyros desmayarão logo, & fugirão hũs pera as casas del rey outros pera a tranqueira ondestaua Laqueximena, a quem Sanaya raja em vẽdo ho fogo no baluarte da ponte deu logo rebate pela ordem que lhe Pero mazcarenhas mãdou. Laqueximena estaua tão confiado em lhe parecer que era impossiuel entrarem os Portugueses por ali que não se aluoraçou nada com o q̃ Sanaya fez, & estaua muy seguro, se não quando algũs que fugião do baluarte da ponte forão dar coele, fugindo dos Portugueses que yão a pos eles, então lhes acodio Laqueximena com sua gẽte:

porem os Portugueses yão tão desnodados & com tão brauo impeto. E os mouros ficarão tão espantados de os verem dẽtro na cidade, que não dando por Laqueximena fugirão pera as casas del rey & os Portugueses apos eles matando & ferindo muytos. E el rey estando muyto fora de lhe parecer que a cidade se podia entrar estaua deshonrrando algũs que lhe affirmauão que era entrada, & mandauaos que fossem goardar a tranqueira: & nisto começou denxergar os seus que yão fugindo, & então creo que entrarão a cidade, & tendo escassamente tempo pera caualgar em hũ alifante fugio ficando sua casa assi como a tinha, & os Portugueses yão tão desejosos de ho tomarem que derão a pos ele: o que ele sintindo se deceo & embranhouse no mato que era muy espeso, & por isso os Portugueses ho não quiserão buscar, & foranse em busca de Pero mazcarenhas que acharão pelejando com hũ capitão chamado Laxa raja que se defendia com passante de mil mouros ao derredor dũ baluarte ondestaua de que os mais morrerão & ele fugio ferido de duas espingardadas: & assi forão outros muytos mortos & feridos ate as dez horas do dia que se acabou este feyto, q̃ foy hũ dos marauilhosos que os Portugueses fizerão naquelas partes de q̃ aprouue a nosso senhor que não morreo nhũ somente forão feridos algũs.

CAPITVLO XXV.

Do q̃ fez Pero mazcarenhas despois de tomada a cidade.

Tomada a cidade logo tres mercadores estrangeiros & ricos que hi morauão se forão a Pero mazcarenhas a pedirlhe q̃ lhes fizesse merce das fazẽdas pois erão estrãgeiros. O q̃ Pero mazcarenhas fez de boa võtade com cõdição que lhe auião de dar mantimentos os dias que ali esteuesse, pelo q̃ derão arrefens: & despois mandou Pero mazcarenhas saquear a cidade em que se ouue muy rico despojo principalmente nas casas del rey: &

assi forã achadas trezentas peças dartelharia, & muytas delas que forão tomadas aos Portugueses. E roubada a cidade foy posto ho fogo ás trãqueyras & baluartes q̃ durou tres dias & tudo ardeo de maneyra que ate os paos que estauão metidos debaixo do chão arderão: & Pero mazcarenhas estaua tão magoado do muyto mal que os mouros desta terra tinhão feyto aos Portugueses, que não se auendo por vingado do que lhes fez, & tambem pera ver se podia tomar el rey que sabia que estaua na ilha mãdou fazer nela muytas entradas a seus capitães, principalmente por el rey de Linga grãde amigo dos Portugueses que vinha pera ho ajudar com hũa armada de dezoyto lancharas & calaluzes: & este porque não pode ser na tomada da cidade ajudaua aos Portugueses a correr a ilha, em que ainda forão mortos muytos mouros & catiuos dous mil: & isto foy feyto em quinze dias q̃ Pero mazcarenhas esteue na cidade despois que a tomou. E vendo el rey ho dãno que se fazia em sua gente, & se ali mais esteuesse que ficaria sem nhũa foyse pera hũ lugar chamado Vgẽtana onde despois morreo. E espalhada a noua como Pero mazcarenhas tomara Bintão & era el rey fugido foy ter ao q̃ era dantes senhor de Bintão que moraua na terra firme, pera onde se fora despois que lhe el rey de Malaca tomou aquela ilha, & sabendo como Pero mazcarenhas a ganhara por força, pareceolhe que dele a tornaria a cobrar cõ se fazer vassalo del Rey de Portugal, logo lhe foy falar com sua licença, & fizerão pazes com condição que ho senhor de Bintão não fizesse nela nhũa fortaleza, nem auia de ter armada, & quando alguẽ lhe fizesse guerra que ho defendessem os Portugueses: & dali por diante foy muyto grande seu amigo. E isto feyto despachou a Francisco de sá que fosse a çunda a fazer fortaleza & deulhe trezentos Portugueses que se embarcarão em sete nauios, de cujos capitães não soube mais nomes que ho de Francisco de saa & de Duarte coelho que leuaua a alcaydaria mór da fortaleza se se fizesse. E partido Fran-

cisco de sá, partiose Pero mazcarenhas pera Malaca, onde lhe foy feyto muy solẽne recebimento, assi polos Portugueses como pelos da terra porque todos ganhauão muyto na destruição del rey de Bintão com que se liurarão das grandes guerras que tinhão assi coele como com outros reys que ho ajudauão que vẽdo ho destruido os mais fizerão paz com Pero mazcarenhas, & dali por diante foy Malaca muyto ennobrecida & abastada de mercadorias & mantimentos.

CAPITVLO XXVI.

De como Francisco de sá foy a çunda, & do que lhe aconteceo.

Partido Frãcisco de sá pera çũda deulhe hũ tamanho tẽporal de vẽto q̃ os nauios da armada se espalharão, & Frãcisco de sá & outros tres capitães forã cada hũ por seu cabo, & Duarte coelho q̃ ya em hũa nao arribou ĩdo ẽ sua cõpanhia hũa galé & hũ bargãtim, & forão ter á barra de çũda q̃ he hũa cidade q̃ está no cabo da ilha de çamatra ao lõgo de hũ braço de mar q̃ aparta a ilha de çamatra da ilha da Iaoa a mayor. E ao derrador desta cidade ha muyto grãde soma de pimẽta tão boa como a do Malabar: he terra fresca & bastada de mãtimẽtos, he pouoada de mouros, & tẽ rey sobre si q̃ tãbẽ he mouro: & a este tẽpo q̃ ali chegou Duarte coelho não era ja señor da cidade ho rey q̃ queria dar fortaleza se não aq̃le cõ quẽ tinha guerra q̃ lha tomou por força, & pera se acabar de todo dapossar dela estaua nela, & tinha muyta gẽte de guerra: & era ĩmigo dos Portugueses, porq̃ sabia q̃ ho rey a quẽ tomara a cidade os mãdara chamar ẽ sua ajuda & lhes q̃ria dar fortaleza. E quando Duarte coelho ali chegou cõ o tẽporal q̃ digo, deu aa costa ho bargãtim q̃ ya ẽ sua cõpanhia, & saluaranse em terra trinta Portugueses q̃ yão nele, q̃ forã logo tomados polos mouros & degolados porq̃ os ti-

nhão por ĩmigos, & a nao de Duarte coelho & a galé tãbẽ se ouuerão de perder, se os nosso senhor não saluara. E vẽdo Duarte coelho o q̃ fora feyto aos do bargãtim vio q̃ a terra estaua de guerra, & achãdose sem Frãcisco de sa vio q̃ era tẽpo perdido estar ali mais & foyse como ho tempo abonançou: & desta ida de Duarte coelho, & do q̃ ja el rey sabia do outro seu antecessor q̃ tinha dada palaura de dar fortaleza aos Portugueses, ouue ele medo q̃ tornassẽ cõ grãde armada, & por isso ajũtou mais gẽte da que tinha & fortaleceose ho mais q̃ pode. E estando assi tornou Frãcisco de sá cõ toda a sua armada q̃ andou ajũtando por esses portos da ilha da Iaoa õde foy ter, & partio da cidade de Panaruca: & chegado a çunda mãdou cometer a el rey q̃ lhe deixasse fazer fortaleza como deixaua seu antecessor: & sobre ele nã querer desembarcou Frãcisco de sa cõ sua gẽte pera ho fazer por força: & como os mouros erão muytos & estauão bẽ fortalecidos defẽderão a desembarcação aos Portugueses, matando algũs deles. E Francisco de saa vendo que não podia desembarcar se recolheo a sua armada. E conhecẽdo q̃ cõ a pouca gẽte q̃ tinha nã podia fazer nada tornouse pera Malaca, õde ja não achou Pero mazcarenhas q̃ era partido pera a India, & por isso não pode auer mais gẽte pera tornar a çunda, nẽ Iorge cabral lha pode dar, assi por ter pouca como por mãdar naq̃le tẽpo Gõçalo gomez dazeuedo cõ socorro a Maluco como direy a diãte: & por isto não pode Francisco de sá tornar mais a çunda, & se foy despois pera a India.

CAPITVLO XXVII.

De como Pero mazcarenhas chegou a Cochim, & querẽdo desembarcar lhe resistio ho védor da fazenda.

Vinda a moução em q̃ se podia ir pera a India, partiose Pero mazcarenhas cõ tres galeões carregados da fazẽda del Rey & da sua, & de caminho passou por Coulão, õde foy recebido do feytor & alcayde mór Anrriq̃ figueira como gouernador (posto q̃ tinha regimẽto em cõtrairo de Lopo vaz de sam Payo) & cõtoulhe tudo o q̃ passara na India despois de ser chamado pera a gouernar: do q̃ ele ficou assaz dagastado, & conselhouse do q̃ faria cõ hũ Simão caeiro q̃ como gouernador fizera seu ouuidor géral & cõ hũ Lançarote de seixas a q̃ pelo mesmo modo dera officio de secretario. E estes lhe conselharão q̃ se fosse a Cochĩ & vsasse de muyto rigor cõ Afonso mexia, porq̃ abrira a noua subcessam, porq̃ ele tinha toda a culpa ẽ a abrir: porẽ que descansasse q̃ posto q̃ fosse aberta lhe não perjudicaua ao dereyto q̃ tinha na gouernãça por a sua subcessam ser primeyro aberta. E parecẽdolhe bẽ este cõselho, partiose pera Cochĩ õde chegou ho derradeyro de Feuereyro. Afonso mexia q̃ tinha sobrele suas espias sabẽdo como era chegado, lhe mãdou logo notificar polos juyzes de Cochĩ, & por Duarte teixeira tesoureyro das mercadorias, & por Manuel lobato escriuão da feytoria ho terlado da noua subcessam de Lopo vaz de sam Payo, & ho regimẽto q̃ tinha dele pera ho não receber como a gouernador, & lhe requeressẽ da parte del Rey q̃ obedecesse ao gouernador pois ho era por aq̃la prouisam. Ao q̃ Pero mazcarenhas respõdeo cõ muyta colera q̃ aq̃la prouisam não era assinada por el Rey, & por isso não era obrigado a conhecela por sua: & q̃ Afonso mexia como seu ĩmigo a poderia fazer, & por essa causa lhe nã auia dobedecer principalmẽte por estar ẽ posse da gouernãça q̃ ho

mesmo Afonso mexia lhe dera & q̃ eles mereciã mui grãde castigado pois sabẽdo q̃ era gouernador ousauão de lhe fazer tais requerimẽtos. E Simão caeiro como ouuidor geral lho estranhou muyto dizendo que aquilo era caso de treição, & por seu cõselho ouue Pero mazcarenhas os juyzes por priuados dos officios & que sopena de perdimentos das fazendas não sayssem de casa despois que fossem em Cochim, & mandoulhes tomar abito & tonsura, & fazer auto de sua prisam pera despois proceder contreles: & coesta reposta os mandou, Duarte teixeira & Manuel lobato ficarão presos cõ ferros no nauio porque insistirão mais no requerimento chamando gouernador a Lopo vaz de sam Payo. O que sabido por Afonso mexia, lhe mandou requerer da parte del Rey que lhe soltasse os presos que erão officiaes de sua fazenda que se podia perder por sua prisam tornandolhe a requerer q̃ obedecesse á prouisam do gouernador de que tinha regimento q̃ ho não recebesse em terra por nenhũa via & lhe resistisse com armas o que auia de fazer, & que se quisesse algũa cousa que se fosse a Goa & hi acharia ho gouernador, o que se ele fizera fora liure da muyta deshonrra q̃ lhe foy feyta, & suas cousas se fizerão melhor, mas não teue quem ho acõselhasse, porq̃ Simão caeiro & Lãçarote de seixas cõ quãto vião ho rigor em q̃ se Afonso mexia punha, & ho grande poder q̃ tinha por seus officios, & quão pouco Pero mazcarenhas, acõselhauãlhe q̃ leuasse tudo a força de braço, & que desembarcasse, porque como fosse em terra seria gouernador: & como ele era muyto bõ caualeyro & tinha animo pera tudo parecialhe que tudo podia leuar auante, & por isso respondeo ao vèdor da fazenda q̃ ao outro dia lhe respõderia ẽ terra porq̃ era quasi noyte. E temendose ele q̃ Pero mazcarenhas desembarcasse de noyte & entrasse na cidade por ser rasa, chamou todo ho pouo de Cochim a repiq̃ de sino: & cõ quãto a muitos parecia mal tomarse a gouernãça a Pero mazcarenhas, pelo q̃ deuião á obediẽcia portuguesa q̃ nã dispu-

ta se os mãdados de seu rey ou dos q̃ estão em seu lugar sam justos ou injustos, acodirão logo todos postos ẽ armas pera fazerẽ o q̃ lhes Afonso mexia mãdasse: & ele lhes notificou o q̃ passaua cõ Pero mazcarenhas, q̃ não q̃ria se não desembarcar cõtra ho regimẽto do gouernador: pelo q̃ lhes requeria da sua parte q̃ tãto mõtaua como da del Rey pois tinha suas vezes q̃ lhe ajudassẽ a cõprir ho seu regimẽto q̃ era defender cõ armas a desembarcação a Pero mazcarenhas & lhe ajudassẽ a goardar a praya aq̃la noyte. E eles ho fizerão de boa võtade, & a praya se goardou cõ tãta diligẽcia como q̃ se goardara de ĩmigos, & toda a noyte Afonso mexia gastou em mãdar req̃rimẽtos a Pero mazcarenhas q̃ não desembarcasse, & q̃ se fosse a Goa & lá req̃resse sua justiça: & ele respõdeo a todos que em terra lhe respõderia, & ao derradeyro acrecẽtou mais q̃ não aueria ẽ Afonso mexia tão pouca humanidade, q̃ como a Christãos q̃ erão ele & os de sua cõpanhia os não deixasse desembarcar pera ouuirẽ missa. E sendo ele desenganado q̃ nẽ pera isso, nã quis se nã desembarcar porq̃ tinha inteligẽcia cõ algũs da cidade q̃ desembarcasse coaq̃la cor, & como fosse em terra se leuãtarião coele obedecẽdoo por gouernador, & prẽderião Afonso mexia: o q̃ não podião fazer sẽ ele desembarcar, & isto fez a Pero mazcarenhas insistir em sair em terra & não se ir a Goa, & tãbem auer por grande afronta ter Afonso mexia ousadia pera lhe dizer q̃ por armas lhe defenderia a desembarcação, sẽdo ele hũa pessoa tão principal na India, & tido por muyto esforçado pelos muytos feytos em armas q̃ fizera. E como ele não queria começar brigas com Afonso mexia, & parecendolhe q̃ desembarcãdo desarmado as não queria coele, & tãbem de confiado que não ousaria de as cometer, & que os requerimentos passados forão mais pera ho espãtar, que pera ho executar, cometeo a desembarcação, indo cõ toda sua gente em dous bateis, & leuãdo ouuidor & meirinho com varas, & assi ele como todos os outros, tão desarmados,

que ate espadas não leuauão. E vendo Afonso mexia, q̃ não q̃ria se não desembarcar, defendeolho como a ĩmigo, fazendo meter pola agoa os questauão coele, & mãdàdolhes q̃ ferissem a Pero mazcarenhas, & aos de sua cõpanhia, como a ĩmigos, & assi ho fizerão: bradãdo Pero mazcarenhas & os seus que ho não fizessẽ, porq̃ erão Christãos, & não querião guerra se não paz, & como pacificos yão sem armas: & requerendolhes da parte de Deos & del rey q̃ esteuessem quedos ho que eles não fazião nem podião fazer, porque Afonso mexia os nã deixaua, & andaua ãtreles sobre hũ caualo acubertado armado, bradãdo que os matassem como a immigos, pois desobedecião aos mãdados de seu rey, & eles ho fazião assi que os de Pero mazcarenhas não tinhão cõ q̃ se defender. A gente da terra que saio toda a ver isto estaua muyto espantada, & assi era pera espantar ver Portugueses fazer cousa tão fea, & mais em terra de seus ĩmigos: porq̃ não poderão eles fazer mais mal aos do mar do q̃ lhes fazião os da terra, & conhecẽdo Pero mazcarenhas quã mao cõselho fora ir desarmado pois desembarcaua: & vendo que não podia desembarcar recolheose, indo bem espancado, & ferido em hũ braço, & assi hũ seu parẽte chamado Iorge mazcarenhas foy ferido de hũa chuçada, & outros muytos, & todos espãcados & pisados, & despois q̃ Pero mazcarenhas foy no seu galeão mandou fazer hũ auto do q̃ lhe Afonso mexia fizera sẽdo gouernador da India: & a ele, & a todos os moradores de Cochim mandou apregoar por tredóres, ameaçãdoos q̃ lho auiã de pagar se gouernasse a India.

CAPITVLO XXVIII.

De como não podendo Pero mazcarenhas desembarcar em Cananor se partio pera Goa.

Recolhido Pero mazcarenhas aos galeões não disistio Afonso mexia de goardar a praia, ẽ quãto Pero mazcarenhas esteue no porto, receãdo q̃ se metesse ẽ Cochĩ & logo escreueo ao gouernador o q̃ tinha feyto a Pero mazcarenhas, mãdandolhe todos os req̃rimẽtos q̃ lhe fizera sobre q̃ nã desẽbarcasse & isto lhe mandou por Aires da cunha, q̃ tãbem leuou carta de Pero mazcarenhas pera ho gouernador ẽ q̃ lhe escreuia o q̃ lhe fora feyto per Afonso mexia, & por isso se q̃ria ir ver coele, & o mesmo escreueo a muytos fidalgos q̃stauã ẽ Goa, pedĩdolhes q̃ determinassem se auia de ser Lopo vaz de sam payo gouernador ou ele, porq̃ nã q̃ria se não justiça. E partido Aires da cunha coestes papeis mandou Afonso mexia requerer a Pero mazcarenhas q̃ lhe mandasse entregar os galeões que trazia pera os mãdar correger & lhe entregasse a fazenda del Rey, & pera ir a Goa se la quisesse ir lhe daria hũa carauela. Do que Pero mazcarenhas foy contente, porq̃ despois que arrefeceo da furia que lhe causou a injuria que recebera, lembrouse das que forão feytas a Afonso dalbuquerque (a quem desejaua de seguir) ẽ outro tal caso como aq̃le, & por isso determinou de não fazer nada por força se não por justiça: & coesta determinação não quis reter os galeões porque não parecesse que se queria fazer forte neles, & entregouos com a fazenda que tinhão, & mudouse pera a carauela com sua fazẽda & criados. E coesta mudança os mais dos que vinhão nos galeões se forão a terra por não caberem na carauela, & polo verem coaq̃la determinação: & algũs destes forão presos por mandado do védor da fazẽda, & antreles foy Iorge mazcarenhas estando ferido da chuçada que disse, & as-

si ferido como estaua ho mandou leuar preso a fortaleza de Coulão, como a quem fizera grãde crime: sendo ele pessoa que tinha bem seruido el Rey, & fidalgo de sua casa. E Pero mazcarenhas despois que se mudou a carauela, partiose pera Cananor a esperar hi ho recado de Goa, porq̃ dom Simão de meneses capitão da fortaleza era seu amigo, mas achou a cousa muy desuiada do que cuydaua, porque sabendo dom Simão q̃ estaua no porto lhe mandou logo dizer, q̃ lhe pesaua muyto de sua vinda ser em tal tempo: que lhe não podia fazer nenhũ seruiço sendo muyto grande seu seruidor, porque tinha mandado do gouernador Lopo vaz de sam Payo a quem toda a gente da India tinha por gouernador, que chegando ele aquela fortaleza se quisesse ir a ela como hũ fidalgo tão hõrrado & de tanto merecimento como ho seu que ho recebesse com toda a honrra & cortesia q̃ fosse possiuel: mas que se fosse com nome de gouernador que lho não consentisse, & ele polo que deuia a sua lealdade não podia fazer outra cousa se não obedecerlhe como a pessoa del Rey de Portugal q̃ representaua. Ao que Pero mazcarenhas respõdeo que não queria se não que comprisse com sua lealdade, & que não queria dele mais que hũ catur em q̃ fosse a Goa pera ir ainda mais raso que na carauela & com menos scspeita de querer por força auer a gouernança que não queria se não por justiça. O que lhe dô Simão louuou muyto, & lhe mandou dar ho catur em que não quis leuar mais gente a fora os remeyros q̃ Simão caeiro & Lançarote de seixas & dous moços que ho seruissem, & com quanto lhe veo á memoria ir se a Chaul pera Christouão de sousa que tinha por amigo, & dahi fazer suas cousas, não foy por recear que fizesse como dom Simão, & mais pola fama que auia que era grãde amigo de Lopo vaz de sam Payo, & por isto não quis lá ir & partiose pera Goa parecẽdolhe q̃ ho gouernador se queria poer coele em justiça, & quando não q̃ os fidalgos que estauão coele lho farião fazer. E poẽdose ho caso em dereyto a go-

uernãça seria sua por lhe dizer Simão caeiro que ho muyto que tinha nela lha daua.

C A P I T V L O XXIX.

De como ho gouernador soube o que Afonso mexia fez a Pero mazcarenhas.

Ayres da cunha q̃ leuaua os recados de pero mazcarenhas & do védor da fazẽda pera ho gouernador chegou a Goa a quatro dias de março, & deulhe os papeis que leuaua, & vistos por ele, & sabendo por Ayres da cunha o q̃ se fizera a Pero mazcarenhas ouuesse por seguro na gouernança. E dando conta disso a Eytor da silueira & a Pero de faria & a algũs fidalgos de que se fiaua, lhe conselharão que por nhũ modo consentisse que Pero mazcarenhas fosse a Goa, porq̃ segũdo a gẽte estaua descõtẽte da abertura da noua prouisam, & tinha que lhe fora tomada a gouernança que vendo ho em Goa se leuãtarião coele, por isso que ho não cõsentisse entrar nela: o que pareceo bem ao gouernador, & escreueo logo ao capitão mór do mar que por ser grande inconueniẽte ao seruiço del Rey seu senhor ir Pero mazcarenhas a Goa como lhe dizião os fidalgos que estauão nela, lhe mandaua que fizesse de maneyra que topasse Pero mazcarenhas & lhe requeresse da sua parte que se fosse aa fortaleza de Cananor dõde não sayria sem seu mandado, & não lhe querendo obedecer lho faria fazer por força, & preso ho entregaria a dom Simão de meneses de que cobraria conhecimento de como ho recebia, & quando se Pero mazcarenhas defendesse ho metesse no fundo se fosse necessario, fazendolhe primeyro todos os requerimentos & protestações q̃ cumprissem, & escreueo hũa carta a Pero mazcarenhas dandolhe toda a culpa do que lhe fora feyto pois não quisera obedecer a seu regimento que lhe ho védor da fazẽda mãdara noteficar, & por isso não tinha rezão de castigar ninguem

do que lhe pesaua muyto, & quanto a verse coele & com os fidalgos q̃ estauão em Goa erão todos dacordo que ho não fizesse polo auerem por verdadeyro gouernador, & mais que daria sua ida grande toruação a se fazer o que era necessario pera ho recebimento dos rumes q̃ esperauão: & por isso lhe pedia muyto de sua parte & req̃ria da del Rey seu senhor que se fosse a fortaleza de Cananor como ho capitão mór do mar lhe diria, & dahi mandasse requerer o que quisesse. Coestas cartas despedio logo Ayres da cunha a quem pola noua que lhe dera, & por lho ho védor da fazenda pedir deu a feytoria & alcaydaria mór de Coulão & a tirou a Anrriq̃ figueira que a tinha por el Rey, dizendo que fizera treiçâo ẽ receber Pero mazcarenhas por gouernador. Partido Ayres da cunha coestas cartas deu as ao capitão mór do mar, que nunca pode topar com Pero mazcarenhas, & por isso não ouue effeyto o que ho gouernador mandaua.

CAPITVLO XXX.

De como ho gouernador mandou q̃ fosse preso Pero mazcarenhas.

Como quer que a mayor parte da gente q̃ estaua em Goa assi altos como baixos fossem de parecer que a gouernança era de Pero mazcarenhas sabendo que era na India, & que auia de ir a Goa aluoraçaranse muyto per a sua vinda, & dizião pubricamente que ele era gouernador & não Lopo vaz de sam Payo, & q̃ vindo ele ho ajudarião a selo, & logo se começarão bandos antreles, & os que tinhão q̃ ho gouernador ho era, & a cada canto auia ajuntamentos & perfias dũs com outros sobre cuja era a gouernança, & auia grande aluoroço & vnião pola cidade. E sabendo ho ho gouernador, disse ho a seus amigos pedĩdolhes conselho: & eles lho derão q̃ deuia de mandar goardar ambas as barras de Goa, porque hi era mais certo tomarse Pero mazcarenhas q̃ no

mar õde ho capitão mór do mar ho poderia errar, & mãdasse q̃ ali fosse tomada a menagẽ a Pero mazcarenhas, que se fosse á fortaleza de Cananor donde não sayria sem seu mandado, & não querendo dar a menagem que fosse preso em ferros, & assi ho leuassem a Cananor. E ho principal deste conselho foy Eytor da silueira a quem ho gouernador daua mil pardaos dordenado despois que Antonio de miranda seruio de capitão mór do mar, & isto por ho ter de sua parte por ser pessoa de credito & ter muytos parentes q̃ ho gouernador cuydaua que serião de sua valia por sua parte: & porque Pero mazcarenhas & os de sua parte cuydassem que era assi, cometeo a Eytor da silueira que ho fosse prender: do que se ele escusou porque lhe parecia bẽ prenderse pera ho aconselhar mas nã pera ser ho executor, porque sabia quãto todos os fidalgos da India lho estranharião. E vendo ho gouernador que se escusaua mandou a Simão de melo seu sobrinho & a Antonio da silueira de meneses seu genrro que fossem com grande armada goardar ambas as barras de Goa & prendessem Pero mazcarenhas não querendo dar a menagem, & que Simão de melo ho leuasse a Cananor & ho entregaria a dom Simão preso em ferros de quẽ cobraria conhecimẽto de como ho recebia, & que assi ho ẽtregaria quãdo lho ho gouernador mandasse, & eles se partirão pera as barras a noue de Março com tamanha armada & chea de tanta gente como se forão esperar os rumes, o que aluoroçou mais os da parte de Pero mazcarenhas & dizião que bẽ mostraua ho gouernador q̃ queria gouernar por força pois não queria q̃ Pero mazcarenhas fosse a Goa por não se poer coele em dereyto, & se teuera por certo telo na gouernança q̃ lhe não dera nada de ir a Goa, & q̃ posto que ho mandasse prender q̃ a gouernança auia de ser sua, & diziãno de noyte em lugar que ho ouuia, & ele dissimulaua por não auer moor aluoroço: & porem era tamanho q̃ não podia ser mayor, & algũs se vão aqueixar do que ho gouernador fazia ao

goardião de sam Francisco de Goa que era homem letrado, dizendolhe que polo que deuia a seu habito lhe deuia destranhar o que fazia a Pero mazcarenhas, & ele respõdia que não auia que lhe estranhar porque fazia justiça: & que responderia mais largamẽte no cabo da pregação que auia de pregar ho domingo seguĩte, & disse isto ao gouernador pedindolhe a sua prouisã pera a ler no pulpito, & prouar por ela que ele era verdadeyro gouernador, & ele lhe rogou muyto que ho fizesse. E estãdo ho gouernador presente com muytos capitães & fidalgos, leo no cabo da pregação em alta voz a prouisam per q̃ Lopo vaz de sam Payo era gouernador. E despois q̃ prouou por muytas rezões que ele era verdadeyro gouernador (o q̃ ninguẽ negaua se a subcessam de Pero mazcarenhas não fora aberta primeyro) disse ho porq̃ fazia aquela declaração, & que dizia a todas as pessoas que dizião que ho gouernador tomaua por força a gouernança a Pero mazcarenhas q̃ vissem bem o que fazião, porque a fora lhe assacarem hũ grande falso testemunho cometião treição contra el Rey cousa muyto auorrecida ãtre os Portugueses pola muyto grande lealdade de que sempre vsarão sobre as outras nações: & posto q̃ ele era Castelhano não auia vergonha de ho confessar, mas que a auião dauer os que lhe fazião dizer aquilo, & que duuidauão em cousa tão clara como era ser Lopo vaz de sam Payo gouernador por dereyto & não por força: & que bẽ sabião todos quão pouco parẽtesco tinha coele nẽ com Pero mazcarenhas, & quão pouca necessidade tinha deles nem doutra nenhũa pessoa deste mundo, & que ainda que lhe algũs assacauão que ele não falaua verdade, o q̃ se ele fazia prouuesse a Deos eterno que no inferno fosse confundido, & lhe tirasse logo a fala se ele dizia se não o que entendia, & assi ho juraua polo deos q̃ aquela manhaã teuera nas mãos, & por tãto requeria da parte do Sancto padre ao vigairo geral que hi estaua que passasse hũa carta descomunhão em que ouuesse por escomungados a todos os

q̃ dissessem que ho gouernador ho não era por dereyto, & pagassem dez marcos de prata pera a sé & não podessem ser absolutos se não polo bispo do Funchal, & req̃ria ao ouuidor geral & a todos os fidalgos q̃ oulhassem por tamanha cousa como aquela era, & que soubessem todos que as goardas que ho gouernador punha nas barras não era por se temer da vinda de Pero mazcarenhas se não por não auer aluoroços: & cuydando que ficauão todos crẽtes coesta fala q̃ Lopo vaz de sam Payo era gouernador por dereyto calouse, & logo Pero de faria capitão de Goa lhe pedio a subcessam & a beijou & pos na cabeça, dizendo que a obedecia, & pregũtãdo a todos se fazião outro tanto disserão que si, & do que ho goardião disse, & disto mandou fazer hũ auto pera sua segurança, & se aproueitar dele quando fosse tempo, & por seu mandado foy ho ouuidor geral polas casas desses fidalgos q̃ se acharão na pregação, & ho assinarão por amor que disserão q̃ obedecião á prouisão que ho goardião lera, & os que assinarão, forão Pero de faria, ho feytor Miguel do vale, Eytor da silueira, Francisco de sousa tauares, Gõçalo de sousa, Ruy gomez dagrã, dom Iorge de crasto, Manuel de brito, dõ Antonio da silueira, Vasco da cunha, Diogo da silueira, dõ Afonso de meneses, Geronimo de sousa, Anriq̃ de macedo, Iohane mẽdez de macedo, Diogo de macedo, Manuel de carualhal, Antonio mẽdez de brito, Frãcisco da silua, Pero descouar, & dõ Vasco de lima, & Iorge de lima, porq̃ não quisserão assinar foram presos sobre suas menagẽs, & assi porq̃ mostrarão ser da parte de Pero mazcarenhas, & ao outro dia foi este auto assinado pelos que estauã nas barras, que forão Antonio da silueira, Simão de melo, dom Iorge de noronha, Iorge de melo, dõ Iohão lobo, dom Anrrique déça, Iohão pereyra, Francisco correa, Antonio caldeira, Gomez de souto mayor, Lopo correa, Francisco de brito, Payo roĩz daraujo, Gracia de melo, Antonio mendez de vasconcelos, Nuno pereyra, Frãcisco ferreira, Gaspar da sil-

ua, Fernão de moraeis, Fernão roiz barba. E assi foy assinado polo capitã mór do mar, que chegou a este tempo, & pelos capitães q̃ yão coele.

CAPITVLO XXXI.

De como Pero mazcarenhas foy preso em ferros.

Nauegando Pero mazcarenhas pera Goa, topou cõ Gõçalo gomez dazeuedo, hũ fidalgo de q̃ soube a armada q̃ ho estaua esperando pera ho prenderem por mandado do gouernador. E como ele ya posto em sofrer tudo ho que lhe fizessem, & não fazer mais que requerer sua justiça, não lhe deu nada & passou auante, & tãbẽ por não ter onde se ir: & despois de sapartar de Gõçalo gomez chegou á barra de Pangim aos dezaseis de Março. E tanto que foy visto lhe saio hũ bargantim tirãdolhe bombardadas por alto pera q̃ amainasse como amainou, & depois de ser leuado a Antonio da silueira & lhe não querer dar menagem de se ir meter na fortaleza de Cananor & não sair sem mandado do gouernador, lhe foy deitado hũ grilhão. E entregue a Simão de melo ho leuou a Cananor, & forão presos Simão caeiro, & Lãçarote de seixas, & leuados ao tronco de Goa, onde forão bem carregados de ferro. E entregue Pero mazcarenhas a dõ Simão de meneses, por Simão de melo cobrou dele hũ conhecimẽto de como ho recebera, & que assi ho entregaria quando lho pedissem, & coele se tornou ao gouernador, q̃ se ouue por seguro com a prisão de Pero mazcarenhas, & assi ho ficou: porq̃ coela se assesegarã todos os aluoroços que auia, & ninguem falou mais ẽ Pero mazcarenhas, temendo que lhe não fizessem como a ele, & mais perderão a esperança de se restaurar. E neste tempo Francisco de sousa tauares q̃ tinha a carta de Christouão de sousa, que com os de Chaul se acordou q̃ escreuesse ao gouernador, lha deu, cuja sustancia era espãtarse muyto dele, esperandose por Ru-

mes cada dia, que trazião tamanho poder como ele sabia: & sendo ho dos nossos tã pouco querelo ainda deminuir, cô ho diuidir em duas partes & fazer diuisão, que ẽ todas as partes era a mais abominauel cousa que podia ser, quâto mais na India, & naquele tẽpo, que se lhe parecia que a gouernâça era sua, que se posesse em justiça cô Pero mazcarenhas quando viesse de Malaca, & nã quisesse que se determinasse por armas como parecia que queria, & quẽ teuesse dereito esse fosse gouernador, porque ele não queria que ho fosse hũ mais que ho outro, nẽ lhe queria que se posesse em dereito, se não por não auer diuisão na India: & q̃ assi lho pedia muyto & requeria da parte del rey: certeficandolhe que não auia dobedecer, se não a quem se posesse em dereito. Vista esta carta pelo gouernador, achouse muyto salteado, por ser Christouão de sousa ho principal capitão de toda a India, & que tinha a mayor parte da gente dela de sua parte, por dar muyto mayor mesa que todos os daquele tempo, & muyto mais abastada & melhores igoarias, & daua dinheiro a muytos que ho não tinhã, & ser de muyto folgar, & muy familiar com todos, polo que continuamẽte inuernauã ẽ Chaul mais fidalgos & gẽte que ẽ outra parte, & por isso ho gouernador ficou asaz agastado, em lhe parecer q̃ lhe não obedeceria pois nã se determinara cô Pero mazcarenhas se não por força, & isto lhe fez crer que nã era ainda pacifico na gouernança, & não mostrou esta carta se não aos que tinha por amigos, que ficarão coela abalados, por ser Cristouão de sousa a pessoa q̃ era, & conselharão ao gouernador q̃ lhe mãdasse notificar a prisão de Pero mazcarenhas, & como se fizera sem nhũa diuisão, que fora aprouada polo capitão mor do mar, & polo capitão de Cananor, & por todos os capitães & fidalgos da India, & ho obedecião todos por gouernador, pedindolhe que pois nã auia diuisão, que obedecesse, & escreuesse hũa carta a Pero mazcarenhas, como auia a sua prisão por boa, & lhe conselhasse que desistisse

de pretender a gouernàça. E sabido isto por Cristouão de sousa como quer q̃ não pretendia neste caso mais que nà auer diuisão, folgou muyto de a cousa se fazer tão pacificamẽte: & deu por isso muytas graças a nosso senhor, mas não que lhe deixasse de parecer muyto mal a prisão de Pero mazcarenhas, & muyto peor não lhe darem a gouernança, que lhe parecia ser sua por dereito, & que pelo que deuia ao seruiço del rey, & a obrigação que tinha de sua menagem & fidalguia, q̃ deuia dobedecer por gouernador a Pero mazcarenhas, & não a Lopo vaz de sam payo, mas poendo diante que fazendoo assi se renouaria a diuisão que estaua apagada, & que se desfaria ho corpo da gente da India, que se podia conseruar, cõ auer por boa a prisão de Pero mazcarenhas, & atalhaua aos que erão da sua parte, vendo q̃ ele era da do gouernador, ho seriã tambẽ, & estãdo todos juntos & cõformes os ajudaria nosso senhor, & lhes daria vitoria dos Rumes, q̃ não vindo na mouçào de Mayo estaua certo virem na de Setẽbro, & achando diuidida a gente da India, seria muy leue cousa ganharẽna, com não escapar nhũ dos nossos, & por isso lhe pareceo bẽ com cõselho dos principaeis que estauão coele, que não sómente screuesse ao gouernador, que ho obedecia por esse, & auia a prisão de Pero mazcarenhas por boa, mas tãbẽ a toda a India: & screuesse a Pero mazcarenhas cõforme ao que lhe ho gouernador rogaua, & a quem screueo esta carta.

« Senhor por este parsio ouue hũa carta de V. S. ẽ q̃ me largamẽte da conta do negocio dãtrele, & Pero mazcarenhas, muyto folgara de o saber primeyro, porque dera antes meu parecer sẽ afeiçã, como V. S. de mim cré & espera. E quanto senhor ao que diz que todos obedecerão a sua prouisão, eu tãbẽ digo q̃ lhe obedeço, no alto, & no baixo, como a gouernador que he por prouisão del rey nosso senhor, & sei certo selo V. S. por morte de dõ Anrriq̃ de meneses q̃ Deos perdoe. E quãto ao que he passado sobreste caso, me pareceo escusa-

do meu parecer, por ho negocio ter ja fim Deos seja louuado, tão sem aluoroço & sem diuisão, ho q̃ sempre pedi a nosso senhor, & estaua asaz confiado q̃ se faria bẽ polo V. S. ter ãtre as mãos & pois está feyto tanto ẽ concordia & paz, não falo nisso. A carta pera Pero mazcarenhas vai aberta, pera se lhe parecer bem mãdarlha, se não faça ho que quiser. Beijo as mãos de V. S. de Chaul a vĩte cinco de Março. Cristouão de sousa.

E a de Pero mazcarenhas dizia.

« Senhor foy emformado do senhor Lopo vaz, de todo ho caso dãtre vos & ele, & assi vi suas prouisões & os pareceres desses senhores que se acharão em Cochim, & certo tudo foy feyto por seu estilo, & como estas cousas estem ẽ pontos de dereito, q̃ muyto bẽ sabem algũs dos questauão presentes, não vos pareça senhor ho contrairo, se não q̃ por todos, assi leigos como por esses dous frades q̃ ho deuẽ defender, & ser sem sospeita por seus habitos, & mais afirmandoo cõ jurameto, forão suas prouisões auidas por boas: & certo a meu ver, a vontade de Sualteza era selo ele per falecimento de dõ Anrrique: & de todas as outras cousas, eu não foy enformado se não a tẽpo q̃ tudo estaua feyto, por isso foy escusado meu parecer, & pois tudo esta pacifico, auei vossa prisão em paciencia, porque certo foy necessaria, assi polo q̃ vos cũpre, como por euitar algũas sospeitas domẽs que desejão diuisões, ho q̃ pera ho tempo em q̃ estamos fora tão danoso, q̃ muyto melhor fora serdes ambos mórtos: Quisuos senhor screuer esta, posto q̃ de vos não tenha recebida nhũa despois de vossa vinda, pera nela vos pedir por merce como acima digo ajais paciẽcia com vossas cousas, & queirais fazer este seruiço a sualteza, de vos não lembrardes agora de vossa honrra, por não vingardes vossa prisão, cousa tãto cõtra seu seruiço, & certo recebereis assinada merce de tão notauel seruiço, & não demouão vosso bõ conselho, algũas cartas de fidalgos da India, porque certo quẽ vos ho contrairo aconselhar sera vosso immigo, & não

deseja de vossas cousas serem feytas a vossa hõrra como eu. Veja senhor ho q̃ de mĩ mãda nesta terra & faloei, não tocando nestes negocios (por ja terẽ fim) como seu seruidor & amigo que sou de muytos dias. Beijo sñor vossas mãos, de Chaul. Cristouão de sousa.

E assi escreueo a dom Simão de meneses & a outros muytos fidalgos do que ho gouernador ficou muyto contente parecendolhe que ho tinha da sua parte, & Pero mazcarenhas tambem ficou satisfeyto quando vio a sua carta, porque entendeo nela que não auia sua prisam por boa se não pola pacificação da India & por se escusarem diuisões, & teue esperança de lhe parecer ainda bem poerse ho gouernador coele em dereyto sobre a gouernãça se ho dom Simão soltasse, em que ja começaua dentender que ho faria, por lhe ter prometido que como fosse inuerno lhe tiraria os ferros, pedindolhe perdão de lhos não tirar mais cedo por recear que ho gouernador ho soubesse. E isto deu ousadia a Pero mazcarenhas a mãdar hũ requerimẽto ao gouernador per hũ Dinis camelo tabalião pubrico de Cananor, cuja sustancia foy que ho gouernador se posesse coele ẽ justiça & não leuasse ao cabo a força q̃ lhe fazia tomandolhe a gouernança q̃ lhe el Rey dera protestando por todas as perdas & dãnos que disso recebesse, & requerendolhe tambem q̃ soltasse a Simão caeiro & a Lançarote de seixas pera requererem sua justiça pois os tinha presos sem serem culpados. E dado este requerimento ao gouernador, ele ho rompeo acabando de ho ler: pelo q̃ Dinis camelo não ousou desperar a reposta & fugio pera Cananor. E logo nesta conjunção indo ho gouernador á fortaleza passando por diãte da porta do trõco Simão caeiro & Lançarote de seixas lhe requererão a grandes brados que os mandasse soltar pera requererem a justiça do gouernador Pero mazcarenhas, & por isso os mandou carregar de ferro mais do que estauão, & defendeo sob graues penas que ninguem sobreste caso de Pero mazcarenhas lhe desse mais requerimentos se não ao secre-

tario porque ele responderia, & mandou apregoar q̃ sopena de morte ninguem fosse ousado de nomear por gouernador a Pero mazcarenhas: que sabendo como ho gouernador rompera ho seu requerimento a Dinis camelo & lhe não dera outra reposta, lhe pedio disso hũ estormento que lhe ele deu. E não responder ho gouernador a este requerimẽto, fez parecer a dom Simão que tomaua a gouernança por força, & parecendolhe mal começouse dabalar pera lhe desobedecer, & não q̃ ho disesse a Pero mazcarenhas.

CAPITVLO XXXII.

Da causa q̃ Eytor da silueira, & Diogo da silueira, teuerão pera serem cõtra ho gouernador.

Pubricado por cristouão de sousa que auia por boa a prisão de Pero mazcarenhas, como ele era pessoa tão principal na India, & de q̃ se fazia muyta conta, os mais dos que erão da parte de Pero mazcarenhas, vendo que era daquele parecer, ho teuerão tambẽ por bom, & crendo q̃ assi cumpria ao seruiço de Deos & del rey, assessegarão de seus aluoroços, principalmente em Goa, em que cessarão supitamẽte os ajuntamentos & perfias que auia dantes, com ho que ho gouernador ficou descanssado, tendo que estaua em paz: pelo que começou de saperceber do necessario, pera a vinda dos Rumes, assi como mandar varar nauios, & fazer outros de nouo, & fundir artelharia, & fazer poluora & pelouros. E neste tempo na ẽtrada Dabril, lhe pedio Eytor da silueira, que mandasse Pero de faria seruir a capitania de Malaca de q̃ estaua prouido, & que lhe daria a de Goa, do que se ho gouernador escusou, porque Pero de faria tinha tambem a capitania de Goa por el Rey, & estaua em sua escolha tela, ou deixala, & por isso ho não podia fazer ir a Malaca sem sua võtade, & com tudo ele lhe falaria nisso, & se quisesse ir a Malaca lhe daria a

de Goa, & falandolhe, respondeo Pero de faria que não queria ir a Malaca, ho que Eytor da silueira não creo, quando lho ho gouernador disse, & pareceolhe que como estaua necessitado domẽs pera se sustẽtar na gouernança, que faria com Pero de faria q̃ não deixasse Goa, por ho ter consigo que era grande seu amigo, & parecendolhe isto nã quis receber palauras de comprimentos, que ho gouernador teue coele, dizẽdo que lhe pesaua de lhe não poder dar aquela capitania mas q̃ outra cousa aueria que lhe desse: & ele respondeo que não auia que lhe dar, & que bem sabia dele a verdade, & que lhe não auia dẽtrar mais em casa, ho que ho gouernador sofreo polo tempo em que estaua, & dali se foy logo Eytor da silueira muyto agastado & indinado cõtra ho gouernador, & cõtou o q̃ passara coele a Diogo da silueira seu parente & amigo, conselhandolhe que lhe pedisse a capitania de Malaca, pois a Pero de faria não queria seruir, & ele ho fez assi: & ho gouernador respondeo que lha dera de boa vontade, mas que lha não podia dar, pola seruir Iorge cabral, a quem Pero mazcarenhas a dera sendo jurado por gouernador, pelo que Iorge cabral a não alargaria sem ver prouisão de Pero mazcarenhas, & indo ele sem ela a Malaca, seria fazer la outro aluoroço como auia na India, & por isso ho não podia prouer do q̃ lhe pedia, do que se ele mostrou muyto agrauado, & não quis receber nhũs comprimentos do gouernador, porque todos então pela necessidade que sabião que tinha deles se lhe querião vender muyto caros, & ajudarse dele com fazerem seu proueito: & crendo que não tinhão nhũ de sua amizade nem de serem de sua valia pois lhes não daua o que lhe pedião, pareceo lhes muyto mal ser ele gouernador, & que tinha por força a gouernança a Pero mazcarenhas que era ho verdadeyro gouernador & por tal ho ouuerão, & logo lhes pareceo bem que ho gouernador se posesse coele em dereyto sobre quem ho deuia de ser. E assentãdo isto ambos, começarão de prouocar outros fidalgos

que fossem de sua openião & fizerão coeles que à tenessem & forão estes, dom Antonio da silueira, dom Tristão de noronha, dõ Iorge de crasto, Vasco da cunha, dom Anrrique deça, dõ Francisco de crasto, Nuno fernàdez freyre, Iorge da silueira, Frâcisco dataide, Iorge de melo, Diogo de miranda, Ayres cabral, Simão sodré, Martĩ vaz pacheco & Simão delgado quadrilheiro mór. E acquiridos estes & outros muytos homẽs por sua parte, logo ho escreuerão por terra a Pero mazcarenhas, & sua determinação: por isso que trabalhasse com dom Simão que ho soltasse, & na entrada do verão se fosse a Goa, & farião cô ho gouernador que se posesse coele em justiça sobre cuja era a gouernança. E esta carta foy assinada por todos estes fidalgos que digo, q̃ vista por Pero mazcarenhas a mostrou a dom Simão, dizendo que pois aqueles fidalgos ho querião ajudar que porque ho não soltaria ele sendo tamanho seu amigo, & pois nisso seruia a Deos & a el Rey, & affirmasse que lhe prometeo de lhe dar a capitania mór do mar se ho fizesse, & tirala a Antonio de mirãda porque não era sua se ele fosse gouernador que ficaua sem poder auer effeyto a segũda subcessã de Lopo vaz de sam Payo que ho fazia capitão mór do mar, & dom Simão lhe prometeo de ho soltar se aqueles fidalgos permanecessem em ser da sua parte: & que escreuesse a seus amigos que tinha em Cochim pera saber se tinhão ainda sua voz, & que requeresse a Antonio de miranda & ao védor da fazenda que pois erão na India pessoas tão principais fizessem com ho gouernador que se posesse coele ẽ justiça: & ele ho fez assi, & lhes mandou sobrisso grandes requerimentos cô cartas a seus amigos que lhos apresentassem, & como ho védor da fazenda era muyto recatado temiase de Pero mazcarenhas ter algũas inteligencias em Cochim, & por isso tinha suas espias pera lhe tomarem quais cartas ou papeis que lá mandasse, & acertarão de tomar hũa carta que ouui, & tinha ho sobrescrito tão riscado que se não podia ler, & por isso não soube pera quem era & dizia.

« Senhor agora nouamente torno a fazer certos requerimentos sobre a gouernança da India por me ser requerido que os faça, lá senhor vos ha de ser mostrado hũ deles, sey certo que vos ha de parecer bem fazelo pois a todos estes senhores digo polos mais deles parece mal não ho fazer dias ha, desejão todos virlhe á mão poderem aleuantar ho seruiço del Rey nosso señor, & não consentirem cousas que passam contra seu real estado de que tem que se lhes pode dar muyta culpa por as consentirem passar como passam: & porem como em Goa não fuy atequi visto nem ouuido, não passou ho tempo de fazer o q̃ agora faço, beijaruosey as mãos porque todo vejais, & ponhais ante vos que a Antonio de miranda nem a Afonso mexia lhes não ha nunca de parecer bem gouernar eu a India, porque gouernãdoa não lhe pertence a hũ a capitania mór do mar, nem a outro a capitania de Cochim o que lhes pertence gouernando Lopo vaz, & por isso ho querem soster. E com tudo vejo q̃ quer Deos tornar sobristo como cumpre a seu seruiço, & ao estado real del Rey nosso senhor. Beijo as mãos de vossa merce deste Cananor a vinte tres Dabril de mil & quinhentos & vinte sete. Pero mazcarenhas.

E vista esta carta pelo védor da fazenda, respondeo ao requerimento de Pero mazcarenhas que ho fizesse ao gouernador & não a ele, porq̃ lhe não podia requerer q̃ se posesse ẽ justiça sobre a gouernança q̃ era sua por prouisam del Rey, & ho mesmo respondeo Antonio de miranda, & ho védor da fazenda mandou logo esta carta de Pero mazcarenhas ao gouernador pera que soubesse sua determinação, que ainda a não sabia, & cuydaua que estaua fora de tal pensamento.

CAPITVLO XXXIII.

Do requerimento que os officiaes da camara de Goa fizerão ao gouernador.

Daqui por diãte amiudou Pero mazcarenhas os requerimẽtos sobre se ho gouernador poer coele em justiça, assi ao védor da fazenda como a Antonio de miranda & ao mesmo gouernador que a nhũ respondeo, antes prendeo algũas pessoas que lhos apresentauão. E Eytor da silueira, Diogo da silueira & dom Antonio da silueira com os de sua valia deixarão neste tempo de ir a casa do gouernador & acompanhalo como costumauão dantes, o que ele cuydaua que era pelos agrauos que terião das capitanias que lhes não dera, & dissimulaua coeles fazendolhes sempre gasalhado onde os topaua, nem tirou por isso a Eytor da silueira os mil pardaos que lhe mandaua dar á custa del Rey parecendolhe que coisto ho amansaria, & ho teria da sua parte com os mais amigos q̃ tinha: mas ele estaua ja tão determinado em fazer q̃ se posesse em justiça com Pero mazcarenhas que nhũa cousa aproueitaua ao gouernador pera ho fazer mudar. E vendo ho gouernador que os requerimẽtos de Pero mazcarenhas nã cessauão desenganou ho por hũa carta que lhe não fizesse requerimẽtos, porque não se auia de poer coele em justiça, que era fazer duuidoso o que tinha certo por prouisão del Rey: do q̃ logo Pero mazcarenhas auisou a Eytor da silueira, escreuendolhe que pois Lopo vaz não queria poerse em dereyto por seu requerimento, que lho fizesse ele com os outros de sua valia, & não querendo satisfazer que lhe desobedecessem & obedecessem a ele, porque se assi ho não fizessem que se chegaua ho verão: & se naquele negocio se não tomaua primeyro algũa concrusam, que receaua que ho gouernador ho mandaria preso pera Portugal, & assi não aproueitaria ho bem que lhe querião fazer. E vista por

Eytor da silueira esta carta, mostrou a aos de sua liga. E foy acordado por todos que não era necessario fazerse então nhũ requerimento ao gouernador se não sendo Pero mazcarenhas presẽte: por tãto como fosse tempo ele fosse a Goa, & coele requererião ao gouernador que se posesse em justiça, & quando não quisesse que lhe desobedecerião & obedecerião a ele. E neste acordo forão os officiaes da camara de Goa que tambẽ Eytor da silueira tinha prouocado a terẽ a voz de Pero mazcarenhas, & assi muytos cidadãos de Goa, que todos assinarão em hũa carta q̃ Eytor da silueira escreueo a Pero mazcarenhas deste acordo, dizendo mais que todos aqueles que ali yão assinados perderião por ele as vidas & fazendas. E os assinados forão duzẽtos & sessenta homẽs, de q̃ Pero mazcarenhas ficou espãtado quando vio a carta, por cuydar que ninguem quisesse ser da sua parte, & mostrou esta carta a dom Simão pera que teuesse mais võtade de ho soltar & se animasse a fazelo vendo que tinha tanta gente de sua valia, & tornou a escreuer a Eytor da silueira & aos outros, q̃ toda via era necessario em quanto não podia ir a Goa requererem ao gouernador que se posesse coele em justiça, & quãdo ho não quisesse fazer q̃ ho prendessem, & assi ficaria a cousa segura por sua parte, porque sem duuida se este feyto não fosse auerigoado antes da chegada das naos do reyno, & ho gouernador ho fosse quãdo elas chegassem estaua certo ter mayor poder do que tinha, porque os capitães não auião dobedecer se não a quem achassem em posse da gouernança, & coisso ho poderia prender em prisam mais apertada ate ho mandar pera Portugal, & por isso era muy necessario fazerẽlhe ho requerimento que dizia, & prenderẽno quando não quisesse satisfazer a ele, & pera que parecesse q̃ tinhão causa pera lho fazer, fez pera os fidalgos hum & outro pera a camara de Goa em que lhes requeria que requeressem ao gouernador q̃ se posesse coele em justiça sobre cuja era a gouernança. E Pero mazcarenhas insistia

tanto neste ponto que se posesse ho gouernador coele em justiça, porque tinha por muy certo que a auia ele de ter, & que lhe auião de julgar a gouernança. Estas cartas, & requerimentos mandou por hum Mem vaz com sua procuração pera requerer & fazer tudo quanto lhes cumprisse, & ele partio por terra em Iulho, & chegou a Goa na entrada Dagosto, onde muyto secretamente deu a Eytor da silueira as cartas & requerimentos que leuaua que logo as deu aos pera que yão. E a todos parecerão bem os requerimẽtos de Pero mazcarenhas, & Mẽ vaz apresentou na camara o que ya pera os officiaes: que logo fizerão outro ao gouernador que se posesse em dereyto com Pero mazcarenhas sobre a gouernança & derãno ao secretario & coele o que lhes Pero mazcarenhas fizera. E ele os mostrou ao gouernador, que não respõdeo mais se não ameaçandoos se lhe fizessem outros requerimẽtos: & ho mesmo faria se dessem reposta a nhũ que lhes fizessem sobre aquele caso, ou Pero mazcarenhas, ou a qualquer outra pessoa. E os officiaes disserão isto a Eytor da silueira, dizendo que assi ho auião de fazer, por isso que buscasse seu remedio: porem que se a cousa viesse a ser necessaria sua ajuda que lha darião. E vendo Eytor da silueira a determinação do gouernador, acordou com os de sua valia, & com todos os q̃ tinhão a voz de Pero mazcarenhas, que ele com os fidalgos fizessem hum requerimento ao gouernador que se posesse em justiça cõ Pero mazcarenhas, & que ho dessem a ele mesmo, & que lho desse Manuel de macedo com hum escriuão, & ele lho deu em saindo de sua casa. Ho gouernador ho tomou, & logo ho leo, & não deu outra reposta se não mandar Manuel de macedo aa cadea & carregalo de ferro, porque contra sua defesa fora ousado de lhe dar ho requerimento. E Manuel de macedo tomou testemunhas de como ho gouernador sendo ele fidalgo ho mãdaua meter na cadea com as pessoas baixas, & isto mais polo iniuriar que por fazer justiça, porque pera isso auia fortaleza õde ho pren-

dessem merecendo ele prisam tão graue, quanto mais que lhe fazia sem justiça pois ho prendia por lhe requerer que a fizesse de si. E passando aquela primeyra furia ao gouernador mandou que fosse tirado do tronco, & andasse pola fortaleza com a menagem tomada: mas ele não quis se não estar na cadea pois da primeyra lhe não derão a fortaleza por prisam, & ho escriuão que ya coele pera dar ho estormento foy espancado & arrepelado polo gouernador, & os seus criados ho ouuerão de matar se não fugira.

CAPITOLO XXXIIII.

De como ho gouernador prendeo Eytor da silueira & os outros fidalgos de sua valia.

Vendo Eytor da silueira & os outros fidalgos de sua valia o que ho gouernador fez a Manuel de macedo, pareceolhes que era por de mais fazerlhe requerimentos sobre se poer em justiça sobre a gouernança porque ho não auia de fazer, & que estaua leuantado com a India. E consultarão entre si que era muyto grande deshõrra sua sofrerenno, & que el Rey lho estranharia: & q̃ aquilo era causa muy abastante pera prenderem ho gouernador como Pero mazcarenhas requeria. E assentando de ho fazer assi, disserãno aos officiaes da camara de Goa, & a todos os que erão da sua parte pera lhe acodirem com armas quando ouuesse de ser a prisam, & começouse hũ grande rumor pola cidade, de que ho gouernador não sabia nada, & Pero de faria lho descobrio. E logo que ho soube, determinou de prender a Eytor da silueira & os outros fidalgos que serião dezasete, & comunicãdo ho com Pero de faria. Ele lhe disse que assi ho deuia de fazer, porque se não auia de sofrer tamanho desacatamento. E assentado isto deuse parte a Antonio da silueira & a Simão de melo & a outros, pera q̃ ao outro dia se fossem todos armados secretamente a to-

mar as ruas que yão ter a casa Deytor da silueira porq̃ deteuessem os que lhe quisessem acodir: & que Pero de faria por ser capitão os fosse prender, & ho gouernador estaria na rua noua pera mandar gente em sua ajuda ou acodir se fosse necessario. E ao outro dia pola menhaã q̃ forão noue dias Dagosto estando tudo ordenado ficou ho gouernador a caualo na rua noua, & Pero de faria se foy a casa Deytor da silueira que estaua hi muyto perto em outra rua, & achou ja muyta gente ao derredor da casa que ya acodir a Eytor da silueira, entendendo que ho gouernador ho mandaua prender: & por a cousa ser tão supita não leuauão mais que lanças, & assi acodirão os fidalgos da conjuração sem mais armas q̃ as costumadas. E sabendo Eytor da silueira q̃ Pero de faria estaua hi sayo a hũa genela & preguntoulhe que queria: & ele lho disse, requerendolhe que lhe desse a menagem. E ele respondeo que sobisse ele acima a tomarlha, & que lhe faria o que ele merecia, pois era tão roim fidalgo que aceitaua ilo prender. O que vendo Pero de faria mandou chamar ho gouernador, que foy logo leuando algũa gente. E neste tempo era a reuolta muyto grande da gente que acodia ao gouernador & a Eytor da silueira, & todos com lanças & ordenauase hũa muy perigosa briga, porque os do gouernador leuauão espingardas, & os fidalgos da liga estauão ja todos com Eytor da silueira, & determinauão damotinar a gente de sua parte contra ho gouernador pera que começassem a peleja, & eles prosseguissem: porque por se lhe não dar toda a culpa do mal que se seguisse nã querião começar. E coesta determinação em ho gouernador chegando, disse Diogo da silueira da genela aos da sua parte que estauão na rua. Senhores não vedes isto que toma por força a gouernança da India, não he bem que se lhe consinta. Ao que ho gouernador respondeo com ira, q̃ por força a tomaua & a auia de tomar. E com quanto os da parte dos fidalgos ouuirão estas palauras, nunca eles ousarão de bolir consigo porque vião que os

fidalgos estauão quedos. E ho gouernador lhes bradou da rua que se dessem á prisam. E eles disserão que se não auião de dar, porque ele os não podia prender que era seu immigo por lhe requererem que nã tomasse a gouernança a Pero mazcarenhas, & sobristo lhe fizerão algũs requerimentos. E vendo ele que se não querião dar á prisam, deceose do caualo com muyto grande menencoria, & tomando hũa lança & adarga quis sobir acima ondestaua Eytor da silueira cõ os outros, que por a sua gente estar mal armada & a do gouernador bem, & principalmente por lhes parecer seruiço del Rey não se fazer o que estaua ordenado que auia de ser com tamanho perigo, não se quiserão defender se não darse aa prisam. O que foy grande bem, porque se se defenderão ouuera de ser hũa cousa muy fea pera Portugueses & poucos ouuerão de ficar viuos. E ẽ ho gouernador querendo sobir pola escada, sayo ao peitoril dela Eytor da silueira, & disselhe que ele & os outros fidalgos se dauão por presos, então pedio Pero de faria ao gouernador que se fosse, & que ele os leuaria aa fortaleza, & que lhe deuia de dar aquela honrra de os leuar pois era capitão da cidade. E ho gouernador ho fez assi, & foy esperalo á fortaleza onde foy logo com os presos que forão estes, Eytor da silueira, Diogo da silueira, Dom Antonio da silueira, dom Tristão de noronha, dõ Iorge de crasto, Vasco da cunha, Martĩ vaz pacheco, Iorge da silueira, dom Anrrique deça, Diogo de miranda, Francisco dataide, Simão delgado quadrilheiro mór, Nuno fernãdez freyre, dom Francisco de crasto, Simão sodré, Iorge de melo & Ayres cabral. E entrados na fortaleza, ho gouernador lhes tomou as menagẽs que em seus pés nẽ alheos não sayssem dela, & disso foy feyto hũ auto. E presos estes fidalgos, pareceo ao gouernador que ficaua em paz, porque muytos daqueles que erão da sua parte vendo os presos forão reconciliar logo coele, & antreles forão os officiaes da camara, a que mandou que respõdessem ao requerimento de Pero mazcarenhas q̃

lhes leuara Mẽ vaz que ainda estaua em Goa: & por comprazer ao gouernador responderão que lhe não podião requerer que se posesse em iustiça sobre a gouernança por saberem que era sua por prouisam del Rey, & era obedecido por gouernador por todos os da India: & se sobrisso lhe requeressem que se posesse em justiça pareceria que desobedecião aos mandados del Rey, a quẽ pertencia julgar cuja era a gouernança & não a outrem, por tanto que sua vinda a Goa era escusada, porque não seruiria de mais que de fazer aluoroço na gente, que era necessario que esteuesse quieta pera pelejar com os Rumes que esperauão, requerendolhe da parte del Rey que não fosse a Goa. E ho gouernador tambem respondeo largamente por parte da camara a Pero mazcarenhas, apõtandolhe o dereyto que tinha na gouernança, & como era sua. E de tudo foy feyto que se deu a Men vaz com que se partio pera Pero mazcarenhas leuandolhe tambem cartas dos fidalgos presos em que lhe pedião que em todo caso fosse a Goa, porque tudo se faria bẽ. E partido Mẽ vaz, porque ho gouernador sabia que daqueles fidalgos q̃ estauão presos alguũs não tinhão culpa & por amor da amizade Deytor da silueira forão na conjuração mandou os pera as pousadas, & tambem polos ter da sua parte, & estes forão Vasco da cunha, dom Tristão de noronha, Martim vaz pacheco, Iorge da silueira, dom Anrrique deça, Diogo de mirãda, Frãcisco dataide, Simão delgado, Nuno fernandez freyre, dom Francisco de crasto, Simão sodré, & a Eytor da silueira, Diogo da silueira, dom Antonio da silueira & dom Iorge de crasto, por serem cabeças daq̃la conjuração deixou os estar na fortaleza, & a Ayres cabral, & a Iorge de melo por serẽ muyto maldizentes & aluoraçadores do pouo mandou os leuar á fortaleza de Benastarim, & q̃ os prendessem em ferros. E no cabo Dagosto temẽdose ainda Deytor da silueira & dos outros tres que lhe perjudicassem & q̃ escreuião a Pero mazcarenhas q̃ fosse a Goa os quisera mãdar a Co-

chim em hũ bargantim: o que não careceo de sospeita que pera morrerem no mar os mandaua por ser ainda ho tempo muyto verde, & por isso lhe eles requererão muy estreitamente que os não mandasse porq̃ os mandaua a morrer, pelo que deixou de os mandar & tinha sobreles grande recado, & eles tambem ho tinhão sobre si porque se receauão de peçonha, & andaua a cousa tão danada de parte a parte que tudo se podia recear, & de tudo se podia ter sospeita.

CAPITOLO XXXV.

De como Pero mazcarenhas foy obedecido por gouernador por dom Simão de meneses.

A prisam destes fidalgos com q̃ ho gouernador cuydou que ficaua mais seguro na gouernança ho ouuera de poer em risco de a perder: porq̃ sabida por Pero mazcarenhas sua prisam, & recebendo cartas deles da causa porque fora, & como se temião de os matar com peçonha, porque ja cometera de os matar no mar com os mandar em tempo tão verde como os mandaua: teue ousadia de apertar muyto com dom Simão q̃ ho soltasse & obedecesse por gouernador, & desobedecesse Lopo vaz de sam Payo: pois ele como tirano queria forçosamente tomar a gouernança, prendendo aqueles q̃ lhe requerião que se posesse coele em justiça, & buscando artes pera os matar. E parecendo muyto mal a dom Simão a prisam daqueles fidalgos & ho mais que ho gouernador fazia, disse a Pero mazcarenhas, que pois ho gouernador se não queria poer em dereyto sobre a gouernãça se não tela por força, o q̃ lhe a ele parecia muyto mal q̃ tinha por deshõrra obedecelo por gouernador, & por isso obedeceria a ele Pero mazcarenhas pois queria justiça, o que fazia por pacificação da India. E porque parecesse assi a todos leuou Pero mazcarenhas aa igreja da fortaleza. E jũtos ho feytor, & alcayde mór, & assi

outros officiaes da justiça, & da fazẽda: & algũs fidalgos & todos os outros q̃ morauão na fortaleza & arrabalde: hũ tabalião leo em voz alta a subcessam de Pero mazcarenhas que fora aberta por falecimento de dom Anrrique de meneses, & ho auto q̃ foy feyto da entrega da gouernança a Lopo vaz de sam Payo que gouernasse a India em quanto Pero mazcarenhas não fosse de Malaca, & a carta do védor da fazenda per q̃ ho mandou chamar, & a subcessam do gouernador com todos os autos & requerimentos que forão feytos da resistencia que lhe ho védor da fazẽda fez em Cochim ate aquele dia. E despois de tudo lido, disse Pero mazcarenhas. Tudo o que senhores ouuistes, vos foy lido pera que saibais quão sem rezão & sem nhũa justiça fuy injuriado, preso & mal tratado: & que se não podera mais fazer a hũ pubrico mal feytor que quisera entregar a India aos mouros, do que me fizerã, Afonso mexia em me espancar, & Lopo vaz ẽ me prender sobre a merce q̃ me S. A. fez da gouernança da India por muytos & muyto grãdes seruiços que nela & em outras partes tenho feytos a S. A. & a el Rey seu pay: & agora por derradeyro lhe segurey Malaca com destruir el rey de Bintão, & parecendome que vinha receber a merce que me fez por galardão de meus seruiços recebi tanta deshõrra & tamanha injuria como está notorio, principalmente Dafõso mexia que polo officio que tẽ me ouuera de fauorecer & ajudar querendo me Lopo vaz fazer força, & apacificar a India como pessoa tão principal nela por seu officio: & ele como meu ĩmigo foy o q̃ a reuolueo com querer entender por me fazer mal o que a carta de sua alteza não diz, & tem posta a India em bãdos & diuisões & ẽ perigo de se perder, & Lopo vaz ho ajuda por sua parte em não se querer poer comigo em justiça que por lho não pedir quando ya a Goa me prendeo em ferros como a tredor, & por força me quer tomar a gouernança, & diz que por armas a ha de defender, & bẽ se parece pois prende & mal trata a todos aqueles que

lhe pedem justiça por minha parte. E pera se isto ver mais claramente prendeo agora os principais fidalgos da India com tanto rigor & aspereza como que forão comprendidos em treição, & dizem me que está determinado de vir cercar esta fortaleza & prẽderme cõ ho senhor capitão sendo tão certa a vinda dos rumes, & tudo isto com ho mais que tem feyto sam mostras verdadeyras destar leuãtado com a India & desobedecer aos mãdados de sua alteza, & cõtrariar as vontades de seus vassalos que andão na India, que aos mais parece mal esta tirania de que vsa. E pois ho ele assi faz, requeiro a vos señor capitão, & ao feytor, & alcayde mór & a todos os outros officiais desta fortaleza da parte del Rey nosso senhor hũa vez, & duas & tres: que vista a cõtumacia de Lopo vaz de sam Payo de se não querer poer comigo em justiça sobre a gouernança, que coestes officiaes ma ẽtregueis por vossa parte, & me obedeçais por gouernador, pera que coeste fauor & com outros que espero ho possa constranger a poerse comigo em dereyto pera que a gouernança fiq̃ a cuja for & se pacifiquem estes bandos com q̃ a India está em perigo de se perder vindo os rumes como esperamos. E coisto fez suas protestações de não ho querendo assi fazer lho estranhar el Rey, & auer por eles a perda que recebesse de ho não fazerem, pedindo de tudo estormẽtos com suas repostas ou sem elas. Mas não foy necessario, porque todos responderão q̃ lhe obedecerião polas causas que dizia: & logo foy jurado por todos & obedecido por gouernador da India com grande festa. O que logo foy sabido em Cochim, & como foy tempo muytos fidalgos & outras pessoas honrradas que erão de sua valia & inuernauão em Cochim se forão pera ele, & assi chegarão a Cananor algũs capitães de nauios que erão fora da India. E achando que Pero mazcarenhas era obedecido por gouernador porque Lopo vaz de sam Payo não se queria poer coele em iustiça ficarão coele: & coisto estaua muyto fauorecido.

CAPITVLO XXXVI.

Dos requerimentos que fez Pero mazcarenhas a Lopo vaz de sam Payo.

Obedecido pero mazcarenhas por gouernador, & vẽdose tão fauorecido: determinou dauer de sua parte a Christouão de sousa, porq̃ lhe lembrou que a carta q̃ lhe escreuera de auer sua prisam por boa que fora mais polo ver preso & por apacificar a India que por lhe parecer rezão prenderẽno: & pois estaua solto & obedecido por gouernador, & se queria poer em justiça sobre cuja era a gouernaça q̃ seria da sua parte. E pera isto lhe mãdou hũ requerimento em que relataua todo ho passado, requerẽdolhe juntamente cõ dom Simão & cõ outros officiaes da fortaleza que requeresse a Lopo vaz de sam Payo que se posesse coele em justiça, & não querendo que lhe desobedecesse, & obedecesse a ele que queria justiça & pacificação da India. E coeste requerimento mandou Francisco mendez de vasconcelos que pera este caso fez seu procurador. E partido Francisco mẽdez, mandou outro requerimẽto ao gouernador & dõ Simão outro pera q̃ soltasse aqueles fidalgos q̃ estauão presos, & a eles todos cartas de muyto esforço que perderia a vida sobre os soltar, dizendolhe o que era feyto & o que esperaua de fazer: & a primeyra cousa que fez quem lhas leuaua lhas deu em chegando a Goa, & despois os requerimentos ao secretario que os deu logo ao gouernador, & então soube ele a soltura de Pero mazcarenhas & como era obedecido por gouernador, & lhe pesou de ho fiar de ninguem, & vio q̃ ho ouuera de ter em Goa ou ẽ Cochim, & temeose que entrasse de supito em Goa, porq̃ soube q̃ os presos, & os Tanadares, & capitães dos pasos da ilha, & muytos cidadãos, lhe tinhã scrito q̃ fosse a Goa, porq̃ todos estauão prestes pera ho ajudar a restituir em sua honrra. E por isso mandou a

Simão de melo seu sobrinho q̃ fosse goardar a barra de Goa a velha, com hũa galeota, & com hũ bargantim, porque por ali lhe pareceo que entrasse Pero mazcarenhas, que mandou que fosse preso, & leuado a Goa: & estando hi Simão de melo aos dezaseis dias Dagosto, chegarão a Goa dous capitães de duas naos q̃ ho ãno passado partirão de Portugal, & inuernarão em Moçanbiq̃. E os capitães erão Antonio dabreu, de que falei no liuro Terceiro, & Vicente gil filho de Duarte tristão armador de naos, & indo estes falar ao gouernador, ele lhes contou ho que passaua antrele, & Pero mazcarenhas sobre a gouernança, & pera lhe darem seu parecer se era gouernador por dereito, lhes mostrou as prouisões passadas, & a carta del rey pera Afonso mexia, ẽ que dizia: q̃ das outras prouisões se não vsasse, & lhas leuasse çerradas, & deulhes juramento que verdadeiramẽte lhe disessem seus pareceres: & eles lhe jurarão que entendião, que ele era gouernador, & os que tinhão ho contrairo deseruião muyto el rey. E despois disto aos seis dias de Setembro, chegarã a Goa outros dous capitães da armada que aquele anno partira de Portugal, de que foy capitão mór Manuel de lacerda, & forão seus capitães Cristouão de mẽdoça capitão Dormuz, na vagante de Diogo de melo, Aleixos dabreu, Gaspar de paiua, & Baltesar da silua, & Manuel de lacerda, & Aleixos dabreu, se perderã na ilha de sam Lourenço por culpa dos seus pilotos, & Baltesar da silua, & Gaspar de paiua, chegarão a Goa aos seis de Setembro: & tambem forão pregũtados polo gouernador, como Antonio dabreu & Vicente gil, & responderão como eles, & de tudo mãdou fazer hũ auto, que foy por eles assinado, & por dom Ioão deça cunhado do gouernador, & por Frãcisco pereyra de berredo, que nas mesmas naos forão de Portugal, hũ prouido da capitania de Cananor, outro da de Chaul, nas vagãtes de dom Simão, & de Cristouão de sousa. E isto se fez aos dez dias de Setembro.

CAPITVLO XXXVII.

De como Pero mazcarenhas foy obedecido por gouernador, por Cristouão de sousa.

Neste tpõ teue Cristouão de sousa nouas muyto certas que Raix çalmão capitão mór da armada dos Rumes era morto, & q̃ morrera em hũa batalha, q̃ os mesmos Rumes ouuerã hũs cõ os outros sobre desauença que recreceo antre eles, & que era tanta gente morta, & a armada ficara tão daneficada q̃ se tornara pera çuez, & que ja aquele anno nem tão asinha podião passar aa India. E apos estas nouas chegou Francisco mendez de vascõcelos que mostrou a Christouão de sousa per autos pubricos como dõ Simão tinha obedecido por gouernador a Pero mazcarenhas por lhe parecer que assi cumpria a sua lealdade & á menagem que tinha dada de não obedecer se não a el Rey, ou a seu certo recado que tinha que era Pero mazcarenhas de cuja parte & de dõ Simão lhe deu os requerimentos que lhe leuaua: & assi os que fizerão ao gouernador pera q̃ se posesse em justiça, & o que ele fizera aos que lhos leuarão: & assi lhe mostrou per papeis todo ho mais que tinha feyto, & como determinaua de ir cercar Cananor, requerendolhe por derradeyro como seu procurador que lhe obedecesse como lhe tinha obedecido com todos os capitães & fidalgos da India quando se abrira a sua subcessam. Ouuido tudo isto & visto por Christouão de sousa, vio que era necessario entender em cousas de tanta importancia. E juntos a conselho, ho feytor & alcayde mór & os outros officiaes da fortaleza: & assi os fidalgos que inuernauão coele que era a mór parte dos que andauão na India propos lhe a prisam Deytor da silueira & dos outros fidalgos, & ho escandalo que isso fizera, em tãto que da hi tomou dõ Simão causa pera soltar Pero mazcarenhas & ho obedecer por gouernador, & lhes

mandou ler os requerimẽtos que dantes disso, & despois forão feytos ao gouernador, & o que lhe fazião Pero mazcarenhas & dom Simão. E ouuido tudo por eles ficarão muyto escandalizados da prisam dos fidalgos, & do gouernador mostrar que por força queria ter a gouernança, assi em palauras como em obras, pelo que de comũ acordo reqrerão todos a Christouão de sousa que pois Pero mazcarenhas era solto & obedecido por gouernador, & Lopo vaz de sam Payo nã queria poerse em justiça, q̃ pera pacificação da India deuia dobedecer a Pero mazcarenhas, com declaração que em todo ho tẽpo q̃ Lopo vaz se quisesse poer em justiça coele que se posesse. E isto se deuia de fazer logo ãtes que Lopo vaz aquerisse móres forças das que tinha, & se posesse em querer determinar aquele caso por armas como se affirmaua. E por esta rezão & outras muytas que se derão, & mais porq̃ a India nã se podia pacificar doutra maneyra, pareceo bẽ a Christouão de sousa obedecer a Pero mazcarenhas cõ a declaração que digo, & com determinação de fazer todas as võtades que podesse a Lopo vaz de sam payo, como despois pareceo quando esteue com Pero mazcarenhas a juizo, como direi a diante, no que se vio q̃ sómẽte por pacificação da India, & por seruir nisso a Deos nosso senhor & a el rey, fez esta obediencia a Pero mazcarenhas, & nã por outro nhũ interesse nem proueito que pretendesse. E acordado per todos que Pero mazcarenhas se obedecesse por gouernador, & obedecido por esse cõ autos pubricos que disso forão feytos, & assinados por todos, mãdarão logo hũ requerimẽto ao gouernador que soltasse os fidalgos que estauã presos, & se posesse em justiça com Pero mazcarenhas. E Cristouão de sousa lhe screueo hũa carta, em que lhe daua as rezões porque obedecera a Pero mazcarenhas, & a declaração com que se fizera, do q̃ ho gouernador não foy contente, nem quis responder ao requerimẽto que lhe foy dado, antes ajũtou hũa armada, de que fez capitã mór a Antonio da silueira de meneses

seu genrro, & lhe mandou que fosse coela a Chaul, & requeresse a Cristouão de sousa que lhe entregasse a armada que lá estaua, & que entregasse a capitania da fortaleza, a Francisco pereyra de berredo, por quanto seu tempo era acabado, & ele vinha prouido dela por el rey. E chegado Antonio da silueira a Chaul, Cristouão de sousa não cõsentio que se desembarcasse, porque sabia que ho gouernador não quissera responder ao seu requerimento, & viose coele no mar, estando cada hũ em seu bargantim: & ouuindo Cristouão de sousa ho recado do gouernador, respondeo que nhũa cousa daquelas auia de fazer, porque tinha mandado em contrairo de Pero mazcarenhas seu gouernador: sobre ho que Antonio da silueira lhe fez muytos requerimentos. E assi Francisco pereyra sobre lhe entregar a capitania da fortaleza, protestando por seus ordenados, proes, & percalços, & disso tomarão ambos estromentos.

CAPITVLO XXXVIII.

De como dom Garcia Anrriquez fez pazes cõ el rey de Tidore.

Atras fica dito como por Antonio de brito q̃ fora capitã da fortaleza de Maluco leuar dela muyta gẽte, & outras muitas cousas necessarias pera defenção da fortaleza, de que auia grande necessidade, mandara dom Garcia anrriquez a Martim correa q̃ lhas fosse buscar á ilha de Banda, a quaesquer nauios de Portugueses que hi esteuessẽ. E Martim correa chegou a Bãda quasi perdido, com hũ brauo temporal q̃ lhe deu, & valeolhe Antonio de brito que ainda ali estaua. E logo despois de ele chegar, chegou de Malaca em hũ nauio hũ fidalgo chamado Manuel falcão, q̃ Pero mazcarenhas mandaua por capitão mór, de certos jungos de mercadores, em que ya hũ Fernão baldaja por scriuão da feytoria de Maluco com fazenda parela, que logo Martim correa reco-

lheo no seu nauio. E por ele saber da gente da terra, que viram passar duas velas da feição das naos Portuguesas por ãtre aquelas ilhas, pareceolhe que serião naos de Castelhanos, por não sentir lugar pera onde naquele tempo fossẽ naos Portuguesas, & receando q̃ se fossẽ Castelhanos irião pera Maluco, & poerião em perigo a nossa fortaleza, por a pouca gente que lá ficaua, & menos munições cõ que se defendesse, requereo a Antonio de brito, & a Manuel falcão que fossem socorrer a fortaleza de Maluco porq̃ nã se perdesse: & Antonio de brito não quis ir, & Manuel falcão si, & leuando a mais gente que pode partirã ele & Martim correa pera Maluco, & forão surgir na ilha de Ternate, & desembarcados se forão pera a fortaleza, onde acharão que dom Garcia andaua ẽ concerto de pazes com el rey de Tidore. Do que Cachil daroes não era contente, porque afora ver que perdia muyta parte do mando que tinha auendo pazes, & que os Portugueses não terião dele tanta necessidade como tinhão, receauase que com a paz, el rey de Tidore ho mandasse matar com peçonha, pelo mal que lhe tinha feyto na guerra. E com quãto dõ Garcia isto sabia, fez toda via a paz com el rey de Tidore, com condição, que dentro em seis meses tornasse el rey a artelharia que fora tomada na fusta q̃ disse, & todos os scrauos dos Portugueses que andauão fugidos ẽ suas terras, & assi ho mais que se achasse que lhes fora tomado.

CAPITVLO XXXIX.

De como dõ Garcia anrriquez tornou a quebrar a paz.

Feyta esta paz, sabendo el rey de Tidore quã descõtente Cachil daroes estaua dela, polo contentar lhe mandou dizer que casaria com ele hũa filha se quisesse, & isto fazia porque como sabia que tinha muyto credito com os Portugueses, receou que por amor dele quebras-

sem a paz, no que ele receberia muyta perda, & por isso queria ter seguro Cachil daroes com amizade & parentesco. E sabendo dom Garcia ho que el rey de Tidore cometia a Cachil daroes, & que ele folgaua de ho aceitar, trabalhou muyto polo estoruar, porque via claramente que desta liança del rey de Tidore com Cachil daroes, auia de resultar fazerẽlhe algũa treição, & que com a paz se auia el rey de Tidore de querer vingar dos Portuguezes, do mal que lhe fizerão na guerra, & vendo que não podia estoruar ho casamẽto, determinou de ho estoruar com quebrar a paz, & pera que mostrasse ter rezão de a quebrar, mandou logo pedir a artelharia a el rey de Tidore, posto q̃ não era comprido ho prazo em que lha auia dentregar, & quando lhe foy este recado, estaua ele muyto doente, & com tudo respondeo como homẽ que queria amizade, que não podia logo mandar a artelharia, por ter dada algũa a el rey de Bachão, & a outros reys q̃ ho ajudarão, que como a ajuntasse a mandaria, & os scrauos mãdaria logo pedindo a dom Garcia que lhe mãdasse algũ medico pera ho curar, & ele mandou hũ boticairo, que lhe deu peçonha com que ho matou ẽ poucos dias. E sabendo dom Garcia que era morto, determinou de tomar a cidade, em quanto os moradores dela estauão tristes pola morte del rey, & descuydados da guerra. E tendo sua gente prestes pera isso, mandou hũ recado diante ao regedor do reyno que lhe mãdasse logo a artelharia se não que auia a paz por quebrada: & por ainda a este tempo ho corpo del rey esteuesse por enterrar, respondeo que como fosse enterrado logo daria a artelharia & ho mais. Dom Garcia que não queria outra cousa mandou embarcar sua gente, & embarcada tornou a mandar pedir a artelharia, & se lha não dessem logo que auia a paz por quebrada. E Fernão baldaya que leuou este recado, não quis sair em terra & mandou ho do mar: & sendolhe respondido polo regedor & mandarins que tanto que acabassem hũ conselho em que estauão pera fazerem rey,

logo satisfarião a dom Garcia. Ao que Fernão baldaya não respondeo: mas com hũ pregão lhe notificou q̃ dom Garcia auia a paz por quebrada, & lhe pregoaua a guerra. E coisto feyto se tornou a dom Garcia que ya por caminho, & âtemanhaã chegou ao porto da cidade de Tidore cujos moradores assi pola tristeza da morte del rey como polo descuydo que lhe causou a confiança que tinhão na paz estauão de todo desapercebidos pera se defenderem, & por isso como sintirão que os Portugueses desembarcauão fugirão da cidade, em que entrados os Portugueses não acharão q̃ fazer saluo poerlhe ho fogo com que queimarão a mayor parte dela & tomarão sete peças dartelharia. E destruida a cidade, tornarãose á fortaleza: & deste feyto ficarão os Portugueses em muyto descredito com toda a gente daquelas partes & os tinhão por tredores, & que não goardauão sua fé, & assi no reyno de Bachão como em outros, a que dantes yão, lhes foy defeso que não fossem lá mais, & não forão.

CAPITVLO XL.

De como dom Iorge de meneses indo pera a ilha de Ternate foy ter ás ilhas dos Papuas onde inuernou.

Dom Iorge de meneses q̃ ya por capitão da fortaleza de Maluco partio como disse pera Malaca com regimẽto de Pero mazcarenhas que fosse pela via de Borneo pera se acabar de saber aq̃le caminho por õde se escusaua a detença que se fazia em Banda esperando por moução. E porque não pude saber o que aconteceo a dõ Iorge nesta viagem, não direy mais se não que foy ter atraues das ilhas do Morro setenta legoas da nossa fortaleza: & chegando ali hũ dia sobre a tarde foy demandar a terra, & sendo muyto perto dela mandou sondar pera surgir afastado da terra segundo ho costume dos Portugueses, mas como derrador daquelas ilhas não se acha fundo se não tendo as naos as proas em terra. Dom

Iorge que isto não sabia, nem conhecia a terra: não ousou de surgir & afastouse pera ho mar. E vendo os da terra que se afastaua, meterãose algũs ẽ duas almadias & forãose pera as naos, porẽ não sabendo se erão de Portugueses se de Castelhanos, não ousarã de chegar a elas, & falarãlhe hũ pouco de lonje, & por das naos os chamarẽ & acenarem cõ panos, chegou hũa almadia a bordo dũa das naos, de q̃ pergũtarão á gente dela pola nossa fortaleza & polos Portugueses, de q̃ lhes nã souberão dar nhũa noua: & por nisto anoitecer se afastarã os da almadia das naos, & se forão leuando tres beirames vermelhos que lhes os Portugueses derã. E idas as almadias, despois q̃ foy bẽ noyte acalmou ho vento, & dõ Iorge ficou sẽ remedio, porq̃ como não podia surgir por não auer fundo, nẽ se podia chegar a terra por lhe faltar ho vento, escorreo por antre aquelas ilhas cõ as agoajẽs q̃ ali correm fortemente, & indo assi foy cair no golfão que se faz antre estas ilhas & ho estreito de Magalhaẽs, onde lhe sobreueo hũ brauo temporal, com q̃ a sua nao, & outra de sua cõserua forão a Deos misericordia ate as ilhas que chamão dos Papuas, donde por amor dos ponentes que ventauão não pode tornar a Maluco se não no Mayo seguinte, de mil & quinhentos & vinte sete: cõ os leuãtes, & ãdou por aquelas ilhas seis meses cõ asaz de fadiga, & adoeceolhe & morreolhe algũa gente.

CAPITOLO XLI.

Da segunda armada que ho Emperador mandou ás ilhas de Maluco.

No liuro Sexto fica dito, como hũa das naos da armada de Fernã de magalhaẽs cõ que ya descobrir Maluco tornou a Seuilha com Crauo, & sua tornada & a mostra do Crauo q̃ leuou, deu causa ao Emperador Carlos, mãdar outra armada doutras cinco naos q̃ fosse a Maluco

a fazer fortaleza na ilha de Tidore, pola amizade que os Castelhanos acharã ẽ el rey dessa ilha, & desta armada foi por capitão mór hũ frey Garcia de Ioaeis frade duma das ordẽs da caualaria de Castela, & desta armada sómẽte a capitaina passou a Maluco com outro nauio mais pequeno, porem sem ho capitão mór, de que não soube ho q̃ fez. E desta nao que digo era capitão hum fidalgo Biscainho, que auia nome Martĩ inheguez de Carquicios, que era justiça mór da armada, & chegãdo a hũa ilha soube como os Portugueses tinhão fortaleza, & armada na ilha de Ternate, & por isso recolheo a gente do nauio na nao, & ho queimou, & ficou com trezẽtos homẽs todos escolhidos, com que seguio sua viajẽ, & foy ter a traues das ilhas do Morro, no mesmo instãte que dõ Iorge ali foy ter, & ouue vista dos nauios em q̃ ya, & por lhe auer medo que conheceo serem dos Portugueses se escõdeo, & foise meter no golfão q̃ chamão de Camafo, cuja terra era del rey de Tidore, & por os moradores conhecerem q̃ erão Castelhanos, polo que sabiao da amizade que el rey tinha coeles os receberão muyto bem. E os Castelhanos sabendo a guerra que os Portugueses tinhão feyto a el Rey de Tidore, prometerãolhe de os vingar deles com lhes tomar a fortaleza & matarẽnos a todos & comerẽnos assados, & outros muytos feros com que os da terra estauão muy satisfeytos, & dauãlhes tudo sem dinheiro, & assombrauão coeste fauor os moradores doutros lugares del Rey de Ternate nossos amigos.

CAPITVLO XLII.

De como chegou hũa nao de Castelhanos ás ilhas de Maluco.

A noua destes dous nauios de dom Iorge de meneses q̃ forão vistos antre aquelas ilhas do Morro foy ter á ilha de Ternate, donde se deu a dom Garcia anrriquez sem declaração se erão os nauios de Portugueses ou de Castelhanos. E como isto ficaua duuidoso logo dom Garcia determinou de saber a verdade porque receaua serem Castelhanos, & mandouho saber per Martim correa que foy em hũa cora cora com hũ soo Portugues chamado Diogo da guerra por saber bem a lingoa da terra, & a outra gente forão Mandarins. E nesta cora cora foy ter a Camafo a hum lugar del rey de Ternate, onde foy certificado ser a nao de Castelhanos, & de quão fauorecidos os vassalos del rey de Tidore estauão coeles, & que tinhão grande armada, & conselharàlhe q̃ não fosse lá porque Martim correa ho quisera fazer. E vendo que ho aconselhauão bem tornouse pera a fortaleza com aquela noua: que sabida per dom Garcia mandou com conselho hũa armada a esperar esta nao quando fosse de Camafo pera Tidore que assi cuydarão que fosse: & a capitania moor desta armada deu a Manuel falcão, & forão nela setenta Portugueses em dous nauios, & Cachil daroes leuaua doze carascoras. E chegando Manuel falcão ao meyo do caminho màdou polo ouuidor da fortaleza hũa carta que leuaua de dom Garcia pera Martim inheguez que lhe ele foy dar em saindo do golfam de Camafo: & isto pera ter achaque de ver a nao como ya apercebida, & ho numero dos Castelhanos. O que tudo ho ouuidor vio muyto bem, & q̃ a nao ya muyto bem artilhada & cõ muytas armas, & os Castelhanos serião trezentos. E Martim inheguez lhe deu azo pera que ho visse muyto bem & ho dissesse a dom Garcia, que ele

sabia bem quão pouco poder tinha assi de gente como doutras cousas que tudo lhe disserão os da terra: & por isso estaua muyto sobre os Portugueses & não os tinha em conta, mas nem por isso deixou de responder á carta de dom Garcia cõ muytos offerecimentos & cortesia. E despedido ho ouuidor coesta carta seguio sua viagem pera Tidore, onde chegado & metida a nao dentro no arrecife, mandou fazer na entrada dele dous baluartes de pedra ensosa q̃ artilhou muyto bẽ com algũa artelharia da nao: & estes goardauão a ẽtrada do porto, & a nao estaua defronte cõ a artelharia q̃ lhe ficou, q̃ parecia hũa fortaleza. E ho ouuidor de dõ Garcia despois q̃ se despedio de Martim hinheguez tornouse a Manuel falcão q̃ sabẽdo ho modo de q̃ a nao estaua ouue por escusado cometela ĩdo tão singelo, & tornouse pera a fortaleza & deu cõta a dõ Garcia do q̃ achou. E Martim hinheguez despois q̃ se fortaleceo como digo, mãdou dizer a dõ Garcia por hũ homẽ desses principais q̃ yão coele, q̃ ele era ali vindo por mãdado do Emperador seu senhor cujas aq̃las ilhas erão, assi por estarẽ na sua demarcação, como por Fernão de magalhães seu vassalo lhas descobrir polo q̃ tinha tomado posse delas, & mais as tinha per hũa sentẽça q̃ ouuera contra el Rey de Portugal: & por estas causas todas despois de estas ilhas serẽ descubertas, ficarão ali trĩta de seus vassalos q̃ forão na sua armada cõ feytoria em q̃ ficara muyta fazenda, & bẽ xl. peças dartelharia, & q̃ não achaua nhũa cousa destas, & q̃ os da terra lhe dizião q̃ os Portugueses tomarão tudo & matarão os Castelhanos q̃ ficarão na feytoria, & mais os achauão cõ fortaleza feyta nas terras do Emperador sem sua licẽça q̃ folgaria de saber a rezão q̃ os Portugueses teuerão pera fazerẽ estas cousas: porq̃ de tudo auia de tirar estormẽtos pera se q̃ixar ao Emperador. E chegado este messageiro a dõ Garcia lhe disse tudo isto: ao q̃ ele respondeo, q̃ aquelas ilhas & outras muytas não erão nẽ forão nũca do Emperador, nẽ lhe podião caber ẽ sua demarcação, porq̃ nã

a auia & q̃ a ouuesse, ele sabia certo nã lhe caberẽ nela, & q̃ se ouuera sẽtẽça cõtra el rey seu señor a veria, por os q̃ a derão serem seus vassalos: & q̃ tambẽ os juyzes Portugueses a derão por el Rey seu senhor, pelo q̃ não era aquela a rezão por õde as ilhas de Maluco erão suas, nẽ menos por as mãdar descobrir por Fernão de magalhães q̃ as não descobrio de nouo, por auer mais de dez annos q̃ as descobrira Antonio dabreu por mãdado Dafonso dalbuquerq̃ gouernador q̃ naq̃le tẽpo era das Indias por el Rey de Portugal: do q̃ ho mesmo Fernão de magalhães fora testemunha, & tẽdo certeza õde aq̃las ilhas jazião, por fazer treição a el Rey de Portugal fizera crer ao Emperador serẽ de seu descobrimẽto, & fizera q̃ as ya descobrir indo por outro caminho & nauegação, onde ouuera ho fim q̃ merecia por ser tredoro a seu senhor natural q̃ era el Rey de Portugal & não ho Emperador: & q̃ do tẽpo q̃ Antonio dabreu descobrira estas ilhas, logo algũs reys delas ficarão amigos del Rey de Portugal, & forão cõtẽtes de os Portugueses tratarẽ em suas terras, & dali por diãte sẽpre lá tratarão, & por rogo del rey de Ternate ho passado mãdara el Rey de Portugal fazer naq̃la ilha hũa fortaleza. E indo a fazer Antonio de brito achara certos Castelhanos na ilha de Tidore, q̃ por nã terẽ licẽça del Rey de Portugal pera andarẽ por suas terras os mandara ao gouernador das Indias pera saber a rezão porq̃ o fazião, assi q̃ aq̃las ilhas erão por dereyto del Rey de portugal, por cujo mãdado ele estaua por capitão naq̃la fortaleza q̃ defẽderia ate a morte a quẽ lha quisesse tomar, & defẽder a qualquer gente do mundo que não andassem por aq̃las ilhas sem licença del Rey de Portugal, & que assi faria aos Castelhanos pois ãdauão sem ela, pelo q̃ lhe requeria da sua parte, & da do Emperador q̃ logo se fosse pera a fortaleza, & não querẽdo estar de mistura com os Portugueses lhes daria hũ lugar apartado em q̃ esteuessem á sua vontade: & mais lhe requeria q̃ não comprasse nhũ crauo q̃ ho não podia fazer por ser todo pera el

Rey de Portugal, & não querẽdo por sua võtade fazer hũa cousa nẽ outra, ele protestaua de lho fazer por força sem por isso encorrer ẽ nhũa pena pois ho fazia por seruir a el Rey de Portugal seu senhor. E coesta reposta se foy o messageiro, & porẽ Martĩ hinheguez não se quis ir pera a fortaleza, & mãdou requerer a dõ Garcia q̃ ho deixasse estar õde estaua, & sobristo ouue muytos recados de parte sem tomarẽ nhũa concrusam, & cada hũ tirou seus estormẽtos do q̃ requeria.

CAPITVLO XLIII.

Do que aconteceo a dom Garcia anrriquez cõ os Castelhanos, & do mais q̃ sucedeo.

Vendo dom Garcia que Martim hinheguez nã se queria tirar de Tidore & fazia aleuantar ho preço do crauo dando por ele quatro tanto do q̃ estaua assentado na feytoria, determinou de lho fazer por força, & isto cõ conselho de Manuel falcão feytor & outras pessoas principais, & que ele em pessoa fosse a este feyto. E isto assentado, partio hũa noyte leuãdo ate cẽ Portugueses, & muytos dos da terra embarcados em corascoras & outros nauios, & pera baterem a nao & os baluartes leuou tres camelos, hũ em hũ batel com hũa manta & os dous em hũa fusta & hũ calaluz, & nestes não ya outra gente de peleja se não os capitães, bombardeiros & remeiros: & a fusta q̃ ya diante em chegãdo defrõte dũ dos baluartes que a sintirão os Castelhanos cõ quanto fazia escuro, tiraranlhe tantas bõbardadas que lhe matarão hũ remeiro, & quebrarão a cana do leme, quebrãdo hũa mão ao que ya a ele. E ho capitão da fusta sem mais esperar por dom Garcia começou logo desbombardear ho baluarte, & por os tiros serẽ muyto ameude arrebẽtou ho camelo, pelo q̃ se retirou pera onde estauão a fusta & ho calaluz: & dom Garcia mãdou logo por outro camelo á fortaleza que veo antes q̃ amanhecesse &

foy assestado na fusta, & manhaã clara mãdou dõ Garcia dar bateria aos Castelhanos com ho batel, fusta & calaluz: & eles q̃ virão como se a cousa ordenaua começão de desparar sua artelharia dos baluartes & da nao, & era tãta que os pelouros q̃ tirauão parecião que auião dentulhar ho mar: & receando os q̃ yão no batel, fusta, & calaluz q̃ os fizessem ẽ pedaços, não ousarão de chegar muyto & poserãse tão lõge q̃ quãdo os seus pelouros desparauão yão dar no mar & de chapeletas chegauã jũto da nao q̃ aĩda não chegauão a ela: & os Castelhanos como q̃ zombauão deles lhes dauão muytas apupadas. E dom Garcia tambẽ nã ousaua de chegar com as corascoras por serẽ muyto fracas que erão cosidas cõ cordas & qualquer tiro as faria em pedaços. E neste joguete q̃ mais ho parecia q̃ peleja esteuerão ate ho meyo dia q̃ sobreueo a viração. E vendo dom Garcia que não fazia nada, afastouse com toda sua armada: & tambem porque lhe faltaua a poluora, & auia de mandar por ela á fortaleza, & em quanto mãdou ficou em hũa enseada: & estando ali sayo Martim correa, ho feytor & outros ate quinze em terra. E estando oulhãdo hũ lugar de mouros q̃ estaua em hũ alto pera ho irem queymar, algũs Castelhanos que estauão no lugar & os sintirã, forão muyto secretamente por antre ho mato, & começarão de lhes tirar cõ espingardas & béstas, & hũ quadrelo deu a Martim correa abaixo de hũa orelha q̃ deu coele no chão quasi morto. E por este desastre, & tambem por dom Garcia ver que não podia fazer nhũ dãno aos Castelhanos, nã quis ali estar mais & tornouse pera a fortaleza com sua armada, do que os Castelhanos ficarã muyto soberbos crẽdo que os Portugueses fugião com medo, & assi ho dizião aos da terra, porem a nao ficou tão aberta do muyto jugar da artelharia, & por ter a quilha no chão, & por ser velha abrio de todo & se ẽcheo dagoa & perdeose sem mais aproueitar pera nada: do que os Castelhanos ficarão muyto tristes, & nã fizerão mais nhũ reboliço de guerra, & deixarãse es-

tar como homẽs que descansauão, & dõ Garcia fez ho mesmo: & porque era chegada a moução pera Malaca em q̃ auião de partir pera lá algũs jũgos, determinou de auer algũ crauo pera el Rey, porque este era ho proueito que pretendia daquela fortaleza, & ainda ate então não tinha auido nhũ com q̃ forrasse parte do muyto gasto que fazia naq̃la fortaleza. E a causa de não se poder auer nhũ crauo pera el Rey era serẽ os Portugueses tão cobiçosos q̃ ho atrauessauão todo, dando por ele ho dobro que se daua na feytoria, & fazendo muytos mimos aos negros que lho vendião, pelo q̃ ho não querião leuar á feytoria, & ho mesmo feytor & escriuães ho comprauão antes pera si que pera el Rey, & por isso não podia auer nhũ. E sabẽdo dõ Garcia isto, mãdou que toda pessoa do crauo q̃ teuesse desse a decima parte a el Rey pelo preço da feytoria, & quando ho não quisesse dar por sua vontade lho tomassem por força, & assi ho mandou apregoar, com o q̃ todos receberão muyto pesar & poserãse em ho não consentir, & chamarão em sua ajuda Cachil daroes & assi muytos Mandarĩs. E vẽdo dõ Garcia este aluoroço, & achãdose só & sem poder pedir socorro ao gouernador, & receando que se apertasse muyto, q̃ lhe fugissem os Portugueses, & ficando só lhe tomassẽ os mouros aa fortaleza deixou sua determinaçã & ẽtẽdeo ẽ fazer sua fazẽda como os outros fazião, & no Ianeyro seguĩte mãdou ẽ hũ jũgo q̃ partio pera Malaca Martĩ correa & Manuel lobo cõ cartas ao capitão de Malaca em q̃ lhe pedia socorro de gente de q̃ tinha muyta necessidade por amor dos Castelhanos q̃ ficauão em Tidore & em Geilolo.

CAPITVLO XLIIII.

De como Antonio de miranda dazeuedo prometeo a Pero mazcarenhas de lhe obedecer.

Entrado ho verão, partiose Antonio de mirãda dazeuedo capitão mór do mar da India de Cochim meado Setẽbro cõ toda a armada pera Goa, & por ele escreueo Afonso mexia védor da fazenda ao gouernador o q̃ passara aq̃le inuerno com os requerimentos de Pero mazcarenhas, a que deuia de mandar pera Portugal por ser na India muyto perjudicial ao seruiço de Deos & del Rey, não sabendo ainda q̃ era solto. Partido Antonio de miranda foy ter a Cananor pera ver se tinha dõ Simão necessidade dalgũa cousa, & estando no mar lhe mãdou Pero mazcarenhas hũ requerimento por dom Simão em que lhe requeria, q̃ pois dom Simão & Christouão de sousa com a mayor parte dos fidalgos da India & gente darmas que andaua nela vendo como Lopo vaz de sam Payo não se q̃ria poer coele em justiça pera se saber cuja era a gouernãça & a queria ter por força ho tinhão obedecido por gouernador. E ele com tudo queria justiça por pacificação da India, lhe requeria da parte del Rey que tambẽ ho obedecesse porque vendose Lopo vaz sem armada consentiria que se julgasse por dereyto a qual deles pertencia a gouernãça, protestãdo de não querendo satisfazer a seu requerimento correr em pena de lhe pagar seus ordenados proes & percalços que auia dauer como gouernador & mais a q̃ parecesse bem a el Rey. E visto este requerimento per Antonio de miranda, vendo q̃ Pero mazcarenhas estaua obedecido por gouernador, & que de ele & Lopo vaz serẽ ambos gouernadores se auia de seguir muyto deseruiço de Deos & del Rey, respondeo que ele não podia obedecer por gouernador a Pero mazcarenhas ate nã saber do gouernador que não se queria poer em justiça: & quando ho

soubesse que então lhe desobedeceria: o que não satisfazendo a Pero mazcarenhas, lhe mandou requerer q̃ do que dizia lhe desse hũ assinado. O que ele fez polas causas q̃ digo, parecendolhe que aquele era ho melhor talho que podia dar, & deu ho assinado que eu vi, & dizia.

« Digo eu Antonio de mirãda dazeuedo capitão mór do mar da India polo muyto poderoso Rey de Portugal nosso senhor q̃ me obrigo ao senhor Pero mazcarenhas, de fazer com ho senhor Lopo vaz de sam Payo q̃ ora he gouernador da India, que se ponha coele em dereyto: q̃ tambẽ pretẽde ser gouernador dela sobre qual deles ho será. E não querendo ele poerse neste juyzo, por este dou minha fé, preito & menagẽ ao dito senhor Pero mazcarenhas de me ir parele & lhe obedecer como a verdadeiro gouernador: feyto per mim & assinado aos dezasete de Setembro de mil & quinhentos & vinte sete.

Dado este assinado partiose Antonio de miranda pera Goa õde logo ho gouernador soube como ho dera, & estranhoulho muy asperamente, affirmandolhe q̃ se não auia de poer em justiça sobre a merce q̃ lhe el Rey fizera, que bẽ se poderia ir pera Pero mazcarenhas, porq̃ outrẽ acharia q̃ fosse capitão mór do mar. E ele se desculpou, dizendo q̃ não dera ho assinado com tenção de ho comprir se não por se espedir de Pero mazcarenhas que conhecera que estaua tão danado q̃ receou de fazer coele algũ desmãcho. E ho gouernador foy acõselhado q̃ tirasse a capitania mór do mar a Antonio de miranda pelo q̃ fizera, mas ele não quis porq̃ não fizesse mais aluoroço na gente, & por ver se podia fazer as cousas por bẽ, & mandou logo Antonio de mirãda a Chaul (donde ainda Antonio da silueira não era vindo) pera que se entregasse da armada q̃ lá estaua, & fizesse entregar a capitania da fortaleza a Francisco pereyra de berredo.

CAPITVLO XLV.

Do que Antonio de miranda & Christouão de sousa fizerão.

E chegando aa barra de Chaul achou Antonio da silueira q̃ se partira pera Goa, & disselhe que esperasse ate ver se Christouão de sousa queria satisfazer ao recado do gouernador, & mandoulhe dizer como estaua ali q̃ compria muyto ao seruiço del Rey verẽse ambos, a que ele respõdeo que se era pera lhe entregar a armada & a capitania da fortaleza que ja dissera que ho não auia de fazer por ter mandado emcontrairo de Pero mazcarenhas seu gouernador, & mãdoulhe requerer com os officiaes da fortaleza & cõ os fidalgos q̃ inuernauão coele, que visse a força q̃ Lopo vaz de sam Payo & Afonso mexia fazião a Pero mazcarenhas em lhe tomarem a gouernança, não querẽdo ele se não o q̃ fosse dereyto: & pois estaua em sua mão fazer determinar este caso por justiça, que fizesse cõ Lopo vaz que ho quisesse. E fazendo sobristo grandes protestações contra Antonio de miranda: que despois de responder a estes requerimentos se vio cõ Christouão de sousa na fortaleza, onde concertarão ambos ho modo que se teria pera q̃ Lopo vaz de sam Payo se posesse em justiça com Pero mazcarenhas pera pacificação da India, & q̃ os juyzes q̃ determinassẽ este caso fossẽ no mais de sete. s. Antonio de miranda, dõ Ioão deça, Francisco pereyra de berredo, Baltesar da silua, Gaspar de paiua capitães de duas naos da carrega, frey Ioão daluim da ordẽ de sam Francisco que em leygo se chamara Ioão lopez daluim, frey Luys da vitoria da ordem de sam domingos, & Christouão de sousa. quis q̃ fossem estes juyzes, posto q̃ sabia q̃ tirãdo os dous frades os outros tinhã assinado q̃ Lopo vaz era gouernador verdadeyro, mas porq̃ ele nã teuesse q̃ dizer os cõsẽtio & por isso nã quis ele ser hũ dos juyzes, nem quis que ho fosse nhũ fidalgo seu parente nem ho-

mem de q̃ se presumisse ser da openião de Pero mazcarenhas que pois Antonio de miranda foy nomeado por juyz bem ho podera ele ser mas não quis por esta causa, & porque não era seu fim se não apacificar a India, & que não se determinasse esta deferença por armas, porque nisto cria q̃ seruia Deos & el Rey que era o que lhe lembraua, & não outra cousa. E sendo nomeados estes juyzes antrele & Antonio de miranda com juramento de terem nisso segredo ate ho tempo de se declararẽ, porq̃ nem Pero mazcarenhas, nẽ Lopo vaz ho soubessem, ao outro dia se ajuntarão na igreja com ho feytor & alcayde mór da fortaleza, & outros officiaes, & fidalgos, & pessoas principais que inuernauão nela, relatãdo ambos as cousas passadas, & dizendo quão necessario era pera pacificação da India que ho gouernador se posesse em justiça cõ Pero mazcarenhas tinhão ambos cõcertado hũa pauta q̃ lhes mostrauão pera dizer cada hũ se se acrecẽtaria mais nela ou diminuiria, & os capitolos dela forão estes.

« Que Antonio de mirãda daria hũ assinado a Christouão de sousa tal como o q̃ dera a Pero mazcarenhas.

« E outro em que se obrigasse a leualo a Goa, & seguramente podesse falar ao gouernador sem perjuyzo de sua fazenda, parentes amigos & criados, pera lhe req̃rer o q̃ lhe parecesse seruiço del Rey, sem interuirẽ outras palauras fora da materia, assi de sua parte como da do gouernador.

« E q̃ chegãdo á barra de Goa deixaria a armada de fora & ficaria nela Antonio da silueira em arrefens entregue a hũ fidalgo sem sospeita naquele negocio, com lhe ele tomar a menagem, que sendo caso q̃ ho gouernador prendesse a Christouão de sousa, que aquele fidalgo se fosse pera Pero mazcarenhas cõ a armada & ho obedecesse por gouernador.

« E q̃ Christouão de sousa daria a Antonio de mirãda hũ estormẽto assinado por ele & polos officiaes da fortaleza & fidalgos q̃ inuernauão nela em q̃ prometessem

de lhe obedecer com toda a armada q̃ estaua em Chaul ate chegarẽ a Goa & se comprir ho atras capitulado: & tembẽ prometerião no estormẽto, que não querendo Pero mazcarenhas o que fosse seruiço de Deos & del Rey q̃ se fossem pera ho gouernador, & que se não falasse mais em Pero mazcarenhas ser gouernador: & ho mesmo prometeria ho alcayde mór q̃ ficasse por capitão na fortaleza de Chaul q̃ a entregaria ao gouernador & não a Pero mazcarenhas.

« E q̃ quâdo ho gouernador & Pero mazcarenhas se posessem em justiça sobre a gouernãça antes de os juyzes da causa pronũciarẽ cousa algũa prometerião cõ juramento q̃ aq̃le q̃ ficasse por gouernador não ẽtẽderia na pessoa, nẽ na fazẽda do outro, nẽ nas de seus criados, parẽtes & amigos, nẽ desfaria o q̃ o outro teuesse feyto, & a qualquer deles q̃ nisto não quisesse consentir que lhe desobedecessem.

« E que os juizes que ouuessem de julgar aquela deferença, serião pessoas sem sospeita, que eles ambos Cristouão de sousa, & Antonio de miranda, declararião quãdo fosse tempo.

« E q̃ tãto q̃ ambos de dous chegassem a Goa serião soltos, Eytor da silueira, dõ Iorge de crasto, dõ Antonio da silueira, & quaesquer outros que esteuessem presos por aquele caso de Pero mazcarenhas, que tãbem prometeriã de goardar ho que ali determinauã, & que esta deferença se determinaria em Cochim, õde se ajuntarião, Lopo vaz de sã Payo, & Pero mazcarenhas & em partindo Lopo vaz de Goa disistiria logo da gouernança, & iria como pessoa priuada, em poder Dãtonio de miranda, & em Cananor se lhe ẽtregaria Pero mazcarenhas pelo mesmo modo, & querendoo ele leuar ẽ seu poder, se entregaria Lopo vaz, a Cristouão de sousa, ou a dom Simão de meneses, pera que ho leuassem no nauio em q̃ fossem. E que alẽ do seguro que Antonio de miranda auia dauer a Cristouã de sousa, lhe aueria outro do capitão de Goa, & dos officiaeis da ca-

mara da cidade, com juramento q̃ farião, que não goardando ho gouernador ho seguro que lhe desse, lhe desobedecerião, & obedecerião a Pero mazcarenhas. »

E despois de lida esta pauta, q̃ todos a ouuirão, disse Cristouão de sousa a causa porque se fazia, requerẽdolhes a todos cõ ho capitã mór do mar, que lha ajudassem a poer em efeyto, & que assi ho prometessẽ todos por juramento, ho que eles fizerão, tendo muyto em merce a Cristouão de sousa, & a Antonio de miranda fazerẽna. E de tudo foy feyto hũ auto por Gaspar afonso tabalião pubrico da fortaleza, que foy asinado por todos, aos quatro Doutubro de mil & quinhentos & vinte sete.

CAPITVLO XLVI.

De como ho gouernador, & Pero de faria, & outros jurarão de comprir a pauta que fizerão Cristouão de sousa, & Antonio de miranda.

Feyta esta pauta foy leuada a Antonio da silueira, por Antonio de miranda, pera que consentisse nela, & ele consentio muyto contra sua vontade, & por não poder mais fazer, & estranhando muyto a Antonio de miranda fazela. E feytos dela dous terlados, hũ pera Cristouão de sousa, outro pera Antonio de miranda, que se partio no mesmo dia, & ao outro Cristouão de sousa, deixando entregue a fortaleza a Aluaro pinto alcaide mór dela, & despois de chegarẽ todos jũtos á barra de Goa, Antonio de miranda se foy ao gouernador, & perante ho licenciado Ioão do soiro ouuidor geral da India, & ho secretario, lhe mostrou a pauta que fizera com Cristouão de sousa, dizendo que a fizera por euitar os grandes males que vira que estauão ordenados, por Cristouão de sousa, & por os q̃stauã coele que muy estreitamente lhe requererão q̃ consentisse nela: & por isso consentira muyto contra sua võtade, porque bem sabia que ele era verdadeyro gouernador, & pera ho ser tra-

balhara q̃ os juyzes fossem sem sospeita & no mais de sete pera terem menos que apurar. Do que ho gouernador ouue muyto grãde menencoria, & porque ho feyto não se podia desfazer, nã lhe disse mais se não que ele mesmo tinha a culpa do que ele fizera, pois se fiara mais dele despois de dar ho assinado q̃ dera a Pero mazcarenhas, & que fizera mal de fazer aq̃la pauta, porque se fora por escusar males que então estauão mais armados que nũca. E querendose Antonio de mirãda disculpar, disse ho gouernador que não erão necessarias disculpas pois fizera sua vontade, mas que cresse q̃ os juyzes não auião de ser mais de sete auendose de poer em justiça, & ele lhe disse que não serião, & disso lhe daria hũ assinado se ho quisesse. E tendo ele jurado com Christouão de sousa de terem em segredo os juyzes que ouuessem de julgar aquela deferença ate ho tempo em q̃ se ouuessem de declarar por comprazer ao gouernador lhos descobrio, & forão os que disse. E contente ho gouernador deles, lhe pedio hũ assinado que não fossem outros, nem fossem mais: & ele lho deu, & ho ouuidor geral, & ho secretario assinarão como testemunhas. E ficando a pauta ao gouernador vio a coeles & com Pero de faria, que lhe conselharão que consentisse nela, porq̃ não ho fazendo se leuãtarião todos contrele, & primeyro a mandaria mostrar aos officiaes da camara da cidade, & contentandolhes consentiria nela com condição q̃ fosse como gouernador ate Cananor, & que a honrra Dafonso mexia fosse goardada & não consentirião que ficando Pero mazcarenhas por gouernador ho tirasse de nhum dos officios que tinha, por qualquer maneyra que fosse, & ho entregaria seguro ao gouernador que fosse do reyno. E contente Christouão de sousa disto, mandou ho gouernador soltar os presos, & deu ho seguro a Christouão de sousa pera ir a Goa, & ele não quis ir por lhe escreuerem que não fosse, porque ho gouernador tinha determinado de ho prender com Antonio de miranda, & por isso se determinou que se dissesse hũa

missa na agoada de Goa, & leuantando ho sacerdote a hostia, jurassem nela Antonio de miranda & Christouão de sousa perante dom Ioão deça & Antonio rico secretario da India q̃ ho gouernador iria como gouernador ate Cananor: & q̃ verdadeyramente segũdo suas cõciencias escolherião pera juyzes daquela deferẽça aqueles homẽs que lhes parecesse q̃ melhor & cõ mais conciẽcia determinassem aq̃la causa sem descobrirem per si nem por outrem os que tinhão escolhidos. E tambem jurarião o que tocaua ao védor da fazenda. E leuados estes capitolos por dom Ioão deça & por Antonio de miranda a Christouão de sousa, ele lhes disse que se acrecentassem na pauta: porem que por quanto ho galeão sam dinis em que ho gouernador andaua, era a mayor força que andaua na India, por andar marauilhosamente artilhado, & nele sómente podia pelejar com toda a outra armada da India auia de jurar que como chegasse a Cananor se passaria como preso á galé em que andaua Antonio de miranda. E sendo ho gouernador disto contente, aos vinte Doutubro foy dita hũa missa na agoada de Goa na terra firme: & sendo presentes Christouão de sousa, Antonio de miranda, dom Ioão deça & outros muytos fidalgos em ho sacerdote leuantando a hostia disse Antonio rico que hi estaua aos circunstantes se jurauão por aquele verdadeyro Deos em q̃ firmemẽte crião como fieis Christãos de comprir & goardar o que foy assentado na pauta de Chaul: & que ho gouernador fosse em posse da gouernãça & com toda sua hõrra ate Cananor, & que goardassem em tudo o que cumprisse á honrra do védor da fazenda, & não consentissem que ficãdo Pero mazcarenhas por gouernador lhe tirasse nhũ dos officios que teuesse se não que ho deixasse estar ate ir gouernador de Portugal, & dizendo cada hũ em alta voz que si, disse a Christouão de sousa & a Antonio de miranda se jurauão na mesma hostia que bem & verdadeyramente escolhessem pera juyzes daquela deferença aqueles que segundo seu parecer melhor & com mais

saã conciẽcia a determinassem, & que nem por si nem por outrẽ auião de descobrir quẽ erão ate não ser tempo de se declararem, & eles disserão que si. E destes juramẽtos fez ho secretario hũ auto q̃ todos assinarão: & logo ao outro dia vinte hũ Doutubro, no mosteiro de sam Frãcisco de Goa estando hi Pero de faria capitão dela & officiaes da camara, & quãtos fidalgos auia nela & ho vigairo geral com toda a clerizia, tendo frey Gonçalo guardião do mosteiro ho sanctissimo sacramento nas mãos estãdo ho gouernador em giolhos, disse em voz q̃ todos ho ouuissem. Bem sabeis os q̃ aqui estais como por vos & por outros muytos que estão ausentes nã hũa vez mas tres fuy jurado por gouernador da India por as prouisões del Rey meu senhor q̃ disso tenho, & por esse fuy obedecido, pelo qual me nũca quis poer em justiça sobre a gouernança com Pero mazcarenhas, nẽ agora me posera se nã vira claramẽte quãto Deos & el Rey serão deseruidos, & por isso mais por força que por vontade, & como quem mais não pode me ponho em dereyto, & juro naquela hostia consagrada de assi ho fazer, & chegando a Cananor desistir do mando de gouernador, & não do dereyto que tenho na posse da gouernança, que deste não ey de disistir antes protesto de me ajudar dele em todo ho tempo que me for necessario, & assi jurou de se ẽtregar como preso na galé Dantonio de miranda, & de comprir os mais capitolos da pauta que ele fizera com Christouão de sousa em Chaul com condição que fosse goardada inteiramente a honrra do vedor da fazenda como estaua assentado: & ho mesmo juramento fizerão Pero de faria, Ioão do soiro, os officiaes da camara, & todos os mais q̃ ho auiã de fazer, & ainda ho não tinhão feyto: & de tudo ho secretario fez hum auto que todos assinarão.

CAPITVLO XLVII.

De como Pero mazcarenhas & Lopo vaz de sã payo desistirão em Cananor do mando de gouernadores.

Acaba isto q̃ todos ouuerão por muyto grande cousa por quão difficultosa lhes parecia poerse ho gouernador em justiça, partiose ele pera Cananor hũ dia despois de partidos Antonio dazeuedo & Christouão de sousa. E foy esta partida tão prestes q̃ os do bãdo de Pero mazcarenhas se espantarão muyto, porque cuydauão que ho gouernador ho não seria mais que ate Cananor, & que ele assi ho cria por ter tantos cõtra si. E chegãdo todos a Cananor aos seys de Nouembro forãse logo á fortaleza Christouão de sousa & Antonio dazeuedo, & mostrarão a pauta a Pero mazcarenhas pera a jurar de que ele foy contente, dizendo que tudo cõsentiria por pacificação da India: mas que estaua muyto descontente do que vira em hũa carta que ho gouernador mandaua ao védor da fazenda, que ele ouuera por sua diligencia, & nela nomeaua os juyzes que tinhão escolhidos pera determinarem aquela deferença, & que ali vira claramente quão sospeito lhe era frey Ioão daluim pola muyta confiança q̃ Lopo vaz mostraua ter que auia de julgar por ele polas rezões que daua pera isso. E mostrando a carta virão Antonio de miranda & Christouão de sousa que era assi, & por isso lhes requereo que tirassem frey Ioão daluĩ & metessẽ outros: & Pero mazcarenhas quisera que Christouão de sousa fora hũ deles, dizendo que ho podia ser pois ho era Antonio de miranda, & ele não quis por saber q̃ Lopo vaz ho tinha por sospeito, & em lugar de frey Ioão daluim meterão cinco pera serem juyzes, que forão Lopo dazeuedo, Antonio de brito que fora capitão de Maluco, Nuno vaz de castelo branco capitão & feytor do nauio do trato de çofala, Tristão de gá, Bastião pirez vigairo geral da India. Do q̃ Antonio de

miranda foy contẽte com quanto tinha dado seu assinado ao gouernador que os juyzes não auião de ser outros se não os sete que lhe dissera em Goa, & estes que forão acrecẽtados ficarão assi nomeados antrele & Christouão de sousa com juramento de não se descobrirem a ninguem, nem Antonio de miranda ho disse a Lopo vaz. Isto assentado, ao outro dia se ajũtarão na igreja da fortaleza Pero mazcarenhas, dom Simão de meneses, ho feytor & alcayde mór cõ os mais officiaes da fortaleza, Antonio de mirãda, Christouão de sousa com outros muytos fidalgos, & perante todos & do secretario despois de ouuida missa, tendo Bastião diaz vigairo da fortaleza nas mãos ho sanctissimo sacramento, jurou Pero mazcarenhas por ele de cõprir em tudo o q̃ estaua na pauta que disse, declarando que quãdo disistisse de ser gouernador, & se entregasse como pessoa priuada, disistiria sómente do mãdo de gouernador, & não do dereito que tinha na gouernança, dizendo que não insistira tanto em o ser, se não por crer que era sua, & q̃ era contente que ficando Lopo vaz por gouernador, ho mãdasse preso pera Portugal: & acabando ele de jurar, jurou dom Simão, & despois os officiaeis, fidalgos, & pessoas principaeis, & todos assinarão em hũ auto que ho secretario fez disso, & tãbẽ ho assinou ho gouernador. E despois disto a requerimento de Pero mazcarenhas fez ho mesmo secretario hũ auto, em que se declarou que os juizes que auião de julgar aquela contenda, não auião de julgar mais se nã quem era bem q̃ gouernasse pera pacificação da India, porque cuja era a gouernança por dereito, el rey ou seus desẽbargadores ho auião de determinar. Feytas todas estas cousas, embarcouse Pero mazcarenhas no galeão de Cristouão de sousa, como estaua assentado na pauta, & porq̃ ali se mudou Antonio de miranda da galé em q̃ andaua ao galeão sam Dinis, & Lopo vaz de sã payo lhe auia de ser entregue pera ho leuar a Cochim, ficou no mesmo galeão, do que se Pero mazcarenhas queixou a Cristouão de sou-

sa, & a Antonio de miranda, dizẽdo que Lopo vaz não compria ho capitolo da pauta, no modo que auia de ser entregue, & disistir de gouernador, pois ya no galeão sam Dinis, que era a mayor força da India, & podia nele pelejar com toda a armada, & mais leuaua bandeira na gauea, q̃ aquilo não era desistir de ser gouernador, se não selo como dantes, requerendo q̃ fosse como estaua assentado, ho que Lopo vaz não quis fazer. Ho que vendo os fidalgos, se posserão muyto contra isso, dizendo que se quebraua a pauta, & ho juramento que Lopo vaz fizera, & vẽdo Cristouão de sousa como isto era azo pera se estrouar ho bẽ questaua começado, fez cõ Pero mazcarenhas & com os outros, q̃ deixassem ir Lopo vaz como queria & ho consentirão, & embarcado Pero mazcarenhas desparou hũ tiro grosso, & a este sinal dous homẽs q̃ estauão nas gaueas dos galeões, sam Dinis, & sam Rafael, tirarão as bandeiras que ambos tinhã como capitainas, pera que sentẽdesse que em ambos estauão os gouernadores, & que ho tirar das bandeiras, era sinal que disistião do mãdo da gouernança, & ficauão como pessoas priuadas, de que se auia de fazer justiça, & eles ambos em se tirãdo as bandeiras, protestarão que não disistião mais que do mãdo da gouernãça, ate se julgar qual auia de gouernar, & da posse que tinhão não disistião. E feyto isto Antonio de miranda entregou Pero mazcarenhas a Cristouão de sousa, pera ho leuar ate Cochim, & lá lho entregar, & ele se entregou de Lopo vaz de sam payo, & se partirã todos pera Cochĩ. E quando foy esta perfia de Lopo vaz não querer sair de sam Dinis, mandou dizer a Pero mazcarenhas que por se escusarem aqueles debates, & outros muytos que sabia q̃ auião de recrecer, q̃ lhe requeria da parte del rey, que pois sem eles ambos se podia ẽ Cochim dar a sentẽça sobre aquela demanda, que ficassem na costa com a armada repartida por ambos, goardando que não leuassem os mouros pimenta, & que os juizes somẽte fossem a Cochim, & despois de dada a

sentẽça como lhes parecesse lho mandarião dizer, & Pero mazcarenhas não quis.

CAPITVLO XLVIII.

Da desauença que ouue ãtre Lopo vaz de sã payo & Pero mazcarenhas.

E partidos como digo pera Cochĩ, chegarão lá a quinze de Dezembro, & surtos foy Antonio de miranda mostrar ao védor da fazenda, a pauta que fizera com Cristouão de sousa, pera que a jurasse como todos fizerão, ho q̃ ele não quis fazer, dizendo a Antonio de miranda q̃ como fazião tal pauta sem sua autoridade, que era a segunda pessoa da India despois do gouernador, sem cujo consentimento não se podia fazer nada que tocasse á gouernãça, estranhãdoo muyto, & dizendo que eles darião conta a el rey de cousa tão mal feyta como aquela fora, & não querendo de todo em todo ho védor da fazenda jurar a pauta, Pero mazcarenhas & todos os fidalgos de sua parte, requererão a Cristouão de sousa, & a Antonio de miranda, q̃ pois Afonso mexia não queria jurar a pauta, como Pero mazcarenhas, & Lopo vaz, com todos os fidalgos da India fizerão, no que se mostraua claramẽte ser muyto sospeito, que aquela deferença não se determinasse em Cochim, se não ẽ Coulão, que era dali hũ dia de viagem. E conhecendo Cristouão de sousa que Lopo vaz não auia de cõsentir nisso, por ter sabido que toda a esperança de ser gouernador tinha em Afonso mexia polos cargos que tinha, & como de todo em todo estaua posto em lhe fazer a võtade, ainda que fosse sem rezão, por nã dar causa a se aquele negocio determinar por armas, fez com Pero mazcarenhas, & com os de sua valia, que posto que Afonso mexia não quisesse jurar a pauta, que cõsentissem que aquela deferença se determinasse em Cochim: & consentindo nisso, forão a terra Antonio de miranda, &

Cristouão de sousa, & meteranse em santo Antonio pera nomearem os juizes que julgassem aquela deferença, & querendo Cristouão de sousa, que se não nomeasse por juiz frey Ioão daluim, & ẽ seu lugar se metessem, Lopo dazeuedo q̃ fora aquele anno de Portugal, Antonio de brito que fora capitão de Maluco, Nuno vaz de castelo branco, que fora capitã do nauio do trato de çofala, Tristão de gá, Bastião pirez vigairo geral da India: como ele & Antonio de miranda assentarão cõ Pero mazcarenhas em Cananor, Antonio de mirãda pelo scrito que tinha dado a Lopo vaz de sam payo, que os juizes nao fossem mais de sete, nem se mudassem os que estauã nomeados, não queria consentir nos que se acrecentauão, nẽ em se tirar frey Ioão daluim, nem ho quis fazer sẽ dar conta disso a Lopo vaz, q̃ quãdo ho soube, ouue disso muyto grãde menencoria, porque tinha por muyto sospeitos os juizes que se acrecentauão, & não quis consentir nisso, dizendo que não auia mais de sofrer do que sofréra, & que bẽ escusado fora a Antonio de miranda enganalo, & trazelo ali de Goa, & que ele tinha a culpa daquilo & não outrem, em tecer a meada que tinha tecida, porem que lhe não daua nada, porq̃ a ele, & aos outros todos espetaria em hũ pao, & que se fosse logo pareles, & que os ajudasse a enganalo, mas que se nã quisessem cõprir ho que estaua assentado, nã cõsentia em nhũs juizes, nẽ se queria poer em dereito, & que pelejaria cõ todos com sam Dinis somente, & a vẽtura diria quẽ era gouernador, & que ele seria obrigado a dar cõta de tudo pois fora a causa: & Antonio de miranda lhe respondeo que não enganaua nĩguẽ, antes fazia o que deuia, & no que fizera naquele caso tinha feyto muyto seruiço a Deos & a el rey, a quẽ se queixaria das injurias que lhe dissera, & outras muytas palauras descandalo se passarão antreles, que não se ouuirão por amor do grande arroido que fazião os q̃ se meterã no meyo: & Antonio de miranda se foy do galeão muyto agastado, pera ho em que estaua Pero

mazcarenhas, que sabendo ho que passaua, lhe requereo por virtude da pauta, q̃ pois Lopo vaz de sã payo nã cõsentia nos juizes, que ele & Cristouão de sousa nomeauão, & ele era deles contente, que comprisse a pauta que dizia, q̃ em tal caso ho ouuesse por gouernador sem mais contradição, & lhe requereo que por esse ho obedecesse, & ho mesmo requerimento lhe fizerão quãtos fidalgos estauã coele, & por virtude da pauta: & por estar escâdalizado das palauras que lhe dissera Lopo vaz, cõsentio no q̃ Pero mazcarenhas & outros lhe requerião, tomando testemunhas que ho fazia porq̃ Lopo vaz não queria cõprir a pauta, & fazendo sobrisso grandes protestaçoẽs, tomou logo os nauios que pode & os entregou ą Pero mazcarenhas, & forão estes a galé bastarda em que estaua por capitã Eytor da silueira, ho nauio de Nuno vaz de castelo branco, duas carauelas, de que erão capitães Vicente pegado, & Ioão de sá, hũ galeão de que era capitão Simão de melo, que naquele tempo nã estaua nele, & assi hũa galeota, & algũs bargantîs, & posto que Antonio de miranda tomasse estes nauios a Lopo vaz ficarã sam Dinis, & sam Luys, & ho çamorim, de q̃ erão capitães Martim afonso de melo jusarte, & dom Ioão déça, & as galés de Ruy pereira, & Dantonio da silueira de meneses, & a carauela de Fernão de moraeis, afora muyta fustalha q̃ estaua no porto de Cochim, & por isso ho poder de Lopo vaz era dauâtagẽ do de Pero mazcarenhas, & assi os de hũ bâdo como do outro fazião prestes suas armas, & artelharia, esperãdo por batalha, pola perfia q̃ tinha Lopo vaz em não cõsentir nos juizes que Cristouão de sousa & Antonio de mirãda nomeauão, & algũs dos de Pero mazcarenhas, dessa gente baixa, bradauão por guerra, dizendo q̃ Pero mazcarenhas não deuia de sofrer tãtas soberbas, quãtas lhe Lopo vaz fazia, & q̃ então tinha tẽpo de se vingar de quãtas injurias tinha recebido. E era pera auer medo, de como a cousa estaua aparelhada pera se perder a India, porq̃ segundo ho poder dâbos os bâdos es-

taua igoal estaua certo se dessem batalha, não se apartarem sem hũ ficar vẽcedor, & este auia de ficar de maneyra, que facilmente ho desbarataria el rey de Calicut, q̃ pera este fim tinha prestes grande armada, pera dar sobre os nossos q̃ escapassem da batalha, & todos os outros reys & senhores estauão daleuanto, pera a este tẽpo darẽ nas nossas fortalezas & as tomarẽ, & desta vez tinhão por certo ficar a India liure dos nossos, & assi ouuera de ser: porq̃ nẽ Pero mazcarenhas se queria decer do acrecẽtamento dos juizes, nẽ Lopo vaz de não serem tãtos, & tres dias durou esta perfia, em q̃ ouue muytos requerimentos de hũ ao outro, & muytas protestações de nhũ deles ter culpa do mal q̃ se seguisse da batalha que se aparelhaua, no q̃ Antonio de miranda se achaua muyto culpado por descobrir a Lopo vaz os juizes q̃ tinha concertado com Cristouão de sousa q̃ julgassẽ aq̃la contenda, & polo assinado q̃ lhe dera de não serem mais, que se estas duas cousas não forão, Lopo vaz consentira nos onze juizes, & porq̃ ele consentisse neles, se afirmou que lhe prometeo de votar por ele, & por isto consentio Lopo vaz que fossẽ aqueles onze juizes, & por lhe Afõso mexia aconselhar que consentisse neles, & despois descolhidos lhe posesse sospeições, & ho mesmo lhe cõselhou ho ouuidor geral, & tãbẽ dõ Vasco déça seu procurador lhe mostrou a pauta q̃ tinha assinada, & ho juramento q̃ tinha feyto de a cõprir, pelo q̃ não podia fazer outra cousa se não cõsentir q̃ se nomeassẽ os juizes, & por todas estas causas ho cõsentio, & mãdado chamar Antonio de mirãda lho disse, & pedindolhe perdã das palauras q̃ lhe dissera reconciliou coele. E depois de Lopo vaz consentir, requereo Pero mazcarenhas que ho tirassẽ de sam Dinis, por quãto estaua nele muyto poderoso: & Antonio de mirãda ho pos na nao sam Roque q̃ tinha pouca gente, & entregouo a Antonio da silueira de meneses seu genrro, & Pero mazcarenhas foy posto na nao Frol delamar, & entregue a Diogo da silueira, & ambos jurarão de os entregar

quãdo lhos pedissem. E com isto ficaram seguros de obedecer á sentẽça que se desse contra cada hũ deles.

CAPITVLO XLIX.

Como forão acrecẽtados mais dous juizes por parte de Lopo vaz de sam payo, & do mais que passou.

Assentado isto, logo ao dia seguinte que forã dezanoue de Dezẽbro, se forã a terra Cristouã de sousa, Antonio de mirãda, ho ouuidor geral, & ho secretairo, ao mosteiro de santo Antonio, onde se ajũtarã os mais dos capitães & fidalgos que estauão em Cochim, & perante eles nomearão Antonio de miranda, & Cristouã de sousa, as pessoas que auiã de ser juizes aluidros, da deferença que auia antre Pero mazcarenhas, & Lopo vaz de sam payo, & por ficarẽ nomeados os não torno a nomear, & declarados estes juizes, foi dita hũa missa que todos ouuirão: & no santissimo sacramento lhes deu ho secretario juramento, q̃ bem & verdadeiramẽte julgassem se pertẽcia a gouernãça a Pero mazcarenhas se a Lopo vaz de sam payo, & eles ho jurarão, & ho secretario fez ho mesmo juramento, de goardar ho assinado que cada hũ lhe daria de seu parecer, & ho não mostraria nẽ daria a ninguẽ, se nã a el rey se lhos pedisse, & de tudo fez hũ auto q̃ todos assinarão. E feyto este juramẽto, Antonio de mirãda tomou Cristouão de sousa a parte, & disselhe q̃ pera q̃ Lopo vaz de sam payo nã teuesse que dizer, quando se a sentença desse contrele, que deuião dacrecentar ainda por juizes, a frey Ioã daluim, & a Bras da silua dazeuedo, & logo pola primeira, Cristouão de sousa não queria, porq̃ sabia certo que aqueles dous erão muyto sospeitos a Pero mazcarenhas, & receaua que julgassem contrele, & não querendo ele cõsentir, lhe disse Antonio de miranda q̃ consentisse, & nã se receasse daq̃les juizes, porq̃ ele auia de votar por Pero mazcarenhas, & tãbẽ dõ Ioão déça porq̃ sabiã muyto

certo que a justiça era sua, & nã faziã aq̃la cirimonia de juizes, por mais q̃ pera apacificar Lopo vaz, & porq̃ lhe não parecesse q̃ lhe tomauão a gouernança, & a dauao a Pero mazcarenhas: & estãdo nisto acodio dom Ioão déça, & disse ho mesmo q̃ dizia Antonio de mirãda, & Cristouão de sousa consentio nisso, sem dar conta a Pero mazcarenhas, nem a nhũ de seus parentes & amigos, porq̃ lhe pareceo q̃ por mais saluas que lhes fizesse nã auião de consentir naqueles dous juizes, porq̃ os tinhão por muyto sospeitos, & por essa rezão fora tirado frey Ioão daluim a requerimẽto de Pero mazcarenhas, & tãbem porq̃ ele queria que aquela cousa se acabasse em paz, & não por guerra como se começaua de fazer que este era ho seu fim, & posto que entẽdeo que ya contra seu juramento descolher juizes sem sospeita, consentio nestes dous por euitar a guerra q̃ teue pera si que aueria se ho nã consentisse, porq̃ cometer Antonio de miranda aquilo não era sem vontade de Lopo vaz, q̃ estaua claro trabalhar pola fazer, & por cima de tudo isto Cristouão de sousa estaua só & não tinha quẽ ho ajudasse, porq̃ como ele visse as nouidades que de cada vez sobreuinhão, conheceo q̃ ainda a cousa auia de vir a estado q̃ se se não fizesse a võtade a Lopo vaz & a Afonso mexia auiã de quebrar, & como tinha assẽtado de lha fazer em tudo porq̃ não ouuesse guerra, não quis que ficasse coele nhũ fidalgo seu parente nem amigo, nẽ pessoa da valia de Pero mazcarenhas, porque acontecendo ho q̃ lhe parecia, não contrariassem sua determinação & fizessem reuolta: & consentĩdo ele nestes dous juizes, foilhes dado ho mesmo juramẽto q̃ aos outros, & assi ficarã treze, & logo eles disserão a esses fidalgos & capitães que estauão prestes q̃ mãdassẽ chamar ho védor da fazenda, porq̃ sẽ ele fazer certos juramentos não auiã de dar sentença naquele caso q̃ lhes era cometido, & vindo ho védor da fazenda, a requerimento daqueles fidalgos & capitães, Antonio de miranda ẽ nome dos outros juizes, lhe reqreo da parte del

Rey de Portugal que jurasse de entregar a fortaleza de Cochim a Lopo vaz de sam payo, ou a Pero mazcarenhas, a qual julgassem por gouernador, & isto sem manha nẽ cautela, & ele ho jurou com condição q̃ assi os juizes, como todos os capitães & fidalgos que ali estauão, & na frota jurassem solenemente q̃ tomauão sobresi a ele, & a Aires da cunha capitão de Coulão, Pero vaz trauaços, Diogo chainho, & os moradores de Cochim, & oficiaeis da camara, que não recebessem nhũ dano nem offença, assi em suas pessoas, como fazẽdas, & lhe fizessẽ dar embarcação, assi pera Portugal, como pera outros lugares, & a ele lhe não fosse negada, posto q̃ se despois alegasse que era seruiço del rey q̃ ele ficasse na India, & q̃ Pero mazcarenhas se obrigasse por hũ assinado seu a cõprir tudo isto cõ juramẽto, & assi foy feyto: & ho secretario fez disso hũ auto q̃ todos assinarã, & despois disto querendo os juizes entender em seu officio, disserão a Cristouão de sousa q̃ se fosse, & ele polo que tinha assentado cõ Antonio de miranda & q̃ esteuesse ao despacho daq̃la deferença, nã se quis sair, & vendo que Antonio de mirãda era hũ dos que insistia q̃ se saisse, ouue coele sobrisso palauras, & assi com os outros, & foy a cousa de maneyra, que acodirão os juizes de Cochim por mãdado Dafonso mexia, pera deitarem fora a Cristouã de sousa, que ja se saia quando eles chegarão, vendo que sua estada nã aproueitaua ali, & então conheceo quã mal fizera ẽ não fazer hũ capitolo na pauta, jurado, & assinado, por Antonio de miranda, que ele esteuesse ao despacho daquela deferença, porque assi não lhe fora defeso que não esteuesse, & então vio tambẽ ho grande erro q̃ fizera, em deixar acrecẽtar os dous derradeiros juizes, porque polo rigor que vsarão coele, lhe pareceo que auiã de dar a sentença cõtra Pero mazcarenhas, & em entrando onde ele estaua, disse de muyto agastado, sus alforges & partamos q̃ tudo he por demais, & calouse que nã quis mais dizer, por amor do juramento q̃ tinha, & isto tudo se fez ate vespera.

CAPITVLO L.

Das rezões q̃ ho vedor da fazẽda & outros offrecerã aos juizes pera q̃ Pero mazcarenhas não fosse gouernador.

Despois de Christouão de sousa ser ido q̃ os juyzes ficarão recolhidos com ho secretario que ali ficou, que auia de ser ho escriuão daquele processo, dom Vasco deça procurador de Lopo vaz de sam Payo, & Simão caeyro procurador de Pero mazcarenhas, mostrarão aos juyzes as procurações que tinhão dãbos: & lhes derão todos os papeis de que ãbos se esperauão dajudar & coeles hũas largas rezões per escripto sobre a justiça que tinhão, & apos isto lhes foy dado hũ requerimẽto dos officiaes da camara de Cochim em nome de toda a cidade, em q̃ lhe requerião da parte de Deos & del rey que por nhũ modo lhe nã julgassem a gouernãça a Pero mazcarenhas, porque se lha dessem auião de despouoar a cidade, & irse pera os mouros, por não se atreuerem a saluar cõ os Christãos ficando ele por gouernador que era seu ĩmigo capital, alegãdo as rezões q̃ auia pera isso: pelo qual não se fiarião de nhũ juramento que fizesse. E visto este requerimento pelos juizes lhes forão dadas hũas rezões do védor da fazenda que dizião.

« Senhores se vossas merces quiserẽ verdadeyramente espicular a justiça que ho senhor gouernador Lopo vaz de sam payo tem pera lhe ficar a gouernança, acharão que lhe sobeja, & da mesma maneyra hão doulhar a que Pero mazcarenhas póde ter pera ser gouernador, acharã que he nhũa por muytas rezões, de que aqui darei algũas.

» A prĩcipal he ser ele muito odioso aos moradores desta cidade, pela injuria que diz que recebeo deles quãdo desembarcou contra meus req̃rimentos, pelo q̃ está claro que seria muyto grãde deseruiço de deos & del rey, ficar ele na India como pessoa particular, quanto

mais cõ mãdo, & a fora ser muyto odioso por esta causa que tẽ de vingança, ho he tãbem por deseruir a el rey cõ ho mando que lhe dá, como vereis nessa inquirição que se tirou aqui contrele a requerimento do feytor de Malaca, em que se achou que fez muy graues erros, assi nas cousas da justiça, como nas da fazenda, & tambẽ offreço os autos que mandou fazer contra os officiaeis da camara desta cidade, contra quem ha de proceder despois que for gouernador. E Lopo vaz de sam payo os que tinha presos em Goa (& não ẽ ferros como lhe merecião) soltou os leuemẽte, por lhe dizerem q̃ era assesego da India, & pola ver pacifica se pos em ventura de perder ho que tinha certo, digouos que tem bem seruido el rey nosso senhor na justiça, & na fazenda olhay ho que fazeis.

» Tem tãbem Pero mazcarenhas determinado como for gouernador de tirar Antonio de miranda de capitão mór do mar, & a mim da capitania de Cochim: como se proua por essa carta assinada por ele.

» Tambem ha outra rezão muy euidente pera não ser gouernador Pero mazcarenhas, porque polo ser cometeo mui graues crimes perdoãdo cõtra forma das ordenações del Rey nosso senhor a algũs que tinhão mortas algũas pessoas & os recolheo a Cananor & deles traz cõsigo hũ Lucas leytão que matou aqui tres homẽs, & por seu mãdado está em posse de hũ nauio. Pero tauares q̃ matou sua sogra sobre dous seguros de dom Anrrique & hũ bombardeiro q̃ matou hũ homẽ, & os q̃ espancarão & ferirão em Cananor ho tabalião que lhe leuou ho requerimento dos officiaes da camara desta cidade. E por ser gouernador prometeo a muytos q̃ tinhão roubado & tomado muyto dinheiro a el Rey nosso senhor de lho quitar, assi como foy a Christouão de sousa que tẽ tomados a sua alteza perto de quĩze mil cruzados, deles do tempo do doutor Pero nunez & deles do meu, & por saber que ho queria constranger a pagar este dinheiro se contrariou logo das cartas em que ti-

nha obedecido por gouernador a Lopo vaz de sam Payo & lhe desobedeceo por nã pagar este dinheiro, como não pagará sendo Pero mazcarenhas gouernador. & Lançarote de seixas da feytoria q̃ teue em Pegú deue muyto dinheiro a sua alteza & lho nã quer pagar por ser secretario de Pero mazcarenhas, nem menos pagará ho frete do nauio que leuou a Malaca carregado de sua fazẽda & deixou a del Rey: & Francisco mendez de vasconcelos q̃ deixou por capitão em Cananor tomou hũ nauio de mercadores nossos amigos que ya carregado de muyta fazenda & dinheiro, & tudo tẽ sonegado segũdo tenho polo liuro & assẽto do escriuão do mesmo nauio, & Manuel da gama que eu tenho preso por dous mil cruzados que deue a el Rey, que me começaua de pagar deixou de ho fazer, dizendo que como Pero mazcarenhas gouernasse que tudo se bẽ faria. Pois quẽ toma tais prĩcipios de gouernar a justiça, & daproueitar tambem a fazenda de sua alteza antes de ser gouernador, que fara despois q̃ ho for? Pelo que está notorio ser cousa muy perjudicial selo, & julgâdo vossas merces que ho seja, eu lhes encampo a fazenda del Rey nosso senhor que eu tenho nela tambem seruido, que recebeo passante de trezentos mil cruzados de proueito como darey por conta, & concertadas suas fortalezas & pagos mais de duzentos mil cruzados de soldo sem lhe bolir nos cofres das naos da carga como algũs fazem. E porque nã se pode fazer tâto seruiço sem se tomar conta aos q̃ roubâo sua fazenda & sem poer verbas a outros q̃ ho deseruẽ per outros modos (que he dobrado seruiço) desejão os culpados nestes erros como leais vassalos que me va da India & buscarão pera isso este caminho de fazer gouernador a Pero mazcarenhas: q̃ se ho senhores julgardes por esse vos encampo a fazẽda de sua alteza, & protesto que seja satisfeyto pelas vossas, & quâdo não per vossas pessoas, & protesto por meus ordenados, & polas perdas que receber, posto que me não lembra se não el Rey nosso senhor, porque a ele se faz a guerra. »

Coestas rezões estauão outras de Pero de faria capitão de Goa fūdadas sobre a mesma materia, & assi hū requerimento do licenciado Ioão de soiro ouuidor geral da India, em q̃ requeria o que por estas rezões vay relatado. E toda a noyte do dia em que os juyzes começarão destar em despacho quãtos moradores auia em Cochim andarão descalços em procissam cõ suas molheres & filhos, pedindo a nosso senhor que spiritasse nos juyzes que não julgassem a gouernança a Pero mazcarenhas polo medo q̃ auiã de se vingar deles & cõ grandes brados pedião misericordia: o que foy muyto piedosa cousa de ver.

CAPITVLO LI.

De como foy dada a sentença q̃ Lopo vaz de sam Payo gouernasse a India.

E visto pelos juyzes tudo o que se alegaua por ambas as partes, fez cada hū hū escripto de seu parecer que assinou & ho deu ao secretario que os leo peranteles, & despois de se achar que Lopo vaz de sam Payo tinha mais votos, & que a ele pertencia a gouernança julgarão que fosse gouernador, & ho secretario escreueo a sẽtença que dizia.

« Vistos por os juyzes estes autos, & o que por eles se mostra, & vistos nossos assinados em q̃ cada hū declarou sua tenção: julgamos por nossa difinitiua sentença que Lopo vaz de sam Payo gouerne, & seja gouernador nestas partes da India, & Pero mazcarenhas se va em bora pera ho reyno de Portugal, & lhe sera dada embarcação segūdo a qualidade de sua pessoa: & quanto aos ordenados dos sobreditos fiq̃ pera el Rey nosso senhor ho julgar como lhe bem parecer, & assi todo ho mais que cada hū deles quiser requerer no reyno. »

E assinada pelos juyzes, logo no mesmo dia q̃ forão vinte hū de Dezembro ao sol posto Antonio de miranda, Dom Ioão deça, Bras da silua dazeuedo, & Tris-

tão de gá se forão em hũ bargantim á nao em que estaua Pero mazcarenhas: & dos de sua valia forã muytos apos eles cuydando que a sentença se dera por ele. E entrados dentro ho secretario lha pubricou perante todos: & ele a ouuio com rosto muy seguro, mostrando grande coração. o que seus amigos não fizerão, q̃ todos ficarão muyto tristes. E ele ficou naq̃la nao ate lhe ser dada embarcação. E os juyzes forão pubricar a sentença a Lopo vaz de sam payo, q̃ a recebeo com muyto prazer, & deu muytos agardecimentos aos juyzes: & pedio muyto perdão a Antonio de miranda do q̃ passara coele. E com quanto a sentença foy dada por Lopo vaz, despois se deu em Portugal cõtrele: & q̃ pagasse a Pero mazcarenhas ho ordenado q̃ leuara de gouernador cõ todos os proes & percalços. E por ser quasi noite não se foy ho gouernador a terra & ficou no mar: õde & na terra ouue muytas folias & prazeres & grãde strõdo dartelheria q̃ desparaua: o q̃ daua grãde tormẽto aos da outra parte: porq̃ lhes parecia q̃ se ficassẽ na India q̃ o gouernador lhes auia de fazer mal. E porque a ele lhe pareceo q̃ terião esta sospeita os quis segurar, & ao outro dia antes que desembarcasse correo toda a frota em hũ catur, & a todos em geral fez esta fala. Pois nosso senhor Deos foy seruido de me restituyr na gouernança da India, peçouos senhores que todos vos alegreis comigo, & creais que ficando eu por gouernador, vos fica a todos hũ amigo pera vos fauorecer na India, & com el Rey meu senhor representandolhe vossos seruiços & pedirlhe que vos faça merce: porque vos dou minha fé que vos tenho em muyto boa cõta aos que fostes da parte de Pero mazcarenhas em prosseguirdes cõ tanto esforço o que vos parecia que era rezão, porq̃ ho mesmo fizereis por mim se foreis da minha parte, & por isso vos não ey de ter má vontade, & vos prometo que me não lembre mais ho passado: & vos peço q̃ façais outro tãto, & q̃ sejamos muyto amigos, & siruamos todos el rey muyto bem, & vamos descansar q̃ he

tempo. O que lhe todos teuerão muyto em merce & forãse coele pera terra, õde foy recebido com solẽne procissam, & debaixo de hũ palio foy leuado á See, & despois douuir missa á fortaleza em q̃ auia de pousar, & ali tornou a fazer muytos offrecimentos aos fidalgos que lhe forão contrairos com que se segurarão pera ficar na India.

CAPITOLO LII.

Do que ho gouernador fez despois de ser restituido em sua posse.

Restituido Lopo vaz de sam Payo na gouernãça, quisera logo aperceberse pera ir buscar os rumes, q̃ bem sabia ho seu desbarato & a morte de çaleimão raix & foylhe conselhado que não fosse porque por nhũ modo lhe conuinha ir fora da India, assi porque os da valia de Pero mazcarenhas não estauão de todo assessegados, & ficando ele na India despois da partida do gouernador aueria outra reuolta como dãtes, porque nhũ auia de querer ir ao estreito: & tambẽ el rey de Calicut tinha feyta grande armada, & vendo ho gouernador fora da India faria nela muyto dãno, & abastaua q̃ ho capitão mór do mar fosse ao estreito ás presas & lá saberia a certeza do q̃ era feyto dos rumes, & não vindo gouernador no anno seguinte então os iria ho gouernador buscar tãbẽ apercebido que podesse pelejar coeles. E isto determinado, despachou ho gouernador ho capitão mór do mar cõ hũa armada de noue velas. s. seys galeões de que a fora ele que ya em sam Dinis forão por capitães Fernão rodriguez barba de sã Rafael, Antonio da silua dos Reys magos, Ruy vaz pereyra de sã Luys, Anrrique de macedo do çamorim grãde, & Lopo de mezquita do peq̃no, & Frãcisco de vascõcelos de hũa galeota, & Ruy pereyra de hũa galé bastarda, & hũa galeota & cĩco bargãtĩs: & coesta frota em q̃ irião mil homẽs se partio em Ianeiro, & xii. dias despois de sua

partida mãdou o gouernador a Simão de melo seu sobrinho a fazer presas ás ilhas de Maldiua, & leuou hũ nauio de gauea & hũa carauela. E neste tempo forão acabadas de carregar as quatro naos que auião dir pera Portugal & se partirão, & foy em hũa delas Pero mazcarenhas ẽtregue preso a Antonio de brito, & por amor dele se forão muytos fidalgos pera Portugal & assi outras pessoas. E primeyro que esta frota partisse mãdou ele citar ho gouernador perãte el rey ou perante os desembargadores da sua relação pola gouernãça da India, & por ho ciuel & crime que sobre aq̃le caso esperaua dalcançar contrele: & mais lhe escreueo como os Castelhanos ficauão em Maluco na ilha de Tidore como disse atras pera que socorresse a dom Iorge de meneses que lá estaua por capitão. E partida esta frota chegou a Portugal a saluamento: & Pero mazcarenhas foy bem recebido del rey: que não ouue por seu seruiço o que lhe fora feyto. E despois de Lopo vaz de sam Payo ser em Portugal ouue sentença contrele que lhe pagasse todo ho ordenado que ouuera dauer com a gouernança.

CAPITVLO LIIII.

De como dom Garcia anrriquez entregou a fortaleza de Maluco a dom Iorge de meneses.

Dom Iorge de meneses q̃ inuernou nas ilhas dos Papuas como disse atras despois que ventarão os leuantes partiose pera Maluco & chegou á ilha de Ternate em Mayo de mil & quinhẽtos & vinte sete, onde soube em chegando a guerra q̃ os Portugueses tinhão com os Castelhanos, Tidores & Geilolos: do que lhe pesou por a pouca gẽte q̃ leuaua & essa quasi toda doente que a outra lhe morreo nas ilhas onde inuernou. E tendo ja esta certeza despois de chegado, deixando os dous nauios a recado se foy nos bateys aa fortaleza, donde sabendo dom Garcia sua ida ho sayo a receber muyto ledo, porque se

poderia tirar da grande obrigação em que estaua com a guerra por amor do pouco apercebimento que tinha parela, & logo lhe entregou a fortaleza assi como lha Antonio de brito entregara, que foy da maneyra que disse no liuro sexto. E dom Iorge lhe deu disso hũ conhecimento feyto per hũ tabaliào pubrico: & logo q̃ dõ Iorge chegou Martim hinheguez o capitão dos Castelhanos que estaua em Tidore ho mandou visitar dandolhe a boa hora de sua vinda, & offrecendolhe paz & amizade: cõ queixume de dõ Garcia que nunca a quisera coele, antes lhe metera a sua nao no fundo, & lhe matara hũ homẽ & ferira tres: o q̃ dom Iorge lhe agardeceo offrecẽdoselhe tambem por amigo, & disculpando dom Garcia que ho quisera ser seu, mas que ele fora o que não quisera nem irse parele como lhe mandara pedir, & quisera antes estar antre os mouros seus immigos, pedindolhe que pois queria sua amizade q̃ ho mostrasse ẽ se ir pera a fortaleza, onde lhe daria apousentamento de que fosse contente. E por Martim hinheguez não responder a isto lhe mandou dom Iorge hũ requerimẽto aos quatro dias de Iunho em q̃ lhe requeria cõ ho alcayde mór da fortaleza, feytor & outros officiaes que se fosse logo daquela terra & de todas as ilhas de Maluco, & não comprasse nhũ crauo. E ho mesmo requerimento lhe fez Martim hinheguez: & despois de muytos requerimentos de parte a parte fizerão tregoas, ate verem recado da India ou Despanha do que mandaua ho gouernador q̃ fizesse dõ Iorge. E como as tregoas forão assentadas ouue muyta amizade, prestãça & conuersação antre os Portugueses & Castelhanos, & dauãse dadiuas hũs aos outros principalmẽte os capitães. E sempre Martim hinheguez se fora pera a nossa fortaleza se ho não estoruarão el rey de Geilolo & Cachil daroes: el rey de Geilolo porque os Tidores teuessẽ necessidade de sua ajuda, & Cachil daroes porque os Portugueses a teuessem da sua.

CAPITVLO LIIII.

Do que dõ Iorge quisera fazer acerca do crauo & não pode.

Despois disto tirou dom Iorge a alcaydaria mór da fortaleza a Manuel falcão que a tinha por lho mandar assi Pero mazcarenhas, porq̃ lhe leuara dous homiziados de Malaca. E tirada esta alcaydaria deu a a hũ Simão de vera, & porque Manuel falcão não se escandalizasse de lhe tirar a alcaydaria, & ele & outros não cuydassem q̃ ho fazia sem causa mostroulhe ho mandado de Pero mazcarenhas. E com tudo Manuel falcão não se ouue por satisfeyto & ficou ĩmigo de dõ Iorge posto que ho dissimulaua. Tambẽ dom Iorge quis vsar de hũ regimẽto que Afonso mexia védor da fazẽda da India mãdara a Maluco, em que mandaua que ho feytor de Maluco comprasse quanto crauo ouuesse nas ilhas, & carregasse ho mais q̃ podesse pera el Rey & ho mãdasse á India, & o que sobejasse ho vendesse aos moradores da fortaleza cõ ganhar ho mais que podesse, & daq̃le dinheiro se pagasse ho ordenado do capitão & dos outros officiaes, & se pagasse ho soldo & mantimento da gente darmas pera el Rey poder sofrer os grandes gastos daquela fortaleza: & cõ tudo que se tomasse ho crauo sem escandalo dos mouros & Portugueses q̃ estauão na terra. E dom Iorge mandou apregoar este regimento, & que se goardasse. E vẽdo os Portugueses quanto proueito lhes tirauão, & que desta maneyra poderia el Rey saber ho muyto q̃ ganhaua ẽ auer ho crauo á sua mão & ho muyto que perdia em ho não auer, & que nunca ho mais alargaria, no que ficauão perdidos, porq̃ nã ficauão mais q̃ cõ ho soldo & mãtimento que nunca lhes pagauão: determinarão de não consentir que aquilo fosse auante, & confederarãse com Cachil daroes que ho estoruasse. E ele q̃ muyto folgaua de os Portugueses sempre terem necessidade de sua ajuda assi ho fez, dizẽdo que pois

os mouros não podião vender seu crauo a quẽ quisessem, que assi não vẽderião seus mãtimentos na fortaleza, & mandou q̃ os não vendessem dali por diante: & começou ho escandalo de crecer em tanta maneyra que a dõ Iorge lhe foy necessario dissimular, porque ho nã pode defender. E assi perdeo el rey tamanho proueito como este fora de sua fazẽda, & que foy a causa de fazer ali aquela fortaleza, & que sem ter ho crauo lhe não seruia de mais que de gastar dinheiro debalde, & comprar ho crauo ho tres dobro mais caro do que ho compraua na India antes que a fizesse, porque os mercadores lho leuauão a Malaca ou á India, sem mandar por ele a Maluco cõ tamanho gasto como fazia a fortaleza que lá estaua, & as armadas que yão por ele, em que a fora ho dinheiro que se gastaua se auenturauão Portugueses q̃ cada dia se perdião no mar, & morrião na terra.

CAPITVLO LV.

Do que passou dom Iorge de meneses cõ dõ Garcia anrriquez sobre mandar a Malaca pela via de Borneo.

Quando dõ Iorge partio de Malaca pera Maluco, mãdoulhe Pero mazcarenhas que lhe mãdasse recado pela via de Borneo como achara Maluco & como ficaua, & q̃ requeresse a dom Garcia q̃ fosse por este caminho de Borneo, porq̃ como era muyto mais breue q̃ ho de Banda, & podia a fortaleza ser por ali socorrida em menos tempo que pola via de Banda, desejaua Pero mazcarenhas que fosse bem sabido dos Portugueses pera q̃ nauegassem por ali, assi pera serẽ conhecidos dos reys & senhores daquelas ilhas, & tratarem coeles por ter enformação que auia nelas ouro, como por os Castelhanos fazerẽ por ali seu caminho, & os podião hi esperar & lhes tolherião que não fossem a Maluco: & tambem por se euitarẽ brigas que sempre recrecião antre os capitães que inuernauão em Bãda. Este regimento mostrou

dom Iorge a dõ Garcia, & requereolhe da parte de Pero mazcarenhas, q̃ se partisse pera Malaca no nauio ẽ que ele dom Iorge fora, & que fosse pola via de Borneo. E coeste requerimento ficou dom Garcia muyto salteado, porque recebia grãde perda não indo por Banda, ondesperaua dir ter hũ jũgo que ho anno passado mãdara a Malaca carregado de crauo seu & de partes, & auia de tornar a Bãda com roupa pera ho leuar carregado de noz & maça, & dizendo a dom Iorge que ele lhe responderia, ouue conselho cõ algũs seus amigos que erão aqueles que tinhão mandado ho crauo com ho seu, & esperauão de fazerẽ suas fazẽdas em Banda como ele esperaua de fazer a sua, & por isso lhe cõselharão que per nhũ modo deixasse dir por Banda. E acordarão todos o q̃ dissesse a dõ Iorge pera não ir por Borneo: & isto acordado, respõdeo dõ Garcia ao requerimento de dõ Iorge. Que ele fora de muyto boa vontade pola via de Borneo por seruir el Rey, mas que sabia q̃ não auia de poder ir, porque cometera por hi ho caminho em tempo Dantonio de brito, leuando muyto bõs pilotos: & despois de andar perdido por aquelas ilhas cõ muyto grãde trabalho arribara a Maluco: & auendo dõ Iorge a dõ Garcia por escusado de ir, determinaua de mãdar outrẽ por aquele caminho: o q̃ visto por dom Garcia, & que se fosse outrem ficaua ele em muyta culpa por não ir, determinou destoruar a ida, & disse a dô Iorge que lhe parecia muyto escusado mandar aq̃le nauio, porque a fora descobrir aq̃la nauegação pela via de Borneo, a principal causa de ho mãdar era mãdar pedir socorro q̃ ele ja tinha mãdado pedir por Manuel lobo: & quando aquele nauio chegasse a Malaca ja lá auia de ser sabido ho seu recado, & quando vissem que sobre tão apertado da guerra dos Castelhanos como ele mandaua dizer q̃ estaua, & tão necessitado de gente & munições pera a guerra, & que sobrisso ya aquele nauio pareceria q̃ ho primeyro recado fora zombaria, & que não auia necessidade de gente nẽ de munições, porque se a ouuera

não se podera mandar aquele nauio: & a fora isso os q̃ fossem nele auião de dizer como a nao dos Castelhanos se fora ao fundo, & que os Castelhanos erão menos, & as tregoas que tinhão assentadas, o que tudo seria causa de lhe não mãdarẽ ho socorro que esperaua, ou se lho mandassem não seria tão bõ como fora nã indo ho nauio, pelo que ho não deuia de mandar, mas deixalo estar & mandar concertar outro que estaua varado, & despois de aparelhado lho desse, porque ele iria nele esperar os Castelhanos ao caminho, & impidirlhes que não mandassem pedir socorro á noua espanha como se dizia que querião mãdar pedir: & por fazer seruiço a el Rey queria leuar cem bahares de crauo que tinha de partes, & os venderia ao feytor pera el Rey. E porque logo dõ Iorge não quis conceder isto, lhe fez hum requerimento em que fazia grãdes protestações que sobreuindo algũa perda a el Rey por ele dõ Iorge não querer fazer o que lhe requeria carregasse tudo sobrele. E este requerimento foy pubricado a dom Iorge aos quinze dias de Iunho, que parecendolhe boas as rezões de dom Garcia, respõdeo que queria fazer o q̃ lhe requeria: & porem q̃ se disso a fortaleza, ou os Portugueses recebessem algũ dãno ou perda que carregasse sobrele dom Garcia, & assi cessou de mandar ho nauio. E porẽ dõ Garcia ficou muyto descontẽte de dõ Iorge por assi apertar coele q̃ fosse pela via de Borneo, & arrepẽdeose de lhe dar cem báres de crauo de q̃ lhe tinha dada palaura de lhos mãdar dar ẽ Malaca: & a causa foy que pedindolhos dõ Iorge emprestados respondeo ele que aueria seu conselho. E dando cõta disso a seus amigos q̃ esperauão de se ir coele, conselharanlhe q̃ lhe desse de graça os cẽ bahares de crauo, & que não quisesse dele outra paga se não hum nauio em que se fosse, & licença pera se irẽ coele ate vinte homẽs de sua obrigação. E dõ Garcia ho fez assi fazendo hũa doação a dom Iorge dos cẽ bares de crauo, & hũa procuração pera os mandar arrecadar em Malaca, & dom Iorge lhe prome-

teo ho nauio & mais a licença pera os homẽs, & quãdo dõ Garcia vio que apertara tãto coele q̃ fosse pela via de Borneo, sentioho tãto q̃ desconfiou de dom Iorge comprir ho que lhe prometera, & começou de ter má sospeita dele.

CAPITVLO LVI.

De como dom Iorge de meneses mãdou recado ao capitã de Malaca pola via de Borneo.

Posto que dõ Iorge por amor do req̃rimento de dõ Garcia, desistio de mãdar ho nauio que disse, tinha tã assentado de mandar a Malaca pela via de Borneo pera se saber bẽ aquela nauegação, que determinou de mãdar hũa coracora, por ser nauio de que auia na terra grande abastãça, & não auia de fazer mingoa na fortaleza. E porq̃ a viajẽ lhe importaua muyto, não a confiou doutrẽ se não dũ Vasco lourenço, q̃ afora ser muyto esforçado & sesudo era seu tio, pelo que tinha nele muyta confiança: & deulhe pera sua cõpanhia hũ Diogo cão, & outro chamado Gõçalo veloso, & outros dous & por piloto hũ Castelhano, & hũ Malayo que forão coele de Malaca, & tinhão algũ conhecimento daquele caminho. E pedido a Cachil daroes a melhor coracora das que tinha os mãdou nela, & deu a Vasco lourenço cartas pera ho capitã de Malaca, screuendolhe a guerra em que ficaua & a necessidade q̃ tinha, pedindolhe muyto q̃ ho socorresse, & que lhe mandasse hũ maço de cartas ao gouernador da India, & tãbẽ lhe deu roupa & outras peças boas pera dar a el rey de Borneo, & assi outros reys, & dõ Garcia, & Cachil daroes tambẽ derão secretamẽte cartas a Diogo cão, q̃ screuião ao gouernador da India contra dom Iorge, & ele as tomou por dõ Iorge ho mãdar contra sua vontade, & mandaua tãbẽ dõ Garcia hũa renunciação da doação, & procuração, que tinha dadas a dõ Iorge dos cẽ bares de crauo, q̃ dõ Iorge mãdaua arrecadar em Malaca por Vasco lourenço:

que partido de Ternate foy surgir na cidade de Borneo, leuãdo no caminho muyto trabalho, & hi achou hũ caualeiro chamado Afonso pirez que ya pera Maluco por capitão dum jungo, a q̃ deu conta de como ficaua dom Iorge, & este Afonso pirez era muyto conhecido del rey de Borneo, & por isso foy com Vasco lourenço quando lhe foy falar que lhe deu ho recado de dom Iorge, como mãdaua por aquele caminho a Malaca, pera a amizade q̃ tinha coele fosse em crecimento, & os Portugueses conuersassem, & teuessẽ trato em sua terra, & coeste recado lhe deu de presente hũ pano darmar deras muyto rico, em que estaua afigurado ho casamento del rey Dingraterra cõ a tia do Emperador, & el rey tirado pelo natural cõ suas vestiduras reays. E quando el rey de Borneo vio aquelas figuras, preguntou que querião dizer, & Vasco lourenço lho disse. E sabẽdo el rey que aquele que tinha a coroa era rey coroado, sospeitou que os Portugueses com engano lhe querião meter aquele pano em casa, pera q̃ de noyte por feytiçaria aquela figura de rey se tornasse homẽ, & assi as outras figuras q̃ estauão coele, & ho auia com ajuda deles de matar ou prender & tomarlhe ho reyno, pelo que ficou muy toruado, & disse a Vasco lourẽço que lhe tirasse logo ho pano de diante, que não queria que em seu reyno ouuesse outro rey se não ele, & que se fosse logo com os outros Portugueses se não que os castigaria como a homẽs q̃ lhe querião fazer treiçã. E ele & os outros se virão em perigo, se não fora por Afonso pirez & algũs mouros mercadores que os disculparão dizendo a verdade a el rey & ho abrandarão muyto da furia que tinha, & porem não quis ho pano nem que ficasse na terra. E detẽdose aqui Vasco lourenço, determinou Afonso pirez de não ir a Maluco & tornarse a Malaca, ou por se deter aqui mais tempo do que ouuera de ser, ou por amor da guerra q̃ auia em Maluco com que não podia fazer fazẽda, & sabendo Vasco lourẽço como se tornaua foyse coele por ir em melhor embarcação que na

coracora q̃ dali se tornou pera Maluco õde chegou cõ muyto perigo, & ho capitão cõtou a dõ Iorge o que passara.

CAPITVLO LVII.

De como dõ Iorge de meneses mandou prẽder dõ Garcia anrriquez.

No tempo que esta cora cora chegou começaua el rey de Geilolo de fazer guerra a dõ Iorge porque não ẽtraua nas tregoas dantre el rey de Tidore, & fazia algũas corridas por mar a Ternate, & Cachil daroes as fazia tambẽ a Geilolo, & faziãse algũ dãno de parte a parte. E estãdo assi a cousa, faleceo Martĩ hinheguez capitão dos Castelhanos, & eles fizerão outro q̃ se chamaua Fernão dela torre. E sabido por dõ Iorge mandou ho visitar, & pregũtarlhe se queria goardar as tregoas que estauão assentadas antrele & Martim hinheguez: & Fernão dela torre não quis, & tornouse a guerra a renouar. E porque Fernão dela torre não tinha nhũa vela de remo se não as da terra mãdou fazer hũa galeota pera que pelejasse nela cõ os Portugueses: & como dõ Iorge ho soube mandou fazer outra com muyta pressa, pera o que mandou apenar quantos carpinteiros & calafates auia na terra, posto que andassem ẽ outras obras: pera o que mandou tomar muytos que fazião hũ jũgo de dom Garcia, porque importaua muyto acabarse a galeota cedo, por ele não ter outro nauio de remo em que pelejasse com a galeota q̃ fazião os Castelhanos. E vendo hũ clerigo chamado Fernão vaz tomar os carpinteiros que trabalhauão no jungo, assi por ter parte nele como por ser amigo de dõ Garcia se foy logo a sua casa, dizẽdo que pesar de tal como lhe auia dom Iorge de tirar os officiaeis da sua obra, & que ho não fazia se não polo não ter em conta, & coisto outras palauras de padre mais caualeiro, q̃ religioso, cõ q̃ ho prouocou a ter menencoria de lhe dom Iorge tomar os carpinteiros, sem

lhe lembrar q̃ era pera seruiço del rey, & coesta furia se foy á ribeira, onde dom Iorge andaua fazendo trabalhar na galeota, & se lhe queixou do q̃ tinha feyto, & dõ Iorge respondeo q̃ não se podia fazer menos, por cõprir assi a seruiço del rey. E por dõ Garcia insistir que lhos não ouuera de tomar, & dõ Iorge querer soster q̃ fizera bẽ, vierão a taeis palauras, que dõ Iorge chamou sandeu a dõ Garcia, & q̃ ho castigaria muy bem, & dõ Garcia lhe disse que disistisse da capitania, & q̃ lhe faria conhecer q̃ era melhor fidalgo & caualeiro que ele, & nisto apunhou da espada, & passarão outras palauras mais feas, & acodindo gente de hũa parte & doutra, se foy dõ Garcia pera sua pousada acõpanhado desses q̃ erão de sua valia, que lhe louuauão muyto ho q̃ dissera a dom Iorge, & os q̃ ficarão cõ dom Iorge, lhe disserão q̃ não deuia de passar por tamanha desobediencia, & q̃ deuia logo de prẽder dõ Garcia, & ho que mais atiçaua isto era Manuel falcã, por q̃rer grande mal a ambos, & desejar de os ver em discordia: & agarrochado dõ Iorge destes conselhos, mãdou a Thomas nunez dafonseca seu ouuidor, que fosse tomar a menajẽ a dõ Garcia & ho trouuesse preso a fortaleza, ao q̃ os que estauão coele que erão muytos acodirão, dizẽdo a dom Garcia q̃ não era bẽ deixarse prender, & que eles ho ajudarião, & dõ Garcia não quis dar a menajem ao ouuidor, & disselhe que nã tinha alçada sobrele nẽ el rey lha daua, que tirasse deuassa dele, & a mãdasse ao gouernador da India: & sabendo isto dom Iorge, mandou repicar ho sino da fortaleza, a que se jũtou a gente, & dõ Iorge lhe disse como dõ Garcia lhe desobedecia, pelo q̃ determinaua de ho prender, & todos disserão que fizesse ho que lhe bẽ parecesse, & que eles ho ajudarião como a capitã del rey de Portugal: & logo dõ Iorge mandou a Simão de vera alcaide mór, que cõ hũ scriuão da feytoria fosse tomar a menajem a dõ Garcia da sua parte, que se fosse pera a fortaleza preso & disesse aos q̃ estauão com dõ Garcia que se fossem parele

ãtes q̃ fosse lá, & quando chegou a sua casa, achou que se ajũtauão muytos coele, hũs por terem seu crauo feyto & se q̃rerem ir coele, outros porq̃ tambem se querião ir, por amor da guerra q̃ estaua trauada de que se enfadauã, & quãdo estes ouuirão ho que lhes dom Iorge mandaua dizer de sua ida lá, disserão que fosse embora, q̃ eles ho iriã receber ao caminho cõ lançadas, & este atreuimẽto tinhã por saberẽ que passarã sem castigo aqueles que fauorecerã & ajudarã Antonio de brito não sendo capitão, contra dõ Garcia que ho era, & dõ Garcia respondeo ao alcaide mór ho que respondera dantes ao ouuidor, ho que os de sua valia lhe louuarão muyto, & era ho aluoroço muyto grande neles, o q̃ sabido por dom Iorge mandou apõtar algũas peças dartelharia nas casas de dom Garcia pera as derribar, mas primeyro tornou a mandar lá ho alcayde mór com ho mesmo recado que dantes, & coele hũ Tristão vieira: a q̃ rogou por ser amigo de dom Garcia que lhe conselhasse que se fosse pera a fortaleza. E ele ho fez assi, pregũtandolhe primeyro se determinaua de se defender de dõ Iorge. Ao que dom Garcia respondeo, que como se auia de defender sendo ele capitão del Rey de Portugal: & então lhe disserão Tristão vieira & ho alcayde mór, que pois assi era q̃ lhe pedião que fizesse o que dõ Iorge mandaua: o que os q̃ ali estauão lhe contrariarão, & ele disse q̃ não era tempo, porque se ho fizesse daria causa a auer muytos mortos & feridos, pelo que os Castelhanos ficarião senhores da terra. E dizẽdo isto foyse só á fortaleza pera ver se podia apacificar dom Iorge, a q̃ disse. Ex me aqui que me quereis, q̃ me quereis: & ele lhe pedio a menagem que dom Garcia lhe deu despois de muytos debates porq̃ lha nã queria dar. E tomada pelo ouuidor & feyto disso hũ auto, ho mandou pera hũas casas em q̃ Antonio de brito pousara, & mãdou logo tirar deuassa dele.

CAPITVLO LVIII.

De como dom Iorge soltou dom Garcia & tornarão a ser amigos.

Tanto que dom Garcia foy preso, como Cachil daroes era grãde seu amigo, trabalhou muyto com dom Iorge q̃ ho soltasse dandolhe pera isso muytas rezões, mas dom Iorge nunca quis, dizendo que ho auia de ter preso, & que assi ho auia de mãdar ao gouernador da India pelo que Cachil daroes ficou muy desgostoso de dom Iorge, & se lhe acrecentou ho odio que lhe começaua de ter polo não ter tanto de sua mão como cuydaua que ho teuesse. E tambem Baltesar rodriguez feytor & outros homẽs hõrrados trabalhauão com dom Iorge q̃ soltasse dom Garcia, & que se lembrasse que era hũ bõ fidalgo, & q̃ fora capitão daquela fortaleza, & ho recebera cõ muyta festa & prazer, & lhe fizera muytos offrecimentos: mas todauia dom Iorge ho não quis soltar, dizendo que ele escreueria a el Rey porque ho tinha preso. E com toda esta briga mandou neste tempo Cachil daroes com algũs Portugueses correr per mar a Geilolo, & queimarão hũ lugar & sem receberẽ dãno se tornarão pera Ternate: & auẽdo dezoyto dias que dom Garcia estaua preso, & sabendo que dõ Iorge ho não queria soltar, & dizia que ho auia de mandar preso ao gouernador agastouse muyto, & teue conselho com os de sua valia sobre o q̃ faria: & eles lhe conselharão que deuia de requerer a dom Iorge q̃ ho soltasse que ja deuia destar satisfeyto dalgũa paixão que dele teuera, & quando ho não quisesse soltar lhe mandasse dizer que ho prendesse em ferros, porque ou auia de ser bem preso ou bem solto: & se ho não quisesse prender em ferros que auia a menagem por aleuantada, & se auia dir pera sua casa & fazer o que lhe bẽ viesse. E dom Iorge per ho seu caso não ser pera ho prender em ferros não ho auia

de prender, & por se não soltar per si sem sua licença ho auia de soltar: porem aconteceo doutra maneyra, porq̃ ouuindo do Iorge ho recado de dom Garcia que lhe leuou ho alcayde mór, lhe mandou dizer polo feytor que ho nã auia de soltar, & que lhe pedia que quisesse antes estar sobre sua menagem que em ferros. E não querendo dõ Garcia, aconselharão a dom Iorge que pois assi queria que ho prẽdesse em ferros, & ele se foy ás casas onde dõ Garcia estaua, & dahi ho leuou aa fortaleza & com hũs grilhões ho mandou meter na torre da menagẽ ondesteue oyto dias. O que vendo os de sua valia que serião de corẽta ate cincoẽta homẽs, determinarão de ho tirar da fortaleza, dando disso conta a Cachil daroes pera que os fauorecesse como fauorecia: mas eles não poderão por na fortaleza auer grande goarda & vigia de noyte & de dia. E vẽdo que não podião fazer o q̃ desejauão, determinarão de se ir pera hũ lugar forte donde mandassem requerer a dom Iorge que soltasse dom Garcia, & quando não quisesse q̃ se fossem pera os Castelhanos, & que os prouocarião a fazerem guerra a dom Iorge, dizẽdolhes quão pouco poder tinha pera se defender, & primeyro q̃ ho posessem por obra usarão de manha, descobrĩdo ho a Fernão baldaya escriuão da feytoria, porque como era amigo de dõ Iorge lho diria logo: & dom Iorge por se eles não irem pera os Castelhanos soltaria dõ Garcia. E isto foy discuberto a Fernão baldaya por hũ Castelhano desta liga q̃ auia nome Frãcisco do souto que era seu amigo, & porque sabia q̃ ho era de dom Iorge lhe descobria aquele negocio. E sabido isto por dom Iorge quisera logo prẽder os principais daquela conjuração, & assi ho disse a Fernão baldaya & a Simão de vera alcayde mór, a que pesou disso por serem seus amigos & naturais do porto dõde eles erão & por isso disserão a dom Iorge que lhe auia de ser muyto trabalhoso goardar tantos homẽs quatro ou cinco meses q̃ auia dali aa moução de Malaca, & que temia que lhe fugissem, & que estes auião de soltar dõ

Garcia despois que esteuessem presos, & soltos poderião fazer hũ mao recado: que ho melhor seria soltar dõ Garcia & tirarse de perigos, & mais não sendo a causa de sua prisam tão obrigatoria: & sobristo lhe derão outras muytas rezões pera ho soltar que a dõ Iorge parecerão bem. E cõ outros pareceres como estes, mandou soltar dom Garcia com condição que não fosse cõtrele & ho ajudasse cõtra os Castelhanos & que ele romperia a deuassa que tinha tirada dele: & tudo isto lhe prometeo dom Garcia, & lhe deu sua fé de ho fazer assi, & despois forão grãdes amigos & se conuersauão como que nũca ouuera antreles nhũa discordia.

CAPITVLO LIX.

De como os da parte de dõ Garcia trabalhauão por auer imizade antrele & dõ Iorge.

Desta amizade & conuersação de dõ Iorge & dõ Garcia pesaua muyto aos de sua valia, porque como erão os mais que estauão na fortaleza & os mais luzidos dela, & vião a grande necessidade que dõ Iorge tinha de gente por amor da guerra temiãse de dom Iorge não querer q̃ se fossem, & dauão por muyto certo dom Garcia não lhes pedir se continuasse coele a amizade q̃ começauão, que bẽ vião que não era rezão que dom Garcia os pedisse em tal tempo, mas ho desejo de irẽ lograr a fazenda que tinhão, & ho interesse do que ganhauão em se ir não lhes deixaua vsar do que entẽdião. E como vião que pera se irem não auia melhor remedio que discordia antre dom Iorge & dom Garcia trabalhauão quãto podião pola semear, & dizião aos amigos de dõ Iorge que não se deuia de fiar tanto de dõ Garcia que não era tamanho seu amigo como lhe daua a entender, & tudo erão dissimulações ate auer licença pera leuar os que queria, & quãdo lha não desse que os auia de leuar por força, & a dom Garcia dizião que visse bem

como se confiaua em dom Iorge que não era seu amigo como mostraua, nẽ auia de comprir coele de lhe dar ho nauio pera se ir, nem a licença pera os homẽs como lhe prometera, & que se auia descusar cõ a guerra que tinha: porem q̃ a verdade era pera se vingar deles porq̃ forão da sua parte, por isso que tomasse coele concrusam naquele negocio, & não esperasse pola partida quando não teuesse tempo pera fazer nada: & tantas vezes disserão isto a dõ Garcia que quasi ho creo, & por isso estando hũ dia com dõ Iorge á porta da fortaleza lhe pedio que lhe acabasse de dar ho nauio que lhe prometera pera se ir, & licença pera os que forão em ajuda de sua soltura: ao que dõ Iorge respondeo que ainda era muyto cedo pera falar naq̃le negocio, que quando fosse tempo ele seria seruido como mãdasse. Do q̃ dom Garcia foy cõtente, & falou em outra cousa, do q̃ os de sua valia ficarão muy descontentes, porque lhes pareceo que dom Iorge dizia aquilo por tẽporizar, & assi ho disserão a dom Garcia, & que não se mostrasse tão froxo naquele caso, nem quisesse estar aa disposição de dom Iorge, nem se lhe acanhasse como mostrara quando lhe falara, q̃ se quisesse andar acompanhado que eles ho acompanharião: porque vendo ho dom Iorge andar acompanhado ho temeria & faria quanto quisesse. O que a dom Garcia pareceo bem, & dali por diãte andou acompanhado & todos cõ suas espadas: & como dõ Iorge era seu amigo não atẽtaua naquilo, nẽ em muytas sobrançarias que lhe fazião os de dom Garcia, a q̃ aquilo pareceo muyto mal, & parecialhes que dom Iorge dissimulaua, pera quando fosse ao tempo da partida os não deixar ir & vingarse deles despois de ido dom Garcia, & por isso assentarão de os não deixarem estar em paz, & semearem antreles tal discordia que nunca esteuessẽ bem, porque doutra maneyra não se poderião ir daq̃la terra, & dizião a dom Iorge que dom Garcia daua muytos auisos aos Castelhanos & aos mouros de quãto se ordenaua na fortaleza contreles, & trabalhaua quanto po-

dia, porque os de Ternate lhe teuessem odio, & lhe fizessẽ guerra: & pera os prouocar a isso lhes mandaua deitar peçonha nos poços de que bibião, & mãdaua de noyte aos de sua valia que lhes entrassem nas casas & lhes dormissem com as molheres & com as filhas, & como sabião a lingoa da terra diziàlhe por ela que dom Iorge lho mandaua fazer. E porque isto assi passaua, & os de dom Garcia ho fazião, vianse os mouros tão perseguidos que muytos se yão da cidade a morar a outra parte: & dizião mais a dom Iorge que nhũa cousa dõ Garcia desejaua tanto como matalo, & destruylo quando ho não podesse matar: & pera mais auerigoarem suas mẽtiras & falsos testemunhos, & meterem odio antre os da terra & dom Iorge, & ho homiziarẽ com el rey de Bachão grande amigo dos Portugueses que aste tempo estaua em Ternate com obra de duzentos homẽs saltarão hũa noyte no seu arrayal hũ Tristão vieira, Afonso gẽtil, Luys diaz, & outros da parte de dom Garcia & matarão quatro ou cĩco Bachões & ferirão muytos, porque como estauão em terra damigos não se temião de nada, & os Portugueses fizerão a seu saluo o que querião & feyto recolheranse. E ao outro dia indo el rey de Bachão fazer queixume daquilo a dom Iorge, Tristão vieira & os outros q̃ ho fizerão ho estauão esperãdo sobre acordo: & sabendo dele ao q̃ ya disserãlhe que não fosse porque dom Iorge lho mandara fazer, por isso q̃ não tinha remedio pera se lhe fazer justiça. E pera q̃ el rey cresse que era assi, disserãlhe que a causa porque dom Iorge lhe mandara fazer aquela offensa fora por vingança dos Portugueses que matarão em sua terra a dom Tristão seu irmão quando lá fora, & dos jungos & crauo que lhe tomara como atras fica dito. E el rey o creo, & dali por diante não quis ir á fortaleza, & esteue pera se leuantar & fazer leuãtar a terra: mas quis Deos que foy dõ Iorge sabedor disso & da causa porque ho queria fazer, & deulhe muytas disculpas, & mandou tirar deuassa sobrisso em que se acharão cul-

pados Tristão vieira & os outros que ho fizerão, que sendo auisados fugirão pera ho mato onde os não poderão tomar, pelo que dõ Iorge os não castigou & deu conta do que passaua a el rey de Bachão pelo q̃ perdeo a sospeita que tinha de dom Iorge & tornou a sua amizade como dantes.

CAPITVLO LX.

De como dõ Garcia prendeo dom Iorge em ferros, & a causa porque.

Os outros da parte de dõ Garcia como virão que ele achara culpados Tristão vieira, Afonso gẽtil & Luys diaz, pera indinarem dom Iorge contra dom Garcia & sua discordia auer effeyto: disserãlhe que bem via ho perigo em que aqueles homẽs ho quiserão poer, & que não ho fizerão se não por mandado de dom Garcia: & pera ver se era assi q̃ visse quão pouco caso dom Garcia fizera disso sendo tamanho seu amigo, & que ele os fizera fugir & os fauorecia. E parecendo a dom Iorge q̃ aquilo seria assi, pera escusar paixões & desgostos, & tambem por ser perto do tempo da partida de dom Garcia que era em Nouembro, determinou de ho mandar pera Talãgame donde auia de partir, & que hi estaria ate que partisse, do q̃ deu conta a Baltesar rodriguez feytor, & ao alcayde mór Simão de vera & a Fernão baldaya q̃ tinha por amigos, que por ho serem mais de dõ Garcia, ou por lhes parecer assi tirarão dom Iorge daquele proposito, dizendo que seria dar causa a outras ĩmizades & odios, pelo que dõ Iorge se mudou daq̃la determinação. E vendo seus ĩmigos q̃ nhũa cousa daquelas ho aluoroçaua nem mouia pera quebrar cõ dõ Garcia, começarão de deitar fama que dõ Iorge mandaua matar dõ Garcia: & rugindose isto assi, hũ negro que se chamaua Miguel nunez que dõ Iorge leuara da India, & em q̃ confiaua por ser homem esforçado descobrio em

muyto segredo ao feytor que dom Iorge lhe tinha mandado que matasse a dom Garcia, & por lhe parecer que não era bem que ho fizesse, se queria lançar cõ os Castelhanos. E parecendo isto hũa cousa muy graue ao feytor quisera que Miguel nunez ho dissera a dõ Garcia, mas ele não quis dizẽdo q̃ auia medo de dom Iorge: & porem que dõ Garcia podia estar seguro que ele ho não matasse, mas que doutrem ho não seguraua: & ho feytor fez com Miguel nunez q̃ não se fosse pera os Castelhanos nẽ pera outra parte, & que dom Garcia ho leuaria pera a India, & assi ficou. E cuydando ho feytor bem naquele negocio não lhe daua muyto credito, assi por lhe parecer que dõ Iorge não cometeria hũa cousa tão fea, como por saber os mexericos & emborilhadas que auia naquela terra antre os capitães, & por outra parte parecialhe que podia ser verdade, porque nos homẽs tudo ha, & que se matassem dom Garcia que ele teria que dar conta a Deos pois ho não auisara, & por este respeito determinou de lhe descobrir o que lhe Miguel nunez dissera, tomandolhe primeyro juramẽto de não somẽte dizer em nhũ tempo q̃ ele lho dissera, mas nem dar disso cõta a pessoa algũa & ho ter em muyto segredo. Ouuido isto por dom Garcia, assentou que era verdade, & que dõ Iorge o queria mandar matar: & despois de agardecer muyto ao feytor tão bõ auiso, disselhe que não podia deixar de dar conta daquele caso a algũs seus amigos, pera que teuessem cuydado de ho goardar, porem que lho diria com juramẽto: o que pareceo bem ao feytor, & pediolhe muyto que lhe não lembrasse aquilo mais, nem teuesse nhũ escandalo de dom Iorge, que bem poderia ser que estaria muyto innocente, mas dom Garcia não ho fez assi, & logo deu conta disso a Manuel falcão, Manuel botelho, Diogo da rocha, Francisco pirez, & a outros q̃ tinha por amigos & em que confiaua, que lhe conselharão que matasse logo a dom Iorge. E offerecerãse pera ho fazerem Manuel botelho & Francisco pirez. E Manuel falcão não foy deste

parecer, dizendo que era forte cousa matar hum capitão de hũa fortaleza, que melhor seria prẽdelo & tirar deuassa de suas culpas, porque alem das que tinha lhe poerião tantas que nunca se desembaraçasse delas, & mais sendo eles testemunhas, & com a deuassa ho mãdasse dom Garcia preso aa India, & que ficasse por capitão daquela fortaleza, como ho ele era dantes. O qual conselho pareceo bem a dõ Garcia, sómente tornar ele a ser capitão, porque sabia quão trabalhosa & perigosa cousa era selo daquela fortaleza, em que assentou consigo de deixar por capitão a Manuel falcão, & isto não q̃ lho dissesse ate auer effeito. E assentado nisto disse ho dom Garcia a el rey de Bachão & a Cachil daroes, pedindolhes que ho fauorecessem. E eles lho prometerão & muyto alegres por auer tamanha discordia antre os Portugueses, porque por derradeyro erão seus immigos, & não lhes mostrauão amizade se não cõ necessidade, o que eles sempre desejauão que teuessem deles. E neste tempo mandou dom Iorge a Cachil daroes que fosse darmada aa ilha de Maquiem, com quem forão muytos dos que erão da parte de dom Iorge: & dom Garcia fez que ficassem os da sua pera fazer o que determinaua. E vendo que era tempo ho pos em obra, & logo Francisco de crasto grande amigo de dom Garcia conuidou Simão de vera alcayde mór & outros pera lhes dar hũ banquete no Toloco hum lugar hũa legoa da fortaleza, porque se temia dom Garcia que estando estes na fortaleza não lhe deixarião prender dõ Iorge sem baralha. E aceitado ho banquete pelo alcayde mór & pelos outros que auião de ir coele, ao outro dia que era domingo leuou os Francisco de crasto ao lugar onde auia de ser: & como dom Garcia soube que dom Iorge acabara de jantar, mandou a Manuel falcão, & a Diogo da rocha, que se fossem parele & fizessem que jugasse coeles as tauolas, porque ocupado no jogo não entendesse o que lhe querião fazer. E assentados a jugar forãse logo aa fortaleza Manuel botelho, Tristão vieyra & Afon-

so gentil que ja erão perdoados do que fizerão a el rey de Bachão, & assi hum Francisco pirez, Ioão de figueiredo, Andres de palacios, Frãcisco do souto, & outros todos da quadrilha de dom Garcia: & estes yão ja repartidos hũs pera fecharem as portas da fortaleza & as goardarem, & outros pera leuarem algũs criados de dom Iorge a folgar fora da fortaleza, & os que não podessem leuar fora, que com cada hum se posessem tres dos conjurados pera os terem & tolherem que não acodissem a dom Iorge: & apos estes foy dõ Garcia, seria ás duas horas despois de meo dia: & como não se temião de inimigos & era de dia não estaua ali ho porteiro, pelo q̃ os q̃ tinhão cargo de fecharem a porta tanto que dom Garcia sobio pera a torre da menagem onde dom Iorge estaua, tomarão as chaues da porta da fortaleza que estauão hi dependuradas & a fecharão & forãose apos dom Garcia, que despois de recebido de dõ Iorge se assentou, & vẽdo como dom Iorge estaua com ho sentido no jogo que jugaua se abraçou coele, dizendo. Estay preso: & logo Manuel falcão & outros tres ou quatro ho ajudarão, & os outros se liarão com dous criados de dom Iorge que não estauão coele mais, & teuerãnos & taparãlhe as bocas que não bradassem. E dom Iorge que vio a cousa como ya, começou de bradar. Treição, treição: & nisto hũ seu paje teue acordo de ir repicar ho sino da vigia. Dom Garcia & os outros que se abraçarão com dom Iorge, teuerão coele muyto trabalho em ho derribarem pera lhe lançarem ferros: porq̃ como ele de seu natural era muyto forçoso & esforçado, & a menencoria de se ver assi tratar lhe acrecentaua as forças & esforço, bracejaua & perneaua & mordia tão fortemẽte que quasi ho não podião ter. E se ele esteuera solto & com armas, nhũ daqueles ousara de ho esperar: & ele bradaua, dizendo. Tredores mataime, & não me injurieis. E com tudo como erão muytos derão coele no chão & deitarãlhe hũa adoba de quatro elos que dom Garcia pera isso mandara leuar secretamente, & coesta

esteue dõ Garcia preso quando dõ Iorge ho prendeo. E deitada a adoba apanharâno em corpo & em alma & derão coele em hũ sotão da fortaleza debaixo do chão, õde ainda ho prẽderão a hũas camaras de bombardas.

CAPITOLO LXI.

Do que passou dõ Garcia despois de ter preso dom Iorge.

Baltesar rodriguez raposo feytor & outros Portugueses que pousauão fora da fortaleza, ouuindo repicar ho sino como ho tinhão por cousa noua por ser atais horas acodirão todos com suas armas, & quando acharão as portas fechadas cuydando q̃ era treição, hũs bradauão por escadas pera sobirem ao muro, outros dizião que quebrassem as portas: & era a reuolta & arroido tamanho que a gente da terra saya a ver o que era. E despois que dom Garcia sayo do sotão em que deixou dom Iorge, & ouuio repicar ho sino, & ho arroido que fazião os que estauão de fora, acodio ao muro a lhes falar pera os assessegar, & disselhes. Senhores não vos aluoraceis & assessegay q̃ a fortaleza he del Rey dõ Ioão de Portugal nosso senhor & por sua está & estara, que todos somos seus vassalos, & desejamos seu seruiço: & porque ho eu muyto desejo, & ho bem & repouso de todos, fiz o que vos agora direy. Bem sabeis como eu era capitão desta fortaleza, & a entreguey a dom Iorge de meneses por virtude de hũa prouisam do gouernador da India pera que lha entregasse, o que eu não podia fazer por dom Iorge mandar enforcar hũ homem Portugues nas ilhas dos Papuas, pera o que não tinha alçada nem poder pois ainda não era capitão, por não ser entregue da capitania, pelo q̃ era obrigado á justiça, & ate não se liurar não podia ter cargo de capitania nẽ doutra cousa: & se ho eu soubera não lhe ẽtregara a desta fortaleza & ho mandara preso á India. E não abastou este crime que tinha cometido sẽdo pessoa priuada, se não despois

q̃ foy capitão vsou sempre de tiranias, & tẽ destruyda esta terra, & andaua pera me matar: & sabendo eu suas culpas pelo que deuo ao seruiço de Deos & del Rey nosso senhor ho prendi pera ho mãdar á India com a deuassa de suas culpas: & não dei cõta disto a todos ẽ geral porq̃ não toruasse tamanho seruiço del Rey, & agora que he feyto volo digo. E peço senhores muyto por merce q̃ mo ajudeis a soster, auendo por bẽ o que tenho feyto, & ajudandome a goardar esta fortaleza de q̃ me ey por entregue pera dar conta dela a el Rey nosso senhor ou ao seu gouernador da India. E nisto chegou ho feytor Baltesar rodriguez q̃ ya muyto agastado por lhe parecer que fora causa daq̃la reuolta, pelo q̃ descobrira a dõ Garcia, & então vio quão mao conselho teuera em lho dizer, & achauasse muyto culpado: & quado vio dom Garcia nã quis esperar q̃ acabasse de falar, & queixandoselhe do q̃ tinha feyto a dõ Iorge, dizialhe q̃ outros meos mais honestos podera ter aq̃le negocio que ho de q̃ vsara, de que lhe auia de ser tomada muy estreita cõta. E dissimulando cõ o que Baltesar rodriguez dizia por se não poer coele em disputa, pediolhe por merce q̃ se fosse pera sua casa & oulhasse polo seruiço del Rey como oulhaua a quẽ ele daria conta do porq̃ prẽdera dõ Iorge, pelo que esperaua merce & honrra. E vendo Baltesar rodriguez q̃ naquilo nã auia remedio calouse: & os outros responderão a dom Garcia q̃ se fizera bẽ ou mal q̃ ele daria conta disso & forãse, & tambẽ Baltesar rodriguez. E em quãto dom Garcia & os outros andauão nisto ficou a torre da menagem só, & sintindo ho hũ criado de dom Iorge chamado Aluaro do cais q̃ estaua doente, & assi o que era feyto a dõ Iorge como homẽ esforçado leuantouse, & metẽdose na torre da menagem fechou as portas de dentro, & posto a hũa janela começou de dizer a grãdes brados. Esta fortaleza he del Rey nosso senhor, & dõ Iorge de meneses ho capitão dela em q̃ pes a dom Garcia anrriquez. ao q̃ logo acodio dom Garcia, & os q̃ estauão coele & por escadas

sobirã ás janelas da torre & entrando dẽtro tomarão Aluaro do cais com q̃ derão dũa janela abaixo bẽ espancado & arrepelado, & a outro que quisera repicar ho sino fizerão saltar do muro abaixo. E ainda isto não era quasi feyto quando chegou Simão de vera alcayde mór, & os outros amigos de dom Iorge que forão ao banquete, & sabendo q̃ estaua preso determinarão de ho soltar & todos juntos se forão á porta da fortaleza pera a quebrar: & outros da parte de dom Garcia acudirão pera lho defender, & Ioão escriuão patrão da ribeira, & Thome fernãdez piloto subirão ao muro polas lanças, & assi outros algũs, & disserão a dom Garcia que acodisse ao q̃ queria fazer Simão de vera & os outros, & começouse hũa grãde reuolta porque acodio el rey de Bachão com muyta gente: & posto que mostraua que era pera apacificar, a verdade era pera fauorecer dõ Garcia, que com hũa lãça nas mãos, & hũa adarga no braço req̃reo a Simão de vera & aos que estauão coele que se fossem, porq̃ aquele feyto não se auia de liurar por força darmas como eles querião, pois todos erão hũs & vassalos del Rey de Portugal, cujo seruiço não era auenturarẽse tantos homẽs por hũ só, & que sem tanto dãno como eles querião fazer se apacificaria aquilo. E tambẽ outros que estauão de fora que não erão por dom Iorge nẽ por dõ Garcia ajudarão a pacificar de modo que Simão de vera & os que estauão coele se forão pera suas casas & dom Garcia ficou por capitão da fortaleza, & assi esteue hũs dias.

CAPITVLO LXII.

Do q̃ fizerão os amigos de dõ Iorge despois de sua prisam.

Desta prisam de dõ Iorge correo logo a noua pola terra, de que a gente se espantou muyto. E sabida por Cachil daroes em Maquiẽ, esses amigos de dom Iorge q̃ estauão coele ho fizerão logo partir pera Ternate pera ho socorrerẽ & ajudarem. E chegados a Ternate Cachil daroes foy logo ver dom Garcia, de que estaua muyto cõtẽte por prender dõ Iorge a quẽ tinha odio & desejaua de ho ver fora de capitão. E Simão de vera tãto que esta armada chegou, ajuntou logo os amigos de dõ Iorge que yão nela, & erão por todos corenta homẽs, & fizerão todos cabeça de Simão de vera, a que derão sua fé de fazerem todo ho possiuel por soltarem dom Iorge, & quando não podessem irse pera os Castelhanos: & fauoreciaos hũ irmão del rey q̃ auia nome Cachil viaco grande amigo de dõ Iorge & immigo de Cachil daroes por entender suas tiranias. E praticando sobre o que auião de fazer, determinarão de impedir hũa deuassa q̃ dom Garcia mandaua tirar de dõ Iorge: porque a fora lhe assacarem grãdes males tirauão por testemunhas seus ĩmigos, & q̃ forão em sua prisam. E Simão de vera fez sobrisso hũ requerimento a dom Garcia, protestando não ser valiosa tal deuassa: porem dom Garcia não deixou de a tirar. E porque Simão de vera insistia que não se tirasse, aluoraçarãose os da parte de dom Garcia pera ho matar, & assi ho dizião pubricamente & andauão em magotes armados darmas defensiuas & offẽsiuas, & como erão muyto mais que os de dom Iorge & tinhão por sua parte el rey de Bachão & Cachil daroes ãdauão afouto como senhores do campo. O q̃ vendo Simão de vera & seus companheiros não se teuerão por seguros em Ternate, & disserão a Cachil viaco que se querião ir pera a terra alta onde estarião seguros, &

dali requererião sua justiça, & quàdo lha não quisessem fazer se iriào pera os Castelhanos: o que pareceo bem a Cachil viaco, & foyse coeles pera os fazer apousentar, porque se temeo que ho gouernador daquela terra os nào quisesse receber, & partirào hũa noyte secretamente. E chegados a terra alta nào os quisera ho gouernador receber por não leuarẽ licẽça de Cachil daroes: & Cachil viaco lhe disse, q̃ onde ele estaua nã era necessaria licẽça de Cachil daroes, q̃ sintio muyto agasalharẽ Cachil viaco & os Portugueses sẽ sua licẽça, & a dõ Garcia tambem lhe pesou muyto de se irẽ pera lá, porq̃ logo lhe começarao de fazer seus requerimentos, & assi fizerão hũ a Pero botelho capitão do nauio em q̃ fora dom Iorge de Malaca pera Maluco, em que lhe Simão de vera requeria que se ajuntasse coele pera soltarem ao seu capitào que estaua preso: ao que Pero botelho respondeo q̃ nào conhecia outro capitão se não dom Garcia, & que lhe não tornassem mais com tais requerimentos porque era tempo perdido, que ele nào conhecia por capitào a dõ Iorge. E vendo Simão de vera quão pouco lhe aproueitauào seus requerimentos, assentou com os outros que chamassem em sua ajuda el rey de Tidore & Fernão dela torre, & q̃ se fossem pareles quando nào acabassem com dom Garcia q̃ soltasse dom Iorge, & mandarãlhes dizer tudo o q̃ passaua acerca da prisam de dõ Iorge, pedindolhes que os ajudassem & emparassem como pessoas virtuosas & poderosas q̃ erào, & que mandassem requerer a dom Garcia que soltasse dom Iorge, & quãdo não quisesse q̃ então se iriào pareles, porq̃ por nhũ modo auiào de ficar com dom Garcia nem com outro capitão. E el rey de Tidore & Fernào dela torre posto q̃ tinhão guerra com os Portugueses vendo que aqueles não tinhào culpa, & que erào desemparados, determinarào de os fauorecer & ajudar, & assi lho mandarão dizer, & logo fizerào hũ requerimento a dõ Garcia que soltasse dom Iorge protestãdo que carregassem sobrele todas as perdas & danos que daque-

la prisam recrecessẽ, assi a el Rey de Portugal como a quaesquer outras pessoas. E quando dõ Garcia vio aq̃le requerimento ficou muyto embaraçado, porque vio que se dô Iorge teuesse de sua parte el rey de Tidore & os Castelhanos que lhe daria trabalho, & que lhe farião guerra & receou muyto aquela carga. E com tudo respondeo ao requerimento, dando as melhores rezões q̃ pode por onde prendeo dom Iorge: & despois disto rogou a Cachil daroes q̃ fosse a terra alta, & com algũa dissimulação soubesse de Simão de vera & dos que estauão co ele se determinauão de se irẽ pera os Castelhanos porque isto receaua muyto, & os segurasse quãto podesse. O que Cachil daroes fez logo, & chegado a eles disse-lhes que não sabia porq̃ se forão da fortaleza, porque dom Garcia não lhes tiraua officios, nẽ ordenados, nem soldos: antes desejaua de lhos dar dobrados, & lhe pesaua muyto de se irẽ. Ao que Simão de vera respondeo que não querião nada de dõ Garcia sem soltar dom Iorge: & que soubesse certo q̃ se auião dir pera os Castelhanos, & ele daria conta dos males que sucedessem. E estando nestas praticas chegou hũa armada dos Castelhanos que mandaua Fernão dela torre ẽ fauor de Simão de vera, & dos outros: que por Cachil daroes ali estar fizerão que ya pera os leuar & fizerão mostra de se quererem embarcar. E quãdo ele vio tanta conerusam, pedio a Simão de vera que não fizesse nada de si ate não ir falar com dom Garcia, de q̃ sabia certo q̃ auia de soltar dõ Iorge antes de se partir pera Malaca, & q̃ ele lho faria fazer logo: & Simão de vera disse q̃ por amor dele esperaria, porem que se dom Garcia não soltaua dom Iorge que logo se auia dir.

C A P I T V L O LXIII.

De como dõ Garcia soltou dõ Iorge de meneses.

Sabendo dom Garcia per Cachil daroes a determinação de Simão de vera & de seus companheiros temeo muito sua ida pera os Castelhanos, porq̃ lhe auião logo de fazer guerra eles & el rey de Tidore, & el rey de Geilolo. E estando a fortaleza de guerra não se podia partir como queria, & deixala a Manuel falcão, porq̃ sucedendo algũ desastre seria sua a culpa, & por isso se mudou do proposito que tinha de leuar dõ Iorge preso & deixar por capitão a Manuel falcão, & quis antes soltar dõ Iorge & tornarlhe sua capitania, & assi ho mandou dizer a Simão de vera por Cachil daroes, & q̃ se fosse logo pera a fortaleza com os outros. E ele não quis, dizendo que não se auia dir se não despois de dõ Iorge solto. E dali por diante se entendeo em ho cõcertarẽ com dõ Garcia no q̃ se passarão algũs dias: & por derradeyro se assentou que dõ Garcia soltasse dõ Iorge & lhe deixasse sua capitania, & q̃ dom Iorge lhe auia de dar ho nauio de Pero botelho pera sua embarcação, & auia de deixar ir Pero botelho com quantos estauão no nauio, & auia de dar licẽça pera se irẽ com dõ Garcia todos os q̃ erão da sua parte sem lhes embargar suas fazendas nẽ fazer nhũ impidimẽto pera q̃ não se fossem, & assi se auião de romper todos os requerimentos q̃ erão feytos de parte a parte & deuassas q̃ erã tiradas, & q̃ isto auião de jurar dõ Iorge & dõ Garcia em solẽne juramento. E despois de dõ Garcia ido pera Talãgame cõ todos os q̃ auião dir coele, viria Simão de vera & os outros & soltarião dõ Iorge: & assi foy feyto, & dom Garcia mandou diante seu fato, & dos que yão coele, & primeyro que se partisse da fortaleza mãdou ẽcrauar a artelharia da fortaleza porq̃ lhe nã tirassẽ coela: & ele ido ẽtrarão Simão de vera & seus companheiros & soltarão

dõ Iorje com muyto prazer, mas dõ Iorge que ho não tinha antes estaua muyto sentido de dõ Garcia pola offensa que lhe fizera, mandou logo ao ouuidor que fizesse autos de tudo o que lhe dom Garcia fizera & assi tirou estormẽtos de como no tempo que esteuera preso se apoderarão os Castelhanos da ilha de Maquiem por não auer quem lha defendesse, no que el Rey de Portugal recebera muyta perda por auer nela muyto crauo, & mandou logo fazer hũ requerimento a Pero botelho que se fosse pera a fortaleza porq̃ tinha muyta necessidade do seu nauio por amor da guerra dos Castelhanos, & sobristo tornou a auer outra reuolta que dom Garcia dizia que dõ Iorge lhe tinha dado aquele nauio pera sua embarcação: & ouue muytos requerimẽtos de parte a parte, & por fim de tudo se foy dõ Garcia no nauio & Pero botelho coele contra vontade de dom Iorge, que mãdou fazer auto de sua desobediencia auendo ho por aleuãtado, & assi quãtos yão com dom Garcia, & tirou estormentos de como lhes dera a licença por força, & a necessidade em que ficaua de gente: & coestes autos & estormentos, & com cartas pera ho capitão de Malaca, mandou logo a hũ Vicente dafonseca que partio pera Malaca apos dõ Garcia, & assi mandaua tambẽ pedir socorro de gente.

CAPITVLO LXIIII.

De como os mouros de Lõgú matarão Aluaro de brito & tomarão hũa galé.

Neste ãno de mil & cccccxxvii. estando Iorge cabral por capitão de Malaca, matarã os mouros da cidade de Lõgú certos portugueses sem nhũa causa, & Iorge cabral mandou lá a vingar estas mortes a hũ Aluaro de brito capitão de hũa galé em que leuaria setenta Portugueses que todos coele forão mortos pelos mouros de Lõgú, & tomarão a gale. E auẽdo quinze dias que a noua

deste dãno era em Malaca chegou hi de Banda Martim correa, a que Iorge cabral por ho ter por bõ caualeyro deu a capitania mór de hũa armada que mãdou a Lõgú a vingar aquelas offensas, & por não saber particularmẽte como Martim correa as vingou digo em soma que queymou Longú matando primeyro muytos mouros, & tornãdo a tomar a gale que tomarão a Aluaro de brito se tornou a Malaca, & por ele soube Iorge cabral como a sua partida de Maluco ainda lá não era dom Iorge de meneses, & a necessidade grandissima de gente & de mantimentos em que ficaua dõ Garcia ãrriquez por amor da guerra q̃ tinha cõ os mouros & cõ os Castelhanos q̃ ficauão em Tidore. O que sabido por Iorge cabral fez logo prestes ho socorro cõ que partio na ẽtrada do Ianeyro seguĩte hũ fidalgo chamado Gõçalo gomez dazeuedo q̃ foy por capitão mór de hũa armada de dous nauios de gauea, & hũ bargãtĩ, & hũ jũgo em q̃ forão cẽ Portugueses & muytas munições, & dous mil cruzados de roupa.

CAPITVLO LXV.

Do q̃ fez Lopo vaz de sam Payo despois que foy julgado por gouernador.

Ho gouernador Lopo vaz de sam Payo que ficou ẽ Cochĩ despois de partidas as naos da carrega pera Portugal, despachou dom Ioão deça que fosse tomar posse da sua capitania da fortaleza de Cananor, & porque tinha por certeza que auia muytos paraós de Malabares de Calicut por toda aquela costa q̃ fazião muyto mal aos amigos dos Portugueses, rogou a dom Ioão deça que aquele pedaço de verão q̃ auia ate ho inuerno goardasse aquela costa com hũa armada que lhe daria: do que ele foy contente por seruir el Rey, & ho gouernador lhe deu hũa galé em que andasse & dezaseys calures & bargantĩs que ho acompanhassem, a cujos capitães não soube os nomes. E partido dom Ioão deça a goardar a cos-

ta do Malabar, entendeo ho gouernador em mandar fazer a fortaleza a çunda q̃ sabia q̃ não era feyta por Francisco de sá não poder mais: & por esta fortaleza importar muyto ao seruiço del Rey de Portugal, porque defenderia aos Castelhanos que não fossem lá se quisessem ir buscar pimenta desejaua ele de se fazer, & pera isso escolheo a Martim Afonso de melo jusarte que era seu parente & ho conhecia por esforçado: & quàdo o cometeo coeste cargo ele ho nã quis aceitar, dizendo que Francisco de sá aueria por injuria querer outrem fazer o que ele não fizera, & por isso não auia daceitar tal cargo. E ho gouernador lhe disse que as cousas do seruiço del Rey, nã auia ninguem dauer por injuria fazelas outrem se ele as não pode fazer, & q̃ el Rey não era obrigado a goardar essas preheminencias a ninguem, se não seruirse de quem fosse sua vontade pois todos erão seus vassalos, & que ja se seruira de Francisco de sá & então se serueria dele. E com tudo Martim afonso não quis aceitar aquela capitania, nẽ a aceitara se ho gouernador lhe não fizera sobrisso grandes requerimentos, & ainda então a aceitou com dizer que faria o que lhe Francisco de sá mandasse se ho achasse em Malaca. Aceitada esta ida por Martim afonso, por ho gouernador & ele se temerem que sabendo a gente onde ya não auia de querer ir pelo q̃ lá acontecera a Frãcisco de sá, deitarão fama que Martim afonso auia dir fazer presas aa costa de Tanaçarim, & de caminho auia dinuernar em Paleacate, pelo que se ajuntarão quatrocentos homẽs que ho gouernador queria mãdar nesta armada que foy de noue velas grossas & de remo, de cujos capitães não soube os nomes saluo de tres, de Thome pirez capitão do nauio em que ya Martim afonso, de Duarte mendez de vasconcelos capitão de hũa galeota, de Ioão coelho capitão dũ bargantim, & ho gouernador mandou a Martim afonso que fosse por Ceilão & socorresse a el rey a quem fazia guerra Patimarcar capitão mór dũa armada del rey de Calicut: & Martim a-

fonso ho fez assi. E chegado a Ceilão não achou Patemarcar, que sabẽdo que ele ya lhe ouue tamanho medo que fugio, & ficãdo el rey de Ceilão liure desta guerra, foyse Martĩ afonso a Calecare hũ grande lugar na costa cujo senhor tinha a pescaria do aljofar como contey atras, & porque se temia dos mouros de Calicut fez paz com Martim afonso com condição que pagasse ho tributo que seu antecessor pagaua, & que ho gouernador da India lhe mandasse dar goarda quando fosse a pescaria, & daqui se foy a Paleacate onde auia dinuernar.

CAPITVLO LXVI.

De como dom Ioão deça desbaratou & prendeo Chinacutiale.

Dom Ioão deça capitão de Cananor que andaua goardãdo a costa com a armada que disse, andou por ela todo aquele pedaço de verão, em que fez muyto dãno aos mouros de Calicut que yão pera Cambaya com pimenta, & em diuersos dias tomou corenta & oyto velas antre zambucos & paraós & os mais deles pelejando em que matou muytos mouros: & não contẽte coeste dãno que lhes fazia sayo hũ dia em Mangalor onde sabia q̃ estauão certos paraós de Calicut que lhe fugirão & queimou ho lugar: & porque ho nã pude saber particularmente ho digo assi ensoma, & tambem hũa batalha que ouue no cabo do verão com Chinacutiale hũ valẽte mouro & muy sabedor da guerra que era capitão mór de sessẽta paraós del rey de Calicut, & cuydando de tomar dom Ioão sayo a pelejar coele, & com quanto leuaua tamanha armada & gente muy grossa a respeito dos Portugueses foy desbaratado & morta & ferida muyta de sua gente, & ele foy ferido de duas cutiladas pelo rosto, & de duas espingardadas per hũa perna, & assi se deitou ao mar cuydando descapar por ho seu paraó ser entrado pelos Portugueses, & assi foy tomado. E auida

esta vitoria que foy muyto grãde por ser ja ho cabo do verão se recolheo dom Ioão a Cananor, & mandou parte da armada pera Cochim, & ho gouernador lhe fez merce de Chinacutiale qué eu vi em seu poder, & por quem ouue grande resgate.

CAPITVLO LXVII.

De como Pero de faria partio pera Malaca, & Simão de sousa galuão pera Maluco.

Estando ainda ho gouernador em Cochim por lhe parecer assi seruiço del Rey rogou a Pero de faria que fosse seruir a capitania de Malaca pois era sua: do que se ele quisera escusar por Malaca ser muyto doẽtia, & assi ho disse ao gouernador, dizẽdo que antes queria ficar em Goa pois tambem era sua, que era muyto sadia, & por derradeyro cõsentio em ir a Malaca por comprazer ao gouernador que desejaua de tirar de lá Iorge cabral q̃ estaua da mão de Pero mazcarenhas. E querẽdo tambem ho gouernador prouer a capitania de Maluco & tirala a dõ Iorge de meneses deuha a hũ fidalgo chamado Simão de sousa galuão de q̃ faley atras, & isto por ser pessoa de grãde confiança & em que tinha muyto credito, & a capitania mór do mar & alcaydaria mór da fortaleza deu a outro fidalgo chamado dom Antonio de crasto, & a feytoria a outro fidalgo chamado Antonio caldeira, & a capitania de hũa galé em q̃ Simão de sousa auia dir a Iorge dabreu que fora ao preste cõ dõ Rodrigo de lima, & deulhe setenta homẽs, & em Malaca lhe auia Pero de faria de dar trinta pera fazerem cento, & despois partirão ele & Pero de faria pera Malaca em Abril de mil & quinhentos & vintoyto, & primeyro se partio ho gouernador pera Goa õde auia dinuernar, & da hi mãdou por capitão da fortaleza Dormuz hũ fidalgo chamado Christouão de mendoça que a tinha por el Rey dom Ioão de Portugal, & mandou coele Raix xarafo que

era liure por sentẽça do licenceado Ioão de soiro ouuidor geral, & que fosse seruir ho seu goazilado Dormuz. E chegado Cristouão de mendoça a Ormuz foy entregue da capitania por Diogo de melo que era capitão.

CAPITVLO LXVIII.

Das presas que Antonio de miranda capitão mór do mar fez no estreito, & do mais que sucedeo.

Partido de Goa Antonio de miranda dazeuedo capitão mór do mar seguio sua rota pera ho cabo de Goardafum õde chegou despois de passada hũa grande tormenta, & ali repartio sua armada em tres escoadrões apartados hũs dos outros, porq̃ as naos dos mouros que passassem não lhe podessem escapar, & andando esperandoas apartouse Anrrique de macedo com tẽpo da conserua Dantonio de miranda: & andando apartado alamar, hũ dia pola manhaã topou com hũ galeão grande de rumes feyto como os nossos, & como os rumes erão muytos & yão bem apercebidos de guerra sayrão ao encontro dos Portugueses tirandolhe muytas bombardadas, & aperceberão muytos armados de sayas de malha & corceletes, & era fermosa gente & muyta. E cõ tudo Anrrique de macedo os não duuidou & abalrroou coeles, & começarão hũs & outros de pelejar brauamẽte sobre entrarẽ hũs os outros, & sendo ho vẽto calma que ficou de lufadas arremessarão os immigos hũa lãça de fogo ao galeão Portuguez, & pegoulhe no artimão que ardeo donde com hũa lufada de vẽto se sacodio, & tornou a cair no dos ĩmigos ainda acesa & pegoulhe ho fogo, & por amor do fogo que se pegou nos galeões cessou a peleja, & acodirão hũs & outros ao apagar, & os Portugueses cortarão logo a abalrroa: & desapegados dos ĩmigos apagarão ho fogo & liuraranse dele, o que os immigos não poderão fazer ao seu & ardeo todo com muytos deles, & algũs poucos se lãçarão ao mar que forão mortos & catiuos cõ

ajuda doutros Portugueses de dous galeões da frota q̃ ali forão ter. E por ser acabada a moução das presas forãse todos estes tres capitães a Caxẽ hũa vila de mouros na costa Darabia, õde per mãdado Dantonio de mirâda se auião dajũtar despois de feytas as presas, & hi ho acharão cõ vĩte velas de mouros que tomarão ele & os outros, & erão oyto naos grossas & doze terradas, & marruazes q̃ sam mais pequenos que naos: & por ele ser certificado que ainda auião de passar certas naos de mouros pera ho estreito tornouse a esperalas deixando em Caxem Ruy pereyra que era quadrilheiro mór pera vender parte da fazẽda que se tomara aos mouros, & porem as naos não passarão & vendo q̃ não passauão foyse a Adem que estaua de paz cõ Portugal, onde achou Ruy pereyra q̃ tinha recado dos regedores da cidade que el rey não estaua nela, & q̃ os rumes fizerão hi algũ dãno. E despois da morte de çoleimão raix se forão a Camarão esses que escaparão. E sobresta noua teue Antonio de mirãda conselho se iria a Camarão pelejar com os rumes: & foy acordado que não porq̃ era passada a moução, mas que mâdasse lá hũ catur a saber nouas deles q̃ por ser pequeno poderia passar, & foy nele ho piloto mór, & por lhe ho vẽto ser contrairo não pode surdir auante & tornouse, & no caminho tomou dous marruazes, & dos mouros soube que os rumes que estauão em Camarão serião tres mil & quinhẽtos homẽs. E esta noua deu a Antonio de miranda: que Dadẽ se foy a Zeila pera dar nela, & achouha despejada & queimouha, & dali se foy a Mazcate: & deixando hi a frota, & por capitão mór dela Antonio da silua foy inuernar a Ormuz.

CAPITVLO LXIX.

De como forão catiuos de mouros Diogo de mezquita & outros.

Inuernando Antonio de miranda dazeuedo em Ormuz vẽdeose a fazẽda das naos que tomou em que se fizerão sessenta mil cruzados: & a vinte dous Dagosto se partio pera a põta de Diu onde auia de fazer outras presas. E chegado la achou ainda ho mar tão grosso que ho comia, & por isto arribou a Chaul fazendo sinal aa frota que arribasse, & todos arribarão saluo Antonio da silua & Anrriq̃ de macedo que poderão sofrer ho pairo: & arribando Antonio de miranda sobreueolhe hũ temporal de vento por dauante com que Lopo de mezquita capitão do çamorim peq̃no arribou pera Diu. E andando ainda os mares feytos desta toruoada topouse com hũa nao de mouros de Diu que serião duzẽtos, todos bem armados, & os Portugueses serião ate trinta, & arribarão sobre a nao com quanto ho tempo era forte & ho mar andaua grosso, & abalroarãna, & em a ferrãdo saltou Lopo de mezquita nela com boa parte dos seus & começarão de pelejar cõ os immigos com muyto esforço, & neste conflito desfaziãse a nao & ho galeão polas grandes pancadas q̃ se dauão com a grandissima marulhada que fazia & ambos estauão abertos & fazião muyta agoa, & ouuerãse de perder se não quebrara a abalrroa, & cada hũ foy pera seu cabo ficando Lopo de mezquita com os que digo na nao: & não podendo os do galeão tornar a tomar a nao com a fortidão do tẽpo arribarão por esse mar por se não perderem. E Lopo de mezquita & os outros que ficauão na nao vendo que sua saluação despois de nosso senhor era ho bõ pelejar, pelejarão tão esforçadamente que matarão a mayor parte dos mouros, & os outros se derão de muyto feridos, & postos em recado acodirão os Portugueses á nao que se

ya ao fũdo com a muyta agoa que fazia: o que vẽdo Lopo de mezquita apanhou todo ho dinheiro que achou nela, & mandou a Diogo de mezquita seu irmão que se metesse no batel, & assi dezaseys outros, porque não podendo a nao escapar se saluasse com ho dinheiro, & porem não deixou de trabalhar por esgotar a nao. E vendo os que estauão no batel com Diogo de mezquita que não se podia vencer a agoa q̃ a nao fazia, nem com as bombas, nem com baldes, desesperarão de se poder saluar, & porque se os que estauão nela se quisessem acolher ao batel se alagaria por ser pequeno, acolherãse antes que isto acontecesse sẽ Diogo de mezquita lhes poder resistir antes ho leuarão por força. E indo caminho de Chaul toparão com a armada de Diu & forão catiuos, & leuados a Diu: donde os leuarão a el rey de Cãbaya q̃ folgou muyto coeles por os ter por muyto esforçados & sabedores na guerra, principalmente a Diogo de mezquita, a que cometeo que se tornasse mouro, offrecendolhe por isso grãdes honrras & merces: & não querẽdo ser mouro ho atentou cõ grãdes tormentos ate ho meter na boca de hũa bombarda ceuada pera despararem coele. E ele como fiel Christão & verdadeyro amigo de nosso senhor, sofreo tudo com costancia grandissima, dizendo sempre q̃ lhe fizessem quanto quisessem, que não auia de deixar a ley de Deos verdadeyro pola seyta de Mafamede que era mentira. E vendo os outros catiuos seu esforço tambem não quiserão ser mouros. E el rey de Cambaya espantado da costãcia de Diogo de mizquita ho mãdou prẽder, & a ele & aos outros mãdou dar cruel catiueiro. E Lopo de mezquita q̃ ficou na nao, pos tanta diligencia com ajuda de nosso senhor que venceo a agoa, & escapãdo a nao foy ter a Chaul õde achou Antonio de miranda, & do dinheiro que se fez da fazenda desta nao forão pagas as partes que se deuião aos da armada, & os sessenta mil cruzados ficarão forros pera el Rey.

CAPITVLO LXX.

De como Halixá capitão da armada de Diu pelejou cõ Anrrique de macedo, & de como foy morto Antonio da silua.

Anrrique de macedo que ficou á põta de Diu passada a tormenta com q̃ os outros arribarão acalmou ho vento: & estando em calmaria derão coele as fustas de Diu que erão trinta & tres, & ãdaua por seu capitão mór hũ valente mouro chamado Halixá, que vẽdo ho galeão daquela maneyra cercou ho em redondo, & mãdoulhe dar bateria, & os Portugueses começarão tambem de jugar com sua artelharia, & começouse hũ brauo jogo prĩcipalmente da parte dos mouros que tirauão todos ao lume dagoa por as fustas serem rasteiras, & fizerãlhes tantos rombos que não aproueitauão bombas nẽ baldes pera vedar a multidão dagoa q̃ entraua, & foy necessario atupirẽse os buracos cõ colchões & colchas, & andauão os nossos tão cansados que quasi não auia quem podesse trabalhar, & se os nosso senhor não socorrera não poderão escapar, porque ainda que neste tempo sobreueo vento ho galeão não podia bẽ nauegar por ter quebrados os mastos & as vergas espedaçadas, & as velas rotas. E nisto chegou Antonio da silua capitão do galeão reys magos q̃ vinha ao tõ do estrõdo das bõbardadas, & chegando a tiro de berço do çamorim mandou dar fogo a sua artelheria, & mais auante começarão as trombetas de tanger, dizendo. Alegraiuos, alegraiuos que aqui sam os tres reys magos. E ouuindo os mouros as trõbetas, cuydarão q̃ era o capitão mór q̃ sabião q̃ chegara á ponta de Diu, mas não que se fora, & cuydando que vinha com toda sua armada, fugirão todos com medo & deixarão Halixá só, que tambem fugio por derradeiro. E sospeitando Antonio da silua a causa da fugida dos immigos, seguios ás bombardadas, & Halixá lhe teue

hũ pouco ho rosto tambem ás bombardadas, & nisto deu nele hũ pelouro de bombarda perdido & matouho, cõ que os seus ficarão tão desacoroçoados q̃ nã quiserão mais seguir os ĩmigos, & tornarãse pera onde ficaua Anrrique de macedo: & Halixá vendo os assi tornar cuydou que era manha pera ho colherẽ, & por isso não quis ir apos eles, mas foyse fugindo, que se os seguira, nem eles nem os do çamorim escaparão. E chegados a Anrriq̃ de macedo forãse todos a Chaul, & dahi pera Goa com ho capitão mór que chegou la na fim de Setẽbro, & deu conta do passado ao gouernador.

CAPITVLO LXXI.

De como Christouão de mẽdoça capitão Dormuz mãdou por terra Antonio tenreyro a Portugal cõ recado a el Rey.

Neste tempo desejãdo Christouão de mendoça capitão Dormuz de mãdar a el Rey de Portugal certeza de como os rumes não passauão aa India, & auisos de muytas cousas que comprião a seu seruiço, assi em Ormuz como na India escolheo pera leuar por terra este recado a hũ Antonio tenrreyro natural de Coimbra q̃ estaua em Ormuz, & fora com Baltesar pessoa ao Xeque ismael, donde indo caminho de Ierusalem foy preso por turcos cuydando que fosse espia. E leuado ao Cayro foy solto, & querendose dali tornar a Portugal se foy a Chipre, donde por hũ acontecimento mudou seu caminho & tornouse aa India, & de Chipre atrauessou ho deserto & foy ter a Baçora & dahi a Ormuz: & porq̃ tinha experiencia deste caminho, & sabia a lingoa Persiana, & por ser homem desprito & esforçado ho escolheo pera fazer este caminho, & mais por não achar outrem, porque por ho perigo do caminho ho receauão todos, & dizendolhe Christouão de mendoça quanto esta ida importaua ao seruiço del Rey de Portugal. Ele polo seruir a

aceitou de boa võtade, & dàdolhe Christouão de mẽdoça muyto pouca ajuda pera sua despesa, & algũas cartas de credito pera onde lhe fossem necessarias se partio Dormuz pera a cidade de Baçora a vinte de Setembro do anno de mil & quinhẽtos & vintoyto, & foy por mar ate esta cidade, que he em Arabia no cabo do sino persico trinta & tantas legoas pelo rio eufrates acima, & pos neste caminho corenta dias por os vẽtos q̃ achou contrairos: & nesta cidade se deteue vinte dias em se despachar porque a cafila que ya pera Damasco onde ele esperaua dir era partida, & ho Xeque da cidade não lhe queria dar guia pera atrauessar ho deserto que ya de Baçorá ate Alepo, dizendo que não achaua quem se arriscasse a tamanho perigo como era irẽ duas pessoas no mais, porq̃ as alimarias os comerião: & mais que nunca ouue pessoa q̃ passasse ho deserto sem ir em cafila, & parecia que ho Xeque de ho dar por morto se fosse no mais que com a guia, auia dó dele & não lhe queria dar auiamẽto pera se ir. E com tudo nunca Antonio tenrreyro desistio de ir. E vendo ho Xeque sua perfia, muyto espàtado de seu esforço, & louuandolho muyto: lhe deu hũ piloto q̃ ho guiasse, porque naquele caminho regẽse polos ventos como no mar por não auer hi estradas nẽ pouoados saluo dous castelos dalarues. E Antonio tenrreyro & ho piloto se partirão na entrada de Nouembro ás duas horas despois de mea noyte, porque não fossem vistos, & ya cada hũ em seu dormedario que andão de vinte cinco legoas ate trinta antre dia & noyte, & não comẽ mais de hũa quarta de farinha hũa vez no dia & bebẽ de quinze em quinze dias, & nestes leuauão seu màtimẽto de tamaras, biscouto, farinhas, manteiga, Vaca cozida & agoa. E partidos de Baçora tirarão por seu caminho a diate por aquele espantoso deserto por õde na auiao mais q̃ alimarias brauas. s. vssos, tigres, liões & lobos: & afastauàse quãto podiào donde podia auer alarues (q̃ andao por aq̃le deserto em aduares) porque os não roubassem q̃ sam gran-

des ladrões, & assi caminharão vinte dous dias sem nunca receberẽ afronta daq̃las alimarias saluo duas vezes que os quiserão cometer dous liões a que escaparão polo grande andar dos dormedarios : & outra vez de madrugada correndo a redea solta. E tão amedrontados forão os dormedarios que correrão duas legoas, & desta corrida se estrepou ho dormedario Dantonio tenrreyro em hũa mão, & ficou tão manco q̃ lhes foy forçado deterẽse seys dias, no que passarão muyto grande trabalho, & tambẽ em não acharem em todo este tempo agoa mais q̃ quatro ou cinco vezes em que padecerão grãde sede, & ainda esta q̃ achauão era amargoz. E tornando ao caminho despois do dormedario ser são, no cabo destes vinte dous dias chegarão a hũa pequena vila castelada & cercada de muro de taipas grossas pouoada dalarues mouros, por nacer ali hũa grande fonte que lhe regaua suas sementeiras, & auia palmeyras de tamaras, & aqui se meteo Antonio tenrreyro em hũa cafila que estaua de caminho pera a cidade Dalepo no cabo deste deserto: & ho seu piloto se tornou pera Baçora : & neste mesmo dia foy dormir a cafila a outra fortaleza, & dali a corenta legoas sairão do deserto & entrarão na comarca da cidade Dalepo cercada de muro & pouoada de mouros do senhorio do turco, & aqui se tirou Antonio tẽrreyro da cafila q̃ auia de passar ate a cidade de Damasco: & tirado se foy a casa dũ Veneziano mercador de muyto grosso & rico trato que ali fazia sua abitação, & em que a gente da terra tinha grande credito, & chamauasse Micer andre, a quẽ leuaua cartas de Christouão de mẽdoça pera lhe dar auiamento pera seu caminho & não ho achou que era em Costãtinopla a chamado do turco, & por ser inuerno & auer muyto grandes neues que ninguem caminhaua esperou aqui Antonio tenrreyro cincoenta dias & no cabo se meteo em hũa cafila que ya pera a cidade de Tripoli de suria tudo senhorio do Turco, & daqui se embarcou & foy ter aa ilha de Chipre, & despois de passar assaz de

trabalho em muyto grandes tormentas em que se vio, foy ter a Italia, dõde tomou seu caminho por terra pera Portugal õde chegou a saluamento, & deu a el Rey as cartas q̃ leuaua, & foy muy grande espãto sua ida por ser ho primeyro Portugues que fez aquele caminho por terra, & ho primeyro homem que ho fez só cõ hũ piloto, & que mostrou a el Rey que por terra lhe podia ir recado da India ẽ tres meses ou menos, porque não gastou ele mais no tẽpo em que caminhou, bem que fez mais detença polos impedimentos que lhe socederão.

CAPITVLO LXXII.

Do que passou Gonçalo gomez dazeuedo com dom Garcia anrriq̃z na ilha de Bãda.

Atras fica dito como Iorge cabral mãdou socorrer Maluco por Gõçalo gomez dazeuedo q̃ partio de Malaca na entrada de Ianeyro do anno de mil & quinhentos & vintoyto, & chegou a Banda onde achou dõ Garcia anrriquez q̃ auia pouco que chegara de Maluco, & tinha feyta hũa tranqueyra onde pousaua, & Gonçalo gomez tambẽ mandou fazer outra, & nisto chegou Vicente dafonseca com as cartas de dom Iorge de meneses & autos que mandara fazer de dõ Garcia, & contou a Gonçalo gomez tudo o que dom Garcia fizera a dom Iorge, requerendolhe secretamẽte que ho prendesse & a quantos yão coele & que lhe tomasse ho nauio, & quanto aa prisam de dom Garcia & dos outros respondeo Gõçalo gomez que ho não podia fazer, mas q̃ lhe tomaria ho nauio quando fosse tempo. E vendo Vicente dafonseca isto quisera mãdar a Malaca as cartas & papeis que leuaua de dom Iorge per algũs Portugueses que auião dir pera laa, & como sabião q̃ era contra dom Garcia, que tambẽ auia dir não ouue ninguem que os quisesse leuar, pelo que os não mãdou & tornou a dõ Iorge como direy a diante. E vendo dom Garcia Vicente dafonseca, que

sabia q̃ era grande seruidor & amigo de dom Iorge logo sospeitou a que auia de ser sua vinda, & por isso se começou de recear que Gonçalo gomez ho prendesse, & mais porque tanto que Vicente dafonseca chegou, Manuel falcão que pousaua com dom Garcia tendo a mesma sospeita de Vicente dafonseca que ele tinha, se passou logo pera a tranqueira de Gonçalo gomez, parecẽdolhe que fazia a vontade a dom Iorge, porque esperaua de tornar pera Maluco com Gonçalo gomez a q̃ contou o que dom Garcia fizera a dõ Iorge, conselhandolhe que ho prendesse por isso, & que lhe tomasse ho nauio em q̃ ya, & Gonçalo gomez dissimulaua, & Manuel falcão começou de deitar fama que Gonçalo gomez auia de prender dõ Garcia pelo que fizera a dom Iorge, & algũs seus amigos o começarão dauisar disso, & q̃ lhe auia de tomar ho nauio em que ya por isso que posesse cobro nele: o que não quis fazer porque lhe parecia impossiuel tomarẽlho por leuar crauo pera el Rey, & da prisam nã se temia porque sabia a verdade por espias que trazia cõ Gonçalo gomez, que tinha assentado consigo de lhe tomar ho nauio quãdo se ouuesse de partir & não ho disse a ninguem por não ser descuberto: & quãdo se ouue de partir pera Maluco se foy por terra espedir de dom Garcia que sayo coele ate a praya õde se embarcou nos bateis, & alargado de terra se foy dereyto ao nauio em que dom Garcia ya q̃ auia nome cayado, & então ho deu dom Garcia por tomado & creo o q̃ lhe tinhão dito. E entrado Gõçalo gomez no nauio tomou ho pera leuar a Maluco, & sabendo que dõ Garcia tinha as velas na trãqueira mãdoulhas pedir, desculpãdose de tomar ho nauio, porque ho fazia a requerimento de dõ Iorge de meneses capitão de Maluco de cuja jurdição era aquela terra, & por dõ Garcia as nã querer dar lhe tomou ho seu jungo em que leuaua mais de quatorze mil cruzados, pelo que dõ Garcia mandou logo as velas & hũ recado a Gonçalo gomez per Manuel lobo, estranhandolhe o q̃ lhe fazia, & por ele mandou hũa car-

ta de crença ao mestre & condestabre do nauio, & a outros em que confiaua que fizessem o que lhe Manuel lobo dissesse, que foy que quando se partissem fizessem de modo que dessem á vela derradeyro de todos pera ficarem na traseira, & ainda então fizessem que se embaraçauão, porque entre tanto iria dõ Garcia com gente & tomaria ho nauio, porque Gonçalo gomez por lhe ho vẽto ventar a popa não lhe auia de poder acodir, & assi ho tomaria. E eles disserão que ho farião: & ido Manuel lobo deu Gonçalo gomez a capitania do nauio a Ruy figueira capitão doutro nauio, cuja capitania deu a Manuel falcão. Isto feyto foise ao seu nauio & fezse á vela, & os outros capitães coele saluo Ruy figueira, cujo mestre por comprir o q̃ prometera a dom Garcia fez que se embaraçaua ao dar da vela, pelo q̃ todos os outros ja naueganão quãdo ele deu á sua, & ainda fez tomar ho nauio por dauante, que era ho sinal a que dõ Garcia auia dacodir, que acodio logo em paraós cõ muyta gente. E Ruy figueira que entẽdeo a ruindade capeou a Gonçalo gomez que estaua vendo ho embaraço do nauio: & vendo Gonçalo gomez a gente que ya de terra pera ho nauio & ho capear de Ruy figueira, entendeo logo o que era, & mandou tirar ás bombardadas a dom Garcia, o que fez tambem Manuel falcão: & como Manuel lobo ya na diãteira matoulhe hũa bombardada dous remeiros, & a ele quebroulhe hũa perna: o que vendo dõ Garcia desesperou dauer o nauio & tornouse, & Ruy figueira seguio sua via a pos Gonçalo gomez que partio na fim Dabril.

CAPITVLO LXXIII.

De como Aluaro de saya vedra tomou hũa galeota aos Portugueses & catiuou muytos dos que yão nela.

Em quanto isto passaua estaua dom Iorge em grãde aperto, porque sabendo Fernão de la torre & os reys de Tidore & de Geilolo quão escorchado dom Garcia ho deixara assi de gẽte como de munições de guerra, determinarão de lha fazer mais apertada que dantes, principalmẽte el rey de Geilolo que trabalhaua quanto podia por ganhar todo ho Morro, que desejaua muyto de ser senhor dele, & por lhe os Castelhanos prometerem de lho fazerem auer foy ele da sua parte & os ajudaua: & como trazia ali sempre grossa armada pera esta conquista tolhia leuarẽse mantimentos a Ternate, tomãdo os nauios que os leuauão, o que era causa de auer grãde fome na fortaleza. E estando a cousa neste estado, chegou a Tidore hũ nauio de Castelhanos, & por capitão hũ Aluaro de saya vedra que partira da noua espanha por mandado do gouernador dela por capitão mór de tres nauios ẽ socorro dos Castelhanos que estauão em Tidore & dous desaparecerão no caminho, que segundo se despois soube se perderão: & Aluaro de saya vedra não pos mais na viagem de tres meses por amor das grãdes corrẽtes que ho mar faz da noua espanha pera as ilhas de Maluco, & polos vẽtos que sam sempre a popa. E estes nauios mandou ho gouernador da noua espanha por grandes conjeituras que auia que dali se podia nauegar pera as ilhas de Maluco. E quando os Castelhanos virão Aluaro de saya vedra, & souberão donde ya, & a breue viagem que fizera ficarão muyto ledos & esforçados contra os Portugueses, esperãdo que da noua espanha lhe iria sempre socorro, a que os Portugueses nã podessem resistir & lhes tomarião a fortaleza, & os mouros seus amigos tambem tinhão grande contẽtamento

coesta noua: & determinarão logo el rey de Tidore & el rey de Geilolo de irẽ tomar a ilha de Moutel cujos Sangajes erão da obediẽcia del rey de Ternate, & muyto amigos dos Portugueses. E sabendo os Sangajes este apercebimẽto ho mandarão logo dizer a Cachil daroes & a dom Iorge pedindo a ambos que os socorressem: & Cachil daroes apercebeo sua armada em q̃ se embarcou: & dom Iorge mandou Fernão baldaya na galeota noua q̃ fizera, & deulhe trinta & tãtos Portugueses que fossem coele, & mandoulhe que andasse da ilha de Moutel pera a de Maquiẽ, & que fizesse a mais crua guerra que podesse aos immigos. E sabendo Fernão dela torre este socorro que ya aos Sangajes de Moutel, mãdou logo Aluaro de saya vedra por capitão doutra galeota que fizera noua, & deulhe corẽta Castelhanos. E partido pera Moutel topouse cõ Fernão baldaya a quatro de Mayo. E como erão ambos valẽtes caualeyros em se vẽdo fizerão remar hũ cõtra o outro desparãdo essa artelharia q̃ leuauã & desaparelhando as galeotas com as bõbardadas se aferrarão, & pelejarão hũ bõ pedaço mui brauamẽte sem se poderẽ entrar: & neste tẽpo foy morto Fernão baldaya cõ outros oyto. E como os Portugueses ficarão sem capitão, & por estarẽ muytos feridos não se poderão mais defender com ho esforço primeyro, pelo q̃ os Castelhanos os entrarão & os fizerão rẽder, & os catiuarão, & lhes tomarão a galeota, morrẽdo porẽ cinco deles & feridos os mais. E tomada a galeota, Aluaro de saya vedra a leuou a Fernã dela torre q̃ estaua na cidade de Tidore, & entrou cõ grãde festa, & foy recebido cõ outra mayor & os Castelhanos & mouros ficarão tão soberbos coesta vitoria q̃ se derão por senhores da fortaleza, õde foy grãde tristeza pola tomada da galeota & catiueiro dos Portugueses, porq̃ não ficauão nela mais de cincoẽta & Cachil daroes não quis mais andar em Moutel auẽdose por muyto injuriado de acõtecer aq̃le desastre aos Portugueses andando ele em sua cõpanhia: & deixãdo sua armada ẽ Moutel tornouse pera Ternate.

CAPITVLO LXXIIII.

De como Gõçalo gomez dazeuedo chegou a ilha de Ternate.

E estando dõ Iorge muyto agastado pola tomada desta galeota, & por lhe não ficarẽ mais de cincoenta Portugueses pera defender a fortaleza, & por não ter mãtimentos chegou Vicẽte dafonseca a oyto de Mayo, & deulhe noua do grande socorro q̃ trazia Gõçalo gomez q̃ não tardaria. E cõ ho prazer desta noua não sintio dõ Iorge não querer ninguẽ leuar a Malaca os papeis q̃ Vicẽte dafonseca leuaua, & logo se espalhou a noua do socorro q̃ vinha aos Portugueses. E os Castelhanos cuydãdo q̃ sẽpre auião de vẽcer fizerão prestes Aluaro de saya vedra pera ir esperar Gõçalo gomez ao caminho & tomalo com quantos yão coele, & leuou duas galeotas & hũ bargantim, & a armada del rey de Tidore. E ele partido chegou Gõçalo gomez á ilha de Bachão, õde se vio cõ el rey & soube dele ho estado em q̃ estaua a fortaleza, & deixou coele Manuel falcão, porq̃ como sabia a imizade q̃ auia ãtrele & dõ Iorge quãdo se partira de Ternate nã ho quis lá leuar ate nã saber como dõ Iorge estaua coele & soldalos se fosse necessario. E partido dali seguio sua rota pera Ternate cõ toda sua armada, & topou no caminho a dos Castelhanos de q̃ auẽdo vista mãdou embandeirar a sua em sinal dalegria porq̃ nã cuydassem q̃ os temião: porem Aluaro de saya vedra não ousou de cometer Gõçalo gomez q̃ passou por ele mãdando tanger suas trõbetas como q̃ os saluaua, & dali foy surgir no porto de Talangame, & dahi á fortaleza onde foy recebido cõ muyta festa: & dõ Iorge lhe entregou logo a alcaydaria mór da fortaleza, & a capitania mór do mar por hũa prouisam q̃ leuaua do gouernador da India. E sabẽdo Gõçalo gomez ho dãno q̃ dõ Iorge tinha recebido da guerra, conselhoulhe q̃ trabalhasse por fazer paz cõ Fernão dela torre: & dõ Iorge

lhe disse q̃ a nã auia de fazer se nã cõ sua hõrra, & ainda porq̃ lhe a ele parecia bẽ fazela q̃ se fora por ele não a ouuera de cometer. E auido seguro pera mãdar hũ messageiro a Fernão de la torre lhe mandou dizer por Iorge goterrez hũ caualeiro, q̃ ele sempre desejara de ter paz cõ os castelhanos, assi por serẽ christãos, como por vassalos do ẽperador q̃ estaua tão liado cõ el rey de Portugal por parẽtesco & amizade: & q̃ se ateli não falara na paz fora porq̃ não cuydasse q̃ ho fazia por necessidade mas agora q̃ sabia q̃ não era por isso pois lhe era vĩdo tamanho socorro como era notorio, lhe pedia q̃ fizesẽ paz, & não fosse causa dauer guerra antre Christãos. E deu a Iorge goterrez estes apontamẽtos com que auia de fazer a paz.

« Que dõ Iorge era cõtẽte de fazer paz coele & cõ os reys de Tidore & de Geilolo por amor dele: & lhe daria Paulo hũ castelhano q̃ fora catiuo do tempo de dõ Garcia: & q̃ Fernão dela torre lhe auia de dar todos os portugueses q̃ forão catiuos na galeota & lhe auia de tornar ametade da ilha de Maquiẽ q̃ tinhão tomada & era da obediencia del rey de Ternate: & lhe auia de jurar q̃ não auia dajudar os reys de Tidore & de Geilolo, se quisessem guerra coele. E q̃ os portugueses & castelhanos q̃ se passassẽ dũa parte pera a outra não sendo por casos crimes, q̃ os dessem a seus capitães, & assi os escrauos que fugissem: & que Cachil daroes & el rey de Bachão não farião mais guerra aos reys de Tidore & de Geilolo: & quando Fernão de la torre não quisesse a paz coestas cõdições que lhe fizesse sobrisso hũ requerimento cõ protestação q̃ ele fosse obrigado a todas as perdas & dãnos q̃ recrecessem daq̃la guerra, assi a el Rey de Portugal como ao Emperador. Leuado este recado de dõ Iorge & apõtamẽtos das pazes a Fernão de la torre em todos cõcedeo se não na restituiçã dametade da ilha de Maquiẽ dizẽdo q̃ era do Emperador. E respõdẽdo ao requerimẽto q̃ lhe fez Iorge goterrez ficou a guerra como dantes.

CAPITVLO LXXV.

De como dom Iorge de meneses & Fernão de la torre mandarão pedir socorro hũ á India & outro á noua espanha.

Vendo dõ Iorge q̃ Fernão de la torre não queria a paz cõ as cõdições q̃ ele apõtaua não a quis: posto q̃ foy cõtra ho parecer de Gõçalo gomez & doutros q̃ forão coele, q̃ dizião que deuia daceitar a paz sẽ se dar ametade da ilha de Maquiẽ, mas dom Iorge não quis porq̃ lhe parecia aquilo couardia: & vẽdo q̃ não fazia a paz, & que a guerra auia dir em crecimẽto: & entendẽdo em Gõçalo gomez quão pouco ho auia dajudar a ela quis mãdar pedir socorro a Malaca & á India assi de gente como de fazenda pera a feytoria q̃ ja nã auia nhũa por se gastar toda como chegou, & mais pera mãdar por Simão de vera que queria mandar em hũ nauio os autos & estormẽtos q̃ tirara de dõ Garcia pera ho fazer prender antes q̃ se fosse pera Portugal, & determinou que fosse no nauio cayado q̃ estaua carregado de crauo. E dadas as cartas em q̃ escreuia ao capitão de Malaca & ao gouernador da India quanto acontecera despois de ser capitão da fortaleza, partiose Simão de vera no nauio que digo. E chegado á ilha de Mindanao foy morto com quantos leuaua polos da terra que lhe tomarão ho nauio, ou se perdeo porq̃ nũca mais pareceo, & assi não ouue effeyto o q̃ dõ Iorge queria. E sabẽdo Fernão de la torre como dõ Iorge mandara Simão de vera a pedir socorro a Malaca & á India sobre lho Gõçalo gomez leuar tão bõ creo q̃ queria destruir de todo os Castelhanos, & pera tãbẽ ter gẽte com q̃ se defendesse, acordou cõ conselho de mãdar pedir socorro aa noua espanha, escreuendo ao gouernador dela o q̃ passaua, & q̃ alem da gẽte darmas lhe mãdasse officiaes pera fazer hũa fortaleza de q̃ tinha necessidade grãdissima por não ter em

q̃ se recolhesse. E coeste recado mãdou Aluaro de saya vedra no nauio em q̃ fora, & pera credito da tomada da galeota dos Portugueses leuou algũs dos q̃ forão nela catiuos & forão Fernão romeiro patrão da ribeira, Iacome ribeiro comitre, & hũ escriuão pubrico da fortaleza: & assi outros dous Portugueses q̃ se passarão pera os Castelhanos, & pedirão q̃ os mandasse cõ Aluaro de saya vedra, hũ auia nome Simão de brito patalim, & outro Bernaldim cordeiro. E partido Aluaro de saya vedra a quatorze de Iunho pera a noua espanha, estando surto no porto de hũa ilha q̃ se chama Hamey cẽto & setenta legoas de Tidore, determinou Simã de brito cõ Fernão romeiro de queimarem ho nauio, porq̃ Aluaro de saya vedra não fosse pedir ho socorro, & não achando maneyra pera isso furtarão ho batel & quatro escrauos q̃ ho remassem, & tornarãse todos pera Ternate, & cõ furtarẽ este batel poserão Aluaro de saya vedra em condição de não ir por diãte por nã ter batel com q̃ se seruisse: & todauia foy, mas achou logo ho vento por dauante, & por tãtos dias que lhe pareceo q̃ era ali geral & por isso se tornou pera Tidore onde foy ter em Nouembro. E Simão de brito & os outros Portugueses q̃ fugirão no batel forão dilha em ilha sofrendo muyto má vida de fome & de trabalho ate que forão ter antre hũas ilhas onde se deixarão ficar tres de cansados & os tres seguirão auante ate a ilha de Garmelim do senhorio del rey de Tidore, onde sendo conhecidos por Portugueses forão presos por amor da guerra que sabião que el rey tinha coeles a quẽ logo forão mandados: & conhecẽdo os Fernão dela torre q̃ yão com Aluaro de saya vedra teue deles má sospeita, pelo q̃ os mãdou meter a tormẽto & confessarão a verdade. E por esta treiçã mãdou Fernão dela torre degolar Simão de brito & enforcar Fernão romeiro & ho outro ficou catiuo. E despois disto se tornou a falar na paz, mas não se tomou nhũa concrusam por Fernão dela torre não querer alargar a metade da ilha de Maquiem: do q̃ dom Iorge andaua

muyto agastado, & mais porq̃ quisera ir destruir a cidade de Tidore, & Gõçalo gomez nunca ho quis ajudar nem quis mandar os Portugueses que forão coele, & dizia q̃ não fora a Maluco se não pera fazer crauo, pelo q̃ todos lhe querião bẽ & não fazião caso de dõ Iorge se não dele, nẽ dõ Iorge não ousaua de mandar os q̃ forão coele de modo que ficaua subdito de Gonçalo gomez com quem não ousaua de bolir por não amotinar a gẽte & trabalhaua pola leuar por bem. E Gonçalo gomez cõ vergonha foy sobre a ilha de Maquiẽ pera tomar os lugares q̃ forão del rey de Ternate, & foy coele Cachil daroes mas enfadouse logo & tornouse sem fazer nada, nẽ quis mais sair de Ternate se não quando se foy, & por não ter rezão de ir darmada alargou a alcaydaria mór & a capitania mór a dom Iorge & todo seu feyto era fazer crauo: & dom Iorge deu estes officios a Lionel de lima que cuydou que ho fizesse melhor q̃ Gonçalo gomez, & mandoulhe pagar dãte mão hũ anno dordenado, mas ele ho fez tão mal, & valeolhe a dõ Iorge que os Castelhanos cõ medo da gente que sabião que estaua na fortaleza fazião a guerra mais branda, & tinhão muytas vezes tregoas.

C A P I T V L O LXXVI.

De como Martim afonso de melo jusarte se perdeo na costa de Bengala.

Inuernando Martim afonso de melo jusarte em Paleacate rompeose na India ho segredo de sua ida a çunda, & algũs amigos dos q̃ leuaua na armada lhes escreuerão verdade donde auião dir: & estes derão a noua a outros, de modo que foy sabido pelos da armada do que se muytos escãdalizarão polos enganarem, & hũs fugirão por não irem a çunda, & outros se conjurarão pera queimarem os nauios da frota tão dãnados estauão, & hũa noyte lhes poserão ho fogo, & se nã fora acodirlhe Martĩ afonso muy asinha & apagar ho fogo cõ muyta diligencia

eles forão queimados, & por mais deuassas que tirou pera saber quem ho fizera nunca ho pode saber, mas soube de muytos que estauão pera fugir por não irẽ coele & estes mandou prender, & aos que erão fugidos tomou as fazendas. E passado ho inuerno com muyto trabalho destas amotinações partiose, & porque soube que antre Bẽgala & Pegu andauão certas fustas de rumes fazendo presas, surgio em hũa ilha chamada Negamele defronte da cidade Darracão a esperar as fustas q̃ auião ali dir ter: & estando surto sobreueolhe tamanho temporal de vẽto que não podendo ho nauio sofrer a amarra seleuou & arribou, & os outros capitães tambem arribarão, & não podendo ter coele se apartarão de sua conserua, & despois de cessar a tormenta se achou só, & determinou de tornar á ilha donde se aleuantara pera ver se achaua hi os outros capitães: & nauegãdo per antre hũas ilhas deu ho nauio em hũ baixo onde ficou, & porque a gente não pelejasse sobre tomar a barquinha do nauio pera se saluarẽ hũs & outros não, mandou a hũ fidalgo chamado Andre de sousa que se metesse nela, & não consentisse que ninguem entrasse dentro, & pera se saluar a gente toda mandou muyto depressa fazer jangadas dalgũs paos das obras mortas do nauio & darcas, esforçando a gente que todos se saluarião. E estando nesta ocupação seria a mea noyte quando ho nauio adernou, & tõbouse todo pera hũa parte, que lhe não ficauão descubertos mais que os castelos. E como isto foy supito & de noyte ouuerãse de perder quantos estauão dentro mas acolherãse aos castelos & ali ficarão, & as jangadas que estauão começadas se perderão, & eles ficarão molhados & quasi despidos pera se deitarem ao mar cuydãdo que não tinhão outra saluação: o q̃ vẽdo Martim afonso os deteue & chamãdo Andre de sousa que chegasse á popa do nauio se meteo na barquinha leuando diante a Thome pirez que era ho senhorio dele, & despois se meterão outros que Martim afõso chamou per seus nomes, & não ficarão mais que seys Portugueses &

os escrauos, que pedião chorando que os tomassem, & era piedade ouuilos: mas por ser de noyte & Martim afonso temer que se çoçobrasse a barquinha com ho peso da gente não os quis tomar, prometendolhes com juramento de tornar por eles tanto que posesse os outros em terra, que por não caberem & temer que çoçobrassem os não tomaua, & eles disserão que assi ho esperauão nele. E Martim afonso, se foy caminho da terra que seria donde estaua ho nauio como de Lisboa a Almada, onde chegou sendo ainda de noyte, & ho rolo do mar era tamanho & tão brauo que fazia muy grande escarceo, & por isso não ousou Martim afonso de se chegar a terra, & mandou fora dous marinheiros pera verem se era praya ou penedia, & estes não tornarão mais, & parecẽdo a Martim afonso q̃ se afogarião não quis que saysse mais ninguem, & tornou ao nauio pelos Portugueses que lá ficauão por ver que caberião na barquinha, & não quis tomar nhũ escrauo porque não çoçobrasse. E tomados os Portugueses tornouse a terra onde deitara os marinheiros, & não os achando nem sinal deles teueos por perdidos. E com quanto este desastre era tamanho, & estauão em muyto grande perigo assi no mar como na terra q̃ não sabião, não faleceo a Martim afonso esforço: & mostrando grande coração lhes disse. Em tamanha desauentura como he perder a fazenda, & a vida ficar em tamanho risco como parece que está a nossa a principal cousa que nos ha de consolar, ha de ser termos por certo q̃ ho merecemos por nossos peccados, porque muyto menos se sente ho mal que vem a homem por sua culpa que aquele q̃ padece sem ela, & que este que nos sobreueo não he tanto como merecemos a nosso senhor: que como pay piadoso vsando de sua misericordia infinita nos deu este leue castigo, porque se ho dera conforme a nossas culpas onde se perdeo ho nauio acabarão nossas vidas, & por não perdermos as almas que lhe tanto custarão deuemos de crer que nos deixou coelas, & mais que assi como nos liurou de ta-

manho perigo nos ha dacabar de liurar de todo ate nos poer em saluo, por isso meus companheiros vos peço muyto que creais isto como ho eu creo, & que espereis em nosso senhor como eu espero que nos ha de leuar a saluamento, & que esta esperança vos esforce pera não sintirdes trabalho, fome, sede & outras fadigas que auemos de passar ate termos remedio com que tornemos aa India, & que vamos agora ao longo da costa pera ver se achamos os nossos nauios ou algũs deles em que nos embarquemos, & quando não iremos ate Arracão, cujo senhor he amigo dos Portugueses & dali nos iremos aa India. O que pareceo bem a todos, & se mostrarão muyto esforçados pera ho seguirem.

CAPITOLO LXXVII.

Dos grandes perigos & trabalhos que passarão Martim Afonso & os outros ate chegarem a Arracão.

E sem leuarem nhũa cousa que comer mais que hum pouco de bizcoito, & sem agoa nauegarão dous dias ao lõgo de terra sem comer nhũa cousa, porque por amor da agoa que não tinhão não ousauão de prouar ho bizcoito, nem ousaua Martim afonso de mandar a terra buscar agoa porque não via sinal de a auer nem ya na companhia quem soubesse a terra pera a buscar, & mais não virão nhũa pouoação. E indo assi nesta afronta tamanha virão hũa aldea, com que todos forão muyto ledos parecendolhes que ali terião remedio dagoa, & Martim afonso mãdou deitar em terra hum fidalgo chamado Francisco dacunha que agora mora no Algarue, & a hum Fialho dalcunha, pera que soubessem dos moradores daquela aldea se lhe darião agoa, & quão longe estaua do mar. E como Francisco da cunha & ho fialho chegarão aa aldea ajuntarãse bem corenta homẽs & tomando os antre si os leuarão por força mais pera ho sertão & os prenderão, & os que ficauão na barquinha bem

os virão leuar mas não conhecerão como os leuauão, & cuydarão que lhes yão mostrar algũa agoa. E estando esperando por eles sobreueo hũ vento por dauante com que ho mar se começou dencarapelar: & receando os Portugueses algũa tormẽta, & tambem enfadados da má vida tomarão dali achaque pera dizerem a Martim afonso que desembarcassem ali, o que lhe não pareceo bem ao menos ate não tornarem Francisco da cunha & ho Fialho, nem lhe parecia bem desembarcarem, porque como os da terra os vissem desarmados terião coração pera os matarem por amor de os roubarem, & que farião isto sem receo, porque como não nauegauão não tinhão que perder, & que auendo de desembarcar melhor seria em Arracão como tinha dito, porque ho senhor dela como nauegaua & tinha que perder não lhes auia de fazer nhũ mal com temor das nossas armadas, & por isso seria melhor irẽ lá. E Martim afonso não dizia isto se não pera ver se topaua algũs dos seus nauios que tão mal lhe parecia desembarcar em hum cabo como no outro. Mas como isto não parecia assi a todos, disserão muytos que deuião de desembarcar ali porque não leuauão mantimẽtos, & auia dous dias que não comião, & yão sessenta & quatro pessoas cõ que a barquinha ya metida no fundo, & que se alagaria com qualquer marulho, por isso que ho mais seguro era desembarcar ali. E nisto apertarão tanto que Martim afonso disse que desembarcassem, & porem que ho fazia muyto contra sua vontade, & que não era capitão, nem era nada, que se ho fora não desembarcara, & que não podia ser que de cinco nauios que se dele apartarão não achassem algum em que se saluassem por escusarem destar á cortesia dos mouros, & que entre tãto bem se poderião soster na barquinha, & quando a tormenta fosse tamanha então desembarcarião. E ouuindo isto Andre de sousa, Gonçalo vaz de melo, Nuno fernãdez freyre & outros dous todos grandes amigos de Martim afonso disserão, que ele era seu capitão & ho auia de ser, & que se po-

sesse aquilo em conselho, & saberião se era pera fazer ou não. E posto fezse o que Martim afonso dizia: & passando grande espaço que Francisco da cunha & ho fialho não tornauão disse que ali verião todos que gente era aquela, & quão bom seria desembarcarem. E sem mais esperar se partio, porque como não tinha armas não ousou de sair a saber o que lhes acontecera, & estes fugirão despois & forãse aa India. E indo Martim afonso ao longo de terra com ho mar bonança virão hum ribeiro que se metia no mar, com que derão muytas graças a nosso senhor, & por q̃ ali não parecia pouoação segurouse Martim afonso & mandou a Diogo pirez deça, & Nuno fernandez freyre, & a outros dous que fossem encher dagoa hũa jarra martabana que leuaria dous almudes. E estãdo tomando agoa acertarão dous homens da terra de chegar ao ribeiro com hũa panela darroz cozido que ainda leuauão quente, & Nuno fernandez lho comprou & leuou a com a agoa a Martim afonso: & querendo ele partir ho arroz por todos lhe pedirão que ho comesse soo, porque pera todos não era nada & pera ele soo seria algũa cousa, & não quis se não partilo & a cada hum coube hum bocado. E porque na agoa era necessaria grande prouisam se fartarão ali dela, & leuarão a jarra chea, & por lhes durar molhaua Martim afonso a ponta dum lenço nagoa & dauao a chupar a cada pessoa certas vezes no dia, & ho outro tempo tinhão na boca hum pelouro despingarda pera não auerem sede, & comião algũs bocados de bizcoito pera se sosterem. E coesta adieta tão trabalhosa nauegarão cinco dias sostendo os nosso senhor milagrosamente, & no cabo deles chegarão aa barra Darracão.

CAPITOLO LXXVIII.

De como Martim afonso foy leuado com os outros per hũs pescadores aa cidade de çuquiriá.

E como a Martim afonso lhe pesasse muyto de se ẽtregar aos mouros, porque sabia quão desleais & falsos sam, trabalhaua por buscar todos os modos que podia pera não se entregar. E porque sentia nos mais dos Portugueses enfadamẽto de tanta má vida nã ousou de lhe dizer o q̃ temia dos mouros porq̃ não cuydassem q̃ ele não queria desembarcar se não trazelos na barquinha, & q̃ desesperados fizessem algum desatino, & por isso dissimulou coeles, dizendolhes que antes que se fossem pera Arracão fossem ver a hũs ilheos que ali estauão perto se por ventura estarião hi algũs dos seus nauios, & quãdo não algũ fato se fossem perdidos, que ho mar ali lançasse, & despois se irião pera Arracão. E consentindo que fossem mandou remar pera lá, & começãdo datrauessar acalmou ho vento & ho mar ficou cauado, & era tão vanzeiro que metia a barquinha no fundo com a agoa que lhe entraua que vazauão com hum capacete & com hũa bacinica que leuauão, & aqui se virão de todo perdidos pelo que chamarão muyto deuotamẽte por sam Lourenço a quem prometerão suas esmolas, & nosso senhor por rogos do bem auẽturado martir os liurou deste perigo, a cuja honrra despois mandou Martim afonso fazer hũa irmida em hũa sua quinta no termo Dobidos: & liures do mar chegarão ao ilheo, em cuja praya logo em desembarcãdo acharão dous sacos de bizcoito todo molhado & hũa arca de pao, & dentro algũs guingões de que despois fizerão arrombadas á barquinha. E nisto conhecerão que algum nauio dos que buscauão era perdido, & virão que ho ilheo era quasi tudo praya pequeno & redondo & no meyo dele debaixo de hũas aruores altas estaua hum charco dagoa na-

diuel em q̃ andauão peixes, mas a agoa cheiraua mal & amargaua, & por ali auia hũas faueiras como as nossas com fauas, hũas verdes & outras secas. Os Portugueses em as vendo arremessarãse a elas com a fome que leuauão comendo muytas: & parece que por terem esta propriedade os mais dos que as comião começarão logo darreuessar, & sair tudo juntamente como se comerão algũa peçonha & cayão no chão muyto fracos & desacordados, pelo que os outros cessarão de as comer, & Martim afonso acudio muy triste cuydando que aquilo fosse peçonha & fez agasalhar os doentes ainda q̃ não auia outras camas se não a area, & assi andou ate que anoyteceo, & quis lhe nosso senhor bem que fazia lũar pera os alomear. E andãdo passeando Nuno fernandez freyre & Frãcisco mendez ao longo do mar por não poderem dormir com ho cuydado do perigo em que se vião virão sair dagoa hũa tartaruga, & indo apos ela ate onde tinha perto de duzentos ouos tomarãna coeles & leuarãna a Martim afonso que a mandou logo fazer em pedaços pera comerem & fizerão muytos por ser mayor que hũa grande rodela, & as gemas dos ouos deitou em hũa bacinica & coalhados ao fogo os deu por sua mão aos doentes com que os esforçou, & assi comerão todos da tartaruga assada & do bizcoito & almeirões cozidos q̃ auia ali muytos & coziãnos em agoa em hum capacete que ainda que era ferrugẽto & os almeirões sabião a ferrugem sabião bẽ com a fome. E ao outro dia tomarão outra tartaruga a que acharão mais de duzentos ouos, & coeste refresco sararão os doentes & esforçarão os sãos algum tanto em tres dias que ali esteuerão. E vendo Martim afonso a gente contẽte, rogoulhes que não fossem a Arracão, porque tinha grande duuida no senhor daquela cidade por royndades que sabia que fizera a Portugueses que ali forão mais prosperos do q̃ eles yão, mas que fossem a Chetigão outra cidade del rey de Bengala que hũ Portugues dos da companhia que ja fora nela lhe dizia q̃ era perto, & que ali os agasalharião bem por a-

mor que nauegauão, & tinhão necessidade da amizade dos Portugueses, & todos disserão q̃ fossem. E atrauessando a costa, chegarão a hũa praya õde virão muytos palmitos, & vendo Martim afonso a terra despouoada desembarcou ali com todos, & mandou tirar a barquinha em terra, & com pedaços das tartarugas q̃ ainda leuaua & algũs ouos, & cõ ho bizcoito ajũtarão os palmitos & refrescarão, & com boa agoa que acharão deixarãse estar tres dias, & de noyte dormiã dous marinheiros na barquinha, & de quando em quãdo se leuantaua Martim afonso & a vigiaua: & isto fez porque algũs Portugueses lha não podessem furtar como determinarão pera fugirem nela & deixarẽ os outros. E na derradeyra noyte indo a Martĩ afonso visitar achou duas almadias pegadas cõ terra, & cuydando que a querião tomar bradou aos Portugueses q̃ acodissem. E sentindo hũs pescadores da terra que estauão nas almadias q̃ acodião, afastarãse de terra & falarão, & Martim afonso lhes mãdou preguntar por hũ Portugues que ja esteuera em Bengala & sabia a lingoa quanto era dali a Chetigão, & dizẽdo que perto concertou coeles que os leuassem lá por dez pardaos que lhes derão, & os pescadores mentião, & a cidade que dizião não era Chetigão se não outra chamada Cuqueriá de q̃ era senhor hũ mãcebo mouro chamado Codauaz & por dinidade cão, & ficaua ho nome todo Codauazcão, & era vassalo del rey de Bengala. E tomãdo os pescadores a barquinha de toa tirarão a força de remo quanto mais poderão & em amanhecendo achouse Martim afonso dentro em hũ rio, q̃ ho Portugues que esteuera em Bengala disse que não era aquele ho rio de Chetigão, porem que bem podião sair por ali ao mar, porque sabia que aquele rio cercaua aquela terra como ilha, & forão por aquele rio ate que anoyteceo: & nisto saltarão os pescadores supitamente em terra, dizẽdo que yão leuar recado ao lascar de Chetigão como estauã ali: & dizẽdolhe ho Portugues que porque mẽtião se aquele não era ho rio de Chetigão,

disserão q̃ si era, & forãse. E Martim afonso disse que esperassem ate verem que recado leuauão os pescadores, mas eles não tornarão mais, porem forão dizer a Codauazcão que estauão ali tãtos Portugueses q̃ andauão perdidos, & q̃ nã leuauão armas. E ele folgou muyto cõ aq̃las nouas porque os tinha por valentes homẽs & sabedores na guerra, & folgou coeles pera ho ajudarem em hũa que tinha com hũ seu vezinho, porque esperaua de ho vẽcer cõ sua ajuda, & porque era noyte nao quis que desembarcassem, & mãdoulhes dizer per hũ homem que sabia a lingoa Portuguesa que não se agastassem porque ele era grãde amigo del Rey de Portugal, & assi lho disse ho homem em voz alta sem ho verẽ por amor do grande escuro que fazia. E ouuindo Martim afonso estas palauras em Portugues & em lugar onde tão pouco esperauão ouuir falar sua lingoa nem palauras tão fauoraueis a eles ficarão muyto consolados, & esperarão bõ remedio pera a saluação das vidas, pelo que derão muytos louuores a nosso senhor.

CAPITVLO LXXIX.

De como Martĩ afonso & os outros ficarão ẽ poder de Codauazcão.

Codauazcão que estaua muyto aluoraçado pera auer os Portugueses, leuantouse como foy manhaã & caualgou acompanhado de muyta gente de guerra que tinha junta, & ĩdo coele todos a pé se foy á ribeira leuando diante seus instormẽtos de guerra que yão tocando por festa, mas aos Portugueses não lhes pareceo assi: & quando virão tanta gẽte daquela maneyra cuydarão que os yão prender, & disserão que não era siso esperar mais, que se fossem, porque ho recado que lhes derão de noyte da parte do goazil foy pera os deterem que não fugissem, & a Martim afonso lhe pareceo bem & foyse pelo rio abaixo pera ir sair ao mar: a gẽte de Codauazcão

quãdo os virão fugir lançarão a pos eles ao longo do rio apelidando a terra, & tirãdolhes muytas frechadas & pedradas, & da outra banda do rio acodião trabalhadores, & suas molheres & filhos: & todos cõ tamanha furia que parecia que os querião meter no fũdo, & valeolhes que indo assi deu a barca em seco, o que vendo Martim afonso leuantou hũ lenço em sinal de paz porque os não matassem & bradou á gente que esteuesse queda: & ela ho fez assi, & porque a barca estaua hũ pouco afastada foy necessario desembarcar Martĩ afonso & os outros a nado: & ele foy logo falar a Codauazcão que quando ho vio lhe fez muyto gasalhado, & disselhe que não se agastasse polo desastre que lhe acontecera, & que fizesse cõta que estaua em Portugal, porq̃ ele & os outros Portugueses assi auião de ser tratados como lá, & que ele os deixaria ir pera a India dentro na moução, ou os mandaria quando não teuesse embarcação por isso que descansasse: o que lhe Martim afonso agardeceo muyto, & ele ho mandou apousentar com todos os outros em hũas grandes casas, & lhes mãdou dar todo ho necessario, & panos pera vestidos dalgũs que disso tinhão necessidade. E logo ao outro dia chegarão aa barra desta cidade Duarte mendez de vazcôcelos capitão de hũa galeota & Ioã coelho capitão dũ bargantĩ ambos da conserua de Martim Afonso q̃ andauão em sua busca, & na barra souberão dos mesmos pescadores q̃ ali leuarão os Portugueses como estauão na cidade. E os capitães mãdarão dizer a Martim afõso como estauão ali, q̃ determinasse o q̃ queria: & ele pedio licẽça a Codauazcão pera se ir lẽbrandolhe o que lhe tinha prometido. E ele lhe disse q̃ era verdade, mas q̃ não lhe podia logo dar licẽça, & cõtoulhe a causa porq̃, q̃ era a guerra q̃ tinha, q̃ esperaua dacabar cõ sua ajuda dẽtro na moução, & então lhe daria licença, & q̃ mãdasse dizer aos capitães que estauão na barra q̃ ho esperassem, & entre tanto lhes darião os mantimẽtos de q̃ teuessem necessidade, & Martim afonso ho fez assi.

CAPITVLO LXXX.

De como Martim afonso foy liure do catiueiro em que estaua.

E como Codauazcão tinha sua gente prestes pera ir sobre seu ĩmigo, partiose logo leuãdo Martĩ afonso cõsigo, q̃ ya a caualo & os outros Portugueses a pé, & todos leuauão armas q̃ lhes Codauazcão dera, & forão cõ muyto trabalho por ho caminho ser muyto roym & fragoso. E a gente de Codauazcão se espantaua de como ho podião aturar não sendo costumados a andar por aquela terra, & tinhão os pera muyto, & assi forão por suas jornadas ate chegarem aa cidade do immigo de Codauazcão que tinha deitado fama que leuaua cem Portugueses com espingardas a fora ho grande poder de gente da terra, & assi alifantes, pelo que seu immigo não ousou de ho esperar & fugio deixando a cidade despejada, & por isso a tomou Codauazcão sem nhũa resistẽcia: & dali foy seguĩdo seu ĩmigo ate ho deitar fora da terra que nũca ousou de lhe dar batalha com medo dos Portugueses que da gente da terra não fazia conta ainda que fora mais da que era: assi que ho medo dos Portugueses fez fugir ho immigo de Codauazcão que ficando senhor de toda a terra de seu immigo se tornou pera a cidade de Soré ondestaua sua mãy & dous seus irmãos, & ho galardão que deu a Martim afonso & aos outros pola ajuda que lhe derão, foy negarlhes a licença que lhes tinha cõcedida & pedirlhes resgate polos deixar ir, o que lhes não derão polo não terẽ. E quãdo Martim afonso vio a pouca verdade de Codauazcão, determinou de fugir dando parte disso a algũs dos q̃ estauão coele. E cõcertado com os capitães que estauão na barra, que pera hũ dia certo lhe mandassem as almadias pos em obra sua fugida hũa noyte despois que sintio que os da cidade erão recolhidos, & mandou diante

os mais dos que estauão coele com quem foy hũ portugues q̃ cõ hũ Manuel de caceres leuaua os recados de Martĩ afõso aos capitães & sabia a terra & õdestauão as almadias q̃ era dali a quatro legoas: & partidos estes foise Martim afonso apos eles, indo coele Manuel de caceres: & isto seria as onze horas da noite: & como ho caminho era muyto roym & cõprido, começarão de cansar & algũs ficarã & estes querẽdo despois ir a pos os outros não sabẽdo a terra se perderão: & vẽdose perdidos tomarã por remedio tornarẽse á cidade, õde chegarão antes damanhecer, & deitarãse em suas camas a dormir, & antrestes foy Diogo pirez deça. Martim afonso & os outros seguirão auante, & com ho roim caminho & cõ irem de vagar, & partirem tarde da cidade amanheceolhes antes q̃ chegassem aas almadias, & por nã serẽ descubertos embrenharãse. E tanto q̃ amanheceo soube logo Codauazcão q̃ Martim afonso & os outros Portugueses erão fugidos, do que lhe pesou muyto, & mãdou chamar Diogo pirez deça & os que estauão coele, & preguntoulhes que como fugira Martim afonso & os outros & eles ficarão, disse que não sabia porque Martim afonso lhe não dera conta de nada, & q̃ acordãdo de noyte ho achara menos & aos outros. Codauazcão ho creo, & mãdou logo hũ capitão cõ quatro cẽtos homẽs darmas ẽbusca de Martim afonso & dos outros & q̃ trabalhasse muyto polos achar: & ele os achou, & ẽ a gẽte os vẽdo começão darremessar sobreles pedradas, & frechadas sem conto: & os Portugueses se quiserão defender, & Martim afonso não quis, dizẽdo q̃ não era tẽpo, porq̃ se ho fora ele começara primeyro, & q̃ quanto se mais defendessem tãto mais aluoraçarião a terra, & se ajuntaria mais gente & os matarião mais asinha, & por isso era melhor entregarẽse sem escãdalo. E bradãdo aa gẽte q̃ não tirasse foyse parela, & disse ao capitão q̃ os Portugueses erão tão obedientes a quem tinhão por capitão q̃ fazião quãto lhes mandaua, & porq̃ ele mãdara aq̃les q̃ ali vinhão q̃ fugissem que por isso fugirão:

& se se auia de dar algũa pena por aq̃la culpa que fosse a ele sómente porq̃ ele a tinha. Ho capitão lhe disse q̃ não era culpado ẽ fugir, & q̃ pesara disso a Codauazcão, porq̃ folgaua coele & cõ os outros Portugueses, q̃ se fossẽ pera a cidade & q̃ lhe faria merce, & assi forã. E primeiro q̃ dali abalassẽ hũs Bramenes dos gẽtios pedirã ao capitão q̃ lhes mandasse dar hũ daq̃les Portugueses pera sacrificarẽ aos seus pagodes a quẽ rogarão q̃ lhe deparasse aq̃les portugueses, & pois lhos deparara q̃ lhes desse hũ pera lhes fazerẽ festa: & ele lhes deu a hũ Gõçalo vaz de melo, a que queria mal porq̃ quando forão aa guerra lhe chamara cão perro, & ele não se vingou cõ medo, & vingouse ali porque vio a sua. E ali foy logo degolado, sem Martim afonso nẽ nhũ dos outros ousarẽ de falar por não poderẽ mais. E leuado Martĩ afonso a Codauazcão, ele se lhe queixou porq̃ lhe fugia dãdolhe tã boa vida, & tornouho a sua graça como dantes, & fazialhe merce & hõrra & porẽ não ho quis deixar ir nẽ a nhũ dos outros, pelo q̃ Martim afonso escreueo tudo o que passaua aos capitães que ho estauão esperando na barra, escreuendolhes que se fossem, & escreueo hũa carta pera ho gouernador em que lhe daua relação de sua desauẽtura, pedindolhe que ho mandasse resgatar, & os capitães se partirão & derão esta carta a Lopo vaz de sam Payo q̃ ainda gouernaua a India, q̃ rogou a hũ mouro Dormuz chamado Cojeçabadim que ya a Bengala, que resgatasse Martim afonso, & os que achasse viuos, & ele os resgatou por tres mil cruzados que deu a Codauazcão, & os mandou á India em hũa fusta sua gouernando Nuno da cunha, logo no primeyro anno de sua gouernança.

CAPITVLO LXXXI.

De como Simão de sousa galuão com tormenta foy ter a Dachem.

Partidos Pero de faria & Simão de sousa de Cochim pera Malaca como ẽtrarão no golfão da ilha de Ceilão pera a de çamatra, por ser sempre perigoso ainda que seja na moução & porque a gale era rasteira mãdou Simão de sousa abater quanta artelharia leuaua assi grossa como miuda: & quasi no cabo do golfão lhe sobreueo hũa braua tormenta com que se apartarão, & Pero de faria foy ter a Malaca õde foy entregue da capitania da fortaleza por Iorge cabral que a seruia, & Simão de sousa com ho mesmo temporal foy ter á ilha de çamatra á barra de Dachem quasi perdido, & cõ a artelharia toda abatida & a gente enjoada & cansada. E sabendo ele polos da terra õdestaua, quiserase logo ir se ho deixara ho tẽpo por saber camanho ĩmigo dos Portugueses era el rey Dachẽ, mas ho tẽpo não lhe daua lugar. El rey sabẽdo da gale q̃ estaua na barra mãdou pregũtar q̃ gente era & pera õde ya, & sabendo q̃ erão Portugueses q̃ yão pera Malaca, determinou de os tomar, & pera saber quantos erão, & como yão apercebidos mãdou visitar Simão de sousa cõ muyto refresco, dizẽdo q̃ folgaua muyto de ir ali ter pera fazer amizade cõ os Portugueses cõ quẽ a desejaua de ter auia dias, rogãdolhe q̃ entrasse pera dẽtro q̃ lá estaria mais seguro & seria melhor prouido, & se quisesse q̃ ho mãdaria rebocar per algũas lãcharas. O q̃ Simão de sousa lhe agardeceo, dizẽdo q̃ não ya pera dentro por se deter menos, porq̃ na hora q̃ ho tempo desse lugar se auia de partir. E receãdo el rey q̃ ho fizesse assi, mãdou fazer aquela noyte prestes mil homẽs darmas q̃ se embarcarão em vinte lãcharas pera irẽ tomar Simão de sousa q̃ polo seu q̃ lhe leuou o refresco soube a gẽte q̃ tinha, & q̃ não leuaua

artelharia pera se defender: & como foy manhaã os despedio, mãdãdo ao capitão delas q̃ por força lhe leuasse Simão de sousa quãdo não quisesse por sua võtade, & por dissimular mãdoulhe diãte hũ recado em hum calaluz: que pois ali estaua que entrasse pera dentro porque lá estaria mais seguro, & que mandaua algũas lancharas pera que ho rebocassem. E este recado lhe deu do calaluz hũ mouro que não quis entrar na galé. E dandolhe Simão de sousa a reposta yãose as lancharas chegando: & quando Simão de sousa vio a muyta gente que ya nelas conheceo ho engano, & disse ao mouro que lhes dissesse q̃ se fossem que lhes não queria dar trabalho, & ele não se queria ir, pelo que Simão de sousa pedio suas armas, & os outros tambem se armarão: & hũ fidalgo q̃ se chamaua Manuel de sousa pos ho fogo a hũ falcão & tirou ao calaluz pera que se fosse. Ho capitão das lancharas vendo que era descuberta sua treição mãdou que aferrassem a galé: & tangẽdo os mouros seus instormẽtos de guerra, & dando grandes gritas remeterão á galé tirandolhe muytas bombardadas & espingardadas de que ferirão algũs Portugueses, & duas ou tres lancharas aferrarão a galé por popa, & saltarão muytos mouros dentro sem lho os Portugueses poderẽ defender: & a peleja se começou muyto braua, que com quanto os Portugueses erão poucos, & os mouros muytos pelejarã tam esforçadamẽte que matarão & ferirão muytos dos que entrarão & os outros fizerão tornar a suas lancharas, pelo que os das outras não ousarão mais dẽtrar: & porem combatião os Portugueses brauissimamente com espingardadas, frechadas, zagũchadas & pedradas: & com tudo fazião mortal dãno porque como as lancharas erão alterosas & a gale rasteira ficauão muyto senhores dos Portugueses & tratauão os muy mal, porẽ não tanto que não recebessem dobrado mal, mas como erão as noue partes mais que os Portugueses não se lhes enxergaua tanto como neles q̃ erão poucos. E desta maneyra durou a peleja ate as dez horas, em que Simão

de sousa & os outros se defenderão com esforço tão sobre natural q̃ auendo os mouros por impossiuel vencerẽnos & espantados de tal valentia domẽs, & dos muytos q̃ da sua parte erão mortos & feridos se retirarão ficando corenta Portugueses mortos & feridos, & tornarãse pera a cidáde.

CAPITVLO LXXXII.

De como Simão de sousa galuão foy morto na barra de Dachem cõ quãtos yão coele.

Sabẽdo el rey como a sua gente não leuaua a gale, ouue disso muyto grãde menencoria, & mãdou logo ir diante de si os capitães & preguntoulhes como não leuauão a gale, & eles lho contarão fazendolhe grande espãto da valentia dos Portugueses: do q̃ el rey se agastou muyto mais do q̃ estaua, & caualgãdo em hũ alifante mandou chamar ho seu capitão geral com a gẽte de guerra que tinha a cargo, & mandoulhes que lhe fossem por a gale de Simão de sousa, jurãdolhes por Mafamede que os que tornassem sem ela q̃ os auia de mandar matar com a mão daquele alifante, & logo os mandou embarcar em cincoenta lancharas, o que fizerão com bẽ má võtade por auerẽ grãde medo aos Portugueses pola valẽtia q̃ neles virão na peleja passada. Ho capitão mór dos mouros despois q̃ chegou á gale fez q̃ nã ya pera pelejar, & leuãtãdo hũa bãdeira de paz disse q̃ queria falar a Simã de sousa q̃ chegou a bordo a saber o q̃ queria. E ele lhe disse da parte del rey q̃ estaua muyto agastado, porq̃ sendo tamanho amigo dos Portugueses & desejãdo de lhe fazer hõrra & gasalhado receberã de seus vassalos tamanha offẽsa como lhes fora feyta, & q̃ logo mãdara prẽder todos aq̃les q̃ lha fizerão, & pera ver ho castigo q̃ lhes daua, lhe rogaua muyto q̃ entrasse pera dẽtro, & q̃ ficaria louuado. O q̃ ouuido polos q̃ estauão cõ Simão de sousa, muytos começarão de dizer q̃ se ẽ-

tregassem porq̃ ja não podião pelejar: o q̃ ouuindo Simão de sousa ouue medo que se amotinasse a gente, & por isso lhes quis falar, & disse ao capitão dos mouros q̃ aueria conselho com sua gente, & se eles quisessem ir pera dẽtro. E como ho capitão receaua muyto a peleja com os Portugueses foy contente de Simão de sousa auer ho conselho que dizia pera ver se podia escusar a peleja & afastouse. E Simão de sousa pregũtou á gẽte da galé que dizia, & muytos lhe disserão que faria bem de fazer o que el rey de Dachẽ queria pois por força ho auião de fazer por não serẽ poderosos pera se defẽder posto q̃ todos os q̃ ali chegarão forão viuos & sãos quanto mais sendo a mayor parte mortos & feridos: & poderia ser que vẽdo el rey q̃ se punhão em seu poder q̃ lhes goardaria sua palaura & faria o que dizia, & q̃ se tiraria dalgũ mao pensamẽto se ho tinha, o q̃ mais asinha poeria em obra vẽdo q̃ não se fiaua dele. Ao que Simão de sousa respõdeo, q̃ claro estaua q̃ quẽ era tão mortal ĩmigo dos Portugueses como el rey Dachẽ que se os acolhesse q̃ os auia de matar de muy cruas mortes: & pois auião de morrer sem as vingar, q̃ melhor morrerião vingãdo as, & farião o q̃ deuiã a Christãos & a caualeyros, & entre tãto q̃ fazião o q̃ deuião lhes daria nosso senhor maneyra pera se saluarẽ: & quando não podessem saluar as vidas q̃ lhes saluaria as almas por sua misericordia pois morrião por seu seruiço. E animados todos coestas palauras, disserão q̃ fizesse o q̃ lhe bem parecesse, & q̃ eles ho seguerião: o q̃ lhes agardeceo muyto, & disse ao capitão dos mouros que não auia dẽtrar pera dẽtro q̃ se podia ir ẽbóra: & ele por estar ameaçado del rey nã ousou de se ir, & mãdou aos seus q̃ cometessem a galé & trabalhassem muyto porq̃ tomassẽ os Portugueses viuos, q̃ assi lho encomẽdara el rey, & q̃ lhes lẽbrasse como os ameaçara se fossẽ sem a gale, por isso q̃ fizessem por saluar as vidas. Os mouros remeterão á gale cõ tamanhos alaridos q̃ eles somẽte abastarão pera desatinar os Portugueses, quanto mais tã-

tas nuuẽs de frechas q̃ tolhião a claridade do sol: tãta soma despĩgardadas q̃ escurecião ho ár, pedradas, zãgũchadas, azagayadas & outros arremessos tão espesos q̃ parecião hũa grossa chuua. E nesta reuolta se chegarã tãto certas lãcharas á gale q̃ saltarão algũs mouros dẽtro, q̃ logo forão somidos pelos Portugueses q̃ cada hũ pelejaua por vinte, & não descansauão momẽto & fizerão afastar as lancharas dos mouros, que como erão muytos se ẽbaraçauão hũs com os outros porque todos querião ser os dianteiros que pelejassem, & cõ a fadiga q̃ nisto tinhão podião os Portugueses aproueitarse deles, assi cõ os tiros miudos como cõ as espingardas & outras armas offensiuas com que derribauão hũs sem pernas, outros partidos em pedaços. E era cousa espãtosa de ver como os Portugueses se podião defender de tanta multidão de mouros, quanto mais offẽdelos com tamanha destruição. E porem eles não estauão sem ela que erão algũs mortos & os outros quasi todos feridos, & os mouros q̃ ho não sabião mas cuydãdo q̃ estauão em todas suas forças por passar de tres horas que duraua a peleja, & q̃ nem somẽte os poderão nũca abalroar, começarão de se alargar da peleja ainda que os capitães lhes lembrauão ho ameaço q̃ lhes el rey fizera, pelo que lhes não daua espantados de tã braua defensao domẽs. E vẽdo hũ mouro q̃ andaua na galé de por força, como os mouros se afastauã lãçouse a nado por ninguẽ atẽtar nele, & foy dizer aos mouros que nã se fossem, porq̃ os portugueses erão mortos os mais deles, & os outros tão feridos & cansados q̃ nã se podião defender, & se os cõbatessẽ mais hũ pouco q̃ lhes tomariã a galé, & ho capitão mãdou este mouro a el rey pera que lhe disesse aquilo, & assi os feridos q̃ tinha, pera q̃ lhe mãdasse gẽte de refresco, & munições q̃ logo mandou. E chegada esta gẽte tornarã os mouros a cometer a galé q̃ entrarã muytos, por ja os Portugueses que auia viuos lhes nã poderem resistir: porq̃ nã pelejauão mais q̃ Simão de sousa, Manuel de sousa, dõ Antonio de crasto, An-

tonio caldeira, Iorge dabreu, & outros tres ou quatro: & cõ quanto fazião façanhas, os mouros os fizerão retirar ate ho pé do masto, & pregarão duas frechas a dõ Antonio de crasto na aste dũa chuça com que pelejaua, & ficarãolhe as mãos pregadas, & assi pelejou ainda hũ pouco, & foyselhe tãto sangue das muytas feridas que tinha que cayo morto, & Simão de sousa, & Manuel de sousa com os outros fizerão ali cousas tão milagrosas que não se podẽ contar, & bẽ vingarão suas mortes assi os que ali morrerão, como os q̃ despois acabarão suas vidas ẽ poder dos mouros. E na furia desta peleja deu hũ zaguncho darremeso a Simão de sousa sobre ho coração, & com a força que leuaua lhe rõpeo as coiraças & ho coraçã & caio morto, & os que ficarão viuos que seriã vinte cinco, em que entrauão Antonio caldeira, & Iorge dabreu, se entregarão, prometendolhes os mouros as vidas, & eles se derão por nã terem forças nem folego pera se defenderem, & com este Simão de sousa acabarão de morrer quatro filhos de Duarte galuão. s. Iorge galuão, Manuel galuão, & Ruy galuã que todos falecerão nestas partes seruindo os Reys de Portugal como seu pay & ante passados seruirão. Tomada a galé pelos mouros não q̃rião goardar ho seguro q̃ derão aos Portugueses, & queriãnos matar se os capitães não acodirão que lhos tolherão: & eles vẽdo que nã podião vingarse deles dos muytos parentes & amigos q̃ lhes matarão, vingarãse em Simão de sousa q̃ feyto em pedaços ho deitarão ao mar. Tomada assi a galé foy leuada a el rey com os Portugueses que escaparão viuos, a q̃ el rey fez muyto gasalhado por dissimular sua maldade, & fez q̃ lhe pesaua muyto da morte de Simão de sousa & dos outros q̃ ele mãdaua chamar pera lhes fazer gasalhado & hõrra como desejaua de fazer a todos os Portugueses de que era grande amigo: & como eles fossem sãos q̃ escolhessem antre si algũ que fosse dizer da sua parte ao capitão de Malaca, q̃ mãdasse por eles, & pola galé & artelharia, & polo mais que lá teuesse que fora dos Por-

tugueses, porque tudo daria de boa vontade. E isto fazia com tenção que ho capitão de Malaca mandasse algũ nauio, & q̃ ho tomaria com a gente que fosse nele: & pera mais enganar os Portugueses mandoulhes dar muyto boas pousadas & curalos cõ grãde diligencia, & darlhe todo ho necessario tão largamẽte como se esteuerão antre Christãos.

CAPITVLO LXXXIII.

De como dõ Garcia anrriq̃z chegou a Malaca.

Dom Garcia anrriquez q̃ ficou na ilha de Banda despois que foy tempo partiose pera Malaca, & no caminho tomou hũ jũgo de mouros Iaos. E auido seguro de Pero de faria que ho não prendesse nẽ a nhũ dos q̃ forão na prisam de dom Iorge, se foy a Malaca, onde lhe Pero de faria mandou embargar toda sua fazenda, dizẽdo q̃ lhe não dera seguro mais q̃ pera ho nã prẽder. E despois estando em Malaca hũs embaixadores del rey de Panaruca, que he na ilha da Iaoa que yão assẽtar paz & amizade cõ Pero de faria, se leuãtou hũ arroido antre os criados destes ẽbaixadores & os Malayos, que foy causa de se desembargar a fazẽda de dõ Garcia, & foy desta maneyra. Pousauã estes embaixadores ẽ hũa cerca de taipa junto da pouoação dos Quelĩs, & passando hũ dia hũ homẽ da terra per junto desta cerca com hũ pouco de dinheiro virãlho hũs criados do ẽbaixador: & tomarãlho por força, ao que acodirão algũs da cidade: & estando em rezões com os q̃ tomarão ho dinheiro q̃ ho tornassẽ passou ho meirinho da fortaleza, a q̃ requererão que ho fizesse tornar, & querẽdo ho fazer foy sobrisso morto pelos Iaos. E os da cidade vendo isto se acolherão cõ medo, & começasse hũ rumor que os Iaos de Panaruca & quãtos morauão em Malaca erão feytos amoucos, & porq̃ atras disse q̃ cousa sam amoucos ho não digo: & este rumor chegou á fortaleza, & acodio lo-

go Pero de faria com gente armada cuydãdo q̃ era treiçã, & quando foy achou ja dõ Garcia anrriq̃z q̃ cõ sete ou oyto Portugueses da sua companhia acodio ao arroido cõ suas armas & fez deter os Iaos que nã passassem auante & matou doze deles, pelo que quando chegou Pero de faria ouue pouco que fazer em os fazerẽ recolher, & tudo se logo apacificou. E porque dom Garcia acodio a tão bõ tempo lhe mãdou Pero de faria desembargar sua fazẽda dando fiança dũs tantos mil cruzados, pera se dom Iorge de meneses quisesse dele algũa cousa, & assi escapou dom Garcia em Malaca.

CAPITVLO LXXXIIII.

De como el rey de Dachem mandou cõ engano dizer a Pero de faria que lhe daria os Portugueses & a galé.

Neste tempo auia guerra antre el rey de Dachem, & el rey dauru seu vezinho. E sabendo el rey Dauru a muyta rezão q̃ os Portugueses tinhão pera serem ĩmigos del rey Dachem, mãdou pedir ajuda a Pero de faria capitão de Malaca, mandãdolhe dizer por seu embaixador como tinha guerra cõ el rey Dachẽ, & q̃ confiado na amizade q̃ tinha cõ os Portugueses do tempo q̃ Iorge dalbuquerq̃ fora capitão de Malaca lhe mandaua pedir ajuda contra el rey de Dachẽ que sabia que era ĩmigo dos Portugueses, & q̃ lha auia de dar por mar pera coela pelejar a sua armada com a del rey de Dachem em quãto eles pelejassem por terra, & q̃ esperaua de se vingar dele & vingar aos Portugueses das offensas q̃ lhes tinha feytas. E partido este embaixador del rey Dauru, foy logo sabido del rey de Dachem: do q̃ ele ficou muyto agastado, porque a fora recear muyto el rey Dauru por ser poderoso de gente, & gẽte esforçada & guerreyra, auia grande medo de lhe ho capitão de Malaca dar ajuda, porq̃ dandolha era sem nhũa redenção destruido: & estaua certo darlha assi por os males q̃ os Portugue-

ses tinhão dele recebidos como porque naq̃la conjunção auia muytos Portugueses ẽ Malaca, assi os q̃ estauão dantes, como os que forão cõ Francisco de sá a ajuda: & os q̃ leuara Pero de faria da India, & os que auia de leuar Martĩ afonso de melo jusarte q̃ ainda não sabia que era perdido, porem soubera dos Portugueses q̃ tinha catiuos q̃ auia dir a ter a Malaca. E tẽdo por certo darse a ajuda a el rey Dauru, determinou de lhe atalhar com manha que lha não dessem: fazendo como dizẽ da necessidade virtude, & requerer amizade ao capitão de Malaca cõ offrecimento de dar os catiuos & a galé, & todo ho mais q̃ tinha tomado aos Portugueses. E porq̃ não auẽturasse nhũ dos seus nesta embaixada, & tambẽ porq̃ parecesse ao capitão de Malaca q̃ tinha võtade de cõprir o q̃ dizia, mandou coela Antonio caldeira, & em sua cõpanhia outro Portugues, & primeyro q̃ ho mandasse lhe fez muytas mostras damizade a fora as q̃ tinha feytas a todos em os agasalhar & curar, & disselhe a causa porq̃ ho mãdaua & não a nhũ seu, & q̃ se o capitão de Malaca quisesse q̃ mãdasse logo pelos outros Portugueses, & pola galé & artelharia, assi dela como de hũa nao q̃ se perdera na sua barra, & a que tomara na fortaleza de Pacem: & que não queria outra cousa se não sua amizade & a dos Portugueses. E ao tempo que Antonio caldeira chegou a Malaca tinha Pero de faria prometida sua ajuda ao ẽbaixador del rey Dauru, & quando vio Antonio caldeira & soube ho recado q̃ leuaua ficou muyto ledo parecẽdolhe que cobraria os Portugueses que estauão catiuos, & a gale & artelharia, & que nisto ganhaua mais q̃ em dar ajuda a el rey Dauru: & não ele sómẽte estaua coisto muyto ledo mas os mais dos principais da fortaleza, & dõde Pero de faria tinha prestes Diogo de macedo capitão mór do mar de Malaca pera ir por mar com outros capitães ajudar el rey Dauru começou de ho ter. O q̃ não parecendo bem a Martim correa por ser seu amigo & ter coele credito lhe disse que visse bem o q̃ fazia, porq̃ to-

da aq̃la amizade del rey Dachẽ lhe parecia fingida, & q̃ não era pera outro fim se não pera saber se daua ajuda a el rey Dauru, ou se fazia armada prestes pera ir vingar a tomada da gale assi como auia pouco q̃ se fizera em longú, porq̃ bem deuia ele de saber que auia muyta gente ẽ Malaca. E a rezão por onde lhe parecia q̃ el rey Dachẽ mandaua mais Antonio caldeira pera saber aq̃las duas cousas que cõ determinação de fazer amizade, era conhecer ele por experiencia que os mouros não cometião amizade se não quando vião q̃ lhes era muyto necessaria, & que el rey Dachẽ ainda nã se vira apressado dos Portugueses pera cõ necessidade desejar sua amizade, antes ele lhes tinha feytas muytas & muy graues offensas, na morte de Iorge de brito, na tomada da fortaleza de Pacem, na da galé de Simão de sousa & outras, porq̃ nunca ouuera castigo: pelo q̃ auia destar muyto soberbo, & não pedir amizade com offrecer tãtas cousas a quẽ lhe não pedia nhũa, o que lhe fazia sospeitar o que sospeitaua. E parecẽdo isto bẽ a Pero de faria, mandou chamar Antonio caldeira, & lhe resumio perãte Martim correa quanto lhe ele tinha dito, rogandolhe muyto que atentasse bẽ se se poderia ter aquela sospeita del rey Dachem. Ao que ele respõdeo que não abonãdo ho muyto, & dãdo ho por amigo muy fiel dos Portugueses, & acreditando ho tanto que disse q̃ por nhũ preço deixaria de lhe tornar com qualquer reposta que lhe dessem pola confiança q̃ nele tinha. O q̃ visto por Pero de faria, teue por sem duuida q̃ el rey Dachẽ falaua verdade pois Antonio caldeira fiaua tãto dele, q̃ estãdo liure se queria tornar lá sem receo de ho catiuarẽ: & mais porq̃ dilatãdo ele a reposta a el rey de Dachẽ, lhe disse Antonio caldeira q̃ se a mais dilatasse & ho não quisesse mandar a Dachẽ q̃ ele se iria, porq̃ auia de cõprir o q̃ prometera a el rey de Dachẽ & aos Portugueses que ficauão coele de tornar com a reposta. E quãdo Pero de faria vio sua determinação, acabou de todo crer q̃ ele tinha por verdadeyro o que el

rey de Dachẽ lhe mandaua dizer, & despachouho logo escreuendo a el rey de Dachẽ que folgaua muyto com sua amizade, & q̃ a aceitaua em nome del Rey de Portugal, & dali por diante teria nele hũ bõ amigo, & receberia dele fauor & ajuda quando lhe fosse necessario, & que logo mãdaria pelos Portugueses & polo mais q̃ dizia, & com a confiança que tinha de sua amizade, não queria dar ajuda a el rey Dauru que lha mandaua pedir contrele, & que disso poderia estar seguro, & mandaua hũ Portugues casado em Malaca que sabia bem a terra & a lingoa dela que leuasse Antonio caldeira em hũ balanco & ho posesse no reyno de Pacem onde estaua el rey de Dachem & lho entregasse. E partidos de Malaca forão ter a hũa ilha, onde fazẽdo agoada forão mortos polos moradores dela que erão mouros, pelo que el rey de Dachem não ouue reposta.

CAPITVLO LXXXV.

Do q̃ passou antre Pero de faria & el rey Dauru, & el rey de Dachem.

Despedido Antonio caldeira pera Dachẽ, como Pero de faria tinha assẽtado de nã dar ajuda a el rey Dauru despedio ho seu embaixador respõdendo que não podia ajudar a el rey Dauru contra el rey de Dachem por amor dauer aqueles Portugueses que tinha catiuos, & por cobrar a muyta artelharia q̃ tinha del Rey de Portugal que se isso não fora que ho ajudara de muyto boa võtade, & ajudaria cõtra qualquer outro rey. E ouuindo ho embaixador esta reposta tão fora do que esperaua, & despois de ho deterem tãto tempo como ho deteuerão ouue muyto grande menencoria posto q̃ ho dissimulou. E sem mais se despedir de Pero de faria se partio hũa noyte muyto secretamente, do que pesou muyto a Pero de faria, parecendolhe que ya agrauado, & que el rey Dauru ho ficaria dele: o q̃ ele não queria

porque sabia que el rey Dauru era leal amigo dos Portugueses, & grande seruidor del Rey de Portugal, & por isso desejaua de ho poupar: & pera ho temperar de seu agrauo, mandou lá a hũ Fernão de morais capitão dũ galeão como que ho mandaua em seu fauor, & cõ grandes disculpas de lhe não dar logo ajuda. E chegado ho embaixador del rey Dauru a ele antes que Fernão de morais lá chegasse, lhe deu a reposta de Pero de faria, de que el rey ficou muyto agastado, & porque se temeo que desse ajuda a el rey de Dachẽ, despachou logo sua armada que tinha prestes que fosse pelejar com a del rey de Dachẽ que estaua no porto de Pacem: & indo pera lá topou no caminho hũ paraó em que ya hũ Portugues daq̃les q̃ el rey de Dachẽ tinha catiuos por quẽ ho mesmo rey mandaua dizer a Pero de faria q̃ mãdasse logo polos outros Portugueses, & pola galé & artelharia: & isto porq̃ Antonio caldeira tardaua cõ a reposta, & parecialhe q̃ Pero de faria nã queria sua amizade, por amor dos dãnos q̃ tinha feytos aos Portugueses, & q̃ria antes a amizade del rey Dauru & darlhe ajuda pera ho destruirẽ ambos. E coesta sospeita feruia, & pera se tirar dela tornou a mandar aquele Portugues, q̃ topando ho os Aurus, como sabião que ho seu rey não estaua bẽ com os Portugueses tomarão este & mandarãno a el rey Dauru, que sabẽdo dele ao que ya não ho quis deixar ir, porq̃ Pero de faria coeste recado não se apressasse a socorrer el rey Dachẽ. E nisto chegou Fernão de morais ao porto dondestaua el rey Dauru: que como não era amigo dos Portugueses não quis mandar recado a Fernão de morais, ãtes defendeo que ninguem fosse ao galeão. E passando quatro dias que Fernão de morais estaua no porto sem pessoa nhũa da terra ir a bordo, determinou com quãto lhe aquilo pareceo mal de se auẽturar & ir falar a el rey, o que lhe foy contrariado, dizendo que poderia ser que el rey estaria agrauado de Pero de faria pola ajuda que lhe não quis dar, & por isso não quereria que os Portugueses fossem a sua

terra nẽ conuersalos, & que indo a terra sem seu recado lãçaria mão dele, & ho prenderia por isso que não fosse. E como Fernão de morais era muyto esforçado & auentureyro não quis deixar dir: & chegado diante del rey, foy dele muyto bẽ recebido & agasalhado, & mostrou receber bem as disculpas de Pero de faria, & que nào lhe pesaua de sua amizade com el rey Dachem por amor das causas q̃ dizia, antes folgaua muyto de cobrar por aquela via os Portugueses, galé & artelharia, & que nem por isso deixaua de ser seu amigo & ho seria sempre. E isto tudo era fingido, que como vio Fernão de morais logo determinou de ho prẽder & tomarlhe ho galeào se a sua armada desbaratasse a del rey de Dachem, & isto por se vingar da ajuda que lhe Pero de faria nào deu. E com tudo quis esperar se vẽcia a sua armada ou não, porque nào vencendo queria ficar amigo com os Portugueses, porq̃ ficando mal coeles receaua q̃ se ajũtassem cõ os Dachẽs & ho destruissem, & deteue Fernão de morais oyto dias dando lhe a entender q̃ ho tinha pera se fauorecer coele contra seus ĩmigos, & a cabo dos oyto dias lhe foy noua que a sua armada pelejara com a del rey Dachem, & q̃ nhũa vencera & se apartarão sem mais pelejarem & a sua se tornaua, & logo deixou ir Fernão de morais & lhe deu ho Portugues que leuaua ho recado del rey de Dachem, que tinha reteudo ate tambem ver em q̃ parauão aq̃les negocios, & por não serem a sua võtade ho soltou, & mãdou dizer a Pero de faria o que ja tinha dito a Fernão de morais que quãdo chegou ao galeào achou q̃ ho mestre & a outra gẽte se querião ir desesperados de ele tornar, parecendolhe que era catiuo, & receando que fossem os mouros tomar ho galeào. E vendo el rey Dauru que sua armada não vencera a del rey de Dachem nào quis pelejar coele por terra, nem menos el rey de Dachem quis coele guerra, parecendolhe que ho auiào dajudar os Portugueses por nào ter ainda reposta de Pero de faria, & logo se concertarão ambos & se fizerão amigos. E como

a amizade del rey de Dachem cõ Pero de faria era fingida por amor da guerra del rey Dauru como se vio dela desapressado, não quis mais amizade com Pero de faria nẽ darlhe nada, & pesoulhe dos Portugueses que tinha mandados: o que Pero de faria não soube porque por nã poder não mandou a Dachem, & por lhe parecer que tudo estaua certo pera de cada vez que lá mandasse, & se então soubera a verdade & mãdara lá hũa armada el rey de Dachem comprira o que tinha prometido ou fora destruido.

CAPITVLO LXXXVI.

De como Nuno da cunha partio pera a India por gouernador dela.

Neste anno de mil & quinhentos & vintoyto mandou el Rey dom Ioão de Portugal por gouernador da India hũ fidalgo chamado Nuno da cunha védor da sua fazenda, q̃ por amor da grande inuernada que foy aquele anno não pode partir se não a dezoyto Dabril, & leuou hũa armada de noue naos grossas & hum galeão, & hũ nauio redondo. Das naos forão capitães a fora ele, Simão da cunha seu irmão que ya por capitão mór do mar da India, Pero vaz da cunha tambẽ seu irmão q̃ leuaua a capitania de Goa, Garcia de sá q̃ leuaua a de Malaca, dõ Fernãdo de lima de Sãtarem q̃ ya por capitã mór das tres naos do trato de Baticalá pera Ormuz, dõ Frãcisco deça, Frãcisco de mẽdoça, Ioão de freytas & Antonio de saldanha: do galeão Bernaldĩ da silueira, do nauio afonso vaz azãbujo. E nesta armada forã tres mil homẽs darmas em que entrauão muytos fidalgos & criados del Rey a mais luzida gẽte que ate aq̃le tempo fora á India. Partida esta armada antes de chegar ás ilhas das Canarias ãtre as noue horas & as dez do dia se foy a nao de Ioão de freitas ao fũdo porq̃ abrio da popa ate a proa de duas pancadas que lhe deu a nao de Si-

mão da cunha, & isto por culpa do piloto da nao de Ioão de freitas, & em obra de hũa hora se ẽcheo dagoa que não se pode lançar ho batel fora & ho esquife escassamente, em que se meteo Ioão de freitas cõ algũs, & sobristo & sobre se tomarem arcas & tauoas pera cada hũ se saluar ouue muytas cutiladas, de q̃ muytos morrerão: & foy piedosa cousa de ver hũ homẽ casado que leuaua sua molher & tres filhas moças, que vendose sem esperança de saluação se abraçarão todos cinco: & dãdo gritos que chegauão ao ceo se forão cõ a nao ao fundo: o q̃ os das outras naos entenderão quãdo a virão meter debaixo dagoa que ateli não sabião nada do que passaua por irem hũa legoa dela ou pouco menos. E entendendo o que era acodirão os capitães em os esquifes com q̃ saluarão bem cincoenta pessoas q̃ andauão pegadas ẽ arcas & ẽ tauoas, & afogarãse na nao cento & cincoenta, & Nuno da cunha nã castigou ho piloto da nao de Ioão de freitas q̃ escapou porque nã soube a verdade de como aquilo fora que lhe foy encuberta. E prosseguindo em sua viagẽ foy fazer agoada na ilha de Sãtiago, õde achou menos ho galeão de Bernaldim da silueira que cuydou que achasse ali porque desapareceo logo ao sair da barra de Lisboa, & indo por sua rota foy ter ao parcel de çofala onde deu em seco, & foy morta a gente pelos cafres. E fazendo Nuno da cunha agoada na ilha de Santiago, & tomados os mantimẽtos que lhe leuauão duas carauelas que ateli forão coele tornou a sua viagem, & na costa de guiné deixou a nao Dantonio de saldanha por singrar menos que todas as outras & perderem viagem por esperarẽ por ela: & disselhe pelo seu piloto que se ficasse com a bẽção de Deos, porque bem via quão tarde era, & que perdião viagem por sua causa, & que melhor seria perderse hũa nao que todas: & coisto deu os traquetes que leuaua amainados & ho mesmo fizerão as outras, o que vendo os que yão com Antonio de saldanha ficarão muyto tristes de se verem ficar, o que eu vi por ir na nao. E dãdo ho gouernador

os traquetes com as outras desaparecerão em pouco espaço, & Antonio de saldanha mandou tantas vezes mudar a carrega da nao da popa a proa, & assi pelo contrairo que lhe acertou ho cõpasso: & singrou dali por diante muyto bẽ. E nisto & em vigiar a nao sem dormir de noyte nẽ se despir, & em a fazer andar mais do que ho piloto & mestre fazião & em a segurar, & em ter muyto grãde cuydado de curar os doẽtes foy tão singular capitão que mais não podia ser. E despois da ajuda de nosso senhor por sua diligencia foy esta nao aquele anno á India segũdo os estoruos que teue pera não ir. E seguindo Nuno da cunha sua rota nã leuãdo ẽ sua conserua mais q̃ Pero vaz da cunha & dõ Fernãdo de lima & Afõso vaz ĩdo na volta do cabo de boa Esperãça lhe deu hũ temporal de sul q̃ durou hũa noyte & hũ dia ate vespera, & em acabando forão ter coele Antonio de saldanha & dõ Francisco deça, que auia dias que yão em companhia, & forão recebidos com grande festa. E indo assi em conserua lhe deu aos seys dias de Iulho na paragem do cabo outro temporal de sul que durou vinte quatro horas, & poderão as naos sofrer ho pairo ate ho quarto dalua, em q̃ ho vẽto foy em tanto crecimento q̃ a Nuno da cunha lhe foy forçado arribar porq̃ era ho mar tão grosso que ho comia, & assi arribarão as outras naos saluo a Dãtonio de saldanha, que como era noua quis nosso senhor q̃ pode sofrer ho pairo, & isso foy tambẽ causa de passar á India. E arribando Nuno da cunha foy correndo com aquele temporal ate que acalmou & achouse com Pero vaz da cunha & com dom Fernãdo de lima. E os outros capitães forão por esse mar ate que tornarão a fazer viagem. E achãdose Nuno da cunha cõ seu irmão & com dõ Fernãdo, acordou coeles que por quanto era tarde & yão em risco de não passar á India, q̃ por pouparẽ caminho fossem por fora da ilha de sam Lourenço, & assi ho fizerão: & dõ Francisco deça & Frãcisco de mendoça & Afonso vaz que fizerão seu caminho por dentro forão ter a Moçãbiq̃, saluo Afonso

vaz q̃ se perdeo nos ilheos de Moçambique & saluouse toda a gente, & dom Francisco deça & Francisco de mendoça acharão em Moçambique a Simão da cunha, & por ser passada a moução não poderão passar aa India, & inuernarão hi. E Garcia de sa que antes do primeyro temporal se apartou da cõserua, despois de se ver quasi perdido cõ a segunda tormenta seguio sua rota, & passando muyto trabalho de fome & de sede cõ que lhe morreo muyta gente chegou aa costa da India hũ sabado dezasete Doutubro com tanta necessidade dagoa que não leuaua mais que hũa pipa dela. E despois dele oyto dias chegou Antonio de saldanha que tambẽ passou assaz de trabalho com fome & sede, de q̃ lhe adoeceo quasi quanta gẽte leuaua & lhe morrerão perto de sessenta pessoas, & foy por fora, & por fazer prouisam na agoa que leuaua pouca, bem hũ mes se não deu a cada pessoa mais q̃ hũ quartilho dagoa cada dia, & por passar aa India não tomou nhũa agoada por se não deter: & chegou a Baticala hũ sabado vinte quatro Doutubro, & dali foy ter a Cochim.

CAPITOLO LXXXVII.

De como se perdeo a nao de Nuno da cunha.

Passada a tormenta que disse com que se as naos espalharã, Nuno da cunha cõ pero vaz da cunha & dom Fernãdo de lima seguirão por sua rota, & com muyto roym viagem de ventos cõtrairos & calmarias foy ter aa ilha de sam Lourẽço quasi na fim Doutubro, & surgio na barra do rio de Santiago pera fazer agoada, & ali foy ter coele hum Portugues q̃ lhe contou como escapara da nao de Manuel de lacerda que se perdera ali em hũ baixo por culpa do seu piloto, & a gente se saluara na terra por ser perto, & Manuel de lacerda se deteuera hũ anno esperando que fossem ali ter algũas naos que os tomassem: & q̃ aueria dous meses que andara hi hũa

nao oyto dias, de dia a terra & de noyte ao mar, & que cada noyte lhe fazião fogos em cruz pera que soubesse que estauão ali Christãos, & nunca chegara a terra, & despois desaparecera. E esta era a nao Dãtonio de saldanha, & não quis chegar posto que vio os fogos, porque sabia que tambẽ os mouros os fazião pera enganarem os Christãos & os fazerem chegar a terra, & se perderem em muytos baixos & restingas que ha ao longo dela. E disse mais aq̃le Portugues que desaparecida esta nao ficarão Manuel de lacerda & todos muyto tristes, por nao esperarem tão cedo por outra nao. E porque a terra era muy pobre de mantimentos, & não se podião manter: & tambem porq̃ ho mais certo caminho das naos Portuguesas era pola outra bãda da ilha acordarão de se passarẽ lá, & feytos em duas quadrilhas foy cada hũa por seu cabo: & ele por estar doente se deixara ali ficar, & que a gente da terra lhe fazia muyto boa companhia, & dela soubera como chegarao aquelas tres naos. E fazendo Nuno da cunha & os outros capitães agoada, em hũa terça feyra que auia quatro dias que ali estaua, estando os bateis dẽtro no rio, leuantouse hũ trauessam com que a nao de Nuno da cunha começou de caçar pera terra, & por estar sobre hũa só ancora lãçarão outra, & despois outras ate seys que não auia mais & todos os austes delas trincarão, & era por se roçarem por penedos que estauão debaixo, & com a grande força que leuauão pelo peso das ãcoras trincauão logo. E não auẽdo ancoras que teuessem a nao, caçou tanto pera terra, que deu sobre hũa area õde fez assento & abrio, encheose dagoa, & ho mesmo ouuera dacontecer á nao de dom Fernãdo de lima se não teuera hũ auste de cairo que teue mão, porque tambẽ outros de linho trincarão, & os esquifes que erão por agoa dẽtro ao rio nunca poderão acodir por ho vẽto ser trauessam & na boca do rjo fazer ho mar tamanho escarceo que não poderão sair, nẽ sairão ate não acalmar ho vento, & a nao por a restinga ser baixa não ficou cuberta dagoa mais que ate a

ponte, & dali pera baixo tudo se perdeo, & a gente se saluou toda, & Nuno da cunha se passou com parte dela pera a nao de Pero vaz da cunha, & a outra se apousentou na de dom Fernando, & tirados os mastos & vergas a esta nao, & queymado quanto parecia sobelagoa, Nuno da cunha se partio caminho da India a dez de Nouembro & foy ter antre as ilhas de Zanzibar, & hũa noyte entrou em hũa enseada grande que se fazia antre a ilha de Zanzibar & outra. E quando veo pola manhaã nem os pilotos poderão entender por onde entrarão, nẽ por õde auião de sair: porque os canais por õde entrarão & por õde auião de sair erão tão estreitos que não se enxergauão com ho mar que arrebentaua em frol. E despois de desesperarem de não poderem dali sair & estarem em muyto risco de se perder, mãdou Nuno da cunha a Manuel machado capitão dos seus alabardeiros que fosse a terra com algũs deles a tomar lingoa pera saber ondestaua, & ele foy no esquife da nao & quisera sair em hũa pouoação de q̃ logo os negros acodirão bem armados de frechas & paos tostados, & pelejando coele ho fizerão recolher por força, & sobrisso lhe matarão hũ gormete & ferirão outros homẽs: o que sabẽdo Nuno da cunha, fez conselho sobre o que faria, & seu irmão Pero vaz se conuidou pera ir a terra, õde foy no batel com certos fidalgos & outros homẽs todos armados. E vẽdo os a gente da terra daquela maneira fugirão & despouoarão ho lugar: do q̃ Pero vaz se agastou muyto, & disse a todos que bem vião ho perigo em q̃ as naos estauão, & quãta necessidade tinhão de tomar quẽ as tirasse dali, & pois os negros não querião esperar era necessario tomarẽnos por manha: & esta seria ficarem em terra embranhados algũs dos nossos, & os outros fizessem que se tornauão no batel á nao, porque como fosse noyte os negros auião de tornar á pouoação, & os q̃ ficassem embranhados poderião tomar algũ que lhes disesse ondestauão, ou lhes desse maneyra pera se tirarem dali. E a isto não respondeo ninguẽ, saluo hũ mã-

cebo fidalgo chamado Diogo de melo filho de Ioão de melo abade de pôbeiro q̃ disse ele ficaria com hũ seu irmão chamado Tristão de melo, & com hũ seu criado que auia nome Ioão rodriguez. O que lhe Pero vaz teue muyto em merce, louuando ho por isso grandemente, & prometendolhe de ho dizer a Nuno da cunha pera lhe fazer merce: & Diogo de melo lhe disse que visse como ficaua, & tanto que fosse noyte que acodisse á praya diante daquela pouoação ondestauão pera ele ter ôde se saluasse, que bem sabia que se auia de ver em perigo, porq̃ não auia de vir de terra sem tomar lingoa: & coisto se foy embranhar com seu irmão & cõ ho outro, & Pero vaz mandou remar ho batel pera as naos. E vendo ho os da terra ir cuydarão que se tornauão, & por isso em anoytecẽdo se forão pera a pouoação: & sintindo Diogo de melo que tornauão sayo do mato cõ Tristão de melo & Ioão rodriguez, & apanhou hũ mouro q̃ ya só, que vendo os nossos ouue tamanho medo que se calou, porque eles tambem ho ameaçarão com as espadas nos peitos q̃ ho matarião se bradasse ou não quisesse andar. E coisto derão muy asinha coele na praya onde a borda dagoa acharão Pero vaz no batel. E vendo todos ho mouro que era hũ velho forão muyto ledos, porque disse a Pero vaz pelo lingoa despois que perdeo ho medo, que se ho não tomarão q̃ nunca as naos ouuerão de sair dali ainda que tomarão outro, porque ele era piloto daquela costa, & q̃ as auia de tirar, & ho mesmo disse a Nuno da cunha despois q̃ foy coele que deu a Diogo de melo muytos agardecimentos pelo que fizera, & lhe prometeo que como gouernasse a India lhe daria a primeyra cousa que vagasse que coubesse nele, porq̃ fizera hũ muyto grande seruiço a Deos & a el Rey em lhe trazer aq̃le piloto: do que os q̃ forão cõ Pero vaz ouuerão grande enueja, & lhes pesou muyto de não se offerecerem a embranharse como se ele offreceo. E certo q̃ despois de nosso senhor ele foy causa de se as naos saluarem em tomar aquele piloto, & ao outro dia ho pi-

loto mouro tirou as naos daquela enseada por hũ canal tão estreito que todos se espantauão de como podião por ali sair, & dali forão ter ao porto de Zanzibar, ondesteuerão algũs dias refrescando por ser a terra muyto pera isso como disse atras. E desesperando Nuno da cunha de poder passar á India por ser vinda a moução dos leuantes que era contraira pera sua nauegação, & lhe era forçado inuernar em algũ lugar daq̃la costa, determinou de ser em Mombaça por ter muyto bõ rio pera estarem as naos o que não podia ser em Melinde por ser costa braua, & as naos correrẽ muyto perigo, & por isso não podia hi ter ho inuerno. E assentado nisto, deixou em Zanzibar bem duzentos doẽtes que leuaua por ir mais despejado, & por ser a terra muyto sadia & abastada pera eles ali ficarem. E pedio a hũ fidalgo chamado Aleixo de sousa chichorro q̃ ficasse por seu capitão, o que ele fez de muyto boa võtade por seruir el rey. E Nuno da cunha se partio pera Melinde, onde foy muyto bẽ recebido del rey, & hi achou Diogo botelho pereyra capitão de hũa naueta em que fora buscar dõ Luis de meneses se parecia por aq̃la costa, porque auia sospeita q̃ não era perdido & estaua ali com a gente da sua nao, & daqui mandou Nuno da cunha pedir licença a el rey de Mombaça pera inuernar no seu porto dãdolhe a rezão porque não podia ser em Melinde, & fazendolhe muytos offrecimentos. Mas el rey de Mõbaça parecendolhe que aquilo era manha pera lhe tomarẽ a cidade nã a quis dar, pelo que ele determinou de lha tomar & ter hi ho inuerno.

CAPITVLO LXXXVIII.

De como Nuno da cunha tomou a cidade de Môbaça.

E dãdo parte desta determinação a seu irmão & a dõ Fernãdo a que pareceo bem, assentou em conselho que ho deuia de fazer. E feyto alardo da gente que tinha achou oytocentos Portugueses & bem duzẽtos mouros da India nossos amigos que inuernauão em Melinde que forão coele, & seys centos com que ho ajudou el rey de Meliñde: & partio hũ dia atarde com quatro velas: a capitaina, a de dom Fernãdo de lima, a de Diogo botelho pereyra & a dos mouros. E chegãdo ao outro dia pola manhaã á barra de Mombaça surgio, & surto mandou sondar a barra por Pero vaz da cunha q̃ foy no batel da nao bem artilhado & forão coele corenta homẽs de que algũs erão fidalgos. s. Anrrique de sousa chichorro, Diogo botelho pereyra & outros: & na entrada da barra que era ho mais estreito dela acharão que estaua hũ baluarte de pedra, & q̃ tinha oyto bombardas que os mouros que estauão nele despararão logo em vẽdo ho nosso batel que por ser rasteiro, & passar muyto rijo ho não poderão pescar: & passando auãte foy surgir no lugar onde as naos auião de surgir que era perto da cidade, & este sinal auia de ter Nuno da cunha pera entrar sem Pero vaz tornar a darlhe recado, porq̃ das naos podião ver onde surgia, pelo que Nuno da cunha começando de ventar a viração disfirio as velas leuadas as ancoras, & ho mesmo fizerão os outros & entrarão pera dentro, & tirarãlhe do baluarte mas não lhe fizerão nhũ dãno, & Nuno da cunha não mãdou tomar ho baluarte por mostrar aos mouros q̃ ho não tinha em conta, & lhe fazer crer q̃ lhe não queria fazer guerra & consentisse el rey por bem que inuernasse ali, & por isso esperou aq̃le dia ate noyte sem mandar tirar á cidade pera ver se lhe mandaua algũ recado, mas ele esta-

ua bem fora disso, & assi lho aconselhauão os seus, & diziàlhe q̃ quãdo se não podesse defender que melhor era deixar a cidade que darlha por sua vontade, & que hi lhe ficaua passado ho inuerno q̃ os Portugueses se auião dir. E coeste proposito despejarão a cidade da fazẽda & da gente que não ficou mais q̃ a de peleja. E vẽdo Nuno da cunha que el rey estaua em seu ser & não lhe mandaua recado desenganouse que queria guerra, & pera saber õde teria melhor desembarcação, como foy noyte mandou a Pero vaz que ho fosse ver. E chegando ele diante da cidade q̃ os mouros ho sintirão sairão muytos á praya & tirauão muytas frechadas cô frechas heruadas q̃ ferirão algũs Portugueses, & Pero vaz se tornou a Nuno da cunha, a que disse que auia hũa praya em q̃ podia bẽ desembarcar posto q̃ auia de sair a gẽte por agoa que daria pola cinta, & dali a duas horas chegou á capitaina hũ mouro de Melinde que vinha da cidade & disse a Nuno da cunha que se goardasse de desembarcar na praya que auia de ser cousa perigosa pola detẽça que a gente auia de fazer em chegar a terra, & que entre tanto a frecharião os mouros porque assi ho tinhão determinado: por isso q̃ deuião de desembarcar junto de hũa mezquita q̃staua abaixo da praya em q̃ desembarcaria sẽ nhũ perigo por ser ali alcantilado, & que ele mostraria este lugar. E disse mais que os mouros serião tres mil de peleja, & que não tinhão mais que hũa estancia de fora de hũa das portas da cidade com quatro ou cinco bombardas de ferro, & que ho bombardeiro era hũ Portugues, & q̃ auia antreles algũs espingardeiros, & q̃ estauão com grande medo q̃ lhe parecia que auião logo de fugir. Sabido isto por Nuno da cunha, cõcertou cõ seus capitães de dar ao outro dia na cidade & deu a diãteira a Pero vaz da cunha com seyscẽtos Portugueses & trezẽtos mouros, & muytos destes Portugueses erã espingardeiros, & era seu capitão hũ fidalgo chamado Fernão coutinho que despois foy por terra da India a Portugal, & Nuno da cunha com os outros capi-

tães & resto da gẽte lhe auião dir na retro goarda. E ao outro dia em amanhecẽdo desembarcarão na mezquita onde os guiou ho mouro de Melinde, que seria da cidade hũ tiro de bésta ou pouco mais, & sem acharem ali resistencia (porque os mouros os esperauão na praya) seguirão pera a cidade que era cercada de muro baixo, & forão contra a porta onde de fora estaua a estancia que ho mouro dissera, em que estauão duas bôbardas de ferro que tirarão algũs tiros. E vendo ho bombardeiro q̃ os nossos se chegauão, fugio com medo & assi os mouros que estauão na estãcia se recolherão á cidade. E vẽdo el rey que contra os Portugueses nã auia defensa fugio da cidade cõ toda a gente, & como a pressa foy grande que não podião leuar o que tinhão deixarão muyta parte dele soterrado, & outra leuarão & lhes ficou por hi. E el rey se pos na mesma ilha mea legoa da cidade cõ seu arrayal bẽ fortalecido. E não achâdo Nuno da cunha nhũa resistencia nos mouros, não os quis seguir & mandou roubar a cidade em que ho mais que se achou forão mantimẽtos, porẽ algũs acharão dinheiro com q̃ se tornarão dali pera Portugal no nauio de Diogo botelho. E tomada assi a cidade sẽ morrer ninguem dũa parte & da outra, fez Nuno da cunha algũs caualeiros, & despois mandou fortalecer algũa parte dela atrauessando as ruas cõ tranqueiras: porq̃ pera quão poucos os nossos erão ficaua ela muyto grande, & não a podião defender toda: & temiase Nuno da cunha que os mouros lhe corressem por quão perto estauão. E fortalecida aquela parte da banda do mar com suas estancias & gente que as goardasse, apousentouse nos paços del rey, & dahi a algũs dias mandou tomar ho baluarte da barra em que ainda estauão mouros, & mandou a isso dom Rodrigo de lima irmão de dõ Fernando de lima, que com os que leuaua tomou ho baluarte matâdo & catiuando a mór parte dos mouros q̃ ho goardauão, & tomandolhe sua artelharia, & foy ferido dõ Rodrigo de hũa frechada & assi algũs outros: & ele morreo despois da

ferida por ser a frecha heruada. E dali por diante como os mouros estauão tão perto da cidade, & a mayor parte dela esteuesse despejada, vinhão correrlhe de dia & de noyte, & como não achauão resistẽcia da parte do sertão desauergonhauãse tãto que entrauão dentro, & hũs leuauão o que lhes ficara escondido, outros chegauão ate as tranqueiras q̃ os nossos tinhão feytas nas ruas: & querião passar por elas, & assi ho fizerão se pelos nossos lhe não fora defendido q̃ lhes resistião fortemẽte: & se os nossos não teuerão necessidade de pelejar na tomada da cidade aqui teuerão tanta q̃ os mais dos dias & das noytes ho fazião, porq̃ os mouros erão tão sobejos que continuamẽte vinhão, & muytas vezes tomauão os Portugueses comendo & erão feridos muytos de hũa parte & doutra. E hũa vez sayo dõ Fernando de lima com tamanha pressa que foy sem capacete cõ hũ chapeo de frisa, & passãdolho com hũa frecha ho ferirão na testa: ao que ele disse muyto alto. Amores de minha molher por mostrar que não sentia a ferida, & pelejou tambem com os q̃ ho ajudauão que fez fugir os mouros de que ficarão algũs mortos. E sendo os Portugueses tão perseguidos coestes continos rebates, afrontauasse Nuno da cunha disso, & tinhao por grande injuria, & porque não sabia quantos os mouros erão & os nossos serẽ poucos não ousaua de mãdar dar no arrayal pera os fazer afastar dali: & desejãdo de tomar lingoa pera que soubesse o q̃ digo, encomendou a Diogo de melo de que disse atras que lha tomasse, porque tinha nele confiança que ho faria, & ele lho prometeo, & forão coele Tristão de melo & outros dous homẽs & hũa noyte se deitarão em cilada perto do arrayal. E estando assi forão ter coeles dous mouros de que tomarão hũ, & em no tomando deu tamanhos brados antes que lhe podessẽ tapar a boca q̃ foy ouuido no arrayal, õde ho aluoroço foy muyto grande, & começarão todos de se reboluer pera acodir: o que sentindo Diogo de melo quisera tomar ho mouro ás costas & leualo: mas era tão gordo que nun-

ca ele nẽ nhũ dos outros ho poderão leuantar. E vẽdo ele isto, & que dali á cidade era mea legoa, & que ho não auia de poder leuar contra sua vontade porq̃ os mouros vinhão matou ho & cortoulhe hũ braço que leuou pera testemunho do que fizera, & perto da mea noyte chegou aa cidade coele & por Nuno da cunha dormir deu ho braço ao seu camareyro, & ao outro dia lhe contou o que fizera: & querẽdo laa tornar pera ver se podia tomar lingoa não ouue disso necessidade, porque os mouros não tornarão mais, que vendo que os Portugueses chegauão de noyte ao seu arrayal pareceolhes que lhes punhão cilada, & ouuerão tamanho medo que dali por diante não yão á cidade se não com muyto tento, & se dauão rebates era poucas vezes, de modo que os Portugueses ficarão liures da afronta em que dãtes estauão polo bõ esforço de Diogo de melo. E auendo ja dias que Nuno da cunha ali estaua começarão os nossos dadoecer & morrer por ser a terra doentia, & em todo ho inuerno que durou ate fim de março morrerão trezentos & setenta Portugueses antre os quaes morreo Pero vaz da cunha & outros muytos fidalgos & caualeyros.

C A P I T V L O LXXXIX.

Do q̃ ho gouernador fez este inuerno em Goa, & de como se perdeo hũa armada no rio de Chatua.

Inuernãdo ho gouernador Lopo vaz de sam Payo este ĩuerno do ãno de vintoyto na cidade de Goa não quis prouer a fortaleza de capitão, & ele mesmo ho foy pera tirar algũas tiranias que sabia q̃ fazião os capitães, assi como dar sentẽças por dinheiro, porq̃ os juyzes não podião despachar os feytos se não coeles, leuar hũa tãga de todos os caualos que yão Dormuz: & irião sempre hũs ãnos pelos outros passante de dous mil caualos, de todos os seguros q̃ dauão ás naos Dormuz quãdo se tornauão hũ pardao por cada vinte candis, & auia nao q̃

pagaua cincoēta pardaos, & mais hũa tanga de cada pessoa, & nã auia anno que não fossem a Goa sessenta setēta naos & leuaua cada hũa muyta gente. E estes tributos que os mouros sentião muyto mais q̃ os que pagauão a el rey na alfandega tirou ho gouernador, de q̃ os mouros folgarão tanto que no anno seguinte forão a Goa muyto mais naos que ateli & a renda dalfandega teue muyto grande crecimento, & assi concertou outras miudezas que erão muy necessarias pera bõ regimento da cidade & nobreza dela. E porque auia algũa falta dos mantimentos q̃ yão do Balagate por os Tanadares do Hidalcão os antreterē, mãdoulhe sobrisso hũa embaixada per Tristão de gá, cõ hũ presēte dũ arnes inteiro laurado de romano cõ medalhas & folhajē, duas maças de torneo de prata douradas & hũa soma de coral grosso, mãdãdolhe offrecer sua ajuda se lhe fosse necesaria. Do q̃ o Hidalcã se mostrou muyto cõtēte, & despachou ho com muytos agardecimētos: & prouisões pera os tanadares q̃ deixassem passar pera Goa quantos mãtimētos lhe leuassē & cortar na terra firme toda a madeira q̃ quisesse: cõ o q̃ foi a cidade bē prouida. E porq̃ não saysse de Calicut nē de seu señorio nhũa pimēta, mãdou o gouernador Simão de melo cõ hũ galeã & cinco bargãtīs a goardar a costa, & ele ficou esperando por Antonio de mirãda q̃ chegou na fim de setēbro. E foylhe recado de dõ Ioã deça capitão de Cananor q̃ a vinte de setēbro se perdera hũa armada q̃ sayra de Cochĩ de treze bargãtĩs & catures & hũa galeota: & cõ hũ supito trauessã dera toda á costa na boca do rio de Chatuá na costa de calicut & se espedaçara, & a gēte fora toda morta & catiua pelos mouros: pelo q̃ el rey ficara muito soberbo & fazia hũa grossa armada: cõ cujo fauor os mouros de Cananor andauã muito aluoraçados: por isso q̃ saisse de Goa ho mais cedo q̃ podesse.

CAPITVLO XC.

Como o gouernador desbaratou Cutiale de Tanor.

Sabido isto pelo gouernador ẽ seis dias se acabou de fazer prestes: & partio de goa ho j. doutubro deixãdo por capitã Antonio de mirãda q̃ descãçase do trabalho q̃ leuara no estreito. Forã coele estes capitães nos seus galeões Fernã rodriguez barba, lopo de mezquita, Anriq̃ de macedo, Antonio de lemos a q̃ deu ho galeão Dantonio da silua: leuou mais ẽ sua conserua ate sete bargãtins q̃ não auia mais ẽ Goa, & ele foy no galeão sam Dinis. E chegãdo antre mõte Deli achou Simão de melo seu sobrinho q̃ lhe disse q̃ tinha auiso de dõ Ioão deça capitão de Cananor, q̃ estaua em Termapatão hũa frota de Calicut de cxxx. velas. s. sessenta paraós bẽ armados & artilhados & as outras pagueres & naos de carga q̃ leuauã especiaria a meca: & os paraós vão ẽ sua goarda ate serẽ fora da costa da India: de q̃ era capitão mór Cutiale de Tanór valẽte caualeyro q̃ tinhã por sctõ por chegar entã da casa de Meca. E sabẽdo ho gouernador esta noua disse q̃ se fossem lãçar ao mar da baya de cananor q̃ ali q̃ria pelejar: porq̃ dãdolhe nosso senhor vitoria como esperaua, queria q̃ a vissem os mouros. E fezse alamar cõ os galeões: & os bargantins mãdou que fossem ao longo da costa: & assi foy surgir onde digo á boca da noyte: & logo mãdou Siq̃ira ho malabar capitão dũ catur a saber noua da armada dos mouros se ya, ou q̃ fazia pera a ir buscar se não viesse logo. E ele a achou no caminho: porque sabendo Cutiale que Simão de melo andaua a monte Deli com tão poucas velas, determinou de ho ir tomar parecendolhe q̃ ho podia fazer cõ tamanha armada, & despois de ho tomar esperaua de ir cõbater a fortaleza de Cananor: & coesta determinação se fez á vela de madrugada, & passãdo a vista do gouernador cuydou q̃ era Simão de melo & por isso vi-

rou sobrele. E era fermosa cousa de ver tãta multidão de nauios todos cõ as velas infunadas & muyto pera espatar a quẽ auia de pelejar coeles, a soma dartelharia de q̃ yão armados, a gẽte sem cõto de q̃ yão fornecidos, abastada despingardas, darcos & frechas, de zagũchos, despadas & doutras armas offensiuas & defensiuas: & dãdo gritos q̃ parecia q̃ fendião ho ceo com prazer de lhes parecer q̃ tomarião os nossos, & coisso tantas diuersidades de tãgeres q̃ retenião q̃ quebrauão os ouuidos de quẽ os ouuia. E cõ tudo o gouernador como os vio armouse logo & fez sinal de conselho a q̃ forão os capitães & fidalgos & acharãno ainda armãdose, & sem se assentar assi em pé como estaua lhes disse q̃ determinaua de pelejar cõ os mouros. Lopo dazeuedo, dõ Tristão de noronha & Eytor da silueira disserão logo q̃ pareceria doudice q̃rer pelejar cõ armada tão grossa q̃ ho não deuião de cometer, mas q̃ se apinhoassem & fizessem fortes pera se defenderẽ dos ĩmigos se os cometessẽ. E coestes se forão a mayor parte dos do conselho: & algũs q̃ forão bẽ poucos dizião como a medo q̃ seria melhor pelejar q̃ apinhoarẽse, porq̃ os mouros nos seus nauios q̃ erão rasteiros os rodearião & matarião ás espĩgardadas & frechadas sem lhe eles poderẽ fazer nhũ nojo dos galeões, por isso ho melhor seria pelejar coeles & cometelos logo nos bargãtins, porq̃ por serẽ ligeiros poderião ẽtrar & sair quando quisessem, & os galeões irião á vela em sua cõpanhia pera seruirẽ cõ a artelharia como fortaleza. E debatẽdo hũs & outros sobre fazerẽ boas suas rezões, chegou Siqueira, & como era muyto esforçado & sabia bem a guerra do mar por auer dias q̃ a vsaua, disse ao gouernador q̃ fazia porq̃ estaua tão deuagar, q̃ se os mouros chegauão a eles q̃ lhes auião de fazer muyto mal estãdo daq̃la maneyra, q̃ não tinhão outro remedio se não cometelos nos bargãtins somẽte & não no meyo em q̃ auia grãde força se nã per qualquer dos cabos q̃ auião destar fracos & nã se auião de poder ajudar tão asinha q̃ eles nã leuassẽ na mão cada hũ seu

parao: & q̃ esperaua ẽ nosso senhor q̃ os auia dajudar como fizera outras vezes, & q̃ entre tãto q̃ cometessem nos bargãtĩs os galeões farião seu officio cõ a artelharia. Ao gouernador lhe pareceo bẽ este conselho mas nã ousou de ho tomar por tãtos capitães & fidalgos lhe serẽ cõtrairos & calauasse, & Ioão de soire ouuidor geral que era do parecer do gouernador, & porq̃ ho via calar nã ousaua de falar, poslhe rijo hũ pé sobre ho seu oulhãdo parele como q̃ lhe conselhaua q̃ tomasse ho parecer de Siqueira. E ele parece q̃ inspirado de nosso senhor pera auer a vitoria q̃ ouue, disse muyto ledo & esforçado. Ora sus que ey de pelejar, A eles com ho nome de Iesu: quẽ quiser acompanhar ho seu gouernador & a bandeira real de sua Alteza sigame. E coisto tomou hũa espĩgarda ás costas & saltou em hũa fusta de que era capitão Ioãne ho taful, & nã ho seguirão outros fidalgos se não os que yão no seu galeão, que forão estes, Ruy diaz pereyra, dom Sancho Manuel, Ioão rodriguez pereyra ho passaro, dõ Francisco de crasto, Ioão pereyra, Bras da silua dazeuedo, Garcia de melo, Duarte coelho, Fernão da silua, Nuno pereyra, Lionel de sousa, Andre casco, Manuel de brito cabral, Francisco de barros de paiua. Porque os mais dos que forão de voto que não se pelejasse se deixarão ficar, & não com medo mas com pesar da honrra q̃ o gouernador ali poderia ganhar, que ainda não podião apagar ho odio que lhe tinhão por parte de Pero mazcarenhas. Embarcado ele, achouse com treze ou quatorze bargantins & catures que tambem acodirão algũs de Cananor, de q̃ forão capitães Francisco mẽdez de Braga, Martim da silua & Iorge vaz, & de todos fez dous escoadrões: & ho diãteiro deu a Simão de melo com quẽ foy Lopo de mezquita em hũ bargantim, & ho outro lhe ficou, & foy hũ dos capitães Fernão rodriguez barba. Isto ordenado remeterão aos ĩmigos q̃ estauão a tiro de berço bradãdo por Sãtiago, & dão por hũ cabo tirando muytas bombardadas & espingardadas cõ que os romperão deixando arrõbados algũs paraós sem

receberẽ deles dãno, & ho mesmo foy doutra vez que os tornarão a romper: & desta vez sete bargantins nossos aferrarão sete paraós dos immigos, de que dos primeyros tres que abalroarão erão capitães Siq̃ira, Frãcisco mẽdes de Braga, Martim da silua de Cananor. E em aferrando lhes lançarão dentro muytas panelas de poluora com que os queymarão & aos mais dos que yão neles: & ho gouernador com os outros tambẽ pelejarão tão esforçadamente que poserão os immigos em tal aperto que se desbaratarão em menos de duas horas q̃ durou a força da peleja, & fugirão a remo hũs pera Cananor, outros por esse mar que andaua bem cuberto deles que se lançauã a ele por escapar dos nossos, q̃ matarão muytos & outros catiuarão. E durou isto ate ho meyo dia que começou a viração de q̃ os ĩmigos se ajudarão & derão á vela pera fugirẽ a todo tira: o q̃ vẽdo ho gouernador os não quis mais seguir por os seus estarẽ muy cansados & recolheo os paraós q̃ estauã rẽdidos q̃ forão xxxv. cõ os metidos no fũdo em q̃ forão tomadas quasi cincoẽta peças dartelharia, & forã mortos & catiuos bẽ dous mil mouros, sem dos nossos nã morrer nhũ o q̃ foy milagre por quã poucos erã & os ĩmigos tantos de cujo sangue o mar em q̃ foy a batalha se tornou de cor de sangue q̃ foy a vista de Cananor: & por isso os mouros dele a virão muy bem q̃ todos esteuerão na praya cuydãdo q̃ os nossos auiã de ser tomados & ficarão muyto tristes quando virão ho cõtrairo, & fizerão grandes prãtos, porq̃ muytos dos mortos erão naturais de Cananor. E receãdo el rey de Calicut q̃ por amor desta vitoria lhentregasse ho gouernador a terra por Crãganor mandou laa ho principe com muyta gẽte: & sabido isto ẽ Cochim mandou ho védor da fazenda hũa armada ao passo de Cranganor.

CAPITVLO XCI.

De como ho gouernador correo a costa de Calicut & destruyo a vila de Porquá.

Auida esta tamanha vitoria ho gouernador se tornou aos galeões & achou dõ Tristão de noronha, Lopo dazeuedo & Eytor da silueira: que despois do gouernador partido pera dar a batalha se correrão de ho não ajudar & yão pera isso em hũ batel, mas chegarão a tempo q̃ tudo era acabado: & ele & os outros que contrariarão ao gouernador q̃ não pelejasse ficarão muyto corridos: & muyto mais de ho não acompanharem na peleja & ficarem nos galeões. E parecendo a algũs que o gouernador ho escreueria a el rey fizerão capitulos dele por se vingar que prouarão por seus parẽtes & os mandarão a el Rey no anno seguinte: mas ho gouernador q̃ não tinha tal pensamẽto posto q̃ ho nã acõpanharã na batalha, lhes fez tãta hõrra & gasalhado como se a eles vẽcerão. E porq̃ poderia ser q̃ a armada dos mouros se tornaria a reformar nã quis ho gouernador desẽbarcar ẽ Cananor & dous dias esteue esperãdo no mar. E vẽdo q̃ nã tornauã parecẽdolhe q̃ auiã destar metidos por esses rios, partio a buscalos cõ conselho dos capitães & fidalgos, & mãdou diãte a Simão de melo por capitão mór dos bargãtĩs, & ele ya ao mar cõ os galeões. E indo assi ẽtrou Simão de melo cõ noue bargantĩs, õde soube que estauão varados doze paraós & queimou os cõ parte do lugar sem em seus moradores auer resistencia, porque fugirão como virão os nossos, q̃ despois de queimados os paraós cortarão quantas palmeiras auia ao derredor do lugar que era a mayor destruição que se lhes podia fazer: & despois disto sayo em Chatuá õde queimou dezasete paraós, & ho lugar com morte de muytos dos seus moradores em vingãça dos nossos que ali forão mortos quãdo se a frota perdeo. E assi sayo em outros lugares que to-

dos forão destruidos estando ho gouernador no mar a vista de todo, & assi foy ate Cranganor onde achou a nossa armada que hi estaua como disse. E sendo certo que ho principe de Calicut não estaua ali se nã pera defensam leuouha em sua companhia, porque leuaua determinado de ir dar em Porquá pera destruir ho Arel pola imizade que tomara com os Portugueses por amor del rey de Calicut. Este nome Darel he titulo de senhorio, & assi era ho Arel senhor daq̃le lugar, & grande cossairo de toda roupa pera o q̃ trazia muytos catures bẽ artilhados, & coisto tinha aquirido grãde tesouro, & tinha muyta artelharia & bõ quinhão de gẽte de peleja. E porq̃ ho gouernador isto sabia determinou de o destruir & dar ho lugar a saco pera q̃ os Portugueses enrriq̃cessem, & isto disse secretamente a algũs capitães porq̃ se não rompesse & desse supitamente no lugar. E partido de Cranganor tarde, fez que ya pera Cochim, & em anoytecendo fez volta sobre Porquá onde surgio em amanhecẽdo, & em surgindo saltou em terra cõ sua gẽte, a que fez saber que lhe daua ho lugar a escala franca, com q̃ todos ficarão tão ledos que posto q̃ a sua ẽtrada era muyto perigosa por ser por esteiros de maré, & por muyta vasa que chegaua ao giolho, passarão tudo prestesmente leuando Simão de melo a dianteira, mas não acharão com quem pelejar por ho Arel ser fora com sua gente de peleja. E os moradores que erão fracos & sem armas em vẽdo os nossos fugirão & deixarãlhe ho lugar, em que ele entrando se forão dereytos aos paços do Arel & meterãnos a saco, & tomouse muy grosso dinheiro, porque eu vi hũ caldeirão de cobre que leuaria hũ cantaro dagoa q̃ tomou Francisco mẽdez de Braga cheo de pardaos douro, & outros tomarão dez mil, oyto mil, cinco mil, & ho geral de cẽto & duzẽtos pera cima & erão mil homẽs. E a fora ho dinheiro amoedado douro se tomou outro muyto de prata & peças ricas de pedraria, & muytos panos ricos da Persia, Choramandel & das ilhas de Maldiua, & camarabãdos da Persia:

& forão tomadas sua molher do Arel & hũa sua irmaã que não poderão fugir, fermosamẽte arrayadas douro, aljofar & pedraria, assi nas orelhas como no pescoço, mãos, braços & pernas & tudo lhes foy tomado & elas ficarã catiuas. E roubado ho lugar foy destruido com seu sitio em redondo a fogo & a ferro q̃ não escapou nhũa cousa, & forão tomadas oytenta peças dartelharia de ferro & de metal & oyto paraós & dous catures. E coesta vitoria se foy ho gouernador a Cochim: & ho Arel ficou tão quebrado desta destruição que nunca mais ousou de ser cõtra os nossos, & daqui naceo fazer despois paz cõ Nuno da cunha, & não ousou de a fazer com ho gouernador por saber que aquele anno se esperaua na India que fosse outro de Portugal, & auia medo que desfizesse o que esteuesse assentado, & resgatou sua molher & irmãa por muyto dinheiro.

CAPITVLO XCII.

De como soube ho gouernador que as fustas de Diu corrião a Chaul: & do q̃ fez.

Estãdo ho gouernador em Cochĩ chegou Garcia de saa, & despois Antonio de saldanha, que como disse se apartarã de Nuno da cunha com a tormenta que lhes deu: & contarão ao gouernador o que passarão na viagem. E Antonio de saldanha lhe disse q̃ segundo ho tempo que auia q̃ se apartara de Nuno da cunha, q̃ pois não era na India q̃ não passaria aquele ãno, & assi pareceo a todos. E assẽtado q̃ não passaria aq̃le anno, tornou ho gouernador a fazer guerra a Calicut, pera o q̃ se foy a Cananor cõ toda a armada, & surgĩdo ao mar mãdou a Simão de melo q̃ fosse queimar quatorze paraós de Calicut q̃ estauão no lugar de Marauia ao pé do mõte Deli: & Simão de melo foy lá cõ cinco bargâtĩs em q̃ leuou sessẽta homẽs & pelejou cõ os mouros que erão trezentos, & despois de pelejarem hũ pedaço os desbaratou &

os fez fugir & queimou os paraos. E feyto isto tornouse Simão de melo a Cananor & desembarcou cõ ho gouernador, que determinãdo de mandar Antonio de miranda á costa do Malabar, deu a capitania de Goa a dõ Ioão deça capitão de Cananor: & a de Cananor a Simão de melo, a que deixou noue bargantins darmada ate a vinda de Antonio de miranda, q̃ despachou despois de chegar a Goa pera onde se partio de Cananor: & despois dele partido partiose dom Ioão deça pera Goa, & em chegando se partio Antonio de mirãda pera a costa do Malabar com hũa armada de duzẽtos homẽs. E estando ho gouernador em Goa lhe foy dado hũ recado muyto apressado de Francisco pereyra de berredo capitão de Chaul em que lhe dizia q̃ as fustas de Diu que erão cincoenta & tantas chegauão á boca da barra de Chaul & lhe corrião cada dia, q̃ se temia segũdo trazião muyta gente que entrassem no rio & tomassem a fortaleza que tinha pouca gente: por isso que socorresse logo se não que lha ẽcampaua. Pelo que ho gouernador assentou de ir a Chaul como trazia determinado de ir por outro recado como aquele que lhe Frãcisco pereyra mãdara a Cananor. E partiose de Goa a cinco de Ianeyro de mil & quinhẽtos & vinte noue bem contra vontade Dantonio de saldanha & de Garcia de sá que forão coele, que cõ outros muytos fidalgos lhe contrariarão sua ida, dizẽdo que a pessoa do gouernador da India não auia de ir a cousa tão pouca a seu respeito como as fustas de Diu, que abastaria mandar hũ fidalgo. E ho gouernador que sabia que era hũa armada muyto poderosa, & que se a desbaratasse faria grande seruiço a el Rey seu senhor não quis se não ir & leuou hũa armada de cincoenta & duas velas, galeões, galés, galeotas, bargantins & catures, & nela dous mil homens Portugueses & dos da terra. E chegando a Chaul achou que as fustas fugirão com medo de sua ida, do que os que lha contrariarão zombarão muyto & diziãlhe que as fosse buscar, & logo o gouernador despedio hũ capitão

dũ catur q̃ lhas fosse buscar ate certas legoas pola costa: & ele as achou no rio de Maim, & vio que erão sessenta & tres cheas de gẽte & muy bẽ armadas dartelharia, & que andaua por capitão mór delas hũ valẽte mouro chamado Halixa, & assi ho disse ao gouernador que achou na barra de Chaul. E sabendo ele esta noua entrou no rio & foy desembarcar na fortaleza, & despois de desembarcado chegarão no mesmo dia á barra treze fustas de Halixa que ele mandaua a saber nouas do que ho gouernador determinaua, & deulhe por sinal q̃ se lhe saissem de Chaul q̃ era sinal que ho gouernador ya pelejar coele & se não não. E os mouros chegarão á boca da barra posto que os nossos galeões estauão hi surtos & não lhes ouuerão medo porque ventaua a viração que era contraira pera sairem de dentro, & começarão desbombardear: o que sabido pelo gouernador mãdou logo a Eytor da silueira que lhe saisse cõ doze bargantĩs q̃ foy a remos ate a boca da barra cõ a decente da maré mas não pode sair por amor da montante que começaua. E com tudo os mouros fugirão & forã dar esta noua a Halixa.

C A P I T V L O XCIII.

De como ho gouernador disse aos capitães da armada que queria ir tomar Diu & de como foy contrariado.

Sabẽdo ho gouernador õde as fustas estauão, & q̃ nã corrião a Chaul como dantes determinou de as ir buscar pera pelejar coelas: & primeyro q̃ partisse descobrio aos capitães & fidalgos hũa cousa q̃ ja de Goa trazia na võtade. E jũtos todos em conselho lhes disse. Bẽ sabeis señores q̃ Diu he a mais forte cousa de toda a costa de Cambaya, & chaue de toda a India porq̃ dali a pode el rey de Cambaya conquistar, & ali he a certa colheita dos rumes se vierẽ á India: & por isto a fora ser tão mao vezinho como he pola guerra q̃ nos faz importa muito ao seruiço del Rey meu senhor tomarse, o q̃ agora

prazẽdo a nosso senhor se podera fazer cõ muyto pouco perigo de seus vassalos & muy pouco gasto de sua fazẽda, porque eu sey certo q̃ a principal gente de Diu anda nestas fustas, & a mayor parte de sua artelharia, & q̃ Meliq̃ tocão q̃ agora he capitão he ainda nouo na guerra & sabe pouco dela q̃ sam cousas euidẽtes pera se poder tomar facilmẽte: & esta foy a causa prĩcipal de minha vinda & nã buscar as fustas q̃ pera isso abastara hũ capitão. E porq̃ eu sey certo q̃ Diu esta desta maneyra, & sey q̃ cõ ajuda de nosso señor ho poderemos tomar, me parece q̃ deuemos de deixar as fustas & engolfarmonos no mar, como que imos a Ormuz, & engolfados fazer volta sobre Diu onde vẽdonos de supito hão de cuydar que deixamos sua armada desbaratada de que hão dauer tamanho medo q̃ ou se nos hão de dar ou não hão de poder resistir pera os tomarmos: & isto me crede como a homem que de idade de dezaseys annos andey sempre na guerra ategora. E pregũtãdo a Antonio de saldanha & a Garcia de sá que lhes parecia, disserão que lhes não parecia bem ir primeyro a Diu que pelejar com as fustas, porque segundo a gente delas andaua soberba vẽdo que ele se partia de Chaul & as não ya buscar crerião q̃ lhes fugia & terião atreuimẽto de ir a Chaul & destruir a cidade & a fortaleza: & quanto a ir a Diu tambem lhes parecia mal porque não crião que estaua despejado nẽ se deuia de crer se se não visse pelo olho, porque como auião os mouros de ser tão descuidados que estando ele tão perto auião de ter Diu desapercebido pera se defender importandolhe tãto: & aparecendo ele no seu porto & não ho tomando seria hũa grande deshonrra: por isso não era bẽ que fosse, nem menos ás fustas porque era muyto pequena empresa pera ho gouernador da India. E cõ ho parecer destes dous se forão os mais dos que ali estauão, somente Eytor da .ilueira foy do parecer do gouernador, assi em ir a Diu como em ir pelejar cõ as fustas, & por ser hũ só não aproueitou, mas ho gouernador disse que ainda que parecesse mal a

todos, que auia dir pelejar cõ as fustas, & que fosse coele quẽ quisesse. E logo se partio com toda a armada, & deu a capitania mór dos nauios de reino a Eytor da silueira pera que fosse ao longo da costa, & ele com os nauios grossos ya hum pouco amarado pera que as fustas lhe não escapassem. E quãdo ho gouernador partio apareceo no ceo hũ sinal branco feyto como barra & atrauessaua de noroeste a sueste & tinha hũa ponta sobre Diu, de q̃ despois se soube que os mouros tomarão muyto mao pronostico, & este sinal durou ate ho dia & hora em q̃ as fustas forão desbaratadas.

CAPITVLO XCIIII.

De como ho gouernador pelejou com a armada de Diu & a desbaratou.

E indo ho gouernador nesta ordem dia dẽtrudo atarde aparecerão ao longo de terra hũas treze fustas que yão pera Chaul, & em auendo vista da nossa armada voltarão fugindo: ho gouernador como vio estas cuydou q̃ vinha toda a armada: meteose logo em hũ bargantim cõ determinação de pelejar coela. E vendo que não erão mais foyse ao bargantim Deitor da silueira, & disselhe que ao outro dia prazendo a nosso senhor esperaua que pelejassem com as fustas, & deulhe ho regimento do que auia de fazer: porque ele auia destar nos galeões fauorecẽdo a batalha: & pera mais animar os capitães na peleja mãdou apregoar por toda a frota, que daria cẽ cruzados ao capitão q̃ primeyro aferrasse fusta. E sabido pela frota que auião de pelejar confessarãse todos aquela noyte: & ao outro dia q̃ era quarta feyra de cinza seys de Feuereyro em rõpendo a alua chegarão a Bombaim õde as fustas estauão pegadas cõ hũa ponta, & erão por todas sessenta & quatro. Eytor da silueira como foy ho dia claro que as vio correo todos os bargantĩs & catures de sua capitania & mãdou a todos os ca-

pitães que não tirassẽ nhũ tiro aos ĩmigos se não despois de desesperarem de os aferrar que assi ho tinha mandado ho gouernador, porque não fugissem com medo da nossa artelharia. E receando Eytor da silueira q̃ os mouros se se vissem em apertada se acolhessem a hũ rio que lhes ficaua da bãda do norte, mãdou a hũs oyto capitães de bargantins que em ele rompẽdo com os mouros tomassem a boca do rio & lha defendessem, & abalou pera os mouros com os outros cujos capitães erão a fora ele, Diogo coelho, Gaspar paez, Francisco aluarez, Ioão rodriguez ho chatim, Pedraluarez de mezquita, Antonio correa de Goa, Lourẽço botelho, Christouão Lourenço carracão, ho calafate de Chaul, Diogo coresmas malu, Pero barriga, Antonio colaço, Christouão correa, Iorge diaz, & Antonio fernandez: com quẽ yão estes fidalgos, Christouão de melo & Diogo de sã Payo sobrinhos do gouernador, dõ Frãcisco de crasto, Ioão pereyra, Manuel rodriguez coutinho, Andre casco, Frãcisco de barros de payua, Luys coutinho, Duarte coelho, Ioão de melo, Garcia de melo, Antonio barbudo, Ioão da silueira, Manuel do carualhal, Nuno pereyra, Lãçarote dalpõem & outros a que não soube os nomes. Halixa estaua com suas sessenta & quatro fustas feytas ẽ tres batalhas & ele na da retrogoarda: & como vio que os nossos abalauão deu sinal aos seus que tirassem com a artelharia, & começou de tirar tãtos pelouros que era cousa despanto, & tudo foy cuberto de fumo, & por mais bastos que os pelouros erão os nossos tirauão auante quanto podião sem nhũ tirar. O que visto por Halixa, & q̃ chegauão a aferrar não ousou dagoardar mais com medo & fezse á vela pera dobrar a põta que digo & acolherse pelo rio acima, & por ho vento ser escasso pera isso mandou meter os remos de q̃ tão pouco se pode ajudar por ser contra agoa, q̃ vazaua a maré, & por isso se mãdou a outra fusta peq̃na & deixou a sua q̃ era grãde, o que foy causa descapar da peleja que a este tempo se começaua datear brauamente, porque os nos-

sos chegarão aos immigos, & ho primeyro bargantim q̃ aferrou cõ hũa das fustas q̃ era como hũa boa galeota foy ho Dantonio fernãdez em q̃ yão os fidalgos q̃ disse, & com a grande pancada q̃ ho bargantim deu em aferrando tornou a desaferrar & afastouse hũ pouco ficando dentro na fusta Francisco de barros de payua q̃ foy ho primeyro que saltou nela & ficou na postiça onde ho espaço que ho bargantim esteue sem tornar a abalrroar correo muyto grande perigo & sofreo trabalho immenso em se defender dos ĩmigos que trabalhauão quãto podião por lhe tirar a vida. E tornando ho bargantim a aferrar foy socorrido dos outros a q̃ os mouros defendião que não ẽtrassem na fusta. E estãdo nesta perfia cayo da gauia da fusta hũa panela de poluora que quebrou na mesma fusta do masto pera a popa, & tomando fogo a poluora que ali estaua arrebentou com hũ medonho estouro, & toda a cuberta daquela parte lançou ao mar com quantos estauão nela, & Francisco de barros que hi estaua cayo no bargantim ferido em hum hombro dũ zaguncho, & forão feridos Ioão pereyra de hũa frechada no rosto, & dom Francisco de crasto na cabeça com hũa pedra, & como a fusta arrebentou ficou rẽdida, & entre tanto chegou Eytor da silueira com os outros capitães, & aferrãdo os ĩmigos apertarãnos tã rijo que fizerão saltar muytos ao mar & outros matarão, & os desbaratarão de maneyra que todos fugirão & os Portugueses os seguirã & por se não poderem acolher ao rio que cuydauão, forão tomadas corẽta & seys fustas com toda sua artelharia & queimadas tres de q̃ não escapou ninguem que todos forão mortos nelas & no mar: sem dos Portugueses morrer nhũ, somente forão algũs feridos, & das onze fustas que escaparão recolheo Halixa sete cõ a sua & fugio pera hũ lugar grande chamado Taná donde se foy a Baçaim, & as quatro fugirão pelo rio de Nagotane onde forão tomadas pelos gentios de Chaul, & assi não escaparão mais que as sete q̃ leuou Halixa. E desbaratados os mouros, recolheose ho gouernador cõ

os nauios grossos aa enseada de Bombaim no proprio dia, no qual & na noyte seguĩte os dos nauios de remo que pelejarão cõ os mouros os acabarão de matar na agoa. E isto feyto ajuntou Eytor da silueira sua armada, & as fustas que tomou aos ĩmigos & foyse pera ho gouernador que ho recebeo cõ muyto prazer, & laa armou caualeiros a muytos fidalgos & a outros que ho quiserão ser por se acharẽ em hũ feyto tão hõrrado como aquele foy, & de que os mouros ficarão muy debelitados: porq̃ toda sua esperança estaua naq̃la armada. E juntos todos os nossos, tornou ho gouernador a propoer em cõselho sua ida a Diu, dando por rezão muy principal ho desbarato das fustas com q̃ Diu ficaua desbaratado & se tomaria facilmente ou se daria, mas não lhe aproueitou porq̃ Antonio de saldanha & Garcia de sa lhe forão muy cõtrairos, & por sua causa outros muytos como da primeyra. E veo a cousa a tãto q̃ lhe disse Garcia de sa que não roubasse a honrra a Nuno da cunha que el rey não mandaua aa India a outra cousa se não a tomar Diu: por isso q̃ lho deixasse, se não q̃ pedia dele hũ estormẽto, & ho mesmo dizia Antonio de saldanha. E por ho gouernador não ter da sua parte mais que Eytor da silueira, & andar muy acanhado cõ a vinda de Nuno da cunha q̃ quasi ninguem ho queria ver, não ousou dir cõtra os requerimẽtos que lhe fazião. E segundo se despois soube foy cousa muy errada não ir a Diu porq̃ se lhe entregara se la fora & não custara tãto como despois custou assi de sangue como de dinheiro, & pera sua disculpa com el rey pedio ho gouernador ao secretario hũ estormento de certidão do que proposera naquele conselho & no outro ãtes de pelejar com as fustas, pera q̃ el rey soubesse que se não deixara de tomar Diu por sua culpa. E este estormẽto foy tirado de hũ auto que ho secretario fez dambos os conselhos que foy assinado pelos que forão neles.

CAPITVLO XCV.

De como ho gouernador quisera ir sobre a cidade de Taná, & a causa porque não foy.

Vendo ho gouernador q̃ não podia ir a Diu, determinou de dar em Tana hũa cidade de mouros quatro legoas por dentro do rio de Maim, cidade grande & rica, & em q̃ se faz muyta roupa de Cambaya, & era senhor dela hũ Xeque: & porq̃ ho gouernador sabia que estaua rica a queria tomar pera a dar a saco aos soldados q̃ leuassem de comer pera ho inuerno: & pera q̃ ho fizesse tributario a el rey de Portugal. E proposto isto em conselho, & acordado que ho fizesse embarcouse na fustalha & nos bateis dos galeões com toda a gente da armada, & Antonio de saldanha foy ẽ hũa galé muyto contra võtade do gouernador & de todos, porque ya em risco de ficar em seco: & aquele dia á tarde que foy ho primeyro de Março entrou pelo rio de Maim com determinação de chegar a Taná em amanhecẽdo porque tomasse os immigos mais desapercebidos. E indo todos a remo com a maré que enchia ja perto da cidade, soube ho comitre da galé Dantonio de saldanha tão mal atinar ho canal do rio que se meteo por hũ esteiro, em que ficou em seco quãdo vazou a maré que foy quasi em amanhecendo, & assi ficou toda a armada em seco, & foy cousa espãtosa quando foy manhaã clara ver como ficarão os bargantins & catures, porque hũs ficauão com os esporões fincados no chão & as popas pera cima, outros com os esporões pera cima & as popas pera baixo, que parecia que os esteuerão ordenando daquela maneyra: do que ho gouernador ficou bem agastado porque não auia outro remedio se não esperar pola maré: & os capitães assi como ho nauio de cada hum podia nadar, assi tiraua pera a cidade por mais mandados que ho gouernador fazia que ho nã fizessem, & deixauão só, &

ate Antonio de saldanha deixou a sua galé em seco & foyse em hũa fusta, & a gale ficou ẽ risco de não poder sair, porque as agoas yão quebrando como que as mares da noyte sam móres que as do dia, & por isso ficou a gale ẽ muyto pouca agoa, & não podia nadar, nẽ podera sair sem ajuda: & esta deu ho gouernador que por se não perder nã se quis dali ir ate a não tirar, & ele por sua pessoa se meteo na vasa ate a cinta & ajudaua a tirar pelos cabos & aportar ancoras porq̃ os fidalgos que yão coele tirassem tãbem, o q̃ eles fizerão & forão Christouão de melo, Diogo de sam Payo, dom Francisco de crasto, Frãcisco de barros de payua, Ioão pereyra, Manuel rodriguez coutinho, Andre casco, Luys coutinho, Duarte coelho, Ioão de melo, Garcia de melo, Ioão da silueira, Manuel do carualhal, Antonio barbudo, & Lançarote dalpõem. E ajudarão tambem Lourenço botelho com a gẽte da sua fusta & ho colaço com a do seu catur: & leuando todos tanta fadiga & trabalho que lhe saya ho sangue das mãos de puxarẽ polos cabos tirarão a gale pera ho alto das oyto horas da manhaã ate a hũa despois de meyo dia, sem nhũ dos outros capitães querer ajudar se não tirar pera a cidade posto que virão ho trabalho em q̃ ho gouernador ficaua. E vendo ele tão pouca obediẽcia aos seus mandados não quis dar em Tanã porque receou q̃ tão pouco lhe obedecessem lá & que recrecesse disso algũ desastre, & tornouse pera a frota que deixaua no mar. E vendo os que estauão diãte da cidade partir a bandeira forão a pos ela: & ho gouernador não quis castigar tamanho desacatamẽto como aquele foy por os culpados serem muytos mas reprendeos brãdamente: & perdeose hũ bõ saco naquela cidade porque estaua muy rica. E por ser ja perto do inuerno & ho gouernador auer dinuernar em Goa, & não ter mais q̃ fazer naq̃la costa que não fizesse hũ capitão mór & deixou hũa armada de vinte bargantins & duas galeotas com trezentos homẽs a Eytor da silueira pera que fizesse a guerra naq̃la costa ate ho cabo do

verão em que se recolheria a Chaul, & ele partiose pera Goa onde chegou em Março.

CAPITVLO XCVI.

Do que fez Antonio de miranda na costa do Malabar cõtra os mouros de Calicut cõ ajuda de Christouão de melo.

Chegado ho gouernador a Goa despois do desbarato das fustas mãdou a Ormuz tres galeões carregados de mercadoria del rey, cuja capitania mór deu a dom Fernando deça seu cunhado, & forão seus capitães Antonio de lemos & Lopo de mezquita, & mandoulhe que da volta fosse fazer presas á ponta de Diu, & despachou pera Malaca a Garcia de sá que tinha a capitania, & encomẽdoulhe muyto ho resgate de Martim afonso de melo jusarte que estaua catiuo em Bẽgala, & mandou ao Malabar Christouão de melo seu sobrinho em hũa gale & seys bargãtins de baixo de sua bandeira pera que se ajuntasse com Antonio de miranda & lhe obedecesse. E chegado laa foy coele ao rio de Chale õde sabia que estaua hũa grande nao del rey de Calicut carregada de pimẽta pera Meca & doze paraós pera irem em sua companhia em que aueria oyto centos mouros frecheiros & espingardeiros a fora outros despadas & lãças q̃ erão muytos, & Antonio de miranda entrou no rio com os bargãtĩs & catures leuãdo os a fio por ambas as partes do rio que lhe não fizesse nojo a artelharia dos mouros, que tinhão os paraós diante da nao na metade do rio encadeados de quatro em quatro com bombardas nas proas & per ambos os bordos. E por mais bombardadas q̃ tirarão, os Portugueses remãdo a todo tira, & desparando sua artelharia lhe chegarão, & aferrando cõ os quatro diãteiros pelejarão tão rijo cõ os mouros que estauão neles q̃ os fizerão fugir saltãdo hũs ao mar & outros recolhendose pera os paraós traseiros que logo forão cer-

cados dos Portugueses, & pera se despacharẽ mais asinha lhe lançarão dẽtro panelas de poluora com que os queimarão, & coisso se deitarão todos os mouros ao mar, & deles forão mortos nagoa outros fugirão pera terra a nado cõ tamanho medo que nem na pouoação se atreuerão a saluarse, & os Portugueses a q̃imarão & destruirão tudo ao derredor. E destruida a terra tornouse Antonio de miranda sem perder nhũ dos seus de q̃ forão feridos algũs, & leuou consigo a nao carregada como estaua & oyto paraós q̃ os quatro forão queimados, & mãdouha coeles a Cochim onde ho védor da fazenda mandou fazer deles bargãtins, & a pimenta foy descarregada na feytoria. Despois disto andãdo Antonio de miranda & Christouão de melo a monte fermoso hũ da bãda do sul & outro da do norte, teue Christouão de melo vista da armada de Calicut hũ dia a tarde, & sabendo que era de cincoenta paraós ajuntouse com Antonio de miranda (que ainda não sabia parte dela) & disselho, & por ser tarde não pelejarão coela aquele dia & deixarãno pera ho outro dia. E cõcertado da maneyra q̃ auia de ser, em amanhecendo foy se Christouão de melo em busca dos immigos indo abolinãdo ao longo de terra com ho terrenho, & Antonio de miranda se empegou. E ĩdo assi ouue Christouão de melo vista dos ĩmigos que tambem ho buscauão, & sendo perto deles tiroulhe algũs tiros, & como q̃ auia medo deles polos ver muytos viroulhe a popa com os outros & fezse na volta do mar. E em os mouros vendo que fugia forão apos ele obra de trinta paraós que ho seguirão ate auer vista Dantonio de miranda, que indo de auiso do q̃ auia de fazer em vendo Christouão de melo fez volta, & passando a sota vẽto dele meteose por ãtre os ĩmigos, que vẽdose assi cometer de sobre salto amainarão pera fugir a remos porque não podião pola bolina. E nesta detença oyto dos nossos bargantins aferrarão oyto paraós, & começarão de pelejar: & querẽdo os outros fugir sayolhes ao encontro Christouão de melo, & seys dos seus bargantins

abalrroarão cõ outros seys paraós, & os dezaseys q̃ ficarão por aferrar fugirão ate se ajuntar com ho seu capitão mór seguindo os Antonio de miranda ás bombardadas & espingardadas: & nisto esteuerão hũ pouco coeles, q̃ posto que os quiserão aferrar eles se goardarão bem disso: tanto que apertando os nossos pera ho fazer lhes fugirão ao longo de terra metendose por rios & esteiros cò muyta gente ferida & algũs paraos arrombados, & Antonio de miranda & Christouão de melo os não quiserão seguir, & forão ajudar os seus q̃ ficarão aferrados com os ĩmigos que ja os tinhão desbaratados, & os matarão todos sem ficar nhũ, & os quatorze paraos lhes ficarão em poder que Antonio de miranda mandou a Cananor pera os fazerẽ bargantĩs: & correrão a costa despois, & deixãdo a limpa meado Abril se recolheo Christouão de melo pera Goa & Antonio de miranda pera Cochim por amor do inuerno.

CAPITVLO XCVII.

Da guerra que Eytor da silueira fez em Cambaya.

Ficando Eytor da silueira por capitão moor na costa de Cambaya, determinou de tomar hũa fortaleza duas legoas do mar pelo rio de Nagotane, em que soube que estaua hũ capitão del rey de Cambaya com seys centos de cauało & dous mil de pé: & deixou dir porque obra de hũa legoa da fortaleza era ho rio tão baixo que não podião nadar os catures, & queimou seys pouoações grandes de lauradores que estauão quasi na entrada do rio de hũa parte & doutra, & fez espantosa destruição: o que sabẽdo ho capitão da fortaleza foy ho buscar com sua gẽte pera pelejar coele, & topouho na derradeira pouoação que andaua destruindo. E sabendo Eytor da silueira quão grossa gẽte trazia não quis pelejar coele no cãpo por ter tão pouca gẽte como erã trezẽtos homẽs, porque muyto ya de pelejar coeles no cãpo a pele-

jar na fortaleza onde determinaua dir pelejar, que no campo auião destar espalhados & tirar aos nossos como a barreira, & na fortaleza não auião de pelejar mais que aqueles q̃ coubessem no muro, & no primeyro impeto q̃ era ho mais forte ficauão com os nossos quasi tantos por tãtos, & por isso não quis Eytor da silueira pelejar, & assi ho disse aos seus que fez recolher aos bargãtĩs ficando ele na traseira, porque os mouros q̃ chegauão ja sobrele assoberbauãno muyto dando grandes apupadas, & chamando nomes aos nossos & os de caualo remetião escaramuçãdo: & Eytor da silueira lhes fez rosto com a gente que estaua por embarcar tirãdo muytas espingardadas, & hũ dos nossos que tinha hũa lãça com hũa rodela se afastou do corpo dos outros, & hũ dos de caualo que ho vio só remeteo a ele pera ho ferir a mão tente com hũ zaguncho, & ho soldado ho esperou, & em querẽdo chegar a ele q̃ alçaua ho braço pera ho ferir meteolhe a lança polo sobaco do braço & deu coele no chão ferido mortalmente, & ainda não foy no chão quãdo lhe ho soldado tomou ho zaguncho, & caualgãdo no caualo, leuou outro mouro dẽcontro que ya pera ho ferir, & passou ho polos peitos posto q̃ ho laudel era forrado de malha: ao que os nossos derão grãde grita & desfecharão hũa grãde curriada despingardadas, & coisto se teuerão os mouros & se retirarão. E ho soldado tomando ho caualo do segũdo mouro pela redea se foy cõ muyto assessego pera Eytor da silueira pedindolhe que ho fizesse caualeyro quando fosse tempo, & ele ho fez. E não ponho ho nome deste soldado por não ser conhecido: porẽ ganhou ali esta honrra, & Eytor da silueira lha fez dali por diante, & assi ho gouernador q̃ lhe chamaua ho seu caualeyro, & na igreja estaua jũto coele, & eu ho vi muytas vezes. E embarcado Eytor da silueira foyse ao lõgo da costa caminho de Baçaim dali a cĩco legoas: mea legoa por hũ rio acima, mandando diante saber sua disposição per hũ Christouão correa capitão dũ bargãtim: & este lhe disse que quasi pegado cõ ho lugar estaua

hũa trãqueira de madeira de duas faces entulhada que tinha tres baluartes do mesmo com sessenta peças dartelharia grossa, & estaua em sua goarda & do lugar Halixá (q̃ fora capitão das fustas) cõ tres mil homẽs de pé & quinhẽtos de caualo acubertados. E com quanto isto se soube era ho desejo dos nossos tamanho de pelejar cõ os mouros, que em quanto Eytor da silueira fazia cõselho como auiã de cometer ho lugar bradauão todos que acabassem. E assẽtado por todos que se cometesse, & repõtãdo a maré entrarão pelo rio acima cõ grãdes alegrias: & ao outro dia ás noue horas chegarão defronte da tranqueira que estaua na borda do rio que não auia outro desembarcadoiro se não nas bocas das bõbardas q̃ logo despararão nos nossos, que sendo tão poucos era cousa medonha velos antre tãtos pelouros como vinhão da tranqueira q̃ pera cada hũ dos nossos auia muytos q̃ os matassem, mas nosso senhor os goardou que todos escaparão & tomarão terra, & os primeyros forão duzentos piães Canarins que yão cõ Malu mocadão dos remeiros q̃ Eytor da silueira deitou diante pera quebrar neles a primeyra çurriada da tranqueira, & tambẽ estes forão saluos. E desembarcado Eytor da silueira, remeteo á tranqueira que muytos dos nossos tinhão aferrada, & pelejauão muyto valẽtemente com os immigos que se defendião muy bem, & dauão q̃ fazer aos nossos por serem muytos: & se os nossos não teuerão tãtas espingardas virãse ẽ assaz de trabalho, porque as frechadas dos immigos não tinhão conto, nem os arremessos & pedradas que lançauão, & lãçadas que dauão a mão tente, mas as espingardadas dos nossos podião mais & derribarão tantos que fizerão caminho pera ẽtrar sem lhe os mouros poderem resistir, posto que trabalharão nisso quanto poderão. E vẽdo que os nossos os entrauão fugirão, & eles os seguirão ate ho lugar onde se meterão todos: & aqui fizerão os immigos rosto aos nossos defendendose. E isto porque sabẽdo Halixá q̃ Eytor da silueira ya sobre a tranqueira, receãdo que a entrasse deixou nela

a gente q̃ lhe pareceo que abastaria pera a defender & com a outra de pé & de caualo se pos em Cilada com tẽçāo de dar nos nossos despois de andarem no lugar, & com os immigos terẽ esta certeza fizerão rosto aos nossos & se defendião. E estando nisto sayo Halixá da cilada com os de caualo diante & os de pé detras, o que sintĩdo Eytor da silueira recolheo os nossos & sayose ao campo, & feytos em hũa pinha esperou os immigos que ho forão cometer cuydando q̃ lhe fugia. E chegãdo os dianteiros q̃ erão os de caualo, desfechão os nossos as espingardas tirando em roda viua porq̃ os mouros os não entrassem & derribarão muytos deles, & os caualos cõ medo do estrõdo das espingardadas começão de fugir, & metẽse por antre os de pé derribando os com os peitos, & trilhando os com os pes os desbaratarão & fizerão fugir & coeles Halixa: & os nossos por estarem muy cansados os não seguirão, & forão roubar ho lugar a que derão fogo despois de roubado & ardeo a parte daquele dia & quasi todo ho seguinte sem ficar cousa q̃ não fosse queimada, & cortadas as hortas & palmares derredor. E foy cousa espãtosa a destruição que foy feyta por tão pouca gente. E isto acabado q̃ foy hũa cousa muy grande sayose Eytor da silueira pera ho mar com sua armada carregada de muyta fazẽda, artelharia & catiuos que se tomarão em Baçaim, & com tres taforeas carregadas de madeira, & foyse por essa costa a destruir muytas pouoações: de que a gẽte fugia cõ medo, & os nossos queimauão os lugares & destruyão tudo. E era ho medo tamanho nos da terra q̃ a seys legoas por dentro do sertão não ousaua ninguem de parecer. E coeste medo mandou ho Xeque da vila de Taná pedir paz a Eytor da silueira com lhe offrecer que pagaria cadãno quatro mil pardaos de pareas, & daq̃le deu logo dous mil & por não poder pagar os outros dous mil deu arrefens. E de tudo isto foy feyto hũ contrato assinado por ambos, & por ser no cabo do verão se foy Eytor da silueira a Chaul onde auia dinuernar, & dahi mãdou as taforeas da madeira ao gouernador.

CAPITVLO XCVIII.

Do que passou dõ Iorge de meneses cõ Fernão de la torre.

Atras fica dito quão pouca ajuda deu Gõçalo gomez dazeuedo a dom Iorge de meneses cõ a gente q̃ leuou de Malaca, & como nã queria mais que estar na fortaleza fazẽdo sua fazenda: porem hũ só bem lhe fez que com sua estada enfreaua os castelhanos & os mouros pera que não fizessem a guerra tão apertada como dãtes, & tinhã muytas vezes tregoas & yão folgar hũs cõ os outros sem terem necessidade de pedirẽ seguro se não quando chegauão ou leuantauão hũa bandeira brãca, no que parecia que aueria paz antreles. E com tudo nunca a ouue, nẽ Fernão de la torre quis dar a dõ Iorge os Portugueses que tinha catiuos por mais vezes que lhos pedio do que dom Iorge estaua muyto agastado. E corrẽdo assi ho tempo hũa noyte quasi no fim do quarto da prima forão ter aa fortaleza dous castelhanos, que tomados pelas vigias forão leuados a dom Iorge q̃ os mandou prender cuydando que yão pera dãno da fortaleza por não pedirem seguro, nem leuarem recado do seu capitão. E sabendo Fernão de la torre a prisam destes Castelhanos com seguro de dõ Iorge lhe mãdou hũ embaixador que foy com tamanho aparato como que fora de hũ grande principe, porque alẽ de leuar muyto ricos vestidos, leuaua diãte trombetas, & frautas & dous reys darmas: & ya acompanhado de gente muy luzida. E a cõcrusam de sua embaixada foy espãtarse Fernão de la torre muyto de dom Iorge prender os dous Castelhanos, sendo tão costumado antreles, & os Portugueses irẽ folgar hũs com os outros, pedindolhe q̃ lhos desse: & dom Iorge disse q̃ ele responderia, & mandou apousentar ho embaixador que deteue algũs dias, & neles lhe fez muyta hõrra comendo ás vezes ambos, & outras lhe mandaua de comer a sua pousada. E hũ dia estãdo ho

embaixador no cabo do comer lhe mandou dom Iorge como por zõbaria hũ pastel em que yão hũ cão & hũ gato pequenos viuos com hũ recado, que pois aqueles dous que erão tão cõtrairos de sua natureza, & estauão tão pacificos, que porque ho não estauão assi os Castelhanos cõ os Portugueses, pois que auia tanta rezão pera isso, assi por serem todos Christãos & espanhoes, como tambem por serem vassalos de dous principes tão liados per parentesco & amizade. E visto pelo embaixador ho recado & ho presente, mãdou preguntar a dom Iorge per qual daquelas alimarias entendia os castelhanos. E ele respondeo q̃ polo gato, por ho terem ate então muyto arranhado, & ele auia de ser ho cão que os auia dapanhar dum bocado, & q̃ dissesse a Fernão dela torre que lhe pedia muyto q̃ lhe desse os Portugueses que lhe la tinha, se não q̃ lhe não auia de dar os castelhanos, que pera isso os tomara. E isto respondeo ao embaixador por derradeyro quando se tornou: porem Fernão dela torre não quis dar os portugueses. E daqui a dias a quatro de Dezẽbro chegou a Ternate hum fidalgo chamado dom Iorge de crasto em hum jungo de que ya per capitão & de caminho foy por Borneo, leuando em sua conserua hum Iorge de brito por capitão de hũa fusta que se perdeo de sua companhia & tornouse pera Banda, & dõ Iorge leuou muyta roupa pera a feytoria & munições pera a fortaleza que então era tudo muyto necessario. E com a vinda de dom Iorge de crasto se fauoreceo dom Iorge algũa cousa, & mandou ho darmada ao morro, onde chegado pelejou com a armada dos immigos & os desbaratou & se tornou a Ternate: & sendo ja em Ianeyro de mil & quinhentos & vinte noue, Gonçalo gomez dazeuedo começou de querer entender em sua partida pera Malaca: o q̃ vendo dom Iorge de meneses, lhe req̃reo muyto estreitamẽte que ho não fizesse, & assi ho requereo a Lionel de lima, a quem tinha dada a alcaydaria mór da fortaleza, & capitania mór do mar, poendolhe diante a necessidade que tinha deles por amor da

guerra que lhe fazião os mouros & os Castelhanos, & em quanto apreto ficaria por lhe leuarem a gente. E com tudo nunca quiserão se não irse, prometendolhe de lhe não leuar a gente, que dom Iorge deteue com muytos rogos & dadiuas de sua fazenda, & prometendolhes que no anno seguinte lhes ajudaria a fazer crauo. E coisto que lhes prometeo ficarão: & pola ida de Lionel de lima deu os seus officios a hũ Gomez aires criado do mestre de Santiago, & mandou na conserua de Gõçalo gomez dazeuedo a dom Iorge de crasto que fosse pedir socorro a quaisquer capitães ou mercadores que achasse em Banda, assi de gente como de mercadorias pera a feytoria. E partio Gonçalo gomez & os outros a dez dias de Feuereyro, & Gonçalo gomez foy por Bachão pera tomar hi Manuel falcão que deixou em Bachão ate saber se dom Iorge queria que ele fosse pera a fortaleza, o que ele não quis consentir por estar mal coele, como ja disse.

C A P I T V L O XCIX.

De como Garcia de sá se partio pera Malaca.

Entrado ho mes de Ianeyro deste anno de mil & quinhentos & vinte noue que era a moução pera ir de Malaca pera a India, partiose Iorge cabral que fora capitão da fortaleza de Malaca, & dom Garcia anrriquez cada hũ em seu jungo, & assi outros fidalgos que laa estauão & chegarão aa barra de Cochim, & com quanto yão com determinação de passarem a Goa não ousou Iorge cabral por ser ja na fim de Março & ventarem os noroestes que correm ao longo da costa & lhe erão por dauante, & por isso se acolheo Iorge cabral a Cochim. E dom Garcia não quis acolherse coele, & disse que auia de passar a Goa em que pes ao vento & ao mar: & polo vento ser por dauante, & ho jungo em que ele ya ser mao de bolina & ir muyto carregado, chegou a Batecalá com muyto grande trabalho & perfia: & estãdo hi vio

que ho tempo auia de ser de cada vez mais forte por ser meado Abril que entraua ho inuerno, & por isso ouue por seu acordo que era melhor tornarse a Cochim: como tornou, & com grãde tormenta chegou aa sua barra onde durando a tormenta surgio, porque por ho jungo ser grande & ir muyto carregado não pode entrar no rio de Cochim. E deixando dom Garcia ho jungo surto sobre hũa ancora foyse a terra, & despois de ido creceo ho vento tanto que durou tres dias & tres noytes & andaua ho mar tão grosso que ho jungo se foy ao fundo cõ a muyta agoa que lhe entrou dentro, em que se perderão cincoenta mil cruzados que tanto valia a carrega q̃ tinha: & dom Garcia não ficou cõ mais que com ho vestido com que foy a terra, & despois ho prendeo Nuno da cunha pelo que fizera em Maluco & ho mãdou preso a Portugal no anno seguinte. E despois de passada esta tormenta, Garcia de saa que estaua então em Cochĩ se partio pera Malaca, & ya em hũa nao, & leuaua em sua companhia hum jungo que comprara pera leuar sua fazenda: & ho jungo se perdeo ao sair da barra. E chegado Garcia de saa a Malaca, lhe entregou Pero de faria a capitania da fortaleza, & ficou em Malaca ate ho Setembro seguinte que se partio pera a India onde chegou em Nouembro.

CAPITOLO C.

De como el rey Dachem tomou por engano hũ galeão a Manuel pacheco.

El rey de Dachem polos recados que tinha mandado a Pero de faria que mandasse pola galé como atras fica dito esteue esperando que fossem por ela. E quando vio que não yão, nem Pero de faria lhe mandaua reposta ficou espantado, & determinou de saber porque lhe não mãdaua recado: & mandando preguntar a causa disso ao Bẽdara de Malaca q̃ auia nome Sanaya de raja cõ

quem tinha grande amizade, & lhe peitaua grossamente por lhe dar auiso do que sabia q̃ os Portugueses determinauão & quantos erão, porque todo seu pensamento era diminuilos tanto com ardijs & manhas que podesse tomar a fortaleza sem perigo. E como pera isto tinha este trato com Sanaya, foy por ele auisado de como Pero de faria recebera bem a embaixada que lhe leuara Antonio caldeira, & como ho mandara com reposta: & por amor da sua amizade que tinha por muyto certa não dera socorro a el rey Dauru, & que se Garcia de saa não entrara na capitania naquele tempo, que sempre Pero de faria mandara pola galé. E el rey de Dachem que isto soube, determinou logo de cometer paz a Garcia de sá pera ver se lhe podia acolher algũs Portugueses pera os matar, & mandoulhe hum embaixador, que auido seguro de Garcia de sá entrou em Malaca, & primeyro que desse a embaixada correo toda a cidade sobre hum alifante leuando nas mãos hum bacio douro em que ya hũa carta del rey de Dachem pera Garcia de sa & rodeado de muyta gente de pé, leuaua hum homem diante tangendo em hũa bacia, & de quando em quãdo dizia em voz alta como pregão que el rey de Dachem queria fazer amizade com el rey de Portugal: & isto fez por ser assi ho costume daquelas partes. E corrida a cidade deu a embaixada a Garcia de sa, cuja concrusam foy desculparse do que fora feyto a Simão de sousa galuão, & como estaua prestes pera dar a galé, artelharia & Portugueses, sobre que mãdara tres a Malaca per duas vezes pedir ao capitão que mandasse por tudo hum homem honrrado pera assentar coele amizade, porque desejaua que os Portugueses teuessem trato em sua terra, & que nunca vira reposta: pedindo a Garcia de saa que lhe quisesse responder com fazer o que pedia. E parecendo Garcia de saa que era aquilo verdade, fez muyta hõrra ao embaixador, & despedioho logo mandando coele outro com reposta como el rey queria, que fez grande recebimento ao embaixador Portugues, & por

lhe fazer honrra que antreles he muyto grãde lhe deu duas manilhas douro pera que trouuesse no braço dereyto como caualeyro, & aos que yão coele deu a cada hum sua. E partido ho embaixador pera Malaca foy morto com quantos yão coele na barra de Dachem por mandado del rey, & isto tão secretamente que ho não souberão mais que aqueles que ho fizerão, & por isso ho não soube Garcia de saa, mas soube a honrra que lhe el rey de Dachem fez pelo que não teue nenhũa sospeita daquela maldade, mas vendo que ho embaixador não tornaua cuidou que se perdera no mar. E sabendo isto el rey por Sanaya de raja, tornou a mandar outro embaixador a Garcia de saa, espantandose muyto como não mãdaua confirmar a paz como lhe mandara dizer, q̃ a mandasse logo confirmar per algum homem honrrado. E cuidando Garcia de sá que era assi, sem ho praticar em conselho escolheo pera mandar a Dachem hũ Manuel pacheco q̃ sabia bem a lingoa Malaya, & porque se ganhaua muyto na mercadoria q̃ se lá leuasse deulhe hũ galeão nouo carregado dela & a mais sua, & a outra doytenta Portugueses que auião dir com Manuel pacheco, que por a ida ser de proueito ouuerão licença pera irem, com grãde aderença. E disto deu logo Sanaya auiso a el rey de Dachem conselhãdolhe que tomasse aquele galeão, affirmando que se ho tomaua que ele lhe tomaria logo a fortaleza de Malaca, porque a gente que ya no galeão era a principal da fortaleza, & a q̃ ficaua era doente & pobre. E tendo el rey este recado quando Manuel pacheco chegou á barra de Dachẽ determinando el rey de ho tomar mandou muytas lancharas darmada pera isso, que andando ho galeão balrrauenteando de fora da barra sayrão poucas & poucas, & quando os Portugueses virão tanta gente como trazião as lancharas, disserão a Manuel Pacheco que lhe parecia aquilo treição, que seria bõ armarẽse pera se defenderem: do que se ele agastou muyto dizendo que ẽ el rey não auia treição que não fizessem aluoroço. E como ja esteuessem

muytas lancharas ao derrador do galeão, entra por ele hũa frecha que sayo dantre os mouros, ao q̃ Manuel pacheco pedio muyto apressado hũa saya de malha, & em a metẽdo pela cabeça vem outra frecha & atrauessalhe ho pescoço, & apos isto ẽtrão os mouros ho galeão por todas as partes dando grãdes gritas, & sem se os Portugueses poderem armar nem defender forão tomados ás maos sem escapar nhũ, & leuados a el rey os mãdou matar com os outros q̃ tinha da galé de Simão de sousa, & ficoulhe ho galeão que era nouo & muyto bem artilhado, & coesta artelharia ficou muyto mais abastado dela do que estaua a fortaleza de Malaca: cõtra quem mandou logo hũa armada, mandando dizer a Garcia de sá que lhe agardecia muyto ho galeão que lhe não falecia mais que hũ bargàtim, que lhe rogaua que lho mandasse senão que ele ho tomaria cedo. E el rey ficou tão soberbo que não tinha em conta os Portugueses, & determinou de lhes tomar a fortaleza de Malaca.

CAPITVLO CI.

De como foy discuberta a treição de Sanaya de raja, & foy morto por isso.

Despois da tomada deste galeão mãdou Sanaya de raja dizer a el rey de Dachẽ que pois ho tomara que ele compriria com lhe dar a fortaleza pera que dali por diante buscaua tẽpo. E quasi q̃ ho ouuera de fazer se ho nosso senhor não descobrira, & assi foy que andando muytos mouros Dachem darmada ao longo da costa de Malaca, ajuntarãse com algũs dela onde chamão ho tãque del rey & hi fizerão hũ bàquete em que os Dachẽs despois de bebados cõtarão aos Malayos como por instrução de Sanaya el rey de Dachem tomara ho galeão, & como mandara matar ho embaixador de Garcia de sa pera mais dissimulação, & como tinha ordenado de tomar a fortaleza em hũ tal dia que Garcia de sa esteues-

se na igreja com toda a gente que auia de tirar dentro com hum camelo que estaua ceuado defronte aa porta da fortaleza, & matar a mais da gente que esteuesse dentro tomar a fortaleza cõ gente que auia de ter pera isso: do q̃ logo Garcia de sa foy auisado por algũs dos Malayos que erão seus amigos: & ouue logo conselho sobre matar Sanaya, & que fosse com ho menos aluoroço que podesse ser. E estando neste conselho chegou Sanaya q̃ era fora com outro mouro seu enteado que auia nome Tuam mafamede, & Garcia de sá ho mandou chamar: & ele foy logo lá bẽ descuydado do pera q̃ ho chamauão que não cuydaua que se sabia, & ya coele Tuã mafamede, a que Garcia de sá disse q̃ queria prender Sanaya por treição que fazia: o q̃ Sanaya não entendeo por não entẽder a lingoa Portuguesa. A que Tuam respondeo, que se Sanaya fizera treição que a pagasse. E logo Sanaya foy preso, & atadas as mãos atras foy deitado do terrado da torre q̃ era de cinco sobrados, & assi foy morto. E Tuam mafamede que assi ho vio matar ficou fora de si com medo, & Garcia de sá lhe disse que não ouuesse medo, porque Sanaya pagara ho mal que fizera: & a ele q̃ era leal faria sempre muyta honrra & merce, & mandou ho leuar pera sua casa muyto acompanhado: & assi liurou nosso senhor a fortaleza cõ a morte de Sanaya de raja que fez muyto grande espanto nos Malayos, & fez lẽbrar a morte de Tuã timuteraja em tempo Dafonso dalbuquerque, & dizião que os Portugueses sabião muyto que não se lhes escondia nada. E el rey de Dachem ficou muyto triste pola morte de Sanaya, porque perdeo nele grande perda, & a molher de Sanaya fugio logo, & foyse coela Tuã mafamede pera el rey Dugentana, hũ rey comarcão de Malaca.

C A P I T V L O CII.

De como Nuno da cunha chegou a Ormuz, & de como foy preso Raix xarafo.

Inuernãdo Nuno da cunha em Mombaça forão ter coele no cabo do inuerno Simão da cunha, dom Francisco deça, & Francisco de mẽdoça que inuernarão em Moçambiq̃ onde lhe morrerão quatrocẽtos homẽs, & assi ho disserão a Nuno da cunha, & a perdição Dafonso vaz azambujo, & de Bernaldim da silueira: do que ele ficou muyto triste & receou que tambem Garcia de sá & Antonio de saldanha fossem perdidos, & porque era no cabo do verão da India, & a nauegação pera laa auia de ser muy perigosa por amor das naos que erão grandes, acordou cõ aqueles capitães que pera segurança delas fosse ter ho inuerno da India a Ormuz. E estãdo pera partir foy hi ter em hũ nauio hũ Bastião ferreyra cidadão de Goa que por mandado do gouernador foy buscar Nuno da cunha a Moçambique cuydãdo que inuernaua lá & não ho achando foy a Melinde, & porque auia de ir inuernar aa India escreueo Nuno da cunha por ele ao gouernador como tomara Mombaça, & a causa porque ya a Ormuz, pedindolhe muyto que teuesse a armada da India concertada porque auia de ter necessidade dela em chegando. E partido Bastião ferreyra, partiose ele pera Ormuz, & estando na agoada de teiue foy ter coele dom Fernãdo deça cõ os outros dous capitães de sua cõserua que yão da India como disse atras, & dahi se foy a Mazcate õde deixou os doentes da armada que erão muytos, & as naos de dõ Frãcisco deça & de Francisco de mendoça, & por capitão a dom Fernãdo de lima, & foyse na sua nao a Ormuz indo coele Simão da cunha & dom Fernando deça com seus capitães, & el rey lhe fez grande recebimento: & com sua chegada ficou Raix xarafo muy assombrado que castigasse suas

tiranias, porque como vinha nouamente auia medo de entender nele. E auẽdo poucos dias que ho gouernador estaua em Ormuz, chegou de Portugal Manuel de macedo por capitão de hũ galeão com prouisam del Rey de Portugal pera prẽder Raix xarafo por muytas culpas que tinha dele, & que lhe fosse entregue, & no mesmo galeão ho leuasse preso a Portugal. E el Rey deu este cargo a Manuel de macedo por confiar dele q̃ ho faria melhor que outrem & não se peruerteria cõ peitas. E chegando ele á agoada de Teiue que he sessenta legoas Dormuz soube como Nuno da cunha estaua em Ormuz: & porque se receou que se soubesse ao que ya lhe tiraria a honrra quesperaua de ganhar em prender Raix xarafo (por ser cousa muy desejada) quis ẽcobrir sua ida a Ormuz, & foyse ẽ hũa terrada cõ algũs de que se confiou mandando ao q̃ deixou no galeão por capitão que dali a tantos dias fosse ter a Ormuz que era ho tempo que lhe pareceo que teria feyto seu negocio. E chegado a Ormuz na terrada que era hũ dia pola manhaã desembarcou muyto secretamẽte & foyse a casa de Raix xarafo que pousaua nos paços del rey, mãdando primeyro a hũ criado seu que como ho visse falar com Raix xarafo lhe leuasse hũa carta a Nuno da cunha em q̃ dizia q̃ lhe requeria da parte del Rey de Portugal que tanto que aquela visse mandasse gente a casa de Raix xarafo porque cõpria muyto a seu seruiço. E chegado a casa de Raix xarafo foy dele muyto bem recebido porque ho conhecia & tinha coele amizade de quãdo ho leuara da India pera Ormuz despois de se liurar das culpas que lhe punhão como disse atras. E ho homem que tinha a carta pera Nuno da cunha como os vio falar foylha leuar. E lendo Nuno da cunha a carta chegou Simão da cunha muyto depressa & disselhe que fazia, que Manuel de macedo tinha preso Raix xarafo: & assi era que ja a noua andaua pola cidade. E ficando Nuno da cunha muyto salteado coesta noua mandou logo a Simão da cunha que fosse prẽder Raix xarafo, & ele foy com muyta gen-

te: & chegando la achou que ja Manuel de macedo tinha preso Raix xarafo, & Simão da cunha lho tomou & lhe mandou logo escreuer sua fazenda, & ho leuou consigo a casa de Nuno da cunha sem na cidade auer por isso nhũ aluoroço cõ quanto Xarafo tinha nela muyto poder & muyta valia, & era muyto aparentado, & isto por medo dos nossos. E Nuno da cunha ficou tão agastado de Manuel de macedo prẽder Raix xarafo sem lhe dar conta disso, que ho mandou prender com quanto lhe ele mostrou a prouisam que trazia del Rey pera ho prẽder: & tambem ho porque Nuno da cunha fez isto foy por abrandar el rey Dormuz q̃ mostrou sentir muyto a prisam de Raix xarafo por ser ẽ sua casa, & dauasse por muyto injuriado disso. E despois da prisã de Raix xarafo em Agosto, ordenãdo Nuno da cunha sua partida pera a India veyo noua certa a el rey Dormuz que Raix bardadim gouernador de Baharẽ por el rey Dormuz se lhe rebelara & lhe não q̃ria pagar corenta mil xarafins que lhe pagaua de rẽda, & isto por amor da prisã de Raix xarafo de q̃ era cunhado dizẽdo q̃ el rey ho fizera prender pois cõsentira q̃ fosse em sua casa, pelo q̃ lhe auia de fazer todo ho mal q̃ podesse. O q̃ sabido por el rey deu cõta a Nuno da cunha, dizẽdo q̃ pois ele era vassalo del Rey de Portugal & lhe pagaua pareas q̃ ele como seu gouernador lhe auia de restituir Baharem & tornar a sua obediencia a Raix Bardadim, & mais pois a prisam de Xarafo fora causa de seu aleuantamento, & se isto não fazia que não podia deixar de descontar nas pareas del Rey de Portugal aq̃les corenta mil xarafins q̃ lhe rẽdia Baharẽ: a q̃ Nuno da cunha respõdeo q̃ não tinha naquilo rezão, porque se Xarafo fora preso fora por suas culpas & el Rey de Portugal ho podia castigar como seu superior, & por isso não era aquilo escusa pera não pagar as pareas. E daqui praticarão tanto sobresta cousa q̃ Nuno da cunha fez cõ el rey q̃ pagasse mais de pareas a el Rey de Portugal os corenta mil xarafins q̃ lhe rẽdia Baharem & que lho so-

meteria a sua obediencia. E isto pos Nuno da cúnha em cõselho com os capitães & fidalgos de sua armada: & algũs disserão q̃ ele ya dirigido de Portugal pera tomar Diu: & Diu importaua mais tomarse que se acrecẽtarem mais corẽta mil xarafins ás pareas Dormuz, porque auia de rẽder mais, & auia de ser mais hõrra del Rey de Portugal tomarse, & que se agora fosse sobrele cõ ho destroço que Lopo vaz de sam Payo tinha feyto nas fustas, & com ir de nouo de Portugal q̃ ho tomaria, & indo sobre Baharem ou mandãdo lá q̃ auia dauer muyta detença por ser fora de moução, & perderia tempo de chegar aa India tão cedo como era necessario pera ir sobre Diu, por isso que deixasse Baharẽ. E outros disserão que não porque bẽ se podia sugigar Baharem & tomarse Diu, & coestes foy Nuno da cunha. E isto se assentou, & q̃ fosse Simão da cunha a Baharem: a que Nuno da cunha deu por regimento q̃ por quanto era fora da moução, & os ventos lhe auião de ser por dauante q̃ andasse ás voltas ate trinta dias & quando neste tempo ho não podesse aferrar que se tornasse. E coeste regimento se partio Simão da cunha na entrada de Setembro. & ele foy em hũ nauio redondo dũ Iorge gomez mercador da India Portugues, que eu conheci, & forão por seus capitães dom Francisco deça no nauio em q̃ Manuel de macedo fora de Portugal, que não chegou a Baharem por ser roim de vela, & Manuel dalbuquerque em outro, & dom Fernãdo deça no seu galeão, & Aleixo de sousa em outro, & Lopo de mezquita no çamorim pequeno, & Tristão dataide em hũa fusta, & a gente q̃ ya nestes nauios forão trezentos dos nossos todos fidalgos & caualeyros criados del Rey, gẽte toda limpa & bem armada de coiraças de seda, & armas brancas. E fazendo sua viagẽ acharão os vẽtos contraires & teuerão assaz de trabalho, & andando assi deulhes nosso senhor hũ vento que os pos em Baharẽ, saluo a dom Francisco deça que ficou atras & Aleixo de sousa que no caminho tomou algũas terradas de mouros, & despois foy ter a Baharem estando os outros surtos.

CAPITVLO CIII.

Do q̃ aconteceo a Simão da cunha em Baharem, & de como morreo & outros muytos.

Chegado Simão da cunha ao porto de Baharem achou hi Belchior de sousa tauares capitão mór do mar Dormuz com obra de seys bargantîs & catures q̃ estaua guardando ho porto, junto do qual estaua hũa boa fortaleza cõ cobelos & torres cercada de muro & caua onde Raix Bardadim estaua com suas molheres, filhos & muyta gente darmas. E vendo ele surta a nossa frota, & parecendolhe ao q̃ ya, pos hũa bandeira branca aruorada na fortaleza: & vista por Simão da cunha mãdou a terra saber o que queria por hũ lingoa: por quẽ Raix bardadim lhe mandou dizer que ele não se leuãtara se não por amor da prisam de Raix xarafo seu cunhado: & pois os nossos interuinhão nisso que ele nã queria coeles nada por ser muyto grãde seruidor del Rey de Portugal, & pois ele queria aquela fortaleza lha queria dar em paz, & se iria cõ suas molheres, filhos, gente & quanto estaua nela, & coesta condição lha daria. Ouuido isto por Simão da cunha, quisera aceitar a fortaleza com aq̃la condição, mas foy cõtrariado dos capitães & fidalgos, dizendolhe q̃ com medo a tomaua daq̃la maneyra, & q̃ não era bẽ que aq̃le mouro ficasse sẽ castigo polo q̃ fizera, & quãdo a ouuesse de tomar sem peleja fosse cõ lhes ficar a fazẽda: & que Raix bardadim se fosse com suas molheres, filhos & gente, porque sem fazenda ficaria bẽ castigado, & não daria mais toruação nẽ desassego a el rey Dormuz. E com quanto isto pareceo muyto mal a Simão da cunha por parecer assi a todos ho ouue por bẽ, mas muyto contra sua vontade, & isso respondeo a Raix bardadim: que como homẽ esforçado não repricou mais se não mandou aruorar no muro duas bandeiras, hũa brãca outra vermelha como

quẽ dizia aos nossos q̃ vissem se querião paz ou guerra. O q̃ vendo os capitães disserão a Simão da cunha q̃ quisesse guerra, & por isso ele mandou desembarcar a gente, & algũa artelharia q̃ leuaua pera bater a fortaleza. E feytas suas estãcias, & ordenados seus capitães & gente q̃ auia destar nelas, começouse de dar bateria á fortaleza, & em começando mandou Raix bardadim tirar a bandeira branca & ficou a vermelha como quem não estimaua a guerra dos nossos: & bem parecia q̃ era assi, porq̃ como os nossos faziã algũ buraco no muro cõ a artelharia logo era tapado & tão depressa q̃ quasi q̃ não se enxergaua, do q̃ Simão da cunha andaua muyto agastado vendo q̃ não fazia nada, principalmẽte porq̃ lhe faleceo a poluora tambẽ apercebido ya dela: & então vio ele camanho erro fizera em não tomar a fortaleza q̃ lhe dauão em paz. E como não tinha outro remedio de poluora se não mãdar por ela a Ormuz, mandou logo lá hum bargàtim q̃ foy ẽ poucos dias, por ho vento ser a popa, mas á tornada foy ho vagar muyto. E vendo os mouros a dilação que auia na bateria da fortaleza zombauão dos nossos de cima do muro como era noyte, & diziàlhe q̃ pois os nã quiserão deixar ir q̃ ali auião todos de ficar. E parece q̃ adiuinhauão ou fizerão por onde fosse assi segundo se presumio q̃ deitarão peçonha nas agoas de que os nossos auião de beber, ou por elas serẽ peçonhentas naquele tẽpo, & nele mesmo ser a terra muyto doentia, & os nossos estarẽ despostos pera doenças com ho muyto grande trabalho q̃ tinhão começarão dadoecer & tanto que não se podião leuantar. E Raix bardadĩ mandou dizer a Simão da cunha q̃ pola amizade q̃ tinha cõ os nossos lhe aconselhaua q̃ se fosse, porque se ali esteuesse mais lhe auia dadoecer a gente de maneyra que quando se quisesse ir não auia de poder: & os nossos zombauão daquilo & dizião a Simão da cunha q̃ ho mouro dizia aquilo com medo, & por isso Simão da cunha não tomou seu conselho que fora muy bõ, porq̃ despois nã sucedera a desauẽtura q̃ su-

cedeo: & foy a doẽça dos nossos em tanto crecimento que quando a poluora chegou Dormuz estauão quasi todos doẽtes & algũs mortos, & porq̃ ele via assi adoecer a gente mudou as estãcias pera perto do mar, porq̃ ho teuesse mais a mão se se visse apertado dos mouros que fossem sobrele, o que temia muyto que fosse se Raix bardadim soubesse como tinha a gente: o q̃ ele sabia muy bẽ pola experiẽcia q̃ tinha da terra, mas como não queria se não amizade cô os nossos porque se fizesse algũ dâno sabia que Raix xarafo ho auia de pagar nunca quis bolir consigo nem sair aos nossos, que se saira cõ pouco trabalho os matara a todos. E despois de Simão da cunha recolher os seus pera mais perto do mar, fez hũa estàcia em que os pos todos, & tornou outra vez a bater a fortaleza de que derribou hũ lãço do muro por estar abalado dantes, & quisera por ali entrar a fortaleza se teuera quem ho acompanhara, mas não achou sãos mais de trinta & cinco homẽs, & todos os outros tão doentes & fracos que não se podião bolir: & de muyto agastado leuantou as mãos ao ceo, dizẽdo. Senhor quã pouco te custara daresme cem homẽs sàos, Que cõ tãtos se atreuera a entrar a fortaleza se os teuera: & vendo que os não tinha deixou de ho fazer com muyto grande magoa assi por isso como por ver quão bem acertaua em tomar a fortaleza que lhe dauão em paz, & quã mal aconselhado fora em a não tomar & em se não ir quando tinha tẽpo. E âtes que ho não teuesse de todo determinou de fazer embarcar a artelharia & os doentes porq̃ os saluasse, o que fez cõ immenso trabalho assi seu como dos trinta & cinco que estauão sàos, que saindolhe muyto sangue das mãos embarcarão a artelharia, & despois os doentes com q̃ ja não podião de càsados & por isso lhes atauão cordas nos pés & os leuauã a rasto ate ho mar. E foy hũa muy piedosa cousa de ver esta embarcação, assi do mao trato que se daua aos doentes por se mais não poder fazer, como dos gimidos & gritos que dauão & magoas que dizião. E neste trabalho ajudou

muyto bẽ aos nossos hum mouro Dormuz q̃ foy com Simão da cunha que era Xeque da ilha Pâgão & ya em hũa terrada com corẽta mouros tambẽ Dormuz com q̃ fez muyta ajuda aos nossos assi no cerco passado como nesta embarcação. E embarcados todos os doẽtes & artelharia, se embarcou Simão da cunha morto de paixão, & de tamanha desauentura a que ele quisera atalhar em tomar a fortaleza se ho deixarão, do que ele tinha mayor magoa, & coela disse ao mestre do seu nauio em se embarcando. Mestre quando ouuerdes de fazer algũa cousa de vossa honrra não tomeis ho conselho de ninguẽ se não ho vosso. E coisto fez dar ás velas & se partio & assi os outros nauios: & logo nos primeyros tres dias de sua nauegação começarão de morrer muytos dos doentes q̃ leuaua q̃ lhe renouauão de cada vez mais sua tristeza de que ele adoeceo, & tão auorrecido ya da vida & de tudo q̃ se meteo na camara do nauio sem querer ver ninguem nẽ falar, & dãdo muyto grandes ays & sospiros durou noue dias despois q̃ adoeceo & morreo de tristeza, & no seu nauio morrerão bẽ setenta doentes a fora os dos outros nauios: & ficou ho nauio tão desemparado de quẽ ho mareasse que se ouuera de perder se lhe nosso senhor não socorrera com ir ter coele Fernandaluarez çarnache em hũa terrada que com sua gẽte ho ajudou a leuar a Ormuz, õde Simão da cunha q̃ ya morto nele foy enterrado, & assi Francisco gomez filho do bispo do Fũchal, & todos os nauios da armada chegarã muy destroçados, hũs diante outros despois: & os mais dos q̃ forão a Baharẽ morrerão que muy poucos escaparão & isto foy o q̃ ganhou de ir lá: & mais coesta ida não pode Nuno da cunha partir pera a India em Agosto pera chegar em Setembro & fazer prestes a armada pera ir a Diu aquele anno & não foy. E vẽdo Nuno da cunha como nã tinha mais que fazer em Ormuz, determinou de se partir pera a India, & arrecadou as pareas del rey Dormuz, & soltou Manuel de macedo & pos em seu poder a Raix xarafo porque ho auia de leuar pera

Portugal por mandado del Rey. E têdo tudo prestes, partiose caminho da India, & forão coele dõ Fernãdo de lima, dom Francisco deça. Frãcisco de mendoça, Manuel de macedo & outro todos capitães de naos, & Iorge gomez no seu nauio.

CAPITVLO CIIII.

De como ho gouernador se partio de Goa pera Cochĩ.

Tendo ho gouernador Lopo vaz de sam Payo ho inuerno ẽ Goa, chegou hi Bastião ferreyra na entrada dele com cartas de Nuno da cunha, que tomara aos mouros Mombaça õde teuera ho inuerno, & ficaua em Melinde dõde auia dir a Ormuz pera no verão seguinte passar á India, pedindolhe que lhe teuesse a armada prestes porque auia de ter necessidade dela ẽ chegãdo, & por esta noua mandou ho gouernador hũa solẽne procissam, em que com todos foy dar graças a nosso senhor por a noua da armada de Portugal, q̃ os mouros querião adiuinhar que não auia de vir, & andauão por isso muyto ledos dizẽdo q̃ ja não auia Portugal. E dadas graças ao eterno Deos, ho gouernador se pos com muyta diligẽcia a mandar concertar a armada, & a fazer de nouo algũs nauios a fora muytos que mandara fazer em diuersos tempos. s. seys galeões & a taforea de Cochim que era nao de quinhẽtos toneis, seys galés reais, cinco galeotas, quatro carauelas, & cincoenta bargantins, & muytos outros q̃ mandou fazer de paraós Malabares, de que no tempo q̃ gouernou a India se achou por certeza que se tomarão a ĩmigos bẽ cento & cincoenta com fustas & outros nauios, & todos bẽ artilhados & de boa artelharia: & destes forão leuados muytos pera diuersas partes do senhorio que el Rey de Portugal tem na India, & outros se gastarão de velhos: & com tudo ficou a mais grossa & melhor armada que tinha nhũ principe Christão de cẽto & trinta & seys velas. s. quatorze galeões, seys

galés reais, oyto galeotas, seys carauelas, & cẽto & duas fustas & bargantins. E assi como acrecẽtou a armada, assi tambẽ teue cuidado de repairar as fortalezas da terra do necessario: na Dormuz mandou fazer hũ baluarte defronte da porta, & mandou acabar hũs cobelos q̃ estauão começados, & enmadeirar os terrados da fortaleza, & argamassar ho muro, & concertar a igreja q̃ estaua dãneficada, & na de Chaul mãdou leuãtar mais hũ sobrado na torre da menagẽ, & acabar ho cobelo do alcayde mór, & fazer hũ cais de pedra, & duas casas pera almazẽs dartelharia & de mãtimẽtos. Na cidade de Goa hũ pedaço de chapa no muro da banda do mar & hũ cobelo. & acabar a sé q̃ estaua começada & telhar de nouo ho mosteiro de sam Frãcisco. Na fortaleza de Cananor mandou fazer hũa caua ao derredor do arrabalde pera q̃ ficasse dẽtro ho poço dagoa, q̃ estaua fora da fortaleza q̃ era parela muy grãde perjuyzo por nã ter agoa: & na mesma caua hũ baluarte q̃ varejasse ho mar dũa bãda & da outra cõ a artelharia & mãdou refazer ho muro da cerca da fortaleza q̃ estaua desfeyto em muytas partes & derribar o q̃ cercaua a torre da menagẽ por ser fraco & fazelo mais forte, & fazer hũa casa pera feytoria, & hũa sala do apousentamẽto do capitão. Em Cochim mãdou fazer a parede grande q̃ vay da fortaleza ao lõgo da praya ate o caluete, & acabar todos os cobelos q̃ estauã da bãda do mar: & assi outras obras miudas de q̃ a fortaleza tinha necessidade. E a fora tudo isto mãdou pagar trezẽtos mil cruzados de soldo, q̃ foy cousa em q̃ fez grande seruiço a el Rey seu senhor. E assi como foy esforçado na guerra, foy cõstãte na justiça q̃ sempre folgou muyto de fazer, posto q̃ algũs quiserã dizer ho cõtrairo por odio q̃ lhe tinhão: porẽ ele castigou sempre os crimes asperamẽte como se vio no mulato q̃ foy enforcado em Goa por tirar de noyte em Cochĩ cõ hũa espingarda a Frãcisco pereyra pestana, & os oyto aleuãtados da cõpanhia dos q̃ se aleuãtarão cõ hũa fusta & cõ hum bargantim, q̃ em pessoa foy prẽ-

der hũa noyte a terra firme, & eu ho vi partir q̃ estaua em Goa a esse tẽpo. Foy sẽpre muyto deuoto & temeroso de nosso senhor, & tão casto q̃ nũca lhe sentirão molher em quãto andou na India: & foy fora de vaidades nẽ presunções, & cõ todos era companheiro assi na paz como na guerra, & pera todos muyto bẽ ensinado. Foy homẽ grande de corpo, mẽbrudo & bẽ apessoado & de rosto alegre. E no cabo deste inuerno que teue ẽ Goa, em dia de sam Bertolameu de madrugada surgio na sua barra a armada q̃ aquele anno foy de Portugal de quatro naos em q̃ ya por capitão mór Diogo da silueira & por seus capitães Ruy gomez da grã, Ruy mendez de mezquita, & Anrriq̃ moniz que morreo no mar, pay Daires moniz & Dantonio moniz q̃ forão coele meninos: & esta armada leuou tão boa viagẽ que quãdo chegou a Goa yão os homẽs dela q̃ erão quinhẽtos tão sãos & tão gordos q̃ parecia q̃ auia quĩze dias q̃ partirão de Lisboa, & nũca despois eu vi outros tais. E detendose Diogo da silueira poucos dias em Goa, se partio pera Cochĩ: & despois dele o gouernador a fazerse prestes pera a partida de Portugal, pera õde esperaua de partir pola vĩda de Nuno da cunha, como direy a diante.

FINIS.

TAVOADA

DO SEPTIMO LIVRO.

HO OCTAVO LIVRO
DA
HISTORIA DO DESCOBRIMENTO
E
CONQVISTA DA INDIA
PELOS PORTVGVESES.

Feyto por Fernão Lopez de Castanheda, que Deos tem.

Impresso em Coimbra.

Com Real Priuilegio. M. D. LXI.

HISTORIA
DO
DESCOBRIMENTO
E
CONQVISTA DA INDIA
PELOS
PORTVGVESES
POR
FERNÃO LOPEZ DE CASTANHEDA.

NOVA EDIÇÃO.

LIVRO VIII.

LISBOA. M.DCCC.XXXIII.
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.
POR ORDEM SUPERIOR.

PROLOGO

NO OCTAVO LIVRO DA HISTORIA

do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses. Dirigido ao muyto alto & muyto poderoso Rey dõ Sebastião nosso senhor deste nome o primeyro. Rey de Portugal, & dos Algarues, Daquem, & Dalẽ mar, em Africa, senhor de Guinê, da cõquista, nauegação, & comercio de Etyopia, Arabia, Persia, & da India.

Pelos filhos de Fernão Lopez de Castanheda.

Ainda que nam fora manifesto muyto alto & muy poderoso senhor, o animo cô que V. A. & seus antepassados todos, receberão as semelhantes offertas de obras proueytosas á Republica, & que ensinauão por exemplos a bem obrar na paz & na guerra, bastaua pera nós offerecermos esta a V. A. a vontade com que el Rey dom Ioão ho terceyro vosso auó (que está em gloria) aceitou o Primeyro liuro desta historia & quanta merce por isto fez a Fernão Lopez de Castanheda nosso pay (q̃ Deos tẽ.) Porq̃ alem de V. A. ter as mesmas obrigações pera a fauorecer que ele tinha, que erão ser de excellentes feytos de Portugueses, & animarem com elas a seus descendentes pera as ymitarem, & terem por facil poer as fazendas & vidas por acrecentamento de nossa sancta fee, & seruiço de seu Rey (como estes seus antepassados fizerão) parecia bastâte causa pera V. A. fauorecer este Liuro, ser parte daquele Primeyro (por continuação da historia) q̃ a el Rey vosso auó pareceo bem, Principalmente que trabalhou nela tanto nosso pay, & fez tantas diligẽcias por escreuer a verdade, que com o fim da historia se lhe acabou a vida, que ti-

nha muy trabalhada de muytas indisposições causadas de cõtino cuydado, & de continuas vigilias, & leytura de muytos papeis q̃ da India trouxera. Polas quaes rezões, em seu nome pedimos a V. A. queira tomar sob seu amparo este Liuro Octauo, (& com este o Nono & Decimo seguintes, que muy cedo se imprimirão) pera que responda o fruyto ao muyto trabalho que ho Autor nele teue, & alcance ho fim que pretendeo.

HO LIVRO OYTAVO
DA
HISTORIA DO DESCOBRIMENTO
E
CONQVISTA DA INDIA
PELOS PORTVGVESES,

Por mandado del Rey dom Ioão de gloriosa memoria deste nome o III. Em que se cõtem o q̃ os Portugueses fizerão na India, & em outras partes do oriẽte, gouernandoa Nuno da cunha.

Feyto per Fernão lopez de Castanheda.

CAPITVLO I.

De como Nuno da cunha chegou á India, & foy entregue da gouernança.

Partido Nuno da cunha Dormuz. E seguindo por sua viagem, foy surgir na barra de Goa a vinte quatro Doutubro. E no mesmo dia a tarde desembarcou, esperando o no cais os vereadores da cidade, & capitão, & ouuidor dela com muytos fidalgos, & gẽte outra. E mostrada sua prouisam de gouernador, & jurando de goardar os priuilegios da cidade: forão abertas as portas, que estauão cerradas em quanto durou esta cerimonia. E metido debaixo dũ paleo, entrou na cidade: onde estaua a clerizia com hũa solẽne procissam de Cruzes leuantadas, foy leuado á Sé da cidade a fazer oração, & da hi pera sua casa. E como tinha determinado de aq̃le anno não ir a Diu, cometeo a Eytor da silueira que

fosse com a armada da India esperar Simão da cunha á costa de Cambaya: pera hi lheutregar a armada quando tornasse de Baharem, pera fazer guerra a Cãbaya. Que ainda q̃ diz no cabo do liuro septimo, q̃ Simão da cunha tornou de Baharem antes de Nuno da cunha partir Dormuz; não foy assi, q̃ foy erro da impressam. E por Eytor da silueira auer por afronta de leuar aq̃la armada pera outrem, escusouse disso: pelo que ho gouernador pedio a seu cunhado Antonio da silueira de meneses que a leuasse. E estando pera partir, chegou recado do desbarato de Simão da cunha, & da sua morte. E porque Antonio da silueira estaua pera leuar esta armada, deu lhe ho gouernador a capitania mór dela, pera que fizesse a Cambaya a guerra q̃ lhe ouuera de fazer Simão da cunha, & deulhe nouecentos Portugueses, de que os quatrocẽtos erão espingardeiros: que forão embarcados em cincoenta & tres velas de remo, galés, galeotas & bargantins. E partido Antonio da silueira, deu o gouernador a capitania mór doutra armada que auia de mãdar ao estreito a Eytor da silueira de quatro galeões, duas carauelas & quatro bargãtins. Dos galeões a fora ele, forão capitães Martim de crasto, Antonio de lemos & Fernão rodriguez barba: das carauelas Frãcisco de vasconcelos, & Ioanemendez de macedo. Dos bargãtins Antonio botelho, Francisco de freytas, & outros dous, & deulhe por regimẽto q̃ partisse em Ianeiro. E deixãdo por capitão de Goa a dom Fernando de lima, se partio pera Cochim. E de caminho deixou dom Ioão déça na capitania de Cananor que era sua. E fez capitão mór da costa do Malabar a Diogo da silueira seu cunhado da primeyra molher, & deulhe hũa armada de duas galeotas, de que forão capitães Manuel de vascõcelos, & Nuno fernandez freyre, & a carauela de Francisco da cunha, & seys bargantins, & foy capitão dũ Ioão da silueira seu irmão de Diogo da silueira, & deixoulhe nesta armada duzentos Portugueses. E chegado a Cochim, foy recebido com a mesma solẽnidade

q̃ em Goa: & ali acabou de ser entregue da gouernança.

CAPITVLO II.

De como forão presos Lopo vaz de sam Payo & ho licenceado Ioão de soyro.

Entregue ho gouernador da gouernança, mandou prẽder a Lopo vaz de sam Payo, & escreuerlhe quanta fazenda lhe foy achada, dizendo q̃ assi ho mandaua el Rey de Portugal, por amor de hũs capitulos q̃ derão dele seus ĩmigos. E por estes capitulos se processou despois em Portugal contra Lopo vaz de sam Payo: & se deu sentença cõtrele, que perdesse ho mantimento q̃ ouuera seruindo de gouernador. E por esta causa se deu a sentẽça cõtrele, & nã por lhe darẽ a gouernãça os juyzes q̃ julgarão por ele na India, como disse no liuro septimo q̃ foi por erro. E sabida a prisam de Lopo vaz, todos os q̃ erão amigos do seruiço de Deos & del Rey, forão muyto espantados: por ser notorio com quanta diligencia, verdade & limpeza Lopo vaz de sam Payo seruira ho cargo da gouernança da India, assi na guerra, como na paz, & q̃ tinha feyta a melhor & mayor armada do q̃ nũca gouernador fizera ateli. E todos os da India ho dizião assi pubricamẽte, o que eu ouui a muytos, brasfemando de quam mao galardão lhe dauão de seus muytos & grandes seruiços. E assi dizião q̃ ho gouernador estaua muyto indinado cõtra Lopo vaz de sam Payo, & lhe queria mal por lhe Garcia de saa & Antonio de saldanha fazerẽ crer, que Lope vaz lhe quisera roubar sua honrra em querer tomar Diu, o q̃ fizera sem duuida se lho eles não estoruarão, & assi por outros mexericos doutras pessoas q̃ nũca falecẽ. E de ho gouernador não estar bẽ cõ Lopo vaz, se pareceo no exceder ho modo q̃ teue em lhe mandar tomar sua fazẽda tão meudamẽte, que lhe mãdou Lopo vaz dizer q̃ nã se agastaua do q̃ lhe fazia, porq̃ esperaua em nosso Senhor

que outro ho auia de vingar: o q̃ se se comprio bẽ. E logo q̃ Lopo vaz foy preso, mandou dizer ho gouernador ao licenciado Ioão de soiro, ouuidor geral da India, que entregasse a vara a hũ Pero barreto, & se fizesse prestes pera Portugal. E vẽdo Ioão de soiro este recado do gouernador, como era prudẽte, pareceolhe q̃ não era sem misterio, & q̃ não faria boa fazẽda em ficar na India cõtra võtade do gouernador. E sem mais q̃rer saber se el Rey ho mãdaua ir ou nã, respondeo ao gouernador: q̃ lhe beyjaua as mãos por tamanha merce, q̃ ele era ja velho & cansado, & não tinha na India outro premio de seus trabalhos, se não pobreza & muytos desgostos, pelo que nenhũa cousa deseja mais q̃ irse pera sua molher, & seus filhos. Mas porq̃ ele desse boa cõta de si a el Rey de quẽ tinha aq̃la vara, que lhe desse hũa certidão de como lha tomaua. Cõ cuja reposta ficou ho gouernador atulhado, q̃ desejaua de mãdar Ioão de soiro pera Portugal, & q̃ não fosse seu ouuidor: porque lhe nao tinha boa võtade, por ser certo q̃ ele fora ho primeyro que em particular, & em pubrico conselhara cõ muyta instancia a Lopo vaz de sam Payo despois do desbarato das fustas de Diu, q̃ ho fosse tomar, & assi por outros mexericos, de q̃ sempre os gouernadores quando nouamente chegão a India ouuẽ que farte, principalmẽte de pessoas q̃ tẽ nela mãdo. Assi q̃ vẽdo ho gouernador q̃ por ali não podia leuar Ioão de soiro, mãdoulhe tomar residẽcia sem ho el Rey mãdar ir pera Portugal, nẽ auer por acabado ho tẽpo de sua ouuidoria. E tãto q̃ a residẽcia foy pregoada, como Ioã de soiro tinha muytos ĩmigos, assi dos fidalgos da India, por ser grãde amigo de Lopo vaz, cujos ĩmigos erão, como dos outros por fazer deles justiça que todos auorrecẽ, todos teuerão q̃ dizer cõtrele. E mais porq̃ ho enquiredor & escriuão da residẽcia erão seus ĩmigos, & assi ho forão tãbẽ muytas testemunhas, que cõ medo q̃ ele fizesse justiça deles, se lançarão cõ os mouros. E cõ seguro do gouernador se tornarão pera os Christãos.

E cõ os ditos destas & outras taes testemunhas, foy Ioão de soiro preso, & mandado a Portugal. E partido, como seus îmigos desejauão de ho destruir, na côtentes cô as testemunhas da residẽcia ajudarãse de hû Pero daguiar, q̃ seruindo Ioão de soiro douuidor geral seruia de seu escriuão, q̃ depois de sua partida foy preso por falsario, a q̃ algûs îmigos de Ioão de soiro cometerão q̃ testemunhasse cõtrele, & q̃ lhe auerião perdão do gouernador do crime, porque estaua preso. E prometendo que si, ouuerãlhe ho perdão, que dizia « Eu Nuno da cunha védor da fazenda del Rey nosso senhor, & gouernador da India, &c. Certifico, q̃ sendo preso Pero daguiar por falsario, lhe perdoey suas culpas, cô tal côdiçao q̃ confessasse tudo o que sabia do licẽciado Ioão de soiro, q̃ foy ouuidor geral nestas partes da India. E isto por parecer q̃ cõpria assi a seruiço del Rey nosso senhor. E assi pareceo ao gouernador, & nã cõ outra má tẽção. E coeste perdã, disse este Pero daguiar mil testemunhos falsos cõtra Ioão de soiro, segũdo se despois soube por inquirições mui autẽticas que sobrisso se tirarão, que eu vi: & mais Pero daguiar como foy solto fugio pera os mouros, & antreles morreo, & se me não engano mouro. Finalmẽte q̃ por mais maldades q̃ os îmigos de Ioão de soiro fulminarão cõtrele ate ho fazerẽ condenar, sabida despois a verdade, foy restituido em sua honrra, & em graça del Rey, & em seu seruiço, & nele morreo. E Lopo vaz de sam Payo, & ele, como digo forã mãdados presos pera Portugal na armada q̃ ho gouernador mâdou aq̃lle anno, de q̃ foy capitão mór Lopo dalmeida de Santarẽ, filho q̃ foy de dõ Diogo dalmeida prior do Crato, que chegou a Portugal a saluamẽto cõ rica carrega.

CAPITVLO III.

Do que dõ Iorge de crasto fez na ilha de Bãda.

No liuro septimo fica dito como dõ Iorge de crasto, por mandado de dom Iorge de meneses capitão da fortaleza de Maluco, foy a Banda a buscar socorro. E chegado, achou hi Iorge de brito capitão da fusta q̃ se perdera de sua conserua quãdo hia pera Maluco, & não podendo seguir sua rota arribou a Banda, pera q̃ vinda a moução de Mayo se fosse a Maluco. E assi achou dõ Iorge dous jũgos de Malaca, de que erão senhores hũ Lopaluarez, & hũ Bastião vieyra mercadores ricos, a q̃ dõ Iorge contou a necessidade de gẽte, & de dinheiro em que ficaua a fortaleza de Maluco, requerẽdolhes da parte del Rey, que emprestassem dinheiro pera se remedear, & alargassem corẽta Portugueses q̃ leuauão em sua cõpanhia pera a defender. O q̃ eles não quiserão fazer, do que dõ Iorge fez autos que mandou ao capitão de Malaca pera os castigar. E esperando ele por moução pera tornar a Maluco, forão ter ás outras duas ilhas de Banda certos mouros vassalos del rey de Tidore por seu mandado aleuantar a terra cõtra os Portugueses, & pera os fauorecerẽ hião coeles algũs Castelhanos: q̃ aluoroçarão a gẽte, dizendo mil males dos Portugueses, & muytos bẽs dos castelhanos, & q̃ auião cedo de senhorear toda aq̃la terra. E por mais que dõ Iorge trabalhou por atalhar a isto, & por tomár estes mouros & castelhanos nunca pode. E vinda a moução de Mayo, partiose pera Maluco, & chegou á fortaleza cõ no mais q̃ vinte cinco Portugueses que hião na fusta com Iorge de brito, & sem nenhũa fazenda pera a feytoria, do q̃ dõ Iorge de meneses ficou muyto agastado por não ter com q̃ pagar á gente seu mantimẽto, q̃ morrião com fome. E a gẽte da terra q̃ ho sabia, se espantaua muyto de como os Portugueses podião sofrer tama-

nhos trabalhos como erão os da guerra & os da fome, & da grãde constãcia q̃ tinhão em seruir a seu Rey, & como nã se hião & deixauão a fortaleza pois erão tã mal pagos, assi do soldo como do mantimẽto. E assi erão espãtados do pouco cuydado que os gouernadores da India tinhão dos Portugueses q̃ estauão naq̃la fortaleza. E quando Cachil daroes soube q̃ não auia nenhũa fazẽda com q̃ se pagasse o que se deuia aos Portugueses, dizia q̃ nã podia ser se não q̃ não auia na India nenhũs Portugueses, nẽ gouernador pois não mãdaua cõ que se pagasse a gẽte que estaua naq̃la fortaleza. E vẽdo ele a desordẽ que auia antre os Portugueses, & quão pouco obedecião os que se achauão em Banda aos mãdados do capitão de Maluco, cuja sabião q̃ era a jurdição de Banda, teue ho em muy pouca conta, & assi aos Portugueses: & dizia que galinhas brancas antre pretas parecião muyto mal. E outras cousas, em que mostraua criar algũa malicia cõtreles, como despois se affirmou.

CAPITVLO IIII.

De como dom Iorge de meneses foy sobre a cidade de Tidore.

Neste tempo se acabarão hũas tregoas que auia antre dom Iorge, & Fernão de la torre, & assi antre os reys que seguião estes dous capitães. E acabadas as tregoas, nã quis Fernão dela torre assentar outras por conselho del rey de Tidore, & do gouernador de Ieilolo, que tinha tudo prestes pera renouar a guerra com que esperaua de se fazer de todo senhor do Morro, que he a melhor cousa daquelas partes, & por isso fazia esta guerra. E mãdou logo lá sua armada, pera que tomasse os lugares que lá tinha el rey de Ternate: & el rey de Tidore mandou outra. E ainda que Cachil daroes tinha bẽ prouidos os lugares del rey de Ternate, mandou tambẽ sua armada, em que forão algũs Portugueses. E

andando lá, encontrouse Cachil rade gouernador de Tidore, capitão de hũa grossa armada com seys corascoras da armada de Ternate. E despois de os ternates pelejarem muy esforçadamente, forão desbaratados por Cachil rade: que matou & ferio muytos deles, & mais prendeo hũ mouro principal de Ternate capitão de hũa cora cora, que tomou com quantos hião nela, que mãdou despois matar muy cruamente. E ficando os Ternates, & os Portugueses que os ajudauão assi desbaratados, acolherãse a terra: & mandarão recado por mar a dõ Iorge de seu desbarato. E que os ĩmigos estauão muito poderosos, porque a fora estar lá a principal gente de Tidore, andauão coela corẽta Castelhanos, q̃ a fauorecia muyto, & se nã fosse hũ grosso socorro, q̃ serião cedo senhores do Morro. O que sabido por dom Iorge, ficou muyto ledo, porque vio que tinha muyto bõ tempo pera destruyr el rey de Tidore, & desbaratar Fernão dela torre, q̃ não teria consigo mais que ate corenta Castelhanos, & el rey de Tidore muy pouca gente, & essa não bem vsada na guerra, pelo que determinou de ir a Tidore. E calando isto consigo, disse a Cachil daroes que era necessario destruyrẽ aquelas armadas de seus ĩmigos que andauão no Morro, & ajũtarem todo seu poder, & ho de seus amigos. O que parecendo bem a Cachil daroes, mandou logo recado aos Sangajes & capitães da ilha de Ternate, & a el rey de Bachão, que acodissem com sua gente: o que logo fizerão, porque tinhão pouco que fazer em a ajuntar. E chegados a Ternate, sem dom Iorge dizer nada do que determiuaua, mandou armar os Portugueses, que erão cento & vinte todos escolhidos. E leuando suas trombetas & atabales, deu mostra a el rey de Bachão, & a Cachil daroes, & aos outros, que folgarão muyto de os ver. E eles tambẽ derão mostra da sua gente a dom Iorge, que por não saber certo quanta era ho não digo, mas era muyta & bem armada. E logo ali se apartou dom Iorge cõ ho alcayde mór, & com ho feytor, & ou-

tros Portugueses principais, & com el rey de Bachão, & Cachil daroes, & disselhes. Que bem sabião que a guerra que tinhão auia tãto tempo, & de q̃ recebião tantas opressões, toda nacia da cidade, & ilha de Tidore. Cujo rey a fora ter grande poder de gente de seu reyno tinha ho fauor & ajuda dos Castelhanos que se tinhão fortalecidos em sua terra com fortaleza prouida de muyta & boa artelharia, com que ficaua ainda mais poderoso. E que ele nunca vira ho tempo tão desposto pera ho destruyr como aquele, por a sua principal gente da guerra ser fora, & assi a mayor parte dos Castelhanos, pelo que não auia quẽ defendesse a terra, que destruida ficarião em paz, & não aueria quem lhe fizesse mais guerra: porque el rey de Geilolo não a podia fazer sem ajuda del rey de Tidore, & dos castelhanos. Ouuido isto polos circunstantes, ho primeyro que deu seu voto foy el rey de Bachão, por ser ho principal. E disse, que lhe parecia muyto bem irem sobre Tidore, & destruyla, & ho mesmo disse Cachil daroes, & os Sangajes & capitães q̃ hi estauão. Mas os Portugueses, que como tinhão fazenda que lograr, não quererião arriscar as vidas em pelejas, forão os mais contra estes pareceres, dizendo: q̃ ainda que parecesse que em Tidore auia pouca gente, q̃ não auia de ser tão pouca, que com a artelharia que tinha não defendesse ho primeyro combate dos Portugueses, que não erão tantos, nem leuauão tanta gente, que do primeyro lanço leuassem nas mãos hũa cidade tão forte como era Tidore, nem menos a fortaleza dos Castelhanos que estauã dentro. E que ficando a combates, auerião tempo pera a gente que andaua darmada no Morro, & a de Geilolo lhe ir socorrer: & ajuntandose toda, os poderião desbaratar, ou sabendo como a fortaleza de Ternate ficaua soo a irião tomar, & vsarião do seu ardil: por isso lhes parecia que não deuia de ir a Tidore. O que ouuido por dom Iorge, ficou tão agastado de os Portugueses serem de voto que não fossem a Tidore, dizendo os mouros

que si: que se leuantou, dizendo que não auia de perder a merce que lhe nosso Senhor fazia, em lhe dar vitoria de seus immigos com tao pouco trabalho & perigo, como sabia que auiao de ter. E logo entregou a fortaleza a Gomez aires alcayde mór, com que deixou algũs Portugueses fora dos cento & vinte que disse. E pedio a el rey de Bachão & a Cachil daroes, que logo sembarcassem com sua gente, que ele assi ho auia de fazer: & auião de partir aquela noyte antes que se rompesse õde hiao, porque queria tomar os immigos de supito. O que lhes pareceo muy bem, & logo se embarcarão, & assi dò Iorge: com que os Portugueses hião de muyto má vôtade, o que ele entendia mas dissimulaua. E embarcouse em hũ batel grande bem artilhado, & com Iorge de Crasto em hũ parao malabar. E os Portugueses q̃ não couberão coeles, se embarcarão cò el rey de Bachão, & com Cachil daroes, & partiose vespera de sam Simão & judas passado hũ pedaço da noyte. E ao outro dia, que era dia destes dous Apostolos, em amanhecendo chegou ao porto de Tidore: que he hũa cidade grande hũ pouco afastada do mar, cercada de hũa tranqueyra de duas faces em lugar de muro.

CAPITVLO V.

De como dom Iorge de meneses tomou a cidade de Tidore.

Chegado dom Iorge ao porto de Tidore, assentou logo coesses capitães & pessoas principaes de dar na cidade. E que entretanto que fosse parela, ficasse dom Iorge de crasto no paráo em que hia: & com ho camelo que leuaua, & com ho outro q̃ hia no seu batel desse bateria a hũ baluarte que ali estaua, & deixou coele quinze Portugueses, & algũs mouros de Ternate. E ele com a outra gente desembarcasse & fosse dar na cidade, que era dali a hũ pedaço. E porq̃ auião dir por antre aruoredo, acordouse que fosse diante descubrindo a

terra hũ Vasco Lourenço, muyto valente caualeyro, com que irião doze Portugueses: & logo á sua vista hũ Dinis botelho cõ outros tantos. E desembarcado dõ Iorge com toda a gente leuando esta ordẽ, abalou pera a cidade, onde assi nos mouros como nos castelhanos auia grande sobre salto, & muyto grãde medo: porque Cachil rade ho gouernador de Tidore, que era muyto esforçado, & sabido na guerra não estaua na cidade, que andaua no Morro com a principal gẽte dela, & el rey era ainda moço que não sabia pelejar. E Fernão dela torre ho capitão mór dos castelhanos tambẽ estaua desatinado, porque alem de saber pouco da guerra, & não se ver nunca em outra tal como aquela, achauase com no mais de corẽta & dous castelhanos, que os outros erão todos fora. E ele não se entendia com os mouros, nẽ eles coele: pelo que auia em todos muyto grande espanto. E com tudo Fernão dela torre mandou assestar algũs berços sobre ho muro, principalmente daquela parte dõde hia dom Iorge, & mandou tirar coeles, & tirauão muyto amiude. E chegãdose os Portugueses mais, começarão os castelhanos de mesturar espingardadas, & com hũa passarão a rodela a hũ Portugues, & ho ferirão na mão esquerda. E como eles hião todos, ou os mais de má vontade a esta guerra, abastou esta ferida pera os espantar, & impedir que não passassem auante, & deteuerãse. O que ouuera de ser causa de morrerẽ muytos se lhes nosso Senhor não acodira, porque como estauão juntos, poderãlhe as espingardadas dos ĩmigos fazer muyto dãno. Mas nisto chegou dom Iorge & começou de bradar, que se chegassem ao muro, & eles não derão por isso, & deixarãse estar quedos. E como ele era muyto esforçado, passou a diante com hũa espada dambas as mãos, dizendo. Que pois não querião pelejar, que ele queria ser ho primeyro que recebesse a morte, antes que padecer tamanha vergonha. E dizendo isto, & chamãdo por Santiago, remeteo a hũ portal que estaua na tranqueyra por

onde os de dentro se seruião. E em abalando que hia perto da trãqueyra hũ Castelhano chamado Pero de ramos, que estaua em cima com Fernão dela torre, & cõ outros: lhe disse. Senhor dom Iorge, agora veremos. E dizendo isto, desfechou hũa espingarda nele. E quis Deos que lhe deu na espada, & resualando dahi ho pelouro, lhe deu na cabeça: & por ter capacete, & ho pelouro ir fraco lhe nao fez nada. E logo dom Iorge çarrou com a tranqueyra, & por ser aleijado do braço dereyto nao se pode guindar acima, o que prouou de fazer por ser muyto ligeiro. E em ele chegando ao muro, chegarão Vasco Lourenço, Dinis botelho, Vicente dafonseca, Francisco pirez, & outros que abalarao coele. E neste tempo os Castelhanos nã faziao se nao tirar, hũs com espingardas outros com bêstas & outros com pedras & lanças. Porẽ os Portugueses nao dando por isso, esforçados por dom Iorge se chegarao sem medo á tranqueyra, & mais vẽdo dom Iorge em cima, porque como Vasco Lourenço, Vicente dafonseca, & os outros forão coele, ele os ajudou a sobir, & assi eles tambem ajudarão a ele, dandolhe decima as mãos. E em quanto se isto fazia era a peleja muy braua, porque vendo os Castelhanos que os entrauão, trabalhauao quanto podião por não perder a tranqueyra, & os Tidores lhes ajudauão muy bem, de que forao mortos bem cincoenta: q̃ como os Portugueses & os mouros que os ajudauão erão muytos, entrarão a tranqueyra. E entrada, não poderão os Castelhanos, nem os mouros resistir aos Portugueses, & os Tidores se recolherão pera a cidade, & Fernão dela torre com os Castelhanos pera a sua fortaleza, leuãdo os mais feridos, & ficando dous mortos & quatro presos. E dom Iorge foy com sua gẽte seguindo os Tidores, ferindo & matando muytos, ate os deitar da cidade, & de volta coeles se foy ho seu rey.

CAPITVLO VI.

Do concerto que fizerão dom Iorge de meneses, & Fernão dela torre.

Auida por dõ Iorge esta tão ilustre vitoria com sómente lhe ferirem tres Portugueses, mandou recado a dom Iorge de Crasto, que se fosse logo á cidade cõ os Portugueses q̃ ficarão coele. E ele chegado, foy a cidade saqueada & despois queymada, no que se gastaria ate vespera, porq̃ como as casas erão de madeyra ardeo muy asinha. E despois disto assentou dom Iorge de combater a torre dos Castelhanos, a que chamauão fortaleza, que como disse era cercada de caua. E primeyro que ho fizesse, escreueo hũa carta a Fernão dela torre: em que dizia, que lhe pedia muyto, & requeria da parte do Emperador, que se entregasse: & que não fosse causa de mais mortes dos Christãos, porque bem via ho estado em que estaua, & quam pouco remedio tinha pera se defender. & q̃ se se quisesse entregar a ele, & aos que estauão coele seguraua as vidas, & as fazendas. E esta carta lhe mãdou por hũ seu escrauo que forrou pera isso: & da torre sayo ho alcayde mór q̃ se chamaua monte mayor a tomar esta carta. E lida por Fernão dela torre, mandou dizer a dom Iorge pelo mesmo Monte mayor, que não se auia dentregar por mais seguros que lhe desse: mas que lhe daria a galeota que fora tomada a Fernão Baldaya com toda sua artelharia, & a ilha de Maquiem, & que não ajudaria mais cõtra os Portugueses a el rey de Tidore, nem a el rey de Geilolo, nẽ lhes faria guerra. E que ficando em paz, & amizade, ele dom Iorge se tornasse pera Ternate. Ao que dom Iorge respõdeo, que não fora sua ida por tão pouca cousa: & pois assi queria, que sua fosse a culpa do dãno que recebesse. E partido mõte mayor coesta reposta, abalou dõ Iorge apos ele com sua gen-

te, toda feyta em dous fios como procissam, porque a artelharia da torre dos castelos a não podesse pescar. E diante hião algũas peças dartelharia emcarretadas, que forão tomadas em hũ baluarte, & assi escadas & muytas panelas de poluora. E vẽdo Fernão dela torre este aparato, & a muyta gente que dom Iorge leuaua, determinou de se entregar. E auido seguro de dom Iorge pera lhe ir falar, sayo da torre com a melhor gente que tinha. E afastado hũ pouco dela, & dõ Iorge da sua, se falarão: & assentarão que Fernão dela torre desse a dom Iorge a galeota, que fora tomada a Fernão Baldaya, com toda a artelharia, & os catiuos. E que logo ao outro dia Fernão dela torre se fosse pera a cidade de Camafo com os Castelhanos que ho quisessem seguir, & ali estaria sem fazer guerra aos Portugueses, nẽ a el rey de Ternate, nẽ a el rey de Bachão, nem a nenhũs amigos dos Portugueses. Nem farião crauo, nem irião a nenhũa das ilhas em que o auia: & q̃ tornarião a ilha de Maquiẽ a el rey de Ternate. E contra ele, nem contra el rey de Bachão ajudarião el rey de Tidore, nem el rey de Geilolo: & pera sua embarcação dom Iorge lhes daria ho bargantim que fora del rey de Geilolo, & mais tres corascoras pera ho acompanharem ate Camafo: & que dom Iorge lhes não faria mais guerra, nem a el rey de Tidore, nem a el rey de Geilolo. E isto se goardaria ate el Rey de Portugal, & ho Emperador mandarẽ ho contrayro. E depois de ambos de dous darem conta disto a sua gente, do que todos forão contẽtes: fizerão ambos por escrito hũa capitulação desta paz, que jurarão de comprir, & goardar, & a assinarão cõ algũas pessoas principais.

CAPITVLO VII.

Do que fez dom Iorge de meneses despois deste concerto.

Feyto este concerto, logo dezoyto, ou dezanoue Castelhanos disserão que querião ficar com dom Iorge. E Fernão dela torre lhos entregou, & cõ os outros q̃ serião vinte, se tornou a sua torre a fazer prestes pera sua partida, q̃ foy ao outro dia, leuando toda sua fazẽda, & a do Emperador, & dõ Iorge mãdou coele tres corascoras da armada de Cachil daroes. E indo seu caminho pera Camafo, q̃ he no Morro, toparão quatro corascoras, em q̃ hia ho gouernador de Geilolo: & quãdo vio o Bargãtĩ, cuidou q̃ era de Portugueses, e por isso na ousou de os cometer: & dissimulãdo, passou auante sem mais querer saber quem hia ali. E chegado a Geilolo, soube o que dom Iorge de meneses fizera em Tidore, & que no bargantim que topara hia Fernão dela torre com os castelhanos, & as corascoras erão de Ternates, que lhe dauao goarda. E auendo ho gouernador aquilo por injuria, armou logo dez corascoras, & foyse nelas, pera por força tomar os castelhanos aos Ternates, & os leuar a Geilolo, onde lhe parecia q̃ estarião melhor que em Camafo: & partido, nunca os pode achar, & tornouse. E chegado Fernão dela torre a Camafo, tornarãse pera Tidore os Ternates q̃ forão coele. E algũs castelhanos q̃ estauão em Geilolo, como souberão q̃ estaua em Camafo, lhe escreuerão que fosse pera Geilolo, porque lá estaria melhor, por ser Camafo del rey de Tidore, que era ja amigo dos Portugueses. E tanto fizerão coele, que depois se foy pera Geilolo, & quebrou o que tinha prometido, & jurado. E dom Iorge de meneses, que ficou em Tidore, despois de partido Fernão dela torre, assentou paz com el rey de Tidore, com cõdição que auia de pagar certos bahares de crauo cadãno de pareas a el Rey de Portugal, & q̃ auião destar

certos Portugueses em Tidore, pera lhe ensinarem os nossos costumes, & não auia mais dajudar os Castelhanos contrele, nem aos mouros. E estando aqui dom Iorge, apareceo ao mar hũ jungo de Bãda, & Damboino, em que vinhão cento & cincoẽta mouros, que ho leuauão carregado de roupas, & de mantimentos pera darem por crauo em Tidore, cuydando que estaua em sua prosperidade. E sabendo dom Iorge donde era, mandou a dom Iorge de Crasto que ho fosse tomar, & ele foy em hũa galeota. E sabendo os mouros a destruyção de Tidore, & a ida dos castelhanos, não ousarão de pelejar, & entregarãse a dom Iorge de Crasto, que os leuou no jungo á cidade. E dom Iorge de meneses lhe fez merce do jũgo, em nome del Rey de Portugal, assi porque ho tomara, como porque auia de ficar em Tidore, pera arrecadar ho crauo que el rey auia de dar. E deixando coele corẽta Portugueses, & Cachil daroes com sua armada, se partio pera Ternate, leuando duas galeotas dos Castelhanos, & algũa artelharia, & assi a galeota que elles tomarão a Fernão Baldaya com sua artelharia, & muyta poluora, & muytas munições, & ho maçame, & ancoras que forão da nao de frey Garcia de loais. E bem vingado dos dãnos que recebera dos castelhanos, & comprido o que dissera, que auia de ser ho cão que os auia dapanhar dũ bocado, chegou a Ternate, onde foy recebido com grande festa. E ficou em muyto credito com a gente da terra, & dali a algũs dias chegou dom Iorge de Crasto de Tidore, onde deixou tudo acabado. E no Ianeyro seguinte se partio pera Bãda cõ determinação de se tornar á India, como tornou, & leuou algũs Castelhanos per mãdado de dõ Iorge de meneses q̃ sabẽdo como Fernão dela torre se foy de Camafo pera Geilolo cõtra a capitulação que tinhão feita, lho mandou estranhar. E Fernão dela torre deu por desculpa, que ho fizera por força: & porem que no mais goardaria a capitulação, & assi ho fez.

CAPITVLO VIII.

De como Antonio da silueyra de meneses destruyo çurrate & Reynel.

Partido Antonio da silueira cõ sua armada, foy ter a Chaul, donde se partio pera a costa de Cambaya, q̃ he da banda do sul, onde auia de fazer a guerra. E começou logo em hũ lugar chamado Reynel, ho principal daquela banda: que está quatro legoas do már, por hũ pequeno rio acima, que vay em voltas per hũ campo assentado na borda do rio. He abastado de trigo, & darroz, que se colhe naquele campo, em q̃ ha muyta caça daltenaria. Ho lugar he grande, & raso, & bẽ arruado: tem boas casas de pedra & cal, de muytos sobrados, & muyto polidas. Seus moradores sam todos mouros Neiteás, & os melhores caualeyros de Cambaya. E daqui hia a principal gente pera as fustas de Diu, & assi pera os exercitos del rey de Cambaya, que tinha por fronteyro ho capitão deste lugar contra Nizámaluco, & estaua hi outro. E chegando Antonio da silueira á foz deste rio de Reynel, quãdo a vio tão estreyta, não quis entrar sem sondar primeyro ho rio per si mesmo: & achou que ficaua seco dele muyta parte com baixa mar, pelo que não podião entrar os nauios grandes que deixou de fora com gente que os guardasse, & por capitão mór Manuel de vasconcelos: & nos catures, em que leuaua sete centos soldados, entrou pelo rio acima. E de caminho quisera dar em outro lugar, grãde & nobre, chamado çurrate, que estaua pelo mesmo rio hũa legoa antes de Reynel, & achouho despejado. E desembarcando com sua gente, em hũ dia & hũa noyte ho queymou todo, que nenhũa casa ficou em pê: & as ortas & palmares darredor forão todas cortadas & destruidas, & queymadas muitas cotias carregadas de mantimẽtos, que estauão pera ir a Diu. Feyta esta destruy-

ção, partiose Antonio da silueira pera Reynel, que parecia da outra banda do rio, que por fazer grandes voltas estaua hũa legoa de çurrate: de cuja destruyção sendo seus moradores certificados, se fortificarão com hũa tranqueyra á borda dagoa em que assestarão muyta & boa artelharia que tinhão, a mais della de metal. E nas bocas das ruas fizerão outras, em q̃ tambem assentarão artelharia: & quatrocentos de caualo, se sayrão ao campo a esperar Antonio da silueira. E muytos destes erão acubertados, & todos armados de laudeis, deles enlaminados de laminas de ferro, & outros forrados de malha pelos peytos, & mangas, & terçados nas cintas, & nas mãos dous & tres zagunchos, & nos arções seus arcos & coldres de frechas, que bẽ parecia gẽte de feyto. E assi esperarão os Portugueses, que hião pelo rio acima tangẽdo suas trombetas, & dando grandes gritas, porque os immigos soubessem que os não temião. E eles em se os nossos descobrindo, que a artelharia podia jugar descarregão hũa grande çurriada de bombardadas, que parecia hũa toruoada muy espantosa. E continuando, parecia que tirauão em roda viua tantos & tão bastos erão os pelouros. E foy milagre de nosso Senhor por sua bõdade, que nenhũ não acertou em homẽ, & todos hião por alto. E sendo hũ tiro de bésta abaixo do lugar, defrõte dõde estauã os de caualo desembarcou Antonio da silueira cõ toda a gẽte, por não desembarcar nas bocas das bõbardas da trãq̃yra & pera dali ir dereyto ao lugar. E porq̃ creo q̃ os de caualo ho cometerião, ordenou sua gente, & deu a diãteyra a Manuel de sousa, cõ que hião os mais dos espingardeyros, q̃ em desembarcãdo fizerão rosto aos de caualo, desparando suas espingardas, de q̃ eles parece q̃ ouuerão medo, & recolherãse ao lugar sem peleja, porq̃ lá esperauão de se defender com a artelharia q̃ tinhão nas bocas das ruas. E assi ho fizerão, q̃ em os Portugueses aparecendo começarão de tirar coela: mas nẽ por isso eles deixarão de chegar, saltando dũ cabo

pera ho outro, & abaixãdose q̃ lhe não acertassem os pelouros, como não acertarão. E chegando ás tranqueyras, acharão grande resistẽcia nos mouros, q̃ erão muytos & esforçados, & pelejarão hũ pedaço ate q̃ os entrarão pela rua principal, & forão os primeyros Ioão jusarte tição Dázinhaga, Ruy boto de lima, dõ Diogo vilançuela, Gonçalo vaz coutinho, Frãcisco da silua, Baltesar lobo de sousa, & outros fidalgos ate dez: & estes mostrarão aqui bẽ sua valẽtia, por naq̃la rua estar ho mayor peso da gente. E assi como se estes desbaratarão, logo a gente das outras se desbaratou, & fugirão todos, ficando corẽta mortos, & dos Portugueses tres, & algũs feridos. Antonio da silueyra os não quis seguir, & poẽdo goarda da bãda do sertão, mãdou saquear ho lugar, em q̃ as mais das casas erão lauradas de macenaria, & douradas, & cateles dourados & laurados de pedraria baixa, & outras alfayas tão polidas & ricas: que ate muytos falcões que se acharão em alcandaras tinhão os caparões dourados. E bẽ parecião de gente rica, q̃ assi o era a q̃ ali moraua, por ser dos principaes lugares de q̃ tratauão pera a China. E assi acharão muyta mercadoria, de que auia casas cheas: principalmente de cobre, & de marfim, & de porcelanas, & doutras cousas de muita valia, de que os nossos carregarão os catures ho mais q̃ poderão: porẽ carregauão pouco por amor do peso da gẽte que auia dir neles, que se forão nauios grãdes, quantos ali hião ficarão ricos pera sempre, porque não tinha cõto a riqueza que ali auia de muytas cousas q̃ não digo. E temendo Antonio da silueira q̃ lhe carregassem os catures, q̃ não podessem nadar, mãdou poer fogo ao lugar, & esperou a noyte seguinte, q̃ ardeo todo sem ficar cousa que se podesse enxergar. E forão queymadas vinte naos, & muytas cotias todas carregadas de mercadoria, & de madeyra, & a terra ao derredor foy toda destruida como em çurrate. E deixando tudo destruido a fogo, & a ferro, embarcouse: mandando primeyro deitar na mayor altura

do rio a artelharia que não pode leuar, q̃ foy muyta, berços & falcões, & todos de metal. E chegado á barra, achou q̃ tomarão os q̃ ficauão na armada seys cotias que hião pera Diu carregadas de mãtimẽtos, & queymarão outras muytas carregadas de madeyra, q̃ em Diu fizerão grande mingoa, pola necessidade q̃ tinha de tudo. E as nouas da destruyção destes dous lugares fizerão grãde espanto, assi lá como em toda Cambaya, porque por estarem tão longe do mar, & os caualeyros de Reynel terem tanta fama, se esperaua que nũca os nossos lá fossem. E a gente da terra andaua toda pasmada, porq̃ vião que se não podião segurar se não bẽ metidos no sertão. E deixando Antonio da silueira muyto grãde terror nesta comarca, por começar de se chegar ho inuerno se partio pera Chaul.

CAPITVLO IX.

De como Antonio da silueira destruyo Damão, & Agacim, & outros muytos lugares de Cãbaya.

E indo sempre ao lõgo da costa pera a destruir, foy ter a Damão hũ lugar muy grãde na põta da enseada da banda do sul cõ hũa fortaleza de muro de largura doyto pês quadrada, & em cada quadra hũ cubelo, & a porta chapada de metal, em que el rey de Cãbaya tinha gẽte de guarnição, que sabendo a destruição q̃ os Portugueses fizerão em çurrate & Reynel, & como tornauão não ousarão desperar, & fugirão. E os do lugar lhes teuerão companhia, tirando primeyro suas fazẽdas: & por isso os nossos não acharão aqui com quẽ pelejar, & queimarão, & destruirão tudo na terra, & no mar muitas naos, & cotias carregadas de mantimentos, & mercadorias. E indo daqui pelo rio acima, queymarão muytas aldeas: em que acharão hũa nao grande q̃ se fazia pera Meca, q̃ tambẽ foy queymada, & forão catiuas muytas almas. E tamanho era o medo na gẽte,

principalmẽte na mezquinha, q̃ desemparauão os lugares em q̃ morauão, posto que fossem lõge do mar, & hiãse pera mais longe. Destruida esta comarca de Damão, partiose Antonio da silueira pera Agacim, outro lugar grande, por hũ pequeno rio acima na volta que a costa faz pera Chaul, em q̃ auia cinco mil & quatrocẽtos homẽs de peleja: os cinco mil de pé, & os quatrocẽtos de caualo, gẽte esforçada, & q̃ esperaua de se defender. E por isso Antonio da silueira determinou de os cometer, pera o q̃ desembarcou na costa hũ quarto de legoa do lugar, por ho rio ser pequeno & baixo: & mandou diante Manuel de sousa cõ cẽto & cincoẽta espingardeyros, acõpanhado de muitos fidalgos, & ele hia nas costas. E chegado perto do lugar, acharão os de caualo no cãpo, & os de pé no lugar. E os de cauało posto que viao chegar os Portugueses não os sairão a receber, & deixarãse estar apinhoados. O q̃ vendo Manuel de sousa, deu Santiago neles, & então começarão de bolir, remetẽdo aos Portugueses: q̃ os tratauão muyto mal cõ as espingardas, com que derribarão treze: de q̃ eles ouuerão tamanho medo, que a cabo de pouco que pelejauão fugirão, deixando cinco Portugueses mortos. Os de pé tanto q̃ os virão fugir fizerão o mesmo, sem receberẽ tãto mal como receberão se ho lugar não teuera naq̃la parte mais q̃ hũa só ẽtrada muyto estreita, pelo q̃ os Portugueses se deteuerão em entrar: & por isso não poderão alcãçar dos imigos mais que ate duzẽtas almas, que matarão & catiuarão. E ho lugar foy todo destruido a fogo & a ferro, assi casas como aruores, & cotias, q̃ auia muytas carregadas de mantimẽtos, & madeyra, q̃ se leua daq̃las partes pera outras de Cambaya, & pera ho estreyto. E estando Antonio da silueira pera se embarcar, tres Portugueses que ficarão em terra desmãdados, forão cometidos de certos mouros de caualo, q̃ os poserão em tanto aperto q̃ os fizerão apartar, & dous fugirão por acerto pera ondestaua Antonio da silueira, a q̃ ele acodio, & os recolheo. E ho outro,

q̃ se chamaua Pedraluarez do geito, tomou mais desuiado seguindoo tres mouros de caualo. E vendo ele q̃ não podia escapar virou a eles, & derribou hũ morto q̃ vinha diante: o q̃ vendo os outros fugirão, & ficando liure, se foy embarcar em paz. E dali se foy Antonio da silueira a hũa ilha chamada Bombaim pegada cõ a costa, pera dali arrecadar as pareas de Taná, Bandorá, & Caranjá, que Eytor da silueira fizera tributarios, como disse no liuro sexto: q̃ eles logo pagarã cõ medo de serẽ destruidos como os outros, em q̃ se fez a espãtosa destruição q̃ disse, não sómente neles, mas em muytas aldeas q̃ ha por aq̃la costa, q̃ he muy pouoada. E nesta guerra queymarão os nossos trezẽtas velas antre naos grossas, zambucos, & cotias carregadas de fazẽda, de madeyra & de mantimẽtos. Em que fizerão muyto grande perda, assi a Cambaya como ao estreito, & forão catiuas muytas almas, de que a el Rey de Portugal vierão cẽto & cincoẽta, bõs pera remeyros. E esta foy a mais aspera guerra q̃ ateli foy feyta a Cambaya, & de q̃ recebeo mais perda, & os nossos receberão mais proueito: porque todos os daq̃la armada forão ricos, & el rey de Càbaya a sentio muyto. E nesta ilha ficou Antonio da silueira algũs dias pera arrecadar as pareas como disse.

CAPITVLO X.

De como ho capitão de Reynel desbaratou a Frãcisco pereyra de berredo, capitão da fortaleza de Chaul.

Fazendo Antonio da silueira esta guerra naq̃la costa, a fazia el rey de Cambaya a Nizamaluco señor de Chaul vassalo del Rey de Portugal. E isto por seus capitães, q̃ lhe tomarão & q̃ymarã muytos lugares de seu señorio & ele andaua fugindo dũ cabo pera ho outro, & por isso os ĩmigos se espalharã por sua terra. E hũ destes capitães, q̃ era ho de Reynel sabẽdo a destruição q̃ os nossos fizerão em Reynel, por vingãça determinou de

queymar Chaul dos mouros, parecendolhe que por serem amigos dos Portugueses se vingaua, & partio pera lá cõ cinco mil de caualo, & doze mil de pé. E mandou diante algũs q̃ fossem ver a disposição da terra, & estes chegarào jũto do lugar. Onde logo foy grande aluoroço, & derào recado na fortaleza q̃ lhe acodissẽ. E acertouse q̃ estaua hi Fernão de moraes, que hia em hũ Galeão pera Ormuz, & acodio logo cõ sua gẽte, & assi algũs da fortaleza. E acharào ja os ĩmigos antre as ortas de Chaul, & pelejarã coeles, & os fizerão fugir, ficãdo mortos tres de caualo. E ficãdo ho lugar seguro por aq̃la vez, se tornou Fernão de moraes pera a nossa pouoação. E ao outro dia forão esses principaes de Chaul dos mouros requerer a Frãcisco pereyra de berredo capitão da nossa fortaleza, q̃ fosse buscar os ĩmigos q̃ estauão perto, & os lançasse de todo fóra da terra, porq̃ lhes nã queimassem o lugar: & q̃ era obrigado a defendelos pois Nizamaluco era tributario a el Rey de Portugal. O que os q̃ estauão com Frãcisco pereyra, lhe cõselharão q̃ fizesse. E ele ho fez, & sahio da fortaleza cõ cincoenta de caualo, & cento & cincoẽta espingardeiros de pé: & foy em busca dos ĩmigos ate chegar a hũ passo mea legoa alem de Chaul, q̃ se chama Argao: que he tão forte q̃ cincoenta homẽs ho podẽ defender a todo mũdo. E chegando ali não parecião ainda os mouros, pelo q̃ teue que erão fugidos de todo, & se quisera tornar pera a fortaleza. E assi lhe disserão algũs q̃ ho fizesse, porq̃ ele não era obrigado a ir buscar os imigos tão lõge da fortaleza: & pera defender Chaul abastaua acodirlhe se os ĩmigos tornassem, & quanto mais perto pelejasse da fortaleza, tanto mais pelejaria a seu saluo. Outros disserão, que deuia de passar auãte & ir buscar os imigos, & pelejar coeles: porq̃ se tornasse sem ho fazer, q̃ pareceria fraqueza, & q̃ ficaria em descredito com a gẽte da terra. E tãto ho apressarão estes q̃ ho fizerão passar auãte a outro passo, dõde mãdou quatro de caualo a descobrir a terra. E estes lhe mandarão di-

zer q̃ não parecião os ĩmigos, q̃ fosse auãte, & não perdesse aq̃la honrra, q̃ lhe querião roubar os que lhe conselhauão que não fosse, & coisto foy. E saindo a hũ campo acharão os imigos, q̃ estauão no cabo dele deitados ao pé de hũa serra: q̃ logo se leuantarão em os nossos parecẽdo. E quando Francisco pereyra vio tão grossa gente, achouse embaraçado: & mais porq̃ os ĩmigos de caualo pegarão logo cõ os nossos de caualo q̃ hião diãte. E por os mouros serẽ tão grossa gente, os não poderão sofrer, & recolhiãse quãto mais podião muyto apressados dos ĩmigos, que os apertauão rijo: & por isso Frãcisco pereyra se quisera recolher com os de pé ao passo donde partira, & fazerse ali forte. Mas não pode, porq̃ vẽdo os de pé a pressa com q̃ se os Portugueses de caualo recolhião, & a grossa gẽte dos ĩmigos q̃ vinha sobreles, é estãdo cãsados do caminho, por a calma ser muyto grãde: começarão de desmayar, & desordenarse. E em vez de se fazerem em corpo, & tirarẽ aos imigos cõ as espingardas, espalhãse & começão de fugir polas serras fora do caminho. O que vẽdo os ĩmigos, começão de dar grãdes gritas: & apertarão tão rijo coeles, q̃ os desbaratárão a todos & fizerão fugir, assi os de caualo, como os de pé por essas serras por fora da estrada, com ho que receberão mais dãno: q̃ se forão por ela como Francisco pereyra, & algũs outros que teuerão coele em chegando ao primeyro passo se fizerão fortes, & resistirão aos ĩmigos cõ as espingardas, mas não ouue esse acordo. E assi forão os Portugueses fugindo ate a fortaleza, indo os mouros em seu alcãço, q̃ matarão deles oytenta de pé, & ferirão muytos, & queymarão Chaul dos mouros, de q̃ matarão muytos. E chegarão tão perto da nossa fortaleza, que lhe queymarão ho arrabalde se não fora a artelharia que começou de tirar. E cõ tudo cercarão a fortaleza, o que Frãcisco pereyra escreueo logo a Antonio da silueira, & q̃ ho fosse socorrer. O q̃ ele fez como vio a carta, & chegou no mesmo dia q̃ partio, por não ser Chaul mais de cinco

legoas de Bombaim. E chegando a Chaul, achou a terra toda cuberta de mouros, que cõ sua vinda se forão: & receando que tornassem, deixouse ficar em Chaul.

CAPITVLO XI.

De como ho gouernador prendeo Francisco pereyra de berredo.

Partidas as naos da carga pera Portugal, de q̃ foy por capitão mór dõ Lopo dalmeida, despachou ho gouernador pera Malaca a Antonio da silua de meneses capitão da nao do trato da India pera Malaca. E assi pera Maluco hũ fidalgo chamado Gõçalo pereyra, q̃ tinha por el Rey de Portugal a capitania da fortaleza da ilha de Ternate, & coele outro fidalgo seu cunhado que auia nome Hanibal cernige q̃ hia na sua subcessam. E por capitão mór do mar de Maluco hũ Bras pereyra sobrinho de Gonçalo pereyra. E ho gouernador deu a feytoria da fortaleza a hũ Luys dandrade: & estes todos partirão de Cochim em Abril pera Malaca, indo em sua cõserua Antonio da silueira, & hũ Lionel de lima em hũa galeota que hia tãbẽ pera Maluco. E despachados estes, partiose ho gouernador pera Goa a seys de Feuereyro, & ẽ Baticalá lhe foy dada hũa carta Dantonio da silueira: em q̃ lhescreuia ho desastre que acontecera a Francisco pereyra, & como ficaua em Chaul. E ho gouernador quisera logo ir a Chaul, & não foy por adoecer em Goa, & por isso escreueo a Antonio da silueira, que tirasse a capitania a Frãcisco pereyra de berredo, & a seruisse, & lho mandasse preso a Goa, & q̃ tirasse a inquirição sobre a desordẽ do Argao, & assi ho fez Antonio da silueira, & ficou por capitão de Chaul, & inuernarã coele seys cẽtos & cincoenta soldados, a q̃ deu sempre de comer á sua custa, em q̃ gastou tãto. E ficou tão indiuidado, que de pão cozido ficou deuendo tres mil pardaos a Ana fernandez, molher do bacharel

Fernão Lourẽço, a quẽ ho ouui. E coesta gente segurou a fortaleza de ser cercada de mouros.

CAPITVLO XII.

De como Diogo da silueira queymou Calicut, & foy sobre ho lugar de Mangalor, & ho destruyo de todo.

Diogo da silueira, q̃ ho gouernador deixou por capitão mór na costa do Malabar: foy por seu mãdado ao porto de Calicut pera acabar as pazes q̃ el rey de Calicut começara de fazer cõ Lopo vaz de sam Payo. E el rey não quis por hũa liga q̃ tinha feita cõ o Chatim de Mangalor, como direy a diante. O q̃ vẽdo Diogo da silueira, por se vingar mãdou poer fogo ao lãço da cidade q̃ estaua ao lõgo do mar, o q̃ algũs Portugueses fizerão cõ panelas de poluora. A q̃ os da terra logo acodirão, mas tolherãlho do mar cõ a artelharia: & cõ tudo não arderão mais de duzẽtas casas, por não auer vẽto: q̃ se ho ouuera, toda a cidade fora queimada. E vẽdo Diogo da silueira q̃ não auia ali mais q̃ fazer, foyse pola costa queimando muytos lugares, & cortãdo os palmares, & outros aruoredos de q̃ a gente se mantẽ, q̃ he a mayor guerra q̃ se lhe pode fazer. E sabẽdo quanto importaua ao seruiço del Rey de Portugal, q̃ a especiaria não fosse leuada a Meca: trabalhaua cõ grande diligẽcia em guardar os rios daq̃la costa principalmẽte ho de Chale, em q̃ sabia q̃ estauão carregando algũs galeões de rumes despeciaria & droga pera ho estreyto, & assi muytos zãbucos & paráos grãdes. E porq̃ não podessem sair, logo dahi a poucos dias q̃ foy na costa mãdou a Nuno fernãdez freyre q̃ fosse surgir na boca do rio de Chale cõ a sua galeota, & cõ hũ bargantim, q̃ leuauão ambos sessenta homẽs, & q̃ guardasse q̃ não saisse nenhũa das velas q̃ estauão dẽtro. E pera estarẽ todos de melhor võtade, os manteue quatro meses á sua custa, tendo continuamẽte tanta abastãça de mantimẽ-

tos q̃ mandaua buscar a Cananor q̃ nũca lhe faltauão. E ele cõ a outra armada vigiaua os outros rios de maneyra q̃ nũca pode sair nenhũa nao, & passouse a Mouçao: pelo q̃ os mouros, & rumes descarregarão as naos & galeões & os vararão: & não quiserão cõprar tanta pimẽta como lhes vẽdião os gẽtios, & eles por isso a forão vẽder na nossa feytoria de Cochim, & por esta causa foy muyta aq̃le anno. E sabendo Diogo da silueira q̃ os mouros não podião aq̃le anno ir ao estreyto, determinou de ir sobre Mangalor como lhe ho gouernador escreuera de Goa q̃ fosse: & pera isso lhe mandou mais bargãtins & gẽte. E praticãdo Diogo da silueira este feyto cõ dom Ioão déça capitão de Cananor, por ser bẽ esperemẽtado na guerra assentarão q̃ deuia dir. E partiose logo, leuãdo hũa armada de duas galeotas, hũa carauela & treze Bargãtins, cujos capitães forão Nuno fernãdez freyre, Manuel de vascõcelos, Francisco da cunha, Ioão da silueira, Antonio de sousa, Gomez de souto mayor, Niculao jusarte, Aires cabral, Lourenço botelho, Afonso aluarez, o caiafate de Goa, Ioão penaluo, Antonio fernandez, Frãcisco de sequeira malabares, Diogo coresma & Antonio mẽdez de vascõcelos feitor da armada. E coesta armada foy ter sobre a barra de Mangalor, q̃ he hũ lugar grande do reyno de Narsinga metido obra de meya legoa por hũ rio. E sobrele jũto cõ ho lugar estaua feita hũa casa forte de pedra, & cal como fortaleza com seus baileus ao derredor, de que se podia defender, & tinha muyta artelharia assestada da banda do rio pera õde tinha hũa seruẽtia & outra pera o lugar. E hũ pouco abaixo desta fortaleza da banda da terra estaua hũa tranqueyra de duas faces entulhada de terra, em q̃ estaua hũa estãcia dartelharia. E este lugar tinha arrendado a el rey de Narsinga hũ grãde mercador gẽtio, a q̃ na sua lingoa chamão Chatim: & por seu grãde trato & riqueza se chamaua ho Chatĩ de Mangalor. E assi era ele ho mais rico Chatim de toda aq̃la costa de Goa ate ho cabo de Comorim, & que tinha mayor

trato: & por ser amigo dos nossos podião suas naos nauegar seguras. E vendo el rey de Calicut que não podia carregar ẽ seus portos pera o estreito, fez amizade coeste Chatim, & mãdaua ali sua especiaria, & hi a carregauão os mouros de Meca cõ dissimulaçã q̃ carregauão no porto de nosso amigo: & pagauão a el rey de Calicut os mesmos dereytos q̃ lhe soyão de pagar no porto de Calicut, & por isso cõtentaua ho Chatim. E hia este trato em tãto crecimento, q̃ assi era Mangalor escala de Meca, como Cochim de Portugal, pelo q̃ era muy perjudicial. E por industria del rey de Calicut, se fortaleceo ho Chatim da maneyra q̃ digo, & lhe mandou a artelharia, & á sua custa tinha ali gẽte de goarnição pera defensam do lugar, & da fortaleza: & isto esteue encuberto algũs annos ate q̃ foy sabido pelo gouernador, q̃ por essa causa ho mandou destruir. E chegado Diogo da silueira á barra de Mangalor, mãdou tomar lingoa, de q̃ soube q̃ ho Chatim fora auisado de sua ida per mouros de Cananor, & q̃ esperaua por ele cõ determinação de se defẽder, pera o q̃ tinha muyta gẽte de peleja, & assi soube ho sitio do lugar. E cõ quanto vio q̃ era muyto forte, & a gẽte muyta em demasia pera a sua, q̃ não erão mais de quatrocẽtos Portugueses, determinou de dar nele. E dando cõta aos outros capitães de sua determinação, q̃ forão coela conformes: assentou coeles de dar no lugar ao outro dia. E porq̃ os paráos de Calicut cursauão ali muyto, q̃ ficarião na boca do rio a carauela & as duas galeotas pera lhes defenderẽ a ẽtrada se viessem, & cõ os bargãtins entrarião. E por se liurar do nojo q̃ a artelharia lhe podia fazer, desembarcaria hũ pedaço abaixo do lugar cõ duzẽtos & corẽta Portugueses, de q̃ os cento & vinte serião espingardeiros, & os outros q̃ erão comitres, bombardeiros, & gẽte do mar irião nos bargantins pera esbõbardear a fortaleza: porq̃ cuydãdo os ĩmigos q̃ os cometião polo rio não acodissẽ tãtos a defenderlhe a entrada da terra. E destes iria por capitão hũ Francis-

co dajora, porq̃ os capitães auião dir cõ Diogo da silueira. E isto assentado, confessarãse todos aq̃la noyte, & encomẽdarãse a nosso Senhor, porq̃ o feyto era perigoso. E ao outro dia q̃ forão vĩte sete de Março, de mil & quinhẽtos & trinta, em começando a maré abalarão pelo rio acima, & Diogo da silueira desembarcou ondestaua assentado. E seguindo pera ho lugar, perto dele acharão obra de dous mil dos ĩmigos, que os esperauão em hũ palmar. E em vendo os nossos derão hũa grãde grita, desparãdo muytas frechadas & algũas espingardadas. Ioão da silueira que leuaua a dianteira cõ os espingardeyros, mãdou desfechar neles: & apertarãnos tão rijo, derribãdo algũs mórtos, q̃ os fizerão recolher ao lugar. E eles recolhidos, quisera hũ seu bombardeiro dar fogo a artelharia da tranqueira: & quis Deos q̃ hũ dos nossos lhe acertou cõ hũa espingardada & o matou, & os nossos chegarão tam asinha a trãqueira que a artelharia não pode tirar, & em chegãdo entrarão logo a tranqueira, que os ĩmigos não ousarão de resistir, & deles se acolherão á fortaleza, & outros ao lugar. E Ioão da silueira com ate sessenta dos nossos, tomou ao lõgo do rio pera a fortaleza: & no caminho achou hũa mezquita õdestauão recolhidos muytos ĩmigos, q̃ se defẽderão cõ muyto esforço. E logo no começo foy a peleja muyto aspera, & muytos dos nossos forão feridos, porq̃ como a porta da mezquita era estreita, & eles querião entrar todos juntos descobriãse & feriãnos. E estando neste cõflito, hũ fidalgo chamado Francisco de sousa remeteo só á porta da mezquita, & leuou hũ mouro nos braços, & matouho ás punhaladas. E coisto os q̃ defendião a porta se retirarão hũ pouco pera dẽtro, q̃ algũs dos nossos teuerão lugar dentrar, & como hũs entrarão, entrarão todos. E a causa dẽtrarẽ despois de nosso Senhor, foy Frãcisco de sousa, q̃ doutra maneira a ẽtrada da mezquita ouuera de custar muyto. E entrados os nossos, todos os ĩmigos forão mórtos, q̃ nenhũ escapou: & entretanto os q̃ ficauão cõ Diogo da

silueira enxorarão ho lugar de todo, q̃ não ficou nele ninguẽ. E todos cõ grande impeto, remetẽ a cõbater a fortaleza: em q̃ logo acharão grãde resistẽcia, porque os ĩmigos estauão muytos sobre os baileus, de q̃ arremessauão panelas de poluora, & tirauão muytas pedradas, & algũas espingardadas, cõ que ferirão algũs dos nossos q̃ chegarão desmãdados. Mas estes não durarão muyto, porq̃ a nossa espingardaria lhes começou de tirar, & matado algũs fez recolher os outros; & não ousarão de tornar ali mais por amor das espingardadas q̃ lhes tirauão em aparecẽdo. E vẽdose os nossos desapressados de cima, buscarão maneyra pera entrar a fortaleza: & Ioão de sousa lobo, & Diegaluares telez, & Francisco de barros de payua, acertarão dachar hũ berço de ferro, q̃ tomando todos tres fizerão dele vay & vẽ, com q̃ arrõbarão hũ postigo da fortaleza por onde entrarão cõ outros a pesar dos mouros, q̃ lho defenderão pouca cousa, porq̃ os entrauão ja por cima das paredes. E era a reuolta antreles muyto grande por fugirẽ, porq̃ como forão ẽtrados não ousarão desperar mais, & fugirão pela porta do rio, a q̃ se lançarão pera se acolherẽ da outra bãda, como acolherão muytos. E algũs forã mórtos, assi ao fugir pelos nossos, q̃ ãdauã na fortaleza, como no rio pelos q̃ estauã nos bargatĩs, q̃ ja erã chegados. E ãtrestes foy morto o Chatĩ de hũa espĩgardada, & dos nossos Deos seja louuado não morreo nhũ, sendo este hũ feito muyto perigoso, & em que os ĩmigos pelejarão animosamente. Despejada a fortaleza, porq̃ os ĩmigos não tornassẽ em quanto se roubasse, & os tomassẽ desapercebidos, mandou Diogo da silueira goardar as portas a seu hirmão Ioão da silueira, & a Manuel de vascõcelos: & deu ho cargo de fazerẽ embarcar a artelharia dos ĩmigos a Ioão de sousa lobo, Diegaluarez, Martim vaz pacheco, & a Francisco de barros de payua: q̃ a fizerão embarcar, & forão sessenta bõbardas, de que muytas erão grossas, & tres quartaos. E entretanto foy a fortaleza roubada, em q̃ se a-

chou muyta soma de cobre, de coral & dazougue, & muytas graãs, & veludos, & outras muytas mercadorias muy ricas de Meca: & muyta poluora, & mantimẽtos sem cõto. E disto foy a mayor parte queimada, porq̃ vẽdo Diogo da silueira q̃ a gẽte se desmandaua em carregar muyto os bargantins, despois dembarcada a artelharia mandou dar fogo á fortaleza, q̃ foy toda queimada se não as paredes da banda do rio por serẽ muyto fortes, & os nossos as derribarão á mão ate os aliceces. E assi foy queimado todo ho lugar & treze naos q̃ hi estauão varadas, & queimadas, & cortadas as hortas: de maneyra q̃ parecia q̃ nunca ali ouuera pouoação. E foy este hũ muy notauel feyto por serẽ os nossos tão poucos, & de q̃ el rey de Portugal foy muyto seruido, assi por se lhe tolher q̃ nã se leuasse mais dali pimenta a Meca, como por ser aq̃le lugar muyto forte & soberbo, q̃ se não falaua em outra cousa. E ali tinha el rey de Calicut sua esperãça, & os seus muy grande esforço, & colheita: & por sua destruição ficarão todos muy q̃brados, & a terra ficou toda assombrada de medo dos nossos.

CAPITVLO XIII.

Do que aconteceo a Diogo da silueira com Patemarcar capitão da armada de Calicut.

Destruido ho lugar, porq̃ era cabo do verão, & Diogo da silueira nã auia de fazer mais q̃ correr a costa, em q̃ não se esperaua cousa perigosa, pelo q̃ não tinha necessidade de tãtas velas, mandou pera Goa noue, & cõ as outras q̃ erão sete se foy a Cananor. E no mesmo dia q̃ chegou passou a vista Patimarcar capitão de hũa armada de Calicut de sessenta paráos, q̃ hia por arroz a Mangalor, não sabẽdo q̃ era destruido. E auendo os nossos vista dele, determinou Diogo da silueira dir pelejar coele, posto q̃ tinha tão pequena frota: & esta ainda carregada da presa de Mangalor, & sayo cõ hũa

galeota em q̃ andaua, & cõ cinco bargãtins por se ho outro estar descarregãdo, & tres ou quatro catures de Cananor. E mandou a todos q̃ afferrassem cõ os mouros, porq̃ trazião artelharia, & se andassem ás bombardadas q̃ os meterião no fundo. E indo coesta determinação achou ho vẽto trauessam & ficauãolhe os ĩmigos de balrra vẽto, pelo q̃ os não pode afferrar, sómẽte hũ dos catures por ser ligeiro passou auãte a remo. E quãdo os ĩmigos ho virão só o quiserã abalrroar. E ẽ querẽdo voltar pera fugir, os q̃ hião nele se cõcertarão tão mal q̃ çoçobrou, & afogarãose sete dos nossos q̃ hião dentro. Ao q̃ os mouros derão hũa grande grita, & começarão de desparar muytas bombardadas, & de hũa quebrarão hũ braço a Ioão da silueira, que andaua diante no seu bargantim. E vendo Diogo da silueira que por causa do vento não podia afferrar os ĩmigos, & que ás bombardadas lhe tinhão muyta auantagẽ por serẽ muytos, & trazerẽ os nauios desempachados: não quis perder tempo, nem gẽte, porque vio que era por de mais andar ali cõ tão poucos nauios & tão carregados. E tornouse a Cananor, & Patemarcar foy sua guia, & quando achou Mangalor destruido carregou em outra parte. E tornado Diogo da silueira a Cananor muyto sentido pelo que lhe acontecera, mãdou descarregar os bargantins, & a galeota. E cifados, & enseuados pera que ficassem mais ligeiros, leuando algũs catures de Cananor: que por todos erão onze velas, foyse a mõte Deli a esperar Patemarcar pera pelejar coele, & tornãdo ho foy logo cometer. E como ele então vinha carregado, & sentio a determinação dos nossos, pois ho hião ali esperar. E cõ ho espãto q̃ trazia do q̃ achára feyto em Mãgalor, não quis tomarse coeles, & trabalhou por se acolher cõ ho vento que lhe fazia pera isso. E os nossos os seguirão cõ grandes apupadas, & meterão no fundo seys paraos cõ a artelharia, & os outros fugirão & se forã a Calicut: cujo rey ficou muyto triste pela destruição de Mangalor. E vẽdose desesperado de ter

outra colheita como aq̃lla, quisera despois fazer paz cõ ho gouernador, q̃ não quis por conhecer quã mentiroso era, & quã incõstante. E Diogo da silueira despois q̃ lhe fugio Patemarcar, andou pela costa ate quasi a fim Dabril sem mais achar cõ quem pelejasse: & por entrar ho inuerno se foy a Cochim, onde inuernou.

CAPITVLO XIIII.

De como Eytor da silueira foy por capitão mór ao cabo de Goardafum, & das presas que fez.

Atras fica dito como Eytor da silueira partio de Goa a vinte hũ de Ianeiro, do anno de trinta pera ho cabo de Goardafũ cõ a armada q̃ disse, em q̃ forão seys cẽtos Portugueses. E chegado á paragem onde auia desperar as naos, repartio os nauios atrauessando ho mais que podião alcançar, porq̃ não podessem passar nenhũas naos sem serẽ vistas. E andando as esperando, foy ter coele hũa nao muito grãde de mouros malabares, cõ quem pelejou. E eles se defenderão muyto bẽ por hũ bõ pedaço, & despois forão entrados & mortos todos, se não hũs poucos de q̃ Eytor da silueira soube q̃ aq̃la nao era do Chatim de Mangalor, & hia carregada de pimẽta & droga. E foy muyto grande dita tomarse esta nao, porq̃ cõ a goarda q̃ Diogo da silueira fez na costa do Malabar não hia a Meca outra pimenta se não aquela, & assi não foy lá aquele anno nenhũa. Tomada esta nao que foy muyto rica, topou Martim de castro outra q̃ hia de Diu carregada de roupa de Cambaya, & hião nella bem duzentos homẽs de peleja, em q̃ entrauão muitos Turcos: & os nossos serião ate corenta. E pelejarão coeles hũ bõ espaço primeiro q̃ os aferrassem ate q̃ os abalrroarão: & em afferrãdo, Martim de crasto que era muy arriscado caualeyro, foy o primeyro que saltou dentro, & coele algũs dos seus: cõ quanto as pedradas & frechadas q̃ os ĩmigos tirauão erão sem conto. E des-

pois de serẽ dẽtro, foy a peleja muyto mais rija que dãtes, porq̃ os mouros erão homẽs de feyto, & pelejauã com muyto esforço: & defendẽdose morrerã quasi todos, deixando muyto ferido a Martim de crasto, & dez ou doze dos nossos, q̃ todos jũtos sosteuerão ho mayor impeto da peleja. E tomada a nao, achouse q̃ hia rica arrezoadamente. E a fora estas duas naos se tomárão algũas outras pelos outros capitães, mas sem peleja: & estas duas forão as de mór preço. E dos catiuos q̃ forão tomados soube eytor da silueira, que a mayor parte das naos de Diu & do reyno de Cambaya erão passadas: porq̃ como esperauão q̃ ho gouernador fosse aq̃lle ãno a Diu partirão cedo polas não tomarẽ. E sabido isto por Eitor da silueira, vẽdo q̃ era tẽpo perdido andar ali mais, partiose pera ho lugar de Mete: õde tinha mãdado aos outros capitães q̃ se ajũtassem no fim das presas, & hi se ajũtarão todos.

CAPITVLO XV.

De como os Rumes leuantarão ho cerco a Adem com medo da nossa armada.

Morto ho capitão mór do Turco q̃ matou Soleimão raez, como disse no liuro sexto. Mustafa, & Cojeçofar seu tesoureyro, não ousando de tornar a Iudá, nẽ a çuez, pola treição que fizerão ao Turco, determinarão de tomar Adẽ & fazerse Mustafa senhor dela pera fazer hi seu assento. E ajũtãdo dez nauios de remo, antre grãdes & pequenos da armada q̃ leuaua Soleimão raez, & corẽta zãbucos: & Geluas foy sobre Adẽ, onde chegou de supito com seys cẽtos Rumes, & muyta outra gẽte da terra, q̃ por ganhar soldo ho ajudaua. E cercou Adẽ por mar, & da banda da terra mandou fazer hũa estãcia, em que forão assestados quatro Basiliscos, com q̃ lhe derribarão todo o muro daq̃lla parte por muytas vezes: & os mouros ho tornarão a refazer. E erão tão es-

forçados, & defendiãse tambẽ, q̃ nuca Mustafa os pode tomar em cinco meses q̃ durou ho cerco: em que lhe morreo muyta gẽte dessa pobre, de fome, & de sede. E sabendo Mustafa como a nossa armada andaua no estreito ouue medo q̃ fosse a Adẽ como custumauão, & q̃ ho tomasse segũdo a sua gẽte estaua desmayada do trabalho da guerra. E por isso leuãtou ho cerco, & se foy pera Camarão & Adem ficou liure.

CAPITVLO XVI.

De como Eytor da silueira fez que el Rey Dadem se fizesse tributario del Rey de Portugal.

Sendo junta toda a nossa armada em Mete, mandou Eytor da silueira as naos & zãbucos das presas a Mazcate pera se vẽderẽ. E ele partiose pera Adẽ, porq̃ leuaua por regimẽto do gouernador, que acabãdo as presas desse hũa vista a Adem. E achãdo no porto quaesquer nauios de muyto preço os tomasse, & doutra maneyra não curasse deles. E mandasse recado a el Rey, q̃ por amor dele ho fazia: & se quisesse ser vassalo del Rey de Portugal, & pagarlhe algũas pareas q̃ ho ajudaria em quãto podesse: & por a guerra q̃ sabia q̃ tinha com os rumes mandaua aq̃la armada em sua ajuda. E chegado Eytor da silueyra ao porto Dadẽ, q̃ foy aos quatro Dabril, despois de surto, foy logo visitado por dous mouros principais, da parte del rey cõ muyto refresco, de vacas, galinhas & carneiros, & cõ palauras de muyta amizade: & isto cõ medo da nossa armada. Porq̃ segũdo ele sabia que os nossos erão de concrusam, & tinha a sua gente trabalhada da guerra dos rumes, deuse por tomado, & porisso dissimulou com estas mostras damizade. E na enuolta delas mãdou perguntar a Eytor da silueira a determinação de sua vinda. E ele lhe respondeo pola instrução do gouernador: & pos de sua casa que achãdo nouas em çacotora que os rumes

erão idos & não tinha necessidade dajuda, espalhara a armada às presas. E coisto lhe cometeo a vassalagẽ & paga das pareas, offrecẽdolhe sua ajuda côtra os rumes, se tornassem, & mandoulhe algũa cousa com que lhe pareceo que folgasse, pera o prouocar a fazer seu requerimento. A que el rey respondeo, que cuydaua que ho gouernador lhe agardecese soster ele a guerra contra os rumes, gente maluada, & tamanha imiga dos nossos: q̃ todo seu desejo era entrar em Adẽ pera passar á India: & porisso folgasse com sua amizade sem mais pareas nẽ cousa algũa. E entendendo Eytor da silueyra q̃ el rey se escusaua, mãdoulhe dizer que ho milhor lugar em q̃ os o gouernador podia acolher era Adẽ, porq̃ os teria ali mays certos: & se ate li não erão desbaratados, fora por andarẽ sempre por lugares estreytos & não sabidos, por isso visse o q̃ lhe cõpria. E passados sobristo mais outros recados vio el rey q̃ lhe cũpria fazerlhe a võtade & fezse vassalo del rey de Portugal, com lhe pagar de pareas cadãno dali por diante dez mil xerafins da valia Dormuz: & disto se fez hũ contrato, cõ condição q̃ o gouernador ho ajudasse contra seus imigos, & as naos Dadẽ podessem nauegar seguras pera onde quisessem, tirãdo Meca. E este cõtrato foy assinado por el rey & por Eytor da silueira. E el rey deu logo a Eytor da silueira mil & quinhẽtos xerafins mortos, de q̃ mãdaria fazer em Ormuz hũa coroa pera el rey de Portugal, que lhe leuaria da sua parte em sinal de vassalagẽ. E detendose aqui Eytor da silueira a fazer este contrato lhe escreueo el rey de Xael q̃ queria ser vassalo del rey de Portugal, & entregarlhe a artelharia que tinha em Xael & em Dofar, pedindolhe muyto que fosse por hi pera se fazer disso assento. E eytor da silueira respondeo que aceitaua sua vassalagẽ, porẽ que não podia ir la por lhe ho tẽpo não dar lugar, que mandaria lá hũ homẽ de confiança com quẽ assentase o q̃ dizia. E querendose Eytor da silueira partir deixou em Adẽ a requerimento del rey hũ bargantim com trin-

ta Portugueses, & por capitão hũ Antonio botelho criado del rey de Portugal, de q̃ cõfiaua: & deulhe por regimẽto q̃ passado ho inuerno se fosse à India: & de caminho passase por Xael, & visitasse el rey da sua parte, & lhe dissesse que coele podia assentar o q̃ lhe escreuera a Adẽ, pera o q̃ lhe deu instruçã. E feyto isto se partio pera Ormuz, & passando por Mazcate achou vẽdidas as presas, de q̃ vierã a el rey pagas as partes trinta & dous mil pardaos. E hi soube que Frãcisco de freytas capitão de hũ bargantim que deixara em Metẽ cõ hũa nao de presa pera a leuar a Mazcate, despoys de ele ser partido, chegou hũa fusta de rumes, que erã trinta, & dez Arabios todos espingardeyros: & quando Francisco de freytas a vio, cuydando q̃ fosse algũ bargantim nosso sayo a ela, & conhecẽdoa aferrouha, posto q̃ nã tinha mays de dez Portugueses: & aferrados pelejarão por tãto espaço sem se poderẽ vencer, que de cansados lhes foy necessario descançar pera tomarẽ folego: & tornãdo a pelejar quis nosso senhor q̃ posto que os nossos erão tam poucos, que pelejarão tam esforçadamente q̃ os rumes & Arabios forã todos mortos: saluo hũ arrenegado Portugues, que andaua coeles, q̃ saltando nagoa bradou q̃ era Christão, & isto lhe valeo: & este se chamaua Antonio bocarro, & estando cõ seu pay em Ormuz que era alcayde mor, de sua propria malicia sem auer outra causa, fugio pera a terra firme, & se foy tornar mouro: polo q̃ os mouros ho não teuerã em conta, & ho desprezauão. E viose despoys em tãta necessidade de pobreza, que lhe foy necessario fazerse alfayate, & cõ isso ganhaua de comer, ate q̃ se ajuntou cõ os rumes: que na peleja ajudou muy bẽ cõ hũa espingarda, porq̃ despoys de tomado disserã algũs que ho virão tirar. E nesta peleja morrerão dous Portugueses, & os outros forão feridos. E de Mascate se foy Eytor da sylueira inuernar a Ormuz: dõde na fim de Agosto se partio pera a ponta de Diu, & sem fazer nada esteue hi todo Setembro, & despoys se foy pera Goa em Outubro.

CAPITVLO XVII.

De como Gonçalo Pereyra chegou a Malaca.

Partidos Gonçalo pereyra, & Antonio da silua de Cochim, seguirão sua rota pera Malaca, & com tẽpo apartouse Antonio da silua de Gõçalo pereira, que com Lionel de lima foy em conserua ate as ilhas q̃ chamão de Nicobar, & Lionel de lima q̃ hia diãte como a sua galeota era pequena, podeas dobrar, posto que achou ho vento ponteyro: o que Gonçalo pereyra não pode fazer por ser ho seu galeão grande: polo q̃ lhe foy forçado surgir na primeira ilha que era despouoada, & surgio hũ pedaço afastado de terra. E por ho tẽpo ser roim pera sua viagẽ se deteue ali algũs dias, em q̃ por recear que lhe faltassem os mantimẽtos começou dapertar a regra: do q̃ se a gente começou dagastar, & desconfiados algũs de se poderẽ ir dali tão cedo, concertarão muyto secretamẽte que se fossem no paraó do galeão á costa de Pegu que era dali perto, onde farião em presas mays proueyto do que fazião auenturados a morrerẽ de fome & de sede, & q̃ tinhã bõ aparelho pera furtar ho paraó, por neste tempo se fazer coele agoada, & por isso trazia hũ par de berços & pelouros. E tẽdo isto assentado, negocearão estes como fossem fazer agoada: pera o q̃ leuarã suas armas, & estando ho piloto em terra enchendo as pipas cõ algũs marinheiros os conjurados se forão cõ ho paraó: & não ho achando ho piloto logo sospeitou o que era: & ficando muyto triste por ho galeão estar dali bõ pedaço & não ter em q̃ fosse por ser a ilha despouoada. & muyto triste se foy com os outros por ella a diante pedindo misericordia a nosso senhor, que auendoa delles lhes aparou hũa almadia, que parece que ali foy ter á costa, cõ que elles ficarã muyto ledos, ainda q̃ era tão pequena que não cabia nella mais q̃ hũ homẽ pera ir ao galeão, & este acordarão q̃

fosse ho piloto, assi por ser lá muyto necessario, como por lhes prometer de acrecētar a almadia com algũas tauoas & mãdar por eles: & metendose so na almadia foy remando cõ hũ pao, & assi chegou ao galeão: & dito a Gonçalo pereyra como ho paraó era furtado, fez logo acrecentar a almadia, & mandou polos marinheiros q̃ ficauão em terra. E indo perto da ilha deulhes por cima dela hũa toruoada que ouuera de çoçobrar a almadia, & mais esgarrou coela por esse mar & perderase, se lhe nosso senhor não acodira, que passada a toruoada ho piloto q̃ tinha olho na almadia a vio ir esgarrada o que sabido por Gonçalo pereyra porque ficaua perdido sem ela mandou cõ grande pressa leuar ancora, & dar á vela & forão sobre a almadia q̃ tomarão: & cobrados os marinheyros q̃ ficarão na ilha, alargou ho vẽto algũa cousa, com que acordarão de prosseguir sua viagẽ, ainq̃ fosse cõ trabalho, porq̃ menos o sintirião que morrerẽ ali à fome: & por esta causa se partirão, & se forã de ilha ẽ ilha, surgindo muytas vezes, por ho vẽto ser contrayro. E quasi q̃ não se mantinhão se não cõ ho peixe que pescauão. E parece q̃ enfadado ho piloto & algũs homeẽs darmas, & marinheiros desta mà vida, determinarão de se tornar a Bengala, matando primeyro a Gõçalo pereyra pera ho poderẽ milhor fazer, & q̃ em Bengala se fariã ricos de presas. E cõcertandose esta conjuraçã, foy descuberta a Gonçalo pereyra: que prẽdeo logo ho piloto, & todos os outros cõjurados. E chegado a Malaca, foy tirada deuassa sobre aquela conjuração, em q̃ não se achou mais proua contra os cõjurados, que pera serem açoutados com baraço & pregão & degradados. E porq̃ Gonçalo pereyra leuaua por regimẽto do gouernador que fosse de Malaca pera Maluco pela via de Borneo, deteuese em Malaca ate quasi a fim Dagosto.

CAPITVLO XVIII.

De como morreo el rey de Ternate, & se matou Cachil vayaco.

Atras fica dito como Fernão dela torre despois de ido pera Camafo, onde auia destar pola capitulaçam das pazes que fez com dõ Iorge de meneses, se foy pera Geilolo por lho requererẽ os castelhanos que hi estauã. E depois de lá estar tornou ho gouernador de Geilolo a fazer guerra a el rey de Ternate: polo q̃ foy necessario fazerlha tãbẽ dom Iorge, mas nẽ hũs nẽ outros a fazião tam apertada como dãtes. E começãdose assi esta guerra, faleceo el rey de Ternate: & sospeitouse muyto q̃ foy de peçonha, & q̃ lha mandara dar Cachil daroes, por saber que elrey lhe q̃ria mal por elle ser causa de ser metido naquela fortaleza, & auer tanto tẽpo q̃ ali estaua como preso. E assi tãbẽ por amor das tiranias q̃ fazia em sua gouernança, com q̃ tinha posto ho reyno em grande opressam. Porẽ a verdade da morte del rey não se soube: & foy muyto sintida, assi dos portugueses como dos mouros por lhe todos quererẽ bem por sua boa condição. E por sua morte foy leuantado por rey outro seu irmão mais moço q̃ auia nome Cachil ayalo. E vẽdo a raynha sua mãy que lhe não ficaua outro, temendo q̃ lhe morresse este, pedio muito a dõ Iorge que lho desse pera estar na cidade, & fezlhe sobrisso muytos requerimentos. Mas dom Iorge nunca quis, temendo q̃ lhe fizessem treição se el rey esteuesse fora de seu poder. E assi lho cõselhaua Cachil daroes por amor do que ganhaua em el rey estar na fortaleza, q̃ tinha ausolutamente todo o mando do reyno, & estãdo fora não auia de ser assi por lhe a raynha q̃rer grãde mal. E porq̃ ela sabia q̃ por ele poderia seu filho sair fora da fortaleza, dissimulaua ho mal q̃ lhe queria, & trabalhaua muyto por lhe fazer a vontade. Em tanto que teue coele

ajuntamento, sendo sua madrasta & com tudo nunca pode alcançar o q̃ desejaua, por Cachil daroes estoruar quanto podia que não tirassem el Rey da fortaleza: pelo mando que perdia: tirãdose que receaua tanto de perder, que tinha mortal odio a toda pessoa que sospeitaua que podia ser causa de lho tirarẽ. Pelo que queria grande mal a Cachil vayaco que a tras nomeey, porq̃ dõ Iorge era grande seu amigo, & ho fauorecia muyto: o q̃ temia ser causa de ho fazer gouernador, & tirar a ele daquele cargo: porq̃ sempre entẽdeo em dõ Iorge despoys que forão as deferenças q̃ teue com dõ Garcia anriquez q̃ não era seu amigo: & que a cõmunicação que tinha coele era mays por necessidade q̃ por vontade. E por isto que digo se temia de Cachil vayaco, & encubertamẽte ho tinha por imigo: & Cachil vayaco a ele da mesma maneira por amor das suas tiranias. E viuẽdo desta maneyra acertouse q̃ hũa armada del rey de Geilolo foy dar vista á fortaleza: & dõ Iorge mandou contrela a Cachilvaiaco com algũs Portugueses: & ele se embarcou em hũa coracora em q̃ Cachil daroes costumaua dandar, do que ele não soube nada. E cachilvaiaco depois de fazer recolher os geilolos & lhes tomar hũa coracora, tornouse coela muyto ledo pera a fortaleza: o que tambẽ dom Iorge festejou por ser seu amigo, do q̃ Cachil daroes ouue grãde enueja. E ouue tamanha menencoria de cachil vaiaco ir na sua coracora que descobrio ho odio q̃ lhe tinha & dali por diante lhe daua todos os desgostos que podia, & ho auexaua em tudo: & trataua de lhe dar peçonha. E tão apertado se vio Cachil vaiaco dele, que desesperado de saluar sua vida antre os mouros se acolheo á fortaleza, contãdo a dom Iorge a causa porq̃ ho fazia. E sabẽdo Cachil daroes como estaua na fortaleza ficou muy agastado por lhe parecer q̃ tomaua por valedor a dõ Iorge. E isto inflamou ainda mais a Cachil daroes cõtrele, & determinãdo de ho auer pedio ho a dom Iorge por sua pessoa: dizendo, que aquele homẽ tinha offendido muy grauemente a el

Rey de Ternate, & ho tinha muyto deseruido. E pera proueito do reyno era necessario ser castigado, pelo q̃ lho deuia de dar: porq̃ el Rey de Portugal não auia daver por seu seruiço emparar ele, nem fauorecer os que deseruião a el Rey de Ternate, antes folgaria de lhos ajudar a castigar. O que ouuido por dô Iorge, como era amigo de Cachil vayaco, & desejaua de ho saluar, pos em conselho se ho entregaria a Cachil daroes. E quando ele vio que dõ Iorge punha aquilo em cõselho, temeose que ho aconselhassem, que ho entregasse. E porque sabia certo, que se Cachil daroes ho acolhesse q̃ ho auia de matar, & que ho nam pedia a outro fim: quis antes matarse que morrer por seu mandado. E supitamente se deitou da torre abaixo, & logo morreo. E com sua morte se desfez ho conselho, & Cachil daroes ficou vingado, & dô Iorge muyto triste por lhe não poder valer. E ficou muyto mais descontente de Cachil daroes do que era, & Cachil daroes muyto mais dele, por q̃rer emparar seu ĩmigo, & lho nam dar logo como lho pedio sem auer conselho sobrisso. E assi se foy mais acrecentando ho odio que se tinhão hũ ao outro.

CAPITVLO XIX.

Da injuria que foy feyta a Cachil vaydua. E do mais que sucedeo.

Deste odio que Cachil daroes tinha a dõ Iorge, lhe naceo ter outro a todos os Portugueses, & desejar de os deitar da terra, & auorreciãolhe tanto, que os mouros ho entendião. E a fora quererem mal aos Portugueses de seu natural, queriãolho tambem por saberem q̃ lho queria Cachil daroes. E no q̃ podião lhe fazião mal, mas isto muy dissimuladamẽte, porq̃ não vião a sua: & auião grande medo a dô Iorge, porq̃ ho conhecião por caualeyro. E por se vingarem dele lhe matarão hũa porca da China, que ele estimaua muyto. E posto que foy

feyto secretamente, dõ Iorge fez sobrisso tanta diligencia, que achou culpado na morte da porca a Cachil vaydua tio del rey, & caciz mór que antreles he como antre nos ho Papa: & nem por ser de tão alto estado & dignidade, dõ Iorge deixou de ho mãdar prender na fortaleza. Do q̃ se recreceo grãde aluoroço na cidade, & se não fora ho medo que tinhão a dõ Iorge leuãtaràse. E logo cachil daroes se foy cõ os principaes da cidade â porta da fortaleza õdestaua dõ Iorge, & pediolhe cõ todos eles, q̃ mandasse logo soltar Cachil vaydua: estranhãdolhe prẽder hũa pessoa de tal qualidade por tão baixa cousa como hũa porca. E dõ Iorge não curando de muytas palauras disse, que ho não auia de soltar, se não pagãdolhe a sua porca anoueada. E Cachil daroes, que conhecia dõ Iorge por determinado, não curou de mais pratica, & foy cõ os outros pera mandar penhores que se posessem em caução ate a porca ser aualiada. E quando tornou ja não achou dõ Iorge que andaua na ribeira, onde lhe foy falar Cachil daroes. E dõ Iorge foy cõtẽte de dar Cachil vaydua sobre os penhores, & mandou a hũ Pero fernãdes que os tomasse & ho fosse soltar, & ele ho fez assi. E como homẽ de pouco saber cuydando que fazia graça, lhe vntou a boca & ho rosto com hũa posta de toucinho: que foy a mayor injuria & offensa que se podia fazer a hũ mouro, por lhe ser tão defeso em seu alcorão comerem porco, quãto mais a Cachil vaidua de tal qualidade & dignidade antre os mouros. E assi sentio ele tanto aq̃la injuria, que lhe saltarão as lagrimas fora dos olhos. E correndolhe polo rosto, que ainda leuaua vntado do toucinho, se foy pera Cachil daroes, que cõ muytos mandarins ho esperaua â porta da fortaleza, a quem contou sua injuria: cõ que todos chorarão assi da magoa dele como por não se poderẽ vingar. E cuydando que aquilo fora feyto por mandado de dom Iorge, se indinarão ainda muyto mais, porem calarãose. E algũs Portugueses que ali estauão, em vez de os consolarẽ riãose muyto,

louuando a graça de Pero fernandez. E Cachil vaidua de se auer por muyto injuriado, não quis mais morar em Ternate, & foyse por aquelas ilhas: notificando aos mouros a grandissima injuria que lhe fora feyta, do q̃ Mafamede estaua muy offendido, pedindolhe da sua parte que a vingassem. Pera o que todos se começarão daperceber, & depois ho fizerão: & Cachil vaidua se recolheo na ilha de Bachão, & não tornou a Ternate se não no tempo Dantonio galuão como direy a diante. E se a dõ Iorge lhe pesou quando soube a offensa que fora feyta a Cachil vaidua, ou o q̃ fez nisso não ho pude saber: porẽ Cachil daroes não fez nada, & esteue como estaua sem bolir consigo, se não que dali a algũs dias mãdou que nam leuassem os mouros a vẽder nenhũs mantimẽtos â cidade. E isto por lhos os Portugueses tomarem por força sem lhos quererẽ pagar, porq̃ não tinhão com que, que não auia dinheiro na fortaleza cõ que lhe pagassem soldo nem mantimento, do que dõ Iorge andaua muito agastado, & não podia dar remedio aos muytos queixumes q̃ lhe os mouros fazião dos Portugueses que lhes tomauão ho seu. A quem se reprẽdia disso, respõdião que lhes desse de comer, & que ho não tomarião aos mouros: q̃ vendo ho pouco remedio de seus agrauos que achauão em dom Iorge se queixauão a Cachil daroes, que por euitar brigas lhes mandou q̃ não vendessẽ nenhũs mantimẽtos, nẽ os teuessem em casa por lhos os Portugueses não tomarem. Cõ que eles ficarão em estrema necessidade, & se vião cercados da morte: a que dõ Iorge querendo acodir, mandou Gomez aires alcaide mòr da fortaleza cõ algũs Portugueses, que fosse pola ilha buscar mantimentos. E algũs destes que hião diante, chegarão a hũ lugar chamado Tabona, & como homẽs mórtos de fome, & tambem soberbos: parecendolhes que erão senhores da terra, se meterão logo polas casas, tomando por força os mantimẽtos q̃ achauão: Do que escandalizados os moradores, começarão de lhes resistir com suas armas. E como erão

muytos, & os Portugueses poucos tratauãnos mal, & nisto chegou Gomez aires cõ os que ficauão coele, que erão poucos mais q̃ os q̃ andauão no lugar. E cuydando ho regedor dele que hião em socorro dos com que os mouros pelejauão, acodio tambem pera lhes socorrer: & tomando os Portugueses antre si, derãlhes muytas pancadas & feridas, & a algũs tomarão as armas que leuauão, & assi os fizerão tornar pera a fortaleza.

CAPITVLO XX.

De como ho gouernador de Tabona foy deitado aos cães, & Cachil daroes foy degolado.

Vendo dõ Iorge os Portugueses tão mal tratados, ficou muyto indinado contra os mouros de Tabona. E mandou a Gomez aires, que fosse logo contar aquilo a Cachil daroes, & q̃ lhe dissesse da sua parte que mandasse ir á fortaleza o regedor de Tabona, & os principaes que ho ajudarão a fazer tamanha offensa aos Portugueses: porque doutra maneyra não ho teria por amigo del Rey de Portugal, nẽ ho seria seu. E como dõ Iorge tinha el rey na fortaleza, fez logo Cachil daroes o q̃ lhe mãdou dizer: & forão com ho regedor de Tabona dous homẽs principaes do lugar, a que dom Iorge mandou cortar as mãos, & cortadas os mandou leuar a Tabona pera darem nouas aos outros, & ao regedor mãdou ho deitar com as mãos atadas a dous cães grandes que tinha de filhar. E isto era na praya, q̃ estaua cuberta de gente, que sahia a ver tão noua & crua justiça. E foy cousa piadosa de ver como os cães remeterão ao regedor, & começarão de lhesfarrapar a carne, mordendo ho muy cruelmente, & dos gritos que ele daua cõ a dor das dentadas. E nisto deu consigo no mar, parecendolhe que ali se saluaria: & metendose ho mais que podia, os cães ho seguirão dandarem encarniçados. E vẽdose ele em tamanho perigo, andando ja a nado

com os pés que cõ as mãos não podia, fez volta aos cães que ho seguião & começou cõ muyto esforço & acordo de se defender cõ os dẽtes: do que todos ficarão muy espantados, porque se os cães ho mordião ele tambem a eles. E andando muyto ferido, afferrou hũ dos cães por hũa orelha, & afferrado se meteo coele debaixo dagoa, onde foy afogado. E assi acabou sua vida deixãdo muyto grande espanto de seu esforço em quantos ho virão, & tamanha fama antre os mouros, que ainda agora falão nele, & não ouue ali quẽ não chorasse cõ piedade de verem morrer tão cruel morte a hũ homẽ tão esforçado, que posto que tinha culpa, fora pera lha perdoar auẽdo respeito á causa dela, & mais despois que mostrou seu esforço. E pola perda deste homem ficaram os mouros muyto magoados, principalmente Cachil daroes, que dali por diãte teue mortal odio a dõ Iorge, & aos Portugueses: & desejaua de os matar a todos, ou deitalos fora da terra, & praticou isto com os do conselho del rey de Ternate. E a principal causa pera que o queria fazer era pera ser rey, & dahi a algũs dias foy dito a dom Iorge, que ele tinha assentada paz cõ Cachil catabruno gouernador de Geilolo, & tinhão ambos concertado de matarem os Portugueses & os Castelhanos, & tomarlhes quanto tinhão, & depois matarem os reys, que eram ainda moços, & fazerẽse reys, & liarẽse por casamẽto. E Cachil daroes auia primeyro de matar os Portugueses, & despois Cachil catabruno os Castelhanos. E culpauão tambem nesta treyção ho çamarao, que era ho almirante do mar, & ho Boyo q̃ era justiça mór do reyno. Sabido isto por dom Iorge, porque ho caso era de tanto peso não quis fazer nada nele, ate não ter a mayor certeza que pode. E despois que a teue, mandou hũ dia chamar a Cachil daroes, & ho Boyo, & ho çamarao: & apartando os, lhes fez pregũtas do que lhe era dito: & eles ho confessarão com temor que os nam metessem a tormento. E por Cachil daroes ser ho principal da treyção, foy preso na fortale-

za: sobre o q̃ foy grande aluoroço nos mãdarins, & mais quando souberão a causa de sua prisam. E dom Iorge teue logo conselho com ho feytor, & alcayde mór, & outros officiaes, & pessoas principaes da fortaleza sobre o que faria de Cachil daroes. E foy acordado q̃ fosse degolado pubricamente, porque estando preso poderse-hia leuãtar a terra cõtra a fortaleza com esperança de ho liurarem: & sabẽdo que era morto assessegarião pois ho não podião cobrar. E isto assentado, foy Cachil daroes degolado da maneyra que em Portugal sam degolados os grandes senhores: o que pos grande espanto nos mouros, especialmente nos mandarins, que naquela terra não morrem por justiça: & quando cometem crime per q̃ mereção morte degradãnos. E vendo eles matar assi a Cachil daroes, não se ouuerão por seguros, & dizião q̃ fora morto sem causa sòmente por mexericos: & temendo esses principaes que lhes fizessem outro tanto, determinarão de se ir da cidade morar a outra parte, por não estarem na conuersação dos Portugueses, & cõselharão á raynha q̃ fizesse ho mesmo. E assi ho fez, & foyse coeles a hũ lugar forte chamado Turutó: porem a gente comuũ não bolio consigo, & deixouse estar. E a raynha despois q̃ foy em Turutó, mandou pedir a dom Jorge, que lhe desse el rey seu filho porq̃ não morresse. E elle nunca quis, pelo q̃ a raynha mandou, q̃ não leuassem a vender mãtimentos á cidade: & assi durou este aluoroço ate que Gonçalo pereyra chegou a Ternate.

CAPITVLO XXI.

De como Gonçalo pereyra chegou á ilha de Ternate.

Gonçalo pereyra que ficou em Malaca, esteue hi ate vinte Dagosto q̃ se partio pera Maluco com Lionel de lima, & foy de Malaca ate ho estreito de Cincapura ao longo da costa, & dali fez seu caminho pera a ilha de Borneo, que assi ho leuaua por regimento de Nuno da

cunha pera tomar hi caixas, que sam hũ genero de moeda que serue em Maluco, & assi algũa mercadoria necessaria pera lá. E fazendo seu caminho por ãtre muytas ilhas por õde ele he, foy ter á ilha de Borneo q̃ he hũa ilha, de q̃ os Portugueses a este tempo tinhão descubertas oytenta legoas. He terra muyto abastada de carnes, arroz, & doutros muytos & diuersos mantimẽtos: & assi de cousas ricas, & de muyto preço, como a canfora que nace por toda esta ilha em aruores, assi como nace a rezina nestas partes. E esta daqui he a propria canfora, & que val na India a peso douro: porque a outra da Persia he contrafeyta. Ha tambem diamães que nacem nas prayas do mar, junto da cidade de Tanjapura, que sam muyto mais finos q̃ os da India, & sam de mayor valia. Nesta costa que he descuberta ha cinco grandes pouoações, todas portos de mar. s. Moduro, Cerauá, Laue, Tanjapura, & Borneo: de que a ilha toma ho nome. Cidade grãde, cercada de muro de ladrilho de nobres edificios & a principal de todas, & em q̃ os reys daq̃la ilha residem, & tẽ ali muy sumptuosos paços. Destes portos, os principaes sam Laue, & Tanjapura, & onde se faz mayor carregação: & em todos morão muytos & muy ricos mercadores que tratão na China, na Laquea, em Sião, Malaca, çamatra, & ẽ outras ilhas derredor, a que leuão canfora, diamães, aguila, & mantimentos, em que entra hũ vinho q̃ chamão tampoi, ho melhor que ha antre os vinhos contrafeytos, & em retorno leuão roupa de cambaya de toda sorte, cobre, azougue, vermelhão, & cacho & pucho. Os moradores desta ilha sam mouros: geralmẽte sam baços, & bem despostos, tratãse bem, & vestẽse ao vso malayo, & falão a lingoa malaya. Ho rey desta ilha he mouro, & muyto rico & poderoso de gẽte, & seruese com grande estado: tem hũ regedor que pola mayor parte gouerna ho reyno, a que chamão em sua lingoa xabandar. Chegado Gonçalo pereyra ao porto desta cidade, mandou hũ presente a el rey per

Luis dandrade, & ao xabandar outro: & mandou dizer a el rey, que el rey de Portugal, & ho seu gouernador da India ho mãdauão ali pera ho seruir no que mandasse, porque desejauão muyto sua amizade: & q̃ seus vassalos fossem tratar a Malaca como hião dantes, onde serião bem tratados, & tãbem os Portugueses fossem a seus portos & teuessem neles trato. E dado per Luis dandrade este recado a el rey, & ao xabandar com os presentes, com q̃ mostrarão folgarem muyto, responderão. Que recebião grande contentamento em el rey de Portugal & seu gouernador quererem sua amizade, q̃ goardarião coeles muy inteiramẽte, & erão muyto contentes de fazerem o que lhes pedião. E que se auião por ditosos de Gõçalo pereyra ir ao seu porto, & de ho terem por vezinho em Maluco, onde se prestarião coele. E mandou el rey ao xabandar, que aquele dia agasalhase em sua casa a Luis dandrade: & assi ho fez, fazendolhe grande festa. E ao outro dia ho despachou el rey, & mandou coele dous mandarĩs a visitar Gõçalo pereyra, & mãdoulhe hũ presente. E em vinte dias que ali esteue, lhe leuarão a vẽder todos os mantimentos & cousas de que tinha necessidade. E ficando em grãde amizade com el rey, se partio pera Ternate: & leuando muyto boa viagem, foy surgir no seu porto a hũ sabado na entrada Doutubro, do anno de mil & quinhẽtos & trinta & hũ. E logo algũs se forão á fortaleza, de quem dõ Iorge soube como Gonçalo pereyra hia prouido da capitania por el rey, & como hia coele Lionel de lima que era seu imigo. E teue pera si, que por essa causa ho auia de mexericar com ho gouernador da India: & sospeitou q̃ auia de ser preso. E ao domingo quando sayo a receber Gonçalo pereyra mãdou leuar a hũ seu criado hũs grilhões debaixo da capa. E depois de recebido Gonçalo pereyra cõ grãde festa, que desembarcou ao domingo pola manhaã. Chegados á porta da fortaleza, mostrando Gonçalo pereyra a prouisam que leuaua da capitania, lha entregou dom Iorge, dandolhe

as chaues da fortaleza, & assi lhe entregou el rey Cachil dayalo. E despois tomando os grilhões q̃ ho seu criado leuaua, disse a Gonçalo pereyra: que se tinha necessidade deles pera lhos deitar, que ali estauão, & ele muyto obediente pera os receber. E esta justificação fez dom Iorge pola sospeita que disse que tinha de ser preso. E Gonçalo pereyra lhe disse, que não hia pera ho prender nem anojar, se nam pera ho seruir no que podesse, cõprindo cõ a obrigação de seu carrego. E coisto entraram na fortaleza, onde dõ Iorge ho banqueteou aquele dia, & ho enformou da terra: & deixando ho nela, se foy á noyte pera a sua pousada, que era fora da fortaleza.

C A P I T V L O XXII.

De como Gonçalo pereyra prometeo à raynha de Ternate de lhe entregar seu filho.

Sabendo a raynha & os mandarins q̃ estauão coela, que Gõçalo pereyra estaua de posse da capitania, & que dom Iorge nam era capitão, determinarão de se queixar dele dos muytos grãdes agrauos q̃ lhes tinha feytos, assi na prisam de Cachil vaidua, como na morte do regedor de Tabona, & de Cachil daroes: & sobre tudo de lhe não querer dar ho seu filho & terlho preso, morrẽdolhe ja outro na prisam. E auida licença de Gonçalo pereyra, mandarão hũ principal Mãdarim a este negocio, que sabia a lingoa Portuguesa, & homem muy prudente, & discreto: que despois de ser bem recebido de Gonçalo pereyra lhe disse. A pouca experiẽcia de nossa lealdade, & a má fama que os mouros tẽ de desleais aos Christãos, & ho muyto credito que os Portugueses tem de justiçosos, te fará crer que a ida da raynha & dos mandarins, & deixarem sua cidade: não foy por culpa de dom Iorge de meneses. E que fazẽdolhe ele muyto boas obras, fauorecẽdo suas pessoas, & emparãdo sua terra, eles como ĩmigos dos Christãos por lhes fazerem mal, & lhes

tirarem os mantimentos, deixarão suas antigas moradas, & forão tomar outras nouas. E porẽ, não sam os mouros tão desleais como os Christãos os fazem principalmente os destas ilhas de Maluco que se prezão de fidalgos, & de caualeiros. Poys quem se preza destas duas cousas, tambẽ se prezará de lealdade, sem que a fidalguia & caualaria não podem ser. E se nossa lealdade he verdadeyra ou não, digam no os moradores da ilha de Tidore, que vindo os castelhanos a sua terra sem os conhecerem os agasalharão, fauorecerão, & empararão ha tantos annos: & podendoos matar & tomarlhes tanta fazenda como tem, sem terem quem lhes disso tomasse conta, nunca neles entrou tamanha baixeza, & sempre os tratarão como a seus naturaes: E se os Tidores fizerão isto aos Castelhanos que não conhecião, porque ho não farião os Ternates aos Portugueses, de que tinhão tanto conhecimento por fama, & por experiencia: & a quem por estas duas cousas que el Rey Boleyfe tinha de suas virtudes offreceo fortaleza em sua terra, cõ desejo de sua amizade, & sem a isso ho obrigar outro interesse. Mas temo de passar a diante que a grauidade do caso me faz couardo pera ho contar: & com tudo esforçome cõ a confiança de tua bondade, que nos dizẽ que he tanta, que de ti mesmo faras justiça. Não foy a ida da Raynha nem dos mandarins por sua culpa, nem deixarão suas casas por maldades que fizessem: mas forão tantas as auexações, opressoẽs & males que receberão dos Portugueses que de os não poderem sofrer se desterrarão de sua natureza, & forão buscar nouos assentos. Certo que outra pessoa a que estes males que digo não doerão tanto os ouuera de contar: & não eu, que sómente em cuydar neles sinto partir meu coração em mil partes, com dor & magoa de tamanha desauentura como foy a nossa, quanto mays tendo padecido tãta parte deles. E poys aquilo a que me a ty mandarão não se pode fazer sem os contar dilos hey. Ho primeyro agrauo q̃ os desauenturados moradores desta terra rece-

berão, foy de Antonio de brito, que lhes prendeo seu Rey, & de liure lho fez catiuo. E dom Garcia ho continuou q̃ nunca lho quis soltar, nem menos dom Iorge, ate que morreo. E nam abastou morrer aq̃lle mas logo meteo em seu lugar o que lhe sucedeo, & este foy ho galardão que ouuemos de consentir que os Portugueses fizessem fortaleza em nossa terra, & cuydando q̃ metiamos amigos com nosco, nos achamos com imigos, porque sempre nos assi tratarão. E despoys q̃ os agasalhamos qual de nos pode saluar o que tinha pera comer, que tudo nos tomauã? Qual de nos pode goardar suas molheres & filhas que as não forçassem? Qual de nos pode viuer quieto, que eles nos desenquietauão? E tudo isto sofreramos, mas dõ Iorge não quis, que ele nos auexou & perseguio, de maneyra que ho não podemos sofrer. Ele nos prendeo Cachil vaidua nosso caciz mór, que não podia ser pera nos mayor injuria, nem parele mayor offensa que vntaremlhe a boca com porco, cuja carne he tão abominauel em nossa ley. Mandou deytar aos caẽs hum homem de tanto preço como era ho regedor de Tabona. Mandou degolar Cachil daroes gouernador deste reyno, & a principal pessoa dele. E temẽdo a raynha, & os Mandarins, que tambẽ os mandasse matar se forão da terra. E ela, & eles se mandão aqueixar de dõ Iorge por estas cousas q̃ fez, & te pedẽ que lhe faças justiça dele tão inteiramente como eles esperão: & que lhe des seu rey, pera q̃ os gouerne, empare & fauoreça, & pera q̃ case & aja filhos que lhe sucedão. E a raynha te pede especialmente, q̃ ajas piedade de sua viuuidade, & desemparo: & que te lẽbre que não tẽ outro filho pera sua consolação se não este, q̃ lho deixes lograr algũs dias antes de sua morte. E que fazendo isto faras o que deues, & como se espera da bõdade Portuguesa: & ela, & todos os do reyno serão obrigados pera sempre fazerẽ o que lhe mandares. Ouuida esta fala por Gõçalo pereyra disse ao embaixador, que ele responderia. E mandou ho agasalhar, &

dar todo ho necessario á custa del Rey. E fazendo cõselho, propos nele o q̃ lhe a raynha & Mandarins mandauão dizer acerca de lhes soltar seu rey: em q̃ hũs disserão, q̃ não era bẽ que se soltasse. Porq̃ se a raynha & os Mãdarins não se tinhão leuãtado pelos escãdalos & agrauos que dizião ter recebidos, fora por amor do seu rey que estaua na fortaleza. E segũdo se mostrauão agrauados, como ho teuessem por se vingarẽ dos agrauos passados, & por não receberẽ outros, se leuãtarião. Outros disserão, q̃ antes pera os desagrauar & apazigoar, se deuia de soltar el rey: porq̃ se Gõçalo pereyra cõtinuasse cõ a prisam del rey cuydarião q̃ todos os capitães lhes auião de ter presos os seus reys, & os auião sempre dagrauar. E como desesperados trabalharião por deitar os Portugueses fora da terra, q̃ erão muy poucos pera resistirẽ ao poder dos mouros, se fizessem todos corpo: o q̃ estaua certo fazerẽ, porq̃ hũs auião dajudar os outros. E vẽdo q̃ Gõçalo pereyra lhes soltaua seu rey, & fazia o q̃ seus antecessores não fizerão, lhe tomarià amor, & crerião q̃ tambẽ auia capitães q̃ lhes fizessem bẽ: & tornarião a amizade cõ os Portugueses, & ficaria a terra assentada. E deste parecer foy Gõçalo pereyra, & este se goardou. E porẽ assentouse, q̃ antes que el rey fosse solto se acabasse a fortaleza, pera mayor segurãça dos Portugueses, & dos mouros estarem em paz. E q̃ entretanto fingisse Gonçalo pereyra q̃ andaua muyto ocupado no despacho dos nauios q̃ auião dir pera a India, & q̃ despois de sua partida lhes daria el rey: porq̃ ate então se poderia çarrar de todo o muro da fortaleza, & acabar hũ baluarte, ou faleceria muy pouco, & q̃ então não faltaria algũa escusa. E isto assentado, respõdeo Gõçalo pereyra ao embaixador da raynha: q̃ era contẽte de lhe dar el rey seu filho, & seruila ẽ tudo, porq̃ assi lho mãdaua el Rey de Portugal, & ho seu gouernador. E q̃ lhe pedia muito q̃ logo se fosse pera a cidade de Ternate, & assi os mãdarins q̃ estauão coela, pera assentarẽ a terra: & q̃ teuessem

amizade cõ os Portugueses como dãtes, porq̃ todos erão seus seruidores. E tornado ho embaixador coesta reposta, ainda a raynha repricou que lhe dessem primeyro seu filho, & ẽtão se iria pera a cidade: & sobristo ouue muytos recados de parte a parte. E assentouse por derradeyro, q̃ el Rey fosse entregue despois da partida dos nauios: & que Gonçalo pereyra jurasse solẽnemente de ho fazer assi. E ele ho jurou em hũa Cruz q̃ ho vigayro da fortaleza tinha nas mãos, vestido em hũa sobrepeliz: & ele em giolhos cõ as mãos sobre a Cruz em quanto disse as palauras do juramento, estãdo presentes os principaes Mãdarins de Ternate, & os officiaes da fortaleza.

CAPITVLO XXIII.

Do que Gonçalo pereyra fez despois de chegar a Ternate.

Feyto este juramẽto, fizerão os mouros grande festa com a esperança da liberdade do seu rey. E a raynha cõ os Mandarins, se foy logo pera Ternate. E Gonçalo pereyra a mandou visitar por Luys dandrade, mandãdolhe hũ bõ presente, & assi a algũs dos Mãdarins que sabia que erão seus priuados. E assi os mãdou aos Sangajes & gouernadores da terra, noteficandolhe ho cõcerto que tinha feyto com a raynha, & como estaua em Ternate, pedindolhe q̃ ho viessem ver porque folgaria muyto de os conhecer & seruir. E eles ho fizerão assi, saluo Cachil humar sangaje da cidade de Maquiem por estar agrauado das pareas do crauo que lhe dom Iorge mandara que pagasse a el Rey de Portugal: que ele dizia q̃ não podia pagar, por lhe não ficar q̃ comer. E por não fazer aluoroço, dissimulou Gõçalo pereyra coele: & aos que forão á fortaleza fez muyta honrra, merces, & gasalhado. E pera mais cõtentar a todos, vestio el rey á Portuguesa de veludo de cores: & ordenou certos Portugueses pera sua goarda, & que ho leuassem a desenfadar, & folgar pola cidade. De maneyra q̃ pare-

cia a todos q̃ el rey estaua em sua liberdade: do que a raynha & todos andauão muyto contentes, & tinhão muyta confiança q̃ Gõçalo pereyra compriria o que tinha jurado, & mostrauãlhe em tudo grande amizade. E pera a ele arrematar mais & segurar, fez hũ gouernador do reyno com aprazimẽto dos Mãdarins & da raynha, pera que ho teuesse de sua mão, & o ajudasse, & fauorecesse como Cachil daroes fizera a Antonio de brito. E este foy hũ mãdarim da geração dos reys de Ternate, q̃ auia nome Cachilato: de q̃ todos os Portugueses tinhão muyto conhecimẽto. Tãbẽ neste tẽpo Fernão dela torre capitão mór dos castelhanos, mãdou visitar Gõçalo pereyra, & ratificar as pazes que tinha feytas com dõ Iorge de meneses, & fez paz cõ el rey de Geilolo. E por se lhe el rey de Tidore mãdar queixar, que não podia pagar as pareas do crauo que lhe posera dom Iorge de meneses, porque se as pagasse lhe não ficaua nada, pareceo bẽ a Gonçalo pereyra de lhas leuãtar ate auer recado do gouernador da India, a quem escreueria sobrisso. Do que el rey foy muyto contente, & ficou grande seu amigo. E tendo Gonçalo pereyra assentada a terra em tanta paz, & assessego, & vendo que não auia cousa que estoruasse ho seruiço del Rey seu senhor, que ele posposta toda cobiça, desejaua de fazer muy inteyramente: começou de se poer em ordem pera ho fazer, & deu hũa carta do gouernador Nuno da cunha a dõ Iorge de meneses, que lha não quisera dar ate não assentar a terra. Em que ho gouernador dizia a dom Iorge, que ele era enformado que a principal causa dos desconcertos que ouuera antre os capitães que estauão naquela fortaleza, & os que hião de nouo pera estarem nela, fora quererẽse ir cõ os capitães que se hião, os Portugueses que la estauão, por terem feyto seu crauo. E algũs que hião com ho capitão nouo se podião empregar suas fazendas fazião ho mesmo. E sem lhes lembrar a obrigação que tinhão do seruiço de Deos & del Rey se hião, deixando de guerra ho capitão que

ficaua, & sem gête. E pera euitar isto lhe mandaua, que quando se fosse da fortaleza não leuasse mais que ate seys homẽs sem licença de Gonçalo pereyra, & por cada hũ que leuasse de mais sem ela pagaria mil pardaos. E a fora esta carta, lhe mostrou Gonçalo pereyra hũ aluará do mesmo gouernador, em que lhe mãdaua o que lhescreuia na carta: & assi outro, em que mandaua a Gonçalo pereyra, que tomasse a menagem a dom Iorge ate se ir apresentar diante dele na India, & tirasse deuassa dele de todo ho tempo que fora capitão daquela fortaleza. E Gonçalo pereyra lha tomou perante ho alcayde mór & feytor, & perante hũ escriuão, que fez de tudo hũ auto. E Gõçalo pereyra pedio muyto perdão a dõ Iorge do que fazia, dizendo que não podia al fazer, por lho mandar assi ho gouernador da India: & porem que lhe prometia de ho despachar muyto bẽ, goardando em tudo sua honrra. E que alem dos homẽs que lhe ho gouernador daua, lhe daria vinte homẽs que fossem coele: & daria licença a dom Vicente de meneses seu jrmão pera ir em sua cõpanhia, & assi lhe daria hũ jungo que fazia pera sua embarcação. E dom Iorge lho teue em merce, & lhe disse que ho não culpaua em fazer o que lhe mandaua ho gouernador, nem deixaria por isso de ser seu amigo, & seruidor & q̃ confiaua muyto nele, que faria o q̃ dizia. E pediolhe q̃ fosse escriuão de sua deuassa Grauiel da costa, que ali fora feitor: & ele lho prometeo. E dom Iorge se foy pera sua pousada preso sobre sua menagem sem nenhũ escandalo de Gõçalo pereyra: & assi ho dizia a seus amigos, que ho forão logo visitar. E gonçalo pereira começou logo de tirar deuassa dele.

CAPITVLO XXIIII.

De como Gonçalo pereyra quis fazer crauo pera el Rey de Portugal.

Com esta prisam de dom Iorge de meneses, & por ser feyta com tanto assessego, ficarão os Portugueses muy toruados, principalmente os que forão officiaes na fortaleza: & temerão muyto a Gõçalo pereira, vendo cõ quãta prudencia fazia suas cousas. E logo virão em si o q̃ receauão, q̃ Gonçalo pereira mandou recencear a cõta ao feytor, & almoxarife, & outros officiaes passados pelo feytor Luys dandrade. E isto porque os mandaua ficar na fortaleza por ter falta de gente. E não se achou a estes nenhũa cousa da fazenda del Rey em receita, & tudo era despesa: pelo que tendo eles roubado el Rey, & deuendolhe quanto tinhão, achouse que el Rey lhes deuia. Tão desordenado andaua tudo naquela fortaleza, & tão pouco se olhaua pola fazenda del Rey, nem auia a quem lembrasse os gastos que fazia naquela fortaleza, pera lhe pouparem pareles sua fazenda, se não quem mais podia apanhar mais leuaua. E desenganados estes, que não auião aquele anno de ir pera a India: determinou Gonçalo pereyra de fazer crauo pera el Rey, & mandou apregoar hũ regimẽto que leuaua do gouernador Nuno da cunha, que era ho mesmo que fizera Afonso mexia: & polo auer por bom, mandaua que se goardasse. E Gonçalo pereyra ho mandou apregoar com grande solẽnidade: & a sustancia dele era, que se comprasse pera el Rey quanto crauo ouuesse naquelas ilhas pelo preço que estaua assentado na feytoria, & se metesse nela, & que nenhũa pessoa de qualquer qualidade q̃ fosse ho podesse comprar. E este crauo que se comprasse pera el Rey ho compraria ho feytor Luis dãdrade, ou quem ele ordenasse, com conselho & parecer de Gonçalo pereyra: & cõprado se carregasse ho

mais que ser podesse, assi pera se leuar á India como a Malaca, & o que sobejasse se desse ao capitão, feytor, & officiaes da fortaleza, & a gẽte darmas sobre seus ordenados, & soldos, por tal preço que el Rey podesse ganhar, pera poder cõ ho ganho soster ho gasto que fazia naquela fortaleza. E auendo hi tanto crauo que sobejasse de tudo isto, se vendesse aos mercadores com ho mesmo ganho. E porem que tudo isto se fizesse com resgoardo de não auer escandalo na terra. Apregoado este regimento, ficarão os mouros muy descontentes por lhes tirarem de venderem ho crauo por mais do preço que estaua assentado na feytoria, porque ho vendião por mais. E os Portugueses tambem teuerão muyto descontentamento, porque perdião muyto em não comprarẽ ho crauo aos mouros: & com tudo consolarãse, parecendolhes q̃ aquilo não ouuesse effeito: porque assi se apregoaua na chegada de cada capitão, mas não se fazia nada polas emburulhadas que recrecião ao partir, antre o que ficaua & o que se partia. O que eles esperauão que seria assi antre aqueles dous, & por mais conformes q̃ elles esteuessem, que eles os rebolverião com seus mexericos de que erão muyto bõs officiaes: & por isto se desagastarão logo, & não deixarão de fazer crauo ho mays encubertamente q̃ podião. Mas tambẽ Gonçalo pereyra atalhou a isto, com mãdar apregoar sob certa pena que toda pessoa que teuesse dachem em sua casa, que assi chamã ao peso cõ que pesam ho crauo, ho leuasse ao feytor Luys dandrade pera ho quebrar & queimar, porq̃ dali a diante não auia dauer mais q̃ dous pesos, ãbos de hũa marca, hũ na feitoria, & outro ẽ casa da raynha, pera que todos os que vendessem crauo ho fossem lá pesar, pera se saber quanto crauo vinha á feytoria, & quãto rendia: & que ho feitor auia dir buscar as casas, & se achasse algũ Dachem, quem quer que ho teuesse auia de pagar a pena. E este pregão se comprio muy inteyramente, & todos os dachẽs forão leuados a Luis dandrade que os queimou

& quebrou: & mandou fazer dous nouos, hũ pera a feytoria, & outro pera a raynha. E porq̃ os Portugueses tinhão comprado muyto crauo, pelo que ja aq̃le anno se podia auer pouco pera el Rey, mandou a todos os que ho tinhão que vẽdessem ho terço dele a el Rey pelo preço da feytoria, o que eles fizerão muyto cõtra sua vontade. E sabẽdo q̃ se estaua carregando hũ jungo dũ mercador chamado Nacoda catimo pera ho leuar á ilha da Iaoa carregado de crauo, mandou ho tomar pera el Rey, por ser despois do pregão da defesa do crauo, & pagalo polo preço da feitoria: & acharão q̃ tinha setenta & tantos báres de crauo. E nesta carregação tinha parte a raynha de Ternate, & algũs Sangajes que se calarão, porq̃ Gonçalo pereyra não soubesse q̃ eles quebrauão ho regimento del Rey de Portugal, & tãbem porq̃ ho crauo era tanto q̃ os mouros rogauão coele. Neste tẽpo foy Gõçalo pereyra auisado, q̃ na ilha de Maquiem estauão varados seys jungos de mouros pera fazerẽ crauo, & na ilha de Bachão cinco sobre ancora pera o mesmo, que erão da Iaoa, Bãda, & Amboino. E dando conta disto a Bras pereyra capitão mór do mar, mãdoulhe q̃ os fosse deitar fora, porque não carregassem. E bras pereyra não quis ir, dizendo que não hia a Maluco se não pera fazer proueito: & não auia dandar darmada corrẽdo as ilhas, gastando o q̃ tinha: que se a ida fora proueitosa q̃ logo a fizera. E por mais requerimentos que lhe Gõçalo pereyra fez pera ir, nũca quis ate lhe dizer q̃ lhe alargaua a capitania mór do mar, & q̃ se iria pera a India na moução seguinte pois ho apertaua tanto. E pediolhe logo licença pera se ir, dizendo q̃ se lha não desse q̃ a tomaria. E Gonçalo pereyra dissimulou coele, porque não abrisse caminho a outros: que vendo q̃ aq̃le q̃ era seu parẽte ho deixaua em tal tempo, que farião eles q̃ não lhe erão nada: & disselhe que não se fosse, q̃ não ho queria mandar pois não era sua võtade de ir. E cõ tudo Bras pereyra ficou muyto escandalizado, & quasi seu ĩmigo. E Gõçalo pereyra não ho pode castigar

por não se amotinar, & amotinar outros que lhe farião grande mingoa, pola grãde necessidade que tinha de gẽte. E porque Bras pereyra isto sabia fazia aqueles feros. E vendo Gonçalo pereyra que ele não queria ir, cometeo a ida a Lionel de lima, que com quanto era capitão del Rey, & aquela ida era muyto de seu seruiço, a não quis aceitar, nẽ aceitou ate que lhe Gonçalo pereyra prometeo a capitania do primeyro nauio ou jungo, que mandasse á India cõ crauo, em que podesse leuar o que teuesse, & lhe pagaria ho ordenado da galeota. E por derradeyro quando foy não achou nenhũ jũgo, porque foy tãto ho vagar que primeyro os ternates mãdarão auiso aos capitães dos jungos, & eles se forão com medo de lhos meterem no fundo.

CAPITVLO XXV.

Da desauença que ouue antre dom Iorge de meneses & Gonçalo pereyra.

Como quer que ho diabo trabalha sempre por toruar ho seruiço de Deos: & onde vé mayor feruor, hi põe mayores forças pera ho impedir. Assi fez aqui, que não trazendo Gõçalo pereyra ho pensamento, se não como seruiria nosso Senhor & a el Rey: & a maneyra q̃ teria pera ter aq̃la terra em paz em quanto nela esteuesse, & fizesse ter aos homẽs boa ordem em sua vida, pera que ficasse exemplo a seus sucessores: ouue Portugueses tão pouco Christãos, & tão bestiaes, que por ele fazer isto lhe tinhã mortal odio, & assi a Luis dandrade. Porq̃ por ter ho mesmo desejo, que ele tinha de seruir el Rey ho ajudaua quanto podia por sua parte, & tomauão estes ĩmigos por causa de suas abominaueis võtades, dizerẽ que Gõçalo pereyra queria vsar o que nenhũ capitão vsara de goardar tão inteiramẽte ho regimente acerca do crauo. E o que os mais atormentaua verẽ a grãde amizade que Gõçalo pereyra tinha com os

mouros, & quanto trabalhaua pola soster cõ boas obras. E q̃ isto nã era outro fim se não por não ter necessidade dos Portugueses, & poder fazer o q̃ quisesse. E verẽ a grãde conformidade q̃ auia antrele & dõ Iorge de meneses, q̃ o que hũ queria, queria ho outro: & vendo q̃ indo aquilo assi era em seu perjuyzo, começarão de vsar de suas diabolicas manhas, & ordir odio & ĩmizade antre Gõçalo pereyra & os mouros, & antrele & dõ Iorge, dizẽdo aos mouros q̃ Gõçalo pereyra os queria ter sugeitos, & q̃ não vẽdessem ho crauo, não mandando el Rey de Portugal tal cousa, nẽ menos ho gouernador da India: & ele por se mostrar bõ seruidor q̃ria fazer mais do q̃ lhe mãdauão: que não sabia como a raynha & os mãdarĩs cõsentião aquilo. E a Gõçalo pereyra hião dizer q̃ dõ Iorge dizia á janela de sua pousada aos q̃ passauão pola rua, que ele Gõçalo pereyra auia de prẽder a raynha, & algũs seus priuados. E isto dizia por se a raynha ir da cidade, & fazer aleuãtar os mãtimẽtos: & q̃ se lhe não quisera muyto grãde mal & desejara muyto de ho dãnar que ho não dissera, mas q̃ lho queria & desejaua de ho ver em necessidade: porq̃ assi tãbẽ dizia, q̃ quãdo se partisse q̃ auia de leuar da fortaleza quanta gẽte podesse, porq̃ não teuesse cõ que a defẽder aos mouros. E q̃ em Banda auia de tomar ho nauio a Hanibal cernije, porq̃ era seu cunhado, & mãdar pedir seguro ao gouernador antes de chegar á India: & quãdo lho não desse q̃ se auia daleuãtar, & segũdo dõ Iorge era determinado q̃ ho faria assi, por isso q̃ ho deuia de prẽder em ferros. E a dõ Iorge de meneses diziãlhe q̃ não se fiasse da amizade que lhe mostraua Gonçalo pereyra, porque na deuassa não lhe goardaua nenhũa, antes se mostraua seu immigo mortal, porque prouocaua as testemunhas a que dissessem mal dele. E quãdo ho não queriãο dizer, que dizia q̃ não sabia, porq̃ aqueles vilãos dauão sua alma ao diabo por amor de dõ Iorge, & sobrisso lhe dizia outras palauras injuriosas, & fazia escreuer o que dizião ao contrayro.

E diziāo, que por ser parente de dom Garcia anrriquez lhe queria tamanho mal: que ho auia de destruir, pois lhe não podia tirar cõ hũa espingarda. E posto que pola primeyra Gonçalo pereyra, & dõ Iorge não cressẽ isto, tantas vezes lho disserão, & tantos modos buscarão estes mexeriqueiros pera lho meterẽ na cabeça, & mais ho diabo que os ajudaua que ho crerão: & começarão de criar odio hũ ao outro, & como ele foy crecendo assi, não se fiaua hũ do outro. E veo a desconfiança a crecer tanto, principalmente em dõ Iorge: que mandou pedir a Gonçalo pereyra que lhe desse hũa certidão de como lhe entregara aq̃la fortaleza de paz cõ tãtas peças dartelharia com as q̃ tomara aos castelhanos, & assi seys nauios & outras cousas, porque lhe era necessaria pera el rey saber ho seruiço q̃ lhe tinha feyto. Ao que Gonçalo pereyra respondeo, q̃ não lhe auia de dar tal certidão, porque a terra não estaua de paz cõ a fortaleza quando lha entregou, antes muy abalada pola morte de Cachil daroes, & do regedor de Tabona, & da injuria q̃ fora feyta a Cachil vaidua, & a raynha fugida de Ternate, & os seus mandarins, & ho Sangaje Cachil humar rebelado por amor das pareas que lhe posera, & el rey de Tidore queixoso por lhe fazer outro tãto. E por de todo em todo Gõçalo pereyra não querer dar esta certidão, tirou dõ Iorge hũ estormẽto dele: pelo q̃ de cada vez crecia mais ho odio antreles. E sobristo fugirão da fortaleza seys Portugueses, de que hũ era piloto: destes seys se forão dous pera os castelhanos, & os quatro caminho de Bãda em hũ paráo da terra. E tãto q̃ estes homẽs desaparecerão, foy dito a Gonçalo pereyra, q̃ dom Iorge & seu jrmão dõ Vicente os mandarão diante: & assi auia de mandar os mais que podesse. O que sabido por Gonçalo pereyra, condenou estes fugidos em perdimento das fazẽdas pera el rey q̃ logo forão vẽdidas em leylão, & ho dinheiro entregue na feitoria. E de dous destes q̃ logo forão tomados em hũa ilha se soube em juyzo q̃ era verdade que se hião por mãdado de dõ

Iorge, & de seu jrmão dom Vicẽte, & lhes derão vinte mil caixas pera o caminho, & sete patolas, & lanças, espingardas, & outras armas: & lhes disserão que cedo iria outra barcada apos eles. E com ho testemunho destes homẽs, acabou Gonçalo pereyra de dar credito ao que lhe dizião de dom Iorge: & prẽdeo logo dom Vicente sobre sua menagẽ, & dous criados de dõ Iorge em ferros por amor dos dous homẽs dos quatro q̃ fugirão. No q̃ dõ Iorge não teue paciencia, & soltou muytas palauras cõtra Gonçalo pereyra, a que logo foy discuberto: que ho jũgo que dõ Iorge tinha começado pera si, se fazia cõ a pregadura, breu & estopa del Rey de Portugal, & á sua custa pagaua tambẽ os officiaes. E pera mayor certeza disto, que fossem a casa Dafonso pirez hũ amigo de dom Iorge, & hi acharião muyto ferro, & outras cousas que dõ Iorge de meneses tomara dos almazens, quando soube q̃ Gonçalo pereyra vinha á vela pera tomar ho porto de Talãgame. E logo Gõçalo pereyra foy buscar a casa Dafonso pirez, em que achou quinze quintaes de ferro que tomou pera el Rey, por lhe Afonso pirez dizer que dom Iorge os mandara ali meter: & assi tomou ho jũgo pera el Rey. E receando q̃ dom Iorge se leuantasse, tirou hũ capitão doutro jungo que hi tinha dõ Iorge, q̃ chegara q̃ era seu, & deu a capitania a Lionel de lima ĩmigo de dom Iorge. E isto porque ho jungo auia de tornar pera a India, & Gõçalo pereyra lhe tinha prometida a capitania do primeyro nauio q̃ fosse pera a India. E sobristo tirou dõ Iorge muytos estormentos de Gõçalo pereyra, & ele deuassou de dom Iorge sobre a morte de Cachil daroes, & do regedor de Tabona, & da injuria q̃ foy feyta a Cachil vaidua, & sobre mandar enforcar hũ Portugues nas ilhas dos papuas, & assi sobre outras culpas q̃ lhe punhão. E por derradeiro quãdo foy tẽpo de partir, que foy em Feuereyro de mil & quinhentos & trinta & dous, ho entregou preso em ferros a Lionel de lima seu ĩmigo. E não lhe valeo requerer a Gonçalo pereyra, que lho não

entregasse por ser seu ĩmigo, que ho desse a Hanibal cernije que hia tambem pera Banda. E porq̃ Gonçalo pereyra receaua que dom Iorge tomasse em Banda o nauio a Hanibal cernije como dizião, não quis dar licença a nenhũ seu amigo pera ir naquela armada, nẽ a seu jrmão dõ Vicente. E deu a Lionel de lima as deuassas que tirara de dom Iorge, & escreueo hũa carta muy larga ao gouernador Nuno da cunha, acerca das cousas de dom Iorge, dizendo que perguntasse por elas a Lionel de lima, & ao vigairo que fora da fortaleza & ao meirinho. E assi lhescreuia tambem como ficaua a fortaleza, & quão trabalhosa era por amor das desordẽs dos Portugueses, & assi outras cousas necessarias. E mandou pera el Rey cincoẽta báres de crauo, que foy ho primeyro capitão q̃ ho mandou. E na conserua de Lionel de lima hia Hanibal cernije ate Banda, pera trazer dahi fazenda pera a feytoria. E a raynha de Ternate escreueo tambẽ a el Rey de Portugal, & ao gouernador da India, fazendolhe queixume de dom Iorge, & mandou cõ as cartas ate a India dous criados seus, a que encomẽdou muyto que vissem bẽ que poder tinha el Rey de Portugal na India. E leuado dõ Iorge tãto a recado como digo, foy ter á India, donde ho gouernador ho mandou preso pera Portugal, porq̃ por ser da qualidade que era não quis julgar as culpas que lhe punhão, & assi ho escreueo á raynha de Ternate. Cujos criados quãdo virão mandar dõ Iorge pera Portugal, & q̃ não fazião dele justiça na India dizião, q̃ antre os Portugueses não auia justiça pois alargauão tanto ho castigo das culpas: que pera bẽ se auião de castigar õde se cometião, & que dali por diante não esperarião q̃ lhes fizessem justiça.

CAPITVLO XXVI.

De como se perderão no mar dom Fernando de lima de Sanctarem & Lopo dazeuedo.

Neste inuerno que ho gouernador Nuno da cunha teue em Goa, não quis prouer a capitania da fortaleza que estaua vaga, & ele seruio de capitão por poupar o ordenado a el Rey, & deu a ouuidoria géral da India ao licenciado Lopo fernandez de castanheda meu pay ouuidor de Goa, & por sua industria crecerão as rendas de Goa vinte mil pardaos. E no cabo deste inuerno chegou a Goa Antonio botelho capitão do bargantim que ficou em Adem cõ cartas damizade del rey Dadẽ pera ho gouernador, em q̃ lhescreuia como Mustafa & Cojeçofar despois de leuãtados de sobre Adem se partirão com vinte seys velas pera a India. E despois deste na ẽtrada Doutubro, chegou Eytor da silueira com sua armada, & deu conta ao gouernador do que fizera em Adem. E lhe contou como dõ Fernando de lima, nem Lopo dazeuedo não forão a Ormuz, nem sabião nouas deles, pelo que se cria serem perdidos: & assi foy que nunca mais parecerão.

CAPITVLO XXVII.

De diuersas armadas que partirão pera a India.

Neste anno partirão de Portugal cinco naos pera a India sem capitão mór, de q̃ forão capitães Manuel de brito, Fernão camelo, Frãcisco de sousa tauares, q̃ hia por capitão de Cananor, Pero lopez de sam Payo pera capitão de Goa, & Luis aluarez de payua. E despois da partida destas naos, partio pera a ilha de sam Lourenço Duarte dafonseca por capitão mór de seu jrmão Diogo dafonseca a buscar a gẽte da nao de Manuel de la-

cerda, & ambos se perderão. E os capitães das cinco naos da carrega leuarão muyto roim viagẽ, & os tres primeyros chegarão a Goa no mes Doutubro em diuersos dias. E despois disso se partio ho gouernador pera Cochim, & sendo lá chegou em Nouẽbro a nao de Pero lopez de sam Payo, a que morrerão na viagẽ duzentos Portugueses a fora escrauos, & os mais morrerão doudos. E milagrosamente chegou defronte de Cananor por não auer quẽ mareasse as velas, & auia dias que as não guindauão, nem amaynauão, & acodiolhe Diogo da silueira que andaua na costa, & a leuou á toa a Cananor. E chegado ho gouernador a Cochim, despachou pera Portugal as naos: & primeyro que partissem, mandou Niculao jusarte em hũ nauio com nouas a el Rey do que passaua na India. E deixãdo em Cochim Antonio de saldanha pera leuar a armada que hi estaua se tornou a Goa.

CAPITVLO XXVIII.

De como foy morto Hagamahumud por dõ Manuel telo de meneses.

Como quer que ho gouernador determinasse de ir este anno sobre Diu, vsou de hũ ardil a fim de coele alcançar fortaleza em Diu, sem morte de gente. E foy mãdar a Diu primeiro que ele fosse Coje percoli hũ mouro Persiano, em que tinha grande confiança por ser bõ homem, & auer muytos annos que era morador em Goa. E este mouro auia destar em Diu, pera q̃ quando ho gouernador fosse cõ sua armada, conselhasse a Melique tocã capitão de Diu, q̃ desse fortaleza ao gouernador, porq̃ lhe não tomasse a cidade, fazendolhe ho poder que ho gouernador leuaua muyto mayor do que era. E que aq̃le conselho lhe daua como amigo, & quãdo Melique ho não tomasse, que visse bem o que determinaua, & se saisse da cidade pera lho dizer. E cõ lhe fazer grãdes merces, se partio Coje percolim como mercador, q̃

hia Dormuz com mercadoria. E despois da partida deste mouro, começou de se ajũtar em Goa a armada que ho gouernador auia de leuar: & por serẽ os nauios muytos, & não caberem no rio de Goa, assi como chegauão assi se partião pera Chaul, donde auião de partir todos jũtos pera Diu. E despois de serẽ partidos, partiose ho gouernador com a armada q̃ tinha em Goa pera Chaul em dia dos Reys, do anno de mil & quinhentos & trinta & hũ. E chegando a Chaul pera saber o que hia na costa de Cambaya, mãdou ha descobrir per dom Manuel de meneses telo, Luis falcão & outro fidalgo, q̃ me não lembra seu nome, que forão em tres catures armados. E chegando todos tres juntos perto da ilha das vacas, toparão de supito cõ Hagámahumud, aquele mouro de que contey no liuro quinto, que tanta guerra fez aos Portugueses: que andaua por capitão de vinte fustas em goarda daquela costa, em que trazia muyta & muyto boa gente de guerra. E auendo ele vista dos tres catures, & conhecendo que erão de Portugueses, foy contreles com sua armada. Dõ Manuel & os outros dous capitães, que virão hũa armada tamanha, parecẽdolhe que seria mais doudice que valẽtia pelejar coela, começarãse de recolher seus passos contados, porque não cuydassem os mouros que fugiã, que cõ tudo não deixarão de os seguir, apertando ho remo quanto podião, principalmente Hagamahumud, cuja fusta era mais remeyra que todas, & assi leuaua a dianteyra a todas: & hia alcançãdo ho catur do a que não soube ho nome, por ser zorreyro, & não se remar tambẽ como os de dom Manuel, & de Luis falcão, & quasi que ho hia abalrroando. O que vẽdo dõ Manuel, posto que ho perigo de ho socorrer era muyto grãde não deixou de ho fazer. E fazendo volta atras a boga arrancada, remeteo á fusta de Hagamahumud, & em chegãdo bordo cõ bordo, q̃ os Portugueses quiserão saltar dentro na fusta, quis nosso Senhor poer tamanho medo nos mouros q̃ vinhão nela, q̃ se acolherão todos ao outro bordo. E em se recolhendo

& a fusta çoçobrãdo, tudo foy hũ: que não teuerão os Portugueses tempo pera saltar dentro. E o que ouuerão de fazer na fusta fizerão fora, que foy matarem nagoa os mais dos mouros, & ãtreles foy Hagamahumud. E porq̃ a mayor parte de sua armada se vinha chegãdo, cõtentouse dom Manuel com saluar ho catur. E mandando cessar da morte dos mouros, fezlhe dar hũ cabo pera ho ajudar a surdir, & foyse coele & com Luis falcão pera Chaul, õde se soube logo a morte de Hagamahumud. Do que ho gouernador foy muyto ledo, & deu por isso muytos agardecimẽtos a dom Manuel: & não tão sómente por a valẽtia que fez em se auenturar com tamanho perigo a saluar ho catur & salualo, mas em ser causa da morte de Hagamahumud, ho mais valente & esforçado capitão que tinha el rey de Cambaya, & que mais ardijs de guerra sabia: & q̃ ho gouernador temia tanto, que não receaua de ter outro estoruo pera não tomar Diu, se não este mouro, que sabia q̃ auia destar dẽtro, & que Melique tocão se regia por ele em tudo. E quando soube q̃ era morto, deu ho feito de Diu por acabado como ele desejaua, & assi ho derão os capitães & fidalgos da armada, dizendo: que nenhũa cousa podera suceder tão importante pera se tomar Diu como a morte de Hagamahumud. E assi fora se ho gouernador não se deteuera tanto como se deteue em Chaul q̃ forão dez dias mais do necessario, & despois na ilha do betele. E nesta detẽça veyo a Diu ho socorro que direy a diante: & forã os mouros q̃ estauão nele auisados pelos de Chaul de tudo o q̃ o gouernador determinaua, & do poder q̃ leuaua. E os mesmos mouros se espantauão de indo ho gouernador a hũa empresa tamanha fazer tanta detença: & tambem se espantauão muyto, que sendo são, quãdo caualgaua hia encostado a hũ moço desporas. E zombando daquilo dizião, que não era aquele ho homem que auia de tomar Diu.

CAPITVLO XXIX.

De como ho gouernador Nuno da cunha partio de Chaul pera a cidade de Diu.

Acabadas estas detenças, partiose ho gouernador com a mais poderosa armada do que ate aquele tempo se ajuntára na India, que era de quatorze galeões todos grandes, fortes & bem artilhados, & seys naos Portuguesas, & dezasete galés & galeotas, & hũa galeaça, & duas carauelas, & cẽto & doze fustas, bargãtins, catures, jũgos: & outros nauios de diuersas feyções, que com os de guerra fazião perto de trezentas velas. E nos de guerra hião quatro centas peças dartelharia grossa, basiliscos, espalha fatos, camelos, esperas, liões, serpes, saluagẽs, a fora a miuda, que era grande soma. A gẽte que hia nesta armada erão tres mil Portugueses, & tres mil Malabares, & dous mil Canarins frecheiros, & espingardeyros. Os principais capitães forão Eytor da silueira, Diogo da silueira, Antonio da silueira de meneses, Antonio de saldanha, Manuel de brito, Ruy gomez da graã, Martĩ afonso de melo jusarte, Martĩ de crasto, Ruy vaz pereyra, Vasco da cunha, Francisco da cunha, Manuel de sousa, Antonio de lemos, Fernão rodriguez barba, Anrriq̃ de macedo, Lopo de mezquita, Fernão de morais, dom Fernando deça, Frãcisco de vascõcelos, Manuel de vasconcelos, Ambrosio do rego, Nuno barreto, Gonçalo gomez dazeuedo, Francisco de saa, Fernão de lima, Ioão da silueira, Anrrique de sousa, Manuel dalbuquerque, Tristão dataide, Luis falcão, Antonio de saa, Iurdão de freytas, Tristão gomez da graã, Nuno fernãdez freire, Ioam mẽdez de macedo, Diogo botelho pereyra. E pera que a frota fosse em boa ordem & goardada, fez tres capitanias cada hũa de vinte bargãtins & catures: & fez delas capitães a Manuel dalbuq̃rque, Tristão dataide,

& Luys falcão. E diãte da armada obra de hũa legoa auia de ir Antonio correa de Goa, descobrindo ho mar com certos catures. E indo nesta ordem bẽ de vagar, foy ter a Damão, donde auia datrauessar a enseada pera Diu: & porq̃ despois não podia tomar outro porto, tomou ho deste lugar, que com ho medo da nossa armada estaua despouoado, & assi a fortaleza q̃ era forte cõ suas portas forradas de metal. E aqui foy dita hũa missa cõ grande solẽnidade, em hũa tenda q̃ se armou pera isso, & prégou frey Antonio padrão comissairo na India do menistro da ordẽ da obseruancia de sam Francisco. E encomendou muyto da parte de nosso Senhor, q̃ pelejassem todos cõ muyto esforço pera tomarem Diu, onde nosso Senhor era muyto offendido cõ as abominações da falsa seyta de Mafamede, & géralmẽte assolueo todos de seus pecados. E dita a missa, mandou ho gouernador dar hũ pregão Real, q̃ dizia. Ouui, ouui, ouui ho mãdado do muyto alto, & muito poderoso Principe el Rey dõ Ioão de Portugal nosso senhor, que por galardoar ho esforço & valentia dos q̃ se atreuerem a sobir primeyro nos muros de Diu, & leuantarẽ neles esta bandeyra por sua Alteza, em seu nome lhe faz o senhor gouernador merce ao primeyro de quinhentos cruzados, & ao segundo de quatrocẽtos, & ao terceyro de trezentos. E despois disto, porque ho gouernador sabia por Antonio correa que oyto legoas de Diu estaua hũa pequena ilha quasi pegada com a terra firme, onde por ser muyto forte el rey de Cambaya mãdaua fazer hũa fortaleza, pera o que tinha hi hũ capitão turco cõ dous mil homẽs de peleja Guzarates, & Abexins, & algũs Turcos: & mil de trabalho que trabalhauão na fortaleza, de que estaua feyta algũa parte dos muros, & dos cobelos, mas pouca cousa. Teue conselho com os capitães principais da armada, se daria nesta ilha primeyro q̃ em Diu. E moueo a poer isto em conselho, saber que a voz de todos era que se desse primeyro naquela ilha q̃ em Diu: posto q̃ sua determinação era de não se en-

tremeter em nenhũ feyto ate não tomar Diu. E assi ho disse no cõselho, em que ouue diuersos pareceres: porq̃ hũs dizião que era bẽ cometer primeyro a ilha q̃ dessem em Diu, porq̃ se passassem sem a tomar, como os mouros erão mais de mostras q̃ de obras, tomarião tamanha soberba cuidãdo q̃ era de medo, que aquilo abastaria pera lhes dar esforço com que se defendessem. E por isso era necessario não passar sem tomar a ilha, porque isso seria causa de os mouros desconfiarẽ de se defenderem. Outros dizião que não era bẽ cometerse a ilha, porq̃ como ela era muyto forte por ser a mayor parte cercada de rochedo, & menos gente da q̃ estaua nela a poderia defender. Podia ser q̃ acontecesse algũ perigo no cometimento, & qualquer q̃ fosse daria muyta quebra a tamanha armada como aq̃la era & tão poderosa. E os nossos vendo q̃ tão pouca cousa como a ilha (a seu respeyto) lhes daua que fazer, esperãdo que em Diu por sua grandeza, & fortaleza achassẽ mais resistencia perderião ho esforço q̃ leuauão pera o tomar. E os mouros pelo cõtrayro: o q̃ se deuia muyto de recear, & por isso não se deuia de cometer a ilha. E como do outro parecer erão mais q̃ deste, assentouse q̃ se tomasse a ilha primeyro que Diu, & assi ho assinarão todos em hũ auto que foy feyto pelo secretario Simão ferreyra.

CAPITVLO XXX.

De como ho gouernador pelejou na ilha do betele com ho capitão del rey de Cambaya, & lha tomou.

Assentado q̃ a ilha do betele se deuia de tomar, partiose ho gouernador, leuando a ordẽ que trouuera ateli. E atrauessando ho golfão da enseada, chegou hũa manhaã a esta ilha, que se chamaua então do betele, & agora se chama dos mortos, que como disse está oyto legoas de Diu, quasi pegada cõ a terra firme terá hũa legoa de roda pouco mais ou menos: da banda do norte

tẽ hũ canal daltura de tres braças, & da bãda do sul hũs ilheos com q̃ fica estreita a passagem pera a terra firme. Da de leste tẽ ho rio q̃ a aparta da terra firme, da doeste ho mar. E de todas he cercada de alto rochedo, & fica muyto alta sobre ho mar. E pera ser hũa das mais fortes cousas do mundo, não lhe faltaua mais que ser cercada de muro, que lhe el rey mandaua fazer, pera fazer outro Diu, receando q̃ lha tomassem: porque de nenhũa parte se podia tambẽ fazer guerra a Diu como dali, do que os gouernadores tinhão pouco cuydado. A esta ilha chegou ho gouernador hũ dia pola manhaã: & vẽdo os mouros tamanha armada, temerãse q̃ os tomassem. E querendo fazer concerto com ho gouernador, auido seguro dele, foylhe falar ho capitão da ilha: & pediolhe q̃ os deixasse ir com suas molheres, filhos & fazẽdas, & que lhe deixaria a ilha. E ho gouernador não quis, se não q̃ ele sómẽte se fosse com suas molheres, filhos & fazẽda: & que os outros se lhe auião ẽtregar, & ho capitão não quis. E isto q̃ ho gouernador fez, foy contra ho parecer de todos. E aquele dia assentou ho gouernador, q̃ ao outro dia desse na ilha manhaã clara: & a primeyra entrada fosse Deitor da silueira, que cometeria da banda do ponente onde estaua a porta da fortaleza, & da banda do leuante Diogo da silueira, & da do sul Martim Afonso de melo jusarte, & Francisco de saa, & os outros capitães irião repartidos coeles. Isto assentado, foy Martim afonso de melo jusarte em anoytecẽdo por mãdado do gouernador ver ho desembarcadoyro da ilha. E achando que era bõ, tornou cõ recado ao gouernador, & despois ao seu nauio. E confessouse, & encomẽdouse a nosso Senhor, como fazião todos os da armada. Os mouros como estauão determinados de morrerẽ antes que se entregarem, fizerão setecentos deles os cercilhos como clerigos, q̃ assi ho custumauão quãdo determinão de morrer: & estes se chamão boluches, gente de feyto. E ho seu capitão queymou suas molheres, filhos & fazenda: & assi ho fizerão

todos os casados, por não terem embarcação pera passarẽ a terra firme, & a gẽte pobre passou a nado. E ho tesoureyro del rey de cambaya, se passou em hũa pequena jangada de madeyra com ho dinheiro que tinha. Assi que não ficou na ilha mais que a gente de peleja. que acabando de queymar as molheres, & os filhos, q̃ foy tres ou quatro horas ante manhaã, derão fogo a essa artelharia q̃ tinhão por mandado do capitão, & coela, & com espingardas começarão de tirar a algũs nauios nossos que estauão a sombra da ilha, & tão perto que ouuião os nossos aos mouros chamarlhes perros, & que ali auião de morrer. E os nossos lhe começarão tambẽ de tirar, & era ho lũar tão claro que os enxergauão muyto bẽ, & começouse hũ aspero jogo de bombardadas, & espingardadas de hũa parte & doutra. E vẽdo ho gouernador que se gastaua naquilo a poluora dos nossos debalde, não quis estar polo que se determinára no conselho de dar na ilha manhaã clara, & mãdou dar logo, que foy muyto ante manhaã, pera o que mandou fazer sinal cõ as trõbetas & charamelas: o que foy grande erro, pelo q̃ se disso seguio. Ouuido este sinal pela armada, embarcarãse logo todos com grande pressa hũa quinta feyra a dous dias de Feuereyro, dia da purificação de nossa Senhora. E cometerão cõ seus capitães a ilha pelas partes que lhes forão assinadas, não cessando os mouros de desparar sua artelharia & espingardaria, mas não fazião nojo coela. Eytor da silueira por ter a primeira entrada, foy o que cometeo primeyro a porta da fortaleza, q̃ os mouros tinhão entulhada de pedra & terra. O q̃ os nossos não entenderão cõ ho açodamẽto q̃ tinhão de a quebrar, & tambẽ não o ẽxergarão cõ a sombra do muro, & trabalhauão pela derribar cõ hũ vay & vẽ. E tãto ãdarão neste trabalho q̃ amanheceo, & ẽtão enxergarão como a porta estaua, & disserãno a Eytor da silueira que estaua ao pé da escada, q̃ ficou muy agastado por lhe terẽ feridos algũs despingardadas, & ter necessidade descada pera sobir ao muro, & mãdou logo

por ela. E entretanto ficou ás espingardadas com os mouros, q̃ não recebião tãto nojo por estarem cubertos cõ ho muro, como fazião aos nossos que estauão descubertos. E nisto derão hũa espingardada a Eytor da silueira na coxa da perna dereyta que lha vazou, passandolhe as escarcelas: & achouse logo tão mal q̃ ho leuarão ao batel. E chegando a escada, sobio a sua gente ao muro: & ho cõtramestre do seu galeão, a q̃ não soube ho nome, não podendo sobir pela escada por a gente ser muyta, sobio pola lãça q̃ leuaua ate que lãçou a mão ezquerda ao muro, & se pegou. E arrancando cõ a dereyta a espada, deu hũa estocada a hũ mouro q̃ ho derribou: & os outros não ousarão de chegar a ele polas espingardadas q̃ os nossos tirauão muy bastas. E neste tẽpo começarão os mouros de despejar daq̃le lugar, porque ouuião grande grita, & reuolta na ilha: & foy q̃ nesta detença q̃ os Deitor da silueira fizerã em sobir, cometeo Diogo da silueira pela parte que lhe foy assinada: & foy ho primeiro capitão q̃ subio, & subirão coele dez homẽs do galeão, ẽ que hia Martim de crasto capitão dele, Fernão de crasto, Gil de crasto, Luys coutinho, Francisco de sousa, Payo rodrigues daraujo, Antonio de sá, Lionel de sousa, Ioão aluarez dazeuedo: & Anrrique de sousa ho galego. E a pos estes sobirão logo Diogo de melo, Fernão de lima, Lionel de lima, Iorge de lima, dom Vasco de lima, Vasco pirez de sãopayo, dom Manuel de meneses, dom Francisco de crasto, & outros a que nã soube ho nome, q̃ erã dez: & acharão Diogo da silueyra cõ os outros q̃ os tinhão os mouros em grande aperto por serẽ muytos, & eles poucos. E se estes não sobreuieram virãse em grãde fadiga: & cõ sua vinda & de Martim afonso de melo: que chegou cõ sua gẽte os fizerão afastar: & carregando sobre eles os leuarão ate jũto de hũ cobelo, onde se apinhoarão bem quatro centos, & aly fizerão rosto aos nossos, pelejando brauamẽte cõ espingardadas & frechadas: & algũs que estauão no Cobelo os ajudauam de

cima cõ pedras & cantos q̃ deytauão aos nossos. E acertou hũ canto na cabeça a Diogo da silueyra, q̃ foy ho primeiro q̃ chegou a elles q̃ ho derribou: & assi forão derribados outros que quiserão chegar coele. Porẽ Diogo da silueira & eles se aleuantarão, & era a peleja tamanha q̃ era espãto. E cõ quanto a este tempo se tinhão ajuntados muytos dos outros capitaẽs cõ Diogo da silueyra, não podião entrar os mouros, tambẽ se defendião: principalmẽte despois q̃ foy ter coeles ho seu capitão cõ outros tres mouros de caualo. E decẽdose se ajuntou coelles esforçãdoos cõ grandes alaridos. E tambem da nossa parte se ajuntarão todos os capitães q̃ eram ja entrados cõ sua gẽte, & de cada vez a peleja era mais aspera. E estãdo em peso remeteo Iorge de lima ao capitão dos mouros & ferioho de maneyra q̃ ho matou: & cõ sua morte enfraquecerão os mouros, de que muytos erão mortos: & se forão recolhendo pera hũa mezquita, onde se meterão muytos, & outros q̃ não poderão por os nossos os apertarẽ, fugiram cõtra as barrocas da banda do mar, & parte dos nossos ficarão cõ Diogo da silueyra pelejando cõ os que se acolherão à mezquita, parte forão seguindo os q̃ fugião caminho das barrocas, por onde se lançauam abayxo: & muytos destes forão mórtos. E matãdo hũ Portugues hũ mouro, outro mouro que hia em sua companhia, vendo que nã podia escapar, virou ao Portugues pera ho ferir, & ele lhe deu cõ a lança polos peytos & ho passou da outra parte, & ho mouro se deixou correr pola lança assi atrauessado, ate se ajuntar cõ ho Portugues & deulhe hũa cutilada cõ hũ terçado que lhe cortou hũa coxa cercea, & cairão ambos cadahũ pera seu cabo. E deste esforço, & força auia muitos antre os mouros, de q̃ quãtos se acolherão á mezquita forão mórtos. E acabãdo de os matar chegou ho gouernador, & achou os nossos á caça cõ os mouros que fugião pera as barrocas, por onde se deytauão a correr: & muitos cayão com pressa, & faziãose ẽ pedaços por aq̃les penedos, & os outros lançauãose

delles ao már, delles se metião debaixo de lapas. E os nossos q̃ acudião todos a esta parte por ser a peleja acabada estauão em atalaya: & em se os do már ou os das lapas descobrindo, tirauãolhe cõ as espingardas, & assi matauão muytos. E porque se perdião muytos tiros, mandou ho gouernador q̃ não tirassem mais, & foy correr a ilha, onde não achou nenhũ mouro, q̃ quasi todos forão mortos & catiuos. E porisso chamarão dali por diãte a esta ilha a dos mortos. E dos nossos morrerão dõ Francisco dabranches, Ioão aluarez dazeuedo, & outros fidalgos & homẽs conhecidos, q̃ erão por todos dezasete. E forão feridos cento & vinte, de que despoys morrerão algũs. E posto que a vitoria foy grande custou muyto caro, & deu mays perda que proueyto, porque não auia nhũa necessidade de matar então aquelles mouros, & muyto grande de poupar os nossos pera tamanho feito como ho de Diu.

CAPITVLO XXXI.

De como ho gouernador chegou a Diu, & como soube que Rumecão estaua dentro, com rumes & artelharia.

Mortos & catiuos todos os mouros que auia na ilha & destruida & queymada a fortaleza que se começaua, & recolhida sua artelharia, recolheo se ho gouernador á frota com todos os nossos, em que se logo começou denxergar algũ desmayo pelo dâno que receberão na destruyção da jlha: assi dos mortos que eram pessoas principaes, como dos feridos, de que muytos ho eram, & auiam de fazer grãde mingoa no feyto de Diu, assi como Eytor da silueyra que de cada vez se achaua peor: & era hũ dos esforçados capitães da armada & de bõ conselho, & ele foy hum dos que ho deu que nao se tomasse a jlha antes de Diu. E recolhido ho gouernador deyxouse ali estar oyto dias esperando polo judeu, ou polo mouro que tinha em Diu por espias, que leuassem

auiso de como estaua, o que não pode ser, porq̃ seys dias antes que chegasse á ilha dos mortos, polas detenças que fez, chegou Mustafa, q̃ depoys se chamou Rumecão, que inuernando no estreyto (como disse a tras) se partio pera a India com determinação de jr morar a Cambaya, & viuer cõ elrey que se seruiria dele polas guerras q̃ tinha. E coeste fundamento se foy diante Coje çofar com ho dinheiro q̃ tinha do Turco, q̃ erão trezentos mil cruzados: & foy desembarcar a Diu. E despoys chegou Rumecão em hũ galeão, & com a outra frota em que leuaua suas molheres, & seyscentos rumes, & tres basaliscos de metal, cada hũ de trinta & dous palmos, que erão muy fermosas peças: & assi outras miudas, & mil & trezẽtos Arabios. E cõ toda esta gente foy ter a Diu, onde foy muy bẽ recebido de Melique tocão, que estaua muyto medroso da grande armada que sabia que ho gouernador leuaua. E polo que ho judeu, & ho mouro lhe tinham dito estaua determinado de dar fortaleza ao gouernador. E Rumecão q̃ ho entendeo ho prouocou a q̃ ho não fizesse, poẽdolhe diante quam forte estaua Diu, assi de gente (porque auia nele treze mil homẽs de peleja) como dartelharia: porq̃ os baluartes, assi da fortaleza como da vila dos Rumes estauão muy bem bastecidos dela. E a cadea que atrauessaua ho porto que fazia muy grande impedimẽto na entrada & dentro dela setẽta & tres fustas, que era hũa grossa armada: & estaua tam forte que podia pelejar com todo ho mũdo & defenderse: quanto mais dos Portugueses que não auião de ser tantos: pelo que lhe seria cousa vergonhosa & de grãde vituperio & desonrra fazer nenhũ partido com ho gouernador quàto mays darlhe fortaleza, que pois lhe parecia que os nossos leuauão tamanho poder q̃ despejasse a cidade da fazenda & da gente q̃ não era pera pelejar, & ficasse a de peleja & a defendesse coela. E se os Portugueses podessem mais & os entrassem, q̃ estarião despejados pera se saluar. E se os não entrassem que tornarião a recolher o

q̃ teuessem fora, & ficarião descansados. E isto pareceo bẽ a Melique tocão, & assi se fez. E mais mandou que sopena de morte não se saisse nenhũ dos mercadores estrãgeyros que nela estauão, porq̃ estes pelo q̃ lhe compria ajudarião a defender a cidade, & mais não darião nenhũ auiso ao gouernador do que determinauão de fazer. E por isto nem ho judeu nem ho mouro não poderam sayr da cidade & dar auiso ao gouernador, que se andara mais de pressa & chegara antes de Rumecão, fizera muyto seruiço a Deos & a el Rey, & ganhara grande honra em se lhes dar fortaleza em Diu, que era a mais forte cousa que auia na India, & de que mouros & Rumes fazião todo seu fundamento, pera dali deitarem os nossos fora dela. E vendo ho gouernador q̃ lhe tardaua ho recado q̃ esperaua não quis mais esperar, & partiose pera Diu, onde chegou hũ domingo á tarde onze de Feuereiro, & surgio ao már quasi hũa legoa da cidade: sabendo já a vinda de Rumecão por lingoa q̃ tomou Antonio correa. E certo que fez espanto na cidade hũa armada tamanha & tam poderosa como a nossa parecia. E se Rumecão não esteuera dentro, Melique rogara com fortaleza ao gouernador, & q̃ ho não destruisse. E ainda Rumecão teue que fazer em lho estoruar: ate dizerlhe q̃ se saisse da cidade, & que ele a defenderia cõ a gente que trouuera, & cõ os mercadores. E ele tinha mandado minar todas as ruas da cidade, & encher as minas de poluora pera lhes dar fogo, se os nossos entrassem. E mandoulhes tirar cõ os seus tiros, principalmente á capitaina, q̃ ate noite não fizerão outra cousa. E cairã tres pelouros tã perto dela q̃ o gouernador mandou alargar as amarras pera ficar mais lõge que lhe não fizesem os pelouros nojo. E nũca quis mandar tirar á cidade, esperando ainda por recado das suas espias, pera determinar o que auia de fazer.

CAPITVLO XXXII.

De como ho gouernador deu bateria a Diu, & do que lhe aconteceo.

Ao outro dia em saindo ho sol apareceo muyta gẽte polos muros & baluartes da cidade, vestidos de cabayas de graã que se vião muyto bẽ, & logo os baseliscos dos rumes começarão de disparar & tirauão pelouros de metal: & de ferro coado de peso deytẽta arratẽs, segũdo se vio por algũs q̃ cairã em nauios nossos, q̃ nam fizerão nojo. E vendo ho gouernador isto & que não vinha nenhũa das suas espias desesperou de virẽ, & determinãdo de dar bateria á cidade por már mandou a Antonio correa que chegasse até a cadea q̃ çarraua ho porto pera descobrir a artelharia q̃ auia nos baluartes, & se estaua algũa armada no porto, & Antonio correa foy costeado a ilha cosido cõ terra, polo não pescar a artelharia, assi dos baluartes da cidade como do da vila dos rumes, que chouia sobre eles pelouros, & assi ho galeão dos rumes q̃ estaua de fora da cadea, & as fustas q̃ estauão de dentro, ho q̃ tudo muy bem visto por ele se tornou ao gouernador q̃ estaua no galeão são Dinis cõ Eytor da silueyra, q̃ se finou aq̃le dia da espingardada q̃ lhe derão na ilha dos mortos. E sua morte fez grande espanto na gente comũ por ele ser dos principaes capitaẽs da armada & bem quisto, & sabendo ho gouernador por Antonio correa como a cidade estaua forte pola banda do mar, mãdoulhe que fosse saber sua desposiçao da banda da terra, & sabida lhe tornou a dizer que daq̃la parte não tinha artelharia & que estaua fraca porq̃ a mayor fortaleza q̃ tinha era hũa caua baixa q̃ logo se podia atupir, & q̃ do desembarcadoyro à cidade seria perto de hũa legoa, & q̃ daquela parte lhe parecia q̃ aueria pouco em a tomar, o que não podia ser por ho gouernador nã bir aparelhado pera dar bate-

ria por terra. E então vio ho erro q̃ fizera ẽ se deter tã-
to no caminho, & em fazer tamanho gasto como fez em
fazer aq̃la armada pera ir a Diu sem saber muito bem
sua disposição, & que gente lhe era necessaria pera ho
tomar. E neste dia senão fez mais, & ao outro pola
menhaã se ajuntarão no seu galeão os capitaẽs da arma-
da aque disse ho auiso que esperaua da cidade, & a
fortaleza que tinha da bãda do mar & da terra, propon-
do per qual seria melhor daremlhe bateria, & foy deter-
minado que posto que a bateria não se podia dar bem
por mâr por amor do arfar dos nauios, q̃ pois ali esta-
uão que se desse do màr, porq̃ da terra não podia sêr,
por a distancia que auia do desembarcadoiro á cidade
ser grãde pera se leuar a artelharia por terra. E posto
q̃ se podéra leuar não auia tanta gente que podesse fi-
car na frota pera pelejar cõ a armada dos imigos se lhe
saise, & podesse jr á bateria pera goardar a artelharia
com q̃ se desse: & os imigos erã tanta gente que se
podião repartir pera pelejar no már & defender a terra,
& por isso era ho mais seguro dar a bateria por már, &
trabalhar por q̃brar a cadea q̃ çarraua ho porto, & en-
trar dentro & tomar a armada dos mouros ou ganhar ho
baluarte do már ou ho da barra: porque cõ qualq̃r des-
tas cousas se abalarião os mouros pera darem fortaleza.
E logo ali se assentou que dom Vasco de lima, Iorge
de lima, & Tristão homẽ cada hum em seu batel de
mantas que leuaua cada hum seu tiro chamado lião sur-
gisem da lagea pera dentro: & dessem bateria ao ba-
luarte do mar. E que os ajudassem Iurdão de freytas
hum fidalgo da ilha da madeyra, & Antonio de sá de
Santarem, capitães de duas albetoças que leuaua cada
hũa hũ espalhafato: & ao baluarte de Diogo lopez ba-
teria Manuel dalbuquerque com a sua galeaça que tira-
ua hũ baselisco por proa, & auiãno dajudar quatro ca-
pitães de quatro galeotas, que tirauão quatro tiros gros-
sos. E os capitães forão Nuno fernandez freire, Fernão
de lima, Manuel de vasconcelos, & Vasco da cunha:

ho baluarte da terra auia de bater Francisco de sâ capitão da galé bastarda com hum baselisco que tiraua ferro coado de peso de setenta arrateês: & auiãono dacõpanhar quatro galés que tirauão tiros grossos: & Antonio da silueyra com ho resto das galés: & fustalha de que era capitão mór, auia de estár de sobre salente pera acodir se fosse necessario, & entrar por qualquer portal que os da bateria fizessem no baluarte do mar. E a outra armada dos galeoẽs & nauios grossos auia destar afastado obra de hũa legoa de terra, porque lhe não chegasse a artelharia dos mouros. Isto assentado forão desemmasteados os nauios da bateria, & fortalecidos de fortes & largas arrõbadas: & aquela tarde os começarão de rebocar algũs catures com quem andauão ho gouernador & Antonio de saldanha: & nisto forão as bõbardadas da cidade tantas, principalmente dos baluartes que auião de ser batidos, que os que rebocauão Francisco de sa ho deyxarão longe donde auia destar, porem Manuel dalbuquerque foy leuado ao posto donde auia de bater. E por Francisco de sá ficar longe donde auia destar não se deu ao outro dia a bateria como estaua assentado, mas ouue hum brauo jogo de bombardadas dãbas as partes. E na madrugada seguinte quis ho gouernador mandar rebocar Francisco de sa, & deuse nisso tam má ordem: & assi por a corrente dagoa ser muy tesa, que amanheceo primeiro que ho posessem no posto, então forão as bombardadas tam bastas que os mouros tirauão que não as podendo os capitães dos catures sofrer deyxarão Francisco de sá mea legoa donde auia destar, que foy grande desmancho: & ho gouernador dagastado de ver quanto estoruo auia pera Frãcisco de sá chegar onde avia destar, mandou que todavia se desse bateria, que se começou ás noue horas do dia, & foy cousa espantosa as bombardadas que desparauã dhũa parte & doutra, & a grossa fumaça que se leuantaua dambas as partes que escurecia ho ceo & a terra. E em a bateria começãdo ex que abalão os tres

bateis de mantas atoados a tres catures, de que erão capitães, Gonçalo vaz coutinho fidalgo, Frãcisco de barros & outro. E parecia cousa descarnio ver tres bateys que parecião tres cascas de nozes, irem cometer tres baluartes que estauão das mais medonhas cousas do mundo, com os muytos pelouros que deytauão, com que parecia que ardião em fogo: & assi lhes tirauão as fustas que estauão de dentro da cadea, & outras dantre ho baluarte da terra & a vila dos Rumes. E a dozentos passos do baluarte do màr como os pelouros chouião matarão dez remeiros no catur de Gonçalo vaz coutinho, que rebocaua ho batel de dom Vasco de lima: & ho arrombarão de modo que não pode passar auante: & alargando ho cabo com que leuaua atoado ho batel ho deyxou. Mas logo acodio outro catur que ho rebocou: & vendo Iorge de lima como Gonçalo vaz alargara ho batel a dõ Vasco, temeose q̃ Fernão de barros lhe alargasse ho seu, pelo q̃ lhe bradou que ho não fizesse se não q̃ o meteria no fundo. E como ele era esforçado não ho fez por mais q̃ as bombardadas forão, cõ que lhe matarão dous Portugueses & sete remeiros: & foy ho poer a quarenta passos do baluarte, q̃ deste espaço se auia de dar a bateria. E ainda ali não alargou o cabo ate lhe Iorge de lima não bradar duas vezes que ho alargasse: & neste espaço forão postos os outros bateis: & ficou ho de dom Vasco da banda do mesmo baluarte. E ho de Tristão homẽ da vila dos Rumes: & ho de Iorge de lima no meo. E todos tres começarã de ho bater com seus tiros que deytauão pelouro de ferro de peso de quarenta arratẽs: & tendoho aberto Iorge de lima com tres tiros que lhe tirou, arrebentou a bombarda no repairo ao derradeyro, & não pode mays tirar, que se isso não fora ele & os outros fizerão portal por onde se podera entrar. E com tudo Iorge de lima ho mandaua cõcertar: pera ver se poderia fazer obra: & nisto lhe derão tres tiros ao lume dagoa com que lhe arrombarão ho batel, & lhe matarão cinco Portugueses: & pera não se

alagar mandou lançar ho tiro a hũa bãda. E neste instãte estando dom Vasco em pê no seu batel lhe leuou hum pelouro dos imigos a cabeça com parte dos hõbros, respondẽdo ele ao seu condestabre (que lhe dizia que se abaixasse) que não auia medo a pelouros. E assi como aconteceo a estes bateis assi aconteceo aos outros nauios da bateria que lhes não valerão arrombadas nem fortaleza pera resistirem às brauas çurriadas de pelouros que lhes dauão os imigos em roda viua: & a todos arrõbarão, & meterão muytos dentro, com que lhes matarão assaz de gente, principalmente a Manuel dalbuquerque que estaua mais pérto do baluarte que tinha a cargo. E os mouros tambem receberão algum dano, porque polas ameas dhum pano do muro entrou hũ pelouro nosso que acertou de dar em hum cayxão de poluora que estaua junto de hum tiro: & acendeose ho fogo na poluora. E queymou muytos dos imigos, & eu vi ho fumo: & assi outros tiros perdidos lhes fizerão tambem muyto dano & muyto mais lho ouuerã de fazer se os nossos tiros grossos não arrebentarão todos sem ficar nenhum. E dissese que por lhe deitarem carrega dobrada da q̃ leuauão: & q̃ ho mãdou assi ho gouernador, por lhe parecer que farião mayor passada, & por isso se esquentarão muyto mays do que se esquẽtárão cõ a carrega propria. E arrebentarão sem lhes valer a muyta diligencia que os nossos poserão em os resfriar com vinagre. E estando assi a cousa que passaria de dez oras, que tãto durou a bateria sem os tiros arrebentarem, soube ho gouernador como os tiros erão arrebentados, & que não fazião nada, & por isso mandou afastar esses nauios pequenos: & os grandes por ho não poderem fazer logo, ficarão ate a tarde.

CAPITVLO XXXIII.

De como ho gouernador se partio do porto de Diu.

E em se os nauios afastando derão os mouros grandes gritas, assi de prazer, como por fazerem escarnio dos Portugueses, & mostraranse muytos polos muros & baluartes, disparando sua espingarderia: & nisto & em tirar a artelharia despenderão ate a tarde, que se os nauios grossos acabarão dafastar. Ho gouernador dagastado & descontẽte não se quis tornar ao seu galeão, & foise á taforea de Antonio saldanha, & hi teue conselho se daria outra bateria, & foylhe cõselhado que não, porque ainda que não teuera arrebẽtados os tiros grossos como os tinha não podia fazer nojo á cidade, pola muyta & muy grossa artelharia que tinha, cõ que lhe faria de cada vez mays dãno. E q̃ a cidade tam forte como aquela estaua não se podia dar bateria por már pera lhe fazerem dàno, se não por terra detras de mantas & repairos. E que se deuia de tornar, & deixar aquele feito pera outro tempo em que se podesse milhor fazer. E estãdo nisto supitamẽte despararão as fustas dos immigos a sua artelharia, & assi os baluartes & muros, & isto por festejarem ho prazer que tinhão da vitoria. E ouuindo os Portugueses aquele supito, cuydarão que as fustas sahião a pelejar coeles. E como os nauios da bateria estauão desaparelhados, & eles assombrados da resistencia passada, aluoroçarãose muyto com medo: & foy muyto grande rebate por toda a nossa armada. E se as fustas sayrão os nauios desaparelhados correrão risco de serem tomados, mas não sayrão porque não tinhã os imigos essa ousadia: & cuydauão que tinhão feito assaz em se defender: & assi foy, porque se os nossos tiros não arrebentarão tam asinha eles fizerão portal por onde os Portugueses entrarão: ou quebrarão a cadea, & aferrarão cõ as fustas: & com qualquer destas

a cidade se tomara. E porque os nauios da bateria estauão desaparelhados, & era necessario aparelharense foy forçado ao gouernador deterse ali a sesta feyra seguinte, & sabado, & domingo: & segũda feyra se partio pera a ilha dos mórtos. E os mouros q̃ ho virão ir ficarão liures do grande medo que tinhão de os entrarem: & Mustafa muyto soberbo por fazer que não se desse Diu ao gouernador. E assi ho fez certo a el Rey de Cambaya, pera quem se logo foy, a que contou ho que passaua, & lhe fez seruiço da artelharia que trouuera. E por tudo isto lhe fez el rey grandes honrras & merces, assi de renda como de nome de cão, que antreles he muyto estimado. E dali a diãte se chamou Rumecão: & era dos mays honrrados capitães del Rey de Cambaya, & mais seu priuado, & de que ele fazia mayor conta, do q̃ Melique tocã ficou muyto magoado: & secretamente imigo de rumecão, & receoso que el rey lhe desse a capitania de Diu.

CAPITVLO XXXIIII.

Do que ho gouernador fez despoys de se yr de Diu.

Chegado ho gouernador á ilha dos mortos, teue ali cõselho com todos os capitães & fidalgos da armada, que por quanto os mouros de Diu auião de ficar muyto soberbos por ho gouernador os não poder tomar, & auião de cuydar que não podia nada, era necessario pera q̃ de todo não perdesse ho credito ficar na costa de Cambaya hũa grossa armada que destruisse os mays dos lugares que podesse, principalmente Baçaim em que el Rey de Cambaya começaua de fazer outro Diu. E começasse na cidade de Goga que he dentro na enseada dezasete legoas da ilha dos mórtos: & coisto se restauraria em parte ho reués que os Portugueses receberão em Diu. E assentado de se fazer assi, conuidouse Antonio de saldanha pera ficar por capitão mòr desta ar-

mada: & ho gouernador lho concedeo por ser pessoa de merecimento, & por ter feyto muyto seruiço na India a el rey de Portugal: & deulhe a galé bastarda em que ficasse & oyto galês outras com quarenta fustas: & bargantins em que ficarão passante de mil Portugueses todos gente escolhida, & com a outra armada se foy ho gouernador a Chaul, cuja capitania por estar vaga deu a Diogo da silueyra seu cunhado. E de Chaul se foy ho gouernador a Goa, dõde mandou ao estreyto a dom Antonio da silueyra por capitão mór de hũa armada & deulhe a galeaça em que foy: & os outros capitães a fora ele forão Martim de crasto, Iorge de lima, Anrrique de macedo, Antonio de lemos, Ioão rodriguez paez, todos em galeoẽs. E deulhe por regimento que fosse ver Adem a saber del rey se tinha necessidade de sua ajuda: & tendoa lha desse. E arrecadasse as pareas que deuia. E ho gouernador ficou em Goa onde auia de ter ho inuerno. E porque pola ida de Afonso mexia, que se fora pera Portugal aquele anno ele ficaua por védor da fazenda até el Rey prouer, ho que lhe era pejo por a grande ocupação que tinha na gouernãça da India. Por se descarregar dos negocios da fazenda fez ouuidor dos feytos dela ao licenciado Lopo fernandez de castanheda que ateli seruira douuidor geral da India na vagante do licenciado Ioão do soyro: & auiao de ser dali por diante ho doutor Antonio de macedo, que vinha prouido por el Rey deste officio.

CAPITVLO XXXV.

De como Antonio de saldanha destruyo a cidade de Goga, & do mays que fez na costa de Cambaya.

Antonio de saldanha que ficaua na costa de Cambaya com a armada que disse, partido ho gouernador pera Chaul, partiose pera a cidade de Goga q̃ he na enseada como disse, situada na boca de hum steyro rasa sem nenhũa fortaleza, pouoado de mouros mercadores, q̃ ou-

uindo como a nossa armada hia despejarão ho mays que poderão. E neste tempo acertou destar ali hũa armada de Malabares de Calicut de vinte cinco paraos carregados de pimenta que leuauão a vender. E estes sabendo a vinda de Antonio de saldanha, & não tendo outro remedio vararão os paraos polo esteyro acima obra de hũa legoa da cidade: se poserão em renque jũtos hũs dos outros, com seus tiros dartelharia nas proas: & os lemes atrauessados nelas pera mays fortaleza: & a gente detras com mostra de se defender, postoq̃ algũa se foy pera á cidade a ajudar algũs mouros que nela ficarão porque os mays erão acolhidos com medo dos Portugueses que chegarão á cidade hum dia pola menhaã, & logo desembarcarão: & diante de todos Fernão rodriguez barba, que leuaua a primeyra entrada. E por derradeyro Antonio de saldanha. E como a gente que estaua na cidade era pouca defendeose pouco, q̃ logo fugirão ficando algũs mortos assi guzarates como malabares: & entrada a cidade foy saqueada. E porque Antonio de saldanha sabia que a armada dos malabares estaua pelo esteiro acima, determinou de a hir destruyr. E partio pera lá despoys de comer, & foy por terra feytos tres escoadroẽs de sua gẽte. A capitania do dianteyro que seria de dozentos homẽs deu a Fernão rodriguez barba. E a do segundo q̃ seria de trezentos deu a Francisco de vasconcelos. E ho terceyro deyxou pera si que seria de quinhentos homẽs. E indo nesta ordem chegou a hũa grãde varzia, por onde na borda do esteyro estaua varada a armada dos malabares, que como os Portugueses forão deles a tiro de bombarda, lhes começarão de tirar com a artelharia que jugaua muyto a miude: mas nem por isso deyxarão eles de passar auãte. E rompendo por antre aquela multidão de pelouros inuestirão cõ os paraos, & os mouros como virão a cõcrusão, & que os Portugueses querião pelejar coeles sem nenhũ medo, ouuerãolho tamanho que fugirão: & deyxarão os paraos, sem morrer nenhum Portugues, que acabando os immi-

gos de fugir começarão logo dapanhar essa pimenta que eles tinhão. E temendo Antonio de saldanha q̃ se carregassem muyto: & que tornassem os imigos sobreles & não se podessem defender como muytas vezes se faz, mandou dar fogo aos paraos. E arderão todos com quanta pimenta tinhão, do que os soldados ficarão muito magoados, porque perderão ali muyto: & ficarão assaz de descontẽtes de Antonio de saldanha, que despoys que os paraòs arderão se tornou a cidade, onde mandou queymar cinco naos que estauão varadas, & sem a sua gente fazer ali nenhũa presa se tornou a embarcar. E dali se passou á outra banda da enseada, & entrou em çurrate & Reynel que achou despejados. E hi tomou oyto paraòs Malabares que achou varados. E feyto isto se partio pera Chaul sem querer hir dar em Baçaim, como lhe ho gouernador mandara, & a causa foy porque ho escorreo de noyte, & por não tornar a tras, & mays porque soube que estaua muyto forte. E chegando a Chaul deyxou quasi toda a armada a Diogo da silueyra, que assi ho mandara ho gouernador, pera fazer guerra á costa de Cambaya, & tolher que não fossẽ dela mantimentos a Diu nem madeyra, porque desta maneyra lhe daria tanta guerra que com aperto se desse. E deyxando a armada em Chaul se foy na galé bastarda a Goa, & deu conta ao gouernador do que fizera.

CAPITVLO XXXVI.

De como Iorge de lima socedeo na capitania a dom Antonio da silueyra.

Dom Antonio da silueyra que foy ao cabo de goardafum por capitão mór da armada chegado á parajem em que auia desperar as naos de presa, repartio sua armada no modo que auia destar: & andarão assi ate quasi a fim Dabril sem passarem nenhũas naos de presa, & por se chegar ho inuerno partiose pera Adem. E no ca-

minho soube que el rey se leuantara contra os Portugueses, & matara quantos la deyxara Eytor da silveyra, & outros que despoys forão com mercadorias, em que tomou bem oytẽta mil pardaos. E affirmouse q̃ a causa desta treyção del Rey Dadem foy cobiça de hũa nao carregada de pimenta que hũs Portugueses lá leuarão que ele mandou tomar, & despoys tomou ho mays que digo, & com tudo dõ Antonio chegou a Adẽ. E chegando fugirão do porto certas naos que hi estauão, & a ele tirarãolhe ás bombardadas: & vendo dom Antonio que não podia fazer nada por quam pequena armada leuaua, partiose pera Ormuz onde auia de inuernar & hi faleceo: & por seu falecimento foy emlegido por capitão mór daquela armada, Iorge de lima. E ele deu a capitania do seu nauio a dom Ioão lobo, & em Agosto se partio Iorge de lima pera a India. E no caminho tomou dous nauios de mouros: & no dinheyro que se fez na carrega q̃ leuauão vierão a el Rey cincoenta mil pardaos pagas as partes.

CAPITVLO XXXVII.

De como Gonçalo pereyra fez amizade com el Rey de Tidore.

Partido dom Iorge de meneses de Ternate, entendeo Gonçalo pereyra em acabar a fortaleza que ainda estaua da maneyra q̃ Antonio de brito a deyxara: que nenhũ destes capitães se lẽbrou de acabar aq̃la obra. E como Gõçalo pereyra pera isso tinha necessidade de madeyra, & outras cousas que auia na ilha de Tidore mãdou pedir tudo ao rey dela por ser amigo dos Portugueses, & mandou a isso Luys dandrade, por quem lhe mãdou hum presente de sedas, & outras cousas de preço. E Luys dandrade hia com nome dembaixador, & assi leuaua ho aparato, com que desembarcou em Tidore. E sabendo el Rey quem ele era: & os carregos

que tinha lhe mandou fazer solẽne recebimento: & os seus principaeis mandarins com muyta gente ho forão esperar ao mar: & em desembarcando ho tomarão antre si, & ho leuarão aos paços del Rey per debayxo de hũa ramada de ramos verdes q̃ duraua do mar ate os paços: & ho chão cuberto de flores: & eruas cheyrosas, & entrados nos paços acharão el Rey ẽ hũa varanda terrea aparamentada de finos panos deras, de figuras, & de verdura: que lhe derão os Castelhanos. E el rey seria de xvij. annos, & era aluo & gẽtil homẽ: estaua vestido muy ricamẽte, & tinha grade magestade & estado, estaua acõpanhado de seus jrmãos, & de muytos mandarins. E como se criara cõ os Castelhanos sabia bem a sua lingoa: & Bizcainha, & Portuguesa: & prezauase muyto de as falar. E quãdo Luys dãdrade chegou diante dele fezlhe muyta honrra: & faloulhe Portugues. E Luys dandrade lhe apresentou ho presente que lhe leuaua com que mostrou, que folgaua muyto, principalmente com hũa espingarda: & despoys lhe preguntou miudamente por el Rey de Portugal: & polo Emperador, & por suas cortes, & despoys polo gouernador da India. E por Gonçalo pereyra, a que respondeo que madeyra: & quanto lhe fosse necessario de sua terra tudo lhe daria, & lho mandaria: & assi ho fez. E ficando muyto amigo de Gonçalo pereyra, a que tambem mandou hum presente, tornouse Luys dandrade pera Ternate. E no caminho se ouuera de perder com hũa toruoada que lhe deu: & despoys disto por Cachil humar Sangaje da cidade de Maquiem estar leuantado por amor das pareas que lhe posera dom Iorge, & não querer dar obediencia a Gonçalo pereyra mandou contrele Vicente dafonseca com hũa armada, & Cachilato com outra, ho que sabido por Cachil humar fugio pera el Rey de Geylolo, & foy lhe tomada sua terra. E despoys por rogo del Rey de Geylolo: & de Fernão dela torre lhe restituyo Gonçalo pereyra seu estado, do que el Rey de Geylolo & Fernão dela torre ficarão seus amigos, & se visitarão dali por diante por seus mesejeyros.

CAPITVLO XXXVIII.

De como a Raynha de Ternate determinou de matar Gonçalo pereyra.

Neste tempo executaua Gonçalo pereyra a prematica do crauo quanto podia, apertando muito que se goardasse do que os Portugueses andauão muy escandalizados polo muyto que nisso perdião: & dizião antre si que se deuião de jr pera os mouros ou pera os Castelhanos, & deyxar sòs Gonçalo pereyra: & Luys dandrade, pera ver se defendião a fortaleza. E os que isto sintião mays, & dauão causa a se os outros aluoroçarem erão ho vigairo da fortaleza que auia nome Fernão lopez: & Afonso pirez, Vicente dafonseca, Baltesar veloso: & Manuel pinto, que como sabião a lingoa da terra, & tinhão amizade com a Raynha & com muytos mouros que tambem recebião perda nesta prematica do crauo, prouocauamnos a parecerlhes mal: & a escandalizarense de Gonçalo pereyra, a que determinarão de tirar a capitania & fazerem outro capitão que lhes alargasse ho crauo, & cometerão pera isso Bras pereyra que sabião que estaua mal com Gonçalo pereyra: & por ho não querer aceytar assentarão de fazerem capitão Vicente dafonseca, que naquele tempo injuriou de palaura ao sobrerolda da fortaleza por dizer da parte de Gõçalo pereyra aos que estauão em sua casa que fossem vigiar a fortaleza porque não querião jr á vigia. E reprendendo Gonçalo pereyra disto a Vicente dafonseca, ele se agastou tanto que lhe disse algũas descortesias. E como Gonçalo pereyra desejaua de ho castigar por saber que era trauesso: & reuoltoso prendeo ho na fortaleza em ferros cõ aquele achaque: ho q̃ sabido polos outros cõjurados pedirão logo a Gõçalo pereyra com grande instancia que ho soltasse & ele não quis, dizendo q̃ ho auia de ter preso pera na moução ho mandar á india com outros

reuoltosos q̃ auia na fortaleza: do que eles ficarão muyto cortados por lhes parecer que entrauão naquele conto: & não quiserão mays falarlhe na soltura de Vicente dafonseca: & determinarão de ho matar antes da moução & antes que Hanibal cernige seu cunhado chegasse de banda. E trabalharão de aquerir de sua parte a Raynha, & Cachilato: & os mays dos mandarins, & tantas cousas & males lhes disserão de Gonçalo pereira: & que não auia de dar el rey. E tanto lhe meterão em cabeça que não desejaua se não destruilos, & que assi ho auia de fazer se lhe não atalhassem com a morte, que eles ho crerão: & menos abastara pera ho crerem por serem desconfiados: & imigos dos christãos. E a fora este odio natural teuerão outro a Gonçalo pereira polo que dele ouuirão. E pera saberem se era assi como eles dizião mandoulhe a Raynha pedir seu filho muy apertadamente, dizendo que lhe lembrasse quantos dias auia que lhe juraua de lho dar & que ho nam cõpria, que se espantaua muyto de não comprir ho que jurara em sua ley. E como ele desejaua dacabar hum baluarte da fortaleza em que andaua com grãde pressa, & a entrega del Rey ho auia destoruar: & tambem não ho querer entregar até a fortaleza não ser de todo çarrada, porque os da terra ho ajudassem como ajudauão, respõdeo á Raynha que ele desejaua tanto de a seruir: & fazerlhe a vontade que sem juramento lhe entregara seu filho quanto mays jurandolho. E pola ocupação em que andaua de que não se queria estoruar não compria coela, pedindolhe muyto que lhe desse licença pera isso: & que ho ajudasse com mays gente pera acabar asinha aq̃la obra: porque quanto mays asinha acabasse, tão mays asinha lhe daria seu filho & faria todo ho mays que lhe mandasse porque pera isso desejaua de ter descanso. Porem a Raynha não foy contente daquela resposta: porque lhe pareceo escusa pera lhe não dar seu filho: & teue por verdade, ho que lhe os Portugueses dizião de Gonçalo pereyra, pelo que determinou de ho

matar & tomar a fortaleza, & despois matar todos os Portugueses. E o que lhe deu atreuimẽto pera isto foy conhecer ho odio que os principaeis & mays antigos Portugueses tinhão ao capitão, & que folgariào de ho ver morto: & por essa causa tinha pera fazer aquilo ho melhor tempo que podia ser. E mays por el Rey estar na fortaleza: & coele seus hirmãos, & algũs filhos dos mandarins: & hia ho gouernador visitalo muytas vezes. E quasi q̃ nũca de lá sayão mandarins mancebos que hião folgar coele, a quem polos terem muyto em costume não buscauão se leuauão armas, pelo que as podião leuar secretas: & quando não leuarlhashião os que leuauão de comer a el Rey, nas canas em que leuauão ho vinho: & a agoa. E nisto se acabou de determinar, com conselho dos seus mandarins com que ho logo praticou.

CAPITVLO XXXIX.

De como foy morto Gonçalo pereira. E os mouros que ho matarão.

Isto determinado a raynha por dissimular com Gonçalo pereira se mostrou muyto satisfeita com a sua reposta, & mandoulha muyto agardecer. E pera mais dissimulação mãdoulhe muyta gẽte que ho ajudasse a fazer a fortaleza, porque quanto acabasse mais cedo mais asinha lhe daria seu filho: do que Gõçalo pereyra ficou muyto ledo, & andaua muy contente, fazendo continuamente trabalhar na fortaleza. E neste tempo Cachil Catabrum gouernador de Geylolo, que era metido na treyção que a Raynha de Ternate auia de fazer a Gonçalo pereira, vendo que tardaua de se executar, receouse que se rompesse, & que Gonçalo pereira lhe ficasse por ĩmigo. E determinando de lho descobrir, temia tambẽ que ho não soubesse ainda: & descobrindose q̃ Gõçalo pereira ho soubera por ele q̃ a Raynha & os de seu cõselho ficariã seus ĩmigos. E pera não perder nisto nada quis

apalpar o que Gonçalo pereira sabia daquela treição. Mandando a hum Mandarim em q̃ confiaua muyto que lhe fosse dizer em segredo como de si mesmo, que olhasse como estaua, porque os Mandarins de Ternate fazião muytos conselhos, & segundo lhe parecia erã cõtra sua vida, & contra aquela fortaleza. E isto pera que assi como Gonçalo pereira tomasse aquilo, assi saberia se lhe descobriria a treyção, ou se calaria. E Gonçalo pereyra como estaua muyto crente na amizade da Raynha & dos do seu conselho, & pouco acautelado da maldade dos Portugueses seus imigos: pareceolhe quando lhe ho Mãdarim disse o que lhe Cachil catabrũ mandou que lhe dissesse, que era mexirico, & que procedia denueja de os Ternates ho ajudarem tambem a fazer a fortaleza. Respondeolhe que ja era velho, & não tinha necessidade de conselho. Ho Mandarim quando vio quão descuydado Gonçalo pereyra estaua da treyção, temeose que ho descobrisse aos Ternates, que ho matarião por isso, & acolheose pera Geilolo, onde contou a Cachil catabrum o que achara, do que ele ficou assesegado da sospeita que tinha. E a fora este auiso em que Gonçalo pereira não atentou, disseranlhe algũs Portugueses que os mouros que ajudauão na fortaleza andauão mays ledos que dantes, & que dauão muytos saltos, & fazião geitos como fazião quando andauão na guerra, E que os tomauão polas mãos, & pegauão neles dizendo carachel mandi, que em sua lingoa quer dizer homẽ valente & esforçado: & que lhe parecia aquilo sinal de terem ordenada algũa treição. E nem por isto atentou Gonçalo pereira. E sendo ja chegado ho dia em que os mouros tinhão entre si determinado de ho matar, que foy aos dez & sete de Mayo, vespera de Penthicoste, ordenarão como auia de ser. E deitando sortes sobre quem seria o que matasse Gonçalo pereira, cahio a sorte sobre hum primo de Cachil daroes, que auia nome Cachil cabalou ainda mancebo, & sobre outros dez da sua idade que ho auião dajudar. E pera que

os Portugueses não suspeitassem dele nada, auião de jr com Cachilato que era feitura de Gonçalo pereira: & que lhe hia falar a qualquer hora, por ter coele estreita amizade. E poserão logo aquele dia pola menhaã muyta gente em tres ciladas, hũa ao derredor da pouoação dos Portugueses em matos tam cerrados que a cercão, que nunca ali ninguẽ vay, & porisso não podião ser vistos. E a segunda estaua por essas casas da cidade, & a terceira na mizquita, que estaua pegada com a fortaleza. E os mouros desta em vendo hũ certo sinal que fizessem na fortaleza os que matassem Gonçalo pereira auião de sayr, & entrar nela pela bada do mar, por onde ho muro ainda estaua baixo: & auião de repicar ho sino da vigia pera que acodissem os Portugueses que esteuessem fora: & em sayndo auião de sayr os mouros das duas ciladas a darlhes nas costas, & matalos a todos. E este dia andarão os mouros tam contentes pelo que esperauão de fazer, que vindo ho meyo dia em que hião comer & tomar folga, dizião a Gonçalo pereira que fosse comer & repousar, & que eles trabalharião ate noite. E assi lhe disserão algũs Portugueses que lhe parecião muyto mal aqueles offrecimentos dos mouros, mas nem aquilo ho pode espertar. E mandou aos mouros q̃ fossem comer & repousar ate as tres horas que passaua a calma, & então tornarião como costumauão. E idos ele se recolheo na fortaleza com os Portugueses q̃ comião coele, & despois de comerem se forão repousar a suas pousadas, que estauão fora da fortaleza. E ho capitão Gonçalo pereira ficou com seus criados, & algũs outros que pousauão dentro, & cada hum se recolheo á sua camara a dormir. E sabendo Cachilato isto foise á fortaleza com Cachil cabalou, & os outros deputados, pera matarem Gonçalo pereira, & batendo á porta da fortaleza que estaua fechada, como estaua sempre a aq̃las horas, abrio ho porteiro conhecendo ser Cachilato, que por jr outras muytas vezes a este tempo falar a Gonçalo pereira, ho deixou entrar: & ate ho page que lhe leua-

ua a espada, sem buscar se leuaua armas, nem a nenhũ dos outros, tam em costume os tinha. E Cachilato hia tam seguro, que nem mudou cor, nem fez nenhũ geito, em que se entendese ao q̃ hia. E sobindo ate ho derradeiro sobrado da torre da menajem, onde pousaua el rey & seus hirmãos, achou Vicente dafonseca, que como disse auia dias que estaua preso, & andaua com hũs grilhões: & porque Cachilato, & Cachil cabalou erão seus amigos, & sabia a lingoa, assentaranse sobre hũ catle a falar coele, dando a entender que esperauão por Gonçalo pereira pera lhe falarem. E se ele então sayra sem duuida que a fortaleza fora tomada, & forão mórtos todos os Portugueses. Mas nosso senhor os quis goardar, pera em aquelas partes se conuerterem tatas almas á sua sancta fé, como se despois conuerterão. E nesta conjunção hia pera a cidade hũ Portugues chamado Manuel aluarez dalcunha ho saboeiro. E passando por jũto da mizquita, vio a gente darmas que hi estaua: & como lhe pareceo cousa noua, fez volta pera a fortaleza. E receando os mouros q̃ fossem descubertos por ele sairão algũs ao matar, & matarãno, & andãdo coele ás cutiladas vioos hũa escraua branca de Gonçalo pereira, que acertou de chegar a hũa janela da camara em que ele dormia a sesta, q̃ estaua daquela banda: & começou de bradar dizẽdo q̃ matauão os mouros hũ Portugues. Ao q̃ Gonçalo pereira acordou, & acodio logo á janela bradãdo q̃ acodissem ao Portugues, & tomãdo hũa adarga, & a espada abrio a porta da camara pera sair fora, & vio estar á porta Cachilato & Cachil cabalou, & os outros cõ seus crises arrancados pera ho ferirem. E na casa mais afastados el rey: & seus hirmãos tambẽ cõ armas, & logo arrancou da espada, & se pos á porta a defenderlhe a entrada muy esforçadamẽte, q̃ ho não podião entrar: & mays não tendo cõ que ho picar de longe como ele fazia. E despoys cõtaua el Rey q̃ Vicẽte dafonseca que hi estaua atiçaua muyto os mouros que matassem Gonçalo pereira, & que não se cha-

massem homẽs se sendo tantos não matassem hum só, & os mouros vendo que ho não podião entrar pola porta, entrarão hũs por cima do repartimento da camara que era baixo: & outros quebrauão ho repartimento q̃ era de canas com barro por cima. E como erão tantos & Gonçalo pereira só não pode acodir a tantos lugares, foy entrado & ferido na mão da espada, & de duas mortaes feridas nos peytos com que cahio. E nisto a sua escraua não fazia se não bradar: & a estes brados & á reuolta que os mouros fazião acodirão os criados de Gõçalo pereira com suas armas, & hũ deles que auia nome Dinis daraujo que hia diãte deu com hũa chuça a Cachil cabalou que achou primeyro & passou ho dà outra banda, & assi ferido ho ferio a ele, de maneyra que cairão ambos mórtos á porta da camara, & logo Bastião fernandez: & outros criados de Gonçalo pereira que vinhão a pos Dinis daraujo se meterão com os mouros as cutiladas: & isto tudo foy tão breuemente feito que os mouros não teuerão tempo de fazerem ho sinal que auião de fazer aos da mezquita: pelo que eles não sairão, que foy causa dos mais que estauão na fortaleza serem mórtos, & a reuolta era muy grande dẽtro, porque os mouros se defendião como homẽs desesperados, & posto que nã tinhão se não crises dauão que fazer aos Portugueses. E então acodio Vicente dafonseca a hũa janela que cahia pera fora da fortaleza acenando com a mão, & bradando treição, & repicarão ho sino da vigia, a que logo acodio Luys dandrade que pousaua fora da fortaleza & coele forão dez homẽs, todos com as armas que poderão tomar, & batendo à porta da fortaleza, que ainda estaua fechada lha foy abrir hũ Ieronimo Fernandez criado de Gonçalo pereira. E chegado Luys dandrade onde era a peleja vio Cachilato cõ hũa espada nua na mão, assentado no catle com Vicente dafonseca, & os Portugueses pelejando com os mouros: a que Luys dandrade remeteo com os que hião coele, & como eles virão tantos sobre si desesperados de se poderẽ defender

hũs derão consigo polas janelas fora que cayão sobre ho patio da fortaleza, & fugirão polo muro que estaua muyto baixo da banda do mâr. Outros q̃ não poderão mais acolherãse á camara, onde el rey já estaua com seus jrmãos, a q̃ logo se acolheo em os Portugueses começando dacodir, porque não cuydassem q̃ sabia parte daquela treição. E os que digo q̃ entrarão na camara em que el rey estaua fecharão a porta sobre si, que logo Luys dàdrade q̃brou, & matou ho primeiro mouro que lhe sahio ao encontro. E cõ ajuda de Gomez ayres, & outros muytos q̃ já erão chegados entrou com os mouros & os acabou de matar, saluo a el rey & tres jrmãos seus, & Cachilato pera saber por eles como fora a morte de Gonçalo pereyra, & os tér por arrefeẽs, que por amor deles não fizessem os mouros guerra á fortaleza: de que logo tomou as chaues & se ouue por apossado dela, por lhe dizerem que quando Gonçalo pereira espirou preguntou por ele: & disse q̃ lhe dissessem q̃ olhasse por aquela fortaleza.

CAPITVLO XL.

De como Vicente dafonseca foy leuantado por capitão da fortaleza de Ternate.

Segura a fortaleza dos mouros, q̃ andauão no derradeiro sobrado da torre da menajẽ, deceo Luys dandrade abaixo pera acodir á pouoação dos Portugueses, a que os mouros das ciladas punhão ho fogo, vendo que não poderão tomar a fortaleza. E no primeiro sobrado da torre achou Bras pereira, que hia acodir acima muyto de pressa, cuydãdo que hia a tempo. E luys dandrade lhe disse que fossem acodir abaixo, que tudo encima ficaua seguro. E Bras pereira respondeo q̃ fosse ele, porque queria ficar na fortaleza como capitão que era. & Luys dandrade lãçou mão dele, dizẽdo que esteuesse preso. Mas logo se concertarã que se louuassem & a

qual deles julgassem a capitania, que a esse ficasse, & decerão logo abaixo. E como ja os portugueses estauão á porta da fortaleza, mandou Luys dandrade acodir á pouoação, onde os mouros tinhão feita muyta perda. Porem forão todos deitados fora pelos Portugueses, & algũs ficarão mortos. E deitados os mouros fora vigiaranse toda a noite. E como Fernão lopez ho vigairo da fortaleza, & Afõso pirez, Baltesar veloso, & Manuel pinto, & outros ĩmigos de Gõçalo pereira & de Luys dandrade, & amigos de Vicente dafonseca soubessem que ao outro dia se auia de determinar a deferẽça que auia antre Bras pereira & Luys dãdrade qual seria capitão: determinarão estes que nenhũ deles ho fosse, se não Vicente dafonseca, como tinhão ordenado auia dias, porque a estoutros dous querião lhe grãde mal a hum por ser parente de Gonçalo pereira, a que ainda tinhã mortal odio pelos terços do crauo que tomou pera el Rey, & polo regimento que mandaua goardar, & ao outro por ser seu amigo & quebrar os achens, & por se doer muyto do seruiço del Rey. E tinhão por certo que qualquer deles auia de leuar ho estilo de Gonçalo pereira. E mais auião de tirar deuassa de sua morte, o que lhes seria muyto perjudicial por eles darem motiuo aos mouros pera ho matarem. & principalmente Vicẽte dafonseca, de que el rey Cachil dayalo dezia, que se ele não fora que atiçaua os mouros q̃ matassem Gonçalo pereira, que nunca ho matarão. E por isto, & porq̃ sabião q̃ auião de ter Vicente Dafonseca de sua mão, & não os outros, não querião que nenhũ deles fosse capitão se não ele. E toda a noite negociarã como ho fosse, principalmẽte ho vigairo Fernã lopez, que por sacerdote & religioso ho podia fazer mais sem vergonha. Porque como era padre spiritual de todos, cuydauão que o q̃ ele dizia era verdade & aquilo se deuia fazer. E logo ao outro dia, q̃ forão dezoito de Mayo, dia do Spirito sancto, de M.D. xxxj. se ajũtarão todos á porta da fortaleza da bãda de fora: & Bras pereira capitão mór do már, & Luys dãdrade

feytor & alcaide mòr, estando presentes Ayres botelho & Grauiel da costa escriuães da feitoria, derao as cartas de seus officios a Pero de moura ouuidor da fortaleza, pera q̃ determinasse com os que ali estauã de qual deles era a capitania. E despois de debatido por ambos, acordouse q̃ eles jurassem solẽnemente de cada hũ deles estar polo que se achasse por direyto & por regimẽto del Rey de Portugal, & o que ficasse sem a capitania obedecesse ao outro, tam inteyramente como se fora prouido por el Rey, ou polo seu gouernador da India. E este juramẽto lhes foy dado sobre hũa pedra dara á porta da igreja polo vigairo do que foy feito hũ auto por Ayres botelho escriuão da feitoria, que por ser amigo de Vicente dafonseca, & saber a maçada que os de sua parte tinhã feyta, pera que teuesse credito, acrecentou mais nas palauras do juramento que escreueo, que cadahũ deles obedeceria por capitão a outra qualq̃r pessoa que fosse enlegida por capitão: o que Bras pereira assinou sem ho lér. Mas Luys dandrade não quis assinar sem ho lér primeiro. E quando vio o que Ayres botelho acrecentou não quis assinar, porque cõ ninguẽ tinha duuida, senão com Bras pereira: & com os outros claro estaua que a ninguẽ pertencia a capitania senão a ele q̃ era alcaide mór da fortaleza. E pedindo a pena escreueo por sua mão, que não consintia em ser outro nenhũ elegido por capitão, senão ele ou Bras pereira que contendia coele: & isto assinou. Feyto este auto meteose ho ouuidor na fortaleza com os outros todos, & fechando as portas sobre si, pera lá determinarem se era a capitania de Luys dãdrade, ou de Bras pereira q̃ ficarã de fora. E metidos dentro começa ho vigairo dẽburulhar tudo, dizendo a todos q̃ vissem bem o que fazião, & não dessem suas vozes a Luys dandrade pera ser capitão, porque era de condição muyto forte, & îmigo dos homẽs, & que não queria ho proueito de ninguẽ se não ho seu. E q̃ Vicẽte dafonseca era muito bõ homẽ, & amigo de todos, & q̃ todos ho conhecião de mui-

to tempo: & que lhes deixaria fazer seu proueito & os teria em paz. E fez de maneira que auendose de votar ou por Luys dandrade, ou Bras pereira, meterão em lugar de Bras pereira Vicente dafonseca. E hùs votarão por ele, & outros por Luys dandrade: sem aproueitar ao ouuidor dizer que não auia aquilo de ser assi feito. E vendo ho vigairo q̃ por Vicente dafonseca não votauão se não os de sua parcialidade, temeose que acabando todos de votar Luys dandrade teuesse mays votos q̃ Vicente dafonseca, não quis esperar ate ho cabo: & coesses q̃ tinha, abrirao a porta da fortaleza cõ grande arroydo de trôbetas: & de vozes com que dizião viua viua ho capitão Vicente dafonseca: & os que ainda não tinhão votado, sairao de volta coeles, dando tambem as mesmas vozes, sem aproueytar ao ouuidor dizer q̃ aquilo não valia nada: & ho mesmo dizia a Luys dandrade, & bradaua que lhe não roubassem sua justiça: E que não podião enleger por capitão se não a ele que era alcaide mór, & el Rey lhe daua a capitania per mórte do capitão, em quâto não prouesse doutro. E sabendo isto Gonçalo pereyra lhe entregára a fortaleza quando morrera: & que ele logo não consentia q̃ enlegessem por capitão se não a ele ou a Bras pereira, & auia por nenhũa a eleição q̃ era feita, pedindo ao ouuidor q̃ de tudo lhe desse hum estormento pera ho gouernador da India, requerendolhe que prendesse Vicente dafonseca q̃ não podia ser capitão porque matara Gonçalo pereyra: mas tudo isto não aproueytaua, porque Vicente dafonseca tinha tâtos por si q̃ ho ouuidor não se atreuia coele. E assi ficou Luys dandrade sem remedio, & Bras pereyra tabem que de ver tão mal encaminhado ho feyto de Luys dandrade não falaua no seu. E Vicente dafonseca se foy a comer leuando consigo quasi toda a gente a q̃ deu de comer, & ainda quãdo jantauão, despoys de bem quentes do vinho muytos derão seus votos a Vicẽte dafonseca pera ser capitão. E com tudo ainda Luys dandrade tinha quasi tantos votos como ele. E a-

cabando ele de comer pedio a Luys dandrade as chaues da fortaleza pera ficar de todo capitão, & não lhas q̃rendo dar nẽ obedecelo por capitão, mãdou Vicente dafonseca ao ouuidor q̃ lhe tomasse as chaues, & ele respondeo que ho nao auia de fazer porq̃ Luys dandrade era capitão por dereyto, & ele ho amostraria por regimento delRey, req̃rendo que lhe desse hum estormento do q̃ dizia pera q̃ el Rey de Portugal soubesse que não tinha culpa no que aly passaua, & que não podia fazer mays do que fazia. E Vicente dafonseca fazendo q̃ não atentaua no que ho ouuidor dizia, mãdou a Grauiel da costa que tomasse as chaues a Luys dandrade. q̃ tão pouco ho quis fazer, nem menos bolião consigo nhũ da parcialidade de Vicente dafonseca, porque muytos se começauão darrepender do que tinhão feyto. O q̃ entendendo Fernão lopez ho vigairo, porq̃ não se trastornasse ho que tinha feyto, remeteo a tomar as chaues a Luys dãdrade. E logo acodirão ao ajudar Ayres botelho escriuã da feytoria & hũ Pero Iorge, & por força lhe tomarão as chaues bradando ele, que lhe roubauão sua justiça, mas como ela ali não era se não de quẽ mais podia ficou sem ela, porq̃ podia pouco, que ate ho ouuidor nã ousaua de bolir consigo cõ medo de ho matarem tão danados via andar os da liga de Vicente dafonseca: q̃ como desejaua a morte de Gõçalo pereira: & a precurou, & foy causa dela nũca fez sobrela nhũa diligencia. E dissimulou coela como homẽ q̃ folgaua. E bẽ pareceo ser assi, porq̃ tendo preso Cachilato que fora ho principal menistro daq̃la morte, ho q̃ ele vio por seus olhos, nunca lhe deu nhũ castigo: nẽ pera mostrar que q̃ria castigar tão brauo crime como aq̃le ho quis meter a tormẽto pera lhe fazer cõfessar como aquela morte fora ordenada.

CAPITVLO XLI.

Do q̃ fez Vicẽte dafonseca despoys de ser capitão.

Sabido pola Raynha q̃ sua treyção não ouuera efeyto, ainda q̃ lhe disso pesou muyto, cõsolouse sabẽdo q̃ Vicẽte dafonseca ficaua por capitão, porq̃ este lhe daria logo el Rey seu filho, como lhe tinha prometido Afonso pirez. E pera estar nisso mays segura mãdou logo recado ás ilhas de Moutel & Maquiẽ, q̃ lhe prẽdessẽ os Portugueses q̃ lá esteuessem. E quando chegou seu recado se sabia ja a morte de Gonçalo pereyra: pelo q̃ os mouros se leuantarão contra os Portugueses q̃ lá andauão fazẽdo crauo, & matarão logo Pero fernãdez, aquele q̃ vntou cõ toucinho ho rosto a Cachil vaidua, & outros algũs: & despoys de chegar ho recado da Raynha não matarão mays, & prenderão os outros, & presos lhos leuarão: & despoys de os ter, mandou dizer hũ deles a Vicẽte dafonseca que folgaua muyto de ele ser capitã daq̃la fortaleza, por saber q̃ era seu amigo & dos mouros, & ela & eles ho conhecerẽ de muyto tempo: que lhe lẽbrasse o q̃ lhe Afonso pirez prometera ẽ seu nome, que se ele fosse capitão q̃ logo lhe entregaria el Rey seu filho: pedindolhe muyto que poys ho era q̃ lho entregasse: & que ele lhe seria por isso em muita obrigação & lhe faria todas as amizades q̃ podesse. Vicẽte dafõseca se cõselhou cõ Afõso pirez sobre ho que responderia a este recado: & como ele perdera setẽta bares de crauo q̃ lhe arderão, & mais hũ dos Portugueses q̃ estauão em poder da Raynha era seu filho, cõselhoulhe q̃ respondesse á raynha que lhe desse ela primeyro os Portugueses que lá tinha, & que pagasse aos outros a perda q̃ receberão dos mouros quando foy a morte de Gonçalo pereyra, & q̃ ele lhe daria el Rey. E como a Raynha tinha por muyto certo darlhe Vicẽte dafonseca seu filho tanto que fosse capitão, & naq̃la reposta ho a-

chasse tão desuiado disso, pareceolhe q̃ se queria escusar de lho nào dar. E pera o mouer a q̃ lho desse soltou a Francisco pirez filho de Afonso pirez, & mandoulhe q̃ se fosse pera a fortaleza, & rogoulhe q̃ disesse a Vicẽte dafonseca, que doutra maneyra esperaua ela q̃ ele comprisse sua palaura. E q̃ mais conta fizera de sua amizade do q̃ achaua que diuera de fazer, & q̃ mais cõfiara nele do q̃ ele confiaua dela: porq̃ ainda que lhe dera seu filho sem nhũa condiçã, que ela fizera despoys quanto ele mandara, & que bem ho sabia ele: por isso q̃ erão escusadas cõdições pera lhe dar seu filho, quãto mais q̃ ainda q̃ lho dera liurem̃ente, lá lhe ficauão em arrefẽs tres hirmàos seus, & Cachilato gouernador do Reyno, & pessoa muy principal nele, que valiào mays que quantas perdas os Portugueses podiào ter recebido: & porem q̃ lhe parecia q̃ todo o que dizia era por escusar de lhe dar seu filho, que se lho nà quisesse dar, que não lhe mandasse mays nhũ recado. E porque sabia que el Rey de Bachào estaua na fortaleza mandoulhe pedir q̃ rogasse a Vicẽte dafõseca que lhe desse seu filho. E este rey de Bachào como era muyto leal amigo del Rey de Portugal, na ora que soube a morte de Gonçalo pereyra, acodio cõ sua gente á fortaleza pera valer aos Portugueses se teuessem disso necessidade, que ficarão muyto ledos coele. E Vicẽte dafonseca por mays azedume que ho recado da Raynha trazia no cabo não lhe quis mandar seu filho, porq̃ nào falaua em cõprir as cõdições com que lho ele queria dar, nẽ lhe quis mandar recado, porq̃ a Raynha dizia q̃ lho não mandasse sem seu filho. E vendo a raynha q̃ lho não mandaua, por fazer mal a Vicente dafonseca & aos Portugueses foyse da cidade cõ os Mandarĩs: & mandou q̃ não se vendessem nhũs mãtimentos: & mandouse queyxar de Vicẽte dafonseca a el rey de Tidore seu sobrinho, de lhe não querer dar seu filho como lhe tinha prometido, & como sabia q̃ lho prometera Gonçalo pereyra: rogandolhe que lhe empecesse em tudo ho q̃ podesse. E nisto

chegou a Ternate ho nauio ẽ que fora Hanibal cernije a Banda: & hia por capitão dele hũ Dinis de payua, por Hanibal cernije não querer tornar a Maluco & se yr pera Malaca. E como Vicẽte dafòseca estaua necessitado de gẽte, munições de guerra, & de mantimẽtos, determinou de mãdar logo este nauio pola via de Borneo a pedir ao capitão de Malaca estas cousas & deu a capitania dele a hũ Manuel das naues criado del rey dõ Ioão de Portugal por ter hũ aluara seu pera lhe darẽ a capitania de hũ nauio: & despoys de lha ter dada a deu a Bras pereyra que lha pedio por ser capitão mór do mar, & tambẽ lha tirou, & a deu a Luys dãdrade, q̃ agastado da sem justiça q̃ lhe fora feyta se q̃ria jr pera a India, & por isso pedio aq̃la yda, & Vicẽte da fonseca lha deu cõ cõs lho de seus amigos, por recearẽ que tanto q̃ os outros nauios q̃ esperauão de Banda chegassem, aueria amotinação na gẽte & farião capitão Luys dandrade, segũdo tinhão entendido. E partido Luys dandrade hia tam triste pelo q̃ lhe fez Vicente dafonseca, q̃ hũ dia esteue pera se deytar no mar se ho não teuerão, & despoys ho ouuerão de matar ẽ hũa ilha, & tambẽ em Borneo sobre hũas deferenças q̃ teue cõ a gẽte do nauio, & dali foy ter a Malaca, & deu cõta a Garcia de sa do q̃ era feyto: peloq̃ ele não quis mandar socorro a Vicẽte dafonseca q̃ ouue por tredoro. E dali se foy Luys dandrade á India, & contou a Nuno da cunha a morte de Gõçalo pereyra, & ho q̃ lhe fizera Vicẽte dafonseca, aqueixãdose dele, mas não se fez sobrisso nada, nẽ Vicente dafonseca foy castigado.

CAPITVLO XLII.

De como Vicẽte da fonseca soltou el rey de Ternate.

Com a yda da raynha da cidade, & não se venderẽ os mantimẽtos, ficarão os Portugueses ẽ grande necessidade, do q̃ Vicẽte dafõseca ficou muyto agastado & sem esperança de remedio, porq̃ algũ que esperaua, era em hũ jungo q̃ sabia q̃ auia de vir de Banda cõ roupa & mantimẽtos, em que vinha por capitão hũ Frãcisco de sá: que sabendo como Gõçalo pereyra era morto & da maneira q̃ fora, pareceolhe que Vicente dafonseca estaua leuantado, & não quis jr á fortaleza temendo que lhe tomasse ho jũgo & quanto leuaua, & por isso se foy a Tidore pera vẽder a fazẽda q̃ leuaua, & fazer seu emprego. E surto no porto de Tidore, el Rey por rogo da Raynha de Ternate ho prẽdeo, & aquãtos Portugueses yão coele, & lhe tomou quanta fazenda leuaua: & mandãdo desenxarcear ho jũgo ho mãdou meter no fundo, & isto cõ fũdamẽto q̃ por esta presa, & polos Portugueses q̃ a Raynha de Ternate tinha, lhe daria Vicẽte dafonseca el Rey seu filho, & assi lho mandou dizer a raynha. E parecẽdolhe a ele q̃ aquilo era fero, fezlhe outro mayor & mandou logo perante ho messageiro prender el rey de Ternate & metelo ẽ hũ sotão, & assi seus jrmãos, & prendeo em ferros os filhos dos Mandarins q̃ estauão coeles & as molheres q̃ ho seruião, dizendolhe que dissesse a Raynha que se el rey de Tidore lhe não mandasse logo ho jũgo, que seu filho & os outros ho pagariã. E ho jungo não foy restituydo, não soube porque causa: & a Raynha mãdou pedir a el Rey de Geylolo, q̃ não desse mantimentos a Vicente dafonseca ate lhe não dar seu filho poys lho tinha prometido, & que trabalhasse polo cõcertar coele, que ela faria o q̃ lhe bem parecesse, porque não queria guerra com os Portugueses, se não auer seu filho & casalo pera ter

herdeyro, o que não podia ser estando preso. E estando este embayxador da Raynha em Geylolo, chegou Bras pereyra em hũa galeota, q̃ apertado Vicẽte dafonseca da necessidade dos mãtimẽtos mãdaua por ele pedir a el Rey q̃ lhos mãdasse vẽder offrecẽdolhe por isso amizade & ajuda cõtra seus immigos, & escreuia a Fernão dela torre a necessidade ẽ que estaua: pedindolhe p lo amor de Deos q̃ ho ajudasse cõ el Rey, pera que lhe mandasse vender os mantimentos. E ouuidas por el rey ãbas as embayxadas cõ conselho de Cachil catabruno, & de Fernão dela torre & doutros Castelhanos, respondeo á Raynha q̃ faria cõ Vicẽte dafonseca q̃ lhe desse seu filho, cõ tanto q̃ fizesse ho q̃ lhe pedia, & mandou mantimentos a Vicẽte dafonseca, & pedindolhe muyto q̃ desse el Rey de Ternate a sua mãy, & que ela se obrigaua a pagarlhe todas as perdas q̃ os Portugueses receberão quando matarão Gonçalo pereyra, & lhe daria os Portugueses que tinha catiuos & ho jungo q̃ estaua em Tidore, do q̃ el Rey de Geylolo & Fernão dela torre ficauão por fiadores, & querendo fazer aquilo por amor deles, lhe serião sempre em grande obrigação. E visto por Vicẽte dafonseca a necessidade grandissima q̃ tinha de mantimentos, & que os não podia auer foy cõtente com conselho dos Portugueses de fazer o que lhe el Rey de Geylolo & Fernão dela torre rogauão, cõ tanto q̃ lhe auião de dar arrefẽs ate a Raynha cõprir ho que dizia, & assi lho mãdou dizer per Bras pereyra, que foy em hũa Galeota q̃ el rey de Geylolo lhe mandou carregar de mantimentos, & lhe deu ẽ arrefẽs quatro Mandarins dos principais de Ternate, q̃ lhe a Raynha mandou pera isso, & assi lhe mandou muytos barcos carregados de mantimentos. E el Rey de Tidore como isto soube soltou logo Francisco de sá & os outros pera os mãdar, & eles não esperarão por isso & fugirão, & el rey lhes mandou ho seu fato. E despoys disto se ajuntarão na vila de Limatao onde a raynha estaua, Fernão dela torre, & ho gouernador de Geylolo: & hi foy ter

coeles Vicente dafonseca, leuãdo el rey Cachil dayalo, q̃ entregou a sua mãy despois de jurarẽ que compririã o q̃ estaua assentado. E logo os Portugueses forão entregues a Vicente dafonseca, & polas perdas recebidas ficarão os arrefẽs que disse ate serem pagas. E assi foy solto el rey de Ternate cõ grãde festa, ficãdo muyto amigo de Vicẽte dafonseca, & dos outros Portugueses, a q̃ pagarão logo as perdas q̃ receberão quãdo matarão Gonçalo pereyra. E desta maneyra ficou Vicente da fonseca em paz cõ os mouros, & a terra ficou outra vez assẽtada como a tinha Gonçalo pereyra.

CAPITVLO XLIII.

De como ho gouernador começou a fortaleza de Chale.

Vendo ho gouernador q̃ não podera tomar Diu, determinou de emendar este auesso cõ fazer hũa fortaleza ẽ Chale duas legoas de Calicut, q̃ tẽ hũ rio tão alcãtilado, como disse no liuro Sexto, q̃ podião entrar nele carauelas & galés, & auẽdo ali fortaleza podia inuernar a nossa armada, & andar pola costa ate Mayo: & sairia logo na entrada de Setẽbro, no q̃ se daria muyto estoruo ás naos dos mouros yrem cõ pimẽta a Meca, & nã se ordenaria cousa algũa contra os Portugueses q̃ se logo não soubesse em Chale, & coesta fortaleza ficauão os mouros de Calicut muyto enfreados, & não podião nauegar como dantes. E vendo ho gouernador quãto isto importaua ao seruiço del rey seu senhor, negoceou em todo aquele inuerno que teue em Goa, que se ouuesse cõsentimẽto del Rey de Chale pera se fazer esta fortaleza, & porq̃ de todo não se pode acabar este negocio, como foy na entrada do verão que ho tempo deu jazigo, despedio Manuel de sousa com hũa armada pera a costa do Malabar, cõ hũa instrução do q̃ auia de fazer no negocio da fortaleza, & q̃ comprasse ho chão a dinheyro, quãdo não podesse ser doutra maneyra. E vẽdose ele cõ

el rey de Chale, prometeolhe mil pardaos douro por consentir q̃ se fizesse a fortaleza ẽ sua terra, & mais q̃ ho gouernador ho fauoreceria contra el rey de Calicut se lhe quisesse fazer guerra. E el rey aceytou os mil pardaos, dizendo que os tomaua pera pagar os palmares q̃ estauão no lugar em q̃ se auia de fazer a fortaleza. O q̃ logo Manuel de sousa escreueo ao gouernador, que se fez prestes pera partir, & andando nisso chegarão a Goa duas naos de Portugal, cujos capitães erão hũ Manuel de brito, & hũ Manuel botelho, q̃ hiao dirigidos pera yrẽ á China: & estes disserão que partira tãbẽ ho Doutor Pero vaz corregedor da corte por capitão de hũa nao q̃ leuaua ho officio de védor da fazẽda da India, porẽ ele não passou & tornou a Portugal. E vẽdo ho gouernador q̃ não yão mays naos, não quis q̃ fossẽ aq̃las á China, & mandou as carregadas pera portugal, & perderãose no caminho. E prestes ho gouernador de sua partida, partiose pera Chale leuãdo consigo parte da armada de remo, foise a Cochim a dar auiamento ás naos q̃ auião de partir pera Portugal: & da volta q̃ tornou se ajũtou cõ Manuel de sousa ẽ Ianeiro de M. D. & xxxij. E viose cõ el rey de Chale, a quẽ deu os mil pardaos por cõsentir q̃ se fizesse a fortaleza como estaua cõcertado. E forao logo cortadas hũas mil palmeiras q̃ ocupauao ho chão onde a fortaleza auia de ser edificada: & feytas algũas estacias dartelharia q̃ defendessẽ os Portugueses se el rey de Calicut viesse cõ sua gẽte (por se presumir q̃ acodiria) forão abertos os alicesses da fortaleza cõ grande festa de todos & tãger das trõbetas & charamelas, & desparar de toda a artelharia. E abertos os alicesses ho gouernador assentou a primeira pedra vestido nũ pelote de veludo & muito loução. & Antonio de saldanha a segũda: & dahi por diãte os outros fidalgos q̃ erao muitos repartidos por quartos que todos trabalhauã com a outra gente como quaes quer pola animarem ao trabalho, & erao sempre os primeiros q̃ trabalhauão. E elrey de Chale ajudaua tãbẽ cõ sua gente. E

ho gouernador mandou primeiramēte fazer ē redōdo os muros da fortaleza em q̃ se pos tanta diligēcia q̃ em xvj. dias forão em altura q̃ se assētou a primeira andayna dartelharia nos baluartes. E cõ quāto foy fama q̃ el rey de Calicut auia de yr estoruar esta obra nũca ousou.

CAPITVLO XLIIII.

De como ho capitão mór Diogo da silueyra destruyo ho lugar de Tana.

Sabēdo ho Xeq̃ de Tana (que Eytor da silueyra fizera tributario a el rey de Portugal) que ho gouernador não podera tomar Diu & q̃ Meliq̃ tocā fazia forte Baçaim, não quis pagar as pareas a Diogo da silueyra quādo lhas mādou pedir: & cõ quāto despois disso ho mādou ameaçar q̃ lhe faria guerra, toda via não quis, parecēdolhe q̃ tinha costas no socorro q̃ lhe podia yr de Baçaim da muyta gēte q̃ hi tinha Meliq̃ tocão. E tendo Diogo da silueyra regimēto do gouernador q̃ na entrada do verão fosse fazer guerra a Cābaya, quis logo começar ē Tana, pera ōde partio no começo Doutubro de trinta & hũ cõ hũa armada de nauios de remo, em que leuaua trezentos homēs de peleja, os mays deles espingardeyros, & ficou por capitão da fortaleza o seu alcaide mór. E de caminho fez muyto grande destruyção pola costa, queymādo lugares, catiuādo & matando gente, & cortando palmares & ortas. E chegado a barra de Taná, mandou sondar ho rio & espiala, & soube q̃ estaua muyto forte por ter diāte hũa tranqueyra entulhada & bē artilhada & ter muyto mao desēbarcadoyro, por ser ho rio baixo & durar a maré pouco, & auião de jr hũ pedaço pola vasa primeyro q̃ desembarcassē, & cõ tudo isto determinou de desembarcar, & assi ho assētou cõ seus capitães q̃ ho mesmo esforço q̃ ele tinha, tinhão pera cometer os mouros q̃ cometerā ao outro dia cõ a maré de pola menhaā, indo nos catures pera q̃ podessē melhor na-

dar. O Xeque que sentio q̃ hiã, os foy esperar na trãqueira cõ toda sua gẽte de peleja, q̃ erão quatro mil de pé, em que auia muytos frecheyros, & quinhẽtos de caualo: & como os Portugueses forão a tiro de berço da tranqueira começou de jugar a sua artelharia, lançàdo grãde soma de pelouros, & os Portugueses passauão por antreles muy sem medo, & querẽdo nosso señor que lhes nào empecessem chegarã ate onde os catures não poderão passar, & ali saltarão na vasa, por onde forão cõ muyto perigo & trabalho aferrar cô a traqueira & acharão algũa defensa nos imigos, de q̃ os traseyros sem verẽ porq̃, começarão de se retirar pera a cidade, & tão rijo como que fossem os nossos a pos eles, & sentindo isto os diãteyros q̃ pelejauão cõ muyto esforço, cuydarão q̃ era aquilo algũa cilada q̃ os Portugueses deytarão, & q̃ os tomauão no meo, de q̃ ouuerão tamanho medo, q̃ se poserão em desbarato & fugirão por mays q̃ lhe ho Xeq̃ bradaua que ho não fizessem. E afroxada a defensa da tranqueyra, sobirão logo os Portugueses polas lãças, outros por õde podião, & dão a pos os imigos q̃ nẽ na cidade se atreuerão a saluar, & fugirão ficãdo muytos mortos & catiuos, & dos nossos não morreo nhũ: & despejado ho lugar foy roubado & q̃ymado. E dãdo Diogo da silueyra muytas graças á nosso sñor pola merce q̃ lhe fizera tornouse a embarcar, & embarcado acabou a agoa de vazar & os catures ficarã em seco, o q̃ deu assaz de fadiga, porque a gẽte da cidade que estaua recolhida hy perto forão sobreles, sabẽdo como estauão & leuarão algũs berços cõ q̃ lhes tirauão & cõ muytas frechadas: & neste trabalho esteuerão ate q̃ tornou a maré, & sem receberẽ nhũ dano, antes os imigos muito da nossa artelharia, se forão polo rio abaixo ate q̃ sairão ao mar.

CAPITVLO XLV.

De como o capitão mór Diogo da silueyra destruyo a vila de Bandora.

Daqui partio Diogo da silueyra pera outra vila mais auãte chamada Bandora, que soube q̃ Meliq̃ Tocã sñor dela tinha muyto fortalecida cõ hũa tranq̃yra da Bãda do rio, & outra q̃ nacia de hũa põta daq̃la & se estendia pera o sertão, ambas de duas faces, & entulhadas, & assestada nelas muita artelharia, & auia cinco mil homẽs de pê, de q̃ muitos erã Rumes & oyto cẽtos de caualo. E estaua este lugar metido, por hũ rio a cima. E chegado Diogo da silueyra á barra pos em pratica a seus capitães & aos principaes da frota se daria naquele lugar, dizendolhe sua fortaleza & a gente que tinha: & todos acordarão que se cometesse, porq̃ quasi tão forte estaua Taná & ajudaraos nosso senhor, & assi aueria por seu seruiço de o fazer entã. E coisto entrarão todos polo rio dentro hũa menhaã, & sabendo os mouros como entrauão quiserão lho defender cõ a artelharia, que de hũa das tranqueiras varejaua bem pelo rio abayxo, & erão os pelouros tão bastos, que fizerão fazer tanta detença aos nossos que quando chegarão perto do lugar era noyte, & por isso não quis Diogo da silueira q̃ desembarcassẽ, & chegouse da banda dalem do rio pera passar ali a noyte, que toda se gastou em bombardadas q̃ se tirarão hũs aos outros a montão sem se fazer nenhũ nojo: & como foy menhaã os mouros acodirã logo á praya a esperar os Portugueses como q̃ auião por injuria esperalos detras das tranqueiras. Diogo da silueyra porque a gente não auia de poder desembarcar se nam nos catures & bateis mandouha passar a eles, & partem pera terra a boga arrãcada passandolhes por cima muytos pelouros dos imigos: & quando abordarão com terra acharãna cuberta de mouros, & diante os Rumes por

mais esforçados, de q̃ os mais erão espingardeiros, q̃ despararão hũa grãde çurriada despingardadas, & os nossos a eles, & ẽ quãto ela desparou saltarão algũs nagoa, & assi Diogo da silueyra cõ a bandeyra, pelejando todos cõ muyto esforço, porq̃ os imigos apertauão quãto podião por lhes estoruar q̃ não tomassem terra, ho q̃ nã poderão fazer, principalmente os Rumes q̃ mais trabalharão nisso, ate perderẽ muitos as vidas ho q̃ vẽdo os outros se retirarão, cõ q̃ os Guzarates q̃ tinhão neles seu esforço ouuerão tamanho medo q̃ se desbaratarão & fugirão, hũs ao lõgo das tranq̃yras, outros polas portas delas caminho do lugar, & sem se deter nele se acolherã: & os nossos os forã matãdo ate despejarẽ o lugar: & durou a peleja hũa grãde ora, ẽ q̃ muytos dos imigos forão catiuos, mortos, & feridos, & dos nossos feridos algũs. E saq̃ado ho lugar foy todo queymado & destruido á vista dos mouros que estauão recolhidos hy perto: & parecia q̃ nosso señor lhes punha medo dos nossos q̃ não ousauão de os cometer vẽdose vencidos en tão pouco tẽpo. E por os nossos estarẽ muyto cãsados & fracos nã quis Diogo da silueyra mandar ẽbarcar a artelharia q̃ estaua nas tranqueyras, & cõtẽtouse cõ destruyr ho lugar, q̃ foy assaz de perda pera os mouros por ser de grande trato: & dali se foy pola costa de Cambaya por õde ãdou toda a parte q̃ ficaua do verão cõ sua armada repartida ẽ esquoadrões de tres & quatro velas, cõ q̃ lhe não escapou nhũ dos nauios q̃ hiã de hũs lugares da costa pera outros cõ suas mercaderias, de q̃ tomou muytos, & outros q̃ymou & meteo no fũdo. E tamanha era a destruyção q̃ fazia q̃ não ousauã nenhũs de sayr dos portos, o q̃ foy causa deste anno auer muyta quebra na rẽda dalfãdega de Diu do q̃ rẽdia os outros annos, & ouue muyto grãde falta de mantimẽtos, & de todas as cousas q̃ hião da outra costa da ẽseada. E não sòmẽte fez Diogo da silueira esta destruição no mar, mas tambẽ na terra, em q̃ queymou muytas pouoações, & nauios q̃ estauão varados, ẽ q̃ catiuou obra de quatro mil

almas & tomou muyta mercadoria, mantimẽtos, & madeyra. E de tudo isto ouue el Rey de Portugal sua parte, porq̃ Diogo da silueyra foy ho primeyro q̃ cõ aprazimẽto dos soldados q̃ leuaua, tirou o custume q̃ auia dãtes q̃ el rey nã ouuesse parte nas presas q̃ se fazião cõ os nauios de remo, & entã as ouue, em q̃ sua fazẽda recebeo muyto proueyto, porq̃ do dinheyro q̃ lhe coube á sua parte pagou quasi todo ho soldo q̃ se deuia aos seus soldados & dos catiuos q̃ tomou se esquipou a mayor parte dos nauios de remo da armada da India, & ouue muyta roupa pera ho trato de Chaul pera çofala, & muyta madeyra, & mantimentos. E quasi na fim do verão se tornou a Chaul onde auia de ter ho inuerno, ficãdo os mouros tão daneficados, q̃ muyto mays ho sentirã do que poderão sentir darse fortaleza em Diu: & de Chaul mãdou Diogo da silueyra ao gouernador q̃ fazia a fortaleza em Chale cẽto & vinte catiuos pera trabalharem nela.

C A P I T V L O XLVI.

De como se leuantou Damião bernaldez & do q̃ fez.

Quando ho gouernador tornou de Diu pera Goa, deu per intercessã de Simão ferreira seu secretario, licẽça a hum Chatim Portugues que auia nome Damião bernaldez pera yr tratar a Bengala em hum seu nauio. E indo de viagẽ tomou na costa de Baleacate muytas Chãpanas de mouros & de gentios amigos del Rey dõ Ioão de Portugal, que nauegauão com seu seguro, & matando com muyta crueza quantos hião nelas as roubou, & feyto muyto mal por esta costa, & deyxãdo a gente muy escandalizada, se foy á de Bengala. E estando na ilha de Negamale foy ter coele hũa galeota de Rumes, em que yrião bem quarenta homens de peleja, de que pelejando coeles matou dezoyto & catiuou vinte dous, & mays tomou a galeota, em que achou muyta riqueza. E nela & em outra que despoys tomou, fez bem feytos

vinte mil cruzados que goardou pera si, sem dar parte aos soldados que lhos ajudarão a tomar: & a galeota com sua artelharia deyxou pera dar ao gouernador, & ho apazigoar se teuesse dele menencoria por se assi aleuantar. E parece que bem ho adiuinhaua, porque estando despoys em Bẽgala na barra do rio de Chetigão onde estauão dezasete nauios de Portugueses, foy dada hũa carta do gouernador da India ao Goazil da cidade de Chetigão, & a Cojeçabadim (ho Mouro em que faley no liuro Septimo) em q̃ lhes rogaua muyto que prendessem Damião bernaldez & quantos hyão coele, & quãdo ho não podessem fazer, os matassem, & lhes queymassem ho nauio com a fazenda, porque andauão aleuantados & tinhão feytos grandes males, cõ que el rey de Portugal era muy deseruido, & que sobristo gastassem ate tres mil pardaos q̃ se obrigaua a pagarlhes. E esta carta escreueo ho gouernador, porque soube os roubos que Damião bernaldez fizera na costa de Baleacate, & esta carta mostrarão ho Goazil & Coje çabadim, a hum Nuno fernandez freyre: & a Nuno lobo criado do gouernador: & sabendo deles que ho sinal da carta era seu, disserão lhes que polo seruirem querião prender Damião bernaldez pois ali estaua, & eles lhes disserão que ho não fizesse porque sabião que Damião bernaldez se queria yr apresentar ao gouernador, & por sinal lhes tinha emprestada a galeota que tomara aos Rumes pera com outros se yrẽ em sua conserua pera a India, & não lha quisera vender comprandolha eles, & escusara se disso, cõ dizer q̃ a goardaua pera amansar coela o gouernador, & q̃ se não determinara de se lhe yr apresẽtar q̃ lhes vẽdera a galeota, por isso q̃ ho não prẽdesse, & mays por não auer morte dos Cristãos q̃ não se escusaua se o quisesse prẽder: & disto q̃ disserão derão cada hũ seu assinado ao Goazil & a Coje çabadĩ, q̃ lhes pedirão pera sua disculpa cõ o gouernador, de não fazerẽ seu rogo, & disto não soube Damião bernaldez nada. E estãdo ali na barra de Chetigão ya de noite a terra & furta-

ua muyta gẽte & matauа os homẽs, & prẽdia os moços debaixo de cuberta. E hũ dia andando na ribeyra hũ mouro honrrado que era capitão da cidade, que na lingoa da terra se chama Gormale, saltou Damião bernaldez em terra supitamente & prendeo ho, & auia tam pouca gente na ribeyra que ho pode prender a seu saluo, & deu coele no nauio deyxando feridos os que lhe quiserão acodir. E logo como isto se soube na cidade forão presos dezaseys Portugueses que estauão nela & tomarãlhes suas fazendas, & assi derão rebate em hũa feyra que se fazia dahy a duas legoas pera prenderem outros que la andauão: & estes sintindo ho que lhes querião fazer fugirão pera ho mar & saluaranse nos nauios. Os mouros porque Gormale era pessoa muy principal desejauão de ho cobrar, & por isso mãdarão dizer a Damião bernaldez que lho desse & que lhe darião os Portugueses: & ele não quis polo grande resgate que esperaua por ele. E os mouros leuarã então os Portugueses á praya, de q̃ Damiã bernaldes estaua tão perto q̃ os podia ver & ouuir & despindo os nuus começarã de os açoutar muy cruelmẽte, pera q̃ auẽdo Damiã bernaldez piedade deles desse Gormale. Mas ele era tã cruel & amigo do dinheiro q̃ esperaua por Gormale, que nunca o quis dar. O que vendo os mouros tornarão a recolher os Portugueses.

CAPITVLO XLVII.

Do mays que fez Damião Bernaldez. E como morreo.

Neste tempo estauão na galeota que Damião bernaldez tomara aos Rumes, Nuno fernandez freyre (que agora mora em Lisboa) Diogo de camões: & outros Portugueses a que Damião bernaldez emprestara a galeota pera se yrẽ caminho da India com suas fazendas em sua conserua. E vendo Nuno fernãdez as cousas que fazia Damião bernaldez tanto cõtra ho seruiço de Deos & del

rey, & mais por se yr gastando a mouçào & serem partidos os mais dos nauios dos portugueses que ali estauào, pareceolhe q̃ Damião bernaldez não queria tornar á India, & por isso determinou de se yr com a galeota sem sua licença, se achasse quem ho ajudasse: pera ho que falou logo com ho piloto de Damião bernaldez que estaua na galeota & com ho mestre & com outros que conuerteo a yrense, por não encorrerem na pena em que Damião bernaldes tinha encorrido por ser leuantado. E concertado isto na noyte seguinte tres ou quatro oras ante menhaã que a marê começaua de decer, cortou a amarra da ancora de montante, & começou de mandar leuar a outra da jusante ho mays quietamente que poderã, & como começou de se leuar assi a galeota começou de yr polo rio abaixo, ho que sintindo algũs de Damião bernaldez que estauão hy perto em hũ seu bargãtim começarão de bradar que se ya a galeota. Nuno fernandez & ho piloto fizerão q̃ caçaua, & q̃ então o sintião, & fazẽdo q̃ se aparelhauao, acabarao de leuar a ancora, & forãose, indo Nuno fernãdez ao leme: & polo escuro q̃ fazia deu algũas vezes ẽ seco, & cõ tudo quis nosso señor q̃ cõ aquela vazãte chegarão a barra, & dahy tomarão seu caminho pera Ceylão dõde se auião de jr a India. E em amanhecendo soube Damião bernaldez q̃ a galeota era partida, & determinado de jr a pos ela pera enforcar quãtos hião nela soltou Gormale a troco dos Portugueses, ja q̃ não tinha tempo pera auer por ele ho resgate q̃ esperaua. E indo caminho da barra deu ho nauio tamanha pacada em seco q̃ lhe saltou ho leme fora por nao ter leua & perdeose, & vẽdo q̃ nao podia nauegar sem leme mudouse ao bargatim & botou a pos a galeota, que lhe leuaua tanta auãtagem q̃ nũca a pode alcãçar, & Nuno fernãdez cõcertou secretamẽte cõ ho piloto q̃ não tomassem ho porto de Colubo ẽ Ceylão ondestaua a nossa feytoria, porq̃ poderia chegar entre tãto Damião bernaldez, & dizer ao feytor q̃ lhes leuauã furtada aq̃la galeota & req̃rer q̃ os prendessẽ, &

os ẽbaraçaria, & por isso tirarão pera ho cabo de Comorĩ guiando ho piloto toda hũa noyte pera ho mar por não yrẽ ter a Colũbo: do que a gẽte se agastou muyto quãdo no dia seguĩte não virão terra: & ho piloto dissimulou dãdose a culpa de gouernar mal. E dobrado ho cabo de Comorĩ, acharão hũ catur de Portugueses a cujo capitão rogou Nuno fernãdez que lhe posesse em terra dous homẽs que erão da cõpanhia de Damião bernaldez que quiserão yr coele coessa condição, & mais por lhes prometer de lhes auer perdão do Gouernador, & deulhe vinte pardaos pera gastarem entre tanto. E daly se foy a Cochĩ & depois a Chale onde ainda estaua o Gouernador, a que deu conta do que fizera a Damião bernaldez & lhe entregou a galeota: & o Gouernador lhe agradeceo muyto aquele seruiço que fizera a elrey de Portugal. E Damião bernaldez que ya a pos a galeota, chegou á enseada de Bilgão onde achou Diogo de camões que Nuno fernãdez hy deixara, & quiserao enforcar porque lhe ajudara a leuar a galeota, & deixou de ho fazer por rogo de Nuno lobo & doutros que yão coele no bargantim: & temendo que ho achassẽ algũs capitães Portugueses & ho prendessẽ sabẽdo como andaua, deixou o bargãtim a Nuno lobo q̃ ho leuasse ao gouernador & ele desembarcou ẽ Negapatão pera se jr a Bisnegar & auer dahi perdão. E estando em Negapatão fazẽdo se prestes pera ho caminho, soubeo hũ Miguel ferreyra q̃ estaua em Baleate por capitão, a q̃ ho gouernador Nuno da cunha escreueo sobre Damião bernaldez ho q̃ tinha escrito a Coje çabadĩ & ao Goazil de Chetigão, & foy ho prẽder. E carregado de ferro ho mãdou a Gomez de souto mayor capitão da pescaria do Aljofar, q̃ ho mandou a Coulão, donde foy leuado a Goa, & estãdo hy preso no trõco & sentẽciado em dez ãnos de degredo pera a ilha de sctã Helena faleceo, auẽdo primeiro o gouernador oito mil cruzados que tinha escondidos.

CAPITVLO XLVIII.

De como Antonio de saldanha foy por capitão mór ao cabo de Goardafum.

Ho gouernador q̃ fazia a fortaleza de Chale cõ ajuda dos fidalgos q̃ ho ajudauão, & assi doutra gente Portuguesa q̃ estaua coele, lhe deu cabo em tão breue tempo q̃ a gẽte da terra ficou espâtada: & muyto mais el rey de Calicut, q̃ nũca ẽ todo este tempo ousou de mãdar gẽte a defender aq̃la obra, posto q̃ deitou fama q̃ ho auia de fazer. E muyto sentia o atreuimẽto do gouernador q̃ assi lhe fazia hũa fortaleza nas suas barbas, & ho muito q̃ perdia nisso de seu credito. E a fortaleza acabada ficou em hũ câpo raso dõde descobria ho mar & muyto perto, era quadrada & ẽ cada quadra tinha hũ baluarte muito forte, & os panos dos muros q̃ corrião de baluarte a baluarte erão de cincoenta pês de largura, & da bâda de dẽtro ao lõgo do muro estauão as casas dos officiaeis da fortaleza & as dos fronteyros, & no meo estaua a torre da menajem, tambẽ muyto forte & toda bẽ artilhada. A capitania desta fortaleza deu ho gouernador a Diogo pereyra por ser seu priuado posto que era muito velho, & lha pedião outros homẽs de mays seruiço, & q̃ erã mais pera a defẽder do q̃ ele era: & deyxando no mar por capitão mór a hũ fidalgo chamado Manuel de sousa natural Deuora com hũa armada de trezẽtos homẽs se partio pera goa, onde achou apercebẽdose Antonio de saldanha pera yr ao cabo de Goardafum, ao que ho mandaua por capitão mór de hũa armada, de que forão capitães a fora ele q̃ ya no galeão sam Mateus, Vasco pirez de sam payo em Lambia morim, dom Fernâdo deça na galeaça, Antonio de lemos nos Reys magos, Diogo botelho pereira em hũ galeão, que foy feyto em Chaul, & em duas galeotas dõ Pedro de meneses & Manuel de vascõcelos, q̃ leuaua debaixo de

sua capitania certos bargãtins. E coesta armada partio Antonio de saldanha na ẽtrada de Feuereyro de mil & quinhẽtos, & trinta dous, & no caminho lhe deu hũa grande tormenta cõ q̃ Diogo botelho esteue quasi perdido, & milagrosamẽte o saluou nosso sñor & arribou a Chaul: & não pode yr cõ Antonio de saldanha.

CAPITVLO XLIX.

De como Rayx ale quisera matar elRey Dormuz seu jrmão.

Quasi a pos Antonio de saldanha partio Antonio da silueyra de meneses pera Ormuz por mãdado do gouernador pera jr seruir a capitania da fortaleza Dormuz, q̃ vagara por mórte de Cristouão de mẽdoça, & seruia de capitão Belchior de sousa tauares que dantes era capitão mòr do már. E foy cõ Antonio da silueyra Luys falcão seu sobrinho, pera ser goarda mòr del Rey Dormuz. E chegado lá Antonio da silueyra, & ẽtregue da capitania da fortaleza, el rey Dormuz se lhe queixou de hũ seu jrmão homẽ de dezoyto annos, que ho queria matar por fauor & induzimento de sua mãy, q̃ por lhe q̃rer mayor bem q̃ a ele, q̃ria q̃ fosse rey antes q̃ ele, & que hũa noyte fora achado debayxo do seu catele cõ hũa adaga, & por isso ho mãdara prẽder: & por ser ho caso de tãta importãcia & não auer dissensoẽs no Reyno, não quisera fazer justiça dele como lhe merecia, pedindolhe q̃ ho mandasse á India, porq̃ sabia certo q̃ não fazia aquilo se não por induzimẽto de sua mãy, ho q̃ Antonio da silueyra fez por pacificar a cidade, em q̃ começaua dauer bandos por aq̃la causa. E no mesmo nauio em q̃ Antonio da silueyra foy, mandou ho jrmão del rey que se chamaua Rayx ale com toda sua casa, escreuendo ao gouernador a rezão porque ho mãdaua. E ho gouernador ho recebeo muyto bẽ, & lhe tomou sua fé segũdo sua ley, de nã se tornar a Ormuz sem sua licença, por-

que se soubesse q̃ fazia, ou queria fazer ho contrairo que ho mandaria pera Portugal. E ele prometeo de ho fazer, & ho comprio.

CAPITVLO L.

De como Manuel de vasconcelos & outros tomarão a nao çafeturca.

Chegado Antonio de saldanha ao cabo de Goardafum, sem lhe acontecer cousa que seja de contar, vendo que não fazia ali nenhũas presas, mandou Manuel de Vascõcelos que fosse com os bargãtins ao porto de Xael, pera ver se achaua hi algũas naos, que por ser tarde aueriã dinuernar. E mandou estas velas porque por serem de remo não serião sintidas, & auião de hir mais asinha que os galeões, & por isso ficou coeles a tras pera jr de vagar. E chegando Manuel de vasconcelos de supito, achou hi hũa nao de Cambaya chamada çafeturca, que seria de oytocentas toneladas, & por sua grandeza, q̃ era a mayor de quantas andauã naquela carreira era muyto nomeada. E ho capitão estaua cõ determinação de inuernar em Xael, & na sayda do inuerno antes q̃ fosse verão de todo jrse a Diu, & auẽturarse antes ao perigo do már, q̃ ao de ser tomado dos Portugueses. E a mesma conta fazião outros muytos mouros: & por isso os Portugueses não achauão presas auia dous annos. E vẽdo os mouros desta nao descobrir a nossa armada, foy ho seu medo tamanho que não ousarão desperar, & fugirão pera terra, leuãdo todo ho dinheiro que tinhão, & algũas cousas leues, & ficoulhes a carrega grossa. E por sua fugida não teuerão os Portugueses quem lhes resistisse tomala. E Manuel de vascõcelos meteo nela hũ quadrilheiro & hũ feytor pera q̃ se entregassem da fazenda q̃ tinha & ele cõ os bargantins se pos em goarda dela, ate chegar Antonio de saldanha, q̃ chegou dahi a dous dias. E vendo ele que no porto não

auia mais naos, & q̃ se chegaua ho inuerno partiose pera mazcate, onde determinaua dinuernar, & hi foy vẽdida a fazẽda da nao & o casco. E passado o inuerno partiose cõ a armada pera a ponta de Diu, & mãdou Manuel de vascõcelos ao lõgo da costa cõ algũs bargãtĩs, & tomou outra nao de mouros de diu, q̃ hia de Meca muyto rica, q̃ despois foy vẽdida ẽ Chaul cõ toda sua carrega. E no dinheiro que se fez nela & na çafeturca se mõtarão perto de dozẽtos mil pardaos. E assi deu Manuel de vasconcelos caça a hũ galeã de Calicut, que por lhe fugir indo da ponta pera se meter em Diu deu em hũa lagea & perdeose, & afogaranse os mais dos mouros. E ẽ quasi dous meses q̃ Antonio de saldanha aqui andou nã fez mais presas: & partiose pera Goa onde entregou ho dinheiro que leuaua.

C A P I T V L O LI.

De como ho gouernador determinou de tomar a fortaleza de Baçaym.

Neste anno de mil & quinhentos & trinta & dous foy a armada q̃ hia de Portugal pera a India repartida ẽ duas capitanias móres, hũa leuou dõ Esteuão da gama, filho de dõ Vasco da gama cõde da vidigueira & almirante do mar Indico, que hia prouido da capitania de Malaca na vagante de Garcia de sá, & hia debaixo de sua capitania Vicente gil armador, cuja era a nao em q̃ hia. A outra leuaua dom Paulo da gama, hirmão de dom Esteuão, prouido tambẽ da capitania de Malaca na sua vagãte. E debaixo de sua bandeyra hia hũ Antonio carualho. E destes capitães dõ Esteuão inuernou em Moçãbique, & os outros cõ muyto grãde trabalho passarão á India õde chegarão aq̃le anno ẽ diuersos tẽpos cõ muytos doẽtes. E nesta armada foy hũ Bispo chamado dõ Fernando que fora frade de sam Francisco, pera reformar na India ho estado eclesiastico, & dar ordẽs &

crismar: & eu ho ouui pregar ẽ Goa muyto bẽ, donde ho gouernador despachou Antonio de saldanha por capitão mór das naos da carga, que forão tres & hũ jungo q̃ partirão na fim de dezembro do mesmo anno. E tambẽ estando ho gouernador em Diu soube de certa certeza q̃ Melique tocão tinha feita em Baçaim hũa fortaleza muyto forte & que se criaua ali outro Diu, & q̃ esperaua de trazer ali as fustas de Diu pera que tolhessem aos nossos que não passassem a diante. E como ho gouernador se temesse de yrẽ rumes á India porque se fossem tomauão aquela fortaleza achandoa em terra tã fertil como aquela he, & situada ao longo de hũ tam bõ rio como ho de Baçaim: pelo que a India ficaua em muyto grande perigo se os teuesse tão vezinhos, & por isso determinou de jr sobrela & destruyla, & sem dar conta a ninguem se começou de aperceber pera hir quasi no cabo do verão, em que Diogo da silueyra auia de ter feyto muyta guerra a Cambaya.

CAPITVLO LII.

De como Diogo da silueyra tomou as cidades de Patane, Pate & Mangalor.

Diogo da silueira que inuernaua em Chaul pelo regimento que tinha de fazer guerra a Cambaya partiose pera lá com sua armada logo na entrada do verão, & foy correndo a costa ate Diu, fazẽdo os catures muytos saltos por toda a costa, em que fizerão muyto grande dãno, & coisso estaua a gente tão espantada que não se atreuia a saluarse menos de seys legoas pelo sertão onde se acolhia, & pola ourela do mar não auia ninguem, & nenhũs nauios ousauão de yr a Diu, nẽ as fustas ousauão de sayr, com quanto Diogo da silueyra andou a vista de Diu algũs dias. E vendo ele que não fazia ali nada passou auãte caminho de hũa cidade chamada Patane doze legoas de Diu na mesma costa de

Cambaya, situada á borda de hũ arrecife cercada de muro, & na praya hũ baluarte que varejaua ho desembarcadoiro, & diante dele hũa forte tranqueyra bẽ artilhada que goardaua muytas naos que dentro dela estauão varadas, por ser cidade de grande trato, & pouoada de muytos mouros mercadores. E a fora isso tinha el Rey de Cãbaya ali gente de goarnição, de que muytos erão Rumes dos q̃ Rumecão leuara a Diu, & com a gente da cidade seriam bem tres mil homeẽs de peleja: ho que tudo soube Diogo da silueira por ho capitão de hum Catur, por quẽ mandou espiar esta cidade: que tambem lhe disse q̃ a sua desembarcaçã não podia ser se não diante da tranqueira. E cõ tudo ele assentou cõ os outros capitães q̃ dessem na cidade & a tomassem cõ ajuda de nosso senhor, em q̃ esperaua q̃ os ajudaria. E cõ esta determinação partirão parela da põta de Diu, estando a gẽte q̃ estaua nela bẽ descuidada de tal ida, assi por a cidade estar muyto afastada das nossas fortalezas como por até aquele tempo nhũa armada nossa chegar áquela costa. E quãdo ho capitão de Patane vio a nossa frota ficou muito salteado, porq̃ sabia ho grãde dano q̃ tinha feyto na outra costa de Cambaya, & mais q̃ pera passar ali auia de ser visto das fustas de Diu, que lhe auião de contrariar a passagem, & por isso ho salteou muito vela no seu porto: & mãdou logo muyta parte de sua gẽte acodir á trãqueyra pera defẽder a desembarcaçã dos Portugueses q̃ despoys de serẽ assoltos por hũ clerigo q̃ lhes fez a confissão geral remarão pera terra em seus bargantins & catures & sem temor dos muytos & muy grossos pelouros q̃ desparauão da tranqueyra & do baluarte rõperão por eles ate pojar em terra cadahũ por onde podia, & assi desẽbarcou Diogo da silueyra cõ a bandeyra real, & nisto não auia ordẽ nẽ esperar por capitães, se não quẽ primeyro podia (porq̃ na India este he ho proprio cometer dos nossos) & pera quam perigosos os lugares são parece q̃ he assi melhor que doutra maneyra, porque quẽ

desembarca nas bocas das bombardas sem ter nhũ emparo se não ho de nosso sñor q̃ he ho verdadeyro parece q̃ se não desembarcassẽ coesta presteza, & esperassem cõcerto q̃ os mataria a artelharia a todos. Assi desembarcados os nossos como digo, remetẽ a tranqueyra cada hũ por seu cabo & aferrarão coela goardãdo os nosso sñor da artelharia que lhe não fizesse nojo, & vẽdose os imigos assi cometer depoys de se defenderẽ hum pouco, em que morrerão algũs das nossas espingardadas alargarão a tranqueyra, recolhẽdose pera a cidade, de q̃ ho capitão acodio cõ gẽte de refresco, & mandãdo abrir a porta pera sayr chegarão a ele os seus q̃ fugião da tranqueyra, q̃ vinhão com grãde pressa polos yrẽ os nossos ferindo nas costas. E quando acharão ho seu capitão esforçarão & voltarão aos nossos esforçandoos ele q̃ pelejou como muyto valente caualeyro, ho que foy causa de o matarem cõ outros algũs dos seus em hũ pedaço q̃ aqui pelejarão muy bẽ, & estes que morrerã forão Rumes. E vendose os imigos sem capitão desacoroçoarã de maneyra q̃ fugirão, & os nossos entrarão na cidade a pos eles ferindo & matãdo, & fizerão matãça espantosa assi nos soldados como em outra gente q̃ não era de peleja de que catiuarão muyta. E Diogo da silueira não consintia que os seus saissem fora da cidade a pos os ĩmigos, porq̃ estauão cansados. E despois que os lançarão todos fora repartio os nossos em quadrilhas, & mãdou saquear a cidade & leuar todo ho despojo que foy muyto â praya pera se repartir despois, & acharão mantimẽtos sem cõto, de q̃ a frota ficou bẽ bastecida. E saq̃ada a cidade foy queimada cõ muytos mouros q̃ estauão escõdidos nas casas, que cõ os q̃ morrerão na batalha foy hũa boa soma. E dos nossos quis nosso senhor que não morreo nenhũ. E assi forão queimadas quorẽta naos & zãbucos q̃ estauã varados, & hũ galeão q̃ chegara de çuez auia dias carregado de rumes. E feyta esta destruyção & recolhida a artelharia dos ĩmigos á nossa frota, embarcouse Diogo da silueira cõ toda sua gen-

te, q̃ dali ficou rica, & tornãdose soube dalgũs mouros que tomou em hũs zãbucos, que auãte de Patane pera ho norte estaua na mesma costa outra cidade chamada Pate muyto mays forte que Patane, cõ muytas estancias dartelharia pelos muros da banda do mar, & com maré chea lhe batia ho mar no muro, & estaua dẽtro muyta gẽte de peleja todos Guzarates: & partiose logo pera lá cõ determinação de a tomar, & ás noue horas do dia pouco mays ou menos chegou diãte da cidade cõ a viração, cujas estãcias os imigos tinhão muyto embãdeiradas. E chegãdo os nossos a tiro de bõbarda da cidade despararão sua artelharia respõdẽdo a dos imigos, que não ousauão de sayr da cidade, & assi desembarcarão sem receberẽ nenhũ dano, & remetẽdo ás portas da cidade as arrõbarão, o q̃ vendo ho capitão dos imigos lhe acodio logo com muyta gente: & defendeoas cõ tanto esforço q̃ nunca as desemparou, ate perder sobrisso a vida, & assi cẽto q̃ estauão coele na dianteyra, de q̃ os mays morrerão despingardadas, & dos nossos quis nosso senhor q̃ nenhũ: & cõ a morte do capitão & destes se retirarão os outros a tras, & ficou lugar aos Portugueses pera q̃ entrassẽ na cidade em que se os imigos defenderão muyto bem em algũas ruas, & por isso forão muytos deles mortos, & por derradeiro fugirão & deyxarão a cidade que despoys de ser queymada, & destruyda como a de Patane, partio logo Diogo da silueira pera outra questaua mais auãte quarenta legoas de Diu, chamada Màgalor, situada na boca de hum rio ẽ costa braua & tinha hũ bõ arrecife, cidade principal daq̃la costa toda rasa, & sẽ nenhũa fortaleza pouoada de mouros mercadores, q̃ sabẽdo a destruição de Pate & Patane ainda questauão tão fortes, não se atreuerão a defenderse posto q̃ tinhão muyta gente de peleja, que chamarão pera os defender despoys que souberão q̃ os Portugueses andauão por aquela costa, & despejarão a cidade & se forão, & por isso os nossos nã teuerão mays q̃ fazer que queymala cõ muytas naos que estauão va-

radas. E despoys de queymadas estas cidades em que Diogo da silueyra foy em pessoa, queymarão os seus capitães muitas pouoações sem ele sayr em terra, & fizerão tamanha destruição que se despouoou toda a costa & não ousaua nenhũa gente de chegar ao mar cõ medo de não catiuarẽ mays, que forão muytos: & tomada muyta artelharia pera el Rey, & muyta fazenda a fora a das partes q̃ todos forã muyto ricos, & queymarão muyta riq̃za por não terẽ nauios em q̃ a carregar. E Melique capitão de Diu não podia acodir por a ocupação q̃ tinha em fazer Baçaim, & punha ali tãta força por lhe parecer que coela defenderia Diu, nem menos acodia el Rey de Cãbaya por muyta guerra q̃ lhe fazião seus imigos pelo sertão (como direy a diãte.) E não achando Diogo da silueyra quem lhe resistisse continuaua a guerra tornando outra vez a ponta de Diu a esperar as naos que fossem de Cambaya pera Meca, que com seu medo nã ousou nhũa de sayr aquele anno, no q̃ el rey de Cambaya recebeo muyta perda ẽ suas alfandegas.

CAPITVLO LIII.

De como Açadacã fez paz com ho gouernador, & lhe deu as tanadarias de Salsete pera el Rey de Portugal.

No Terceyro & Quarto Liuro se fez mẽção de hũ mouro chamado çufolarim escrauo & capitão do Hidalcão a que Afonso dalbuquerq̃ tomou a ilha & cidade de Goa, a que ho mesmo Hidalcão por fazer honrra lhe concedeo que se podesse chamar Cão, & isto por ser este nome antreles de muyta honrra, & se chamou Açadacão, que despoys por ser bõ caualeyro & de muyto seruiço o çabayo & seu filho Hidalcão que lhe suscedeo no senhorio o fizerão dos principaeis de seus capitães, & lhe derão terras na comarca de Salsete, & antrelas foy Pondá & Bilgão que he ao pê da serra do Gate que ele despoys fez hũa cidade muyto forte cercada de muros, cobelos,

& caua, ao modo das nossas, & deuse tam boa manha q̃ tinha mays de quarenta contos de rẽda, & muita gente de peleja assi de caualo como de pé & alyfantes, & despoys do Hidalcão era a segũda pessoa em seu senhorio assi de terras, gente, & renda, & cõ tudo era escrauo do Hidalcão, & cada vez q̃ lhe viesse á vontade despoelo de seu estado o podia fazer, & por isso andaua ele sempre receoso de isto ser assi, & neste tempo veo a saber que ho Hidalcão ho queria fazer, porque ho mãdou chamar, q̃ era a mayor certeza de ser assi, porq̃ estes senhores de marauilha mandão chamar estes capitães se não pera lhes tirar as terras que tẽ & matarẽnos. E como Açadacão teuesse esta sospeyta ou certeza quis se logo fauorecer com fazer amizade cô ho gouernador q̃ estaua em Goa a q̃ secretamẽte mandou sobrisso seu embayxador, & q̃ lhe daria por isso pera el rey de Portugal as terras de Salsete & Pondá q̃ rẽdião bẽ cinquoẽta mil pardaos douro: & porẽ q̃ ho gouernador auia de mandar recolher estas rẽdas dissimuladamẽte porq̃ o Hidalcão o não soubesse, o que o gouernador lhe agardeceo muyto, & em nome del Rey de Portugal lhe confirmou amizade, & prometeo de o ajudar contra o Hidalcão, & fez logo Tanadar mór a hũ Cristouão de figueyredo casado em Goa & grande seu priuado, que mandou á terra firme cõ outros Tanadares pequenos & escriuães & algũa gẽte, & ele se aposentou ẽ hũ pagode de freyras, & dali arrecadaua as rendas, & Açadacão teue maneyra como se escusou de yr por aq̃la vez a chamado do Hidalcão, q̃ tãbẽ não insistio ẽ ele por amor de grandes negocios q̃ lhe sobreuierão.

CAPITVLO LIIII.

Das diferenças q̃ ouue antre Vicente dafonseca & Bras pereyra.

Ficãdo Vicẽte dafonseca por capitão da fortaleza de Ternate (como a tras he dito) determinou de mandar hũ jungo a Malaca, cuja capitania deu a Afonso pirez que fora hum dos q̃ o fizerão capitão, & sabendo Bras pereyra que este jungo auia de yr pera Malaca, pedio a Vicẽte dafonseca a capitania dele, & porq̃ lha não quis dar vierão a tanta desauẽça, que Bras pereyra fez hũ requerimento ao feytor & officiaeis da fortaleza & a outros criados del Rey que prendessem Vicẽte dafonseca, q̃ cometera treyção em dar ajuda & fauor aos mouros pera matarẽ Gonçalo pereyra, & que tinha aquela fortaleza por força, & dali por diante não falou mays a Vicẽte dafonseca, & andaua armado cõ outros muytos q̃ erão de sua valia, & estes amotinauão outros & tinhão Vicẽte dafonseca então pouca conta, que dizião pubricamente q̃ ele ajudara a matar Gõçalo pereyra, & mandara matar outros Portugueses despoys que fora capitão. E por ele atalhar a outras mayores cousas q̃ daquelas podião soceder prendeo Francisco de sá, Cosmo moniz, & outros culpados nesta defamação, q̃ com a prisão destes creceo muyto mays: & foy posto per vezes fogo a hũ bargãtim polos amigos destes, porque sospeytauão que presos os queria mandar nele á India, & dali por diãte mandou Vicente dafonseca vigiar a ribeyra por homẽs armados. E ainda despoys disto creceo mays a desauença & odio antrele & Bras pereira, sobre hũ berço q̃ mandou tomar da Galeota em q̃ estaua Bras pereyra, pera hũ bargantim que queria mandar a Malaca em companhia do jungo q̃ disse, & assi sobre certos homẽs que mandou leuar da galeota pera a fortaleza, por lhe dizerẽ que queriã fugir pera Bãda, & sobre hũ

que Bras pereyra tolheo ao Ouuidor que ho não leuasse, sobre ho que disse palauras muyto defamatorias contra Vicẽte dafonseca, pelo que ele indinado disso lhe mãdou tomar ho esquife & os escrauos da galeota que erão em terra, & defendeo com grandes penas que nhũa pessoa lhe leuasse mãtimentos. E vendose Bras pereyra assi atalhado, foy a sua menencoria tamanha q̃ parecia doudo, & cõ grãdissimos brados dizia aos q̃ estauão em terra, q̃ Vicente dafonseca não era capitão, antes era trédor a el Rey de Portugal por matar a Gonçalo pereyra seu capitão, & tinha aq̃la fortaleza pera a vender aos mouros, & por essa causa lhe não obedecia, & requeria a todos q̃ não lhe obedecessem: & acabando de dizer isto, mandou tirar tres tiros á fortaleza. Vicẽte dafonseca q̃ estaua na ramada se recolheo logo, & mandaua tirar a artelharia pera meter a galeota no fũdo se não fora pelo alcaide mór q̃ lhe pedio q̃ o deixasse primeyro falar cõ Bras pereyra do que foy contente, & despoys do alcaide mór falar coele, & acabar q̃ obedeceria a Vicẽte dafõseca & jria a terra & os faria amigos foi peor, porq̃ em Bras pereyra chegãdo a terra, Vicẽte dafonseca muyto ledo com lhe parecer q̃ ya pera ser seu amigo, como lhe o alcaide mòr tinha dito, foyse á praya pera o receber, & ele lhe disse muyto brauo q̃ se fosse dali porq̃ o não q̃ria ver nem falar coele: & Vicente dafonseca lhe respondeo q̃ não lhe amotinasse a gẽte & q̃ visse quão mao exẽpro daua aos mouros & a todos, com aquelas desobediencias, & Bras pereyra tornou a dizer as mesmas palauras q̃ dantes, & requereo a quãtos hi estauão q̃ prẽdessem Vicẽte dafonseca pola morte de Gõçalo pereyra: & Vicẽte dafonseca q̃ prendessem a ele porque lhe desobedecia, & foy sobristo muyto grande aluoroço nos Portugueses, q̃ algũs dizião q̃ Vicẽte dafonseca não era capitão, & os mays dizião que era, & q̃ Bras pereyra merecia preso por ser causa daq̃llas reuoltas: & chegou a cousa a tanto, q̃ ho alcaide mór & feytor sẽ apartarã cõ toda a gente, &

lhes preguntarão se tinhão Vicente dafonseca por seu capitão, & por os mais dizerem q̃ si, o ouuerã por capitão, & Bras pereyra foy preso, & assi esteue na fortaleza sem mais Vicẽte dafõseca q̃rer ser seu amigo posto que lhe foy cometido. E não se auẽdo por seguro dele nẽ doutros de sua valia, os entregou presos a Baltesar veloso capitão do Bargantim q̃ mandou em companhia do jungo que hia pera Malaca dahi os leuassẽ á India, & partirão na entrada de Março do anno de mil & quinhentos & trinta & dous, & cuydando Vicente dafonseca que por mãdar Bras pereyra & os outros ficaua seguro na capitania o ficou menos, porq̃ algũs desses mais hõrrados que ficarão coele parecendolhes q̃ merecião melhor a capitania q̃ ele, começarão de praticar ẽ ho prenderẽ, & preso ho mandarẽ pera a India, ho q̃ lhe foy logo discuberto: & pera os amansar & tirar daq̃le pensamento gastaua coeles muy largamente, & lhes deyxaua fazer crauo, & lhe fazia quãtas boas obras podia cõ que algũ tãto os amãsou, & porẽ ele não se confiaua de ninguẽ, & trazia sempre hũa saya de malha secreta, & sua espada, & andaua tão acautelado q̃ quãdo lhe falaua alguẽ estaua sempre cõ os olhos nele & a mão na espada, nẽ tomaua nhũa cousa a pessoa q̃ não fosse sua se não com a mão esquerda & a dereyta na espada, & viuia com muyto grande fadiga, & muytas vezes se apartaua só a chorar dagastado de ter tomado aq̃le carego.

CAPITVLO LV.

Do q̃ Pateçarãgue & Trauancelo determinarão contra el rey Cachil Dayalo.

Vendo os mouros as grãdes dissensões & desordẽs q̃ auia antre os Portugueses: & q̃ sẽ nhũ temor de castigo nẽ vergonha do mundo matauão capitães, & faziã outros cõtra o regimẽto de seu rey, & quã mal comprião os mãdados de hũs & dos outros, & q̃ sempre ficauão li-

ures de pena, determinarão de fazer ho mesmo contra seu rey Cachil dayalo, & os q̃ derão principio a esta maldade & treyção forão hũ Pateçarangue q̃ Vicente dafonseca fizera gouernador do reyno pera ho ter de sua mão, & outro q̃ auia nome Trauâcelo ambos velhos discretos & prudentes, & de muyta autoridade cõ os mandarins & gẽte popular pelo q̃ tinhão credito pera fazerẽ quâto quisessem. E a causa de Pateçarãgue fazer esta treição, foy medo de lhe el rey tirar a gouernãça do reyno, porq̃ por ser ja didade pera isso q̃ria entẽder nela pera saber como seus vassalos erão gouernados, q̃ auia muytos annos q̃ os gouernauão gouernadores q̃ fazião mais o q̃ os capitães q̃rião q̃ o que deuião: & porq̃ gouernãdo el Rey Pateçarangue não era necessario q̃ gouernasse & perdia sua valia determinou ele de priuar el rey do reyno, & fazer rey a hũ seu jrmão bastardo chamado Tabarija, & era tam moço q̃ não era pera gouernar, cõ fundamẽto q̃ gouernaria ele ao menos ate Tabarija ser didade, & de tudo isto deu conta a Vicente dafõseca, certificãdolhe q̃ se Cachil dayalo nã fosse desposto de rey, q̃ ho auia destoruar a não fazer seu proueyto como faria não sendo ele rey, nem ficaria tão ausuluto capitão como forão os passados, pelo q̃ deuia de consentir em Cachil dayalo ser desposto de rey, no q̃ Vicente dafonseca consentio por não perder ho q̃ esperaua de ganhar em quâto esteuesse na capitania. E tẽdo Pateçarangue este consentimento pera sua treyçam começou logo de a poer em obra, tomãdo por cõpanheyro a Trauancelo, & como não podiam fazer nada, sẽ os fidalgos terẽ odio a el rey, prouocauãonos a lho terẽ por quantas maneiras podiã principalmẽte fazẽdolhes crer q̃ lhes ãdaua cõ as molheres: & diziam q̃ era mal inclinado: & de forte cõdição, & assi lhe punham outras muitas tachas cõ que o faziã inabil pera ser rey, & despoys q̃ Pateçarãgue & Trauancelo virão q̃ os fidalgos tinhão odio a el rey, começarão de lhes persuadir q̃ o desposessem de Rey, & fizessẽ rey a seu jrmão Taba-

rija. Neste tẽpo auia na fortaleza grãde falta de mãtimẽtos, & muytos Portugueses mandauã seus escrauos q̃ os fossem furtar aos mouros, & assi os cabaços q̃ tinhão nas palmeyras cõ o vinho q̃ saya deles, & como os mouros queriã mal aos Portugueses & ás suas cousas, deitauão peçonha nos cabaços cõ q̃ matauão os q̃ lhes yão beber ho vinho, & tambẽ ás cutiladas quãdo os achauão de bõ lãço, & como erão mortos tam encubertamente não se sabia mais de suas mortes q̃ acharẽnos menos. E não podẽdo Vicẽte dafõseca determinar no q̃ seria feito deles disseo a Pateçarangue, rogandolhe q̃ lho soubesse, & ele por meter coele em odio a el rey, cõtoulhe a maneyra da morte dos Portugueses & dos escrauos atribuindo a culpa disso a el rey, afirmando q̃ se fazia por seu mandado, do q̃ se Vicẽte dafonseca escandalizou muyto, & mandouse q̃yxar a el rey pelo mesmo Pateçarangue, cõ o q̃ se el rey espantou muyto, por quã inocẽte sabia q̃ estaua daquela culpa, & se nã se temera de o Vicẽte dafonseca tornar a prẽder foraselhe disculpar por sua pessoa, mas este temor lhe fez q̃ não fosse, & mãdouse disculpar por Pateçarãgue cuidãdo q̃ lhe era leal, & como ho ele não era no cabo da disculpa q̃ deu a Vicẽte dafõseca lhe disse q̃ sẽ duuida cresse q̃ tudo aquilo erão palauras. E crendo Vicẽte dafonseca q̃ era verdade determinou de prẽder el rey & telo preso como dãtes, & que Pateçarangue gouernaria ho reyno, porẽ el rey era tam recatado q̃ nunca mais foy á fortaleza, ou parece q̃ foy auisado desta determinação & afastauase ho mays q̃ podia da conuersação dos Portugueses, nã por mal q̃ lhes quisesse, mas por recear de os escãdalizar, & fazialhes quanto bẽ podia, & era tã obediẽte a Vicẽte dafonseca & desejaua tãto destar bẽ coele, q̃ não queria valer a nhũ Portugues q̃ se a ele acolhesse por algũ dilito, & logo lho mandaua, & cõ tudo nã lhe valia q̃ de cada vez lhe tinha mayor odio & desejaua mais de o prẽder, & quãdo vio q̃ ho não podia fazer determinou de o mandar matar: & tudo isto por

induzimento de Pateçarangue q̃ tinha o mesmo desejo, & tam danados andauão q̃ ho não podião encobrir, & foy discuberto a el rey q̃ como era de grande coração dissimulaua cõ Pateçarangue, & não ho quis castigar por não dar causa a Vicẽte dafonseca rõper coele guerra, q̃ bẽ sabia q̃ auia de q̃rer acudir por ele. E andando assi encubertos forão quatro escrauos de Portugueses ao mato, & não tornãdo mais mãdou Vicẽte dafonseca dizer a Pateçarangue (despoys de lhe mandar preg̃utar por eles) q̃ el rey os deuia de ter se os nã mandara matar, ho q̃ el rey soube do q̃ ficou tão triste & agastado, que se passou logo pera hum lugar chamado Turutó mea legoa de Ternate, & leuou pera lá sua mãy & os do seu conselho, mandando dizer a Vicente dafonseca que se ya, pera ver se se podia liurar da culpa que não tinha, & que de la faria ho que lhe mandasse, do que Vicẽte dafonseca ficou muy escandalizado, & creo que se queria leuãtar cõtra a fortaleza, & por isso trabalhaua quãto podia polo mandar matar, & mandaua fazer aos mouros quãtos males podia. E vendo el rey isto, ouue conselho com os seus sobre se mudar pera mays longe, & assentarão de fazer outra cidade onde se chama a terra alta hũa legoa daly, que com quanto lhe auia de ser trabalho, assi em deyxar seu assento, como em fazer noua pouoação, a tudo se offreciã por se tirarẽ de mexericos, desgostos, & brigas que disso podiam recrecer. E auido este conselho el rey & a raynha se forão a Tidore & derão disto cõta a el rey que era jrmão da raynha, & tio del rey, a que pareceo bem a mudãça pera a terra alta pelas rezões que lhe derão pera isso, & coeste parecer mãdou el rey Dayalo edeficar outra cidade na terra alta.

CAPITVLO LVI.

De como el rey Cachil Dayalo se passou pera a terra alta.

Pateçarangue como queria mal a el rey & desejaua q̃ Vicente dafonseca esteuesse firme em lho querer, como vio o q̃ se ordenaua disselho logo, atribuindo aquela mudança del rey a quererse fortalecer pera se leuantar contra a fortaleza, & fazerlhe guerra, ho q̃ Vicente dafonseca creo, assy polo odio que tinha a Elrey, como pola mudàça que lhe via fazer tam de supito, & mays porque neste tempo tendo já el rey onde se agassalhasse na terra alta se mudou pera lâ cõ toda sua familia, saluo a Raynha sua mãy que ficou pera fazer yr Pateçarangue & os de sua familia, que em nhũa maneyra se q̃rião yr de Ternate polo odio q̃ tinhão a el rey, & estauam determinados de lhe desobedecer, por lhes Vicente dafonseca ter prometido de os ajudar a defender, & por isso não se querião yr. E quanto el rey mays via que Pateçaràgue insistia em não yr pera a terra alta, tanto mays insistia q̃ fosse, porque receaua muyto que não queria ficar ẽ Ternate em tal tempo se não pera o deseruir, & que o fazia cõ ousadia q̃ lhe daua Vicẽte dafonseca, & com ter isto por certo, lhe mandou dizer q̃ pera hũ tal dia se fosse pera a terra alta cõ todos os de sua valia, sopena de os castigar como a reueis, & desobediẽtes a seu rey: E não satisfazẽdo Pateçaràgue a este mandado nẽ nhũ dos outros determinou el Rey de proceder cõtrele: pera o que se foy a Ternate, ôde achou Pateçarangue posto em armas cõ todos os seus pera se defẽder, & tinha cõsigo quarenta Portugueses espingardeyros q̃ lhe dera Vicẽte dafonseca pera o ajudarẽ contra el rey, & estes estauão na dianteyra. E como os el Rey vio, disse q̃ não queria coeles guerra, mas que se espantaua, & estaua muyto escandalizado, q̃ sendo ele

vasallo del Rey de Portugal, não lhe q̃rer Vicẽte dafonseca, que era capitão da sua fortaleza, deixar castigar Pateçarangue seu vassallo q̃ ho offendia grauemẽte, antes lhe daua fauor, & ajuda cõtrele, sendo obrigado poys era capitão del Rey de Portugal a lho ajudar a castigar quãdo ele só nã podesse: & rogou muyto aos Portugueses q̃ assi ho dissessem a Vicẽte dafonseca, & q̃ ele era vassallo del Rey de Portugal, & por esse se tinha, nẽ deyxaua de o ser pola mudãça q̃ fazia de Ternate pera a terra alta, q̃ se a fizera, fora por escusar payxões, & desgostos q̃ se começauão antre os Portugueses & os Mouros, & da terra alta, mandaria mays mantimentos á fortaleza do q̃ yão dãtes, q̃ não cuydasse Vicẽte dafonseca q̃ se mudaua pera outro fim, & assi se veria a diante, pedindolhe por derradeyro q̃ nã quisesse fauorecer cõtrele Pateçarangue nẽ os outros q̃ lhe erão desobediẽtes, & q̃ esperaua por sua reposta pera saber o q̃ auia de fazer, & coisto se foy. E ele ydo recolherãse os Portugueses, & derão a Vicente dafonseca ho seu recado, q̃ ele ouuio com grãde menẽcoria porq̃ ho não matarão, & assi ho disse, affirmando cõ juramento q̃ ho auia de destruir, & soltando cõtrele muy feas palauras, ẽ q̃ mostraua claramẽte ho grãde odio q̃ lhe tinha, do q̃ el rey foy auisado: & nã vendo sua reposta, determinou cõ os de seu cõselho de proceder contra Pateçarangue, a q̃ mandou primeiro rogar q̃ se fosse parele, & não querẽdo, mandoulhe fazer guerra por seus capitães q̃ cada dia lhe fazião muitas corridas, & lhe dauão rebates por már & por terra, assi de dia como de noyte, ẽ q̃ Vicente dafonseca ho mandaua sempre ajudar polos Portugueses, & assi se ya ateãdo a guerra de pouco em pouco: ho que vẽdo el rey a quis mays apertar, & foy sobre Pateçarãgue por már, & Cachil bualaua gouernador de Toloco por terra cõ a mays gẽte q̃ pode. E Vicẽte dafonseca acodio logo por terra, & mãdou por már sessenta Portugueses espingardeyros em hũ batel, & em hũ paraó artilhados, & nã pelejarã:

porq̃ vẽdo el rey os Portugueses q̃ yão diãte, nã quis pelejar coeles & retirouse, & eles o apertarão tãto cõ a artelharia & espingardaria, q̃ lhe foy necessario fugir. E outra vez tornou el rey ẽ hũ calaluz cõ algũs mãdarins pera falar a Vicẽte dafonseca & lhe rogar q̃ teuessẽ paz, & ele lhe nã quis falar, antes mãdou a certos Portugueses q̃ lhe saissem, & por ele não q̃rer pelejar, & se yr, forã a pos ele ate o ensacarẽ na praya da terra alta õde se saluou, leuãdo quatro mandarins feridos, & foylhe tomado o calaluz. E despois disto foy Vicẽte dafõseca darmada á terra alta, õde chegou de supito ãte manhaã, & tomou a el rey toda a armada q̃ tinha assi no már como na terra, & se tornou pera a fortaleza cõ grãde cõtẽtamẽto de Pateçarãgue, & dos outros imigos del rey, q̃ vẽdo como lhe Vicente dafonseca fazia guerra daq̃la maneyra, ainda q̃ o nã merecia, era tã amigo dos Portugueses, & desejaua tãto sua amizade pola criação q̃ teuera coeles, que nũca quis guerra, nẽ defenderse pola não fazer, q̃ se quisera queyxarse aos outros Reys segũdo estauão mal cõ os Portugueses, bẽ ajũtara gente com q̃ fizera guerra, mas nã quis polo amor q̃ lhes tinha, & desejo de sua cõuersação: & ãtes quis auẽturarse a perder ho Reyno, como perdeo, q̃ fazer guerra aos Portugueses, tẽdo que era muyto mór perda nã lhe goardar lealdade q̃ perder o Reyno, & pera ver se cõ se yr dele poderia q̃brar a furia q̃ Vicẽte dafonseca tinha cõtrele, se foy pera Tidore cõ toda sua casa, & cõ sua mãy, cõ determinação de estar lá ate q̃ el rey fizesse cõ Vicẽte dafonseca que fosse seu amigo, & assi lho disse, & ele lhe disse q̃ acabaria isso cõ Vicente dafonseca por amor da amizade q̃ tinhão ambos, & que tambẽ ho ajudarião el rey de Bachão & el rey de Geylolo, & Fernã dela torre, a q̃ escreueria que ho fizessem, & assi ficou el rey Dayalo em Tidore, cuydãdo que ali se remediaria.

CAPITVLO LVII.

De como Vicente dafonseca tomou a cidade de Tidore.

Vicente dafonseca q̃ nã sabia nada da yda del rey Dayalo, ajũtou hũa grãde armada de mouros & de Portugueses cõ determinação de o destruyr, pera o que se foy á terra alta q̃ achou despouoada, do q̃ se muyto espantou, & cuydou q̃ el rey se meteria pelo sertã da jlha pera se fazer forte. E queymado este lugar, foy sobre as cidades de Malayo & de Toloco, q̃ tãbẽ forão despejadas, por el rey ter mãdado aos moradores q̃ nã pelejassem cõ os Portugueses, & estas tãbem forão queymadas. E sabẽdo Vicente dafonseca q̃ el Rey Dayalo se fora pera Tidore, folgou muyto, pera ter achaq̃ de lhe tirar o reyno, porq̃ não podia estar sem Rey, & assi lho conselharão Pateçarangue & os de sua valia, & q̃ fizesse hũ jrmão bastardo del rey Dayalo, chamado Cachil Tabarija moço de quatorze ate quinze annos, da propria ydade pera eles mandarẽ a terra â sua võtade, & pera Vicente dafonseca ho fazer melhor, fez gouernador do reyno Pateçarangue. E leuãtado Tabarija por rey, foy Vicente dafonseca coele em hũa grãde armada por esses lugares da fralda do már, a que mandaua dizer que ele desposera de rey de Ternate a Cachil dayalo, & o deitara do reyno cõ sua mãy & outros, por serẽ culpados na morte do capitão Gonçalo pereyra & se q̃rerẽ leuãtar cõtra a fortaleza, & fizera rey a Cachil tabarija, q̃ tambẽ era filho del rey Boleife, cujo o reyno era por dereyto, pois Dayalo ho perdera: q̃ rogaua muyto a todos q̃ obedecessem por Rey a Tabarija, porq̃ não querendo lhes auia de fazer guerra. E vendo os mouros que el rey Dayalo se fora, cõ receo da guerra, obedecerão todos a Tabarija, somẽte o regedor de Toloco q̃ queria mal a Pateçarangue, cõ quanto era seu parẽte, & desejaua de o matar por a treyção que fizera

a el rey Dayalo, & por isso o mandou prẽder Vicente dafonseca, & esteue preso até q̃ morreo. E como Pateçarangue sabia q̃ el rey Dayalo estaua ẽ Tidore, receauase q̃ dali cobrasse seu reyno: & pera mayor sua segurança, fez cõ Vicẽte dafõseca q̃ fosse cõ grande armada sobre Tidore, & fizesse cõ el rey q̃ lhe mãdasse entregar todo ho tesouro q̃ Dayalo leuara, cõ todo o mais quâdo se fora de Ternate, se nã que o destruisse, & ficando Dayalo sem tesouro nã teria poder pera se restaurar no reyno. E como Vicẽte dafonseca cria muyto em Pateçarangue tomou seu conselho. E chegado a Tidore hũa manhaã cõ grãde armada, mãdou dizer a el rey as rezões porq̃ desposera de rey a Cachil dayalo & fizera rey a Tabarija, a quẽ pertencia todo ho tesouro douro, prata, & armas defensiuas, & offensiuas, & escrauos que Dayalo & sua mãy leuarão de Ternate, que lhe rogaua que lhe mandasse logo dar tudo se q̃ria ter paz coele, se nã q̃ lhe faria guerra: & tâbem lhe auia dẽtregar Dayalo & sua mãy, ou os lãçasse de sua terra, porq̃ quẽ tinha amizade cõ os Portugueses nã auia dacolher hũ tamanho seu imigo como Dayalo. El rey de Tidore como era moço, espantouse dũ recado tã aspero, & respõdeo a Vicẽte dafonseca que faria tudo o q̃ fosse rezão, que lhe pedia q̃ desembarcasse pera falarẽ sobre aquele negocio & se fazer o q̃ fosse seruiço del Rey de Portugal: & por cõselho de Pateçarangue não quis Vicẽte dafonseca verse cõ el rey, & repricou q̃ fizesse logo o q̃ lhe pedia se queria ter paz coele: & vẽdose el rey tã apertado, disse q̃ aueria cõselho cõ os seus, & despoys yria falar a Vicente dafonseca pois ele nã q̃ria desembarcar: & Vicẽte dafonseca nã respõdeo, porque vio q̃ el rey não fazia o que lhe pedia. E cuydando el rey q̃ consentia em q̃ ouuesse cõselho entrou nele, mas Vicẽte dafonseca tomou outro, q̃ lhe deu Pateçarãgue, que foy dár na cidade pois el Rey nã satisfazia a seu requerimento, & com lhe fazer guerra o faria, & assi ho fez, desembarcâdo supitamente cõ sua

gente armada, & entra pola cidade ferindo & matãdo seus moradores, q̃ confiados na paz & amizade que tinhão cõ os Portugueses estauão bem descuydados de tal cousa, & sabendo ho el Rey, fugio logo com a sua mãy, & Cachil dayalo cõ a sua pera hũa serra q̃ estaua sobre a cidade, pera onde tàbem fugirão os mais dos moradores, posto q̃ algũs quiserão resistir por defenderẽ suas molheres & filhos, & estes forão mortos quasi todos: & não tendo os Portugueses com quẽ pelejar, roubarão & queymarão a cidade. E avida esta tamanha vitoria, em q̃ Vicente dafonseca cõ os Portugueses perderão mais de credito, do que ganharão de honrra, se tornou pera Ternate sem alcãçar nada do que ya buscar, se não guerra cõ Tidore sem nhũa causa, de q̃ nosso sñor lhe deu logo algũ castigo: E tornado á fortaleza, vẽdo o regedor de Toloco (q̃ disse q̃ foy preso) q̃ Cachil dayalo nã podia cobrar o reyno, por nã auer rey daq̃la geração, determinou de matar el rey Tabarija, & dous seus jrmãos, que Vicẽte dafonseca tinha na fortaleza pera sua segurãça, ho q̃ cuidou de fazer por estar coeles no derradeyro sobrado da torre da menagem, ainda que preso com hũa adoba, & pera cõprir sua determinação, ouue hũ cutelo q̃ trazia escondido, & logo q̃ Vicẽte dafõseca chegou de Tidore, estãdo hũ dia á porta da fortaleza ho regedor q̃ estaua só cõ el rey & seus jrmãos, & outros algũs no derradeyro sobrado da torre da menagem, remeteo a el rey pera ho matar, q̃ quis Deos q̃ lhe escapou & fugio cõ os outros pera duas camaras a q̃ fecharã as portas de dẽtro, & outros fugirão pola escada abaixo bradãdo q̃ lhes acodissem, & ele nã pode alcançar nhũ por amor da adoba que ho toruaua, mas alcançou hũ filho de Vicente dafonseca, moço de sete ãnos & degolouo, vendo q̃ não se podia vingar de quẽ quisera. E feyto isto, porq̃ sentio q̃ acodio gente, posse sobre a porta da escada tirando cõ pedras & páos & algũas espingardas, cõ q̃ defendia muy brauamẽte que a gẽte não sobisse a cima, & cõ tudo, hũ caualeiro cha-

mádo Iorge goterez passou a diante bem cuberto de hũa rodela q̃ lhe o mouro q̃brou sobre a cabeça cõ hũa espingarda q̃ lhe arremessou, & o ferio & atordoou algũ tanto, porẽ ele era tã esforçado que assi se chegou ao mouro, & lhe deu hũa estocada pela barriga q̃ o passou da outra parte, & ele q̃ não era de menos esforço q̃ Iorge goterez, nẽ por isso perdeo o lugar ẽ q̃ estaua em quãto teue cõ q̃ se defender, & despois de lhe falecer, çarrou cõ Iorge goterez & ferio o cõ o cutelo por debaixo da barba, & ele o leuou nos braços, & forã ambos pola escada a bayxo, & chegãdo ao sobrado Iorge goterez se desemburilhou dele, & deu lhe hũa cutilada na cabeça com que quebrou a espada, & Vicẽte dafonseca & outros ho acabaram de matar.

CAPITVLO LVIII.

De como el rey Cachil dayalo perseguido de Vicente dafonseca se foy morar a Geylolo.

Grãde espãto foy por todas aquelas jlhas quãdo se soube q̃ Vicẽte dafõseca desposera de rey de Ternate a Cachil q̃ era legitimo, & tã amigo dos Portugueses & criado ãtreles, & ho perseguira tãto até o fazer fugir do reyno, & fazer rey a Cachil Tabarija tã moço & bastardo, & a quẽ não pertẽcia o reyno por nhũa via, & tinhã todos disto grãde escãdalo: & muitos Sangages & gouernadores dos lugares do reyno de Ternate, não querião obedecer a el rey Tabarija, & chamauãlhe rey de Vicẽte dafonseca & de Pateçarãgue, pelo q̃ Vicẽte dafõseca fez a mayor armada q̃ pode & mãdou nela por capitã mór Pateçarãgue pera fazer a estes q̃ digo q̃ obedecessẽ a Tabarija q̃ obedecerã vẽdo se apressados da guerra, posto q̃ el rey Cachil dayalo lhes socorreo cõ algũa armada mas nã aproueytou, & assi tãbẽ fez por força q̃ obedecesse a el rey Tabarija hũ mouro chamado Ouro bachela tesoureiro del rey Cachil dayalo pessoa

mui notauel no reyno, q̃ obedecẽdo a el rey Tabarija, lhe entregou todo o tesouro q̃ tinha del rey Cachil dayalo, o q̃ foy causa dalgũs Sàgages & sñores q̃ ainda estauã por dar obediẽcia a el rey Tabarija lha dessẽ. E vẽdo el Rey de Tidore como as cousas del rey Tabarija erã de cada vez mais prosperas, & el rey Cachil dayalo ya ẽ mais perdição, & ele nã lhe podia valer por estar muy q̃brado das guerras passadas, fez paz cõ Vicẽte dafõseca cõ receo q̃ o destruisse & Vicẽte dafõseca a fez por assẽtar a terra: vendo el rey feita esta paz nã se atreueo a viuer ẽ Tidore por amor dos Portugueses q̃ sabia q̃ auião lá dir, dos quaes se não fiaua, & por isso determinou de morar em Geylolo, & foy lá primeyro, pera pedir licença a el rey q̃ lha deu de boa võtade, & lhe prometeo de lhe dar algũs lugares, de cujas rẽdas se mãteuesse, & mais q̃ ele & Fernão de la torre mãdariã rogar a Vicẽte dafonseca q̃ o ajudasse cõ algũa cousa, poys o deytara de seu Reyno, & assi ho fizerão, mas ele não quis, antes com Pateçarãgue mandou cometer a el Rey de Tidore q̃ lhe vendesse el rey Cachil dayalo & lho entregasse, porq̃ não se passasse pera Geylolo, temẽdo q̃ de lá lhe fizesse guerra. ho q̃ el rey não quis fazer. E vendo Vicente dafõseca q̃ não q̃ria, fez q̃ lhe desse a mãy del rey Tabarija, q̃ andaua em cõpanhia da molher del rey Cachil dayalo, cõ quẽ Pateçarãgue desejaua de casar pera ser mays hõrrado, & assi o fez, depoys q̃ foy entregue a Vicente dafonseca, a q̃ não abastando as perseguições que tinha feytas a el Rey Cachil dayalo, tratou secretamẽte cõ a raynha sua molher q̃ lhe fugisse pera Ternate, & que a casaria cõ el rey Tabarija & seria raynha, o q̃ nunca auia de ser sendo molher de Dayalo, porq̃ nũca auia de ser rey: & affirmouse q̃ neste concerto cõsentio el rey de Tidore, cuja jrmaã era a raynha, & isto por peita, & por desesperar del rey Dayalo cobrar mais o reyno. E despoys dele tornar de Geylolo, hũa noyte o embebedou a Raynha ẽ hũa cea q̃ lhe deu: & estando ele bem entregue no so-

no, se foy ela secretamẽte com algũas das suas mãcebas, leuãdolhe a mayor parte do tesouro q̃ tinha. E chegando a Ternate, a casou Vicẽte dafonseca cõ el Rey Tabarija, o q̃ sabido por el rey Cachil dayalò ho sentio mais q̃ perder o reyno, por lhe q̃rer muyto grãde bem, & ser ela refrigerio de seus trabalhos, & tãbem sintio leuarlhe o tesouro, porq̃ ficaua de todo sem ter com q̃ sosteuesse aqueles que ho acõpanhauão: & como era magnanimo não desmayou cõ todos estes infortunios nẽ se mudou da determinação de yr morar a Geylolo. E porq̃ sua mãy auia de ficar em Tidore, deyxou coela aq̃les que o acõpanhauão, ẽcomẽdadolhos muyto, & pedindolhe a eles muyto perdão de os nã leuar cõsigo, & de lhes nã poder fazer merce, fazẽdo ele & eles grãde prãto ao despedir, se partio pera Geylolo sò, & tã pobre, q̃ não tinha mays do que lhe el rey de Geylolo daua, õde esteue até q̃ tornou outro tẽpo, como direy a diãte. E partido el Rey Dayalo pera Geylolo, el rey de Tidore pedio ajuda a Vicẽte dafonseca, & a el rey Tabarija, pera cobrar algũs lugares de seu senhorio q̃ lhe estauão reuelados, & cõ sua ajuda os tornou a cobrar: em q̃ hũ Iorge goterrez, & hũ Simão valẽte pelejarão muy esforçadamẽte. E despois disto, moueo el rey de Geylolo guerra a Vicẽte dafõseca por certos lugares de seu senhorio, q̃ lhe tinha tomados, & não lhos tornaua tẽdolhe prometido de lhos tornar, & assi esteuerão até chegar a Maluco Tristão datayde q̃ foy por capitão da nossa fortaleza, como a diante direy.

CAPITVLO LIX.

De como ho gouernador determinou de yr sobre a fortaleza de Baçaĩ, & do sitio da fortaleza.

Despoys do gouernador auer as tanadarias Daçadacão, como disse, vio q̃ era tempo de poer em efeyto a determinaçã que tinha de yr tomar a fortaleza de Baçaim, o q̃ tinha descuberto, per juramẽto q̃ o não descubrissem, a Martĩ afonso de melo jusarte, Manuel dalbuquerq̃, & a outros cinco ou seys, a que disse. Ainda quẽcubro a tristeza q̃ tenho por nã tomarmos Diu, nã creais q̃ he tã pequena, que me nã dá tãto cuydado, q̃ podeis crer q̃ nũca mays fuy ledo, porq̃ com quãto fiz o q̃ pude como todos vistes, & nessa parte me dou por satisfeito, todavia me nã posso assessegar, porq̃ me lẽbra q̃ neste caso a minha satisfaçã he a menos, pois nada aproueita se nã satisfazer aos de fora, & mais ẽ cousas q̃ tocã ao bẽ pubrico. E como eu conheço q̃ os homẽs geralmẽte nas cousas desta qualidade nã leuão em conta nhũas disculpas mas sempre fazẽ as culpas mayores do q̃ são: magoame muyto as q̃ me hão de dar de nã tomar Diu posto q̃ as não tenho, & por isso q̃ria fazer algũa cousa cõ q̃ estoutra esquecesse: & a que se offrece he tomar Baçaĩ antes de ser de todo outro Diu, pera o q̃ despoys da ajuda q̃ espero de nosso senhor, faz muito ao caso o medo q̃ os mouros tẽ dos nossos, pola guerra q̃ fizerã em Cãbaya o ãno passado & este, & a destruição de Patane, Pate, & Mãgalor, q̃ quasi erã tã fortes como Baçaĩ, & forão destruydas por tã poucos como traz Diogo da silueyra, assi sera Baçaĩ cõ ajuda de nosso senhor polos q̃ lá formos, q̃ seremos dous mil Portugueses cõ os q̃ traz Diogo da silueyra, & por nã se saber õde ymos o encubro dizẽdo q̃ vou a Cãbaya, & por isso vos dey juramẽto q̃ o nã descubraeis, & assi volo peço. O q̃ lhes pareceo muito bẽ, & cõselharão ao

gouernador q̃ sem detẽça o executasse. E como ele tinha tudo prestes partiose na entrada do ãno de mil & quinhentos & xxxiij. & foy na galé bastarda, & seria a frota de perto de oytẽta velas, ẽ q̃ entrauão sete galeões, de q̃ forã capitães, dõ Paulo da gama, Vasco pirez de sam payo, dõ Fernãdo deça, Antonio de lemos, Anrrique de macedo, Antonio cardoso, & outro a q̃ nã soube o nome: as outras velas forã galés, galeotas, bargantins, catures, & nauios da terra, dos principaeis capitães q̃ soube q̃ forão das galés, & galeotas forã, Martĩ afõso de melo jusarte, Manuel dalbuquerq̃, Tristão datayde, pero de faria, Frãcisco da cunha, Vasco da cunha, Nuno barreto, Manuel de vascõcelos, dõ Pedro de Meneses, Fernão de lima, & outros fidalgos & caualeyros: & nas velas Portuguesas yão dous mil Portugueses, & dous mil Canarĩs frecheiros & adargados nos nauios da terra. E partido de Goa coesta frota foy ter a Chaul, õde mãdou diãte Manuel dalbuquerq̃ cõ certos bargantĩs, q̃ fosse tomar a barra de Baçaĩ, porq̃ nã entrasse nenhũ socorro de Diu, & ele partio a pos ele: E chegado ao rio do Pagode duas legoas de Baçaĩ: esperou por Diogo da silueira q̃ por seu recado se partio da põta de Diu õde andaua, & se foy ali ajũtar coele, & jũtos partirã todos pera Baçaĩ, q̃ como disse, he quinze legoas de Chaul metido por hũ rio ẽ q̃ podẽ nadar galés, & deste rio se faz hũ esteyro q̃ o cerca da bãda de léste, & se vay meter no mar q̃ fica a terra ẽ jlha: pegado cõ a boca deste esteiro estaua hũ baluarte, & mais pera a barra a tiro de bõbarda estaua hũa mezquita ẽ hũa mama de terra. E porq̃ os Portugueses não podessẽ desẽbarcar jũto da fortaleza fizerão hũa tranq̃yra de valos de terra q̃ começaua do baluarte, & se estendia até mea legoa alẽ da fortaleza pera a pouoação, era daltura de braça & mea & muito larga, & dos mesmos valos tinha muytos baluartes em q̃ estauão assentadas trezẽtas peças dartelharia, & pera mais fortaleza cercarãona de caua daltura de hũa braça q̃ se ẽ-

chia dagoa do esteyro q̃ disse, de modo q̃ nã se podia ẽtrar se não pelo cabo da tranq̃yra, q̃ os mouros fizerã, porq̃ se algũa ora os nossos os quisessẽ cometer, nã poderià tãto ãdar a pé pera chegarẽ ao cabo da tranq̃yra, & se chegassẽ, chegarião tam cansados que não poderião pelejar, & coesta fortaleza & cõ Melique ter dezasete mil homẽs de peleja assi de pé como de caualo, & todos escolhidos, lhe parecia que estaua seguro de ser tomado.

CAPITVLO LX.

Como Melique quisera deter cõ engano ho Gouernador q̃ não cometesse a fortaleza.

Chegado ho gouernador á barra de Baçaim entrou dentro no rio pera surgir com sua armada, q̃ sabendo Melique camanha era temeo de ser tomado, & pera auer mays gente & se fortalecer mais, mãdou logo dizer ao gouernador por hum mercador Dormuz q̃ hi tinha hũa nao, q̃ bẽ sabia como seu pay, & ele forão sempre grandes seruidores del Rey de Portugal: & a amizade que teuerã cõ os seus gouernadores da India, & nũca lhe quiserã fazer guerra, sobre q̃ el rey de Cãbaya os vexara & tratara mal, & por isto assi ser ele q̃ria goardar coele o que até ali goardara com outros gouernadores, & ter coele paz & amizade como teuera cõ os outros se ele disso fosse contente, & se posesse no q̃ fosse razã. Ho gouernador despoys de ouuir este recado, pregũtou ao mouro pola fortaleza, & se estaua tã forte como era a fama, & ho mouro lhe prometeo de lhe dizer a verdade, pedindolhe q̃ lhe nã mãdasse queymar hũa náo q̃ hi tinha, & mays pois era vassallo del Rey de Portugal: ho q̃ o gouernador lhe prometeo, & ele lhe contou largamẽte a gente que Meliq̃ tinha & ho assento da fortaleza, & quam fortalecida estaua. E ho Gouernador que com tudo tinha determinado de dar nela, não lhe deu nada do que ouuio ao mouro, & respondeo a Meli-

que, que por saber que era verdade tudo quãto lhe mandaua dizer, era contẽte de fazer coele paz & o ter por amigo, & que lhe mandasse arrefens, & que despois de os ter mandaria la cõ quem assentasse a paz & a amizade. E como Melique não tinha tenção de fazer a paz, não quis mandar resposta aq̃le dia, & ao outro mãdou tres Mouros honrrados que ho mercador Dormuz conhecia, que ho gouernador mandou agasalhar em hũa galeota, de que era capitão Ioão de payua feytor da armada: & madou a Martim afonso de melo que fosse assentar paz com Melique: & seria com condição que lhe alargasse aquela fortaleza. E sabẽdo Melique como ya Martim afonso, sayo ho a receber hũ pedaço fora da fortaleza: & ali assentados na herua sobre hũa alcatifa praticarão na paz, & Melique não q̃ria dar a fortaleza, & por Martim afonso aprefiar muyto coele q̃ a desse, lhe disse Melique q̃ lhe rogaua por sua fidalguia que lhe dissesse, se ele fora Melique se a dera, & Martim afonso respõdeo que se soubera ho poder que ya contrele, como sabia, que a entregara por escapar: & com tudo Meliq̃ pola tenção que tinha insistia muyto em não dar a fortaleza. E por derradeyro, mays pera deter a cousa que pera querer concrusam, disse que dirribaria a fortaleza, com condiçam que lhe pagasse ho gouernador os gastos que fizera, & que auia de leuar a artelharia, madeyra, & pedra, & em refazimento dos gastos lhe auia de dar cincoenta caualos dos que leuaua, & coesta reposta se tornou Martim afonso, & deua ao Gouernador, que mandou logo os arrefẽs, & chamou a cõselho na sua galé onde propos aos capitães fidalgos, & pessoas principaeis da armada, a reposta de Meliq̃, & como muitos sabiam ho assẽto da fortaleza pelo mouro & ho modo de q̃ estaua fortalecida, & temessẽ a peleja, ou lhes parecesse melhor auer a fortaleza sem ela q̃ coela, em q̃ muitos corriã risco de morrerẽ, & a India ficar desfalecida de gẽte, de q̃ ao presẽte auia necessidade grãdissima, forão de parecer q̃ se cõcedesse a Meliq̃

o que pedia, dando as mesmas rezões q̃ digo, & porq̃ não se fizesse Baçaĩ outro Diu. E Diogo da silueyra, & Manuel dalbuquerq̃ forão muy desuiados deste parecer, dizẽdo que aq̃la armada que ho gouernador trazia, tinha muyto custado a el Rey, & o que se poderia dar por se derribar a fortaleza seria outro tanto, o que era grande vergonha & parecia fraqueza, que era muyto de notar pois se cometia por tanta & tam boa gente & tambẽ armada como ali estaua, & por nã ficar ẽ custume aos mouros q̃ como quisessem ajuntar quaeis quer quatro pedras pera lhas venderẽ tambẽ como Meliq̃ q̃ria vẽder aquelas, & mays leualas, que o não deuião de fazer: & se Melique nã quisesse dar a fortaleza liuremente que pelejassem, & que esperauão em nosso sñor q̃ os auia de ajudar por mays fortes que os imigos estiuessem, & deste parecer forão outros, & ho gouernador por derradeyro, & por serem mays vozes se assentou que fosse assi, & ho gouernador ho mandou dizer a Melique por ho mouro Dormuz, & por ele respondeo que ao outro dia mandaria a resposta: & vendo os soldados esta dilação sem saberẽ a causa, & porque sabião o que Martim afonso passara cõ Melique sobre o que o gouernador teuera conselho, & lhe respõdera, assentarão q̃ poys ho gouernador não dera logo em terra que não q̃ria fazer nada & se tornaua, & leuãtouse sobristo grande murmuração por toda a frota, & o secretario Simão ferreyra ho disse ao gouernador, q̃ vendo ho vir de fora cõ rosto descontẽte lhe pregũtou que ya lá, & de que vinha descõtente, ele lhe respõdeo q̃ por dizerẽ todos q̃ se tornauão pera Goa sem fazerẽ nada, & entẽdendo ho gouernador, que poys ele soltaua aquilo q̃ auia grãde murmuração na armada, & vendo tambẽ q̃ Melique não mandaua reposta, tornou a chamar a conselho & determinou de dar em terra ao outro dia q̃ era dia de são Sebastião, & que de toda a gente se fizessẽ tres escoadrões, no primeiro q̃ seria de seis cẽtos Portugueses, & quinhẽtos Canarĩs, yrião Diogo da silueyra, Martim afonso de me-

lo jusarte, & Manuel dalbuquerq̃. No segũdo que seria doutros tãtos yrião dom Fernando deça, Vasco pirez de são payo, dom Paulo da gama, Antonio de lemos, Anrriq̃ de macedo, Antonio cardoso, & os outros capitães dos galeões. No terceyro que seria de oyto cẽtos, yria o gouernador cõ a bãdeyra real acõpanhada dos outros capitães, & nesta ordem desembarcarião todos de madrugada & cometerião ho cabo da tranqueyra, cujo caminho ho mouro Dormuz lhes insinaria, indo na dianteyra com Diogo da silueyra, & á boca da noyte a albetoça de Pero de faria com as mays velas que teuessem tiros grossos, & assi algũs bateis de mãtas se chegarião o mays que podessem â fortaleza & á tranqueyra, pera q̃ ouuindo de madrugada hũ tiro de berço q̃ tiraria o seu catur indo pera terra começassem de bater a fortaleza & trãqueyra.

CAPITVLO LXI.

De como Diogo da silueyra, Martim afonso de melo jusarte: & Manuel dalbuquerque desbaratarão a trãqueyra dos imigos.

Isto assentado tornarãose os capitães a seus nauios, & chegados á tranqueyra & fortaleza os q̃ auião de dar a bateria ẽcomẽdouse a gẽte a nosso sñor, porq̃ ho feyto era muyto perigoso por a fortaleza estar tam forte como disse, & em grandes alegrias porq̃ soubessem os imigos q̃ os não temião. E vinda a madrugada q̃ o gouernador deu o sinal cõ ho berço, como estaua assentado, começou a nossa artelharia de desparar & como era ainda de noyte & fazia neuoa, & os tiros desparassem quasi a hũa foy hũa cousa espãtosa, & mays porq̃ a artelharia dos imigos começou tambẽ de jugar cuydãdo q̃ os Portugueses desembarcauão diante da fortaleza. E desembarcados eles & postos na ordẽ em q̃ auião de yr, começarão de caminhar ao longo da tranqueyra pera ho cabo dela, porque querẽdo Diogo da silueyra entrar pola

caua não quis quãdo achou a altura que tinha: & por isso passou auãte por hũ campo raso onde a nossa gente nà tinhào outro emparo se não o de nosso sñor q̃ os goardasse das muytas bõbardadas q̃ lhes os imigos tirauam & espingardadas em roda viua, & muytas bõbas de fogo, & tudo tã basto q̃ era milagre euidente escaparẽ de tantos tiros, & nosso sñor seja louuado em nhũ acertarão, pelo q̃ despoys muytos dos Canarĩs que yão cõ os nossos se tornarão cristãos, dizendo que o nosso Deos era melhor que todos os outros deoses q̃ nos goardaua dos perigos. E os mesmos mouros espantados de verẽ q̃ os seus tiros não empecião aos Portugueses, mandarão dizer a Meliq̃ q̃ visse o q̃ fazia porq̃ a artelharia não fazia mal aq̃les homẽs, & que se chegauão ao cabo da trãqueyra, onde se todos ajuntarão, & serião doze mil homẽs de pé & de caualo, em q̃ auia muytos Rumes & outra gente branca. E sabido por Melique aq̃le recado, acodio á tranqueyra deyxãdo encomẽdada a fortaleza a hũ capitão de q̃ confiaua. E quando os Portugueses chegarão ao cabo da trãqueyra despoys de tantos perigos acharão como digo aq̃le corpo dos imigos, q̃ era cousa de tiros de fogo que tirauão pera defender a entrada, mas os Portugueses não duuidando nhũa cousa remeterão aos imigos na ordem em q̃ yão, tirãdo hũs muytas espingardadas, & outros cõ lançadas. E vendo os imigos a ousadia cõ q̃ os cometião os menos: teuerão coração pera se defender o que fizerão por hũ quarto dora, pelejando muy esforçadamẽte & logo se desbaratarão, não podẽdo sofrer o impeto dos Portugueses, & fugirão deles pera a pouoação, & outros pera a fortaleza, & assi os seguirão os nossos, parte deles com Diogo da silueyra q̃ seguio os q̃ yão contra a pouoação, & parte cõ Martim afonso, & Manuel dalbuquerque os q̃ yão pera a fortaleza: & nisto chegou Meliq̃, & começou de recolher os seus, & assi como os recolhia fazia volta aos que yão com Diogo da silueyra, mas aproueytaua lhe pouco, porque como os Portugueses yão fauo-

recidos com a vitoria a cada volta lhe matauão muytos: & assi os leuarão ate a pouoação, onde Melique nã se atreuẽdo a saluar, fugio passando hũa ponte que atrauessaua ho esteyro q̃ disse, & recolheose cõ a gente ao pê de hũa serra õde se fez forte, & na entrada da tranqueyra & no alcãço dos imigos forã mortos bẽ quinhẽtos homẽs, & muytos deles Rumes, & ãtreles foy hũ Abexî de caualo, q̃ ãtreles era tido por esforçado caualeyro, & matou ho Ioão jusarte tição, & assi foy morto hũ capitão del rey de Cambaya cõ dous filhos & hũ genrro, & não foy a esta batalha a mays que a ver os Portugueses, porque nunca os vira pelejar, & tinha deles fama que erão muyto valentes homẽs, & este capitão se achou armado de hũ bõ corsolete: & assi morrerão outros muitos capitães & homẽs conhecidos, & dos Portugueses morrião ate seys, & hũ deles era fidalgo, & chamauasse Diogo de melo, & outro Bertolameu drago, & dos outros não soube os nomes. E esta vitoria se ouue ẽ tres oras, & foy das prĩcipaeis q̃ ate aly se ouue na India, por ser hũ feyto de muyto grande perigo, & ser a peleja cõ a melhor gẽte da India, assi de pé como de caualo, & em q̃ auia muytos Rumes, & a mays da outra gente toda brãca, afora terem tantas munições & tiros de fogo como disse.

CAPITVLO LXII.

De como os imigos despejarão a fortaleza de Baçaĩ.

Desbaratados os imigos & posto fogo á pouoaçam, tiraram os Portugueses caminho da fortaleza, & chegando á mezquita que disse, esperarão polo gouernador q̃ chegou á trãqueyra quasi em tẽdo os Portugueses acabado de desbaratar os imigos, que polo pouco espaço q̃ gastarão em os desbaratar, não pode chegar mays cedo: & foy a pressa tamanha q̃ correrão os Portugueses muyto risco de serẽ mortos cõ a nossa artelharia q̃ tirauão

os do mar, q̃ cuydando q̃ nã tomassem a trãqueyra tão asinha, não fazião se não tirar a ela polos ajudar, & tã impresso tinhão isto na fantezia, que os vião ãdar sobre os valos da tranqueyra, & cuydauão q̃ erão os jmigos, & q̃ os Portugueses erão todos mortos, se não quãdo virão luzir os capacetes, então deixarão de tirar. E chegando ho gouernador á mezquita deu muytos louuores a nosso senhor por aq̃la vitoria, & fez muyta honrra & gasalhado a Diogo da silueyra & aos outros capitães louàdo seu esforço & valentia, & disselhes q̃ esperaua em nosso señor dalmoçar ali & cear dentro na fortaleza, porq̃ o mais era feyto: & pera q̃brar as portas da fortaleza mandou logo â frota por algũs tiros grossos, q̃ por derradeyro aprouue a nosso senhor q̃ não forão necessarios, & acabouse ho feyto sem perigo, porq̃ indo polos tiros, mandou ho gouernador ao secretario q̃ fosse espiar a porta da fortaleza pera ver se lhe poderião tirar cõ as bõbardas porq̃ mãdara, & mandou yr coele sete ou oyto homẽs, & como os outros o virão abalar, (por ser priuado do gouernador) leuãtarãose bem quinhẽtos & forão a pos ele. E vendo os mouros q̃ estauão na fortaleza aquele corpo de gente emcaraua nela & a bateria q̃ lhe dauão por mar, & vendo desbaratada a tranqueyra, & que Meliq̃ fora desbaratado, & não se podera recolher á fortaleza, cuydarão que lhe yão tomar a porta pera não poderẽ sayr em quãto os outros entrauão pelos muros, & cõ o medo q̃ disto cõceberão abrirão as portas & fugirão pera ho esteyro cõ determinação de passar da outra parte: & os Portugueses q̃ os virão derão apos eles, mandando ho secretario dizer o que passaua ao gouernador, que logo seguio pera o lugar por onde os jmigos q̃rião fugir, & ainda neste alcanço forão deles mortos perto de cinquoẽta Rumes & homẽs brancos, & por não poderẽ passar do esteyro se tornarão pera a fortaleza, a cuja porta ho gouernador armou algũs caualeiros, & antre eles forão Gil de crasto filho de Diogo borges contador de Viseu, Baltesar lobo de sousa, Tomé de

brito, Lionel de lima & outros, a fora muytos q̃ fizera na mezquita: & despoys entrou na fortaleza dando muytas graças a nosso sñor pola muyto grande merce q̃ lhe fizera, & achouse muyta poluora despingardada & de bõbardada & muytos pelouros & outras muytas munições, a fora a artelharia que com a que foy tomada na tranqueyra forão quatrocẽtas peças, & antrelas sete grossas arrebẽtadas, & a terra foy cortada & destruyda, em tãto q̃ os Portugueses rogauão hũs aos outros q̃ deyxassem algũas aruores pera sombra, & a rogo de hũ Guzarate gentio homẽ velho & que tinha presença de honrrado, mãdou o gouernador que não cortassem mais aruoredo. E porq̃ ele não tinha gente pera soster aq̃la fortaleza contra võtade del Rey de Cambaya & pola não deyxar aos mouros a mãdou derribar toda & assi o baluarte, & desfazer a tranqueyra, no q̃ se deteue oyto dias tendo em terra seu arrayal. E desfeyto tudo isto ate os aliceces recolheo se a frota, & dahi mãdou a Diogo da silueyra ao estreyto por capitão mór de hũa armada de tres galeões de que forão capitães ele, Antonio de lemos, Antonio cardoso, & hũa galé real a cujo capitão não soube ho nome, & duas galeotas, capitães Fràcisco de sousa, & Fernão de crasto, & quinze bargantins & catures: & porq̃ lhe foy dito q̃ a fortaleza de Damão estaua despejada, determinou de a mandar derribar, & deu ho cargo disso a Manuel dalbuquerq̃ q̃ fez capitão mór de hũa armada de tres galés de q̃ forão capitães ele, dõ Pedro de meneses, & Manuel de vasconcelos, & doze bargantins & catures, pera que lhe deu trezentos homẽs, & deyxandolhe esta armada se partio pera Chaul & dahi pera Goa õde auia de inuernar, & daqui despachou Martim Afonso de melo jusarte pera yr a Bẽgala fauorecer Cojexabadim, aquele mouro q̃ ho resgatou, como disse no Liuro Septimo. E por el rey de Bengala ho não querer deyxar tornar pera sua terra escreueo a elrey de Portugal ho agrauo q̃ lhe el rey fazia pedindolhe q̃ ho mandasse tirar dela, & q̃ auendo

de yr alguẽ a isso fosse Martim afonso, aquem escreueo q̃ lhe mandasse aquela carta, & que escreuesse a el Rey os seruiços q̃ lhe tinha feytos, & q̃ lhe pedisse aq̃la yda a Bengala, porque ele tambẽ pedia a el rey q̃ ho mãdasse: & Martim afonso ho fez assi, & el rey lhe fez merce da yda, & assi lho escreueo, & escreueo ao Gouernador que lha desse, & por isso lha deu, & a tirou a Ruy vaz pereira, a quem a tinha dada. E auendo Martim afonso dyr, deulhe ho gouernador ho galeão sam Rafael em que fosse, de que era capitão Cristouao de melo, & deulhe cento & cincoenta Portugueses, & partio de Cochim em Abril, leuando em sua conserua hum nauio seu, & hũa nao de Bastião luys escriuão da matricula de Cochim, & Antonio gramaxo em hũ jungo seu, & outro nauio, com que erão cinco velas.

CAPITVLO LXIII.

De como Manuel dalbuquerque foy derribar a fortaleza de Damão.

A gente que ficou com Manuel dalbuquerque, se embarcou de muyto má vontade por ser entrada dinuerno, & serem os ventos contrayros, como por estarem enfadados de pelejar, & desejarem de yr descãsar a Goa: & Manuel dalbuquerque os confortou & esforçou, & partiose pera Damão, que he hum lugar grande, & tem hũa boa fortaleza, situada na ponta da enseada de Cãbaya da banda do sul, por hũ rio a cima pouoado de Guzarates gentios, & na fortaleza estaua hũ mouro capitão del rey de Cambaya, cõ quatrocentos Abexins & Fartaquĩs, & os mais deles espingardeyros, & estaua a fortaleza bem artilhada, & não despejada como fizerã crer ao gouernador. Chegado Manuel Dalbuquerque hũa antemenhaã á barra de Damã, assi como chegou mandou logo a hum fidalgo chamado Ioão de mendoça que fosse sondar ho rio pera ver se poderião entrar nele as galês

& ver a desposição da fortaleza, & ele foy em hum catur, & tornou cõ recado ainda antes damanhecer, que as galés podião nadar no rio, & segundo as congeyturas que vira, que lhe parecia que os imigos estauão todos recolhidos na fortaleza esperando por ele. E com quanto Manuel dalbuquerque isto soube, & vio que trazia pouca gente pera cometer a fortaleza, era tam amigo de sua honrra que não quis que dissesse alguẽ que podera tomar a fortaleza se a cometera, & assi ho disse a todos os capitães, & pessoas principaeis da frota, pedindolhe que a cometessem, & que despoys ho tempo lhe mostraria ho que podião fazer, & isto porque todos erão dacordo que poys a fortaleza estaua forte que a não cometessem, porque ho Gouernador os não mandara a tomala, se não a derribala, crendo que estaua despejada, & pois o nã estaua, nem eles não trazião petrechos pera a tomar, que era escusado cometela, & polo que lhes Manuel dalbuquerque pedio, lhes pareceo bem veremna, & passarão tanto auante com toda a frota, ainda ante menhaã, que se pegarão com ho muro da fortaleza, de que as bombardas chouião: & vendo Manuel dalbuquerque q̃ nã fazia ali mays que poderem lhe matar gente, tornouse a sayr antes que viesse ho dia, & que lhe podessem os imigos fazer nojo com a artelharia, & atrauessando pera Diu a esperar algũas naos que fossem a Meca, deulhe hum tempo com que esteue quasi perdido, & arribou a hũ lugar chamado Agacim que achou despejado, & achou hy muyta madeira que mandou leuar a Goa, pera onde se foy queymado ho lugar, & hi achou ho gouernador, que por nã ser chegado dõ Esteuão da gama q̃ tinha a capitania de Malaca na vagãte de Garcia de sá, despachou pera lá dõ Paulo da gama seu jrmão, q̃ entraua na mesma capitania, na sua vagante, que de Goa se foy a Cochim, & dahi partio pera Malaca na fim Dabril de mil & quinhẽtos & trinta & tres, & foy por capitão mór de dous nauios, & duas fustas, & foy coele hum fidalgo seu tio chamado

Tristão datayde, que ya por capitão da fortaleza de Maluco. E chegado dom Paulo a Malaca foy entregue da capitania por Garcia de sá, & despoys despachou Tristão datayde q̃ partio pera Maluco em Agosto pera yr por Borneo, & por não poder saber que armada leuou, o não digo.

CAPITVLO LXIIII.

De como chegarão aa India certas armadas de Portugal.

Neste anno de mil & quinhentos & trinta & tres, mandou el Rey dom Ioão de Portugal sete naos a India repartidas em duas capitanias, de tres foy capitão mór hum fidalgo chamado dom Iohão pereyra, que leuaua a capitania de Goa, & forã seus capitães hum dom Francisco de noronha que se perdeo com tempo, & Lourenço de payua que passou cõ dom Ioão. Da outra armada foy capitão mór outro fidalgo chamado dom Gonçalo coutinho prouido tambem da capitania de Goa na vagante de dom Iohão pereyra, forão seus capitaes Simão da veiga, Diogo brandão do porto, & Nuno furtado de mendoça comẽdador da Cardiga, a que não soube ho que aconteceo na viagem, se não a dom Ioão pereyra, que sayndo do parcel de çofala, & indo por antre hũas jlhas, quis esperar as naos de sua conserua, & preguntando ao piloto & ao mestre como farião, disserão que amaynassem, & Antonio galuão, hũ fidalgo de que fiz mençã no liuro Septimo, que ya na nao por passageyro, & sabia bem da nauegação, disse, que lhe não parecia bom conselho, & que poys não querião fazer caminho, que deuião de payrar com ho traquete pera a nao fazer cabeça ao már, & não yr dar em terra pera onde corrião as agoas, & tambem como estauão perto do Tropico, podia sobreuir algũa toruoada que os leuasse mays asinha a terra, & parecendo isto bem a todos assi se fez, porem nam durou mais que até o quarto da modor-

ra rendido, que se dom Ioão, & Antonio galuão acolherão a suas camaras a dormir, & ainda bem o piloto & ho mestre não sentirã que dormião, derão com as velas embayxo, porque tomarão ho conselho de Antonio galuão de mã vontade. E feyta esta boa pilotagẽ, dão consigo nos camarotes, & deytãose a dormir muy descansados, & duas oras por passar do quarto dalua, começasse douuir o leme da nao, q̃ ya roçãdo polo chão porq̃ amaynadas as velas leuarã as agoas a nao pera terra como Antonio galuã dizia, que por yr na camara do leme acordou logo ao arroydo q̃ ele fazia, & nisto deu a nao duas pãcadas tamanhas cõ a quilha q̃ parecia q̃ se abria, & a elas acordarão os q̃ jaziao de baixo da cuberta, & começarã de gritar cuidando que a nao era perdida, & mays porque vião o mestre & o piloto desacordados, que como virão o mao recado que tinhão feyto pasmarão, & nã sabiã mais q̃ chorar, & era a reuolta muito grãde na gẽte, hũs bradauã q̃ matassem o mestre & o piloto, pois forão causa de se perder a nao, outros arremetião a arcas, & a tauoas & paos, pera se deytarem ao már, com quanto fazia grande escuro, & dom Ioão queria tomar o batel, & trazia hũa espada pera ho defender a quem o quisesse tomar. E era o desacordo tamanho em todos, q̃ se ouuera a nao de perder se não fora Antonio galuao, que mãdou logo dar os tranquetes, & yr marinheyros ao leme, que nã acharão por saltar fora quando a nao deu as pancadas: & Antonio galuão, ainda que vio tamanho perigo como aq̃le era, disse aos marinheyros & ao piloto & mestre q̃ se calassẽ por a gẽte nã esmorecer: que nosso Senhor lhes daria remedio que teuessem nele confiança, & disse a dom Ioão que tirasse a espada que tinha, nem lhe sentissem que queria tomar o batel, porque cuydaria a gente que era a nao de todo perdida, & remeterião todos ao batel pera o tomarẽ & matarseyão hũs com os outros, que dissimulasse & se mostrasse alegre, porque coisso os auia nosso Senhor de saluar & não cõ desordens, ho que

pareceo bem a dom Ioão, & assi ho fez, & consolou a gente que estaua despida pera se lançar ao már, & Antonio galuão chegou então debayxo da bõba, & disse a todos que esforçassem que a bomba tinha pouca agoa, que era sinal que a nao não abrira, & mandou logo dar a bomba pera que vissem q̃ era verdade, com o que todos esforçarão. E por Antonio galuão achar com ho prumo que estauão em dez braças, & logo em oyto, que era sinal que não tornaua a terra, mandou logo alargar hũa ancora, & amaynar os tranquetes que tinhã dados: & isto feyto amanheceo, com que a gẽte acabou desforçar de todo, & mays porque as outras duas naos chegarão & lhes falarão, & ali ouue conselho, que por quanto não estauão de Moçambique mays q̃ quatorze legoas, & a nao começaua de fazer agoa q̃ fossem sem leme, porq̃ na detença que fizessem em o fazer se poderia a nao yr ao fundo, & por ser tam perto poderia a nao yr á toa do seu batel & as outras naos yrião em goarda dela, & assi o fizerão & chegarão a Moçambique a saluamento, onde por não se poder tomar a agoa da nao por ser na quilha, acõselhauão a dom Ioão que a descarregasse nas outras naos & se fosse nelas, & aquela ficaria ali pera a desfazerem, mas Antonio galuão não foy deste parecer, se nã q̃ a nao se tirasse a mõte ou ás marês & se cõcertasse ho melhor que podesse ser, & que se fosse dom Iohão nela á India: & que ele yria coele & ho ajudaria de dia & de noyte com quãtos leuaua que erão muytos. E como dõ Iohão tinha bem espromentado quam bom conselho era o Dãtonio galuã tomou este: & concertada a nao foyse nela á India, & quãtos yão na nao vẽdo q̃ Antonio galuã se ẽbarcaua, se ẽbarcarã tambẽ, posto q̃ estauã fora dela, & bem se pode crer, que despoys de nosso Sñor ele saluou aq̃la nao duas vezes. E assi partio dom Esteuão da gama, que inuernou em Moçambique, & dom Iohão foy ter a Goa, onde inuernaua o gouernador, que por esperar de fazer paz cõ el rey de Calicut, se partio logo pera lá como as naos

chegarão: E chegado a Calicut com toda a armada, leuantouse tamanho temporal de vẽto, que não pode sofrer a amarra mais de hũ dia & caçaua muyto, pelo que o gouernador arribou a Cochĩ, & hy se deteue oyto ou dez dias, em escreuer pera Portugal, & despoys se tornou a Calicut: E começado dauer recados antrele & el rey sobre as pazes, nũca em dous dias se pode tomar nelas nenhũa concrusão, porque cada hum queria hũa cousa, & nisto sobreueo tam braua tormenta, que todos os nossos se derão por perdidos, & alargando tamalaues o vento, que Manuel dalbuquerque pode dar o traquete da sua galé, acolheose por se não perder, & cuydando ho gouernador que ya desamarrado, & que esgarraua fez sinal á frota que leuasse, & diffirindo ho traquete dauante seguio a pos ele pera lhe acodir, & despois de ver como ya, por o vento lhe não seruir pera tornar a Calicut, fezse na volta de Goa seguindo ho toda a frota, & foy aferrar ho seu porto, & por esta causa não ouuerão efeyto as pazes com el rey de Calicut.

CAPITVLO LXV.

De como Vasco da cunha foy espiar Diu.

Ho Gouernador ficou tam magoado de quam mal lhe socedeo a empressa de Diu, que por muytas boas venturas que lhe despoys socederão não podia perder a magoa que tinha, nem cuydaua o mays do tempo se não que maneyra teria pera fazer fortaleza em Diu, & coeste fundamento mandaua fazer tanta guerra a Cambaya, porque el Rey enfadado dela lhe desse esta fortaleza, porque teuessem paz. E parecendolhe que el rey esteuesse ja mais brando pera isso, lhe mandou hũa embaixada per Tristã degá sobre que lhe desse fortaleza em Diu, & que fazia paz coele, & seria seu amigo, & por o mesmo Tristão degá escreueo a algũs capitães del rey, & senhores de sua corte que ho fauorecessem, & aju-

dassem pera auer esta fortaleza, & lhes mandou presentes pera que o fizessem de melhor vontade, & nisto se trabalhaua. Despoys que el rey ouuio a embaixada, que mostrou ouuir de boa vontade, porem nam tinha nenhũa pera dar a fortaleza. E andando assi este embayxador com el rey, soubeo Melique tocão capitão de Diu, q̃ estaua muyto receoso de lhe el Rey tirar aquele estado pera o dar a Rumecão, & estando coeste receo, não se sabe com que tenção escreueo ao Gouernador que lhe mandasse hũ fidalgo com que podesse falar miudamente cousas que compriã muyto a seruiço del rey de Portugal, & quando o gouernador vio esta carta, sospeytou que Melique quereria dar fortaleza, & fazendo logo conselho sobrisso, pareceo a todos ho que o gouernador sospeytaua, & por isso assentou que se mandasse o fidalgo q̃ Meliq̃ pedia, pera q̃ o gouernador escolheo a Vasco da cunha, assi por caualeiro muito esforçado & sesudo, como por antigo na India, & saber bem os costumes dos mouros: & deulhe hũa instrução do que auia de fazer com Melique, que auia de ser, que ele desse aquela cidade a el rey de Portugal: & que ho gouernador em seu nome lhe fazia por isso doação de juro dametade da renda da alfandega dela, & mais lhe faria hũa fortaleza em qualquer dos rios de Cambaya que ele quisesse, pera que esteuesse seguro del rey de Cambaya, contra quẽ ho fauoreceria, & ajudaria de cada vez que lhe fosse necessario, & que trabalhasse por yr á cidade & ver se auia nela algũa entrada por onde se podesse tomar, porque não se tomando concrusão com Melique, yria sobrela outra vez & a tomaria, & pera isto mandou que fosse coele ho artilheyro mór, que sabia muyto da guerra. E assi lhe deu mais hum Iao Cristão casado em Goa, jrmão dum bombardeyro que estaua em Diu no baluarte do mâr, que se lhe offreceo, pera falar coeste bombardeyro seu jrmão, & intentar se se poderia por algũa maneira tomar a cidade. E despachado Vasco da cunha de tudo ho que compria a sua viagem, partiose em hũa

fusta na entrada Dagosto, & chegando á barra de Diu, aruorou hũa bandeira branca, ho que sabido por Melique sospeytando ho que era, pelo que tinha escrito ao gouernador, mandou hum homẽ de confiãça a saber quem vinha na fusta, & Vasco da cunha lho disse, & que trazia hũa carta do gouernador a Melique tocão, porẽ que não auia de yr a terra sem lhe mandar por arrefens o capitã do baluarte do már que lhe logo mandou, & deyxando ho Vasco da cunha em poder Dãtonio borges (hum fidalgo que ya coele) se foy desembarcar na cidade, & se vio cõ Meliq̃ nas suas casas onde falarão de praça hum pedaço, & despoys se recolheo Vasco da cunha a hum aposento das mesmas casas onde auia de pousar, & hi foy falar coele Melique secretamente, que como sabia falar bem ho Portugues, não ouue necessidade de lingoa. E despoys de lhe Vasco da cunha dar hũa carta do gouernador em Persiano, em que lhe escreuia o que queria dele, & ho partido que lhe faria, q̃ Melique leo: lhe disse mais, que não deuia nada a el rey de Cambaya pera por amor dele deyxar de fazer hũa cousa de tanto seu proueyto como lhe o gouernador cometia: antes ainda que não fora de nenhũ interesse a ouuera de fazer por se vingar dos danos, & agrauos que lhe el Rey de Cambaya tinha feytos, como fora matar lhe seu jrmão mays velho Melique saca, por outra nenhũa causa se não por lhe tomar sua fazenda, cuidando que fosse rico, & tirarlhe a honrra do gouernador não tomar Diu, & dala a Mustafa hum estrãgeyro, que fora sem porque tredoro ao Turco seu senhor, & que causas erão estas pera que vindo conjunção pera isso, como agora vinha, vingar se del rey de Cãbaya, & tirarlhe Diu, & dalo ao gouernador com partido tam proueytoso como lhe fazia, & mais com ficar em sua natureza tam seguro del rey de Cambaya: & Melique lhe respõdeo que lhe parecia bẽ tudo ho que dizia, & com tudo queria cuydar nisso, & despoys lhe responderia: & Vasco da cunha lhe disse que cuydasse, & entre tanto yria dar hũa car-

ta do Gouernador a Diogo da silueyra que chegara então á põta de Diu de Mascate onde inuernara, sem fazer no estreito nhũas presas. E a carta do Gouernador pera Diogo da silueyra dizia, q̃ nã fizesse nhũa guerra a Diu, porque trazia hũ embayxador com el rey de Cambaya. E despedido dele Vasco da cunha se tornou a Diu, que lhe Melique tocão mostrou, & nẽ elle nẽ o artilheiro mór virão entrada pera se poder cometer se não com grande força de gente, pera se repartir em terra & no mar, & hũa atupisse a caua & batesse os muros, & outra pelejasse com a armada dos mouros que estaua no már. Tambẽ neste tempo ho Iao de Goa esteue com o bombardeyro seu jrmão no baluarte do már, pera ho que disse, mas não ouue maneyra pera nada, nem Melique se acabou de determinar, se aceytaua ou não o que lhe o gouernador cometia: & respõdeo a Vasco da cunha q̃ naq̃le verã yria o gouernador darmada até Diu, que até ẽtão se determinaria, & lhe daria auiso de sua determinaçã, & deulhe hũa carta de crença pera ho gouernador, & coela se foy Vasco da cunha pera Goa, onde contou ao gouernador ho que fizera, & Diogo da silueira se foy pera Chaul.

CAPITVLO LXVI.

Do que fez dom Paulo da gama despoys de ser capitão de Malaca.

Despoys que dom Paulo da gama foy entregue da capitania de Malaca, determinou de fazer guerra a el rey Dugentana, filho do Rey a que Afonso dalbuquerque tomou Malaca, que despois de perder Bintão, fez seu assento em hũa cidade, chamada Vgentana, cincoenta legoas de Malaca por hũ rio acima, & era muyto poderoso de gente, assi por már como por terra: & este despoys que foy Rey, assentou pazes com Pero mazcarenhas sendo capitão de Malaca, porẽ nunca despoys com-

prio as condições das pazes. E porque dom Paulo isto sabia, determinou de lhe fazer guerra, & yr sobre ele & tomarlhe a cidade, & isto com conselho de todos os fidalgos que estauão cõ ele: & estando quasi prestes a armada que dom Paulo auia de leuar, chegou á jlha das Naos hũa armada de vinte sete lãcharas bem fornida de gente & dartelharia, & era del Rey Dugentana, & ya por seu capitão mór hũ valente mouro chamado Tuão barcalar, q̃ mãdou dizer a dõ Paulo, que el rey Dugentana seu senhor ho mandaua em socorro del rey de Péra seu jrmão, & lhe mandara que de caminho mandasse saber dele se mandaua que ho séruisse em algũa cousa & que ho fizesse, ao que dom Paulo respondeo com muytos agardecimentos, dizendo não ter necessidade de sua ajuda, & o capitão se foy. E examinada bem esta sua vinda, & offrecimentos desnecessarios, assentouse que sua vinda não fora por outra cousa, se não que sabendo el Rey Dugentana a armada que se fazia prestes, pera yrem sobrele, mãdara esta armada cõ aq̃la dissimulaçã, pera q̃ ficasse nas costas da nossa, q̃ como auia de leuar toda a prĩcipal gẽte da fortaleza, & auia de ficar pouca pera defẽder poderiã os imigos desẽbarcar a seu saluo, & ao menos queymar a pouoaçã dos Quelins, & por isto se assẽtar por todos ser assi, se acordou por eles q̃ a yda sobre Vgentana era escusada, & que ficasse pera outro tempo. E porque dom Paulo segurasse el rey Dugẽtana, & lhe fizesse perder algũa sospeyta se a teuesse, mandoulhe por ẽbaixador a hũ Fernã vieyra que confirmasse as pazes que estauão assẽtadas: & despoys que foy em Vgentana el rey ho prendeo & a quantos yão coele, & mandou os matar cõ diuersos generos de mortes, dizendo que ho fazia, porque sabia que os nossos erão seus imigos, & mays por vingar a morte de Sanaya que Garcia de sá mãdara matar, como disse, & dali por diante se começou guerra antre os nossos & el rey Dugentana, q̃ mandaua suas armadas correr a Malaca, & pelejauão com a nossa armada, & assi du-

rou a guerra ate que foy dom Esteuão da gama (como direy a diante). E com quanto dom Paulo não tinha mays de duzentos homẽs, era tão esforçado & de tão bõ saber na guerra, que ordenou sempre tam bem suas cousas, que sempre leuou ho melhor dos imigos: & sobristo era tam liberal, que gastaua ho seu muy largamente, dando muyto grande mesa aos soldados. E durando assi isto, por auer quinze annos q̃ el rey de Pão, & el rey de Patane, estauão de guerra com a fortaleza de Malaca, q̃ era grande deseruiço del rey de Portugal, determinou dom Paulo de fazer pazes coeles, que fez, indo por embayxador hum Manuel godinho, que as assentou muyto á vontade de dom Paulo, & como compria a seruiço del Rey de Portugal, que foy grande proueyto de sua fazenda, & da de seus vassallos: E estas pazes forão causa de tornarẽ a tratar na China, de que se despoys descobrirão pelos nossos, mais de cincoenta pórtos melhores que os de Cantã, como a diãte direy.

CAPITVLO LXVII.

Da treyção que el rey de Bengala ordenou contra Martim afonso de melo jusarte.

Martim afonso de melo jusarte que partio de Cochim pera Bengala com cinco velas, foy surgir na barra da cidade de Chetigão, & cõ licẽça do Goazil da cidade (que he como gouernador) sayo em terra com os Portugueses de sua companhia: & porque aly se paga na alfandega de tres hum, que he muy grande dereyto, receară os Portugueses de o pagar & por isso esconderã muyta da fazenda q̃ leuauã, sem a leuarẽ â alfandega, o q̃ foy peor porq̃ o Goazil o soube, & deu na casa em que estaua, & a tomou por perdida pera el rey de Bengala. E neste tempo mandou Martim afonso hum Duarte dazeuedo, que agora mora em Euora, com hũa embaixada a el rey de Bengala sobre paz, & amizade com

el Rey de Portugal, & deyxar yr pera sua terra a Cojexabadim, & mandoulhe de presente dous caualos arabios, & hũa faca de Cambaya & algũs caixões dagoas rosadas, que Antonio de saldanha tomou na nao çafeturca, & muytas peças de veludos velutados & demascos, & isto da parte do gouernador da India, & da sua muyta fazenda outra & das partes, porque costuma el rey de Bengala de mandar aualiar ho que lhe dão os estrangeyros & pagarlho, & isto por auer todas as boas peças q̃ leuão, & por isso todos os mercadores & outras pessoas estrangeyras q̃ vão a ele, lhe fazem muyto grãdes presentes, em que tem o ganho muyto certo, & mais forrão os dereitos q̃ ouuerão de pagar, porẽ nẽ todos lhe podẽ mandar presentes, por a cidade do Gouro, em que reside, estar cẽ legoas dos portos de mar pelo Gãges a cima, & ser a yda lá muy custosa. E despachado Duarte dazeuedo, partio se pera ho Gouro, & forão coele hũ Ioão de vilhalobos Destremoz, Nuno fernandez freire, Iurdão de moraeis, Diogo cabaço, Diogo ferraz, Lopo cardoso, & outros que fazião numero de dez. E nauegãdo polo rio acima, chegou á cidade do Gouro, (cujo sitio & nobreza disse no Liuro Quarto). E chegado lá, achou q̃ era morto Nançarotexá rey de Bengala, q̃ o matarão os seus capados, de que ficara hũ filho que por ser menino gouernaua o reyno hũ seu tio jrmão del rey, q̃ auia nome Mahmudxá, & este moraua nas casas del rey, q̃ erão do tamanho Deuora, hũ suntuoso & nobre edificio, lauradas todas as casas de lauores douro, & o chão & as paredes cubertas dazulejos, & no meo destes paços está hũ pateo, q̃ ocupa tãto espaço como o resio de Lisboa, a q̃ entrão por doze portas, & todas em voltas, & em cada hũa estão quatro porteiros, & no cabo deste pateo está hum alpendere, aque eles chamão Baileu, em q̃ el Rey de Bengala ouue os embaixadores, & então esta ho pateo cheo de gẽte darmas. Tẽ tãbẽ estes paços muitos jardins & casas de prazer, q̃ alẽ de ricos sam muyto deleitosos. Sa-

bendo Duarte dazeuedo, como Mahmudxá gouernaua o reyno, deulhe a ẽbayxada q̃ leuaua a el rey, & assi ho presente da parte de Martim afonso, & ele lhe disse q̃ o despacharia, & tres dias despois disto matou Mahmudxá el rey seu sobrinho, & fezse rey de Bẽgala, estãdo assentado tres dias & tres noytes na cadeira real, porque doutra maneira não podia ser rey. E como ele tinha muitos de sua parte pode fazer isto: & ficãdo por rey de Bẽgala, tornoulhe a falar Duarte dazeuedo, relatãdolhe outra vez sua embayxada, & assi lhe deu o presente que leuaua a el rey da parte do gouernador. Com que el rey folgou muyto, & prometeolhe de o despachar muyto cedo: E por não yr de cada vez tãta gente ao paço, disselhe que nã fosse daly por diãte mais que Nuno fernãdez freire, q̃ sabia a lingoa, & a que conhecia da outra vez que esteuera em Bẽgala, & assi se fez: & neste tempo que esperauão ho despacho, tomarão Nuno fernandez & os outros Portugueses grãde cõuersação & amizade com hum mouro Valẽciano que moraua na cidade que tambẽ a tomou coeles por serẽ Espanhoes, & folgaua de falar coeles nas cousas Despanha, principalmẽte de Valença donde era natural, & este era homẽ principal na cidade, & tinha grãde credito cõ el rey: & a mesma amizade tomarão com hum Iogue, chamado Xeq̃ pir, q̃ dezia ser de trezẽtos ãnos, q̃ fazia grãde austinẽcia & santa vida se nã fora Mouro, & por isso el rey & todos crião muito nele, & lhe fazião esmolas. E quando Duarte dazeuedo deu a el rey o presente da parte do gouernador, em que (como disse) entrauão algũs caixões dagoas rosadas q̃ forão tomados na nao çafeturca, q̃ ainda leuauão a marca dos mouros de cujos forão, que logo forão conhecidos por hũ Rume, cuja fora a fusta que tomara Damião bernaldez, que moraua no Gouro, & como ele estaua muyto magoado da fusta q̃ lhe tomarão, & dos cõpanheiros que forão mòrtos & catiuos na peleja, acrecẽtouselhe a magoa com ver os caixões que sabia como forã tomados: & desejando de

se vingar, trabalhou por fazer matar Martim afonso com quãtos Portugueses estauã em Chetigão, & quãtos estauão no Gouro, & pera fazer com el rey q̃ o fizesse, peytou a hũ capado que auia nome Agehabedelá grãde priuado del rey, a q̃ disse que não deuia de consentir que os Portugueses fossem a Bengala, porq̃ tinha sabido que eram ladrões, que roubauã os romeyros q̃ yão a Meca, de cujas forão as mais das peças q̃ lhe derão de presente, & q̃ yão espiar as terras cõ mostra de trato & amizade, & despois as cõquistauão, como fizerão em muytos lugares da India: O que sabendo el Rey de Calicut, & despois el rey da China, os nã quiserão consentir em suas terras, & os matarão & tomarão quãto leuauão, pelo que nunca lá mays tornarão, & assi deuia ele de fazer, & aueria cem mil cruzados q̃ leuauão de mercadoria. E como el rey de seu natural era tirano, pareceolhe isto bẽ, & mãdou logo recado ao Goazil de Chetigão que prẽdesse Martim afonso & os Portugueses q̃ estauão coele, & lhe tomasse as fazendas & lhos mãdasse: E porque se isto não descobrisse per alguem, & fosse auiso a Chetigão, mandou poer goardas assi no rio como em terra, q̃ não deyxassem passar ninguem pera Chetigão se não quem leuasse sua licença, porem isto não se pode fazer com tãto segredo, q̃ hũ Gentio chamado Darinda ho não soubesse, & este ho descobrio a Nuno fernãdez, por hũ certo preço q̃ lhe pedio por isso prometendolhe de trabalhar por saber quãto passasse neste negocio. E como Nuno fernandez foy sabedor desta treyção, escreueo logo a Martim afonso, a que não pode yr ho recado por amor das goardas que não deixarão passar ho portador, & quando Nuno fernandez isto soube, disse ho a Duarte dazeuedo & aos outros, que tambẽ esperarão que lhes fizesse el rey o mesmo q̃ mandaua fazer a Martim afonso, & encomẽdarãose a Deos, porq̃ nã tinhão nhũ remedio pera escaparẽ, & Nuno fernãdez ya falar muytas vezes com o logue, & dizialhe o que passaua, & encomendaualhe que falasse a el rey por eles.

CAPITVLO LXVIII.

De como Martim afonso de melo jusarte foy preso em Bengala.

Chegado ho recado del rey de Bengala ao Goazil de Chetigão, determinou de prender Martim afonso, q̃ andaua coele em req̃rimento que tornasse a fazẽda q̃ tinha tomada aos Portugueses: & determinando de ho prender, lhe mandou dizer q̃ lhe fosse falar, & concertariã ambos como lhe auia de tornar a fazenda. E Martim afonso leuou consigo cẽto & cincoenta homẽs os mais deles com espingardas, & vendo ho Goazil quã bẽ acõpanhado ya, não ousou de cometer o que tinha determinado, & fingindo grandes ocupações dissimulou com Martim afonso, pedindolhe que ficasse pera ho outro dia, & mais que por lhe fazer grande honrra auia dir gẽtar coele com todos os Portugueses principaeis, pera que ele se podesse gabar de tamanha honrra como aquela. E Martim afonso como era bom homẽ, & sem nhũ dobrez, pareceolhe q̃ ho Goazil lhe falaua verdade, & por lhe comprazer por amor do requerimento q̃ trazia coele aceitou ho gentar, sem lhe lẽbrar que não conuinha a seu cargo aceytalo, & que lhe poderião fazer treyção, & pois ya, yr apercebido como o dia dãtes. E fiandose no Goazil, foy com quarenta homẽs sem leuarẽ todos mays armas que suas espadas, & outros ficarã na pousada com hum Francisco pacheco, & Ioão jusarte tiçà Dazinhaga que ya tambem na armada não quis yr, por ter cõcertado de yr a monte a matar hum porco. E Martĩ afonso foy coesta companhia que digo a casa do Goazil que tinha prestes grande bãquete, que foy dado em hum pateo de baixo de hum alpendere, & estando no meyo do comer, ho Goazil se leuantou supitamente da mesa, fingindo q̃ lhe vinha hum accidẽte ao estamago, & disse a Martim afonso, & a Gonçalo gomez da-

zeuedo que estauão junto coele, que não se bolissem que logo tornaua, & eles muyto inocentes ho crerão, & deyxarãse estar, q̃ se logo se leuantarão não fora o que foy: & esperando eles polo Goazil, acodẽ bẽ quatro mil frecheiros por cima das paredes do pateo, & com grandes gritas começão de desparar suas frechas em Martim afonso & nos outros, que conhecerão emtam ho mao recado que tinhão feyto em se fiarem dos mouros, & não tendo outro remedio, acodirão logo á porta do pateo pera se sayrem & acharãona fechada, & por mais força que poserão nunca poderã leuar as portas fora do couce, & entre tanto os mouros não fazião se não frechar neles, & forão logo cubertos de frechas Cristouão de melo, Gonçalo gomez dazeuedo, Antonio de mezquita, Antonio gramaxo & outros seys que cayrão mórtos, & Martim afonso tambem ouue sete frechadas mas não forão em lugares perigosos, & era grande magoa ver a ele, & aos outros que não se podião defender dos mouros nem offendelos, & saltauão dum cabo pera ho outro por se goardarem das frechadas, & arremetião á porta perfiando pola leuar fora do couce: & nisto apareceo o Goazil sobre a parede, & fazendo estar quedos os Mouros, disse a Martim afonso que bẽ via como estaua, que não quisesse morrer & que se entregasse, porque não era pera mays que pera os leuarẽ a el rey de Bengala que desejaua de os ver & que lhe daua espaço pera auer conselho com os seus, com que Martim afonso se apartando lhes disse, que não se enganassem cõ o que lhes dizia ho Goazil, porq̃ se assi fora ja que os tinha em seu poder & estaua seguro de não se poderẽ defender antes de lhes mandar fazer mal, lhes ouuera de cometer q̃ se dessẽ, mas como determinaua de os matar ou prender, não fez coeles nhũ comprimẽto, que lhe parecia que não se deuião de dar, porque os outros Portugueses lhes acodiriã & os liurarião, & todos forão contra este parecer, dizẽdo q̃ se os mouros os quiserão matar, q̃ lhes nã cometera o Goazil q̃ se dessem,

porq̃ não lhe mõtaua mays matalos ás frechadas que mandarlhes cortar as cabeças, & se os prendesse que assaz de merce lhes fazia, porq̃ ou por resgate ou por outra maneira teriã esperança de serẽ soltos por isso que se dessem: & não esperassem por socorro, porque se os outros Portugueses lho ouuerão de dar ja ali forão: & eles diziã verdade, porq̃ Frãcisco pacheco q̃ ficaua na pousada por mayoral, como ouuio q̃ Martim afõso estaua cercado dos mouros, em vez de lhe acodir fugio pera os nauios, & assi fizerão os outros, deyxãdo quanto tinhão em terra, & tudo lhes tomarão os mouros, & se teuerão acordo tambem os matarão: & Ioão jusarte tiçã tambem se saluou milagrosamente, que no monte soube ho que passaua na cidade. E vẽdo Martim afõso q̃ os que estauã coele erão de parecer que se dessem, consentio nisso muyto contra sua vontade, & entregarãose, jurãdolhes o Goazil em hum Moçafo, que os não prendião se não pera os leuarem a el rey de Bengala porq̃ desejaua de os ver: & como forã presos ho Goazil os mandou leuar por terra ao rio Ganges, & por ele acima ao Gouro.

CAPITVLO LXIX.

Do perigo em que os Portugueses esteuerã de serem mortos.

Em quanto se isto fazia, Nuno fernãdez freyre, que com Duarte dazeuedo, & os outros Portugueses estaua no Gouro, trabalhaua por saber de Darinda, ho gentio que disse, que nouas tinha de Martim afonso & dos outros, & mãdaua lho preguntar pelo lingoa. E hum dia pola menhaã lhe respondeo, que Martim afonso & os outros erão presos & que os leuauão ao Gouro, & Nuno fernandez ho disse logo a Duarte dazeuedo, & que lhe parecia que os auião logo de prender por isso, que determinassem ho que seria bem que fizessem, & Duarte dazeuedo, & Ioão de vilhalobos, Diogo cabaço, Diogo

ferraz & outros quatro forão de parecer que se entregassem logo, & Nuno fernandez, Iurdão de morais, & Lopo cardoso, disserão que não se auião dentregar, porque poys os auião de matar querião primeyro vender bem suas vidas. E estando nesta pratica ex que dá de supito sobre as casas hum capitão del rey de Bengala com quatrocentos soldados pera os prender, & começando de quererem entrar a casa, entregarãose logo Duarte dazeuedo & os outros que erão do seu parecer, & em estes sayndo arremetẽ Nuno fernandez freyre, Lopo cardoso & Iurdão de moraeis á porta, & defendiãona tam esforçadamẽte, que os imigos a não podião entrar: & como daqui recrecese grande aluoroço, acodio ho Lascar, que he como ho regedor da justiça em Portugal: & vendo a Nuno fernandez com que tinha conhecimento disselhe que pera que era cometerem ho que não auião de poder leuar auãte, que se desse, porque el rey os não mãdaua prender se não por algũa má enformação que tinha deles, que sabida a verdade os soltaria logo, & ajudou o a isso Duarte dazeuedo, & os outros: & vendo eles que não se podião defender derãose, & forão presos com outros de dous em dous a hũa braga, & ho Lascar lhes mandou escreuer as fazẽdas & socrestalas, & reboluendo hũa arca que não auia mays que escreuer, foy achado no fundo dela hũ Crucifixo de vulto, que hũ mouro amostrou dizendo que aquele era ho Deos dos Cristãos como por escarneo, o que magoou tanto os Portugueses que chorarã: & Nuno fernandez lhes disse, que poys aquele Crucifixo se achara a tal tempo, que o deuião de tomar por sinal de seu liuramẽto que esperassem em nosso senhor que auiã descapar. E presos assi de dous em dous forão leuados á cadea da cidade em que aueria bem quinhẽtos presos, & logo Agehabedalá disse a el Rey, que pera que erão presos aqueles ladrões q̃ os mandasse matar, & mandando el rey que os matassem quis nosso senhor q̃ parecesse aquilo mal a hum mouro chamado Alfacão que era ayo dos moços fi-

dalgos del rey, & disselhe q̃ nã deuia de mandar matar aq̃les homẽs, porq̃ estariã antreles algũs mercadores que não terião culpa, & Agehabedelá a que pesou muyto douuir aq̃la palaura, disse que não era bem que se desse a vida a ladrões, & pera os matarem a todos lhes dissessem que os que soubessem tirar com espĩgarda q̃ os auião de goardar pera a guerra, & aos que fossem mercadores que os auião de matar, & todos dirião que sabiã tirar com espingardas, & logo este recado foy dado ao Lascar, que logo se foy á cadea, & ho primeyro a que preguntou se era Lascarĩ foy a Nuno fernandez freyre, dizendolhe a causa porque lho pregũtaua, & parece que nosso senhor inspirou nele que sospeytasse ho fim pera que lhe fazião aquela pregunta, disse que era mercador, & que bem ho deuião de conhecer por tal, pois com aquela erão duas vezes q̃ ali fora, & ho Lascar parecendolhe q̃ negaua a verdade, por comprazer a Agehabedelá que assi lho encomendara, quis fazer medo a Nuno fernandez pera dizer que era Lascarim, mandouho tirar da cadea & fizerão que lhe querião cortar a cabeça poẽdolhe hũa espada no pescoço, & dizialhe ho Lascar, que se queria viuer q̃ dissesse a verdade, mas nem por isso se disdisse, & ho mesmo aconteceo a Iurdã de moraeis & a Diogo cabaço, & os outros com medo da morte dizião que erã Lascarins, & que sabião fundir artelharia, & como ho Lascar vio que hũs dizião hũa cousa & outros outra, não quis fazer nada ate não dar conta a el rey, & escreuendo os nomes de Nuno fernandez, Diogo cabaço, & Iurdã de moraeis pera os mostrar a el Rey, foy lhe dar rezão do que passaua, & acertou de não estar coele mais q̃ Alfacã, q̃ disse a el rey despoys de lhe ho Lascar fazer relação do que passaua, que poys não ganhaua nada em mandar matar aq̃les homẽs que lhes desse a vida, porque poderia vir tempo em que folgasse de os ter viuos: & quando despoys os quisesse matar que hy os teria, & el rey foy cõtente, & assi escaparão os Portugueses, a que Alfa-

cão mandou dizer ho que dissera a el rey, & poys escaparão daq̃la ora q̃ esperassem em Deos que os saluaria & q̃ lhe rogassem por eles & por ele, & q̃ soubessem que auião de ter nele hum bom padrinho. E despoys disto chegou Martim afonso de melo & os que forão presos coele, & forão metidos em hũa cadea que estaua metida dentro nos paços del Rey que era como cadea da corte, & estes andauão presos cada hum sobre sy, & as mãos soltas, & Nuno fernandez & os outros a fora estarẽ presos de dous em dous, andauã cõ as mãos dereytas presas ao pescoço, & hũs, & outros nã tinhã pera comer cada dia mays que hum Pone, que pola moeda Portuguesa sam tres reys, que cõprauão darroz que cozião em agoa, & isto lhes sostinha a vida pera não morrerẽ com fome. E com tudo Nuno fernandez & seus companheyros passauão melhor acerca do comer, porque lhes fazião muitas esmolas algũs fidalgos que estauã presos, & assi ho Iogue, & ho mouro Valenciano que disse, & Alfacã, & de tudo partião com Martim afonso & com os outros, & do mays passauão todos muy trabalhosa, & triste vida, esperando cada dia que os tirassem a degolar, como fazião a outros muytos, que não auia dia que ho não fizessem. E até as onze horas estauão sempre sem comer, que não podião com os sobre saltos que tinhão até aquelas oras se os matarião: & com ho roĩ comer & fedor da cadea, & com não vestirem quorenta dias camisas adoecião deles. E ouue nosso Sñor por seu seruiço, q̃ passados estes quarenta dias, el rey por conselho de Alfacão quis ver o fato que fora tomado a Nuno fernandez, & aos outros & mãdoulhes dar muytas camisas, ceroulas, & gibões, que estauão antrele: & assi mandou dali por diante dar a cada hum cada dia hũa tanga pera sua mantença, & coeste fauor lhes respousarã os corações, & perderão ho medo que dantes tinhão: & assi viuerão até a moução seguinte, em q̃ o gouernador mandou recado a el Rey de Bengala sobre resgatar Martim afonso (como direy a diante).

CAPITVLO LXX.

De como os Castelhanos que estauão em Geilolo se forão pera Tristão datayde.

Chegado Tristão datayde a Malaca com dom Paulo da gama seu sobrinho, partiose pera Maluco quasi na fim Dagosto, porque auia dyr por Borneo. E porque nã pude saber certo o q̃ lhe acõteceo no caminho, nem q̃ armada leuou, o não digo, se não que chegou á jlha de Ternate em Outobro de mil & quinhentos, & trinta & tres: & desembarcado foy bem recebido del rey Tabarija, & de Vicente dafonseca, que folgou muito cõ sua vinda, pelo aperto em que estaua cõ a guerra dos Geylolos, & entregoulhe a fortaleza, mostrandolhe Tristão datayde primeyro as prouisões que tinha pera entrar naquela capitania. E como neste anno não era çafra de crauo nem ho auia, & todos os Portugueses teuessem suas fazendas pera empregarem no anno seguinte, pelo que desejauão de ficar na fortaleza, todos se fizerão muyto amigos de Tristão datayde pera os deyxar ficar, & algũs lhe descobrirão que Vicente dafonseca em ele vindo á vela, apanhara quanto auia na feytoria pera se pagar, & a seus amigos, do que lhes era diuido de seus ordenados & soldos, pelo que Tristão datayde ho mandou prender, & buscarlhe a casa, & lhe mandou tomar quanta fazenda se achou que leuaua da feytoria: & mãdou logo tirar deuassa dele sobre a morte de Gonçalo pereyra, & sobre tomar ho reyno, a el Rey Cachil dayalo, & dalo a Cachil tabarija. E sobre outros males que tinha feytos. E como quasi nenhũs Portugueses se quisessem aq̃le anno yr da fortaleza por amor do crauo que não tinhã, ninguem acodia por Vicente dafonseca, & por isso Tristão datayde não teue os trabalhos que teuerão os capitães passados, nem ouue as desordens & aluoroços que auia dantes: E passados algũs dias, el

Rey de Tidore & el rey de Bachão & outros senhores mandarão visitar Tristão datayde, & ele lhes mandou a todos presentes: & vendo que el Rey de Geylolo ho não mandaua visitar, teue por certo que estaua de guerra, & por isso ouue seguro dele pera mandar Antonio de teiue que mandou com Pero de monte mayor, que fora por embaixador de Fernão dela torre ao gouernador da India, sobre lhe dar licença pera se yr â India, & dahi embarcaçã pera Portugal, & ho gouernador lha mandaua, & carta pera Tristão datayde & pera dom Paulo, que de Maluco & de Malaca lhe dessem embarcação pera a India, & a yda Dantonio deteiue com Pero de mõte mayor foy pera assentar com Fernã dela torre, a maneyra de como se auia de yr de Geylolo pera a fortaleza, porq̃ por amor da guerra temia que el rey de Geylolo os nao deyxasse yr, antes sabẽdo que se querião yr os prenderia, & isto receaua tambem Fernão dela torre, & por isto nã quis que el rey de Geylolo ho soubesse, & tãbem pera se yrem sem sua licença não podia leuar sua artelharia, nem as armas que tinhão, de que a mayor parte tinhão empenhadas a el rey de Geilolo por lhes dar que comessem, & pera auerem tudo, assẽtou que lhe mandasse Tristão datayde dizer pubricamente, que ho Emperador & el rey de Portugal estauão concertados na deferença que tinhão sobre a cõquista das jlhas de Maluco, & por isso ho Emperador lhe mandaua que com todos os Castelhanos que estauão coele se fossem pera Portugal pera dahi se yrem a Castela, pelo que el rey de Portugal por rogo do Emperador lhes mandaua dar embarcação em que se fossem, & ho gouernador da India assi lho mandaua dizer, & que estaua prestes pera lha dar que se fosse logo pera a India, & quando não quisessem yr por sua vontade, que Tristão datayde lhos mandasse por força, & que ele se mostraria muyto queyxoso a el rey de Geylolo deste recado, dizendo que na se auia dyr pera os Portugueses, & que antes se deyxaria morrer, & que ele se defenderia que

ho não tomassem por força, & se el rey coestes biocos lhe não desse licẽça pera se yr com quanto tinha, & lhe dissesse que o ajudaria a defender, que então fosse Tristão datayde com a maior armada que podesse ao porto da cidade de Geylolo, & desse a entender que queria desembarcar de dia, pera os Mouros acodirem ali todos: com cujo medo faria que não desembarcaua, & como fosse bẽ noyte, deyxasse ali algũs bateis com artelharia & gẽte que tirassem, pera que os mouros cuydassem que queria desembarcar ante menhaã, & yrse ya com ho rosto da armada desembarcar dali mea legoa hũ lugar que se chama Balobalo, dõde yria por terra a Geylolo, onde os mouros lhes sayriã & eles yrião na diãteira, & se lhes ẽtregariã logo, ho que vẽdo os mouros auiam de fugir, & eles ficarião na cidade, & poderião leuar sua artelharia, & outras armas & ho mais que tinhão, & parecẽdo este ardil bem a Tristão dataide mãdou o recado que digo a Fernão dela torre q̃ mostrãdose dele muyto agrauado, ho relatou a el rey de Geylolo, dizẽdo o q̃ disse q̃ auia de dizer, & el rey & os do seu cõselho lhe respõderão q̃ não se agastasse que eles ho ajudariã a defender, que mãdasse dizer a Tristão datayde que nã se auia dyr parele & sabendo ele ho que auia de fazer, pedio ajuda a el rey Tabarija pera yr tomar os castelhanos a Geylolo dizẽdolhe a causa porque, & ho mesmo mandou dizer a el rey de Tidore, & a el rey de Bachã, & a muytos Samgages, a que tambẽ mãdou pedir ajuda, que todos forã em pessoa com a mays gente que poderão ajuntar, & de Ternate partio Tristão datayde acompanhado destes reys & senhores, & cõ hũa grãde frota & poderosa de gente & fortalecida dartelharia chegou ao porto da cidade de Geylolo, que pòs nos mouros grande espãto mas os Castelhanos lho tirarão, & esforçando os acodirã todos ao porto pera resistirem a Tristão datayde, que deu conta aos reys & capitães do ardil que leuaua pera vencer os imigos, não falando nada nos Castelhanos, & vsando logo dele fazen-

do que queria desembarcar, & tendose como que ho fazia com medo, esforçarãose os mouros muyto, parecendolhes que era assi, & dando grandes gritas tirauã muytas frechadas, & nisto esteuerã até a noyte, que continuando Tristão datayde seu ardil deyxando no porto algũa gente em bateis se foy ao porto do lugar de Balobalo, & quasi á mea noyte desembarcou muyto pacificamente por não ser sentido dos mouros que estauão descuydados, se não quando sentirão que os entrauão, & querendo resistir a isso pelejarã hum pouco, mas forã logo desbaratados: & entrado o lugar per Tristão datayde mandou o queymar, & queymado abalou pera a cidade de Geylolo, & el rey q̃ soube sua yda pelos mouros que fugirão de Balobalo, mandou a Cachil Catabruno, que ho saysse a receber, que sayo com muyta gente, & diante Fernão dela torre com os outros Castelhanos, & menhaã clara chegarão a hum escampado onde então chegaua Tristão datayde, pera quẽ se forão logo dando grandes gritas de prazer por se verem em liberdade que ate ly tinhãose por catiuos, pois não podião al fazer se não estar em poder dos mouros.

CAPITVLO LXXI.

De como Tristão datayde queymou a cidade de Geylolo, & como Cachil catabruno se fez Rey.

De tão supita mudança como esta, não sómente ficou Cachil catabruno muyto espantado, mas com tamanho medo que logo se recolheo pera a cidade, donde nã se atreuendo a defender botou leuando el rey & tudo ho mais que pode & ho mesmo fizerão os moradores, & fugirão todos pera o mato, de modo que quando Tristão datayde chegou achou tudo despejado, & despois de ser a cidade saqueada disso q̃ lhe acharão, a mandou toda queymar saluo a mezquita, por lhe os reys rogarẽ q̃ não fosse queimada, mas de noyte, mãdou Tristão dataide

a algũs Portugueses que dessem rebates falsos na gente dos reys, dando a entender que erã Geylolos, & q̃ nesta reuolta posessẽ secretamẽte fogo á mezquita, & assi foy tãbẽ queymada, & acabou de arder menhaã clara: & como não auia mais que fazer tornouse Tristão datayde com os reys pera a fortaleza, deyxando no porto de Geylolo Diogo sardinha capitão mór do már de Maluco, & Antonio de teyue cõ hũa armada em que ficara sessenta Portugueses & muytos Ternates, pera que tolhessem aos Geylolos que não tornassem á cidade nem fossem pescar, por ho pescado ser ho principal mantimento que tem. E ele ydo, Cachil catabruno com acordo de todo ho conselho del rey de Geylolo, cometeo pazes a Diogo sardinha, & a Antonio de teyue, que mandarão sobrisso recado a Tristão datayde, & por seu consentimento foy Cachil catabruno coeles á fortaleza, & assentou pazes com Tristã datayde. E como auia dias que ele determinaua de se fazer rey de Geylolo, & ho tinha assi concertado com Cachil daroes, não ho fez por não ver mais ho tempo desposto pera isso, & vendo ho então, determinou de executar seu desejo: E quâdo foy de Ternate, deu peçonha determinada a el Rey, que morreo dahi a algũs dias, & por ele ser moço, nem ser casado, nẽ ter filhos, se fez rey de Geylolo. E porque fez isto quando foy de Ternate, crerão todos que fora aquilo por consentimento de Tristão datayde, & tambem por ele ho dizer pubricamente, & que dera por isso muyto grandes peytas a Tristão datayde, em que entrarão hũs payoẽs douro & crauo & outras cousas. Tambem despoys disto, Tristão datayde contra vontade del rey de Ternate & de Pateçarangue, & dos de seu conselho, leuantou ho degredo ao çamarao, que fora criado de Cachil daroes, & que gouernando ele o reyno de Ternate fora almirãte do már, & dom Iorge ho degradou quando mandou degolar Cachil daroes polo achar culpado, & pesaua a el Rey Tabarija & aos de seu conselho, de Tristão datayde leuantar ho degredo ao çama-

rao por ele ser mao homẽ, & temerem q̃ lhes fizesse algũ mal, como fez, & Tristão datayde tomou logo coele grãde credito, & ele trabalhaua muyto por lhe fazer a vontade, & daualhe muytos ardis pera acrecentar sua fazenda, que era ho que ele desejaua, & pera a fazer melhor & ajuntar muyto crauo, determinou de fazer yr de Maluco quãtos mercadores estauão naquelas jlhas, assi Portugueses como estrangeyros, a que mãdou sob certa pena per hum Pregão que mandou deytar que pera tal dia se embarcassem, ho que fazia grande espanto, porque ate então nunca se acontecera deytarem por força os Portugueses fora daq̃las jlhas antes eles fugião, & então erã tão maos de yr q̃ Tristão datayde fez embarcar muytos por força, & ho primeyro capitão que partio, foy hum fidalgo chamado Iurdã de freytas, que primeyro que se embarcasse fez grandes requerimentos a Tristão datayde que lhe desse carrega de crauo pera ho nauio, porque ya vazio sem leuar algũa, no que el rey de Portugal recebia muyto grande perda, mas Tristão datayde não quis, porque lhe ficasse todo ho crauo. E entregou preso Vicente dafonseca a Iurdão de freytas, que ho entregasse ao gouernador da India com a deuassa de suas culpas. E tambem neste nauio, foy Fernã dela torre com os outros Castelhanos, & Iurdão de freytas foy ter á India onde entregou Vicente dafonseca. E cõ quãto na deuassa q̃ Tristão dataide tirou se prouauão claramente suas culpas por õde merecia muyto grande pena, nunca lhe foy dada, ho que deu causa a se fazerem em Maluco muyto mayores males, assi contra Deos como contra ho proximo, nem ouue quem se lembrasse do seruiço del rey, se não de enrriquecer por qualquer maneyra que podesse.

CAPITVLO LXXII.

De como ho gouernador foy a Diu pera se ver cõ el rey de Cambaya.

Atras fica dito, como Vasco da cunha foy a Diu por mandado do gouernador a falar com Melique tocão sobre lhe dar Diu, de cuja yda el rey de Cabaya foy auisado per Rumecão, que trazia suas espias com Melique por lhe querer mal, & desejar que el rey de Cambaya lhe desse a capitania de Diu, & por isso disse a el rey q̃ aquela vista de Vasco da cunha com Melique deuia de ser pedirlhe o gouernador fortaleza em Diu, o que el rey logo sospeytou, & dali tomou odio a Melique, & determinou de lhe tirar a capitania de Diu, & dala a Rumecão, ho q̃ auia dias que desejaua, crendo que cô isso seguraua Diu de lho tomarem os Portugueses, & q̃ ele faria vyr muytos Turcos do estreyto pera andarẽ na sua armada, & defenderem aos Portugueses que não tomassem as naos de Cambaya quãdo vinhão do estreyto, ho que ele sintia muyto. E sospeytando el rey que ho Gouernador trazia trato com Melique, pera lhe dar fortaleza, despedio Tristão degá, com lhe responder que era côtente de dar ao gouernador a fortaleza que lhe pedia, que se fosse ver coele em Diu, & isto com tenção de ho nã fazer se não a fim destoruar que lhe não fizesse ho Gouernador guerra aquele verão, & que indo a Diu, ho poderia acolher & matalo, & mais estoruaria que Melique lhe não desse fortaleza. E sabido pelo gouernador este recado del rey creo que era assi, porque ainda não conhecia quam malicioso era, & logo se fez prestes pera yr a Diu, & dizendo ao que ya, com que toda a gente ficou muyto alegre. E pera esta vista do gouernador cõ el rey de Cambaya se fizerão os fidalgos & capitães da India, & outras pessoas honrradas prestes de muytas louçainhas, & galantarias de seda & ouro, assi nas

armas como nos vestidos, & todos gastarão muyto, do que se arrependerão assaz, vẽdo depois q̃ não ouue efeyto esta vista: & daqui ficou despois chamarse na India este anno ho das paruoices, porque virão muytos q̃ as fizerão em gastar tàto dinheyro de balde. E feytos todos estes gastos, partiose o gouernador pera Chaul, & dahi pera Baçaim ōde achou Diogo da silueyra, & daqui se partio pera Diu cõ hũa poderosa frota doytenta velas, em que entrauão oyto galeões, de que a fora a capitayna erão capitães, Diogo da silueyra, Antonio de lemos, Manuel de macedo, dom Esteuão da gama, Antonio de sá ho rume, Diegaluarez telez, dom Gastão coutinho, & de Galés & Galeotas, Manuel dalbuquerque, Vasco pirez de são payo, dom Pedro de meneses, Manuel de vasconcelos, Fernão de lima, & outros fidalgos, yrião nesta armada dous mil Portugueses, a mays luzida gente que nunca se ajuntou na India. E chegado ho gouernador defronte de hum lugar chamado Danu, soube que ho dia dantes passara el Rey de Cambaya em noue galés pera Diu, & logo dali lhe mandou dizer por Simão ferreyra que onde seria bõ verẽse se em madrefaba ou no már, & foy coele pera lingoa Ioão de Sàtiago (lingoa do gouernador) que fora mouro & fizerase Cristão. E proseguindo ho Gouernador por sua viagem foy ter á jlha dos Mortos, & ali esperou por Simão ferreyra, que não tardou muyto que não chegou, & ya coele Cojeçofar, que lhe disse da parte del rey de Cambaya que lhe pedia que fosse a Diu & que se veriã, & Ioão de Santiago disse ao gouernador que soubera em Diu que el Rey de Cambaya queria dar a sua capitania a Rumecão, que se lhe offrecera de lho defender. E desta jlha dos Mortos se foy ho gouernador a Diu, & da barra mandou Simão ferreyra com Cogeçofar a el rey, pera que lhe mandasse recado em que lugar da jlha queria que se vissem, & indo ele coeste recado foyse ho gouernador a terra com os capitães & algũs fidalgos, & desembarcou onde chamão ho Palmarinho, & ya ver se

poderião ali proar as galés, pera q̃ querendo el Rey de Càbaya que se vissem ali fazer chegar as galês, pera ficar seguro com a sua artelharia se el rey de Cambaya quisesse fazer algũa treyção.

CAPITVLO LXXIII.

De como Manuel de macedo se desafiou cõ Rumecão, & não lhe sayo ao desafio.

Estando nisto, veo Symão ferreyra, & disse ao Gouernador que el rey não acabaua dassentar onde se auião de ver, & que lhe mandaua pedir que lhe mandasse lá os capitães da galé bastarda & dos galeões, que os queria ver pera lhes fazer honrra. E estando ho gouernador suspenso sobre ho que faria, porque receaua que el Rey reteuesse os capitães despoys que os lá teuesse, disselhe Tristão de gá que ja fora por embayxador a el Rey de Cambaya que os mandasse, porq̃ não os mãdando el rey era tam sospeytoso q̃ cuydaria que não se fiaua dele: & como isto cuydasse não se auia de querer ver cõ ele, & por isto os mandou ho Gouernador yr, & el Rey os recebeo com muyta honrra. E sabendo Manuel de macedo como el rey queria dar a capitania de Diu a Rumecão, & tirala a Melique tocão que era muyto seu amigo, estando com el rey lhe disse (despois de lhe pedir licẽça pera falar hũ pouco) q̃ se espãtaua muyto dũ rey tã sabedor, & caualeiro como ele era, querer tirar a capitania de Diu a hum vassallo como era Meliq̃ tocão & q̃ o tambẽ tinha seruido, & filho de tã singular capitão como fora Meliq̃az o velho, q̃ tanto seruiço fizera ao reyno de Cãbaya, & tãto acrecẽtara na hõrra dos Guzarates, & a q̃ria dar a Rumecão hũ homẽ estrãgeyro, de q̃ não tinha outra experiencia se nã fazer treyção ao Turco cõ quẽ viuia, & por essa causa fugira de seu seruiço, & se acolhera a Cãbaya, pelo q̃ não se deuia de fiar dele, se não esperar q̃

lhe fizesse outra treyção, & se Rumecão ali estaua & negasse ho que ele dizia, que ele lho faria confessar em batalha, que folgaria muyto dauer coele. E Rumecão que ali estaua o ouuio dizer ao lingoa, & por não responder oulhou el Rey parele com hũ rosto menẽcorio: & calandose toda via Rumecão, disse Manuel de macedo que entendeo q̃ era aquele, q̃ outra vez o tornaua a desafiar pola mesma rezão, & mays que podia meter consigo outro, porq̃ ele se mataria cõ ambos. E vendo el rey q̃ não respondia, lhe disse com yra, q̃ como não respõdia ao desafio, & Rumecão disse q̃ polo não ter em cõta, porẽ que poys assi q̃ria, q̃ aceytaua o desafio, sem meter outrẽ cõsigo, & assi foy logo deputado ho mar pera ser ho campo do desafio, & que pelejariã cada hũ de sua fusta em que estarião sós. Aceytado ho desafio, mandou el rey dizer ao Gouernador, que lhe auia de falar de hũa genela, no baluarte de Diogo lopez, & ele esteuesse no mar em hũa galê, do que se o gouernador rio quando ho soube, & mandoulhe dizer q̃ lhe não queria falar daq̃la maneyra: & sabẽdo o desafio de Manuel de macedo cõ Rumecão folgou muyto, & deulhe licẽça pera ho fazer, & mandoulhe esquipar hũ bargantim em que se meteo, & foy surgir jũto da lagea, & por Rumecão tardar, & ao gouernador lhe parecer que nã ousaria de sayr com medo da nossa frota, mandou leuar & fezse hũ pouco ao mar, & despois disso sayrão do porto da cidade sete ou oyto fustas toldadas & embandeyradas, & hũa diante da outra forão demandar ho bargantim ondestaua Manuel de macedo, & dando todas hũa volta ao derredor dele se recolherão ao porto donde sayrão, & não tornou mais nhũa, que parece que não quis el Rey q̃ Rumecão saysse ao desafio. E vendo ho gouernador que tardaua muyto, fez sinal a Manuel de macedo com hum tiro que se recolhesse: & recolhido deyxouse estar, & vẽdo que o desafio não auia efeyto, & que ficaua de guerra cõ Cambaya, mandou hũa armada ao estreyto de tres Galeotas & treze fustas,

& por capitão mór Vasco pirez de são payo que ya em hũa das galeotas, & nas duas dom Pedro de meneses, & dom Manuel de lima, & yrião na armada trezentos homẽs. E de Diu se tornou ho gouernador a Chaul, donde despachou pera ho estreyto a Diogo da silueyra por capitão mór de hũa armada de cinco galeões, cujos capitães a fora ele forão, Antonio de sá, dom Gastão coutinho, Diegaluarez telez, & Antonio de lemos, com regimẽto que lá se entregasse da armada q̃ leuara Vasco pirez de sãopayo, & q̃ na entrada do verão se fosse á põta de Diu donde faria guerra a Cãbaya: tàbẽ despachou Antonio da silua de meneses pera Bẽgala a resgatar Martĩ afonso de melo jusarte, & foy por capitã mór de noue velas, cõ q̃ partio de Cochĩ, & despois se partio o gouernador pera Goa onde auia dinuernar: & dali despachou a dõ Esteuão da gama pera Malaca a seruir a capitania da fortaleza, porq̃ era sua primeyro q̃ de dõ Paulo da gama seu jrmão, & ele se foy a Cochĩ dõde o acabou de despachar o védor da fazẽda, & partiose pera malaca ẽ Abril de M. D. xxxiiij. E depois dele, partio o védor da fazẽda pera Ormuz a visitar a feytoria & saber como se gastaua a fazẽda del rey de Portugal, & foy ẽ hũa nao.

C A P I T V L O LXXIIII.

De como indo dom Iorge de crasto sobre el rey de Reyxel, se tornou sem fazer nada.

Neste tempo estaua leuantado cõtra el Rey Dormuz hũ seu vassallo q̃ era rey de hũa cidade chamada Reyxel, na costa do estreyto da Persia, cẽto & setẽta legoas Dormuz, & este trazia hũa armada de doze fustas por aq̃le estreito, cõ q̃ roubaua as naos que naueguauã por ele, principalmente pera Ormuz, & por isto ousauão muy poucas de nauegar, no q̃ el rey Dormuz recebia grãde perda dos dereytos da alfandega, pelo q̃ se

aqueyxou a Antonio da silueyra capitão da fortaleza, dizẽdo q̃ era necessario destruirse aq̃la armada, porq̃ doutra maneyra não podia pagar as pareas q̃ pagaua a el rey de Portugal. E sabido isto por Antonio da silueira assentou com dõ Iorge de crasto q̃ era capitão mór do mar Dormuz que fosse com sua armada a Reyxel, & requerese a el rey q̃ se tornasse á obediencia del Rey Dormuz, & recolhesse a armada, se não q̃ seria necessario acodir a isso pois el Rey Dormuz era vassallo del Rey de Portugal, & coisto se partio dõ Iorge indo em hũa galeota, & leuou dous bargantĩs, de q̃ erã capitães Ruy gomez casto, & Ioão ribeyro, & hũa fusta, capitão Nuno vaz, & cinco catures, & nestas velas forão duzentos homẽs. E chegado ao cabo de Vadestão, cẽto & sessenta legoas Dormuz, achou o tempo tã cõtrayro, q̃ lhe foy forçado surgir em hũa jlha despouoada pegada cõ ho mesmo cabo, onde esteue passante de vinte dias: & passado este tempo que teue lugar de fazer viagẽ, achouse cõ necessidade dagoa & de mãtimẽtos, & por nã auer na jlha nhũa destas cousas, as foy tomar á terra firme, & estãdo fazẽdo agoada hũ terço de mea legoa donde surgio, sayrão muytos mouros q̃ estauão em ciladas, & derão em sua gẽte tã supitamente q̃ não se poderão valer que nã fossẽ tomados pelos mouros oyto Portugueses & trĩta & cinco escrauos Cristãos, & outros tãtos remeyros da capitayna, q̃ não leuaua mais, & sabido isto por dõ Iorge q̃ estaua no mâr ficou muy agastado, porq̃ pola perda dos remeiros q̃ lhe catiuarã nã podia proseguir sua viagẽ, & porq̃ não auia onde os fosse tomar, propos ẽ cõselho se tornaria a tomalos a Ormuz pois sem eles nã podia fazer cousa q̃ aproueytasse, & auẽdo algũs q̃ lhe cõselhauã q̃ tornasse a Ormuz sem passar auãte, disse hũ Frãcisco de gouuea q̃ pois se auia de tornar q̃ pera poder dar nouas em Ormuz do que ya em Reyxel, & das fustas lho queria yr saber em hũ catur, & dom Iorge não quis, dizẽdo q̃ se lá fosse auisar se yão os imigos de sua yda, o q̃ ele não q̃ria se nã

tomalos de supito, & assi se tornou a Ormuz, & quãdo Antonio da silueyra soube q̃ a fora nã fazer nada lhe acõtecera aq̃le desastre & por sua culpa, ficou muyto agastado pola má cõta em q̃ os Portugueses serião tidos, & polo seruiço del rey de Portugal q̃ perecia & determinou de tornar a mandar a mesma armada cõ outro capitão mór, pera q̃ escolheo Frãcisco de gouuea, de q̃ conhecia esforço & saber pera acabar aq̃le feyto, & assi lho disse, pedindolhe muyto que o fizesse verdadeyro, & ele lho prometeo.

CAPITVLO LXXV.

De como Francisco de gouuea foy por capitão mor da armada cõtra el rey de Reyxel.

E partiose Dormuz com a mesma armada q̃ leuara dõ Iorge, & foy na fusta de que era capitã Nuno vaz, & sem lhe acõtecer cousa q̃ o toruasse de sua viagẽ foy ter ao porto de Reyxel, cidade grãde cõ hũa boa fortaleza na costa Darabia situada ẽ bõ sitio de casas de pedra & cal, & abastada de mãtimẽtos, & pouoada de mouros. El rey sabẽdo q̃ a nossa armada estaua no porto, determinou de a tomar cõ quãtos yão nela, & isto por ẽgano, pera o q̃ mãdou dizer a Frãcisco de gouuea por hũ mouro hõrrado q̃ sua vinda fosse boa, porq̃ folgaua muyto q̃ os Portugueses fossem a seu porto, polo desejo q̃ tinha de ter coeles pazes, & se as ele quisesse aceytar, era cõtente de lhe dar as fustas q̃ tinha & os catiuos que tomarão a dom Iorge, & fazenda dos nossos que os seus tinhão tomada, & coeste recado lhe mandou hũ presente de muyto refresco. E porq̃ Francisco de gouuea leuaua em regimento q̃ fizesse paz com el rey dandolhe ele o que lhe prometia, respondeo q̃ era cõtente de fazer coele paz se fizesse ho que dizia, & que ate então lhe não auia de tomar nada. E ouuida esta reposta por el rey lhe cometeo que se vissem á bor-

da dagoa, & em ordenar como auia de ser esta vista se passarão tres dias, porque el rey se arrependia de yr falar a Francisco de gouuea, porque como determinaua de o prender pareceolhe que corria perigo, & quando ouuesse algum, melhor cayria no seu Goazil, & por isso ho mandou, escusandose a Francisco de gouuea de não yr como lhe mãdara dizer. E passados estes dias, mandou el rey armar hũa tenda muyto rica na praya pegada cõ ho mar, pera se ver nela ho seu Goazil cõ Frãcisco de gouuea, que sayo em terra cõ quarenta Portugueses: todos despingardas, & ele com hũa espada dãbas as mãos nua, & deyxou os nauios cõ os esporões em terra, & a artelharia ceuada, porque tinha sospeita que lhe auião os mouros de q̃rer fazer algũa treyçã, & assi era, q̃ el rey tinha posto hũa cilada de tras dum oyteiro que estaua hi perto, em q̃ entrauão quatrocẽtos de caualo & grãde multidão de gẽte de pé, pera ẽ ho Goazil lançãdo mão de Francisco de gouuea acodissem eles sobre os que fossem coele, & os matassẽ a todos & lhes tomassem a armada: & pera isso sayo Coje frajulá (q̃ assi se chamaua o Goazil) cõ trezẽtos homẽs, & vendo o Frãcisco de gouuea lhe mãdou dizer q̃ pera q̃ era tanta gẽte poys ya de paz, q̃ ele não tinha mais de quarẽta homẽs q̃ trouuesse ele cẽto, & assi o fez o Goazil, & mãdou apartar os outros: & entrado na tẽda assẽtouse, & disse a Frãcisco de gouuea q̃ se assẽtasse & ele não quis pola sospeita q̃ tinha, & ẽ quãto falou cõ o Goazil sempre passeou cõ a espada na mão & por isso o Goazil nã ousou de cometer ho que leuaua determinado, antes estaua temeroso de ver ho desassego de Francisco de gouuea, & cuydaua q̃ o auia de matar: & ho concerto da paz foy o que el rey mandou dizer a Francisco de gouuea, que todo foy escrito per dous escriuães, hum Portugues, & outro mouro, & assinado por Francisco de gouuea & polo Goazil que se tornou pera a cidade despois disto acabado, & disse que ao outro dia se compriria ho concerto. E quando el Rey vio

ho Goazil sem Francisco de gouuea, ouue tamanha menencoria que ho quisera mandar matar, & não o fez por conselho dos seus, mas tiroulhe ho officio.

CAPITVLO LXXVI.

Do que fez Francisco de gouuea despoys q̃ vio que el rey de Reyxel não queria paz.

Vendo el rey que não podera auer Frãcisco de gouuea como quisera, determinou de se declarar coele por imigo, & mandou muytos espingardeyros & frecheyros a goardar hũs poços em que Frãcisco de gouuea quisera fazer agoada, ho que não pode por lho os mouros defenderem. E como erão muytos em demasia, & os nossos poucos, fizerão nos recolher pera os nauios com muyto trabalho, & ajudoulhes muyto a sua artelharia que fez algũ dano nos imigos de mortos & de feridos, & eles matarão hum marinheyro Portugues. E como a nossa artelharia pode jugar afastarãose os imigos, & os nossos teuerão lugar de se embarcar, & pola necessidade que tinhão dagoa foy forçado a Francisco de gouuea (antes doutra cousa) de a yr tomar a hũa jlha chamada Carrega sete legoas de Reyxel, & indo pera lá ouue vista das fustas de Reyxel, & posto que erão o dobro da sua armada, determinou de pelejar coelas, & assi ho disse aos outros capitães, & arribou logo pera os imigos, que vendo a nossa armada, parece que ouuerão tamanho medo que arribarão pera terra, & forãose meter em hũ rio duas legoas de Reyxel, & duas ficarã de fora por não poderem mays. E vendo Frãcisco de gouuea que se acolhiã, por as alcãçar mais asinha se mudou a hũ dos catures & por remar rijo alcãçou hũa das duas fustas que ficarão de fora, & aferrou logo hũa delas, & nisto lhe matou tres homẽs de vinte que andauão nela todos espingardeyros, & os outros se lançarã ao mar que os Portugueses catiuarão todos & tomarão a fusta, & a ou-

tra varou em terra & saluouse a gente, & a fusta, que ficou em poder de Francisco de gouuea achouse carregada de crauo, gingibre, & canela, & assi andauão as outras naos que tomarão que yão Dormuz pera Baçora. Tomada esta fusta, & vendo Francisco de gouuea que não podia pelejar cõ as outras por estarem metidas no rio foyse fazer agoada a Carrega, ondestaua hũa pouoação com hũa mezquita, & aqui estauão obra de sessenta mouros da armada dos imigos, que ficauão esperãdo em quãto os outros leuauão a Reyxel as presas que fizerão, & estes como virão a nossa armada no porto em quanto se fazia agoada acolherãose a hum cabeço alto õdesteuera hũa fortaleza, determinando de se defender, & mandarão recado a Reyxel de como ficauão, & os moradores do lugar se acolherão por outra parte a hũas lapas q̃ estauão ao longo do mar, de que os Portugueses matarão a mayor parte. Despoys de feyta agoada & queymado ho lugar, em que foy queymado hũa mezquita que os mouros tinhão por cousa santa, & a que yão em romaria de muytas partes, mandou Francisco de gouuea, dizer aos mouros que estauão no cabeço que os auia de matar se em tres oras não se lhes fossem entregar pera fazer deles ho q̃ quisesse, & eles o fizerão com medo, mandandolhe primeyro as armas, & por eles ouue despoys Frãcisco de gouuea os Portugueses que catiuarão a dõ Iorge de crasto, com condição que se goardasse a paz q̃ assentara com Coje frujalá, do q̃ el Rey foy contente, vendo quam pouco ganhaua em ter guerra com os Portugueses. E isto feyto, Francisco de gouuea foy correndo aquele estreyto até a jlha de Baharem donde escreueo a el rey de Baçora o que fizera, & mandoulhe a especiaria q̃ tomara aos mouros, & isto por ser amigo dos Portugueses. E sabendo el rey que aquele estreito estaua seguro, mandou hũa nao carregada de mantimentos a Francisco de gouuea com muytos agardecimentos da especiaria que lhe mandara. E deyxando Francisco de gouuea seguro este estreyto se foy

inuernar a Ormuz, cujo rey faleceo neste tẽpo: & Antonio da silueyra & Diogo da silueyra leuantarão por rey hum seu filho dydade doyto annos, que despois foy morto com peçonha, que lhe mãdou dar Rayxaleque q̃ estaua degradado na India, & por ser seu tio sucedeo no reyno, & foy muyto amigo dos Portugueses, & fez muytos seruiços a el Rey de Portugal.

C A P I T V L O LXXVII.

Do que fez Antonio da silua de Meneses em Bengala.

Partido Antonio da silua pera Bengala chegou cõ toda sua armada ao porto de Chatigão, & porque leuaua por regimento que não fizesse guerra nem paz em Bengala sem ho parecer de Martim afonso de melo jusarte, teue maneyra como lhe mandou hũa carta em que lhe escreuia o regimento do gouernador, por isso que lhe respondesse ho que faria, & auido conselho com os Portugueses que todos estauão ja na cadea del rey assentarã que deuia fazer paz, porque por guerra não se podião liurar, & só Nuno fernandez freyre foy de parecer contrayro, dizẽdo, que se deuia de fazer guerra a el rey de Bengala pera que soubesse ho que podião os Portugueses, porq̃ com quatro nauios q̃ se possessem nas barras de Chatigão & de Satigão defenderiã que nem saysse destes portos nem entrasse neles nenhum nauio, no que el Rey de Bengala receberia perda grandissima, por não ter em seu reyno outros, & aqueles renderem muyto, & nem por amor da guerra os auia el Rey de Bengala de matar por amor dos Patanes que lhe começauão de fazer guerra, pera que auia de ter deles necessidade. E como Nuno fernandez era só deste parecer, assentou Martim afonso no outro, & assi ho escreueo a Antonio da silua, q̃ mandou por ẽbaixador a el rey de Bẽgala hũ Iorge alcoforado, & a sustancia de sua ẽbaixada foy, q̃ com quãto o gouernador tinha rezã

destar agrauado dele, & de lhe fazer guerra, por lhe prẽder ho capitão & Portugueses q̃ mãdaua a sua terra, nã se q̃ria lẽbrar dagrauos, se nã ser seu amigo, & seruilo no que podesse, porque assi lho mandaua el Rey seu senhor, de cuja parte & da sua lhe rogaua que soltasse os Portugueses, poys não tinhão feyto por onde merecessem ser presos. E dada esta embaixada a el rey ouue conselho sobre ho que faria. E Agehabedelá lhe disse q̃ não fizesse paz com ho gouernador nem lhe desse os Portugueses por menos de quorenta & cinco mil pardaos, porque dandolhos de graça pareceria que ho fazia cõ medo, & Alfacão lhe disse que lhe compria muyto fazer paz com ho gouernador, porque ho seu reyno, era como hum homẽ q̃ tinha dous olhos, & estes erã Chatigão & Satigão, dous portos de mar que lhe ho gouernador podia cegar com suas armadas, & por isso deuia de fazer paz & darlhe os catiuos sem dinheyro, poys forão presos sem rezão, porque leuando por eles dinheyro claro estaua que os Portugueses se auião dentregar em sua fazenda, ou na de seus vasallos. E com quanto isto pareceo bem a el rey & outros forão dele, era tam afeyçoado a Agehabedalá que tomou o seu, & respondeo a Iorge alcoforado que era contente de fazer paz com o gouernador, mas que lhe auia de dar quorenta & cinco mil pardaos por Martim afonso & polos outros, porque os não auia de dar por menos, & despoys tornou a dizer que os nã queria resgatar, & isto por conselho de Agehabedalá. E Iorge alcoforado se foy coesta reposta del rey, que disse a Martim afonso & aos outros, que ficarão muyto tristes, parecendolhes que poys os el rey não queria resgatar que nunca sayrião dali, & fizerão grãde pranto com Iorge alcoforado quando se despedio deles, & ele leuou esta reposta a Antonio da silua, q̃ indinado cõtra elrey determinou de se vingar em seus vassallos, & hum dia ante menhaã deu com sua gente em Chatigão & pos lhe ho fogo, com que queymou muyta parte dela, & matou & catiuou muyta

gente: & dali se foy a hũas jlhas onde morauão muytos Bengalas degradados, & destruyolhe as pouoações, & matou os mais deles: & feyta muyto grande destruyção se foy pera a India, & com menencoria disto mandou el Rey prender os Portugueses de dous em dous, que andauam ja soltos, & os que lhe aconselhauam que fizesse paz com ho gouernador & que lhe desse os catiuos sem resgate, lhe disserão então que bem via quanto melhor conselho era ho seu que ho de Agehabedalá, & poys aquele capitão dos Portugueses sem mandado do gouernador lhe fizera tanto dano, que faria outro que fosse dirigido pera lho fazer. E el Rey conhecendo a verdade mandou cortar a cabeça a Agehabedalá, porque ho não conselhara bem fiandose dele, & não lhe valeo sua priuança, & por não parecer que soltaua os Portugueses com medo os não soltou logo: E dali a algũs dias por parecer que os soltaua por amizade mandou leuar ante sy a Martim afonso solto, & mostrou lhe hũa carta de marear sobre q̃ praticou coele hum pedaço, & despoys ho mãdou tornar á cadea, & de dias em dias ho mandaua leuar antesy, buscando sempre cousas pera praticar coele: & neste tempo mãdou q̃ lhe tirassẽ os ferros, & aos outros, de que mandou tirar da cadea Nuno fernandez freyre por saber tanger viola, & a hum Ioão adão que tangia hũs orgãos q̃ lhe Martim afonso mandara de Chatigã, & a hũ André gonçaluez pera lhe cantar, porque era muyto inclinado a musica, & tinha muytos musicos ao seu modo, & hum mestre da musica que tinha treze mil pardaos de rẽda com aquele oficio, & a este entregou Nuno fernandez, Iohão adão, & André gonçaluez, & dali por diante teuerão todos melhor vida, & fazialhes el rey merce, & não tinhão outra má vida se não estarem ali sem poderem sayr quãdo querião.

CAPITVLO LXXVIII.

De como hũa armada del rey Dugentana foy correr a Malaca, & de como foy morto dom Paulo da gama & outros.

Dom Esteuão da gama que ya pera Malaca chegou lá em Mayo, & logo lhe dom Paulo seu jrmão entregou a capitania, & ficando ele por capitão, daly a oyto dias teue noua que estaua no rio de Muar hũa armada del Rey Dugentana, & pera saber a verdade disso & quantas velas erão, mãdou lá Simão sodré, & Frãcisco de barros de payua que leuarão cinco manchuas. E chegados acharão a armada fora do rio posta ao longo de terra, & erão doze calaluzes de Iaos, de que era capitão mór hum mouro chamado Habrahem, & cinco lancharas del rey Dugẽtana, & todas com muyta gente & artelharia, ho q̃ Simão sodrê, & Francisco de barros poderão bem ver por se chegarẽ muyto, em tãto que os imigos cuydando que querião pelejar se leuarão, & forão pareles, & eles como não yão pera pelejar fizerão volta pera Malaca a dar rezão do que virão, & os mouros os yão seguindo quanto podião, & em anoytecendo lhe começarão de tirar com a artelharia. E sendo duas legoas de Malaca, passadas duas oras da noyte, virão com ho luar que fazia muy claro muitas manchuas, & em cada hũa dous tres Portugueses, & deles souberão que sobre a tarde despois de sua partida, se vira em Malaca contra Muar, hũas nuuens delgadas como fumo, & por muytos afirmarem que era fumo, & dartelharia, o disserão a dom Esteuão, & que seria bom mandar socorrer aos Portugueses que laa erão, & assi lho conselhou hũ Aluaro botelho bom caualeyro & muyto antigo em Malaca: & com quanto dõ Esteuão não quisera mandar ho soccorro disselhe dõ Paulo que o mandasse & q̃ ele yria, & dõ Esteuão se escusaua dizẽdo, q̃ a armada estaua

ainda varada & que não auia em que yr ho socorro: & com tudo dom Paulo nã quis se não yr muyto contra võtade de dom Esteuão, & embarcouse em hũ paraò de carrega de hũa nao de Cambaya, & Manuel da gama em outro & com cada hum vinte homẽs fidalgos & caualeyros: & outros quarenta homẽs se embarcarão em manchuas tam pequenas que não cabião em cada hũa mays q̃ dous tres, & com tam roĩs embarcações foy socorrer quem não tinha necessidade de socorro, & chegou a eles ás oras que digo. E sabendo eles quam mal aparelhado vinha dom Paulo pera pelejar com os imigos, por hum nauio dos seus abastar só pera pelejar com toda a sua armada foy Simão sodré dizer a dõ Paulo q̃ por esta rezão se deuia de tornar, & não pelejar com os imigos de cuja armada lhe deu relação, pelo que a dom Paulo lhe pareceo bem seu conselho, & fez volta, & os imigos não deyxarão de lhe dar caça quãdo virão que armada trazião, tirandolhe muitas bombardadas, o que os Portugueses não podião fazer por não terem artelharia. E vendo eles que os imigos os alcançauão, & quam mal auiados yão pera pelejar coeles, conselharão a dom Paulo que ou se passasse a hũa manchua & recolhesse as outras & se fosse que o poderia fazer por serem legeyras, ou varasse em terra, porque onde ele ensecasse nã auião os nauios dos jmigos de nadar, & deste modo se saluaria ate ser socorrido de Malaca. E dom Paulo parecẽdolhe isto fraqueza não quis se nã pelejar, & cõ animo muy esforçado virou a abalrroar cõ hũa lanchara q̃ achou mais perto, & Manuel da gama fez ho mesmo, & em aferrando forão todos os seus encrauados dazagayas, frechas, & páos tostados, & com tudo ele entrou na lanchara que aferrou a pos hum seu ayo chamado Iorge fernãdez borges, que foy o primeyro que entrou, & com quanto a dom Paulo lhe atreuessou hũa azagaya a mão dereyta, ele & Iorge fernandez pelejarão tam valentemẽte que logo em entrando leuarão os mouros ate a popa da lanchara, & nisto entrarão Anto-

nio pereira que foy alejado do braço dereyto, Vasco da cunha, dom Francisco de lima, que forão feridos nas cabeças, & Gonçalo bayão, & assi outros, & pelejauão com grãde braueza porque os jmigos erão muytos, & outro tanto fazia Manuel da gama com os seus. E tendo dom Paulo rendida a lanchara ondestaua quisera passar auante mas não pode, porq̃ em aferrando a lanchara se lançarã os seus remeyros ao mar, & fugirã & estãdo assi cõ a lãchara rẽdida, acodio outra q̃ trazia muyto mays gẽte, & entrou de roldão ondestaua dom Paulo & forão tantos os que carregarão sobre ho Bayleu que quebrou coeles, & como erão muytos, & os Portugueses estauão ja feridos, & doutras lancharas lhe tirauão muytos arremessos, por mays esforçadamente que pelejarão não se poderão defender, & foy morto Iorge fernandez borges & dom Paulo cayo desmayado do muyto sangue q̃ se lhe ya das mortaeys feridas que tinha, & Gonçalo bayã estando muyto ferido posto no bordo da lanchara foy derribado no mar, & assi cayrão outros muytos com a grande multidão darremessos que os imigos arremessauão, & acharãose seys paos tostados jũtos com que tirauão. E tambẽ foy desbaratado Manuel da gama, posto que aq̃le dia fez marauilhas cõ os seus & assi os outros Portugueses, porem aproueytou pouco porque os imigos por serem em demasia muytos os afogauão & com tudo tambem receberão perda, que morreriã bem quorenta a fora muytos feridos, & por isso se contentarão com escaparem, & se forão leuando dom Paulo quasi morto na lãchara sem saber q̃ o leuauã, nem a Iorge fernandez seu ayo, & soubesse q̃ ainda dom Paulo viuera ate ao outro dia a vespera, & se ele não cayra nunca ho mal dos Portugueses fora tanto. E acolhidos os imigos ajuntarãose todos os nossos capitães, & achando menos dom Paulo ficarão muyto tristes por ser muyto amado de todos, por suas muitas virtudes, & por ser muyto esforçado. E a fora ele acharão que morrera Ioão rodriguez de sousa, sobrinho de garcia de sá, Iorge fer-

nandez borges, Antonio defarão, Pero queymado, Gonçalo bayão, & dous bombardeyros, & forão feridos Manuel da gama, dõ Francisco de lima, Vasco da cunha, Antonio pereyra, Francisco bocarro, Fernão gomez, & outros que fazião numero de trinta, & coesta perda se tornarão a Malaca, & contarão a dom Esteuão ho que lhes acontecera.

CAPITVLO LXXIX.

De como Francisco de barros de payua foy buscar mantimentos a Patane, & do que lhe aconteceo.

Sentindo muyto dom Esteuão a morte de seu jrmão, determinou de yr sobre el Rey Dugentana & destruylo, por vingança daquela morte, pera ho que se começou daperceber. E porq̃ ẽ Malaca auia grãde falta de mãtimẽtos, mãdou por eles no Iulho seguĩte a Pão, cujo rey estaua de paz, & foy Simã sodré ẽ hũa nao de duzentos toneis, & ao mesmo mãdou Francisco de barros de payua a Patane cõ que tambem tinha paz, & estando lá foy ter com Simão sodré hũa armada del rey Dugentana de trinta & cinco lancharas, de que ya por capitão mór Tuão mafamede, que fugira de Malaca pola morte de Sanaya de raja. E por Tuão mafamede não se atreuer a pelejar com Simão sodré foy em busca de Francisco de barros que sabia que tinha hum nauio pequeno, & não teria nele mays que ate vinte Portugueses, & nẽ por isso se deyxou ele de defender dos imigos com muito esforço, & eles o cometerão com grandes gritas pera ho aferrarem, mas nunca poderão, porq̃ os Portugueses os não deyxarão cõ muytas panelas de poluora que lhe arremessauão & cõ muyta soma despingardadas q̃ lhe tirauão. E despois de lhe matarem tres homẽs, & ferirẽ os outros todos, vendo q̃ o nã podiã aferrar se afastarã hum pouco, ho que vendo os Portugueses como estauão muyto cansados & feridos, q̃ ja não podião

consigo, requererão a Francisco de barros que poys não podião mais fazer que se acolhessem a terra, & saluar se yão, & despoys viria tempo em que se vingaria, & ele não quis parecendolhe que era quebra de sua honrra: dizẽdo que melhor era a morte com honrra, que a vida deshonrrada, & mays que temia que vendo os Patanes como yão desbaratados que se leuantassem contreles & os matassem, posto que estauão de paz. E vendo a gente que nã se queria yr, não quiserão mays esperar, & lançarãose ao batel do nauio & forãose a terra, sómente dous, hum chamado Ioão freire, & outro Bastião nunez & estes dous persuadirão a Francisco de barros que se fosse, & primeyro deytou a mais da artelharia que pode no mar porque não ficasse aos imigos, & por essa causa pos fogo ao nauio, & á poluora que estaua nele, & despoys se foy pera terra sẽ ser visto dos imigos, & em terra recolheo os Portugueses & foy se pera a cidade onde foy bem recebido, & hi ficou hum anno por não ter embarcação pera se yr, & despoys mandou dom Esteuão por ele. E sintindo os imigos que ho nauio estaua despejado entrarão nele, & apagarão o fogo & tomarãno meo queymado: & vendo que não podião auer a gente dele forão se, & Simão sodré que foy a Pão fez carregar certos jungos de mantimẽtos, & foy se coeles a Malaca.

CAPITVLO LXXX.

De como Diogo da silueyra chegou a ponta de Diu & do que hi fez.

Passado ho inuerno q̃ Diogo da silueira teue em Ormuz, partiose pera Mazcate onde tinha os galeões, & dali na fim Dagosto com toda a armada pera a ponta de Diu, onde esperou as naos que fossẽ do estreito, de que fez dar á costa algũas q̃ lhe fugirão, & as não pode tomar. E vendo que nã fazia ali nada foy surgir na barra

de Diu onde as fustas se lhe mostrarão, mas não ousarão de pelejar coele: & aquy soube que ainda estaua em Diu por capitão Melique tocão, & não deyxara el rey de Càbaya Rumecão como estaua determinado, por naquela conjunção lhe ser notificado que el rey dos Mogores (hum rey muyto poderoso) lhe fazia guerra pera que el rey de Cambaya tinha necessidade de Rumecão. E despoys que Diogo da silueyra isto soube, tomou hũa nao de presa que foy ter coele, & tomada se fez à vela, & foyse pera Goa com recado do gouernador que lhe mandou dizer que se fosse.

CAPITVLO LXXXI.

De como chegou á India Martim afonso de sousa.

Neste tempo chegou a armada de Portugal, de que foy por capitão mór Martĩ afonso de sousa, a quẽ por seus seruiços el rey fez merce da capitania mór do mar da India: & a armada q̃ leuou de Portugal foy de cinco naos grossas cõ a sua, de q̃ forã capitães ele, Diogo lopez de sousa, Tristão gomez da graã, Simão guedez de sousa, q̃ leuaua a capitania de Chaul, Antonio de brito, que leuaua a de Cochĩ. E chegãdo a Goa a saluamẽto, mostrou Martĩ afonso sua prouisã ao gouernador q̃ hi estaua, pelo que o meteo de posse da capitania mór do mar, & lhe mandou que se fosse a Cãbaya pera tomar a vila de Damão, & lhe fazer a mays guerra que podesse, & que em Cambaya se entregaria da armada que trazia Diogo da silueyra. E despachado Martim afonso, partiose pera Chaul, & forão coele estes capitães de galês & Galeotas, Fernão de sousa de tauora, Manuel de sousa de sepulueda, Martim correa, dom Diogo dalmeyda, Ioão de sousa lobo, & Francisco de sá, & outros, & assi hũ Ioão de sousa dalcunha Rates em hũa carauela: & chegado a Chaul achou hy Diogo da silueyra que lhe entregou a armada de Vasco Pirez

de são payo, q̃ era de tres galeotas, & dezaseys fustas, & assi quatro galeões, & Diogo da silueyra seguio sua rota pera Goa pera se yr pera Portugal.

CAPITVLO LXXXII.

De como Martim afonso de sousa tomou a vila de Damão.

Entregue Martim afonso de sousa da armada, partiose pera a vila de Damão, & leuaua trinta & cinco velas, em que yrião seyscentos soldados, & coesta frota chegou a Damão, hum lugar do reyno de Cambaya, situado na ponta da sua enseada da banda do sul por hũ rio acima ôde el rey de Câbaya tinha hũa fortaleza forte & bem artilhada, quadrada, & em cada quadra hũ baluarte, & tinha hũa sô porta. E sabẽdo ho capitão dela, que era Turco, a yda de Martim afonso queymou ho lugar, & destruyo tudo ao derredor, & recolheo a gente na fortaleza, em que tinha quinhentos soldados, os mays deles Rezbutos, que sam os gentios que erão senhores de Cambaya, antes q̃ a os mouros ganhassem, & por serẽ homẽs esforçados os tinha ali el rey de Cambaya, os outros erão Turcos, em que entrauão cem espingardeyros, & estauã todos muito confiados de poderem defender aquela fortaleza ao gouernador da India, quâto mays a Martim afonso, que sabião q̃ leuaua pouca gente. E parecendo ao capitão q̃ ele cometesse a fortaleza polo rio, mâdou fazer ao longo dele algũas estancias dartelharia. Chegado Martim afonso, como digo, surgio na costa pera dali yr ver a disposição da fortaleza, a que foy em hum catur pequeno quando era baixa már, & foy neste tempo, porque com a maré crecia a agoa, & ficaria sobre a terra descuberto á artelharia, & cõ bayxa már ficaua ho alcantil alto, & encobrilo ya dos tiros, q̃ forão sem conto, assi de bôbardas, como despingardas entrado polo rio, & valeolhe ho ardil que teue pera lhe nao empecerem, & por isso passou auante

da fortaleza & a vio muyto bẽ, & vẽdo quã perigosa era a ẽtrada por aq̃la parte por amor da artelharia, determinou de a cometer por outra se podesse ser: & sabẽdo que polo sertã polas costas da fortaleza auia hum caminho largo & chão, por onde a gente podia yr a prazer, pareceolhe bem cometer por aly, & assi o disse aos capitães em conselho, & que auia de desembarcar na costa braua de frõte da fortaleza ás duas oras despoys de mea noyte, pera em amanhecendo dar n'a fortaleza, & assi ho fez, & ao desembarcar teuerão os Portugueses muyto trabalho, q̃ desembarcarão tã afastados da terra que lhes daua a agoa polo pescoço, porque não ousauão de chegar os catures a terra que auião medo de se espedaçarem com ho grande escarceo que o mar fazia. E em quanto a gente desembarcaua foy Martim afonso ver com cinco fidalgos o lugar por onde auia dyr: & achando que era assi como lhe tinhão dito, tornouse pera sua gente que achou desembarcada, & coela feyta em hum corpo abalou pera a fortaleza, & chegou ás costas dela em amanhecendo, leuando diante duzentos espingardeyros pera fazerem despejar os mouros que acodissem daquela parte, como acodirão logo, mas quam asinha forão acodir, tam asinha se tornarão com medo das espingardadas, que erã tantas, que quasi desfaziã as ameas. E vendo os Portugueses o muro despejado poserão as escadas que leuauão pera sobyrẽ, & o primeyro q̃ pos a sua foy hũ Frãcisco da cunha, & o primeiro que subio por ela, & a pos ele outros, & por a escada ser podre, com a gente ser muyta quebrou, sendo Francisco da cunha quasi no cabo dela & cayo, leuando diante de sy quantos yão de tras dele, & todos ficarão mal tratados das quedas, principalmẽte ele que cayo de mays alto, & com quebrar esta escada receou a gente de subir polas outras, & não quis ninguẽ mais sobir, dizẽdo q̃ erão podres, o q̃ ouuindo Martĩ afonso mãdou logo trazer hũa escada noua q̃ mãdara fazer de duas antenas da carauela, & era tão larga q̃ podiã yr

por ela cinco homẽs em fieira, & ẽ quãto se foy por esta escada forã algũs Portugueses ao derredor da fortaleza pera onde estaua a porta pola qual virã sayr obra de trinta dos imigos q̃ yão fugindo, & estes erão da gente bayxa, em q̃ o medo era tamanho q̃ determinarão de fugir, & estes começarã logo, por os soldados estarẽ em cima nos baluartes, & não auer quẽ os teuesse: & vẽdo os fugir estes Portugueses q̃ digo, começarão de bradar q̃ fugião os imigos, & derã logo a pos eles, & outros acodirã á porta que estaua aberta & remeterão a ela rijo que os imigos a não poderã fechar, porem fizerãose em corpo diante dela, & começarã a defender a ẽtrada, & na propria conjunção em que aqueles Portugueses remetiã á porta da fortaleza, chegou a escada noua que digo, & posta ao muro ho primeyro que sobio & chegou ao muro, foy Torres hũ Italiano comitre da galé de Martim afonso, & ho segũdo Diegaluares telez, hũ fidalgo muy esforçado, & a pos estes outros poucos, & isto & ho chegar dos outros Portugueses á porta da fortaleza foy todo hum, & vendose os imigos assi cometer, desesperados de se defenderem, determinarão de fugir, & por isso se decerã os mais ao pateo da fortaleza, & setenta (parece q̃ dos mais honrrados) se poserão a caualo pera se acolherem logo, & os outros cometerã a porta a pé como que querião sayr, mas não poderão por estarem nela tantos Portugueses, que estauão atochados sem poderem yr pera diãte nem pera tras, & tinhão feyta hũa medonha pinha de faìs & despadas nuas, & espingardas, & era hũa braua reuolta deles pera entrarẽ & dos imigos pera sayrẽ, & tudo era cheo de brados & gritos. E tres dos imigos como determinados de morrerẽ pera fazerẽ lugar aos outros, espetaranse nas lanças, & forão correndo por elas ate chegarem aos q̃ as tinhão, & ferirãonos muy rijo cõ os terçados, & muyto mais dano fizerão se não fora por hũ Aluaro de meyreles que os acabou de matar cõ hũa espada dãbas as mãos, & assi foy morto outro de caualo com hũa espin-

gardada que tambem quis cometer a porta. E tanto que Martim afonso vio que Diegaluarez telez, & os outros sobião pola escada, acodio a esforçar os que estauão á porta, & a força dombros q̃ pos com outros deu coeles dentro, & como agoa que rompe de presa, dá Santiago nos imigos, & nisto chega Diegaluarez telez, & os outros que entrarão pelo muro, & colhẽdohos no meo, apertarãonos de tal modo, que nenhum escapou viuo, pelejando primeyro com muyto esforço, porque vendo que não podião escapar vingarãose nos Portugueses, de que matarão dez, & ferirão muytos de muytas feridas. E roubada a fortaleza, deteuese Martim afonso tres dias em a derribar & arrasar, que parecia que nã esteuera aly, & daquy foy correndo a costa ate Diu, & coesta vitoria lhe ouuerão os mouros grande medo, & el rey de Câbaya a sintio muyto.

C A P I T V L O LXXXIII.

De como el Rey dos Mogores entrou na India.

Antes disto entrou na India hum rey de hũs pouos a que vulgarmẽte chamão Mogores, cujo senhorio confina cõ ho do çofio, & dizem que he a terra a que antigamente chamarão Parchia, he esta gente alua & bẽ assombrada de barbas cõpridas, & trazẽ as cabeças rapadas, & nelas hũs carapuções quasi da maneyra dos do çofio, vestem cabayas, & roupões de seda, ou de pano, segũdo cada hum pode: os nobres se seruẽ com muyta policia de baixelas de prata, & de noyte alomeãose com velas de cera em castiçaeis, & de caminho leuão ho fato em arcas encoyradas, almofreixes, & malas, cubertos cõ reposteyros, & alcatifas sobre camelos, & leuão muyto boas tendas pera pousarem no campo. Ho proprio pelejar dos Mogores he a caualo, os caualos são como quartaos, correm pouco, & andão muyto, & pelejão coeles acubertados, suas armas são pelotes de seda

ou de coyro de quartos, que lhe chegão hum palmo abayxo do giolho forrados de laminas, cõ crauação dourada, nas cabeças celadas, & capacetes cõ grãdes penachos dourados. As armas offẽsiuas são arcos, frechas, terçados, maças de ferro, & machadinhas, & todas estas armas leuã pẽduradas nos arções das selas, leuão tãbẽ muyta artelharia encarretada, & cada peça de cõprimento de couado, as grossas tirão pelouros do tamanho de falcões, a miuda como nozes. Cõ esta gente anda outra muyta de diuersas nações, assi como Tartaros, Turquimães, Coraçones, & outros, & todos se chamão Mogores, mas os proprios Mogores são os que digo: cujo rey era grão senhor de terra, & de gente, & seruiase com grande estado, & venno muyto poucas vezes, & quando quer que lhe fale alguem manda ho chamar, & os senhores de sua corte fazẽ cada dia duas vezes a çalema á casa ou á tenda em que está: he mouro, & assi ho são todos seus vassallos, ho mais do tempo lejũa, & reza, pelo que os seus ho tem por santo, dizião que nunca lhe souberão conhecer molher, & assi estranhaua muyto ho pecado da luxuria. Tem grãde goarda ẽ sua pessoa assi na paz como na guerra, & goardão aos quartos dous mil de caualo, acada quarto em q̃ entrão cem senhores principaeis, & todos comẽ da sua cozinha, quando caualga acompanha ho gente sem conto, assi de pé como de caualo, & vão diante dele porteyros cõ varas vermelhas, & outros officiaeis que fazem apartar a gente. A causa da vinda deste rey á India foy segũdo soube dalgũs Portugueses que esteuerão no seu arrayal, ser desbaratado do Xeque jsmael, de que escapou com sete mil de caualo, & vendo se desbaratado, de corrido nã quis tornar a seu Reyno, sem fazer algũa cousa com que emendasse aq̃la quebra, & determinãdo de conquistar ho Reyno de Deli comarcão do seu, lhe começou de fazer guerra cõ ajuda dum jrmão del rey de Deli, a que pertencia ho reyno de dereyto, & a q̃ prometeo se ho conquistasse, porem não ho fez assi despoys de conquis-

tado, & tomouo pera sy. E este a que pertencia ho reyno quando isto vio fugio pera el Rey de Cambaya, a pedirlhe ajuda contra ho rey dos Mogores, que por as nobrezas de que vsou nesta conquista cõ os soldados, cobrou tamanha fama, q̃ em pouco tempo ajuntou cincoenta mil de caualo. E como tambẽ tinha fama de conquistador, estàdo no reyno de Dely, foy ter cõ ele hũ sobrinho del Rey de Mandou, aqueixandoselhe del rey de Cambaya, q̃ lhe matara seu tio por treyçào, & lhe catiuara sete filhos & lhe tomara ho reyno. Pedindolhe que fizese por bẽ ou por mal que el rey de Cãbaya soltasse os filhos, & lhes tornasse o reyno. Sobre o q̃ el rey dos Mogores mandou hũ embaixador a el rey de Cambaya, que por nào querer fazer seu rogo ouue desafio antreles pera fazerẽ guerra hũ ao outro, que logo começarão per seus capitàes. E porq̃ os del rey de Cambaya leuauão ho pior, determinou ele de jr a ela em pessoa, pera o q̃ determinou de fazer paz com ho gouernador Nuno da cunha, porq̃ temeo que lhe tomasse Diu cõ toda a fralda do mar em quanto fosse contra el rey dos Mogores. E pera o contẽtar & prouocar que fizese a paz, lhe deu Baçaym, sobre o q̃ lhe mandou hũ embaixador, que se chamaua Coge xacoez.

CAPITVLO LXXXIIII.

De como el Rey de Cambaya deu Baçaym a el Rey dom Ioam de Portugal.

Partido este embaixador que digo, chegou a Goa, onde deu sua embaixada ao gouernador, cuja cõcrusam foy que el rey de Cãbaya lhe daua Baçaym com todas suas ilhas, & hũa legoa polo sertao, que rendia tudo cincoẽta mil pardaos douro, & que fizese paz coele. E como ho gouernador sabia certo ho fim pera que el rey de Cãbaya queria a paz, & quãta necessidade tinha dela, nã a quis cõceder, sem el rey de Cambaya a fora o

q̃ daua consintir que as naos dos mouros q̃ hião a Diu fossem a Baçaym, & hi pagarião pera el Rey de Portugal os dereytos que pagauão em Diu, que serião bẽ outros cincoenta mil pardaos de ouro, & mais que lhe auia de dar todos os Portugueses catiuos que tinha, o que el rey de Cambaya concedeo, porque era sua tenção vencer el rey dos Mogores, & despoys os Portugueses, & tomarlhes a India. E outorgado por ele este contrato, foyse ho gouernador a Baçaym com hũa grãde armada: & lá se ajũtou coele Martim afonso de sousa, & lhe leuou ho embaixador delrey de Cambaya assinado por ele ho contrato que antreles foy feyto. E ho embaixador lhe entregou Baçaim com suas jlhas, & hũa legoa pelo sertão, & entregue mandou o gouernador fazer hũa casa forte por não poder fazer logo fortaleza, & esta serueria de feitoria, & fez feytor a hum Gaspar paez, & deyxandolhe algũa gente se tornou a Goa onde inuernou, & primeyro despachou ho embayxador del rey, cõ quem foy Ioão de Santiago lingoa do gouernador q̃ fora mouro & era Cristão, pera que trouuesse os catiuos que el rey auia de dar, que erão Diogo de mezquita, Lopo fernandez pinto, & outros. E el rey porq̃ lhe pareceo q̃ Sãtiago lhe descobriria muytas cousas do gouernador que lhe erão necessarias que soubesse, cometeo que ficasse coele, fazẽdolhe merce de vinte mil pardaos douro & de quorenta mil de renda & q̃ seria seu lingoa, do que Santiago foy contente, & descobrio a el rey quanto lhe pareceo que sabia do gouernador & dos Portugueses fazendolhe seu poder muyto pouco, & q̃ facilmente os deytaria fora da India, se quisesse, & por isso el rey não quis mandar os catiuos ao gouernador, nem tam pouco mandar que as naos que auião dir a Diu fossem a Baçaim.

CAPITVLO LXXXV.

De como indo dom Esteuão sobre el rey Dugentana lhe desbaratou hũa tranqueyra.

Despois da morte de dõ Paulo ficou el rey Dugentana tão soberbo, que mandou logo suas armadas ao estreito de Cincapura pera que tomassem os jungos que per hi fossem a Malaca, & fizessem aos nossos quanto mal podessem, & eles ho fazião assi, correndoos por muytas vezes. O que demoueo mais a dom Esteuão pera a destruyção del rey de Vgentana, que tinha seu assento em hũa grande cidade sete legoas por hum rio a cima, cujo nome he Vgentana, & dele se chama assi a cidade: & este rio se mete no mar alem do estreyto de Cincapura. E determinado dom Esteuão de destruyr este rey, ajuntou sua gente q̃ forã quatrocẽtos Portugueses: & deyxando a fortaleza entregue ao alcaide môr, se partio pera Vgentana em Iunho do anno de mil & quinhentos & trinta & cinco cõ hũa armada de duas fustas ele em hũa, Manuel da gama em outra, & sete lancharas, de q̃ erão capitães, Simão sodré, dom Frãcisco de lima, Antonio dabreu, dõ Cristouã da gama, Anrique mendez de vasconcelos, Pero barriga, Antonio grãdio, & hũa carauela redõda, de q̃ foy capitão, hũ Fernã gomez natural Dalcouchete, q̃ fora scriuão da feytoria de Malaca, & hũa nao capitão hum Diogo botelho, & assi algũas manchuas, & balões pera seruiço desta frota, & partido coela chegou á foz do rio Dugentana, por onde entrou, & despoys de nauegar por ele tres legoas por ser bayxo não pode a nao passar mais auante, & por isso a deyxou ali, & pera q̃ goardasse o rio que não socorresse a armada del Rey que andaua de fora. E partido dali, a obra de mea legoa achou hũa pouoaçã q̃ se despouoou com medo dele, que cõ tudo tomarã ali lingoa, por quem soube que dali pera riba não era o

rio de mais largura que dum tiro de pedra & de muyto grande corrente, & todo cuberto despesso aruoredo que encobria ho sol, & que dali a duas legoas mãdara el rey fazer hũa trãqyra, porque os Portugueses teuessem mays q̃ fazer em chegar a Vgentana, & pera lhe tolherem dali ho caminho, porque ficaua muyto estreyto. E sabido isto por dõ Esteuão, mandou Pero barriga, Iorge daluarẽga, & Bernaldim cordeyro em senhos balões a descobrir ho rio, & saber se era assi ho que ho lingoa dizia, & que lhe tornassem cõ recado porq̃ ali os esperaua. E eles forão & acharã a trãqyra feyta ao pé dũ outeyro q̃ fazia hũ cotouelo no rio, & cõ a trãqira ficaua tão estreito q̃ não podia passar ninguem q̃ os ĩmigos q̃ nela estauão os nam matassem ás frechadas, & tinhão cortadas muytas aruores sobre o rio & atadas com rota de Bengala, pera q̃ se dõ Esteuão passasse as deixassẽ cayr & lhe çarrassem ho caminho, q̃ não se podesse tornar. E ver isto lhes custou muyto perigo de os matarẽ cõ frechadas & visto tornarão a dõ Esteuão & lho cõtarão, & q̃ segundo seu parecer ele não podia passar sem desbaratar aq̃la trãqira, & q̃ ho faria por ter pouca gente. E dito isto per dõ Esteuão aos outros capitães & pessoas principais da frota, assentouse por todos q̃ tomasse a tranqueira, & hũ pedaço primeiro q̃ chegassem a ela sairia Pero barriga & Antonio grandio com a sua gente em terra pera darẽ por ela na trãqueira, & ele com os da armada daria por mar. E porq̃ ho mato era muyto basto & dõ Esteuão se temeo q̃ pola estreiteza do rio os ĩmigos se escondessem antre ho aruoredo & lhe frechassem a gente, mãdou fazer baileus nas fustas & nas lancharas pera irẽ debaixo espingardeiros, & tirarẽ dali se acõtecesse o q̃ receaua. E passados dous dias que se nisto deteue, tornou a sua viagẽ caminho da tranqueira, & hũ pedaço dela desembarcarão Pero barriga & Antonio grandio com a gente de suas lãcharas, que serião ate sessenta homẽs, ou pouco menos, & tirarão pera a trãqueira indo a vista da armada, &

chegarão primeiro que os do már. E por lhes parecer q̃ seria perigo não cometer os ĩmigos, os cometerão assi como hião auiados, desfechãdo os espingardeiros q̃ hião diãte. E os imigos se defenderão hũ pouco, mas vendo chegar a armada pareceolhes q̃ os queriã tomar no meyo, & sem se deter muyto na defensa fugirão, ficando mortos tres dos principays, & os outros se acolherã â fortaleza onde el rey estaua, a quẽ cõtarã seu desbarato, engrandecẽdo muyto ho poder de dõ Esteuão & seu esforço, por encobrirem ho medo q̃ leuauã: Pelo que os q̃ estauão com el rey teuerão tambẽ algũ de serem desbaratados, & receauão a chegada dos nossos.

CAPITVLO LXXXVI.

De como dom Esteuão chegou á fortaleza dos immigos.

Desbaratada a trãqueira sem os Portugueses receberẽ nenhũ dãno, como chegou dom Esteuão tornarãse a embarcar Pero barriga & Antonio grandio com sua gẽte, porq̃ posto que dõ Esteuão quisera que forão sempre por terra ate a fortaleza pera tolher aos ĩmigos se os ouuesse que lhe não tirassem dantre ho aruoredo, não podião por a terra ser apaulada pola mayor parte dãbas as partes do rio, & ser sapal por onde se não podia andar: & por isso os ĩmigos não podião chegar ás bordas do rio, que se isso não fora eles chegarão, & somẽte delas às pedradas & frechadas segundo ho rio era estreito & eles muytos poderão defender a passagẽ a dom Esteuão: & tambẽ por ho rio fazer muitas voltas & cotouelos lhes estoruou lãçarẽ balsas de fogo pera queimar a nossa frota, porq̃ se auiã de deter nestes cotouelos. E posto que a terra era assi apaulada onde auia lugar pera isso ainda q̃ estreito desembarcarão Antonio grandio & Pero barriga cõ sua gente & hião a vista da frota, despois q̃ partio desta primeira trãqueira caminho da fortaleza: onde estaua Laqueximena capitão mór del rey q̃ teria

cõsigo bẽ seys mil homẽs os mais deles frecheiros, & dos outros algũs espĩgardeiros & em q̃ el rey tinha todo seu esforço, & a fora isso estaua muyto forte cõ hũa tranqueira q̃ atrauessaua ho rio, & erã de duas faces entulhada de grãdes madeiros & pedras: & ẽ cada cabo hũ cobelo do mesmo, & no meio hũa porta q̃ se fechaua é abria pera sairẽ suas armadas. E nesta trãqueira auia muytà artelharia, & dela pera hũa chapa da terra de hũa das bàdas do rio se estẽdia hũa fortaleza de madeira muito forte em q̃ estaua recolhido Laqueximena cõ sua gẽte. E el rey estaua em hũa pouoaçã dali a hũa legoa, & por ele estar tão fortalecido lhe pareceo q̃ estaua seguro de ser entrado. Chegado dõ Esteuão a esta fortaleza surgio cõ a frota detras dũ cotouelo que a emparaua da fortaleza, de q̃ ficou a tiro despingarda, q̃ era a largura do cotouelo. E logo ẽ chegando Pero barriga & Antonio grandio q̃ chegarã por terra lhe mandarão dizer q̃ deuia seguir a vitoria q̃ trazia da tranqueira, & cõ ho fauor dela desbarataria logo os ĩmigos. E dõ Esteuã não quis por nã jr apercebido pera isso, & por ser tarde & a gẽte jr cãsada de leuar á toa os nauios. E assi ficou ho cõbate pera outro dia. E porq̃ de noite os ĩmigos não lançassem fogo de terra na frota, ficarão Antonio grandio & Pero barriga cõ sua gẽte da parte ondestauão, & da outra desembarcou Anrique mẽdez de vascõcelos cõ os seus, pera q̃ a frota lhes ficasse no meyo & hũs & outros a goardassẽ. E laq̃ximena q̃ sintio q̃ os nossos erão chegados fortaleceose ainda mais do q̃ estaua, & mandou meter muytos estrepes de pao ferro muyto grossos por derredor da fortaleza. E esta noite cõcertou dõ Esteuão como se auião de cometer os imigos: & foy q̃ dõ Christouã da gama seu jrmão fosse na carauela de Fernãgomez abalroar a trãqueira, & jrião coele Simão sodre, Manuel da gama & outros ate cincoẽta homẽs fidalgos. E q̃ a carauela fosse cercada darrõbadas por lhe nã fazer nojo a artelharia. E logo ao outro dia lhas fizerão muyto fortes daruores inteiras

q̃ cortarã pera isso. Isto feito hũ dia pela menhaã abalou a carauela q̃ leuaua muy grande peso por amor das arrõbadas, & por isso não podia jr se nào âs toas, & estas auia dir atar em aruores hũ Luys de braga q̃ fora escriuão da feitoria, & despois datadas nas aruores se auião dalar por elas os da carauela ao cabrestante, porq̃ nã auia força de remos q̃ a fizese surdir segundo seu peso, & a grande corrẽte dagoa: & mais indo a remos não se podia leuar por amor da artelharia dos imigos q̃ estaua certo pescar as manchuas ou balões a q̃ fosse atoada como descobrisse ho cotouelo q̃ ficasse a vista da trâqueira. E indo hũa só manchũa atoada desta maneira hia ao longo de terra, & despois empararsehia cõ a mesma carauela em quanto se alasse polo cabrestãte. E porq̃ nisto auia de auer vagar ficou dô Esteuão cõ o resto da armada detras do cotouelo ate a carauela afferrar cõ a trâqueira, de q̃ tanto q̃ se lhe a carauela descobrio começão de chouer pelouros cô tanta furia q̃ parecia q̃ fundiã ho mundo, quanto mais a carauela, a q̃ as arrôbadas aproueitarão muyto pera os que hiã dẽtro não serẽ todos feitos ẽ pedaços. Porem Fernão gomez foy ferido dũ pelouro em hũ braço, de q̃ despois morreo. E da carauela tambẽ jugauão coessa artelharia q̃ leuauão, & tudo era cuberto de fumo, & como o rio era sôbrio por amor da espessura do aruoredo, quasi q̃ ficou todo escuro, & nisto passou Luis de braga muj grãde perigo em yr atoar os cabos âs aruores por onde se auia dalar a carauela. E auẽdo os negros q̃ remauão medo das bõbardadas & frechadas q̃ tirauão da tranq̃yra não querião remar, pelo q̃ conueo a Luys de braga arrâcar da espada, & ameaçalos coela q̃ os mataria se nã remassẽ, & cõ isto remarã sem eles nẽ ele serem feridos: o q̃ pareceo milagre: & assi foy ate q̃ anoiteceo q̃ a carauela ficou a meo tiro de pedra da tranq̃yra & ali surgio cõ determinaçã de aq̃la noyte jr aferrar a trãqueira.

CAPITVLO LXXXVII.

De como dõ Esteuão desbaratou el rey Dugentana.

Surta a carauela, vio Luis de braga na boca do canal jũto da tranq̃yra onde a carauela podia chegar hũ jũgo alagado q̃ os imigos alagarão receando de ser o q̃ vião, & ficaua a agoa tã baixa q̃ nã podia passar hũa manchua por cima do jũgo, & sabido isto por dõ Christouão deyxouse estar ate ver o q̃ dõ Esteuão determinaua, a quẽ logo mandou dizer o q̃ passaua, ele lhe mãdou dizer q̃ se tornasse, & assi o fez. E vẽdo dõ Esteuão q̃ nã podia cõbater a fortaleza por már determinou de o fazer por terra & nã se yr sem a tomar: & pera saber sua disposição, & onde poderia assentar a artelharia mãdou a Francisco bocarro de Lisboa q̃ tinha a feytoria de Malaca q̃ se passasse da bãda dalem do rio, & visse a disposição da terra dizendolhe pera q̃: & foy coele hũ espĩgardeiro, & indo em pés, & ẽ mãos por não ser visto se pos em cima dũ outeirinho q̃ senhoreaua a fortaleza, q̃ vio assentada de maneira q̃ estãdo hũ camelo dõde ele estaua cõ hum par de falcões, nã pareceria nĩguẽ na fortaleza q̃ não fosse pescado, & assi o disse a dõ Esteuão, & q̃ sô aq̃la estãcia abastaria pera fazer despejar a fortaleza aos ĩmigos. E ouuindo lho Manuel da gama lhe disse, q̃ não fizesse aquilo tã chão, q̃ mais auia q̃ fazer do que dizia, & ele disse q̃ pois ele q̃ o fora ver o dizia q̃ ainda era muyto menos, & pera isso fossem lá dõ Esteuão, & ele, & verião se era assi, & então forã todos tres & coeles dõ Cristouão, Antonio dabreu & Anriq̃ mẽdez, & por o mato ser muyto basto os não virão da fortaleza. E vẽdo q̃ era assi como Frãcisco bocarro dizia, na noyte seguĩte mandou dõ Esteuão fazer ali hũa estancia cõ hũ camelo, & dous falcões, & deu a goarda dela a Anriq̃ mẽdez de vascõcelos, cõ a gente da sua lanchara: & Antonio grãdio estaua ẽ ou-

tra da mesma parte em q̃ estaua a fortaleza. E ẽ amenhecẽdo começou jugar a artelharia q̃ fazia muyto nojo aos imigos, & eles aos nossos nenhũ, posto q̃ a sua nũca deixaua de tirar. E durou este cõbate quasi oyto dias, ẽ q̃ os nossos matarã dos ĩmigos muitos & eles algũs dos nossos, & nisto faltou a poluora, porque dõ Esteuão não determinaua de dar tãtos dias cõbate, que cuydou q̃ em hũ se acabasse aq̃le feyto, & tãbẽ lhe começou dadoecer a gente por a terra ser muyto doentia, & por faltarẽ os mãtimẽtos, pelo q̃ dõ Esteuão dagastado pos ẽ cõselho se se tornaria pois não fazia nada & podia perder muito, & muitos forã de parecer q̃ se tornassẽ, & Pero barriga cõ algũs disse q̃ ele não auia medo aos ĩmigos pera se tornar, mas q̃ auia medo á nossa frota q̃ tinha pera andar sete legoas per hũ rio muyto estreyto & de grande corrente, q̃ seria causa de darem hũs nauios pelos outros & desbaratarẽse per si, que não se deuião yr dali sem cometer a fortaleza, & cometendoa poderia ser que Deos os ajudaria, & quando não, se os ĩmigos os vissem tornar terião rezã de dizer, vãose deixalos yr. E como dõ Esteuão & todos tinhão a Pero barriga por muyto bõ caualeyro, & que fizera disso muy boa experiẽcia em Africa, & q̃ sabia bẽ da guerra, abalouos muyto este seu parecer, & ouuerãno por bõ, porẽ não se determinarão no q̃ farião & ficou assi, & cada hũ se tornou a seu lugar, & se forã a jentar q̃ era pela menhaã. O q̃ parece q̃ quis nosso sñor pera mais seu louuor & gloria: porq̃ despoys deste conselho, chegou à fortaleza Tuão mafamede capitão mór do már del rey Dugẽtana, da costa de Pão onde ãdaua darmada, & el rey o mãdara chamar pera ajudar cõ sua gẽte a Laqueximena cõtra os nossos & deixou a frota no már, & foyse por terra cõ sua gẽte à fortaleza, & chegou o dia em q̃ foy este cõselho, & como ya de refresco quis logo sayr aos nossos, & deu aq̃la tarde rebate nas estancias Dãtonio grãdio, & de Pero barriga cõ bẽ mil homẽs, & eles q̃ não desejauão mays q̃ pelejar coeles re-

ceberãonos cõ muito esforço, & pelejarã cõ grãde ousadia. E tanto q̃ a grita foy ouuida na frota, mãdou dom Esteuão os mais que pode q̃ fossem acodir, & a artelharia começou logo de jugar, & foy ho arroido tamanho q̃ parecia destruirse o mũdo. E como os ĩmigos vissem quã bẽ se os da estancia defendião, & q̃ soccorrião os da armada, & ouuirão as bombardadas, cuydarão q̃ erão tomados no meo, & desmayarão de modo q̃ se ouuerão de perder se não teuerão tã perto a colheyta, onde se acolherão sem fazer dano aos Portugueses, recebendo deles muyto, & forão os matãdo até a fortaleza. E vẽdo Laq̃ximena quã facilmẽte Tuão mafamede, q̃ ya de refresco fora desbaratado & a bateria q̃ se daua de cõtino á fortaleza, & sobre tudo parecerlhe q̃ determinauão de a tomar, ouue tamanho medo, & assi os q̃ estauão coele, & tambẽ Tuã mafamede pelo q̃ tinha espremẽtado, q̃ aq̃la noyte despejarão a fortaleza de todo, & se forão caminho da pouoação em q̃ el rey estaua, que tãbẽ despejou a pouoação cõ quantos estauão nela & fugio cõ medo.

CAPITVLO LXXXVIII.

Do q̃ fez dõ Esteuão despois q̃ desbaratou el Rey Dugentana.

Despejada a fortaleza, quando veo ao quarto dalua, q̃ era de Pero barriga nã ouuĩdo na fortaleza o q̃ dãtes ouuia per bradarẽ & falarẽ os ĩmigos q̃ se vigiauã, & tãger os seus sinos, & cantar galos. E parecendolhe muyto sossego, sayose fora da estãcia cõ algũs homẽs do quarto, & chegouse â fortaleza, & não ouuindo nada chegouse tão perto q̃ claramẽte vio q̃ estaua despejada, o q̃ logo mãdou dizer a dõ Esteuão q̃ como amanheceo desembarcou com sua gente, & entrou dentro na fortaleza em que não ouue que roubar. E ela desfeyta de todo, & recolhida a artelharia q̃ hi ficou, foyse cõ toda a

frota pelo rio acima á pouoação delrey q̃ tambem achou despejada, & queymouha toda, & muitas lãcharas q̃ estauão começadas, & tomou outras q̃ estauão acabadas, & assi algũs calaluzes. Isto feyto seguio pelo rio acima bẽ hũa legoa alẽ da pouoação pera ver q̃ auia nele: & achou muitas lãcharas & calaluzes q̃ estauã varados no mato no q̃ gastou tres dias. E feyto isto se tornou, & quãdo se sayo do rio, porq̃ a corrẽte nã atrauessasse os nauios, hiãose atoãdo as aruores, pelo modo que se atoaua a carauela quãdo foy pera aferrar a tranq̃yra: & saydo fora do rio tornouse a Malaca õde foy recebido cõ muito grãde festa da gẽte da terra, porq̃ ouue tamanha vitoria dũ Rey q̃ estaua tão poderoso, & fazia tãto dano a Malaca, & de cada vez lho ouuera de fazer mais, & das lancharas, & calaluzes & artelharia que dõ Esteuão ouue dos ĩmigos fez hũa grãde armada de q̃ tinha muita necessidade.

CAPITVLO LXXXIX.

De como Francisco de barros de payua & Anriq̃ mẽdez de vascõcelos pelejarão cõ hũa armada de Iaos.

Chegado dõ Esteuão Dugẽtana mãdou Anriq̃ mẽdez de vasconcelos a Patane assi pera trazer Frãcisco de barros de payua q̃ la estaua, como pera dar ordẽ que fosse dahi hũ jũgo á China que lá mãdaua a prouar se q̃reriã ter trato, como teuerão em tẽpo passado, & foy Anriq̃ mẽdez em hũ nauio dos nossos: & chegado a Patane achou Frãcisco de barros viuo & os q̃ ficarão coele, & despachado o jũgo pera a China deu ordẽ como Francisco de barros se ẽbarcasse em outro da terra cõ os de sua cõpanhia pera se tornarẽ a Malaca. E despachãdose Frãcisco de barros teuerão noua de hũa armada de cossayros Iaos, de q̃ era capitão môr hũ mouro Iao chamado Eriacatĩ, & trazia vinte quatro calaluzes, dũs q̃ tẽ duas ordẽs de remos hũs de pãgayo outros de galé, &

sã tamanhos q̃ traz cada hũ cẽ homẽs de peleja, & assi o trazião estes, & muyta artelharia, & muitos arteficios de fogo. E sabẽdo Anriq̃ mẽdez & Francisco de barros q̃ esta armada vinha pera Patane, fizerãose á vela cõ traq̃tes, & mezenas pera yrẽ receber a armada ao már, & em saydo da enseada surgio Francisco de barros na costa por ter ainda gẽte em terra & mais a vela grãde. E Anrique mendez foy na volta do mâr a descobrir os ĩmigos, & descubertos virou pera onde ficaua Frãcisco de barros, & surgio por ho vento ser calma, & os ĩmigos se forão chegãdo a remo pera ele: & seria as tres oras despois de meo dia, Eriacatĩ repartio os calaluzes desta maneyra: Mãdou a sete que se fossem cometer Francisco de barros, & ele cõ os outros a Anriq̃ mẽdez & porq̃ o não pode aferrar á sua vontade, por Anriq̃ mendez trazer o seu batel atracado da banda dabalrauento, mãdoulhe cortar ho cabo por hũ calaluz, & os q̃ ho yão fazer como sabião q̃ auiã dachar contradiçã aperceberão se parela, fazẽdo hũ teito das suas rodelas por cima do calaluz cõ q̃ por mais pedradas q̃ lhe derã & outros arremessos cõ q̃ lhe tirarã, nã deyxarã dẽtrar no batel, & cortarlhe o cabo & leuarãno. E leuado abalroou Eriacatĩ ho nauio com outros capitães, & Anrique mẽdez acodio logo cõ os seus, cõ muytas panelas de poluora & muytas espingardadas: & durou a peleja hũ pedaço em q̃ muytos dos ĩmigos forão mortos. E nesta peleja foy Anrique mẽdez ferido na barba de hũa frechada de zarauatana, & por ser peçonhenta ficou ele desacordado, & os seus ho meterã por morto em hũa camara. E com tudo se defenderão tambẽ que nunca os imigos os poderão entrar por aquela parte, antes os fizerã afastar. E querẽdo outros abalroar por outra, como ja fazia vento, derão ás velas, & forãse na volta do mâr. E não os podendo os ĩmigos seguir, forãse todos a Frãcisco de barros, que pelo q̃ lhe ficaua em terra se deixou estar surto, não tendo consigo mays que dezaseys Portugueses, & por isso os ĩmigos ho aferrarão logo, & ele se

defendeo que ho não entrassem cõ muytos artificios de fogo que lhes deitou. E neste côbate lhe matarão tres homẽs, & lhe tomarão tres paraós de seruiço que tinha a bordo, & fugirãlhe doze marinheyros da terra. E vendo Eriacatim que achaua mayor defensa do que cuydou, ja sobre perfia fez quatro fieyras dos seus calaluzes, & cada hũa hia abalroar ho jungo, & pelejaua tanto ate que cançaua, & todos ho abalroarão muytas vezes. E tambẽ se defendeo que nunca ho entrarão, posto que lhe matarão & ferirão quasi todos, & ele foy ferido em hũa perna de hũa frechada peçonhẽta, & a hũ Bastião nunez da vidigueira derão quatro bôbardadas em hũa rodela q̃ tinha embraçada, sem lhe fazer nenhũ mal. E durou a peleja ate as onze horas da noite, q̃ era muy clara polo grande lũar q̃ fazia. E não ficando viuos nẽ pera pelejar mays que Frãcisco de barros & Ioã martinz mestre do nauio, & Bastião nunez, aferrou por derradeiro ho jungo Eriacatim, que nũca ate então ho abalroara, & coele foy outro capitão. E como os nossos não erão mais que os q̃ digo, começarão de subir ao nauio ate doze dos ĩmigos, a que acodirão Francisco de barros & os outros dous cõ muyto esforço, & lançarão sobreles tãtas panelas de poluora q̃ os fizerão saltar ao már todos queimados, de que morrerão os mais. E assi hũa molher & dous filhos de Eriacatim, que trazia cõsigo, q̃ desesperado dentrar ho jungo se afastou, & não quis mais perfiar, & de fora se pos as frechadas & bôbardadas cõ sua armada, de q̃ tinha perdida a mayor parte da gẽte q̃ foy morta nos cometimẽtos passados, que foy muyto grãde milagre de nosso senhor, sendo tantos quantos erão não entrarẽ nũca ho jũgo, ou nã ho queimarẽ, segundo a multidão dartefícios que lhe deitarão dentro: de que algũs derão em hũa jarra de poluora, em q̃ se acẽdeo ho fogo que queimou tres Portugueses, & hũ foy Francisco de barros em hũa mão, & em hũa parte do rosto. E a fora isto forão tantas as bôbardadas que lhe derão, que se nosso senhor ho não liurara, a-

bastarão pera ho meter no fundo, & ho fazerẽ em pedaços, porque ao lume dagoa lhe derão quatro com que ho arrôbarão, & acodirão os Portugueses a taparlhe os rõbos, & no masto grãde lhe derã cinco, & no do traq̃te tres & na camara de popa lhe meterã xlv. pelouros. E estando assi Anriq̃ mẽdez q̃ ficara desacordado da frechada tornou em seu acordo, preguñtando se era Francisco de barros tomado: & sabẽdo q̃ ainda se defendia, queixouse muito cõ os seus porque ho desempararão, & ho nã ajudarão & mandou que ho fossem ajudar, & quãdo forão acharão os ĩmigos afastados tirãdolhe bombardadas, & romperão por antreles tirando com a artelharia, & meterã hum calaluz no fundo, & forãose ajuntar com Francisco de barros, ho que vendo Eriacatim se foy na volta da terra muyto destroçado, & com grande perda.

CAPITVLO XC.

De como Francisco de barros & Anrrique mendez de vasconcelos se tornarão a Malaca.

Partidos os ĩmigos, disse Francisco de barros a Anriq̃ mẽdez como ficara, & q̃ forçado auia dir a terra pola gente q̃ lá tinha, & amarinharse, porq̃ sem isso nã poderia yr a Malaca, & assi o fez, & Anrique mẽdez prosseguio pera Malaca, & tornado Francisco de barros a Patane & tomado o de q̃ tinha necessidade & sua gente, & curados os feridos, partiose pera Malaca, & no caminho topou Patibarrá lao capitão môr de hũa armada de cossairos de sessenta, & tantas velas grossas, & por yr muyto ao mar lhe escapou, posto que ho seguirão oyto velas, & não ho podendo alcançar ho deyxarão. E despois disto foy ter coele Anrique mendez, que vinha de Patane onde arribou cõ tempo despois de Francisco de barros partido, & assi forão em companhia ate que se apartarão com tẽpo. E ficando Francisco de barros só, porque leuaua tão pouca gẽte como digo, & sa-

bia que aq̃las armadas o auião dir esperar ao estreyto de Cincapura pera ho tomarem, porq̃ não tinha outro caminho pera Malaca, foyse a hũa jlha que estaua oyto legoas da costa, & hi se deyxou estar ate q̃ lhe pareceo q̃ os imigos serião idos, & ele marcaua ho tempo de sua estada polos mantimentos que poderião ter. E parecẽdo a Francisco de barros que era tempo, partiose & passou o estreyto sem achar nhũ dos jmigos, & foy ter a Malaca onde achou Anrique mẽdez que por achar os tempos contrayros gastou tanto tempo que ja os ĩmigos erão ydos, que se isso não fora, fora grande milagre escaparlhes.

CAPITVLO XCI.

De como muytos gentios q̃ morauão no Morro se tornarão Christãos.

Despoys q̃ Tristão datayde capitão da fortaleza de Maluco ficou de posse dela, entendeo em a restaurar por estar muyto daneficada, & a torre da menagem, q̃ do derradeiro sobrado pera cima era de paredes de canas, & mãdou ha fazer de tauoado & rebocar por dẽtro cõ cal, & assi mãdou fazer a ygreja de pedra & cal. E neste tempo lhe chegou hũ messageyro de hũ gentio gouernador de hũa cidade do Morro chamada Momoya, por quẽ lhe mãdou dizer que se tornaria Christão se lhe prometesse de o liurar dos mouros q̃ de cada vez q̃ hião ali darmada vexauão a ele, & aos outros gentios, tomandolhes o q̃ tinhão, & tratandoos como catiuos. E coeste messegeyro hia hum Portugues chamado Gonçalo veloso, per cujo cõselho se q̃ria este regedor tornar Christão. E folgando Tristão datayde muyto coesta noua, por ser tamanho seruiço de Deos como era, porq̃ esta obra tão sancta ouuesse effeyto, teue este messegeiro com seus cõpanheyros escõdidos ate q̃ se bautizarão, & vestidos muyto bem de trajos Portugueses os despedio cõ reposta

ao regedor, q̃ se ele se fizesse Christão, alẽ de o fauorecer, ajudar, & emparar, contra quẽ quer que o quisesse anojar, lhe faria muytas merces. Pelo que o regedor sabida esta reposta se foy logo pera a fortaleza a fazer Christão, õde recebeo agoa de bautismo com grãde festa & solenidade, & foylhe posto nome dõ Iohão de momoya, & assi forão bautizados todos os de sua casa. E quando se foy mandou Tristão dataide coele hum clerigo chamado Symão vaz pera q̃ bautizasse aq̃le pouo, de q̃ ho mais se tornou em pouco tempo á santa fé catholica, & em tanto crecimento hia esta obra de nosso sñor, que foy necessario mãdar Tristão datayde outro clerigo q̃ auia nome Francisco aluarez, pera ajudar a Simão vaz, & tãto fruto fizerão ambos que os mays dos pagodes daq̃les gentios mudarão em ygrejas, em q̃ celebrauão ho officio diuino. E vendo Tristão datayde como esta Christindade multiplicaua, mandou lá algũs Portugueses que em hũa trãqueyra que fizerão estauã em goarda & fauor daq̃les Christãos, pera q̃ os mouros os não vexassem. E fazẽdose isto no Morro, chegou ao porto de Ternate hũ calaluz em q̃ vinhão hũs homẽs de hũas jlhas que se chamão dos Celebes, onde dizem que ha muyto ouro, cera, cascas de tartarugas, & outras mercadorias ricas, & estes costumauão de yr cada anno a Ternate a buscar roupa da India & outras cousas q̃ leuauão em retorno de suas mercadorias, & como tinhão este costume despoys que forão no porto de Ternate fizerão mostra do que leuauão: em que mostrarão algũas manilhas douro, & logo na noyte seguinte saltarão coeles certos Portugueses em hum batel, & cometerãonos como ĩmigos, ferindo & matando algũs & os outros se saluarão no mar deyxãdo ho calaluz que os Portugueses tomarão, & leuarão a Tristão datayde cõ todo ho despejo que tinha, que ele tomou, pelo q̃ pareceo que aquilo fora feyto por seu mãdado, de que el Rey Tabarija & os mouros ficarão muy descõtentes, & escandalizados, mas calarãse porq̃ nã podiã mays.

CAPITVLO XCII.

De como Tristão datayde prendeo el rey Tabarija de Ternate, & sua mãy, & Pateçarangue.

Neste tẽpo foy mexericado el Rey Tabarija de Ternate cõ Tristão datayde que trataua de ho matar & tomar lhe a fortaleza, & q̃ entrauão nesta consulta sua mãy, & seu marido Pateçarangue regedor do reyno: & Ragabaho justiça mòr. O que sabido por Tristão dataide ho creo por serẽ mouros. E determinãdo de os prender deu disso conta a algũs Portugueses seus amigos, com q̃ assentou q̃ pera prẽder el rey & os outros sem aluoroço, fizessem dous dos mesmos Portugueses que pelejauão, pelo que Tristão dataide os mandaria prender, & presos, rogarião a el rey que falasse por eles q̃ os soltassẽ, ao que ele jria á fortaleza, & indo lá seria preso cõ os outros, que tambẽ os farião la jr com algũa manha. Isto assentado logo se pos em obra. E rogado el rey por parte dos dous Portugueses presos q̃ os fizese soltar, foyse à fortaleza pera ho rogar a Tristão dataide, que esperãdo por isso estaua na torre da menagem com a mayor parte dos Portugueses da fortaleza, a que tinha dado cõta do caso, & a q̃ tinha mandado que tãto que ele & el rey se assentassem, agasalhassem antre dous hum mouro dos que entrassem cõ elRey em que aferrarião como el rey fosse preso, porque não fizessem aluoroço, ou se deytassem da torre abayxo não se podendo defender. E estando todos praticando chegou a raynha mãy del rey, & Pateçarangue seu marido, & Ragabaho q̃ Tristão datayde tinha mandado chamar por hum Iorge de brito, & Lionel de lima fidalgos: & eles como ĩnocentes da culpa q̃ lhe dauão, forão logo a seu chamado. E tendo os Tristão dataide todos jũtos, lhes disse, que tinha sabido, que se querião leuantar contra aquela fortaleza, & matar a ele & aos outros Por-

tugueses, & pera lhes dizer isto os mandara chamar pera os prender polo caso ser pera isso, & mandalos ao gouernador da India pera os castigar como merecessem, do que eles se mostrarão muyto espantados, como quẽ não tinhã culpa, ficando muyto seguros, & sem mudança de cór, dizendo logo, q̃ aquilo erão mexericos de pessoas que lhes querião mal, que se posessem coeles ẽ justiça porque mostrarião sua jnocẽcia, & assi fizerão muytas exclamações, dizendo que os prendião sem causa, & lhes roubauão sua justiça: & com tudo Tristão datayde os mandou prender em ferros, & meter em hũs sotãos debaixo na torre da menagẽ, & isto sem nenhũ aluoroço, porque os mouros que hião com el Rey por estarem afferrados não ho poderão fazer & porq̃ o não ouuesse na cidade, quando se soubesse a prisam del rey, fez Tristão datayde logo rey por conselho do çamarao que estaua coele, a hũ moço que auia nome Cachil aeyro, filho bastardo del Rey Boleyfe & de hũa Iaoa q̃ ainda era viua, & ho tinha cõsigo, a cuja casa Lionel de lima foy por ele com outros, & sobre o leuarem deytarão a mãy por hũa ianela fora, sobre o q̃ foy grande aluoroço na cidade. E porque logo se rompeo como el rey & os outros erão presos, muytos fugirão da cidade, principalmente os do cõselho del rey, cuydando que tambem os prẽdessem, & era pera auer piedade ho desatino cõ que fugião, & como os seguião as molheres, os filhos, & os criados chorãdo, & deixando as casas abertas, & como a gẽte baixa os saya auer gritando de medo, & era a reuolta muy grãde. E hũ mouro honrrado q̃ auia nome Ouro bachela, de que faley a tras, por ser do conselho se quisera yr disculpar a Tristão datayde, & foy morto á porta da fortaleza, ho q̃ foy causa de ainda os mouros fugirem mais & quasi se despouoar a cidade, porem logo se tornou a pouoar tornãdose os mouros poucos & poucos, por grandes amoestações que lhe sobrisso fez ho çamarao, dandolhes muyto firmes seguros da parte de Tristão datayde, de nao receberem mal

nos corpos nẽ nas fazẽdas, & por esta maneira forão assessegados todos os outros lugares da jlha, cujas pessoas principaeis forão á fortaleza por rogo de Tristão datayde que lhes deu as causas porq̃ prẽdera Tabarija & os outros. E o mesmo escreueo aos reys comarcãos, & Sãgajes porq̃ ho nã teuessem por tirano & se aluoroçassem. E ainda q̃ lhes pareceo mal o q̃ tinha feyto, não lhes deu disso, dizendo q̃ era bẽ empregado nos Ternates todo ho mal que lhes fizessem os Portugueses, poys os leuarão a sua terra & lha entregarã, & os ajudarão contreles seus parentes, & naturaeis: & mandarão dizer a Tristão datayde que lhes parecia bẽ ho que tinha feyto, offrecẽdolhes sua ajuda se lhe fosse necessaria, com ho que Tristão datayde ficou cõtẽte & descãçado, & logo leuãtou por rey Cachil aeyro, & fez gouernador do reyno ho çamarao, posto q̃ era de baixo sangue, q̃ era cõtra ho costume da terra: & por se segurar meteo el rey na fortaleza donde nunca saya: mas hi era seruido & venerado como rey, & ho seruiã os seus. Nos officios q̃ tinha dordenãça, todos Tristão datayde proueo de nouo, que cuydando q̃ estaua seguro pera fazer tudo o que quisesse, determinou logo dauer pera sy todo ho crauo q̃ ouuesse na terra, pelo preço que estaua assentado na feytoria, q̃ era a mil reaes ho Bahar. E pera isso mandou ho çamarao pregoar sob graues penas, que nenhũ mouro nem gentio vẽdesse crauo se não a Tristão datayde & aos Portugueses q̃ ele ordenasse pera o cõprarem. E o mesmo mandarão pregoar a seu requerimento os reys de Tidore & de Geylolo, & ho de Bachão, que tambẽ foy requerido pera isso, mas nã quis. E pera se auer todo este crauo, & não escapar nenhũ, pos Tristão datayde nos lugares em que ho auia criados seus, & outros homẽs de que cõfiaua, & estes a fora arrecadarẽ ho crauo, tiranizauão a terra com crueza demasiada, tomando a seus donos quãto lhes vinha á vontade, & as molheres & filhas, & seruindose deles em tudo como descrauos, sem Tristão datayde querer aco-

dir a isso, & côselhandolhe algũs que ho fizesse por não se leuantar a terra, zombaua disso. E toda esta diligencia dauer o crauo, era causa de ho seu preço aleuantar de cada vez mais, & chegou a valer ho Bahar a cincoenta & a sessenta cruzados, porq̃ como os Portugueses tinhão muita fazẽda q̃ empregar, & vião ho caminho q̃ a terra leuaua pera se leuãtar, q̃rião todos emprega-la, & todos comprauão crauo, & os mouros como se auenturauão a grandes penas se Tristão datayde ho soubesse, não o querião dar menos do preço q̃ digo, & outros ho dauão por armas, & pola necessidade q̃ os Portugueses tinhão não deyxauão de ho comprar.

CAPITVLO XCIII.

De como Tristã dataide fez guerra a el rey de Bachão.

Neste tẽpo fez Tristão datayde guerra a el rey de Bachão, por se vingar dele de lhe nã querer deyxar fazer crauo em sua terra: & por não yr á fortaleza despois da prisão del rey Tabarija, como q̃ se q̃ria leuãtar côtra ela. E como ele sabia bẽ da guerra, a primeyra cousa q̃ fez, foy mãdar tomar lingoa a Bachão pera saber ho que el rey determinaua, & a isto forão hũ Antonio pereyra, Iorge goterrez, & outro. E como os Bachões nã se temião por estarem de paz com os Portugueses, facilmente estes capitães tomarão algũs, do q̃ se el rey espantou muito, por ser ho mays antigo amigo, & mais leal que os capitães de Ternate teuerão sempre naquela terra, & cô mais deligencia acodio sempre á fortaleza em suas necessidades: & posto q̃ Tristão datayde soube dos Bachões que el Rey estaua muyto assessegado na paz & amizade que tinha coele, todauia proseguo a guerra contrele, mandando hũa armada que lha fizesse a fogo & a sangue. A cujos capitães el rey fez grãdes requerimentos da parte del Rey de Portugal que lha não fizessem pois era amigo del Rey de Portugal & ti-

nha paz coele, & nã queria guerra nem fizera por que lha fizessem, & cõ tudo não quiserão se não fazerlha, no que não fizerão mays que perderẽ algũa gente que lhe os Bachões matarão & ferirão, & sem fazerem mays se tornarão a Tristão datayde, que tomando aquilo por injuria determinou de se vingar, & yr em pessoa, & leuar em sua ajuda os reys de Ternate, & de Tĩdore, & partiose cõ hũa grossa armada, de q̃ forão capitães a fora ele, Diogo sardinha capitã mór do már, Baltesar vogado, Antonio pereyra, Francisco pirez, Baltesar veloso, Lisuarte caeyro, Fernão anriquez, Antonio de teyue, Iorge goterrez, & outros, & assi os reys que digo, & seus gouernadores & Sangajes. E chegado á boca do rio de Bachão, soube q̃ os mouros ho tinhão atupido, com ho muito & muy basto aruoredo que tem de cada parte que serrarão, & deytarão nele. E sabendo Tristão datayde que não podia yr por terra por ser alagadiça, determinou de yr polo rio & desatupilo, & assi ho fez, leuãdo nos bateis & chàpanas, molinetes carreteis com que tirauão os troncos grossos do aruoredo, & os mays delgados cortauão cõ machados, o que fazião cõ muyto grãde trabalho. E sabẽdo el rey de Bachã como Tristão datayde desatupia ho rio & se hia chegãdo á cidade, mãdou gente que per antre o mato tirasse frechadas, & arremessos aos Portugueses, & os estoruasse de desatupirem ho rio, ao q̃ Tristão datayde atalhou, mãdando Diogo sardinha capitão mór do már cõ outros capitães q̃ fossem ao longo de terra cõ os espingardeiros & varejassem a gente q̃ impedia o desatupir do rio, & assi foy feyto. O que vendo el rey, mandou deytar ho rio por outra parte por onde ya antigamente, & como tinha muyta gente logo foy feito, & começando a agoa de vingar, ficou a frota de Tristão datayde em seco, & sospeytando ele o que podia ser, mandou gẽte a ver se era assi, & achando q̃ sy, derão nos q̃ trabalhauão no rio, & fizerãonos fugir, & despois atopirão a madre q̃ tinhão feyta ao rio, & fizerãono tornar

por onde corria. E desesperado el rey de poder escapar a Tristão dataide, despejou a cidade & acolheose com a gente polo sertão da jlha, de modo q̃ quando Tristão dataide chegou a ela, nem achou gẽte cõ que pelejar, nem fazẽda q̃ roubar, o q̃ vendo os Portugueses lhe poserão o fogo, & a q̃ymarão & destruyrão de todo, cõ grande parte da terra ao derredor, & quebrarão as sepulturas dos reys q̃ ali estauã sepultados, & leuarão as ossadas, parecendolhes que despoys lhas resgataria el rey: E despois disto, quisera Tristão datayde entrar pola jlha & destruyla, mas não pode, por ser terra alagadiça: & vendo que não podia fazer nada se tornou pera a fortaleza cõ os reys, deyxãdo Diogo sardinha cõ a mayor parte da armada pera q̃ fizesse guerra guerreada a el rey de Bachão, & ficou coele Pateçarangue cõ a armada de Ternate. E ydo Tristão datayde el rey cometeo paz a Diogo sardinha & q̃ daria duzẽtos Bahares de crauo, do q̃ Tristão dataide foy contente, & despois disso mãdou hũ nauio a banda a fazer fazẽda, de q̃ foy por capitão hũ Ioão de canha pinto.

CAPITVLO XCIIII.

De como el rey de Cambaya foy buscar el rey dos Mogores.

Despoys que çoltão badur Rey de Cambaya fez paz cõ ho gouernador, determinou de yr pelejar com el rey dos Mogores, q̃ lhe entraua a terra, como disse, & q̃rendo partir soube q̃ se lhe rebelara a raynha dum reyno por hum seu filho que era seu vassallo, que determinando de sugigar esta raynha primeiro que fosse contra el rey dos Mogores, partio logo da cidade do Mandou onde estaua & leuou hum exercito em que entrauão cento, & cincoenta mil homẽs de caualo, em que aueria trinta mil acubertados & de bõs caualos, & os outros erão bõs & máos, & quinhẽtos mil homẽs de pê, em

que entrauão quinze mil estrãgeyros Fartaquis, Abexins, & trezẽtos Rumes, que leuaua Rumecão, & cincoenta Portugueses, quinze Christãos catiuos, que el rey soltou pera ho ajudarem nesta guerra, & lhes mandou dar armas & pagar soldo, & os outros arrenegados, & trinta Franceses que forão ter a Diu na nao Dobrigas: leuaua mil peças dartelharia ẽcarretadas, em que entrauã quatro basaliscos, jrmãos do q̃ Nuno da cunha mãdou a Portugal, & tudo de metal, ẽ carretas de quatro rodas, & cada carreta era leuada por duzentos boys, os bois das carretas das outras peças erão segũdo elas demandauã, & muytos bombardeyros & fundidores. E pera esta artelharia hião quinhẽtas carretas carregadas de poluora & de pelouros: leuaua oyto centos Alifantes cõ castelos de madeyra, & de muytos deles jugauão dous berços, & nos outros hião quatro espingardeyros. Pera as despesas deste campo leuou quinhentos cofres grãdes de cobre cheos de dinheyro douro & de prata, & cada hũ hia em hũa carreta. A fora outro muyto dinheyro que leuauão todos os senhores q̃ hião com el rey, assi mouros como gentios, de q̃ algũs tinhão sete cẽtos mil cruzados de renda, & outros quinhẽtos, quatrocentos, trezentos, duzentos, & cento, & cada hum leuaua seu tesouro: & hião neste campo tres mil mercadores, q̃ ho mais pobre não decia de vinte mil cruzados, & muytos de trezentos, & duzentos mil. Partido el rey, seguio seu caminho pera o reyno de Sangà, & foy sobre a principal cidade dele, q̃ se chama Chitor, q̃ na lingoa da terra quer dizer sombreiro do mũdo, & assi ho he ela, & alẽ de ser a mais nobre & rica q̃ pode ser no mũdo, não lhe falta grandeza & fortaleza: será de tres legoas de roda, situada sobre hũa muyto alta serra, cercada de fortes muros & baluartes da nossa maneira, em q̃ auia muy suntuosos edificios, assi dos seus pagodes como dos homẽs que tinhã os mais as paredes forradas de tauoado dourado, & as que não erão douradas erão branqueadas cõ hũ betume aluo, & rijo q̃ parecia vidro.

Nesta cidade estaua a raynha deste reyno, q̃ auia nome Cremẽtĩ, molher viuua & ainda de boa jdade, & muyto fermosa, & tão esforçada q̃ pelejaua como homẽ, & tinha cõsigo dous mil de caualo & trinta mil de pé. Chegado elrey de Cãbaya a esta cidade cercou da serra quãto ocupaua dela a cidade, & do pé da serra começou logo de mãdar fazer dous mayneis de pedra & barro pera chegarem acima ao muro da cidade, & cada hũ por dẽtro de largura de cincoẽta pés cubertos de vigas muyto jũtas, porq̃ as pedras q̃ os immigos lançauão de cima não fizessem nojo aos que andauão dentro fazẽdo hũs degraos pera a gẽte sobir por ali a cidade, & mandou pregoar que a todo homẽ q̃ lhe leuasse hũa pedra dos muros da cidade daria hum madrafaxao, que pola nossa moeda val tres cruzados, pera o q̃ tinha diante de si cofres cheos deles, & coesta diligencia, & cõ a que se pos nos mayneis forão acabadas em hũ mes & feyto sobre cada hũa hũ baluarte que ficauão tão perto dos muros da cidade que deytauão dẽtro panelas de poluora, foy a cidade entrada principalmente pola valẽtia dos Portugueses, que el rey sempre mandaua poer nos lugares de mayor perigo, por os ter por mays ousados q̃ nhũs das outras nações, & assi forão eles os primeyros que entrarão a cidade. Cujos moradores fizerã hũa notauel façanha, que foy queymarense todos (em se entrando a cidade) assi molheres como homẽs que não poderão morrer na batalha, & assi suas fazendas que tinhão prestes pera isso, & soubese despois q̃ forão setenta mil pessoas & ho fogo durou tres dias sem se poder apagar. E a raynha fugio logo com seus filhos & com hum senhor seu vassallo que tinha por amigo. E tomada a cidade el rey de Cambaya ficou tão ledo como se fora senhor do mũdo, & dizia que dali por diante nhũ rey da India auia de trazer sombreyro se não ele, & fez muyto grandes merces aos do seu campo dobrando as rendas aos senhores, & ho soldo aos soldados.

CAPITVLO XCV.

De como el rey de Cambaya sem pelejar foy desbaratado, por el rey dos Mogores.

El Rey dos Mogores despois q̃ determinou de pelejar com elrey de Cãbaya, partio de suas terras com duzentos mil de caualo, os cincoenta mil acubertados, & estes erão Mogores, os outros de caualos ligeiros, Tartaros, Tarquimães, Coraçones, & Delis, & cadahũ destes acubertados leuaua hũ moço de tras de sy cõ hũ zaguncho, & alforge cõ mantimẽto, & a gente de pé era sem conto, em q̃ auia dez mil espingardeiros, & assi hião neste campo muytas molheres solteyras todas a caualo & com arcos & frechas com que tirauão, & leuaua mil peças dartelharia, & coeste campo se foy caminho da cidade de Mandou onde cuydou que achasse el rey de Cambaya. E chegado a ela que soube que não estaua hi não a quis combater. E sabendo que estaua sobre Chitor fez para la seu caminho, donde lhe mandou dizer que auia dous meses que andaua por suas terras sem achar com quẽ pelejasse: & el rey de Cambaya auia tres dias q̃ tomára Chitor quando lhe derã este recado, & logo partio com seu campo cõtra Mandou q̃ era o caminho que trazião seus cõtrayros. E chegado a hũa sua cidade chamada Docer, assentada em hũ cãpo raso ao longo de hũ rio, achou nouas q̃ ho Mogor estaua dali sete legoas, & que não andaua cada dia mais de hũa legoa, legoa & mea, & os seus corredores erão vinte mil de caualo acubertados, de q̃ era capitão hũ seu jrmão: & tãto que isto soube despedio hũ seu capitão chamado Coraçãcão com tres mil de caualo a saber se era assi o q̃ lhe dizião. E sabẽdo o jrmão do Mogor sua yda deu nele & matoulhe quantos leuaua, saluo quorenta q̃ ficarão muyto feridos, & ho capitão foy catiuo. Aqui esperou el Rey de Cabaya ho Mogor, assi por des-

cansar sua gente, como por auer disposição muito boa pera assentar o arrayal, que assentou pegado com o rio de hũa parte, & da outra cercado de tranqueiras & cauas cõ muyta artelharia que ficaua fortissimo, & aqui cõtra seu costume, q̃ era não se cõselhar nunca cõ ninguem no que auia de fazer, tomou conselho com Rumecão (que era seu condestabre) se daria batalha ao Mogor, porq̃ auẽturaua nela todo seu estado, o que lhe conselhou q̃ não fizesse, mas q̃ por outros meyos o afastasse de si, porq̃ dali ao jnuerno aueria hũ mes, & cõ as chuuas & cheas & ribeyras era impossiuel o Mogor esperar no campo, & se auia dir por força, o que pareceo bẽ a el rey de Cambaya, mas sayolhe mal, porque nã choueo goteira dagoa, que foy cõtra natureza do tempo: o que foy causa de se perder, o q̃ quiça nã fora se pelejara. E tudo isto parece que foy permissão diuina, porq̃ se ele dali ficara cõ a vitoria, todo seu poder ouuera de virar contra os Portugueses, & não cessar atee que os não desarreygara da India. E chegado ho Mogor a tiro dartelharia do campo del rey de Cambaya, assentou o seu q̃ tomaua tres legoas pera tras, & na frontaria do arrayal estauão dous senhores principais, hũ se chamaua Indobeque que era Mogor, outro Estacolim, Grego de naçã & condestabre, & das carretas em que leuaua a artelharia cercou o campo, & cada quorenta se cerrauã com hũa cadea de ferro com que se fechauão em outra carreta, & deste modo se fechauão todas em roda que ficaua como fortaleza, & nhũ homẽ de caualo podia entrar dentro. Tendo ho Mogor assentado seu arrayal, começou a artelharia de jugar, & como a del rey era mays furiosa fustigaua mays ao longe, & fazia mayor dano, pelo q̃ o Mogor se tirou pera onde lho nã fizesse, & mãdou conuidar el Rey de Cambaya pera batalha campal, chamandolhe couardo. E cõ tudo el rey de Cambaya pela determinação que tinha não quis pelejar, porque ja começaua dauer medo sem ver de que. E neste tempo fugirão do campo de Cam-

baya cinco Portugueses, quatro Christãos, & hũ arrenegado, & forâose pera ho campo do Mogor a quem forào leuados, & leuantouse a velos da porta de sua tẽda, & mostrou que folgaua muyto de os ver, & preguntou a cada hũ por seu nome, & o arrenegado que era o lingoa lhos disse, & que ho seu era Hamet, porq̃ se tornara mouro, do q̃ se el rey espantou muyto, & estranhoulhe muyto tornarse mouro. E sabendo como em Christão se chamaua Antonio gonçaluez, mandoulhe q̃ assi se chamasse, & a todos fez merce de dinheiro, vestidos, & armas, & lhes prometeo muito grandes merces se quisessẽ jr coele a suas terras, & encomẽdouos ao seu cõdestabre porq̃ era christão: & agasalhauãose com a sua gente, & fazialhes muyta hõrra, & estes ouuirã no mesmo campo que ho Mogor era de casta de Christãos, & por isso folgaua coeles. E vẽdo ele que el rey de Cambaya não queria pelejar, começa de lhe tomar os mantimentos & não lhe deyxaua jr ao cãpo se não os q̃ não podia tomar, & estes erão tã poucos q̃ não erão nada pera a multidão domẽs & dalimarias q̃ auia no cãpo del rey de Cãbaya, em que logo ouue muyto grãde fome, & era o trigo & ho arroz tão pouco q̃ se vendia aos arratens, & valia cada hũ seys vintens, & hũ molho de feno outro tanto, & começarão de morrer os caualos & os homẽs, & em dous meses q̃ assi esteuerão ouue algũs recontros em q̃ sempre os Mogores forão vencedores. E por derradeyro mandou el rey de Cãbaya hum capitão cõ todos os Abexins a tomar hũa grande recoua de mantimentos que lhe trazião, & os Mogores a tomarão & matarão os mais dos Abexins, & era ja tamanho ho medo q̃ auião aos Mogores no cãpo de Cambaya q̃ do rugido das armas se espantauão. E vendo isto el rey de Cambaya, & a muyta gente que lhe morria foy ho seu medo tamanho de ser tomado que determinou de fugir. E hũa noyte ja no cabo do quarto da modorra se acolheo ho mays secretamente que pode, deyxando recado a Rumecão que arrebentasse a arte-

lharia, porq̃ os ĩmigos não se aproueytassem dela, & que com a mays da gẽte de caualo que podesse se fosse á cidade de Mandou pera onde ya, q̃ esta situada na ponta de hũa serra de sete legoas de roda & de mea legoa daltura, & fica como hũ penhão: porq̃ a mayor parte he de rocha viua, a cidade será do tamanho de Lisboa & sobẽ a ela per hũas escadas feytas ao picã na rocha. Nesta cidade tinha el rey, hũs paços todos laurados douro & dazul, & as paredes cubertas dazulejos, & tem hũa orta do tamanho de Vila noua dandrade, & dentro tres grandes tanques dagoa cõ dous bargantĩs cada hũ, em q̃ el rey se desenfadaua com seus priuados, & no cabo dela hũa estrebaria com dez mil caualos, cõ suas selas & freos pera fazer merces aos sñores seus vassallos. E primeyro q̃ chegassem a estes paços auião de passar por tres fortalezas muyto fortes cõ seus muros & cauas, & cada hũa não tinha mays de duas portas q̃ goardauão capitães cõ gente. E se esta serra não fora tamanha nunca esta cidade se podera tomar, porq̃ tinha dentro agoa & mantimẽtos pera quãto durasse o cerco, mas por a grãdeza da serra não se podia defender. E cõ tudo el rey de Cãbaya se acolheo a ela cõ sete mil de caualo q̃ se forão ajuntãdo coele, cõ quãto deixou a estrada ẽ sayndo do cãpo, & se foy por lugares desuiados por não ser tomado.

CAPITVLO XCVI.

De como el rey de Cãbaya se acolheo a Diu, & do mais que fez.

Fugido el rey de Cambaya, mandou Rumecão sobrecarregar a artelharia, & muita arrebẽtou & outra ficou por arrebentar cõ pressa de fugir, porq̃ a fugida del rey por mais secreta q̃ foy se soube logo pelo Mogor, q̃ muyto de pressa foy a pos ele cõ quinhẽtos de caualo, & os seus derão logo no cãpo del rey de Cãbaya & roubarãono,

& as tendas del rey que erão de borcado & de veludo de dentro & de fora forão todas espedaçadas, q̃ ocupauão hum ressio dẽtro no arrayal em q̃ caberiã dez mil homẽs de caualo, & foy cousa sẽ conto ho dinheyro q̃ se achou, & assi ouro & prata em barras, & muitas peças ricas q̃ não tinhão preço, assi del rey como dos senhores q̃ yão coele, q̃ nhũ cõ pressa de fugir leuou cousa nhũa: & como eles, & a outra gẽte do cãpo forão pelo dereyto caminho de Mãdou, quasi todos forão mortos polos ĩmigos q̃ lhe seguião o alcanço, & o Mogor se deu tãta pressa que em tres dias chegou a Mandou, & chegada sua gẽte cercou a cidade, & mandou dizer a el rey de Cambaya q̃ restituisse aq̃le reyno a cujo era, & os outros q̃ tinha tomados, & q̃ desse Diu ao gouernador da India, & q̃ ho deyxaria yr pera Cãbaya do q̃ se el rey rio, parecẽdolhe q̃ estaua seguro pola fortaleza da cidade & polos mãtimentos q̃ tinha: & durando este cerco se cõcertou o Mogor cõ Rumecão q̃ se fosse parele & que lhe daria a rẽda q̃ tinha del rey de Cãbaya & se assentaria cõ seus jrmãos, & não lhe deu Diu q̃ tãbẽ Rumecão pedia por dizer q̃ o tinha prometido a Nuno da cunha. E coeste concerto fugio Rumecão fingindo q̃ daua hũ rebate no cãpo dos ĩmigos, & sayo antemenhaã cõ quantos Rumes tinha & foise pera o Mogor. E soubese q̃ quãdo el rey de Cãbaya o soube q̃ dissera a Manuel de macedo. Como foste verdadeyro, & isto polo q̃ lhe profetizara de Rumecão quando se desafiou coele. E despois disto peytou o Mogor tãto a hũ capitão q̃ goardaua hũa das portas da cidade q̃ lhe deu por ela ẽtrada hũa noite & tomou a cidade, & el rey de Cãbaya se acolheo cõ quatro de caualo por yr mais encuberto, & foise caminho do reyno de Cãbaya â cidade de Chãpaner q̃ he da costa trinta legoas, & ẽ hũs grãdes cãpos se leuanta hũa serra peq̃na a modo de penhã toda de rocha talhada & será em partes de hũa legoa daltura, & em outras de quatrocẽtas braças, he toda cercada de muro muyto forte de cantaria cõ cincoẽta &

oyto baluartes do mesmo, & muito bem artilhados dartelharia grossa q̃ não tẽ côto: toda esta cerca não tẽ mais q̃ hũa só entrada per hũa porta feyta ao picão muito alta, & vay de baixo do chão mais de quorenta braças, & antes de chegar a esta porta tem hũa caua de cem passos muyto fũda, & no andar de baixo hũa ponte leuadiça: em goarda desta porta estauão quatro trabucos de mastos tão grossos como os das naos de carreira. Dentro desta primeira cerca ha outras seys, & alem da derradeyra está a pouoação que he de cẽto & trinta mil vezinhos q̃ se estende por toda a serra, & nela estão hũs paços del rey do tamanho da cidade Deuora cercados de muro cõ tres portas de ferro, & de dentro pousa el rey quando ali vay com as suas molheres q̃ sam seyscẽtas, & os recebedores de suas rendas que andão na corte, & os officiaes de sua casa, & estã os almazẽs dartelharia & das armas, & as casas da fũdição dartelharia: todo o mais sam jardĩs, & casas de prazer, a mais rica & deleytosa cousa do mũdo, & no pico desta serra ha outra fortaleza sobre rocha talhada. Tanto q̃ el rey de Câbaya chegou a esta cidade, fez logo partir pera Diu suas molheres & sua mãy & ho seu tesouro douro amoedado & joyas ricas, q̃ dizẽ q̃ chegaua tudo a dez cõtos douro: & ho de prata q̃ era muyto, mandou recolher na fortaleza do cume da serra, & mandou a hũ capitão q̃ auia dir cõ suas molheres q̃ se teuesse noua q̃ o Mogor ho seguia q̃ se fosse a Câbaiete, hũa cidade porto de mar, onde tinha feyta hũa frota muy grande de galeões, galés, & galeotas. E assi deixou em Champaner hum capitão com cinco mil homẽs de peleja, & mantimentos pera quatro annos. E isto tudo feyto partio pera Diu cõ seus quatro companheyros vestido como pobre, & rapado por não ser conhecido, nẽ dos seus q̃ tamanho era ho seu medo q̃ de tudo ho auia. E quẽ auia tão pouco q̃ com seu grande poder auia de cõquistar ho mũdo, tornou tão destroçado por sua grande soberba, que segundo ele cõfessou, ateli

não tinha em conta Deos, nẽ Mafamede, nem entraua nas mezquitas a fazer a oração da sua seyta, & cuidaua q̃ ele mesmo era deos, & assi punha em seu titulo. Ho çoltão Badur cuja cadeyra está nos ceos, & ho sol he seu selo, & a lũa ferradura do seu caualo, & as estrelas crauos dela. E chegado ele a Diu, mãdou logo fazer dous baluartes em dous passos da terra firme pera a jlha que se podião passar cõ maré vazia, & isto porq̃ se o Mogor viesse que o não podesse entrar: & estãdo em Diu chegarã as suas molheres & sua mãy & seu tesouro. E porq̃ se os ĩmigos nã aproueytassem da armada q̃ tinha em Cãbaiete mandou a queymar, & assi mãdou hũ seu sobrinho chamado Mirãomuhmald pera Damão, & pera aq̃la comarca que cõfina cõ Chaul a fazer gente & defendelas do Nizamaluco se lhe quisesse fazer guerra, & mandoulhe q̃ quãdo se visse em necessidade q̃ se fosse a Chaul & se entregasse a Martim afonso de sousa q̃ sabia que inuernaua a hi.

CAPITVLO XCVII.

De como Martim afonso de sousa soube ho desbarato del rey de Cãbaya.

Estando el Rey de Càbaya acolhido na cidade do Mandou despois q̃ fugio: hũ Portugues q̃ andaua coele catiuo q̃ auia nome Francisco lourenço fugio, & cõ muito grãde trabalho foy ter a Chaul vespera de sam Ioão, & cõtou a Martim afonso o desbarato del rey de Càbaya, & q̃ despois de ser fugido ouuira como fugira de Mãdou no mais que com quatro de caualo, & como toda a terra por onde passara estaua muy temerosa dos Mogores & desesperada de se el rey de Cãbaya poder defẽder. E a pos isto foy dado hũ recado a Martim afonso de Mirãomuhmald q̃ estaua em Damão, q̃ lhe mandou pedir seguro pera estar ali, & pera se jr a Chaul cõ sua pessoa, dinheyro, & molheres se se visse apressado dos Mo

gores: õde Nizamaluco, & Martim afonso & Symão guedez de sousa capitão de Chaul lhe mandarão os seguros muyto largos. E escreueolhe Martim afonso q̃ el rey de Cambaya deuia dobrigar ao gouernador pera o ajudar ẽ tamanha necessidade como estaua cõ lhe dar hũa fortaleza em Diu, em q̃ nã perdia nada, antes ganhaua muyto em cobrar tam boa amizade como a sua, & creria ho gouernador que ele era seu amigo porq̃ doutra maneyra não se auia de fiar na paz que fizerão, pois tão mal comprira hũ dos sustanciaeis pontos do cõtrato das pazes, que era mandarlhe logo os catiuos que nunca mais mandou, antes induzira a Santiago que ya por eles a ficar coele, o que não erão começos de boa amizade, & pera desfazer todas as sospeytas q̃ o gouernador tinha de lhe não goardar a paz, era muyto necessario darlhe fortaleza ẽ Diu & mais por quã seguro ficaua de seus ĩmigos cõ lha dar. E o mesmo escreueo Martim afonso a el rey de Cãbaya, mandandoo visitar como amigo, & offrecerlhe com sua armada o que lhe dele cõprisse, porque lhe pareceo q̃ polo tempo em q̃ el rey estaua se moueria coisto a dar fortaleza em Diu, & o mesmo lhe escreueo Mirãmuhmald, escreuendolhe à boa palaura q̃ achara em Martim afonso, & como lhe mandara ho seguro q̃ lhe pedira. E como Martim afonso escreueo a el rey de Cãbaya, escreueo ao gouernador do modo q̃ el rey estaua, mãdandolhe pedir licẽça pera na entrada Dagosto yr sobre Diu cõ a armada q̃ tinha, porq̃ cria verdadeiramẽte q̃ indo naq̃la cõjunção el rey auia de dar fortaleza em Diu pera ganhar nossa amizade, que lhe importaua tãto q̃ sem ela nã se podia restaurar, por estar desbaratado, & seu ĩmigo muyto apoderado no reyno, cõ quem auia de recear de se ele gouernador ajũtar, & por Diu estar muito desgoarnecido dartelharia & mingoado de gente, porque tudo el rey tinha leuado á guerra & ho perdera no desbarato: & porq̃ estando no mãr lhe podia tolher os mãtimentos que yão por ele, q̃ erão os mays dos que se gastauão em Diu, & por lhe

tolher os socorros q̃ esperaua da gente do mar roxo que tinha mandado buscar, & mays faria arribar a Baçaym as naos que fossem do estreyto, o que podia fazer por virtude do contrato das pazes q̃ estauão assentadas. E vista por ho gouernador esta carta, mostrouha a algũs fidalgos seus parentes & amigos dizẽdo, que bẽ escusado era cuydar ninguem q̃ auia el rey de Cãbaya de dar a aq̃le tẽpo fortaleza em Diu poys nunca teuera dele tanta necessidade como entã, por ser o prĩcipal lugar de sua saluação, & por ter nele suas molheres & thesouro, & por isso lhe parecia escusado fazer fundamento da fortaleza nem ho fazia: & posto que lha el Rey de Cambaya quisesse dar que primeiro auia de fazer a de Baçaim com q̃ se cõtentaua, & a segurança dela era o principal proueito q̃ queria do desbarato del rey de Cambaya, & despois que teue muitos fidalgos deste parecer, por serem seus parentes & amigos, pos em conselho a yda que Martim afonso lhe screuia que queria fazer a Diu, & todos os q̃ tinha prouocados a serem de seu parecer votarão que não era bem que fosse, dando pera isso as rezões que ho gouernador daua, & Frãcisco de sousa tauares, & Aleyxo de sousa chichorro, & outros algũs forão de parecer que Martim afonso era muyto bem que fosse, porque por el rey de Cambaya não ter outro lugar mais principal pera sua saluação que Diu & ter hi suas molheres & tesouro auia de querer conserualo & telo seguro, ho q̃ ele mesmo sabia que não podia ser sem amizade dos Portugueses & darlhe fortaleza nele, porq̃ coela ho seguraua de todo, pois ho auião de defender aos Mogores como seu, & não tendo nele fortaleza se auia de temer que lho tomassem por quã fraco estaua sem a artelharia q̃ dãtes tinha, & mays sabendo quã pouco firmes estauão as pazes q̃ tinha cõ ho gouernador, por quã mal comprira as principaeis cõdições que mais importauão a sua firmeza: & sabendo q̃ eles erão sñores do már õde lhe podiã tolher os mantimentos, q̃ por ele principalmente mais que por terra

hião a Diu, & por isso tinhão por muy certo q̃ indo Martim afonso a Diu sem pedir fortaleza ho auia el rey de conuidar coela quanto mais pedindolha, pelo q̃ auião por muito grande seruiço de Deos & del Rey de Portugal sua yda lá, & não yr seria do cõtrario. E como este parecer foy de poucos & ho outro de mais, assentouse que Martim afonso não fosse a Diu, & que ho gouernador lho defendesse como defendeo, por hũa carta que lhe logo escreueo. E despoys vindo Agosto q̃ ho inuerno começou de dar lugar á nauegação daquela costa, despedio (sem fazer sobrisso conselho) Symão ferreyra q̃ fora seu secretario em hũa fusta pera Diu, com embayxada a el rey de Cãbaya, mandandoho visitar como amigo & offrecerlhe sua ajuda cõtra seus ĩmigos, cõ determinação que el rey lhe daria fortaleza ẽ Diu pola necessidade em que estaua, & pola ajuda q̃ lhe offrecia, & pera se isto assi fosse deu procuração a Symão ferreyra que a aceytasse, & fizesse sobrisso concerto como ele fizera sendo presente, & mandoulhe q̃ nã fosse por Chaul porq̃ Martim afonso nã soubesse sua yda, & mandou coele Cogexacoez (ho embaixador del rey de Cãbaya) & tres catures que ho acompanhassem & partio quasi na fim Dagosto.

CAPITVLO XCVIII.

De como el rey de Cãbaya mãdou pedir socorro ao Turco.

Despois que el rey de Cãbaya se vio em Diu cõ suas molheres & tesouro, & vio q̃ seus comarcãos estauão q̃dos, & lhe não fazião guerra, & sabendo ho q̃ Martĩ afõso escreuera a Mirãomuhmald a cerca de lhe goardar á amizade, teuese por mais seguro do q̃ partira de Champanel, & coisso & cõ lhe parecer q̃ era impossiuel tomarẽlhe os Mogores Chãpanel nẽ Diu, & outros algũs lugares fortes q̃ tinha na costa de Cãbaya, pareceolhe q̃ bem se poderia soster cõtra os Mogores sem fundamen-

to da amizade cõ os Portugueses pera lhes dar fortaleza em Diu, crẽdo que se contentassem com a de Baçaym: & determinou de mãdar pedir socorro ao Turco, tendo por certo que lho daria, & coele tornaria a cobrar seu sñorio, & deytaria os Portugueses fora da India & se faria sñor dela. E pera prouocar ao Turco q̃ com boa vontade & breuidade lhe mandasse o socorro, mãdoulhe hum presente de joyas, armas, & roupas ricas, q̃ foy aualiado em seyscentos mil cruzados, & em dinheiro pera paga do soldo de dez ou doze mil homẽs q̃ lhe mandaua pedir, lhe mãdou hũ conto douro, & oytocẽtos mil cruzados: & isto tudo & cartas q̃ scriuia ao Turco, entregou a hũ seu principal capitão q̃ auia nome çafercão, em q̃ tinha grande cõfiança, & por isso ho mandou cõ esta embayxada, dandolhe por regimento q̃ fosse até Iuda por már & dahi por terra ao Cayro deyxando a bõ recado o q̃ leuaua, & dahi se yria onde ho Turco esteuesse, & lhe daria suas cartas. E pera hir ẽ sua companhia lhe deu hũ Portugues arrenegado, chamado Iorge q̃ era seu patrão mór. E posto q̃ era ainda ho tẽpo verde quis q̃ partise çafarcão na entrada de Setembro, porq̃ ouue medo q̃ partĩdo mais tarde as topasse Martim afõso de sousa q̃ auia de correr a costa com sua armada, & porq̃ as cousas q̃ leuaua çafarcão erão de tamanho preço por hirem bẽ seguras deulhe tres galeões em q̃ fossẽ ele capitão de hũ, & doutro Iorge o arrenegado, & em sua companhia duas carauelas, & duas fustas, & todas estas velas ho melhor artilhadas q̃ pode ser. E posto q̃ algũs q̃yrão dizer q̃ coeste çafarcão mãdou el rey de Cãbaya a sua principal molher, & que mandaua este tesouro cõ fundamento de se hir morar a Meca, o q̃ digo he verdade, segũdo se soube por Garcia de noronha, hũ Turco q̃ se tornou despoys Christão em tempo do Visorey dõ Garcia de Noronha, & doutros Turcos q̃ forão tomados no estreito (como direy a diãte). Nẽ he de crer q̃ determinãdo el rey de Cãbaya de se yr pera Meca mandasse diante & sem ele sua prĩcipal mo-

lher, & parte do seu tesouro, sendo os mouros tã ciosos de qualq̃r das suas molheres, quanto mais da prĩcipal. Nẽ he de crer q̃ fosse essa sua determinação, pois mandára q̃ymar sua armada, q̃ pera esta viagem lhe era tã necessaria.

CAPITVLO XCIX.

De como el rey de Cãbaya foy acõselhado q̃ desse fortaleza em Diu ao gouernador.

Tomada a cidade de Mãdou pelo Mogor, seguio a pos el rey de Cãbaya q̃ soube q̃ hia pera Chãpaner, & sabendo q̃ era partido, mãdou hũ seu capitão cõ vinte mil de caualo q̃ visse se podia alcançar ho tesouro del rey de Càbaya, & q̃ fosse a Cãbayete a tomar a frota q̃ lhe pareceo que ainda acharia, mas achoua ja toda q̃ymada: & dali foy roubãdo a terra. E ho Mogor q̃ ficaua cõ seu cãpo sobre Champaner peitou tãto ao capitão q̃ a goardaua q̃ lha ẽtregou, porq̃ queria mal a el rey de Cãbaya por muitos males q̃ lhe fizera: & ho Mogor ouue esta cidade na ẽtrada Dagosto, & apousentouse nela pera dali cõquistar o reyno, & como ele tinha prometido Diu ao gouernador, que sabendo seu poder & a guerra q̃ fazia a el rey de Cambaya, lhe mandou pedir Diu secretamente per hũa carta q̃ lhe screueo, lẽbrouse de sua promessa, & q̃rendoa cõprir lhe screueo hũa carta a q̃les chamão Formão, & mãdouha a Martĩ afonso pera q̃ lha mãdasse, & antes de lhe ser dada esta carta soube el rey de Cãbaya q̃ ho Mogor estaua em Châpaner & ouuese de todo por perdido & desesperado de ter ôde se saluasse determinou de fugir pera Meca, cõ seu tesouro, molheres, & parẽtes & deyxar ho reyno ao Mogor q̃ o tomasse. E q̃rẽdo por ẽ efeito sua partida ajuntouse sua mãy, & Cogeçofar & Ninarao hũ gentio seu parente, a que tinha dada a capitania de Diu, & assi outros seus parentes: & tantas rezões lhe derão q̃ nã era boa

sua determinação, que se tirou dela, & Cogeçofar lhe acõselhou q̃ desse fortaleza em Diu ao gouernador, & q̃ o ajudaria, porq̃ lhe parecia q̃ sem sua ajuda se não podia restaurar, & q̃ não lhe desse nada de dar aq̃la fortaleza pera seu remedio, porq̃ despois de restituydo no reyno a podia tomar de cada vez que quisesse & deitar os nossos fora dela. E coeste proposito pareceo bẽ a el rey de Câbaya dar esta fortaleza, & cessou de sua yda pera Meca, & escreueo logo a Martim afonso que na ora partisse pera Diu porque cõpria muyto a seruiço del rey de Portugal fazelo assi, & mâdoulhe outra carta pera o gouernador, em q̃ lhe dizia q̃ fosse a Diu porq̃ lhe q̃ria dar a fortaleza. E per hũ ẽbaixador q̃ leuou estas cartas mãdou Diogo de mezquita, Lopo Fernãdez pinto, & os outros catiuos q̃ era obrigado a mandar, & antes q̃ este embaixador chegasse a Chaul foy dada a Martim afonso a carta del rey dos Mogores, & apos ela chegou o embayxador & lhe deu as del rey de Câbaya assi parele como pera o gouernador. E vendo Martim afonso quãto importaua yr ele a Diu, posto q̃ lhe o gouernador tinha defeso que não fosse, partiose logo com tres catures em q̃ leuaria sessenta homẽs, ele hia em hũ, & Symão guedez de sousa capitão de Chaul em outro, deyxãdo recado a Vasco pirez de sam payo q̃ se fosse a pos ele cõ a outra armada, & tâbem antes de sua partida mandou a Ioão de mẽdoça q̃ leuasse o embaixador del rey de câbaya ao gouernador & a carta del rey dos Mogores, & lhe escreueo como hia a Diu.

CAPITVLO C.

De como Martim afonso de sousa & Symão ferreyra chegarã a Diu, & do q̃ assentarã cõ el rey de Cãbaya.

Partido Martĩ afõso de Chaul seguio por sua viagem pera Diu, & perto dele achou Simão ferreyra de q̃ ficou espantado hir a Diu pelo q̃ lhe o gouernador escreuera, de quã pouco fundamẽto fazia de se lhe dar fortaleza, & mais de como Simão ferreyra passara sem tomar Chaul, & tambẽ se ele espãtou de quãdo lhe Martĩ afonso disse q̃ el rey de Cãbaya o mãdara chamar muyto de pressa & mandara cartas ao gouernador, & porẽ que não auia de fazer cousa nhũa cõ el Rey de Cãbaya sem lhe dar fortaleza em Diu: & isto tambem porq̃ soube a procuração que ele leuaua do gouernador pera aceitar fortaleza em Diu se lha desse: dizẽdo mays q̃ o tẽpo não era pera el rey não dar fortaleza & q̃ lha auia de dar, & pera isso o mandaua chamar, & ele coesse preposito hia, & assi foy, que chegados a Diu, disse el rey a Martĩ afonso o estado em que estaua, & q̃ria que o gouernador o ajudasse cõtra seus ĩmigos, nã somente a defenderse deles mas pera lhe fazer guerra, & q̃ ele Martĩ afonso auia dãdar coele pola cõfiança q̃ tinha nele: & em galardão desta ajuda q̃ queria do gouernador lhe daria hũa fortaleza em Diu no lugar q̃ lhe bẽ parecesse. E porq̃ o gouernador não poderá logo hir, por Goa õdestaua ser mais longe que Chaul, mãdara chamar a ele Martim afonso, assi pera o ajudar a defender de seus immigos se fossem sobrele, como pera coele assentar ho dar da fortaleza, & capitulações das pazes, ate ho gouernador as auer por boas, & pera que mandasse dizer ao gouernador quãta vontade tinha de as fazer: & poys Simão ferreyra tinha procuração pera as fazer em nome do gouernador que logo assentassẽ como auião de ser, & que ho gouernador se lhe bem pareces-

se faria a fortaleza da bãda dos baluartes do mar & da terra, camanha lhe bem parecesse, porq̃ ambos lhos daua, & assi aquele lugar por melhor, porque era ho mais forte da cidade, & podia naq̃le lugar ser a fortaleza socorrida por mar se teuesse necessidade. E cõcertado el rey cõ Martĩ afonso de que maneira auiã de ser as capitulações das pazes, ho mandou meter de posse do baluarte da terra, & ali se apousentou com todos os Portugueses. E os capitulos das pazes forão estes.

» Ho çoltão Badur he cõtente de dar a el Rey de Portugal hũa fortaleza ẽ Diu em qualquer lugar que ho gouernador Nuno da cunha quiser, da banda dos baluartes do mar & da terra, da grandura q̃ lhe bem parecer, & assi ho baluarte do mar.

» E assi ha por bẽ de dar & confirmar Baçaym com todas suas terras, tanadarias, rẽdas, & dereitos, assi como tem dado no cõtrato que fez coele sobre as pazes no dito Baçaym.

» Com condiçã, que todas as naos de Meca que por virtude do dito contrato das pazes erão obrigadas a hir á Baçaym que ho não sejão, & venhão a Diu, assi como dantes vinhão: nem lhes seja feita força algũa. E quãdo algũa quiser lá hir por sua vontade que ho possa fazer: & assi ho farão outras doutras partes que yrão & virão pera onde quiserem. E porem hũas & outras nauegarão com cartazes.

» E com condição, q̃ el Rey de Portugal não terá em Diu dereytos nẽ rẽdas nẽ mays q̃ só a dita fortaleza & baluartes, & todos os dereytos, rendas, & jurdição da gẽte da terra, sera do dito çoltão Badur.

» E com condição, que todos os caualos Dormuz & Darabia que polo dito contrato das pazes erão obrigados a hir a Baçaĩ vão a Diu & pagarão os dereytos a el rey de Portugal segundo o costume de Goa. E não os comprando el rey, seus donos os leuarão onde quiserem.

» E com condição, que todos os caualos que forem do estreyto pera dentro, não paguem nenhũs dereitos, & serão forros.

» E com condição, que el Rey de Portugal & ho çoltão Badur serão amigos damigos, & immigos de immigos. E ho gouernador em nome del Rey de Portugal ajudará ho çoltão Badur cõ todo o q̃ poder por mar & por terra, & assi el rey a ele quãdo cõprir com suas gẽtes & armadas.

» E com condição, que querendose fazer Christãos algũs Mouros da terra do çoltão Badur que ho gouernador ho não consinta. E assi ho çoltão Badur não consintiraa fazerse nenhum Christão mouro. E que passandose de sua terra algũa pessoa ou pessoas que deuão dinheyro ou tenhão fazenda del Rey de Portugal, q̃ ele os mande entregar, & outro tãto fará ho gouernador se se passar pera os Portugueses algum homẽ que tenha fazẽda do çoltão Badur, ou lhe deua dinheyro.

Feytas estas capitulações, & assinadas por el Rey, mãdou as Martĩ afonso (por Diogo de mezquita que foy coele) ao gouernador pera q̃ as assinasse, & el rey de Cambaya mandou coele Xacoez com hũa carta ao gouernador, rogandolhe q̃ nã tardasse, & partirãse ambos na fim de Setẽbro.

CAPITVLO CI.

De como ho gouernador se partio pera Diu, a chamado del rey de Cambaya.

Chegado Ioão de mẽdoça a Goa cõ ho embaixador del rey de Cambaya, derão ao gouernador as cartas que lhe leuauão, & a del rey dos Mogores (q̃ eu vi) dizia em nossa lingoagem.

» *Muyto honrrado, & muito senhor ãtre todos & a cabeça de todos, q̃ he muyto sofrido & muyto virtuoso, & tal fama tẽ de muyta honrra, gouernador, & capitão mòr Frangue, a que cato a cortesia como se fosse a pessoa del rey, ele me escreueo hũa carta cõ seu desejo, & por seu bẽ, & boa amizade, q̃ me foy dada indo ja de*

caminho pera offender meus cõtrairos sobre suas terras: & o q̃ mescreuestes vi logo & folguey muyto de ho ver. E aq̃le tempo veo muita gẽte de meu cõtrairo sobre minhas terras, então sairã algũs capitães meus a pelejar coeles, & derão sobre ho seu arrayal, & os desbaratarã todos, & forão a pos eles ate jũto de Mãdou, matando & catiuãdo muyta gente, os quaes como virão a minha espada fugirão todos como gente roym & ciuel.

» Eu mandey hũ pião aos capitães do Daquẽ, a que tinha mandado que fossem sobre as terras de meu cõtrairo: & lhes dissese q̃ se viessem pera mĩ: sam muyto honrados, & muyto grãdes senõres, & tẽ todo ho reyno do Daquẽ. Como chegarẽ a mĩ, conselharmey coeles, & cõ pouco trabalho auerey meu contrairo cõ todas suas terras.

» Os portos de már q̃ me escreuestes q̃ querieys que vos ficassem com toda a renda: os quaes eu tenho em meu poder, disso vos mando este Formão, & o q̃ me pedis vos outorgo, porẽ cõ condição que quẽ quiser nauegar q̃ ho possa fazer, & que viua quẽ quiser nesses portos sem receber escandalo. E de tal rey como eu aueys desperar ainda mais merces, & queria q̃ fizeseys boa justiça em qualquer lugar q̃ tiuerdes em poder, porque minha gente q̃ ha destar perto vos ajudarã a fazela quando for necessario: & assi farã a vossa quando me cõprir. E as terras q̃ esteuerem perto de vos podereis tomar, & não cureys das de longe, que tempo virã q̃ as tomarey. E quẽ espera minha merce & deseja minha amizade, não digo eu darlhe os portos de màr, se não as terras firmes, & quanto eu poder, que os portos de már não he nada?

A carta del rey de Cãbaya não dizia q̃ lhe queria dar fortaleza em Diu, se não q̃ em vẽdo aq̃la partisse logo pera Diu, porque compria muito ao seruiço del rey de Portugal verẽ se ambos. E ho mesmo dizia a carta de Martĩ afonso q̃ lhe screuera el rey de Cãbaya, & q̃ hia porq̃ cria q̃ lhe auia de dar fortaleza em Diu. E parecendo ao gouernador q̃ assi auia de ser pola cõjunção em q̃ era, posto q̃ el rey dos Mogores fazia promessa

tão larga, pareceolhe melhor tomar fortaleza del rey de Cambaya q̃ tinha Diu, que tomala da mão del Rey dos Mogores que ho auia ainda de cõquistar, & conquistado ou ho daria ou não. E tàbem vinhalhe melhor a amizade del rey de Câbaya por quã pouco podia q̃ a del rey dos Mogores q̃ era muito poderoso, & segundo a presunção q̃ trazia queria conquistar toda a India, & daria mais q̃ fazer q̃ nhũ rey dela, & quanto menos podesse, tãto o estado del rey de Portugal ficaua mais seguro, & por isso determinou de se liar cõ el rey de Cãbaya & animalo q̃ resistisse a el rey dos Mogores & ajudalo a isso quãto podesse. E sem se deter mays q̃ ho dia em q̃ Ioão de mẽdoça chegou, se partio ao outro ẽ hũa fusta: & forã coele em outras, Garcia de sá, Frãcisco de sousa tauares, Diogo lopez de sousa, & Antonio galuão, porq̃ pera esperar por toda a armada seria muito vagar, porẽ ficou recado a Manuel de sousa q̃ se partisse coela ho mays asinha q̃ podesse ser. E partido de Goa foy ter a Chaul, & dahi a Baçaĩ onde achou Vasco pirez de sam payo cõ a armada q̃ leuaua a Martĩ afonso, & o gouernador ho deteue q̃ não fosse & deyxouse ali estar ate q̃ chegou Diogo de mezquita q̃ hia em sua busca com as capitulações das pazes pera as assinar, & ali lhe deu Xacoez a carta q̃ lhe leuaua del rey de Cambaya.

« Nomeado do grãde rey liã do már, das agoas azuys, Nuno da cunha, capitã mór com a merce del rey, eu vos acrecẽtey por amizade. Sabereys q̃ o secretario Symão ferreyra fiel & amado em âbas as partes & Xacoez atear filho do hõrado vierã a mĩ: a vossa carta q̃ me mãdastes veo a meu estado, & vi tudo o q̃ nela vinha escrito, quãto á vontade & desejo q̃ tẽdes eu o soube claro, & ãtes disto Xacoez me fez saber a vossa bondade & amizade, & o soube agora por Simão ferreyra per via damizade, aquilo q̃ vos era necessario, & q̃ em tãtos annos nã se pode cõprir, nẽ ouuereis dalcãçar tã asinha hũ lugar pera estarẽ os Portugueses aqui ẽ Diu

da banda q̃ vos q̃reys, vos não ho mandastes pedir nẽ ho pedistes, eu vos faço merce dele cõ as condições q̃ Symão ferreyra outorgou por virtude da vossa procuração, as quaes sabereis por sua carta & per palaura de Xacoez. Agora he necessario q̃ tanto q̃ esta vos for dada, q̃ nã esteys q̃do em nhũ lugar, & venhais aqui cõ Xacoez: eu tinha escrito ao capitão mór do már, & tãto q̃ lhe derão meu mãdado logo veo a minha casa, folguey coisso, & por isso o mãdey estar aqui pera me seruir. Feita ẽ Diu a vintoyto de Setẽbro de mil & quinhẽtos, & trĩta & cĩco. »

C A P I T V L O CII.

De como ho gouernador chegou a Diu, & se vio cõ el rey de Cãbaya.

E sabẽdo ho gouernador o q̃ era feyto logo partio pera Diu õde chegou em Outubro, & leuaria nouecẽtos homẽs, & á boca da barra o foy receber por mãdado del Rey de Cãbaya Ninarao capitã de Diu em hũa galé acõpanhado dos principays da corte, & estes desembarcarão cõ ho gouernador que foy logo falar a el rey que esperaua por ele em seus paços que erão terreos, & faziãse as casas ao derredor de hũ grande pateo, & el Rey estaua em hũa casa pegada coele, que mais parecia alpendere que casa, deytado em hũ catle que não tinha outra riq̃za se nã serẽ os pés douro, nẽ a casa não estaua paramẽtada se não tudo muito pobre, & el rey vestido em hũa Cabaya de pano dalgodão branco, estauão coele obra de dez ou doze senhores, hum fora hirmão del Rey de Deli homẽ de setenta annos, & outro jrmão doutro rey, & estes assentados no chão jũto do catle, & os outros em pé, porq̃ diante del rey não se pode assentar se nã rey ou filho de rey. Cõ o gouernador entrarão neste pateo ate quorẽta fidalgos, & tanto que vio el rey lhe fez hũa mesura ao nosso modo, &

entrãdo na casa lhe fez outra, & assi fizerão os que yã coele. El rey não lhe fez outra cortesia se não agasalhalo bem com os olhos, & por assi se custumar, antes que falassem, foy vestida ao gouernador hũa cabaya de borcado de peso q̃ lhe el rey mandou dar, & aos que o acõpanhauão outras de borcado, & borcadilho, & assi as teuerão em quanto esteuerão nos paços, porq̃ he isto sinal de grãde amizade. El Rey não teue outra pratica cõ ho gouernador se não pregũtarlhe como hia do caminho: & aisto lhe respõdeo em pé, que ho não mandou assentar, sómente cobrir a cabeça que teue discuberta ate lha el rey mandar cobrir, & despoys se tornou á frota, & ao outro dia desẽbarcou, & foy se apousẽtar no baluarte da terra q̃ estaua embandeyrado com bãdeyras das armas de Portugal. E despoys disto se virão algũas vezes o gouernador & el rey & concertarão que por quanto elRey se temia q̃ os Mogores lhe tomassem a cidade de Baroche que está trinta legoas da enseada de Cãbaya, mandasse lá ho gouernador hũ capitão nosso com duzentos & cincoenta Portugueses pera a defender, & estãdo pera hir por capitão deles dom Gonçalo coutinho chegou Manuel de macedo, a quem ho gouernador deu esta yda. Tambem el rey de Cambaya pedio ao gouernador q̃ lhe mãdasse tomar hũa fortaleza que lhe os Mogores tinhão tomada no rio Indo, & a esta empressa mandou ho gouernador por capitão mór Vasco pirez de sam payo com hũa armada de doze fustas & bargantins a cujos capitães não soube os nomes, saluo a Miguel dayala, Rodrigaluarez vogado, & Afonso figueyra, & leuou duzentos & cincoenta homẽs, & em sua companhia foy hum mouro chamado Cogeçofar capitão del rey de Cambaya com trezentos Turcos debayxo da bandeyra de Vasco pirez, q̃ partio de Diu na entrada de Nouembro.

CAPITVLO CIII.

Do façanhoso feyto que fez Diogo botelho em se yr em hũa fusta pera Portugal.

Neste tempo andaua na India hũ caualeiro chamado Diogo botelho q̃ dãtes andara na India muitos annos, & fizera nela muito seruiço, assi a el rey dom Manuel, como a el rey dõ Ioão seu filho, & a fora isso era muito sabido na arte marinhatica & sabia bẽ fazer cartas de marear & indo da India deu a el rey dõ Ioão hũa carta de doze peles em que estaua quanto do mundo era discuberto. E q̃rendolhe el rey fazer merce, não faleceo quẽ lhe dissesse q̃ se queria hir pera el rey de França pera ho deseruir, & outros mexericos cõ q̃ el rey o degradou pera a India, & foy na armada de Martim afonso de sousa, no ãno de mil & quinhentos & trinta & quatro. E como Diogo botelho fosse muyto leal a seu rey, & sabia que não tinha culpa no q̃ lhe assacarã, como foy na India pedio ao gouernador Nuno da cunha q̃ lhe deyxasse fazer hũa fusta pera ãdar nela seruĩdo a el rey, & isto cõ tençã de feyta se yr nela pera Portugal, porq̃ tornãdose, visse el rey sua lealdade, & camãha falsidade fora o q̃ lhe dele disserã, & q̃ assi como ya da India naq̃la fusta, assi se fora pera Frãça se o quisera fazer: & coesta determinaçã fez a fusta ẽ Cochĩ q̃ foy de vinte dous palmos de cõprido, & doze de largo, & seys de põtal, q̃ he da quilha ate a primeyra cuberta. Feita esta fusta, começarão maldizentes de dizer q̃ a fizera pera se hir nela ao estreyto & da hi pera o Turco: & sabẽdo o Doutor Pero vaz o q̃ se dizia, lhe tomou a fusta, como védor da fazẽda q̃ era, & Diogo botelho lhe disse q̃ visse bẽ o q̃ fazia em lhe tomar aquela fusta sem ter proua abastante pera o fazer, no que ho destruya de todo, porq̃ sabendo el rey que lhe tomara a fusta, & a causa porque lhe mandaria cortar a cabeça.

E Pero vaz lhe tornou a fusta, jurando lhe ele primeyro em hũa ostia consagrada de não se ir pera parte algũa em que desseruisse el Rey de Portugal, se nã de ho seruir como ho mays leal: & honrado vassallo que ele tinha. E auida a fusta se foy Diogo botelho a Dabul pera dali se partir, & como ele sabia bem da pilotagem não quis leuar nenhũa pessoa que soubesse dela, por não auer antreles contradição, o que seria causa de se perder, nẽ quis leuar pera mareare a fusta mays q̃ seus escrauos, & de Portugueses leuou cinco a fora ele, tres criados seus, ho Comitre da fusta & hum Manuel moreno, & muyto bẽ prouido de mãtimẽtos cõ a vela doste se partio de Dabul ho primeiro de Nouẽbro de mil & quinhẽtos & trĩta & cinco, dizendo q̃ se hya ajũtar cõ a nossa armada que andaua na costa de Cãbaya. E pera atrauessar ho golfão, começou logo de se afastar muito de terra. E conselhandolhe ho Comitre que ho não fizesse, lhe descobrio sua determinaçã & aos outros: & porque se temeo q̃ se rebelassem quãdo o soubessem, trazia hũa saya de malha secreta, & hũa espada na cinta, & esforçou a todos muito pera esta viagẽ, dizẽdo lhe quãto lhe compria fazela, prometẽdolhe galardão de seu trabalho, & logo deu ao Comitre vĩte mil reas, & lhe pagou tudo quãto jurou q̃ lhe ficaua na India, & coisto forã todos cõtentes dir coele, & mais porq̃ tomou terra na costa Darabia ao tempo que disse que auia de tomar ho que parece q̃ foy ordenado por nosso Senhor, por serẽ ali as correntes tamanhas, q̃ quãtos pilotos por ali nauegão desatinão no tomar da terra. E feyta agoada & carnagẽ em hũ porto chamado Iubo se partio, & foy surgir no cabo das agulhas duas legoas de terra, & ali lhe deu hũ brauo temporal de sul cõ q̃ arribou duas vezes, & coele se vio perdido de todo, por serem os mares muy grossos em demasia: & como a fusta era pequena entrauão por hũa parte, & sayão pela outra, & milagrosamente ho saluou nosso senhor: & coeste tẽporal dobrou o cabo de boa esperãça a vinte de Ianeyro,

& ainda despois passou trabalhos immensos, de se ver morto cõ tormẽtas, & cõ fome & sede, & escorreo a jlha de santa Elena, que a não vio cõ a neuoa que faziã os grãdes vẽtos. E coesta má vida determinarão os marinheyros de ho matar, & aos outros Portugueses & hirẽse a terra, & não andarẽ mais no mar. E sendo ja debaixo da linha na costa de Guiné, leuantanse hũa noyte, hũs cõ espetos, outros cõ machados, & fisgas, & dão em Diogo botelho & nos outros, de que logo matarão hũ, & ferirão o Comitre & Diogo botelho que acodirão a esta reuolta, & isto feyto deytarãose ao már, & afogarãose, & este foy outro trabalho muyto grande perderemse assi os que mareauão a fusta, & ficar ferido ho Comitre, & Diogo botelho que era o que mãdaua a via, sem q̃ nã se podia nauegar, & terẽ tã mao aparelho pera se curarẽ, pelo q̃ Diogo botelho esteue quatorze dias sẽ poder falar, & mãdaua gouernar por escrito o q̃ ouuera de ser causa de se perderem, & sobristo lhes começou de faltar a agoa, & como não auia onde se tomar foy necessario estreitar a regra, no q̃ passarão muyto grande sede, & de tudo os liurou nosso Senhor, & chegarão á paragem das jlhas que Diogo botelho não quis tomar por hyr daquela maneyra, que temeo que ho prẽdessem, & por lhe dar vẽto por dauãte lhe foy forçado arribar á jlha do Fayal, onde soube q̃ estaua ho corregedor daquelas jlhas: & como não se podia encobrir, desembarcou, fingindo que leuaua hũ recado do gouernador da India a el rey que lhe importaua muyto, & fez hũ maço de cartas feytiço & selado, pera dissimular o recado. E ao desembarcar ho forã receber ho corregedor cõ toda a gente da terra, como a cousa muy noua, sabendo como viera da India em hũa fusta tão pequena, ho que tinhão por grãde milagre, & fizerão lhe as mais festas que poderão, ate lhe correrem touros: & estando os vendo de hũa janela foy conhecido do corregedor q̃ estaua coele, & como sabia que fora degradado pera a India pareceolhe que vinha fugido: &

por isso se auenturara a vír naquela fusta: & determinando de ho prender, preguntoulhe se era parente dũ botelho q̃ fora degradado pera a India, fingindo que não lhe sabia ho nome, porq̃ se negasse q̃ era aquele, aueria sua presunção por verdadeyra, & prendeloya logo. E sospeytãdo Diogo botelho sua determinação, disselhe que ele era ho mesmo que fora degradado, & Nuno da cunha por não achar outrẽ que se quisesse auẽturar a tamanho perigo como aq̃le fora, ho mãdara por lhe querer mal: & que fizera aq̃la viagẽ por o recado q̃ leuaua ser de grãde importancia & de tanto segredo, que de ninguem fiaua as cartas se não de sy mesmo, & mostroulhe ho maço, o q̃ ho corregedor creo, & por isso ho não prendeo, & pediolhe q̃ lhe dissesse q̃ recado era, ao q̃ ele respondeo q̃ por nenhũ modo lho podia dizer, mas q̃ por amor dele, posto q̃ fosse contra juramẽto, lhe dexaria hũa carta em q̃ lho contasse, q̃ lhe auia de dar sua fé q̃ não abrisse se não oyto dias despoys de sua partida, & assi se fez. E na carta q̃ lhe deixou dizia do modo q̃ hya, do q̃ o corregedor ficou muito magoado porq̃ o nã prẽdera, & mais porq̃ acabando de lér a carta chegou ali Simão ferreyra q̃ ho gouernador mandaua da India cõ noua a el rey como el rey de Cambaya lhe dera fortaleza em Diu, q̃ mãdou logo quasi a pos Diogo botelho quando soube q̃ era partido, porq̃ nã soubesse el rey por Diogo botelho a noua da fortaleza q̃ por ele, mas não pode ser, porque partido Diogo botelho chegou a Portugal onde se foy apresẽtar a el rey & lhe disse a causa porq̃ se fora da India daq̃la maneyra, & lhe deu as nouas da India, cõ q̃ el rey ficou muyto ledo, & lhe agardeceo sua vinda louuãdo muito seu atreuimẽto, & tornou o em sua graça, & fezlhe merce, tendoo por tã leal como era. E quãdo se soube do modo q̃ viera, & foy vista a fusta, foy ẽ todos espãto grandissimo, & dizião q̃ se fora ẽ tempo dos Romãos gẽtios, q̃ lhe fizerão hũa estatua por memoria de façanha tão grande, como não se acha em nenhũa escritura q̃ algum homẽ fizesse.

CAPITVLO CIIII.

De como çoleymão Haga entrou nas terras da Tanadaria de Salsete.

Atras fica dito como Açadacão senhor de Bilgão, por se temer do Hidalcão fizera paz com ho gouernador pera ho ter de sua parte se lhe comprisse, & lhe dera secretamente as Tanadarias de Salsete & de Bardes, & despoys disto tornãdo o Hidalcão a estar bẽ cõ Açadacão, & a recebelo em seu seruiço, arrependeose Açadacão de ter dado as Tanadarias: & vendo que ho Gouernador era em Diu, onde se auia de deter, pareceolhe q̃ era tẽpo de as cobrar, por quam poucos Portugueses sabia q̃ as goardauão, & mandou a hum Turco capitão de Pondâ, chamado Çoleymão Haga, que com cinco mil homẽs de pé & de caualo fosse recolher as rendas daq̃las Tanadarias, & ele ho fez assi: & mandou algũa da sua gente cercar Cristouão de figueiredo Tanadar mór, q̃ estaua apousentado em hum pagode de freyras chamado Bardor, que tomaua ho nome do diabo a q̃ era didicado, & estas freyras erão molheres, q̃ despoys de viuuas não se quiserão queymar. E vendose Cristouão de figueyredo cercado, ho mãdou logo dizer a dom Iohão pereyra capitão de Goa, & como ele era muyto esforçado & amigo de nosso Senhor, & do seruiço del rey, em lhe sendo dado ho recado, ajuntou cem homẽs de caualo Portugueses, & duzẽtos de pé, & a dezoyto de Setembro se passou a Benestarim, & dali foy caminho do Pagode de Bardor, & çoleymão se retirou pera hũa aldea mea legoa dele, como soube que ya. E chegado dom Iohão ao pagode que soube que os ĩmigos se yão, não os quis seguir porque leuaua a sua gente cãsada, & quis que repousase em quãto comia, & entre tãto mandou dizer a çoleymão q̃ se fosse mais de presa do que ya, & detẽdo çoleymão o messageiro,

mandou dizer por outro seu a dom Iohão que assi ho faria, & que ho não seguisse muyto, & antes q̃ se este messegeyro partise, mandou dom Iohão aos seus que dessem mostra, & os primeyros forão os espingardeiros que erão oytenta, & ho mouro tremia com medo do grande estrondo: & dada a mostra deyxouho dom Iohão yr, mandando dizer a çoleymão que tão que acabasse de comer yria de pos ele, por isso que ho não achasse, & assi lho disse, & lhe contou a espĩgarderia que dom Iohão leuaua. E conhecendo çoleymao ho dano q̃ podia receber dela, receou de o esperar, & fazẽdo sinal a sua gẽte, retirouse mais pera dẽtro da terra, & quãdo dõ Iohão chegou ao lugar onde esperaua de o achar, não vio se nã a fardagem & vendo dom Ioão q̃ fugião, não os quis apertar, & deyxouse yr a pos eles, & ao outro dia foy ter a hũ Pagode chamado Chãdor tres legoas do de Bardor, onde cuydou q̃ çoleymão se fizesse forte & ali ho esperasse, mas não ho fez com medo, ante sayo de todo da comarca de Salsete, & assi ho soube aly onde se deyxou ficar por ser perto da noyte: E como foy menhaã por segurar a terra, andou por ela espaço de tres oras, & deyxando fauorecida a gente dela, com ho medo que lhe ouuerão os immigos, tornouse ao pagode de Bardor, onde animou os Gàcares q̃ue não ouuessem medo dos mouros, porque bem vião camanho ho eles auião das armas dos Portugueses, que sendo tãtos & eles tão poucos lhe fugirã. E deyxando algũa gente da que leuaua a Cristouão de figueiredo, principalmente espingardeyros se tornou a Goa.

CAPITVLO CV.

De como Manuel de vascõcelos desbaratou os mouros que estauão na tranqueyra de Bóri.

Despoys que çoleymão hagá se recolheo cõ medo de dom Iohão, & soube que ele era tornado a Goa, temendo que se tornasse a entrar em Salsete cõ grande corpo de gente q̃ tornaria dom Iohão, & assi andaria sem fazer nada, por isso que seria melhor mãdar sua gente em quadrilhas por essas aldeas a recolher as rẽdas, & as recolheria melhor, & assi o fez. E sabido isto por dô Iohão, fez logo hũa armada de fustas & bargantins que andasse por aquele rio de Salsete, & Manuel de vasconcelos casado ẽ Goa era capitão mór & fazia muytos saltos sayndo de dia, & de noyte em terra, & daua nas aldeas onde estauão os mouros descuydados de sua yda, & por isso mataua & catiuaua muytos. E sabẽdo çoleymã como os seus erão assi perseguidos dos Portugueses buscou remedio pera os defender: & como sabia que ho rio de Salsete era muyto estreyto, onde estaua hum passo que se chama Bóri, cinco legoas da jlha de Goa, por onde os Portugueses passauão, mandou ali fazer hũa estãcia de tres bombardas em hũa tranqueyra, que amanheceo hum dia feyta, & quando os Portugueses forão pera passar pola estreyteza do passo varejaua os a artelharia muy rijo: & fazialhes muito dano, & por atalhar a ele, & que aquela força não crecesse mays, mandou dom Ioão a Manuel de vasconcelos que a fosse desfazer & foy lá cõ quarenta espingardeiros: & chegando, achou grande resistẽcia nos ĩmigos, que serião bem duzentos homẽs, & quasi todos frecheyros, & cõ tudo passando a primeira çurriada das bõbardadas aferrou cõ a tranqueyra & despois Manuel de vasconcelos, de pelejar hũ pedaço cõ os mouros muy esforçadamẽte os fez fugir, matando muytos deles, & q̃ymou a tranq̃yra, & reco-

lhida a artelharia se tornou pera Goa, & desembarcou cõ os que forão coele, leuando cada hũ sua cabeça de mouro na mão, pera mostra da vitoria q̃ lhes nosso Senhor deu, & por isso forão muy bem recebidos.

CAPITVLO CVI.

De como dom Iohão fez no rio de Salsete a fortaleza de São Iohão de Rachol.

Vendo dom Iohão q̃ a guerra se ateaua, & que os questauão no pagode de Bardor não estauão seguros, & pera el rey de Portugal colher as rendas daq̃las Tanadarias q̃ tinha, era necessario ter lá gẽte, & esta em lugar seguro dos ĩmigos, & pera isto determinou de fazer hũa fortaleza em hum lugar que a seu parecer & doutros fidalgos & pessoas principaeis achou muyto bõ pera isso no rio de Salsete em hum morro de rocha, que estaua por ele a cima seys legoas da jlha de Goa & hũa do passo de Bóri, & este morro era grãde, & estaua quasi pegado cõ a terra firme, & ficaua antrele & ela algũa agoa como esteyro, & daq̃la banda se fazia hũ cãpo raso q̃ era quasi terra alagadiça com agoa & morraça & ficaua hum sapal. E achado este morro por dõ Ioão logo cõ a gẽte da armada q̃ lá andaua começou de fazer a fortaleza, & acabou a ẽ espaço de tres meses ou pouco menos, & ẽ todo este tẽpo teuerão os nossos muita guerra cõ os mouros a quẽ pesaua ẽ estremo daq̃la fortaleza, & por isso defendião brauamẽte q̃ não se fizesse: & açadacã a quẽ pesaua mays q̃ ninguẽ, & era ho q̃ sostinha esta guerra nũca acabaua de mãdar gẽte, & arteficios de fogo, & muytas munições: & nesta guerra fizerão os nossos muito boas cousas em armas, q̃ não escreuo particularmente, porq̃ as não pude saber se não em soma. E com quanto dom Ioão foy bem contrariado dos ĩmigos q̃ não fizesse esta fortaleza, ele a acabou cõ muyta honrra, & acabada foilhe posto nome sam Ioão,

á honrra do santo deste nome, & polo rochedo em q̃staua sã Ioão de Ráchol, & tinha tres baluartes ẽ triãgulo, & no meyo hũa torre de Menagẽ, & todos cõ muita artelharia & cubertos de telha: era entulhada até o andar das ameás do muro, & tinha sua coyraça, & seruiase por hũa escada dentulho, tam larga & chaã, que podião sobir por ela homẽs a caualo, & desta escada ẽtrauão na fortaleza por hũa põte leuadiça: podiãose bẽ agasalhar nela seys cẽtos homẽs cõ mãtimẽtos q̃ lhe abastassẽ. Acabada esta fortaleza deu dõ Ioão a capitania a Miguel froez, & deixoulhe sessenta dos nossos, & a goarda daq̃le rio deu a Gonçalo vaz coutinho, que andaua em hũa albetoça bẽ artilhada, & a Iorge de melo soarez q̃ andaua ẽ hũa galé, & isto porq̃ os mouros acodião sempre á borda do rio no passo de Bóri a frechar os nossos que passauã nas fustas pera a fortaleza, q̃ todas leuauão arrombadas pera emparo dos q̃ hião nelas, & sempre auia pelejas antre os nossos & os mouros. E tornado dõ Ioão a Goa soube q̃ era chegada a armada das naos da carga, de q̃ fora de Portugal por capitão mór Fernão perez dãdrade, & forão seus capitães Fernão de morays, Martim de freitas, Thome de sousa, Luis aluarez de payua, Fernão camelo & Iorge mazcarenhas, q̃ chegarã a India a saluamẽto.

CAPITVLO CVII.

De como Vasco pirez de saõ payo tomou a fortaleza de Variuene no rio Indo.

Vasco pirez de sam payo q̃ partio de Diu pera yr tomar a fortaleza de Variuene, como a tras disse, andadas oytenta legoas ao longo da costa chegou á foz do rio Indo, q̃ tanto está de Diu pera ho norte, & ateli chega ho reyno de Cãbaya, & começa outro chamado Vlcinde, em que entra no már este rio Indo, hũ dos famosos de Asia. E surto aqui Vasco pirez vazou a marê

hũa grande mea legoa & ficarão os nauios em seco, & foy auisado pela gente da terra que despejasse os nauios q̃ ficassem leues quando tornasse a mõtante dagoa, porq̃ se perderião se esteuessem carregados por trazer grande força, que enchia com macareo, ho que logo fez, & mandando aboyar a artelharia forão postos sobrela os mastos & vergas dos nauios, & quãdo a maré tornou vinha ho macareo tam alto & cõ tamanho impeto & rugido, que os nossos ouuerão medo cuydãdo que os auia de çoçobrar, & assi derã os nauios grandes pancadas na praya, que parecia que se espedaçauã, & passada esta furia foy recolhida a artelharia cõ o mais. E aparelhados os nauios entrou a frota no rio, & hi achou Vasco pirez ho capitã del rey de Câbaya a q̃ os Mogores tomarão a fortaleza, q̃ sabẽdo como Vasco pirez hia ho foy ali esperar cõ a gẽte q̃ tinha embarcada em galuetas, & contoulhe q̃ tanto q̃ os Mogores souberão sua vinda, queimarã logo a pouoação da fortaleza a q̃ se acolherão, & serião cẽto & cincoenta homẽs todos frecheiros, se não oyto que erão espingardeiros, & que não tinhã mays artelharia q̃ quatro ou cinco berços, & q̃ a fortaleza estaua na borda dagoa & era peq̃na & quadrada feyta de barro enuasado, & de rama cõ seus baluartes & cercada de caua. E leuãdo Vasco pirez este capitão cõsigo foy polo rio acima até õde estaua a fortaleza a q̃ chegou de noite, & sem q̃rer saber mais da disposição da fortaleza nẽ da terra, ordenou de dar nela ao outro dia ẽ amanhecẽdo, & repartio o cõbate por tres estancias, hũa auia de ter ele cõ os seus capitães, & Portugueses da bãda do rio, outra Cogeçofar cõ os Turcos, & a outra o capitão del rey de Câbaya cõ sua gẽte, q̃ era a mais espingardeiros, & não auião de ter outro cuydado se não de tirar aos Mogores que parecessem sobre ho muro, & cada dous capitães Portugueses auião de leuar hũa escada pera sobirẽ ao muro. Isto cõcertado, & encomẽdãdose todos a nosso señor, desembarcarão ao outro dia em amanhecẽdo feytos em tres escoadrões, & cada hũ

se foy ao lugar q̃ lhe era assinado. E cõ quanto os Mogores erão poucos, resistião muy brauamente coessa artelharia q̃ tinhão & espingardas, desparãdo frechas sem côto, & arremessando muytas panelas de poluora, & muyto fogo outro cõ que logo ferirão bẽ oytenta Portugueses, que foy causa de não poderem chegar as escadas ao muro, saluo Miguel dayala q̃ foy ho primeyro que sobio, & bẽ cõtrariado & ferido sobio ao muro, donde os ĩmigos o deytarão abaixo, no que correo muyto perigo, & cõ tudo escapou cõ a vida, & a hũ fidalgo chamado Martim afõso de melo punho, q̃ sobia apos ele, ẽ chegando ao quarto degrao foy ferido de hũa frecha na roda do giolho cõ que cayo abayxo, & não sobio mais ninguẽ por neste tempo arder a escada. E vendo Vasco pirez ho dano q̃ recebia sua gente, mandou a afastar com determinação de descoroar as ameas do muro pera a gente poder melhor sobir, & assi o fez cõ a artelharia q̃ logo mandou tirar em terra: & por se esta obra acabar tarde, não quis cometer a entrada, & ficou pera o outro dia, em q̃ não ouue q̃ fazer por os Mogores fugirẽ aq̃la noyte, do que sendo Vasco pirez auisado desembarcou cõ os seus & foy a pos eles, & ainda matou algũs, & tomada a fortaleza entregou ao capitão del rey de Cambaya, & por não ter mantimẽtos & auer algũ desconcerto antrele & Cogeçofar, não fez mais guerra aos Mogores & tornouse pera Diu.

C A P I T V L O CVIII.

De como foy começada a fortaleza de Diu, pelos Portugueses.

Ho gouernador q̃ estaua em Diu, cõ negocios que teue & em ajuntar pedra cal & madeyra, não pode começar de fazer a fortaleza se não em Nouẽbro, & despois douuir missa cõ todos os capitães & fidalgos cõ grande estrondo dartelharia, & arroido de trõbetas, & ale-

gre som de charamelas: assentou a primeira pedra desta fortaleza, com muytas moedas douro debaixo dela. E a pos ele os outros capitães & fidalgos, que todos cõ muyto prazer trabalhauão, por auer tanto tẽpo que esta fortaleza era necessaria pera conseruaçã do estado da India: por ser a principal porta por onde os Turcos podiã entrar. E coela ficou de todo fechada, como direy no liuro nono quando foy cercada de Turcos. E assi foy começada a obra, pera que el rey de Cambaya mandou ao gouernador doze mil cruzados com nome dalmorço pera a gẽte de seruiço, que deu em grande abastança pera seruirem nesta obra, em q̃ os Portugueses leuauão assaz de trabalho, porque tanto trabalhauão os fidalgos como os outros, & todos erão repartidos por quartos: & os capitães deles andauão ás enuejas de quẽ daria melhor de comer aos de seu quarto, & quem ho daua melhor tinha mais gente, & fazia mais obra. E por isso crecia sempre, o que Garcia de saa tinha a cargo, que era hũ baluarte, a que despois chamarã de santiago, & algũs lhe chamauão de Garcia de saa, porq̃ o fez todo, no q̃ gastou muyto, que daua melhor de comer q̃ todos os outros capitães. E fazendose a fortaleza, soube el rey de Cãbaya como el rey dos Mogores despois de tomar Champanel quisera ir sobre Diu, & não fora por saber que estaua hi ho gouernador, & se foy a Madauá, & a tomou por peyta q̃ deu ao capitão que a tinha. E parecendo a el rey que seria bõ dar hũa sayda polo reyno pera que soubessem seus vassalos q̃ era viuo, & com esperança de os socorrer cõ ho fauor dos portugueses, não se entregassem a el rey dos Mogores. E tomando nisto ho parecer do gouernador, que foy q̃ sy, lhe pedio que lhe desse Martim afõso de sousa pera companheiro, por lhe ser affeyçoado por seu esforço & valentia, & boa conuersação, do que ho gouernador foy contente. E assi lhe deu mais sete ou oyto fidalgos. E quando se el rey partio lhe encomendou muyto suas molheres & seu thesouro: & mais lhe pedio q̃ mãdasse rogar

a Niza maluco que lhe não fizesse guerra, porq̃ estando seguro de lha não fazer tiraria de sua frontaria Miram muhmalà com a gẽte que tinha q̃ lhe era necessaria pera outra parte. E ho gouernador mandou com esta embaixada a hum caualeiro chamado Gaspar preto, homẽ de muyta confiança.

CAPITVLO CIX.

De como Xercansur tomou ho reyno dos Patanes a el rey de Bengala.

Reynando em Bengala Nançarote xá antecessor de Mahumedxá (como disse a tras) determinou el rey dos Mogores pola fama que tinha de seu grandissimo tesouro, de ho conquistar antes dẽtrar na India: & porq̃ não podia entrar se não polo reyno dos Patanes que confina com ho rio Ganges (como disse no liuro quarto falando do reyno de Bengala) cometeo dentrar por ele. E tendo el rey dos Patanes pouca força pera lhe resistir, pedio ajuda a el rey de Bẽgala, que logo lha deu pelo que lhe importaua: & ambos resistirão a el dos Mogores & ho fizerã tornar. E ele ido el rey de Bengala prendeo el rey dos Patanes & tomoulhe ho reyno: em q̃ deixou por gouernador Cotufoxa, hum grande senhor seu vassalo, com muyta gente repartida por capitanias, & ele andaua no campo com grãde exercito, em que andaua hum soldado Patane homẽ muyto esforçado, que auia nome Xercàsur, que auendo hum arroido com ho thesoureiro do campo, acodio Cotufoxá aos apartar, & foy morto por desastre: pelo que Xercansur se foy do arrayal. E el rey de Bengala lhe perdoou despois, & ho fez tornar, & pos por gouernador no reyno a hum seu primo chamado çoltão halamo. E despois disto morreo Nançarote xá, de que ficou hũ filho pequenino, em cujo nome gouernaua ho reyno Mahmudxà seu tio hirmão de seu pay, que se leuantou cõ ho reyno (como disse

a tras). O que sabido por çoltão Halamo lhe escreueo logo que restituisse ho reyno a seu sobrinho, se não que lhe faria guerra, como fez, & nela foy morto. E Xercansur ho soldado que tenho dito, vêdoho morto, pos logo em saluo ho tesouro do campo, & recolhendo a mais gente que pode do campo de çoltão halamo, desbaratou a gente del rey de Bengala. O que sabido por ele, & receando que Xercansur se lhe leuantasse com ho reyno, lhe mandou cometer que se fosse perele, com promessas de muytas merces, que ele não quis sem que ele restituisse primeiro ho reyno dos Patanes em sua liberdade, o que el rey nã quis, & começou de lhe fazer guerra, de que Xercansur leuaua ho milhor.

CAPITVLO CX.

De como el rey de Bengala mandou ao gouernador vinte Portugueses dos que catiuou.

Prosseguindose esta guerra antre el rey de Bengala & Xercansur, q̃ foy causa de Martim afonso de melo, & os outros catiuos terem melhoramento em seu catiueiro. Neste âno de mil & quinhêtos & trinta & cinco chegou a Chetigão hum Diogo rabelo que hia da India, a q̃ ho gouernador encomendou muyto q̃ visse se por meyo de Coge çabadim podia resgatar Martim afonso & os outros, & que lhe pagaria ho resgate, no que ele pos sua diligencia. E como el rey de Bengala estaua muy assombrado da guerra q̃ lhe fazia Xercansur: & auia medo de lhe ho gouernador mandar çarrar Chatigão & Satigão, folgou de fazer paz coele, & mãdoulhe vinte dos catiuos de graça, por hum embaixador que lhe mandou com Diogo rabelo, per quem lhe mandou dizer, que lhe não mandaua logo Martim afonso & os outros, por se temer de ter necessidade deles pera a guerra que tinha, pedindolhe muyto que lhe mandasse socorro, & despoys de vindo lhe mandaria Martim afonso & os outros: a

quem rogou que escreuesse ao gouernador q̃ lhe mandasse ho socorro que pedia, dãdolhe a entender que se lho mandasse, que lhe daria fortaleza em Chatigão, & assi lho escreueo Martim afonso. Porem ho gouernador teue tanto que fazer na fortaleza que lhe el rey de Cãbaya deo em Diu, & despois com a morte do mesmo rey, como direy a diante, que nunca pode mãdar ho socorro, nẽ quis despachar ho embaixador sem ho mandar. E el rey de Bẽgala ainda que mandou estes catiuos, não quis soltar Martim afonso, temendo que fugisse pera Xercansur, mas mandauaho chamar muytas vezes, & praticaua coele em muytas cousas. E Martim afonso porque ho entendia, nũca lhe quis pedir que ho soltasse, antes se mostraua muyto descuydado da soltura, por onde el rey folgaua muyto mays coele.

CAPITVLO CXI.

De como Tristão datayde mandou el rey Tabarija ao gouernador da India.

Entrado ho anno de mil & quinhentos & trinta & cinco, despachou Tristão dataide capitão da fortaleza de Ternate os nauios que auião de ir pera Malaca & pera a India, cuja capitania mór deu a Lionel de lima: a que tambẽ entregou preso el rey Tabarija, com os autos q̃ mãdou fazer de suas culpas: & coele mandou sua mãy & Pateçarangue, que forão piadosa cousa de ver quãdo os tirarão da prisam os prantos que fazião, & as magoas que dizião, vendose leuar de sua terra pera outra estranha, donde não esperauão mays de tornar. E então conheceo Pateçarangue que pagaua ho mal que fizera sem causa a el rey Cachil dayalo seu rey em lhe fazer tirar ho reyno. E partido Lionel de lima com sua frota foy ter a Banda & dahi a Malaca, & despoys á India, onde entregou el rey Tabarija & os outros presos ao gouernador Nuno da cunha, q̃ por os achar sem

culpa os deu por liures, & julgou que se desse ho reyno de Ternate a el rey Tabarija: & ele se tornou Christão, & ho gouernador ho tornou despoys a mandar pera Maluco, & morreo em Malaca, como direy a diante.

CAPITVLO CXII.

De como os Reys das ilhas de Maluco jurarão de fazer guerra a Tristão datayde.

Atras fica dito a guerra que Tristão datayde fez a el rey de Bachão, do q̃ ele ficou tam escandalizado, que ainda q̃ fez paz não perdia ho escandalo, porque lhe lẽbraua quamanho seruidor fora sempre del rey de Portugal, & quam leal, & com quanta diligencia acodira sempre á fortaleza em todas suas necessidades, & verse por derradeiro tam mal galardoado de Tristã dataide, tomoulhe mortal odio & desejou sua destruyção, & queixouse aos outros reys das ilhas de Maluco, que por tambẽ estarem muyto escãdalizados ainda que ho dissimulauão: ho escandalo daquele lhe fez renouar ho seu. E despoys que per recados teuerão algũa inteligẽcia acerca de se vingarem de Tristão datayde, ajuntaranse todos em Tidore. s. El rey Cachil dayalo, q̃ fora de Ternate, El rey Cachil Catabruno de Geylolo, El rey Cachil mir de Tidore, & el rey de Bachão, onde todos juntos, alegou cada hũ largamente as causas que tinhão pera serẽ ĩmigos não somente de Tristão dataide, mas de todos os Portugueses, & procurarẽ sua total destruyção, & assi ho jurarão todos quatro sobre hum Moçafo, que he ho liuro de sua seyta, & por sua cabeça, & polos ossos de seus passados, de se leuãtarem cõtra a fortaleza, & fazerẽlhe tanta guerra ate que a tomassem, & matassem Tristão dataide, & quantos Portugueses esteuessem nela, ou os deitassem fora da terra. E sendo caso que ho não podessem fazer por a fortaleza ser socorrida, que então cortarião & queimarião as aruores

do crauo daquelas ilhas, & as da noz & da maça & todo outro aruoredo de fruyto, & despouoarião as ilhas, & se irião morar a outras, porque os Portugueses perdessem a esperança de tornar mais a elas, & sobristo perderião todos as vidas & os estados. E ho mesmo juramento fizerão vinte dous hirmãos destes reys, & assi de terẽ isto em muyto segredo. E logo ali foy ordenado que os da ilha de Ternate auião de ser os primeyros que auiã de começar esta guerra: & que ate eles não irẽ bem cõ ela por diante, não auião os reys das outras ilhas de bolir consigo. E ho çamarao tambem foy nesta liga, & ainda que não foy presente, deu pera isso seu consentimento. Que posto q̃ deuia muyto a Tristão dataide, que de nada ho fizera tamanho senhor, era mouro, que naturalmente sam desleays. E ali foy tambẽ ordenado, que fizessem crer a Tristão dataide q̃ nas ilhas dos Celebes & Macaçares, & na de Mindanao auia ouro, que as mandasse descobrir, & ele com cobiça ho faria: & como a isso auia de mãdar gente lhe ficaria pouca pera se defender, pelo que aueria pouco que fazer em ho tomar. E que os da cidade de Ternate serião os primeyros que se leuãtassem, & a despouoarião, porque os Portugueses não podessem ter mantimẽtos: & lhes fizessem coisso mais guerra. E ho çamarao fingiria que lhe pesaua daq̃le leuantamento, & que não era sabedor dele: & se faria grande amigo de Tristão dataide, & ficaria coele pera espia, porque mayor guerra faria em descobrir aos ĩmigos seus segredos do q̃ ordenasse cõtreles que em pelejar contrele.

CAPITVLO CXIII.

De como os mouros de Ternate despouoarão a cidade.

Isto assi ordenado, fizerão saber a Tristão dataide, que erão chegadas a Geylolo certas corascoras, que vinhão da ilha de Mindanao em que acharão muyto ouro, com o que ele se prouocou a mandar descobrir esta ilha, & mandou a isso hum Ioão de canha pinto em hũ nauio, que a foy descobrir, & tendo descuberta parte dela, foy com tempo ter a outra ilha que estaa ao már desta, que se chama Siriago: & tendo necessidade de fazer nela agoada, fez paz com a gente da terra, sangrandose ele & el rey, & bebẽdo hum ho sangue do outro, & desta maneira fica feita a paz. E auẽdoa os da terra por muyto firme conuersauão com os Portugueses, & hião ao nauio sem medo. E determinãdo Ioão da canha de se ir, deitou hũ dia mão de quãtos da terra estauão no nauio pera os catiuar, & algũs fugirão deitandose ao már, & estes forão dizer a el rey a treyção que lhe os Portugueses fizerão, que logo mandou deitar sua armada ao már, em q̃ mandou meter sua gente pera ir tomar o nosso nauio, cõtra quem foy a velas, & a remos, tirãdo tantas frechadas & arremessos, & com tamanhas gritas, que Ioão de canha com medo mandou cortar as amarras, & dar ás velas & fugio. E ho que pior foy que lhe ficou a artelharia do nauio, q̃ com hum temporal deitou ao már. E vẽdo os mouros que ho não podião alcãçar tornarãse. E por isto que lhe os Portugueses fizerão crerão todos os males que os das ilhas de Maluco contauão deles. E escapando Ioão de canha daqui, acabou de descobrir a ilha de Mindanao, em q̃ não achou ouro, & tornouse pera Ternate. E por aquele anno ser a moução do crauo, não quis Tristão datayde mandar mays descobrir os Celebes nem Maçacares, porque ãdaua muy ocupado em fazer nauios pera carregar de cra-

uo, cõ outras pessoas que tinhão nele parte. O que visto polos reys, & desesperãdo de diuidirem os Portugueses por aquela maneira, ordenarão de os diuidir por outra: & foy fazer el rey de Geilolo cõ hũs pouos chamados Tauaros, que erã liures, que fizessem guerra ao señor da grã Bocanora & ao Morro: em cujos senhorios se tornauão muitos Christãos, dos que disse a tras, porq̃ sabião que lhes auia Tristão dataide de mandar logo acodir, & assi o fez, mãdãdo hũa armada de Ternates & de portugueses á grão Bocanora, & por capitão mór hũ seu sobrinho chamado Iorge dataide, & outra ao Morro, cuja capitania mór deu a Diogo sardinha capitão mór do mar. E andando estes capitaẽs fazẽdo a guerra nestas duas partes: como os Ternates virao q̃ ficauão poucos Portugueses na fortaleza, poserão em effeito sua determinação, & forãose muytos deles secretamente em certas corascoras á Batachina do morro junto de Geylolo, onde estaua hum Vicente correa mestre de hua nao, com outros cortãdo madeira pera estes nauios que se faziã, & duas ou tres legoas da costa toparão hũ batel dos nossos, que Vicente correa mãdaua carregado de madeira pera a fortaleza: & hião nele alguũs Portugueses & Arabios que ho remauão. E os mouros matarão a treição quantos hião no batel, saluo hũ dos Arabios que escapou a nado, & foy dizer a Vicente correa o q̃ passaua do que elle ficou muyto espãtado, por os mouros serẽ tamanhos amigos dos Portugueses. E parecẽdolhe isto algũ misterio, acolheose logo cõ os outros em hũ batel pera Ternate: & no caminho achou os mouros que matarão os outros Portugueses: & quando os vio fezse forte pera se defẽder: & conhecendo por isso os mouros q̃ Vicente correa sabia o que fizerão, dissimularão, & como não lhes fazia tempo pera Ternate, arribarão a Geylolo, & Vicente correa tambẽ pola mesma causa. E indo ao longo da costa topou hum capitão del rey de Geylolo cõ oyto corascoras, que lhe disse que hia por seu mandado pera o leuar seguro, porq̃ soubera

a treiçã que os mouros de Ternate fizerão aos outros Portugueses, & porque ho não fizesem a ele. E isto fez el rey de Geylolo pera mays dissimulaçã com Tristão datayde, que lho mandou muyto agardecer quando ho soube: & ficou muy suspẽso não sabendo determinar a causa porque os mouros farião aquela treição: & agastouse muyto coisso, & mays porque não estaua ali ho çamarao que lho dissese, que era darmada. E estando assi, como já os moradores de Ternate a teuessem secretamente despejada de suas fazendas, hũ dia antemenhaã se forão todos: o que sabido por Tristão dataide acodio muyto de pressa: & achando ainda algũs que hião na traseyra rogaualhes que não se fossem, & se estauão agrauados dele, ou doutra pessoa que os desagrauaria: mas eles nem somente ho quiserão olhar, & forãose. E ele não quis que lhe fizessem mal polos não escandalizar mays, parecendolhe que os amansaria por bem: mas eles não estauão nisso, & forãose pera outros lugares donde esperauão de fazer a guerra.

CAPITVLO CXIIII.

De como Tristão datayde quisera fazer paz cõ os mouros, & eles não quiserão.

Despejada a cidade, acertou de chegar ho çamarao, q̃ como disse era fora com hũa armada, & tanto q̃ desembarcou com os seus seruidores & pessoas de sua familia: os outros mouros q̃ ficauão na armada fizerão volta nas mesmas corascoras em que hião & se forão. O q̃ logo pareceo mal a muytos Portugueses porque sabião que ele era muyto mal quisto dos mouros, por ser gouernador em q̃ lhes pez: & desejauão de ho matar, & q̃ não teuerão nunca tam bõ tempo pera isso como então, poys estauão leuantados contra a fortaleza, o que mostrauão em se irẽ logo, & poys ho deixauão viuo, não era se não por ser tambẽ na consulta do leuãtamẽto, &

por dissimulação ficaua na fortaleza pera poder descobrir aos outros o q̃ Tristão dataide determinasse: a q̃ despois algũs disserão esta sospeita: mas ele cria tanto no çamarao que lhe não deu credito. E ho çamarao desembarcado se foy logo a Tristão dataide: & disselhe muyto espãtado que lhe parecia que a gente de terra era leuantada: porque os da armada em que fora ho quiserão matar, porque não queria ir coeles: & que seu filho ho desemparara pera ser com os aleuantados, & por amor dele ho não matarão, & ho leuarão a fortaleza, onde queria morrer & viuer coele que lhe tanto bẽ tinha feyto, & que a seu respeito lhe não lembraua natureza nẽ filhos, nẽ outra cousa algũa. E Tristao dataide muyto crente q̃ era assi, lhe fez muyto gasalhado, dãdolhe grandes agardecimẽtos. E determinando de ver se por bẽ podia pacificar a terra, fez hũa armada dalgũs bargantins & paraós que tinha, & assi das corascoras da armada del rey de Geilolo, cujo capitão ainda hi estaua pera ver o fim q̃ auia esta guerra, & leuar a noua a el rey. E nesta armada mandou el rey Cachil aeyro, parecẽdolhe q̃ lhe obedecerião os mouros, & assessegarião daquele mouimento, & hia ho çamarao. E esta armada correo todos os lugares maritimos da ilha, a cujos moradores dezião da parte del rey & de Tristão dataide, cõ muytos rogos, que tornassem a fazer amizade coele, & que ele os desagrauaria se estauã agrauados, & faria quanto quisessem: lẽbrandolhes a amizade q̃ sempre teuerã cõ os Portugueses, & como lhes chamauão hirmãos, & outras muytas cousas pera os prouocarẽ a paz & amizade. E os mouros como que estauão falados responderão todos per hũa maneira, dizendo q̃ não obedecião a Cachil aeyro, porq̃ ho não tinhã por rey: & posto que como a rey lhe obedecessem algũ tempo fora por força, q̃ seu rey natural era Cachil dayalo q̃ ja tinhão. E que quanto a amizade cõ os Portugueses, eles a tinhão como dantes, & a queriã de muyto boa vontade, se eles matassem a Tristão datayde, a q̃ querião tama-

nho mal por muytos q̃ lhes fizera, q̃ nũca lhe verião ho rosto nẽ serião amigos dos Portugueses em quãto ho teuessem por capitão. E sabendoo Tristão datayde determinou cõ cõselho de lhes fazer guerra, pera ver se farião coela paz. E jũta sua armada correo a costa da jlha daq̃la banda da fortaleza, & queymou esses lugares que hi estauão: o q̃ vẽdo os mouros leuantarãose logo dali, & passarãse pera os altos das serras, & fizerão hi suas pouoações, q̃ fortalecerã grandemẽte: & porq̃ se temerão q̃ os Portugueses fossem lá de noyte, & atinassem onde estauão os lugares, polo ladrar dos cães ou cãtar dos galos, não deyxarão nenhũs q̃ não matassẽ, & despois disto derã hũa noyte na cidade de Ternate em q̃ ainda morauão algũs Portugueses & q̃ymarãna toda, pera declararẽ a Tristão dataide q̃ nũca auião de ter paz coele, & dali por diante corriao a fortaleza de dia & de noite: & deytauãolhe muitas ciladas, com q̃ matauão & catiuauão dos q̃ estauã na fortaleza, principalmẽte os escrauos q̃ sayão por agoa & lenha: E assi saltauão cõ os q̃ ãdauã a pescar no arrecife & às vezes lhes tomauão os paraòs & erão tam sobejos q̃ de noyte não cessauão de fazer seus saltos cõ q̃ dauao grãde opressão aos Portugueses, q̃ cõtinuamente estauã armados, & tirando tiros perdidos com suas espingardas porq̃ como ho não fazião logo os immigos eram coeles gritãdo & fazẽdo grãdes matinadas. E Tristão dataide porq̃ sua gẽte não leuasse tã má vida, mãdou fazer certas goaritas ao derredor da pouoação dos Portugueses, em q̃ mandaua vigiar algũs espĩgardeyros repartidos per quartos & ho mesmo mãdou fazer na ribeyra pera goarda da armada, & ele tinha a outra gẽte jũta debaixo da ramada á porta da fortaleza pera se lhe fosse necessario acodir a algũ rebate, & ali comião & dormião. E Francisco de sousa alcoforado capitão de hũa nao grossa, q̃ estaua ẽ Talãgame, cõ outros capitães doutros nauios, q̃ auião de partir cõ carrega pera a India no Ianeyro seguĩte, como souberão q̃ a terra era leuãtada, cercarão logo de

trãqueiras & cauas os nauios q̃ tinhão a mõte pera os corregerẽ & bastecerãnas dartelharia pera sua defẽsã.

CAPITVLO CXV.

De como se leuantarão os lugares do Morro.

Como esta guerra foy começada, Tristão dataide mãdou logo auiso ẽ hũ parao ao vigairo Symão vaz q̃ estaua no Morro bautizãdo os q̃ se tornauã Cristãos, pera q̃ esteuesse a recado cõ os Portugueses q̃ estauão coele & os nã tomassem de sobresalto: mandandolhe tãbẽ dizer q̃ comprasse os mais mãtimentos q̃ podessẽ antes q̃ os Ternates fossem aluoroçar a terra, & a pos este parao mandou Diogo sardinha capitão mór do már ẽ hũ bargantim, assi pera fauorecer os Christãos da terra do Morro como pera ho trazer carregado de mantimẽtos, mas quando ele chegou, ja achou Ternates, q̃ tinhão dito como erão leuãtados cõtra a fortaleza, & lhe fazião guerra, de q̃ não auião de cessar ate a não tomarẽ & matarẽ Tristão dataide, & todos os outros Portugueses, q̃ deuião de ter por ĩmigos, pois ho erão del rey Cachil dayalo seu rey & senhor natural, a q̃ tinhão feyto tanto mal como eles sabião & por essa causa & outras muytas se leuantarão contra os Portugueses, porque ele assi lho tinha mandado: & mandaua a eles como a seus vassalos que lhes não vẽdessem nenhũs mantimentos, & coisto tinhão amotinada a gẽte que os não queria vender. E algũs lugares que erão dos Christãos nouos como ouuirão que os Ternates erão leuantados contra a fortaleza, & que el rey Cachil dayalo era restituydo ẽ seu reyno, renunciarão logo a Christandade que tinhão, & tornarãose gẽtios como dantes, & poserãose da parte del rey Cachil dayalo & assi algũs gentios. E estes erão os que não queriã vender os mantimentos, & faziãnos aleuantar: em tanto que valẽdo ho alqueire darroz a dous vintẽs, tinha sobido a cruzado, & assi ho preço do mais

hia cada vez em mayor crecimento. E achando Diogo sardinha isto assi trastornado, fez queixume ao gouernador de çugala Christão nouo que auia nome Luys correa, que parece que por nã satisfazer a seu queixume, vierão a roins palauras, em que lhe Diogo sardinha chamou cão perro arrenegado: & que estaua em ponto de lhe cortar a cabeça, mostrãdo que ho queria fazer cõ hũa espada dàbas as mãos, & que como fosse na fortaleza auia de dizer a Tristão dataidẽ que ho mandasse enforcar. E ou por esta injuria, ou por Luys correa estar abalado pera deixar a ley de Christo, com ho exẽpro dos outros deixouha logo, & tornouse gẽtio & ĩmigo dos Portugueses, a que defẽdeo que não se dessem nem vẽdessem em sua terra nenhũs mantimẽtos. E cõ tudo em outra parte carregou Diogo sardinha ho bargantim deles, & se tornou pera a fortaleza, & forão coele algũs Christãos da terra, cõ voz de ajudarẽ Tristão datayde na guerra que tinha cõ os Ternates. Porem a verdade era que hiã ver se os Ternates se tinhão leuantado, que ho não podiã crer: pera que achãdo que era assi se tornassem gentios, & serẽ contra os Portugueses. E chegado Diogo sardinha á fortaleza, que Tristão dataide soube ho aluoroço q̃ hia no Morro não cuydando que fosse mais, mãdou logo hũa champana armada em que hião certos portugueses pera trazerem mantimentos: & estando estes lá em hum lugar chamado Bicoya forão todos mortos pola gente da terra, que tomou a chãpana com toda a artelharia, & as mais armas que leuaua. E ho mesmo foy feyto a outros Portugueses que hião do Morro pera Ternate em outro nauio. E nesta cõjunção foy morto ho vigairo Simão vaz com quantos Portugueses estauão coele, pela gente da terra que ele bautizara, que lhes tomou quanto tinhão. E isto tudo se fez sem no Tristão dataide saber se não dahi a dias. E vendo ele a necessidade que tinha de mantimentos: & quam dificultosamente os podia auer do Morro, socorreose a el rey de Geylolo, que por mays dissimular sua ĩmizade

lhe mandou quatro corascoras carregadas de çagu: & mãdou aos que hião nelas que se deixassem ficar com ho seu capitão Cachil timor, que ajudaua Tristão dataide, a que mãdou fazer grandes offerecimentos dajuda de gẽte pera aquela guerra, & de sua pessoa se fosse necessaria, & de mantimentos: com o que Tristão dataide ficou muy contẽte de ter por amigo hũ rey tam principal como aquele.

C A P I T V L O CXVI.

Do espantoso feyto que fez dom Ioam de Mamoya.

El rey Cachil dayalo ja antes disto á petição dos Ternates estaua apoderado de toda a ilha de Ternate, & outra vez obedecido por rey: & tinha mãdado fazer gente de guerra a Mindanao & a Banda, mandando dizer ho pera que: & como determinaua de tomar os Portugueses, & a causa porque. E sendo lâ este recado, acertou de jr a Banda hum jungo de hũ Portugues chamado Lopaluarez, q̃ os Bandaneses tomarão, matando quãtos Portugueses hião dentro. E tomada a artelharia & outras armas, mandarão tudo a el rey Cachil dayalo, que muyto ledo ho mandou dizer a el rey de Geylolo com quem naquele tempo acertou destar hũ Castelhano que fora lingoa na fortaleza, q̃ auia nome Manhoz, que lá fora ter, não soube a que: & como este hia da nossa fortaleza, de que el rey desejaua saber nouas, deulhe hũa escraua & quatro aneys douro: & preguntandolhe despois por nouas de Tristão dataide, disselhe dele mil males: & q̃ por essa causa estauão os Portugueses muy descõtentes dele, & lhe q̃rião mal, & que se ho ajudauão na guerra era polo que lhes hia nisso. E que Tristão dataide estaua muyto apertado coela, por não ter mantimentos, nem esperança de os auer se não dele: & q̃ a guerra estaua já tã trauada, q̃ lhe parecia que nunca os Ternates fariã paz. Porẽ que Tristão dataide

a desejaua muyto pera prender todos os reys de Maluco, & os mandar presos á India, como fizera a Tabarija. E assi lhe disse outras muytas cousas que parecião mẽtiras porque as não podia saber tam particularmente como as dezia, & parecia que era mays por lhe parecer que el rey folgaria coisso, que por ser assi. Do q̃ el rey deitou mào & ho creo: & tendo por certa a guerra dos Ternates & Portugueses, mãdou dizer a el rey Cachil dayalo q̃ estaua prestes pera ho ir ajudar na guerra contra Tristão dataide, & cõprir o que tinha jurado com os outros reys, que lhe mãdasse entregar os lugares q̃ lhe forão tomados no morro, a q̃ logo el rey Cachil dayalo satisfez, mandando a isso hũ seu capitão que foy em cõpanhia del rey de geylolo, que leuou a mays poderosa armada q̃ pode. E determinando de ir ao Morro mandou recado a Cachil timor que estaua cõ Tristão dataide que se fosse logo, & leuasse os Christãos do morro, a q̃ tambẽ mandou que se fossem, & assi ho fizerão, sem falarẽ a Tristão dataide, do que se ele espãtou muyto, & logo ho teue a mao sinal. E chegados estes a Geylolo logo se el rey partio pera ho Morro: & tomado ho primeyro lugar despois q̃ foy lá, mandarãno chamar os de çugalá, pera lhe entregarẽ hũ clerigo Portugues chamado Francisco aluarez, que ali bautizara muytos dos q̃ se conuerterã: & algũs Portugueses q̃staução coele fazẽdo hũ jũgo pera carregarẽ de crauo, o q̃ lhes sendo discuberto fugirão em hũa coracora: em q̃ leuarã a pedra dara, & ho caliz, & algũs ornamentos de hũa igreja em q̃ se dizia missa. E não pode ser tão secretamẽte, q̃ parte da armada delrey de Geylolo, q̃ ja hi estaua, não fosse apos eles. E pelejãdo cõ algũas corascoras que os alcançarão foy Francisco aluares ferido de dezasete feridas, & cõ tudo ele & os outros pelejarão tão brauamẽte q̃ se escapulirão dos ĩmigos, q̃ por derradeyro os ouuerão de tomar se nã lançarã ao mar os ornamẽtos q̃ leuauão, & como erão de seda, & os ĩmigos cobiçosos, ẽbaraçarãse ẽ os tomar, & por isto, & por so-

bre vir a noyte escaparão & se acolherão, & sem fazerẽ detẽça forão ter á fortaleza, onde contarão a Tristão dataide o q̃ passaua, do q̃ ele ficou muito agastado, por perder aq̃le rey em q̃ tinha grãde cõfiança, & por lhe parecer que tambẽ os outros reys se auião de leuãtar. E como andaua tão ocupado oomo digo na guerra dos Ternates, nã pode mãdar socorro ao Morro & deixou o feyto á fortuna. Tomado Çugalá por el rey de Geylolo tomou despois outros lugares & ho derradeyro auia nome Mamoya, de q̃ era gouernador dõ Ioão de mamoya, aq̃le gẽtio q̃ primeiro se tornou Cristão, q̃ como ho era verdadeyro, não temeo elrey de Geylolo cõ quã poderoso ya, & posse em defensão cõ algũs Portugueses q̃ tinha, q̃ estauão ali os mais dos q̃ andauão no Morro, & tinhão feyta hũa tranq̃yra cõ algũa artelharia, onde se dõ Ioão meteo coeles, & cõ algũs de sua valia, pera se defender ou morrer, porq̃ foy desenganado dos da cidade q̃ se auiã dẽtregar a elrey de Geylolo, como entregarão ẽ chegãdo. E quãdo el rey soube a determinação de dõ Ioão foy sobre a tranq̃yra, & os Portugueses sem pelejarẽ se lhe entregarã logo, não aproueitando a dõ Ioão dizerlhe quam mal o fazião, q̃ toda via cõ os q̃ tinha ainda q̃ erã poucos se defẽdeo del rey, cõ tanto esforço q̃ ẽ todo aq̃le dia ho nam pode entrar: & vinda a noyte q̃ cessou o cõbate, vẽdo dõ Ioão q̃ não se podia defẽder, não quis que sua molher por ser fraca lhe fizesse el rey negar a fé de Christo, & assi a seus filhos q̃ erão peq̃ninos, & por isso matou a ela & a eles, & despois de destruyr seus tesouros, por elrey os não auer, se quisera matar se seus parẽtes & amigos ho não teuerão por força, do que ele ficou muito magoado, & lhes pedio muito q̃ o deyxassem matar, porq̃ melhor seria matarse, que ficar em poder dum tirano tão cruel como el rey, que por ser rey fizera tamanha treyção como fora matar el rey seu irmão, q̃ de dereyto era rey: pelo q̃ lhe q̃ria grãde mal. E cõ tudo não cõsentirão q̃ se matasse, & entregarão se a el rey, q̃ entrado na

tranq̃yra, & sabendo o q̃ dõ Iohão fizera, ho mandou trazer antesy, & preg͂ũtandolhe como teuera coração pera fazer cousa tão abominauel, respondeo cõ muito esforço, q̃ bẽ sabia q̃ ele & sua molher & filhos erã Cristãos, & como ela por ser molher era fraca, & cõ pouca prema a poderiã fazer negar a fé, & a eles por moços q̃ por isso os matara, q̃ melhor estarião na gloria do parayso, onde cria q̃ auião dir q̃ então má terra como aq̃la, do q̃ se el Rey espantou muito, & quisera o fazer tornar mouro, mas nũca pode, posto q̃ ho ameaçou cõ a morte q̃ ele não temeo, nẽ el rey lha deu por rogo de seus parentes. E tomada por el rey esta cidade, em que acabou de tomar os lugares que erão seus, tornou se a seu Reyno muyto ledo & vitorioso com muytos Portugueses catiuos.

CAPITVLO CXVII.

De como os outros reys das ilhas de Maluco se leuantarão.

Vendo el rey de Tidore & el rey de Bachão q̃ a guerra dos Ternates hia auante com os Portugueses, não quiserã mays esperar pera lha fazerem, como antre todos estaua jurado, pera o que logo ajuntarão sua gente, que foy muyta, & tãbẽ forão ẽ sua ajuda quatro reys das ilhas dos Papuas, que per cartas entrarão nesta liga: & forão el rey de Vaigama, el rey de Vaigue, el rey de Quibibi, & el rey de Mincimbo. E determinados estes reys de romperẽ a guerra com Tristão dataide, porque lhe não parecesse que lha fazião por cobiça, não quiserão catiuar nenhum dos Portugueses que estauã fazẽdo crauo em seus senhorios, nem tomarlhe cousa algũa do que tinhão. E el rey Cachil mir de Tidore, mandou chamar Iorge goterres, Ioão figueira & outros portugueses q̃ lá estauão, & preguntoulhes se querião ficar coele ou irse pera a fortaleza, a que determinaua de fazer guerra, dizẽdo as causas porque. E sabendo deles

que se queriã ir, os mandou, dãdolhes embarcação em que leuarão tudo o que tinhão: & por eles mandou pubricar a guerra a Tristão datayde, que ficou coisso bem agastado, nã por medo dos mouros, mas pola falta que tinha de mantimentos. E a pos estes portugueses que forão de Tidore, chegarão outros da ilha de Maquiẽ & da de Moutel. El rey Landim de Bachão tambẽ mãdou hum Francisco mendez dorta com outros, & todos forã mortos no caminho por os Ternates que os encontrarão, ou por outros seus amigos. Por cuja vingãça quando Tristão dataide ho soube, foy sobre hum lugar chamado Mongue perto da fortaleza, que estaua bẽ fortalecido de tranqueiras & prouido de mouros, com que Tristão dataide & os Portugueses q̃ hião coele ouuerão hũa braua peleja assi de feridos como de mortos: & com tudo ho lugar foy entrado. E ho primeiro que entrou foy hum Iorge de brito, de que faley a tras, & carregarão sobrele tãtos mouros, que ho ouuerão de matar se não fora socorrido por hũ Baltasar vogado Deuora, que eu conheci, muyto valente caualeiro, & por Iorge dataide, & Antonio de teyue, & por Tristão dataide, & por outros, que pelejarão com tanto esforço, q̃ com quanto os mouros erão muytos, & eles poucos os fizerão fugir: & ficarão feridos Iorge de brito, Andre pinto, Anriq̃ jorge, Afonso teixeira, & outros algũs. E saqueado ho lugar & queimado, tornouse Tristão dataide pera a fortaleza, ficãdo os mouros muyto magoados por a perda daq̃le lugar, q̃ estaua muyto forte.

CAPITVLO CXVIII.

Do que fez Tristão datayde prosseguindo a guerra. E de como Frãcisco de sousa tomou Turutoo.

Neste tẽpo chegou a Ternate hũ fidalgo chamado Simão sodré, em hũa carauela cõ socorro a Tristão dataide que ho mandaua dõ Esteuão da gama capitão de Malaca: & foy por Borneo, & logo a pos ele chegou Ioão de canha pinto de descobrir a ilha de Mindanao. E com a vinda destes dous capitães ficou Tristão datayde muyto ledo, por trazerẽ gẽte, de que tinha grãde necessidade pera se defender daq̃les reys q̃ esperaua que fossem cercar a fortaleza: do q̃ eles estauão bẽ fora, que não se atreuião a isso, por não terem tiros pera darem bateria, nem saber pera ho mais, & por isso determinarão de lhe fazerem guerra guerreada por mar, & tomar os Portugueses com fome. E em quãto se apercebião pera isso não quis Tristão dataide estár ocioso, porque estaua tam apertado, que não tinha outra saluação se nã fazer guerra aos mouros da ilha, & destruyrlhes as pouoações, porque nisso auia algũs mantimẽtos que se tomauão nelas. E porque não pude saber por ordem, nem particularmẽte o que fez Tristão dataide na guerra que teue com os Ternates, & cõ os outros mouros de fora, que lhe corrião por már ate a moução de partirem as naos pera a India, não posso tambẽ contar as cousas por ordem, nem particularmente, se não em soma: & despois da vinda de Simão sodré foy por mandado de Tristão dataide a hũa pouoação de mouros, q̃ estaua perto da fortaleza sobre hũa serra, a q̃ chegou ẽ amanhecẽdo cõ certos Portugueses que hiã cõ ele: & deu nela tã de supito, q̃ os mouros ficarão tam salteados, que não teuerão acordo pera se defender, & fugirão logo quasi todos, se não algũs que pelejarão quasi nada, & ferirã hũ Portugues chamado Fernão da silua. E sa-

queado ho lugar foy queimado, & Simã sodré se tornou á fortaleza. E vendo Tristão dataide tam bõ começo em tempo de tanta desauentura, como era muyto esforçado & sabedor na guerra, não quis deixar esfriar esta vitoria, & prosseguindo auante, mandou destruyr per Simão sodré as vilas de Turutó, Palatia, & Calamata, & nesta fizerão os mouros muy dura resistencia pelejando brauamente, & os Portugueses tambem, de que forão feridos alguũs, & hum deles se chamaua Ioão freire, que ouue cinco feridas, de que despoys esteue em perigo de morte. E na tomada doutra vila chamada Gico, ho fizerão os Portugueses tam esforçadamente, que a tomarão & queimarão, & foy ferido hũ Baltasar veloso dhũa espingardada que lhe quebrou hum braço. E com todas estas vitorias estauão os mouros tam duros no odio que tinhão a Tristão datayde, que não querião coele paz, posto que depois lha mandou offrecer per algũas vezes, & ho çamarao lhes mandaua dizer q̃ a não fizessem, porque os Portugueses nã podião durar muyto, por a grande falta que tinhão de mantimẽtos, que não auia mays que os que tomauã nas pouoações: com o que se os mouros esforçauão pera prosseguirẽ a guerra. E todos os que fugião destes lugares que Simão sodrê destruyo se ajuntarã, & assi outros doutras partes, & fizerão hũa pouoação sobre hũa rocha no mais alto da serra, que fenece perto da fortaleza da parte do ponente, & dali pera baixo era dambas as bandas de pena talhada, & cercada de dous profundissimos vales, q̃ era medo oulhar pera bayxo. E a seruentia desta pouoação era na bicada desta serra, per hũa vereda tam estreita, que nao se podia yr por ela, se não hũa pessoa diante doutra: & ainda quasi em pés & em mãos, por ser demasiadamente ingrime, & com passos muy asperos. E a fora isso ho pé da serra por onde era ho caminho, estaua cercado de hũa caua em que auia muytos esterpes ao derredor: & perto da pouoação hũa tranqueira bẽ artilhada, que goardauão muytos espingardeiros. Nesta

pouoaçã que auia nome Turutó se tinhão os mouros por seguros por sua fortaleza, & corriàlhe daqui a miude, & punhàlhe ciladas, com que fazião muyto mal aos Portugueses & os punhã em grande trabalho. O que Tristão dataide sintia em estremo, & mais porque fora duas vezes pera destruyr este lugar & não pode fazer nada. E vendo que era escusado, por ho caminho que estaua fortalecido, não quis lá mais tornar, ate não ter quem soubesse outro caminho menos perigoso: & trabalhando por auer alguẽ, mãdou a isso Baltesar vogado, & Esteuão de chaues, que deitados em cilada em hũ vale, tomarão certos mouros, que prometerão a Tristão dataide de ho leuar a Turutó por caminho sem perigo. E porque ho feyto era grande, mandou pedir a Francisco de sousa que estaua em Talãgame, que ho ajudasse com a gente q̃ tinha, deyxando nos nauios a guarda necessaria. E como Frãcisco de sousa desejaua muyto de seruir el Rey, foy de muyto boa vontade pera ho seruir nisso. O que visto por Tristão dataide lhe deu a capitania mòr deste feyto, & não quis ir lá. E deulhe por seus capitães Antonio de teyue, & Antonio pereira, os quaes foy assentado q̃ fossem com a mayor parte da gente que hia com Frãcisco de sousa pelo caminho sem perigo, & Frãcisco de sousa fosse pelo perigoso & cometesse ho lugar, pera q̃ cuydassem os mouros que era toda a gente & acodissem ali. E entre tanto Antonio pereyra & Antonio de teyue ho entrarião, & tomarião. Isto assentado partiose Frãcisco de sousa bem de noite, & onde se fazia ho caminho sem perigo pera Turutó mandou Antonio pereira & Antonio de Teiue que fossem por ele com as guias q̃ leuauão, & ele em amanhecẽdo se foy cõ sua gente dereito á trãqueira dos ĩmigos que como ho virão derão hũa grande grita, desparando suas bombardadas, que nã empecerão aos Portugueses por estarem mais altas que eles. E vendo que lhes não fazia nojo çarrarão com a tranqueira, tirãdose de hũa parte & doutra muytas espingardadas. E nisto chegarão An-

tonio pereira & Antonio de teyue com sua gente & dão por as costas do lugar, entrãdo cõ grande estrondo de gritas & espingardadas, com que os mouros cuydando q̃ era todo ho mũdo sobreles, foy ho seu medo tamanho que fugirã a quem mais podia. E francisco de sousa & os outros capitães os seguirão, matando & ferindo ate despejarẽ ho lugar, que logo foy todo queymado & destruydo com morte de muytos mouros, sem dos Portugueses morrer nenhum. Isto feyto tornouse Francisco de sousa pera a fortaleza, onde foy bem recebido por feyto tam façanhoso.

CAPITVLO CXIX.

Do que aconteceo a Tristão datayde com a armada del rey de Tidore.

Com quanto a perda deste lugar foy muyto grande pera os mouros, não desmayarão pera deixarem de proseguir a guerra. E pera a fazerem dali por diante mays aspera & com mays sua segurança leuantarão todas as pouoações que ainda lhes ficauão daquela parte do ponente, onde estaua a fortaleza, & passarãse pera a banda do leuante, com o que Tristão dataide ficou mays desaliuado, porque como os ĩmigos estauão mays afastados da fortaleza não lhe corrião tanto a miude: mas dessas vezes que lhe corrião, faziã muyto dãno aos Portugueses, tomandolhe ho gado que sahia a pacer, & catiuãdo os escrauos q̃ hião ao mato, & quãdo hiã sobre algũas pouoações perdião o caminho à mingoa de guias: & primeiro que chegassem a elas os sentiã os mouros, que como ho mato he muyto çarrado, & a terra muyto fragosa & sem caminhos, punhãose em passos onde se podião ajudar deles, & os ferião & matauão sem receberem dãno, & recebendo os Portugueses muyto se tornauão sem fazerem nada. E outras vezes leuauão tambẽ os mouros ho milhor em algũas pouoações que os Portu-

gueses querião tomar, donde se tornauão feridos & mal tratados, defendêdolhe os mouros que as não tomassem. E ho mesmo trabalho que tinhão os da fortaleza, tinhão os que estauão em Talãgame com Francisco de sousa nos nauios da carga, salteandoos os ĩmigos por terra quando hião buscar mantimento, & por mar, principalmente despois que os reys de Tidore, de Geilolo & de Bachão soltarã suas armadas que trazião por mar, com q̃ dauão assaz de fadiga a estes Portugueses q̃ estauão em Talangame, que ás vezes lhes sahião em seus paraos & champanas, mas como erão poucos sempre leuauão a peor. E vindo hũa vez certas corascoras de Tidore, sayranlhe os Portugueses, cujos capitães forão hum Luys do casal valente caualeiro, & hum Fernão anriquez, & outros. E receãdo os mouros a artelharia dos Portugueses, fizerão volta retirandose, & eles forão depos eles ás bombardadas: & vendoos fugir seguirãnos ate os meter no porto de Tidore. Do que os mouros se ouuerão por muyto injuriados, & determinando de se vingar, poserão hũa cilada de muytas corascoras detras de hũa põta perto de Talangame, donde mandarão tres que corressem aos nauios dos Portugueses, & se chegassem a eles ho mais que podessem, pera os mais atiçarẽ a sayrlhes, & entã se retirassem de vagar, ate os meterẽ na cilada, & assi ho fizerão. E leuarão Luys do casal, & Fernão anriquez, q̃ lhe sayrão em dous paraos ate dobrarem a ponta onde estaua a cilada, & ali voltarão sobreles: & nisto sayrão os da cilada, & pegarã com Luys do casal que acharão diante, & assi como Fernão anriquez os vio pegados coele, acolheose pera Talangame, & deixou Luys do casal, & os outros que ho ajudauão, que despoys de pelejarẽ valentemente forão todos mortos. E os mouros se tornarão pera Tidore muyto ledos, por serem os primeiros que matarã Portugueses em batalha de már, o que lhes parecia impossiuel, por amor da artelharia a que auião medo, & dali por diante lho perderão. O que Tristão dataide sintio tanto

como a perda daqueles Portugueses: & por isso determinou de não deixar passar aquilo sem vingança, & embarcouse em sua armada, cujos capitães forão Diogo sardinha, Antonio de teyue, Antonio pereyra, Baltasar vogado, Francisco de sousa, Simão sodré, Esteuão de chaues, & outros fidalgos & caualeyros, & partiose pera Tidore, cõ proposito de destruir a cidade mas os mouros não lhe derão esse vagar, antes ho forão receber ao mar em sua armada, que era muy grossa a respeito da de Tristão datayde, que quando os vio ficou espantado de sua ousadia: & mandando dar fogo a seus tiros, começoulhes de tirar. E os mouros que lhe não auiã medo, fizerão ho mesmo com os seus, & começase hũ brauo jogo de bombardadas & espingardadas. E se os mouros teuerã os nauios tam fortes como os dos Portugueses sempre aferrarão com eles: & se ho fizerão não ficara nenhũ viuo dos nossos, porque os mouros erão muytos & bẽ armados: & porem ho medo de lhe meterẽ os nauios no fundo os estoruou de aferrarem, nem os Portugueses ousauão de os aferrar, porque os vião tantos. E assi andarão hum bõ pedaço neste jogo. E vendo Tristão datayde que lhe falecia a poluora & que não fazia nada, começou de se retirar & os seus coele, ate que voltarão de todo pera a fortaleza, seguindoo sempre os mouros, & dãdolhe muytas apupadas, ate que se enfadarão, & tornarãose pera Tidore muyto soberbos coesta vitoria, & perderão de todo ho medo que tinhão de Tristão datayde, que eles auiã por mujto esforçado. E entendendo ele os mouros não quis mays sayr da fortaleza a pelejar, nem por terra nem por már: & tambem por amor do despacho dos nauios da carga que auião de partir pera a India.

CAPITVLO CXX.

De como indo hum capitão del rey dos Mogores sobre Baçaym deyxou de hir com medo dos Portugueses.

El rey de Cambaya (como fica dito a tras) fazendo ho gouernador a fortaleza em Diu deu hũa sayda por seu reyno pera que soubessem que era viuo. E forão coele Martim afonso de sousa, & outros sete ou oyto fidalgos: & andando la soube como el rey dos Mogores tomara a cidade de Madauá, principal de Cambaya quando seus reys erão gentios. E estando el rey de Cambaya em hũa sua cidade, hum dia antemenhaã lhe derão rebate q̃ vinhão os Mogores, & foy ho medo tamanho que se os Mogores forão tomarãna. E el rey de Cambaya se sahio logo & tornouse a Diu. E sabendo ho gouernador estas nouas, & receando que os Mogores fossem sobre Baçaym & ho tomassem, mandou a Garcia de saa que fosse pera lá, por ter acabado ho baluarte que tomou a cargo de fazer na fortaleza, que auia nome Santiago, & deulhe quatrocentos Portugueses que fossem coele: & mãdoulhe que ajuntasse antre tanto os materiaes pera hũa fortaleza que auia dir fazer como acabasse a de Diu: & assi ho fez. E estãdo ele em Baçaĩ, chegou hi Gaspar preto, que fora com embaixada do gouernador a Nizamuluco senhor de Chaul, sobre que não fizese guerra a elrey de Cambaya, que ho concedeo por amor do gouernador: & lhe offreceo sua ajuda: & Gaspar preto disse a Garcia de sá q̃ vĩdo de lá pera Diu teuera por noua q̃ hia hũ capitão do rey dos Mogores sobre Baçaim com vinte mil de caualo, & gẽte de pé sem cõto, pera ho tomar cõ toda sua comarca, & dalo a Melique tocão q̃ fora señor dele, & se lançara com el rey dos Mogores no desbarato del rey de Cambaya. E que os corredores desta gente chegarão dele tão perto que catiuarã algũs de sua cõpanhia, pelo que lhe fora forçado leixar ho ca-

minho que leuaua & se acolher a Damão, & dali se fora por már a Baçaim. E garcia de saa ficou muyto triste coesta noua, porque já a tinha, & a gente da terra: & assi os Portugueses estauão com grãde medo por saberem quantos erão os Mogores, & eles tam poucos. E por isso Garcia de saa nã se estreueo a esperalos: & mais quãdo soube quam perto estauão, porq̃ a fora não ter mais de quatrocentos homẽs, & os ĩmigos não terem conto, não tinha onde esperasse seu primeiro impeto se não no campo, o que era perigo grandissimo, porq̃ com os ĩmigos tirarẽ nomais q̃ cada hũ sua frecha lhos matarião todos. E por isso Garcia de saa com ho parecer de Gaspar preto & doutros, determinou de se embarcar & irse, o que sintindo a gente da terra, & algũs mercadores estrãgeiros, que se auião por seguros com a estada de Garcia de saa, deranse por perdidos, entendendo que se queria ir, & chorauão sua desauentura. E era piadosa cousa de ver ho gritar das molheres, ho chorar dos meninos, & ho lamentar dos homẽs, & a este som entrouxarã os Portugueses seu fato. E como isto era tamanha quebra do credito que tinhão, principalmente naquele tẽpo, em que toda a cõfiança del rey de Cãbaya estaua neles, pareceo muyto mal a Antonio galuão, que não sabia o q̃ Garcia de saa tinha assentado: & quando ho soube lhe pareceo muyto mal, & disselhe. Vos senhor não me negareys que quãdo aqui viestes por mãdado do gouernador que não sabieis que os homẽs que trazieis não erão mays dos que agora sam, a respeyto dos ĩmigos que nesse tempo imaginastes muy bem quantos auião de ser, poys querião tomar esta terra, a q̃ ho gouernador vos mandaua pera lhe resistir, & bẽ sabieis então que não tinheis onde vos defender se não no cãpo pelejando, & poys vos então não escusastes, podendo ho fazer sem deshonrra, q̃ o não sabia ninguẽ, não vos escuseis agora, com ficar deshonrado, & os Portugueses cõ descredito poys he em pubrico. E por soster este q̃ eles ha tantos annos que tem ganhado na In-

dia, será muyto seruiço de Deos & del rey perder as vidas que durão tão pouco, & isto vos requeiro da sua parte que ho façais, quanto mais que sem as perder, nos podemos defender com a artelharia & espingardaria que temos, q̃ nos defenderão a dianteyra, & a traseyra ho mar, & mays faremos muy asinha hũa tranqueyra de quanta madeyra aqui temos, que cõ hũa caua ficarà fortissima. E muytos que estauão com Garcia de saa estauão tam assentados em se hir: que não sómente lhes não pareceo bẽ o que dizia Antonio galuão, mas nem deixarão Garcia de saa que lhe respondesse, antes começarão de dizer todos q̃ era escusado aq̃le conselho. E vendo Antonio galuão q̃ ho não q̃rião poer em pratica, foyse muyto agastado. E parecendo muyto bẽ a Garcia de sá o q̃ dissera, assentou de ho fazer, & dizendo ho a todos foy a pos ele, & louuando lhe muito seu conselho ho tomou, & pediolhe que fizese a metade da trãqueira, & assi a fez, cõ o q̃ gẽte assi da terra, como estrãgeiros se ajũtarão todos cõ Garcia de sá pera ho ajudarẽ. E sabendo ho capitão dos Mogores quã fortalecido ele estaua, deixou de yr a Baçaym, & tornouse, cõ o que os portugueses ganharão muyta hõra & credito & assi Antonio galuão q̃ deu ho cõselho.

C A P I T V L O CXXI.

De como el rey de Cãbaya quisera fazer hũ muro antre a nossa fortaleza & a cidade.

Desapressado Baçaim dos Mogores partiose Gaspar preto pera Diu, & deu a reposta de Nizamaluco ao gouernador q̃ a disse a el rey de Cambaya, que ficou muy desaliuado, sabendo que lhe não auia Nizamaluco de fazer guerra: & então ficou muyto mays descontẽte do q̃ andaua dãtes por ter dada a fortaleza em Diu ao gouernador, porq̃ lha dera cõ tenção que cõ a ajuda q̃ lhe desse, deitaria fora de seus reynos os Mogores, & ele

via q̃ ho gouernador nã podia, pelo q̃ se achou muito alcãçado, & ja que não tinha remedio pera ao presente estoruar que não se fizese a fortaleza, determinou de ver se a poderia cegar, cõ lãçar hũa parede antrela & a cidade, pera despois q̃ se ho gouernador fosse fazer naq̃la parede baluartes com q̃ podesse bater a fortaleza & tomala. Isto determinado, mandou dizer ao gouernador por Ninarao capitã de Diu, & por Ioã de Santiago seu lingoa q̃ lhe deixasse fazer a parede que digo: & ho gouernador lhes disse q̃ ele respõderia a el rey por seu messageiro, & sobre esta reposta fez cõselho em que propos o q̃ lhe elrey mãdara dizer, & Martĩ afonso de sousa foy de voto que se cõcedesse a el rey que fizesse a parede, porq̃ como era apetitoso passarselhehia aq̃le apetite & nã a faria. E Fernã rodriguez de castelobrãco ouuidor geral & outros disserão q̃ por nhũ modo se lhe cõcedese, porq̃ logo a faria, & feita seria peor desfazerẽlha, & deste voto foy ho gouernador: & isto determinado, assentouse q̃ Fernaõ rodriguez lhe fosse dizer que se a fortaleza era sua, & os portugueses seus, q̃ pera que era aquela parede, & por isso era escusada. E quãdo lhe Fernaõ rodriguez deu este recado, el rey se agastou & respõdeo muito aluoroçado, que queria aquela parede, pera que hũ Portugues não teuesse lugar de yr matar hũa vaca à hũ seu gẽtio, ou fazer outra cousa de q̃ se seguisse escandalo antre os mouros, & os portugueses, o que ele não queria por amor damizade dãtrele & el Rey de Portugal. E todauia insistia q̃ auia de fazer a parede, sobre o q̃ se passarão algũs recados antrele & ho gouernador, q̃ leuaua fernã rodriguez, & apertãdo mais el rey em fazer aq̃la parede, mãdou dizer ao gouernador que quãdo fizera coele ho cõtrato das pazes, naõ se obrigara mais q̃ a deixarlhe fazer hũa fortaleza, & não a serlhe sogeito, & segũdo via ele ho queria sogigar, pois lhe queria jmpedir que naõ fizesse hũa parede ẽ sua terra, que lhe não goardaua ho cõtrato, & a reposta deste recado foy acor-

dada em conselho, q̃ Fernã rodriguez respondesse a el rey ho mais brãdamẽte q̃ podesse ser, & quando de todo em todo insistisse na parede, q̃ o desenganase q̃ lha não auia o gouernador de deixar fazer. E Fernão rodriguez foy a el rey, que lhe falaua pelo lingoa Ioã de santiago, & quando el rey vio que lhe não concedia ho gouernador a parede, começou de falar alto que lhe não goardauão ho contrato em nhũa cousa, & que pedira mil homẽs ao gouernador pera lhe yrẽ goardar Baroche, & que lhe nao dera mais de cẽto, & pois lhe quebraua a paz q̃ auia de fazer a parede. E fernão rodriguez lhe disse que em nhũa maneira lho auia ho gouernador de consentir, porq̃ nẽ os Portugueses auião de querer que lho consentise, do que el rey ficou muyto menẽcorio, & chamou perro a Ioão de santiago, porque lhe dizia tal cousa, & despois disse que os portugueses lhe chamauão doudo, & que ele ho era pois fizera o que fez, & porem que tãbem os doudos atentauão pelo q̃ lhe cõpria. E coisto se foy Fernão rodriguez, & el rey ficou muito agastado do desẽgano que lhe ele deu, por auer aquilo por grãde quebra, & se ele podera logo se vingara do gouernador, mas como tinha pouco poder, & os Mogores estauão em Cambaya, não ousou de bolir consigo, & dali por diante teue mortal odio aos portugueses, & determinou de lhes tomar a fortaleza como teuesse tempo, & com tudo dissimulou este odio, & esteue algũs dias arrufado sem se ver com ho gouernador, a que mandou dizer por Ninarao, que pois não queria que fizesse a parede, que a nã queria fazer, mas que lhe desse gente pera fazer guerra aos Mogores como lhe tinha prometido, sobre ho que ho gouernador teue conselho, em que foy acordado que lhe não desse gente, porque não seria muito pedila elrey pera a matar á treição, que se lhe respondesse que lha não podia dar por ter pouca, que pera ho verão que juntaria mais lha daria, & coesta reposta se agrauou elrey muyto, & disse q̃ não podia ho gouernador negar que lhe não compria ho cõtrato,

& poys assi era q̃ ho não podia ajudar q̃ buscaria seu remedio, & mandou a Ninarao que dissesse ao gouernador como que ho auisaua que ele se queria yr pera Meca. E sabido isto pelo gouernador logo pos em conselho o que faria, em que foy acordado q̃ ho deteuessẽ, porq̃ não era tẽpo de ho deixarẽ yr, pola diuisam q̃ auia em Cãbaya. E côcertado antre ho gouernador que se vissem, por quãto el rey estaua fora da cidade na quinta de Melique, virãse na ponta de Diu, onde ho gouernador foy em hũa fusta, & forão coele Martim afonso de sousa, Manuel de sousa, dom gonçalo coutinho, & fernão rodriguez de castelo branco ouuidor geral, & Ioam da costa secretario do gouernador, a que el rey estaua esperãdo em hũa fusta, acompanhado dalgũs señores do seu reyno ate quatro ou cinco, & o gouernador entrou na fusta del rey, & ãbos de dous se meterão no toldo, & os fidalgos & senhores ficarão de fora, & ali fez elrey hũa comprida pratica ao gouernador, em que lhe resumia as condições do contrato q̃ era feito antreles, & que não sómẽte lho quebraua em lhe impidir a parede, mas nem lhe daua a gente que pedia aqueixãdose muyto dele. E ho gouernador lhe disse que por estar doente lhe nã respondia, que lhe responderia Fernão rodriguez que sabia bem aquele negocio, do que sendo el rey contente, Fernão rodriguez lhe disse, q̃ no cõtrato que ele fizera com ho gouernador, não estaua q̃ fizese a parede que dezia antre a fortaleza & a cidade: & por isso não se deuia de aqueixar dele que lho não goardaua: quanto mays que fazendose aquela parede a fortaleza ficaua cõ a artelharia cega & não valia nada, o que ele não auia de querer poys a dera liuremente, & poys era parele tam proueitosa como pera os Portugueses, q̃ erão todos seus: & estauão ali pera ho seruir quãdo fosse tempo, & porq̃ então ho não era, por ser entrada dinuerno, lhe não daua ho gouernador a gente que lhe pedia, com q̃ por derradeiro nã auia de fazer nada, porque a inuernada ho não auia de deixar andar pelo cam-

po, que pera ho verão q̃ poderia andar por ele lhe daria a gente q̃ quisesse, & que ainda q̃ aquilo nã esteuera no contrato abastara pera ho fazer, a võtade que tinha de ho seruir, & que não cuydasse outra cousa: nem q̃ lhe não goardaua o contrato, porque seria sem rezão, & cõtra o que deuia ao desejo que ho gouernador tinha de o seruir. E assi lhe disse outras cousas com que el rey abrandou, & ficou satisfeito, & prometeo de se tornar pera a cidade: & disse que não hia logo com ho gouernador, porq̃ não parecese aos mouros que hia por força: & o gouernador se tornou. E como el rey era inconstante, ainda despoys disto teue algũas refegas darrepẽdimento do que fizera, com q̃ mandou aq̃la noyte engeitar a paz ao gouernador: & polo seu secretario lhe mandou ho contrato, dizendo q̃ lho não goardaua: & na mesma hora foy a ele Fernão rodriguez, per mandado do gouernador ẽ hũa fusta, & acompanhado da sua guarda. E falãdo a el rey ho assessegou de maneira, que ao outro dia se foy pera a cidade como tinha prometido, & tornou a ser amigo do gouernador, ainda que fingido, porq̃ determinaua de tomar a fortaleza como teuesse tempo.

C A P I T V L O CXXII.

De como os Mogores forão desbaratados.

Mirãomuhmalá sobrinho del rey de Cambaya, que estaua na frõtaria de Damão cõtra ho Nizamaluco: despoys que vio que os Mogores não ousarã dir sobre Baçaim cõ medo dos Portugueses, não quis ali estar mays, porq̃ Nizamaluco não auia de fazer guerra a elrey seu tio que lhe mandou gente pera q̃ com a que tinha fosse fazer guerra aos Mogores q̃ andauão no reyno de Mãdou, a que ele foy leuando ainda mays gente q̃ lhe Nizamaluco deu pera ho ajudar naquela guerra: & lá se ajuntou cõ alguũs capitães del rey de Cambaya, que tinhão por ele algũas fortalezas, & deles soube como el

rey dos Mogores era partido pera ho reyno de Bẽgala ao conquistar pela grande fama do tesouro que tinha el rey de Bengala, & que deixara em Mandou algũs capitães cõ gẽte de goarnição: a que Miràmuhmalá fez logo a guerra, com q̃ os apertou em estremo, & assi com fome, porq̃ como estauão nas fortalezas & não erão senhores do cãpo, não podião auer mantimẽtos, & morrerão muytos á fome, & de trabalho, & dos outros hũs se forã buscar ho seu rey, outros se ajuntarão cõ Mirzãohamet sobrinho do seu rey, que se foy despoys pera el rey de Cãbaya, que cõ a diminuyção dos Mogores ficou muyto fauorecido: & dali por diante lhe acodio muyta gẽte, cõ que despois cobrou seus señorios sem ter necessidade da ajuda dos Portugueses.

C A P I T V L O CXXIII.

De como dom Ioão pereyra capitão de Goa desbaratou çoleymão haga.

Durando a guerra dantre Açadacão & dõ Ioão pereira capitão de Goa, sobre querer tomar as tanadarias de Salsete & de Bardés, tornou Açadacão a mãdar sobreles çoleymão haga seu capitão com noue mil homẽs, de q̃ erão sete mil Balagatinos, em q̃ entrauão duzentos de caualos ligeyros & cincoẽta acubertados & os dous mil estrangeiros brancos, & destes dous mil os mais frecheiros & espingardeiros. Entrado çoleymão haga nas tanadarias com esta gente, não quiserão os da terra por seu medo pagar mais as rẽdas que dantes pagauão aos tanadares Portugueses, que logo screuerão a dõ Ioão pereyra capitão de Goa, requerẽdolhe q̃ lhes acodisse, a que ele partio logo cõ quatrocẽtos Portugueses, trezentos de pé, de q̃ foy capitã Payo rodriguez daraujo, & cẽto de caualo, em q̃ entrauão Iurdão de freitas da ilha da madeira capitão do campo, Galuão viegas adail de goa, Manuel de vasconcelos casado, Galaz viegas,

Diogo botelho dandrade, & outros a q̃ não soube os nomes, & mil piães da terra, de que forão capitães Crisná & Ralú dous gẽtios. Coesta gẽte partio dom Ioão na entrada de Feuereiro: & chegado a Rachol soube q̃ estaua çoleimã haga dali a hũa legoa, & logo por hũa lingoa q̃ tomou soube q̃ era aleuãtado pera mais longe, cõ medo q̃ auia de pelejar coele polo ter por muyto esforçado. O q̃ sabido por dõ Ioã determinou de ho ir buscar: & indo polo caminho soube de Galuão viegas q̃ hia diãte descobrindo ho cãpo, que çoleimão estaua cõ sua gẽte na bicada de hũa serra dali a duas legoas a cuja vista chegou aos noue de feuereiro: & seria a espaço de mea legoa. E quando os Portugueses virão tantos mouros espãtarãse muyto, por não saberẽ dantes quantos erão, nẽ os fazião a dõ Ioão tantos: a q̃ algũs disserão que se tornasse, porq̃ seria doudice cometerẽ a tantos mouros. Do q̃ dom Ioão ficou muyto agastado por lhe parecer q̃ ho dizião cõ medo, & ajuntãdo esses principays lhes disse. Pareceme señores q̃ vos vẽ de pouca fé em nosso senhor, dizerdes que nos tornemos sem cometer estes mouros, como q̃ não fossem eles os q̃ nos fugirão muytas vezes: & os q̃ nos nũca poderão impedir q̃ não fizessemos a fortaleza de Rachol, pois eles não sam agora mais esforçados q̃ então, nẽ vos tẽdes agora menos esforço q̃ quando vos eles fugirão: & o q̃ vos parece q̃ vos ha de saluar, isso vos deitará a perder de todo, porq̃ se vos os ĩmigos virẽ tornar cuidarão q̃ lhe fugis & cuydãdo vos siguirão, & pola grande distancia q̃ ha daqui á nossa fortaleza, nos matarã a todos primeiro q̃ la cheguemos. Por isto cõ a esperãça em nosso senhor q̃ nos darà vitoria, & cõ vos lẽbrar quantas vezes nos fugirão demos nestes cães, porq̃ vẽdo q̃ os cometemos, eu vos fico q̃ logo lhes sobreuenha ho medo q̃ nos tẽ, & nos deixẽ ho campo. E parecendo isto bẽ aos mays, disserão q̃ dessem nos ĩmigos, q̃ neste tẽpo começarão de chegar pera dom Ioão feytos em tres escoadrões, & de todos feyto hũ arco, em cujas põtas hião

em cada hũa cento dos de caualo ligeyros, & no meo os acubertados: & sendo a tiro despingarda dos nossos (q̃ estauão feitos em hũ corpo) começão de desparar muytos foguetes ferrados & bombas de fogo, & muytas espingardadas, & frechadas sem conto, & dando grãdes gritas hião çarrãdo ho arco pera tomar os nossos no meo, q̃ coessa tẽção ordenou çoleimão a sua gẽte desta maneyra. E certo q̃ hia tão medonha q̃ era muyto pera temer. Dõ Iohão q̃ vio q̃ não podia deyxar de ficar no meo, porq̃ o arco vinha muyto largo, determinou de dar nos ĩmigos ãtes q̃ se çarrassem de todo, & mãdou a Iurdão de freitas q̃ cõ trĩta de caualo escolhidos fosse cometer os acubertados, & mãdou coele o seu guião & q̃ ele daria entretãto em hũa das põtas. E nisto erão as espingardadas tãtas da parte dos ĩmigos, & foguetes ferrados, & bõbas de fogo, q̃ algũs dos q̃ hião cõ Iurdão de freytas virarão as costas, mas tornarão logo, parece q̃ com vergonha de se saber: & em Iurdão de freytas ferindo, deu ele Santiago em hũa das pontas dos ĩmigos, porem ho medo parece que saltou cõ os nossos, que não abalarão com dom Ioão mays dos de caualo q̃ noue & destes forão Bento gomez das donas, Antonio ferrão, Bastião roĩz, & aos outros seys nã soube os nomes & os outros de caualo se deyxarão estár quedos, & parte dos de pé, & os outros começauão de fugir com os piães da terra, mas dõ Ioão cõ quãto o vio, não deyxou de cometer os mouros cõ os noue q̃ digo chamando por Santiago: & vẽdo q̃ Bastião roĩz hia sem capacete, bradoulhe q̃ ho fosse tomar, & ele respõdeo que não era tempo, & assi sem capacete o fez tão esforçadamẽte cõ todos os outros q̃ os mouros daq̃la ponta se começarão logo de desbaratar, vẽdo em quã pouco dõ Ioão & os noue tinhão suas espĩgardadas, frechadas, bõbas de fogo, & foguetes, & q̃ assi se arremessauão aos matar como homẽs q̃ não estimauão as vidas, & matando muytodos mouros os fizerão fugir, desta ponta, & nisto acos dio çoleymão haga cõ os da outra & desfezse o arco. E

vẽdo os nossos q̃ não abalarão cõ dõ Ioão como se desbaratauã os ĩmigos em q̃ ele deu cobrarão coração, & feytos em hũ corpo ho forão ajudar, & isso causou não ho sumir çoleymão & aos q̃ estauão coele quãdo acodio cõ os da sua ponta, & mesturandose hũs cõ os outros renououse a peleja q̃ foy muy braua, porq̃ ãtre os ĩmigos auia muytos Parcos & outra gẽte brãca q̃ pelejauão com grãde esforço, mas como os nossos ja estauão juntos, & se esquẽtauão de cada vez mays, cõ ho feruor da batalha fizerão marauilhas por emendar ho passado, & matando muytos dos ĩmigos apertarão tão rijo cõ os outros q̃ os fizerão fugir, & dõ Ioão cõ os nossos de caualo lhe seguio ho encalço bẽ duas oras, em q̃ matou muytos de caualo, & piães, & muyto mays matára, se não q̃ muytos meterão ramos verdes nas toucas como leuauão os nossos piães, & coisso escaparão, & os nossos os seguirão ate hũ rio onde os ĩmigos se lançarão & passarã a nado, & algũs se afogarão com pressa, assi hião cortados de medo, & daly se tornou dõ Ioão ao arrayal dos ĩmigos onde foy achada muy rica presa, assi de fazẽda, como darmas & mãtimẽtos, & muytos boys de carrega & caualos. E muytas cabayas q̃ çoleymão tinha pera dar aos seus, q̃ primeiro rõpessẽ os portugueses. E dõ Ioão mandou fazer alardo, & achou q̃ lhe não fora morto ninguẽ: somẽte lhe firirão algũs de frechadas & zagunchadas, & algũs caualos: No q̃ nosso señor mostrou quã milagrosa fora aq̃la vitoria. E dos mouros se achou q̃ forão mortos mil & sete centos, & muytos catiuos. E antre os mortos foy hũ sobrinho de çoleimão, q̃ era capitã do cãpo: & Abedacão capitão de Cintacora, caualeyros de muyto esforço, & de grãde estima antre os mouros. E assi outros muyto prĩcipaes. E por memoria desta tã famosa vitoria, & q̃ os mouros muyto sentirão, armou dõ Ioão muytos caualeyros, q̃ se teuerão por muyto ditosos de ho ser em feito tam hõrado. E isto feyto o q̃ ficaua daquele dia & parte do outro, andou dõ Ioã corrẽdo a terra, pera q̃ soubessem os mo-

radores q̃ era senhor do cãpo, & todos lhe leuauão muytos presentes de mantimentos, cõ prazer de se verem liures dos mouros que lhes auorecião grandemente polo mao trato que lhes dauã. E deyxando dõ Ioão a terra em paz se tornou a Goa, onde foy recebido com procissão solẽne, & achou hi hũ embaixador de çoleimão haga, q̃ da sua parte lhe leuou hum presente de cousas ricas, & lhe pregũtou como hia da batalha: & se estaua em disposição pera dar outra: E isto fez çoleymão por ficar muyto cõtente do esforço de dõ Ioão, q̃ bẽ vio como os seus ho desempararão, & cõ quã poucos cometera os mouros. E dõ Ioão recebeo bem ho embaixador, & lhe fez muyta hõra & gasalhado, & ho banq̃teou, & lhe deu hũ bõ presente pera çoleymão, & q̃ lhe dissese q̃ ficara muyto bem desposto da batalha pera o q̃ lhe cõprisse: & ainda estaua pera dar outra. Do q̃ çoleimã ficou muyto ledo, & Açadacã muyto triste vẽdo q̃ não podia cobrar aq̃las tanadarias: pelo q̃ se pode ver q̃ se podiã tomar todas & sosterse, & q̃ por culpa dos gouernadores se perderão tanto tẽpo tantos mil cruzados que elas rendem.

CAPITVLO CXXIIII.

De como foy acabada a fortaleza de Diu, & foy começada a de Baçaym.

Ho Gouernador q̃ fazia a fortaleza em Diu se deu tãta pressa em a fazer que a acabou quasi, em quorenta & noue dias de trabalho, q̃ foy na fim de Feuereiro de mil & quinhẽtos & trinta & seys ãnos, & acabada pos lhe nome Sã Thome, & ficou de trezentas & cincoẽta braças ẽ roda, & de figura triãgular, & tinha os muros de grossura de dezoyto pés, & daltura de trĩta palmos cõ as ameas, tinha quatro baluartes, os tres em triãgulo, & o outro no meo, entulhados ate ho primeyro sobrado, abertos pola banda de dentro & descubertos &

cercada de caua, muyto forte & bẽ artilhada, & ficou feito ho cauouco pera hũa cisterna muyto grãde. E ela acabada deu ho gouernador a capitania a Manuel de sousa Deuora, & deulhe noue cẽtos homẽs. E estãdo ho gouernador em Diu, vio cõ todos os fidalgos q̃ ho acõpanhauão, hũ homẽ q̃ dizia ser de trezẽtos & quorẽta annos, & assi ho affirmaua el rey de Cãbaya, & todos os principaes de Diu & lẽbrauase ser toda Cãbaya de gentios, & não auer nenhũa pouoação em Diu. Dizia que quatro vezes se lhe pelarão os cabelos brãcos, & outras tantas lhe tornarão a nacer pretos, & por tãtas vezes lhe cayrão os dentes, & lhe tornarão a nacer. E q̃ teuera setecentas molheres. E ho gouernador lhe mãdou ver ho pulso por hum medico, que lho achou muyto esforçado, & no rosto & na fala homẽ de setenta annos, & tinha pouca barba & essa preta, era de nação Bẽgala, de casta de gẽtios, & auia muyto que se tornara mouro. Ho gouernador esteue ainda em Diu quasi ate fim de Março, & antes de se partir Ninarao capitão de Diu lhe disse secretamẽte, que não se fiaua del rey de Cãbaya por ser muyto inconstante & cruel, & que receaua que lhe quisese fazer mal, como fazia a outros q̃ lho não merecião, pedindolhe que mãdase a Manuel de sousa que ho acolhese na fortaleza se teuesse disso necessidade, & q̃ ele ho seruiria: cõ o q̃ ho gouernador folgou muyto, por ter por amigo hũ homẽ tam principal como aquele. E cõ conselho mãdou a Manuel de sousa que ho fauorecese & recolhese na fortaleza se necessario fosse. E despois se partio pera Baçaim, a que chegou com toda sua armada: & quando vio a trãqueira que se fez per conselho de Antonio galuão, gabouha muyto, & foy logo ver ho sitio onde auia de fazer a fortaleza pera a começar. E por fazer honra a Antonio galuão que sabia que a merecia por muytas vias, quando ouue de abrir os aliceses da fortaleza, mãdoulhe que desse as primeiras enxadadas, & posesse a primeira pedra, estãdo hi Garcia de saa, & outros muytos fidalgos.

E deixãdo ho gouernador Garcia de saa pera a acabar, partiose pera Goa, & despoys dalgũs dias que chegou foy ver a fortaleza de Rachol, sobre o que logo Açadacão lhe mandou hũa embaixada, que a derribasse & teuessem pazes como dantes, & que recolhessem ambos as rendas das tanadarias daquela comarca: & q̃ as posessem em deposito ate ele mãdar dizer a el rey de Portugal da maneira q̃ lhe dera aquelas tanadarias: & quando el Rey ouuesse por bẽ de as tomar, que lhas deixaria ẽ paz & seria seu amigo como era. E ho gouernador não quis cõ cõselho, dizendo que tinha as tanadarias por bõ titulo, poys ho Hidalcão por amor dele lhe não fizera guerra.

C A P I T V L O CXXV.

De como Antonio Galuão partio pera Maluco.

Em Goa achou ho gouernador Lionel de lima, que de parte de Tristão dataide capitão da fortaleza de Ternate, lhe entregou el rey Tabarija, Pateçaranguê, & suas molheres, & os outros presos, que todos se queixarão muyto da sem rezão & agrauo q̃ lhes Tristão dataide fizera, req̃rẽdolhe q̃ visse logo suas culpas, & os cõdenasse ou assoluesse: & se as não teuessem q̃ os tornasse a mãdar a Maluco nas naos q̃ fossem pera lá. O q̃ ho gouernador não quis fazer, ainda q̃ sabia q̃ não tinhã culpa, & nã os quis mãdar aq̃le ãno: por não ter causa de mandar prender Tristão dataide, de que era muyto grãde amigo: & por isso dilatou o despacho dos presos: do q̃ eles se queixauão muyto, & dizião que tam pouca justiça achauão na India como em Maluco: Pera onde ho gouernador determinou de mandar aquele anno Antonio galuão, que tinha a capitania da fortaleza: porq̃ per Lionel de lima, & por cartas domẽs de Maluco, soube as auexações que Tristão dataide fazia aos Portugueses & aos mouros: pelo q̃ estaua certo le-

uantarse a terra contrele: & a fora isso ficaua em grande aperto de fome, & sem auer na feytoria apercebimento pera a paga do soldo & mantimento da gẽte & pera restauraçã daq̃la terra era muyto necessario jr hũ capitão esforçado, mãso & de bõa cõsciencia. E como ho gouernador por experiẽcia sabia que em Antonio galuão auia estas qualidades: & sobre tudo ser muyto amigo do seruiço del rey, & que outra cousa não desejaua mais neste mundo, folgou muyto de ele ser ho capitão que auia dẽtrar na fortaleza, & assi lho disse. E com quãto ele douuida sabia algũa cousa das desordẽs & males q̃ auia em Maluco, posto q̃ lhe ho coração dizia que nã fosse, todavia por seruir a Deos & a el rey disse q̃ yria. E ho gouernador lhe deu hũa nao pera jr, sem lhe lẽbrar que a tinha dada a hũ fidalgo chamado Duarte de miranda: O que sabendo Antonio galuão, por lhe não fazer má obra, a tornou a engeitar ao gouernador, dizẽdo ho porq̃ ho fazia: & tambẽ por a nao ser muyto pequena pera leuar a gente q̃ tinha necessidade de leuar, pelo q̃ lhe deu outra mayor. E como pera ir a Maluco se acha a gẽte cõ muyto trabalho, não quis Antonio galuão terse â q̃ lhe ho gouernador poderia dar: & cõ rogos, dadiuas & promessas doutras mayores em Maluco, acquirio a mays gẽte q̃ pode, & se partio pera Cochim onde se auia dacabar de despachar: mas não achou lá nenhũ aparelho pera isso por Pero váz védor de fazenda não ter dinheiro q̃ lhe dar, pelo q̃ lhe foy necessario emprestalo a el rey, & deixou de ho leuar empregado em cousas q̃ ho tresdobrara: & bẽ podera sem sua quebra deixar de ir aq̃le anno, poys lhe não dauão auiamẽto, como se dera aos capitães passados, & não quis pelo muyto q̃ sua ida importaua ao seruiço del rey, & como isto sabia nã lhe lẽbrou mais seu interesse: & sem lhe ser paga nhũa cousa de seu ordenado, como aos outros capitães, nem a gente q̃ ya coele do soldo q̃ lhe era diuido, se partio de Cochim a oyto de Mayo na nao q̃ lhe ho gouernador deu, & cõ outra q̃

fretou á sua custa, de q̃ fez capitão hũ Francisco nunez, em q̃ leuou a mays & mays luzida gẽte q̃ nunca foy a Maluco, q̃ por ser muyta, & não caber na sua nao fretou aq̃la: & tàbẽ leuou molheres, a q̃ fez grandes partidos: cõ fundamento de as casar lá cõ Portugueses, assi pera fazerẽ geração, como pera saberẽ os mouros q̃ determinauã eles de morar em Maluco, & não de deixar a terra. E leuou muyta fazẽda de Cambaya trigo & vinho & azeites de Portugal, açucar & grande soma de conseruas, pedras datafonas, & serras grandes & pequenas, machados, enxadas, & outras alfayas necessarias pera quem lá morasse, que não auia na terra: & assi leuou ferro & chũbo: E com estas duas naos: & com outros nauios que hião pera Malaca, todos debaixo de sua capitania se partio de Cochim.

C A P I T V L O CXXVI.

De como el rey de Calicut, se quisera coroar em Repelim, & não pode.

Como quer q̃ el rey de Calicut tinha grande odio a el rey de Cochĩ, por amor dos Portugueses, buscaua sempre modos pera ho destruyr: & o que achou neste tempo, foy querer coroarse em hũ pagode, que está em terra de Repelim, q̃ antre os gentios he casa de grande santidade: & nela costumão os reys de Calicut de se coroar: & como erão coroados, era costume irẽlhe os outros reys do Malabar fazer reuerencia, como seus sogeitos que erão dali por diante. E porq̃ lha el rey de Cochim fosse fazer: & ho prẽdesse queria ele coroarse: & tambẽ pera q̃ se teuesse tempo passar dali a Cochim & destruila. E apercebendose pera este feyto, soubeho el rey de Cochim, que ho disse a Pero vaz védor da fazenda: dizendolhe o q̃ importaua sua coroação: pelo q̃ Pero vaz mandou logo goardar ho passo de Crãganor por onde el rey de Calicut podia passar a repelim: & deu a

capitania mór desta goarda a hũ Pero froez seu parente, que foy em hũa fusta, & tres capitães em tres bateys, & os que hião coeles erão todos espĩgardeiros. E por esta goarda: ou por outra cousa, não passou el rey de Calicut como se esperaua.

CAPITVLO CXXVII.

De como Xercansur fez guerra a el rey de Bengala.

Prosseguindo Xercansur a guerra cõtra el rey de bengala (como a tras fica dito) desbaratoulhe tãtas vezes ho seu capitã mór, que ho fez recolher a hũa fortaleza chamada Gori, situada na põta de hũa serra, que entesta no Gãges, & he por ele acima vinte legoas alem do Gouro, & sobrela foy Xercansur, & a cercou: & isto despoys da partida de Diogo rabelo. E sabendo el rey de Bẽgala este desbarato, & que Xercansur estaua tão perto cõ sessenta mil de caualo, & de pé gente sem cõto, mandou soltar Martim afonso & os outros, pera ajudarẽ a sua gẽte na guerra, & assi lho disse. E mandou os q̃ fossem pousar a casa do seu armador mór, q̃ por lhes não querer dar pousada, a forã tomar em casa do mouro valenciano que disse: donde por el rey não se fiar delles, & lhe parecer q̃ fugirião, os mandou apousentar nos seus paços: & el rey rogou a Martĩ afonso, que mãdasse algũs Portugueses com gente sua que queria mandar em socorro da fortaleza. E ele se lhe offereceo pera ir lá em pessoa: o que el rey não quis pelo receo que tinha de lhe fugir, ou de se ir pera Xercãsur, & parecialhe que não indo ele que tornarião os Portugueses q̃ là fossem. E quando Martĩ afonso vio a descõfiança del rey, não quis perfiar em jr: & mandou doze Portugueses em duas fustas, armadas cõ algũs berços: & forão capitães delas Ioão de vilhalobos, & Ioão correa, bõs caualeiros, o que fez mays por satisfazer a el rey, que por lhe parecer q̃ auiã de fazer algũa cousa

cõtra tãta gente: posto q̃ dos Bẽgalas forão muytos, & todos por már em almadias, & quando chegarão á fortaleza, ja Xercansur a tinha tomada, cõ morte de muytos dos q̃ estauão dẽtro. E como os Portugueses erão tam poucos não poderã fazer nada: nẽ menos os Bẽgalas, & tornarãse. E mais porq̃ Xercansur, deixãdo a fortaleza bẽ fornecida de gẽte se foy com ho resto pola ribeira do Ganges abaixo ate defronte do Gouro: cõ determinação de ho passar dali, & a cercar. E porq̃ nisto auia dauer detẽça: mãdou fazer hũa tranqueira defrõte de hũ bayleu das casas del rey q̃ caya sobre o rio. E fazẽdose esta tranqueira hũs rumes q̃ morauã em Bengala cõ enueja do muito cabedal q̃ el rey fazia dos Portugueses: se lhe offerecerão pera irẽ impedir q̃ se nã fizese: o q̃ auià por grãde injuria estãdo eles ali. E pera se fazer ho feyto milhor disserã a el rey q̃ fossem tambẽ os Portugueses. O q̃ Martĩ afonso nã quisera, pera q̃ vira el rey o q̃ os rumes fazião indo sós: E por lho el rey rogar, mãdou oyto todos despĩgardas em hũa fusta bẽ artilhada, & os rumes forão em duas chàpanas em q̃ leuauà algũs tiros a q̃ querẽdo dar fogo, se acẽdeo na poluora dãbas: & por isso se tornarã sem chegarẽ á tranqueira, a q̃ chegarão os Portugueses, tirando muytas bõbardadas & espingardadas. E como os bẽgalas tinhã grãde descõfiança dos Portugueses, vẽdoos tão poucos & chegarse tãto á trãqueira, não faltou quẽ dissese a el rey q̃ estaua no bayleu olhãdo o q̃ farião, que não se chegauã tanto, se não pera se deitarẽ cõ os Patanes que os fizese tornar, & assi ho fez. E por se tirar da sospeita q̃ tinha determinou de tomar a todos as armas: dizẽdo a Martĩ afõso q̃ o não fazia: se não polos escusar de pelejarẽ, porq̃ não queria q̃ morresse nenhũ pera os mãdar todos viuos ao gouernador. E cõ toda esta desculpa Martĩ afonso lhe disse, que não deixaua de cuydar q̃ ele tinha sospeita dos Portugueses lhe fugirem & por isso lhes mandaua tomar as armas pedindolhe muyto q̃ ho não sospeitasse: porque os Portugue-

ses erão tam leays q̃ não auião de fugir: posto que ele não ficara em terra, quanto mays ficando: & que quanto fazião era com desejo de ho seruirem, por amor das merces que lhes fazia. & assi lhe disse outras cousas, abonãdoos. E el rey lhe deu por desculpa o que tinha dito.

CAPITVLO CXXVIII.

De como el rey de Bengala fez paz cõ Xercansur.

Acabada a tranqueira que Xercãsur mãdou fazer, determinou dapertar mays ho cerco, & mandou passar muyta parte da sua gente da bãda da cidade, que passou em almadias, por não ter outra embarcaçã: & por ho rio ser estreyto passauã os caualos & os alifantes a nado, & cada hũ leuaua atados nas ilhargas dous odres de peles de vacas, porque os não leuasse a corrente dagoa que he grandissima. E vẽdo el rey que passauão, fiãdose ja de Martim afonso, rogoulhe que se podesse estoruasse a passagẽ aos ĩmigos: E ele foy em hũ parao: & mandou a Duarte dazeuedo que fosse em outro, & leuarão os Portugueses que erão quinze ou pouco mais. & assi forão muytos Bẽgalas, que como virão os patanes fugirã logo, tamanho medo lhe auião, & os Portugueses ficarã sós & por serem tam poucos não poderã pelejar com os Patanes: & mays porque algũs que cometerão pera isso se afastarã, tirandolhes muytas frechadas: & deixarãlhes dous alifãtes, que os Portugueses lhes tomarã. E vẽdo Martĩ afonso q̃ nã podia mays fazer, tornouse a terra, & leuou os alifantes a el rey q̃ tudo vio donde estaua: & como os Bẽgalas fugirão, & deu muytos agardecimẽtos a Martim afonso, q̃ acodio logo cõ os Portugueses, & Bẽgalas à parte por onde os Patanes poderião cometer a cidade, q̃ estaua cercada de trañqyras cõ algũa artelharia: Porem os Patanes nã curarão disso, nẽ fizerão mays despoys de desembarcarẽ, q̃ assentar seu arrayal, assi estes como os q̃ des-

poys passarão, no q̃ se deteuerão algũs dias, & el rey ficou tã cõtente do esforço q̃ Martĩ afonso mostrou aq̃le dia em ficar cõ os Portugueses antre os Patanes, despoys de os Bengalas fugirẽ, q̃ lhe mandou dar hũa cabaya & mil tangas de Bẽgala, q̃ sam duas mil & quinhentas das da India, q̃ pola moeda Portuguesa, erão cẽto & quorenta & cĩco mil rs, & dali por diante lhe mandou dar pera comer seys tãgas cada dia, q̃ erão noue cẽtos rs, q̃ por a terra ser tã barata como disse no liuro quarto, fundião mays do que ca fundẽ dez cruzados. E a cada hũ dos Portugueses mãdou dar hũa tãga, q̃ eles poupauão, por Martĩ afõso lhes dar de comer, a q̃ el rey dali por diãte ficou tã afeiçoado & tinha nele tamanho credito, q̃ lhe prometeo de dar lugar ao gouernador pera q̃ fizesse hũa fortaleza ẽ Chatigão & outra em Satigão, & mais porq̃ preguntando a Martim afonso, se lhe mandaria o gouernador mil Portugueses pera ho ajudarem, & artelharia, lhe disse q̃ sy. E porem porq̃ isto auia de ser cõ irẽ primeyro á India & tornarẽ, o q̃ ele não podia esperar, por Xercãsur apertar muyto ho cerco, começou de tratar coele paz, do que deu cõta a Martĩ afonso, & q̃ Xercãsur lhe pedia por lhe dar paz treze leques douro: & cada leq̃ tẽ quarenta & cinco mil pardaos, que fazẽ soma de quinhentos & vinte cĩco mil pardaos. E Martim afonso lhe disse q̃ não deuia de dar aq̃le dinheiro, porque coele lhe auia Xercãsur de fazer guerra: & com tudo el rey não deyxou de o dar, cõ condiçã q̃ Xercansur ficasse seu vassalo, & primeiro q̃ se fosse lhe fizesse reuerẽcia, & ele lha fez da borda do rio estando antre sua gente, & el rey defronte no seu bayleu, & diziasse q̃ ele dera a Xercansur outros treze leques secretamẽte por fazer paz coele, assi polo aperto em que estaua, como tambẽ polo muyto q̃ perdia na guerra. E não se espante ninguẽ deste rey, dar tanto dinheyro: porque el rey de Cãbaya disse em Diu ao gouernador Nuno da cunha, que ho tesouro del rey de Bengala era tamanho como

ho seu, & como ho del Rey de Narsinga, que erão dos mayores que se sabião naquelas partes. E posto que el rey ficou desapressado da guerra de Xercansur nẽ por isso deyxou de fazer a Martĩ afonso a honrra q̃ lhe dantes fazia, cõ que estaua tão acreditado na corte, que muytos senhores & outras pessoas principaes ho tomauão por terceyro cõ el rey, pelo q̃ era muyto honrrado de todos, & lhe mandauão muytos presentes, & por amor dele erão muy estimados os outros Portugueses, & andauão muyto luzidos & tam seguros como em Lisboa. E el rey despoys de se ver liure da guerra, ou por outra causa, mudou a võtade q̃ tinha de dar fortalezas a el Rey de Portugal ẽ Chatigã & Satigão, se não as alfandegas cõ casas de feytoria, & assi ho disse a Martim afonso, que lhe lẽbrou q̃ não prometera se não fortalezas: & porq̃ vio q̃ el rey não estaua nisso não quis perfiar, & disselhe que desse o que quisesse. E por seu rogo fez el rey juyz da alfandega de Chatigão a Nuno fernãdez freyre, dãdolhe hũ grãde circuito de casas, em q̃ morauã mouros & gẽtios, pera q̃ rẽdesse parele, & o q̃ rendesse a chapa de chatigã, & lhe deu outros mujtos poderes de q̃ todos os da terra estauão espantados, ser el rey tã amigo dos Portugueses, q̃ os q̃ria arreygar na terra. E ho juyz dalfãdega de Sategão q̃ era menos, deu a Ioã correa, & logo ele & Nuno fernandez se forão pera estas duas cidades a seruir seus officios, do q̃ os Goazis delas estauã muy tristes, porq̃ lhes tirauão ho poder q̃ tinhã, prĩcipalmente ho de Chatigão q̃ era mayor.

CAPITVLO CXXIX.

De como el rey Dugentana fez paz cõ dom Esteuão da gama.

Atras fica dito, como despoys q̃ el rey Dugẽtana foy desbaratado por dom Esteuã da gama, & destruyda sua fortaleza, q̃ fez outra mais pelo rio acima, dõde fazia guerra a Malaca como dantes. E determinãdo dõ Esteuão de ho destruyr, tornou a fazer hũa armada como a q̃ leuara da outra vez & partiose pera lá, & sendo junto do rio de Muar lhe deu hũa toruoada cõ que se alagou hũa fusta em q̃ ele hia, indo dõ Esteuão em hũ baileu, q̃ hia sobre ho tẽdal da fusta, q̃ se despregou quãdo se a fusta foy ao fundo, em q̃ morrerão quatro dos nossos, & os outros escaparão, & assi escapou dõ Esteuão no bayleu, & perdeose hũa arca com a sua prata. E vendo isto todos os da frota, lhe disserão q̃ se tornasse & não fosse auante, & q̃ se reformaria doutra fusta & de gente: como que tomauão aquele desastre por mao pronostico, o q̃ ele não quis fazer, mostrãdo muyto esforço, dizẽdo q̃ não cria em agoiros, & q̃ esperaua em nosso sñor de ser tão ditoso naq̃la empressa como fora na outra. E assi foy q̃ destruyo a fortaleza q̃ el rey Dugẽtana tinha muyto forte, & bẽ artilhada & com muyta gẽte, & lha queymou & tomou a artelharia. E porq̃ o não pude saber particularmente ho digo ẽ soma, & assi lhe tomou algũas lãcharas, & se tornou pera Malaca. E vendo el rey Dugẽtana que não se podia defender de dõ Esteuão, lhe mãdou cometer pazes por seu embayxador, & ele lhas outorgou coestas cõdições q̃ daly por diãte não fizesse mays nauios de guerra & os q̃ teuesse fossem pera seruir cõ mercadorias, & que pagasse de pareas cadano a el rey de Portugal duas lancharas aparelhadas, q̃ lhe auia de mandar a Malaca, & q̃ em nhũ nauio q̃ fosse a Malaca, não fizesse nenhũa

força nem roubo. E quãdo os capitães de Malaca teuessẽ necessidade de remeyros ou doutra qualq̃r cousa lhos desse, & quãdo seus ĩmigos lhe fizessẽ guerra, ou se rebelasse algũa terra o fizesse saber ao capitã de Malaca pera o ajudar: & auia de ser vassallo del rey de Portugal. E disto tudo se fizerã escrituras assinadas por el rey & por dõ Esteuão, & ficarão dali por diante em paz. E despoys disto mandou dõ Esteuã hũ fidalgo chamado Antonio de sousa por capitão mór de cinco fustas, a hũa cidade chamada Péra quorenta legoas de Malaca pera o norte: cujo rey tinha paz cõ el rey de Portugal. E sẽdo Antonio de sousa na costa deste reyno achou hũ capitã del rey de Péra chamado Tuãomarra pelejãdo em hũa lanchara cõ dous jungos q̃ ho tratauão mal. E conhecẽdo Antonio de sousa quẽ era lhe acodio & com sua chegada fugirão os jungos. E Tuão marra lhe disse que aq̃les jũgos erã da cõpanhia de Tuão mafamede capitão mor do már del rey Dugẽtana, com quẽ tinha deferença porq̃ acolhera em hũ jungo (daq̃les com q̃ ho achara pelejãdo) certos vassalos del rey de Pera, q̃ se lhe leuantarão cõ muyta fazenda, & hião fugidos pera Achẽ, cujo rey era ĩmigo del rey de Pera amigo del rey de Portugal. E poys el rey dugẽtana ho era tambẽ, & Tuão mafamede era seu vassalo, lhe pedia q̃ fizesse coele que lhe entregasse os aleuantados. E Antonio de sousa lhe disse que si: & forãse ambos em busca de Tuão mafamede, q̃ andaua hi perto: & auendo ele vista deles cuydou que hião pera pelejar coele, pos se em defensam, começando logo de lhe tirar ás bõbardadas. E posto q̃ Antonio de sousa nem Tuãomarra lhe nã tirauão, & leuantarão bandeira de paz, ele não deixaua de tirar, parecendolhe q̃ ho querião tomar cõ engano. Pelo q̃ foy forçado a Antonio de sousa & a Tuão marra, tirarẽlhe tambẽ com sua artelharia: o q̃ ele vẽdo ouue logo medo pelo pensamento q̃ trazia & fugio: & porque ho seguião, parecẽdolhe que não podia escapar, lãçouse ao már ferido em hũa perna de hũa espingardada & assi

se acolheo a terra q̃ era perto, & lá morreo da ferida que leuaua, & o mesmo fizerão os seus, & a lanchara em que andaua ficou em poder de Antonio de sousa. Tomada esta lãchara Antonio de sousa foy logo pelejar cõ ho jungo dos aleuãtados, que lhe Tuão marra mostrou, & forão coele tres fustas de sua conserua: os do jungo erão muytos & homẽs de feito, & leuauão muyta artelharia, & porisso se defendião valentemente, posto q̃ os nossos pelejauão com muyto esforço, & lhes fazião muyto dãno. E indo Antonio de sousa pera aferrar ho jũgo, desparou dele hũa bõbardada que lhe deu por hũ giolho & leuoulhe a perna em pedaços, & ele cayo ao már, por estár em lugar pera isso, & como hia armado foise logo ao fũdo. E morto Antonio de sousa, os nossos deixarã ho jungo & tambẽ por ser noite, & os q̃ hião nele se forão na volta do már, & os nossos se tornarão a Malaca com a lanchara de Tuão mafamede.

CAPITVLO CXXX.

De como Tristão datayde mãdou pedir socorro.

Entrado ho mes de Ianeiro do ãno de M.D.xxxvj. em q̃ as naos auião de partir de Maluco pera a India, despachou Tristão dataide todos os jungos de mercadores que estauão pera partir, porq̃ lhe leuauão ho seu crauo de graça. E nũca quis que a nao Sanctisprito que era del rey tomasse carrega, dizendo q̃ elrey não tinha crauo cõ que se carregasse, sobre o q̃ Rodrigo rabelo feytor desta nao lhe fez hũ requerimento, dizendo q̃ defendesse que ninguẽ cõprasse crauo ate aq̃la nao ser carregada, como o gouernador Nuno da cunha mandaua por hũ seu aluará, q̃ logo lhe apresentou, em q̃ tambẽ defẽdia q̃ nã fosse de vazio pola perda q̃ el rey receberia nisso: & q̃ auia muito crauo q̃ ele daua aos jungos dos mercadores por lhe leuarẽ ho seu de graça. E tristão dataide não quis, & deixou ficar a nao: sobre o que

Rodrigo rabelo lhe fez outro requerimento, dizendo q̃ se perderia a nao de todo se ficasse, por auer dous annos q̃ não fora tirada a mõte, & apodreceria & se comeria do gusano. E cõ tudo Tristão dataide não quis, antes ho tratou muyto mal de palaura, & lhe quis dali por diante mal. Tambẽ Tristão dataide mandou nesta moução Diogo sardinha capitão mór do mâr da fortaleza, com cartas & requerimentos pera ho capitão que esteuesse em Banda, & pera ho de Malaca, & pera ho gouernador da India, em q̃ lhes auia a fortaleza por emcampada se lhe não mandassem logo socorro de gente, armas & mantimentos pera a guerra que lhe os mouros fazião, contãdo quã apertada era, & a necessidade em que estaua: & mãdouho em hũa barcaça em que auia de tornar de Banda Ioã de canha pinto que hia coele. E a pos ele mandou hũ Dinis de payua cõ os mesmos requerimentos. E chegados a Banda acharã por capitão Anrique mendez de vascõcelos, de q̃ fiz menção a traz, que vistos os requerimentos & cartas de Tristão dataide, lhe mãdou logo ho mais socorro que pode, assi de mantimentos, de gente darmas & munições, & mandoulho em hũ jungo, de que foy por capitão hũ fidalgo Castelhano chamado dõ Fernãdo de Mõroy. E tambẽ hũ piloto q̃ auia nome Luys froez cõprou hũ jungo, & carregado de mantimentos com algũs portugueses q̃ acquirio, se foy em companhia de dõ Fernando, & Ioão de canha pinto.

CAPITVLO CXXXI.

De como os mouros quiserão queymar hũa nao dos Portugueses & não poderão.

Vendo estes reys das ilhas de Maluco a defensam q̃ achauão nos Portugueses, determinarão de queimar a nao Santisprito q̃ estaua em Talangame, de q̃ era capitão Francisco de sousa: & ho jũgo de Fernão anriquez q̃ se estaua acabando, & estaua fortalecido com hũa tran-

queira. E esta queima auia de ser de jangadas de madeira sobre joangas, metida por antrela muyta rama seca, & assi breu & alcatrão: & em quanto se isto fazia cessarão suas armadas de andar no mar, de que hũ dia desaparecerã, & tardarão bẽ dous meses em tornar, o que foy grãde bẽ pera Tristão dataide & os q̃ coele estauão, que neste tẽpo descansarão dos grandes trabalhos da guerra: porq̃ nem por terra lhes dauao os ĩmigos rebates, & podião seguramẽte yr buscar mantimentos hũa legoa da fortaleza, em que não achauão nenhũs, por serẽ todos os çagueiros cortados, & assi palmeiras, & as eruas, que não auia aruore nẽ erua de que se podessem aproueitar, q̃ eles por hũ cabo & os da terra polo outro tudo tinhão leuado: & da terra não lhe ficaua já outro mantimẽto que podessem auer mays facilmente que ho pescado & marisco: ainda q̃ era muyto caro, por não auer quẽ ho vendesse se não ho çamarao q̃ o mãdaua pescar, & vendiao muyto á sua võtade que daua hũa sardinha por cincoẽta rs, & hũa cauala por seys vintẽs. E bem mostraua ser immigo dos Portugueses, que nenhũa piedade auia deles ainda que os visse doentes, nem os socorria como fazia Cachil daroes no tempo de Antonio de brito, que os remediaua & acodia com ho que tinha, como que fora pay de todos. E inda que os portugueses andauão muy escãdalizados do çamarao, por entenderẽ sua roindade, dissimulauão por amor de Tristão dataide que sabiã que era seu amigo: & foy a fome tamanha antre os Portugueses, que não ficou cão nem gato, nẽ bogio, nẽ ratos, que não fossem comidos, & era a carestia tamanha dalgũs mãtimẽtos que auia, que era cousa espãtosa, porq̃ hũ alqueire darroz valia cinco cruzados, & hũa jarra de çagu vinte cinco cruzados & trinta, & não abastaua a hum só homẽ mais q̃ hũ mes, & ainda a não comer muito, hum porco vinte mil rs, & hũa cabra oyto mil, & hũa galinha quatro cruzados & hũ ouo trinta rs, hũa jarra de vinho da terra dezaseys cruzados, & hũa pipa de vinho de Portugal

cem mil reys, & a trezẽtos cruzados a escolher. Hũa panela pera fazer de comer hũ tostão & mays. Hũa saya de malha, ainda que fosse roym cento & cento & cincoenta cruzados, hua espingarda trinta, hũa lança vinte & cinco, & hũa espada ho mesmo, & hũa adarga outro tanto: & hũ punhal doze cruzados, ho vestido & calçado não tinhão preço. E com quanto esta carestia era tamanha, & a gente fosse grandemente atormentada da fome, sentião algũ descanso em se verem desapressados da guerra estes dous meses. Se não quando hum dia subitamẽte em amanhecendo aparecem ao már de Talàgame bẽ trezentas velas dos ĩmigos que cobrião ho mar, & foy muy medonha cousa de ver pera os Portugueses. E por terra apareceo tambẽ muyta gẽte de guerra: & era a causa, porq̃ em quãto as jãgadas de madeira que vinhão coesta frota queimassem a nao & outros nauios, acoderia a gente por terra a dar na trãqueira, & queimalahia cõ o jũgo q̃ estaua em terra: & isto auia de ser em decendo a maré. Vendo Frãcisco de sousa este aparato deulhe na vontade ho pera q̃ podia ser: & como era muito esforçado não se toruou, antes teue muy bõ cõselho pera atalhar aos mouros q̃ lhe não queimassem a nao, cercandoa cõ muytas vigas deitadas nagoa, & bẽ amarradas q̃ esteuessem q̃das, pera que as jangadas de fogo não podessẽ chegar á nao: & nisto gastou aq̃le dia: q̃ tãbẽ os mouros gastarão em chegarẽ a Talangame, onde Frãcisco de sousa os recebeo cõ muytas bõbardadas que a nao & o jũgo tirauão muy a miude, & assi os outros nauios, com q̃ lhe não poderão chegar: nẽ a gente da terra bolia consigo: esperãdo q̃ os do már fizessẽ obra, & como foy noyte mandou Francisco de sousa hũ homẽ por terra dizer a Tristão dataide como ficaua, q̃ lhe acodisse: & por ele respondeo q̃ logo hia. E auido conselho, mandou da melhor gente da fortaleza nesses nauios que tinha, de q̃ foy por capitão mór hũ fidalgo homẽ didade q̃ auia nome Esteuã de chaues, & forã os capitães Antonio pereira, Iorge

dataide, Antonio de teiue, Luys de braga, Iorge de brito, Ioã figueira, Baltesar veloso, Baltesar vogado, Iorge goterrez, & outros q̃ partirã cõ o nauio bẽ artilhado: & em chegãdo a tiro de berço da frota dos mouros poẽ a proa neles desparãdo seus tiros, a q̃ eles respõderã cõ os seus, que como não erão tam furiosos: nã lhe fazião tanto dano como recebião, & por isso lhes derão lugar que entrassem. E vẽdoos Frãcisco de sousa vir saltou cõ outros nesses paraos q̃ tinhão, & jũtos cõ os que vinhaõ em socorro remetẽ as jangadas que estauão em seco cõ ho peso da madeira, & poserãlhes ho fogo cõ panelas de poluora, & a pesar dos mouros do mar & da terra que as querião defender arderam todas, & sobristo forão feridos algũs de hũa parte & da outra. E como os mouros virão arder as jangadas, & que não tinhão remedio, afastarãse assi os da terra como os do mar, & forãse dãdolhe os Portugueses grandes apupadas, & Esteuão de chaues se tornou pera a fortaleza, onde derão muitas graças a nosso senhor por tamanha vitoria.

CAPITVLO CXXXII.

De como Tristão datayde tornou cometer paz aos mouros & naõ quiserão.

Parecendo a Tristão dataide, q̃ coesta vitoria ficariam os ĩmigos mays brãdos, quis ver se querião paz, o q̃ mãdou cometer polo çamarao, & eles respõderão como dãtes, & diziase que por conselho do mesmo çamarao, que lhe descobria ho aperto de fome em q̃ os Portugueses estauão. E por dar a entender que falaua nas pazes, falaua alto na lingoa Malaya, porq̃ auia algũs que a entendião: & ho seu filho mais velho q̃ andaua cõ os mouros como ho via fazia que pelejaua coele, & dizialhe na lingoa Malaya porque não se passaua pera os mouros, & estaua com os perros dos Portugueses, & ele lhe respondia cõ grãde furia que melhor estaria ele &

seus amigos com os Portugueses, de q̃ tinhão mais necessidade que dos mouros, & antristo lhe dizia por hũa lingoagem q̃ ha na terra, que he como ho latim antre nos (que nenhũ portugues entẽdia) as necessidades em que eles estauão, & que não cessassem da guerra, q̃ muy asinha os tomariào cõ fome, & por dessimulação vinhão nesta pratica a pelejar, & ho filho mostraua ao pay os cotouelos & as solas dos pés, que he como antre nos ho mostrar das figas, que he ho mayor desprezo & injuria que hũa pessoa pode fazer a outra. E sabendo Tristão datayde como os mouros não q̃rião paz, tornou a prosseguir a guerra ho mais brauamente que pode, assi por mar correndo a ilha ao derredor, como por terra indo sobre algũs lugares que tomaua: & aos mouros que catiuaua deles mandaua assar: & faziã os portugueses q̃ os comião, pera se manterem coeles, & outros mandaua aos mouros cõ as maõs cortadas, & orelhas, & narizes, pera que os espãtasse quàdo soubessem que os assauão, mãdãdolhes dizer q̃ assi auia de fazer a todos. E mandãdo hũ dia assi hũ destes, por naõ yr daquela maneira onde os seus naturays ho vissem, determinou de se matar, & por não ter com q̃, se deitou nagoa de que bebeo tanta que se afogou, do que os portugueses ficarão espantados. E chegando neste tẽpo ho socorro que hia de Bàda, como disse atras, pera Tristão datayde fazer mais guerra aos mouros, tomoulhe os dous melhores portos que tinhão, que erão ho de Toloco, & ho de Tabãga, & no de Toloco mandou poer hũa barcaça, de que era capitão Ioã de canha pinto, com trinta homẽs, & hũa carauela com outros tantos no de Tabàga. E estes nauios estauão ali como fortalezas: & em aparecendo os mouros por màr, ou por terra, tirauanlhe com a artelharia, & a fora isso estauão os nauios de remo repartidos nestes dous portos, & dali corriào à costa da ilha, & fazião quanto dãno podião. E porq̃ os capitães não podiào dar de comer muyto tẽpo aos soldados q̃ andauão coeles, reuezaua Tristão datai-

de as capitanias a quẽ podia dar de comer, & desta maneira sostinha a guerra: de q̃ tambẽ os mouros da ilha estauão muyto apressados por estarẽ encerrados. E ainda q̃ as armadas de seus ĩmigos que andauão pelo már erã muytas não podião defender aos Portugueses que lhes nã fizessem guerra nem podião aferrar coelas, por amor das cangalhas das suas joangas & corascoras que deitauão muyto pera fora como postiças de galê, & mays erão tam fracas, que auiã medo q̃ qualquer tiro que lhes desse as fizese em pedaços, que se isso não fora, não deixarão daferrar cõ os Portugueses como despoys fizerão.

C A P I T V L O CXXXIII.

De como Tristão dataide destruhio a cidade do Toloco.

Prosseguindo assi Tristão dataide a guerra cõtra os mouros, determinou de tomar a cidade de Toloco, cuja pouoação mudarã pera cima da serra onde estauão muyto fortes: & auida por Tristão dataide hũa guia que o leuasse a esta cidade, ordenou de a tomar, & que Francisco de sousa fosse com cincoenta homẽs escolhidos pela bãda da terra, por onde ho leuaua ho guia, & ele cometeria da parte do már, porq̃ os mouros acodissem ali, & deixassem despejada a parte da terra, & assi se fez, que em rompendo ho dia, se mostrou Tristão dataide da banda do már cõ sua gente, tocando suas trombetas, & desparando sua espingardaria, a que os mouros acodirão logo, deixãdo cair da rocha muytas & grandes galgas & vigas, & tirando espingardadas, & muytos arremessos com que ferirão algũs dos Portugueses: & nisto chegou Francisco de sousa pela banda da terra & deulhe nas costas: o q̃ lhe fez tamanho medo que fugirão pera ho mato: & os Portugueses entrarão a cidade, & saqueada dos mantimentos foy queimada & destruyda, do q̃ os mouros da ilha ficarão muyto quebrados, porque vendo tam asinha destroida aq̃la força q̃ era tam

forte, pareceolhes q̃ era por demays defenderẽse aos Portugueses, a q̃ vião que dauão de comer nos mantimentos q̃ lhes eles tomauão, pelo q̃ mandarã dizer a el rey Cachil dayalo que estaua em Tidore, que lhes desse licença pera despouoarem de todo a ilha de Ternate, dãdolhe as causas que auia pera isso. E como ele nã desejaua outra cousa, parecẽdolhe q̃ com isso danificaua muyto os Portugueses, respondeo que si: com ho parecer del rey de Tidore & dos outros reys. E porque a ilha não se podia assi despejar, por amor da nossa armada, consultarão ho modo q̃ terião pera a despejarem a seu saluo: & em quanto tomauão este conselho, não andauão suas armadas no mar, tam continuas como costumauão: o que vendo Tristão datayde determinou de mãdar saltear ho reyno de Geylolo, de que lhe pareceo q̃ el rey estaria muy descuydado, por lhe parecer que em tal tempo não ousaria Tristão dataide de mandar lá sua armada que logo mãdou, & por capitão mór Antonio pereira capitão mór do már, & coele os outros capitães nomeados a tras, & assi o çamarao. E chegãdo antemenhaã a Geilolo, sayrão em terra & queymarão hũa mezquita que estaua junto da praya: & acodĩdo os Geylolos, os Portugueses se embarcarão logo sem afronta: mas em outro lugar pequeno que quiserão cometer mays a diante, a receberão assaz, q̃ como a terra estaua apelidada sayrã logo os mouros a recebelos á praya, & fezerãnos ẽbarcar em q̃ lhes pez, & matarãlhe hũ homẽ: & coisto feito se tornarão pera casa, ficando os mouros muyto soberbos, por resistirẽ daquela maneira aos Portugueses: a que de todo perderão ho medo.

CAPITVLO CXXXIIII.

De como foy morto polos mouros Baltesar vogado.

Ho conselho que estes reys ouuerão pera se despejar a ilha a saluo da sua gente, foy q̃ cometessem paz a Tristão dataide, pera q̃ mandasse despejar os portos que tinha pejados, & irẽ ali suas armadas de noyte tomar a gente, & passala a Geylolo pera onde auia dir, por não caber em Tidore. E sabido pelos Ternates este ardil, auida fala do çamarao, mãdarã dizer por elle a Tristão dataide, que erão contentes de fazerẽ paz coele: & de tornarẽ a pouoar a cidade de Ternate: porẽ que pera se isto fazer, era necessario ajũtarẽse todos os q̃ andauão espalhados pola ilha principalmente molheres & meninos, q̃ todos auião de dar seu parecer. E que não se podião ajũtar cõ medo dos nauios que estauão naq̃les dous portos, q̃ os mandasse dali tirar, & recolher sua armada, & q̃ se ajuntarião. Do que Tristão dataide foy contẽte, porq̃ alẽ de desejar a paz, sabia q̃ auia muyto crauo que desejaua de cõprar. E despejados os portos, vinha de noite a armada de Geylolo, & leuaua os mouros poucos & poucos. E ja q̃ erão quasi todos idos q̃ não ficaua senão Poyo filho do çamarao cõ algũs de sua valia, que determinaua de ficar com os Portugueses pera dissimulação, mandou dizer a Tristão dataide que ja tinha assentado com os mouros de fazerẽ a paz, que auião por feyta, q̃ mãdasse algũs capitães q̃ lhe dessem goarda pera se irẽ pera a cidade de Ternate. & Tristão dataide mandou a isso Francisco de sousa, & Baltesar vogado em dous bargâtins, que indo peraisso, em dobrando hũa ponta, virão a armada del rey de Geylolo que os estaua esperãdo por auiso de Poyo que estaua em Tabãga. E os mouros vendo os dous bargâtins forãse dereitos a eles desparando sua artelharia & espingardaria, & muytos arremessos, & ho mesmo fez Baltesar

vogado, que era muyto valẽte caualeiro, que hia diante de Frãcisco de sousa. E logo neste primeiro encontro ouue algũs feridos de hũa parte & doutra. Porẽ como os mouros hiã determinados dabolroar cõ os Portugueses, sem medo da sua artelharia, em acabando a primeyra çurriada, aferrou com Baltesar vogado hũa poderosa joanga, em q̃ irião bẽ duzẽtos mouros todos gente luzida & de feito que saltando logo no bargantim, matarã a Baltesar vogado & quantos hião coele pelejando ele & eles primeyro cõ muyto esforço, & vingãdo muy bẽ suas mortes com muytos mouros que matarão. E vẽdo Francisco de sousa tantos mouros, & que seu socorro a Baltesar vogado não aproueitaria de mais que de ho tomarem, tornouse com a mayor pressa q̃ pode a Talangame, onde ficaua Tristão dataide, q̃ sabẽdo como Baltesar vogado ficaua, & a grossa armada dos mouros, vio q̃ não aproueitaua socorrerlhe, porq̃ ja auia de ser morto: & entre tanto q̃ lá fosse segundo os mouros auiã de ficar soberbos jrião dar na fortaleza, & queimarião a pouoação dos Portugueses, pelo q̃ se partio logo pera a fortaleza, & deixou Francisco de sousa em Talangame.

CAPITVLO CXXXV.

Do mays que os mouros fizerão despoys de tomarẽ ho bargantim.

Da morte de Baltesar vogado & dos outros Portugueses, & da tomada do bargantim, ficarão os mouros de Geilolo soberbissimos, & cõ presunção dos mais esforçados daquela terra, & doutras muytas, poys ousarão de ser os primeiros que abolroassem nauios de Portugueses, & ho tomassem cõ morte do capitão, & leuarão ho bargantim a el rey de Geilolo com as cabeças dos mortos, que fez aos capitães grãdes merces, do q̃ os mouros de Tidore ouuerão tamanha enueja quando ho souberão, que jurarão de tomar a primeira vela que saysse da for-

taleza, donde Tristão dataide não ousaua de sair, por lhe não acõtecer outro desastre: pelo q̃ Poyo filho do çamarao q̃ estaua em Tabàga, & os da sua valia não forão pera a fortaleza. E sabẽdo os mouros que Tristão dataide não ousaua de sayr dela, sayão nela esses que andauão por már, principalmente os de Geilolo, & punhãse em ciladas pera os que saissem da fortaleza, ou dos nauios q̃ estauão em Talangame, de q̃ acertou de sayr hũ dia Fernão anriquez, a buscar hũ pao pera hũ leme, com sua gente, & com a de Francisco de sousa: & sayranlhe de hũa cilada os mouros, que como erã muytos matarão logo obra de dez Portugueses, & mays de quorenta escrauos, & não escapara nenhũ se a trãqueira não fora tã perto, onde se os Portugueses acolherão. E quando Tristão dataide ho soube, determinou de se auenturar a jr lá a ver como aquilo fora, & tambẽ pera leuar çagu pera a fortaleza de hũs jungos que hi chegarão Damboyno, & foy em hũa fusta muyto bẽ artilhada, & acompanhado de cincoẽta Portugueses todos escolhidos. E indo perto de Talangame sayolhe hũa armada del rey de Tidore, que os seguio de maneyra que chegaua a ele a tiro de berço. E ele lhe mandou tirar com sua artelharia, q̃ logo Francisco de sousa ouuio, & sospeitando o que era sahio logo em terra, com a mays da gẽte dos nauios, & foyse ao lõgo do mar pera ajudar a Tristão dataide, que neste tempo acertou de meter hũ pelouro na capitayna dos mouros, em que fez hum buraco que se hia ao fundo, pelo que lhe foy necessario socorrerenlhe os outros nauios, & com isto se deteuerão que Tristão dataide se meteo debaxo da sombra da artelharia das naos. O que visto pelos mouros, & que lhe não podião fazer nenhũ nojo, por estarẽ onde estauão, tornarãse pera Tidore com algũs feridos & mortos. E dando Tristão dataide ordẽ ao que era necessario em Talãgame, tornouse carregado de çagu pera a fortaleza, dõde não ousou mais de sayr por não ter gente & essa q̃ tinha doente & fraca da grande fome & tra-

balho q̃ passauão, como disse a tras. O que vendo os Reys ajuntarãse todos cõ sua gẽte pera jrẽ cercar a fortaleza & tomarẽ os Portugueses viuos cõ Tristão dataide, & lhes darẽ muy cruas mortes. E porq̃ os capitães & soldados lhos tomassem viuos, dauãlhe de beber por os copos por onde bebião, que sam douro, que he a mayor honra q̃ lhe podiã fazer: & entre tanto que se ajuntauão os de fora, os q̃ estauão em casa corrião cada dia a fortaleza, sem lhe os Portugueses ousarẽ de sair & fazião os mouros tamanho arroido de gritas, & estrondo despingardadas, q̃ cõ medo quantos bufaros auia na ilha se deitarão ao már, & nunca mays parecerão. E Tristão dataide esteue em tamanho aperto cõ todos os q̃ estauão coele, que se nosso senhor não leuara lá tão cedo, como leuou Antonio galuão, nenhũ nã escapara.

CAPITVLO CXXXVI.

De como dom Ioão pereira pelejou em Bardes cõ Ianebeque capitão Daçadacão, & ho desbaratou.

Passada a força do inuerno, q̃ as agoas começarão de dar lugar, tornou Açadacão a continuar a guerra contra os Portugueses, & mandou ás terras das tanadarias de Bardes hu seu capitão chamado Ianebeque cõ quatro mil homẽs, de q̃ os quatrocẽtos erã de caualo, & dos outros muytos deles erão espingardeiros, pera q̃ fosse arrecadar as rendas, & prouasse a fortuna se lhe seria mays fauorauel q̃ a çoleimão haga. E como ele entrou na terra cõ este poder, espãtouse ho nosso tanadar, de maneira que se foy pera Goa, & contou ao gouernador o q̃ passaua, que logo mãdou dom Ioão pereira capitão de Goa, q̃ partio na entrada Dagosto com cẽto & trinta de caualo, deles Arabios, deles da terra & forão coele estes fidalgos, dõ Pedro de meneses. Ioão de mendoça. Cristouão de sousa. Lisuarte dandrade. Martim correa da silua, Ioão jusarte tiçâo. Manuel de sousa de sepul-

ueda. Francisco de gouuea. Pero da cunha. Manuel de vascõcelos ho casado. E dos casados de Goa Galuão viegas, Galaz viegas. Antonio da roberada, & hũ seu filho do mesmo nome, & outros q̃ fazião ho numero q̃ digo, & quatrocentos Portugueses de pé, os mays espingardeiros, de que foy por capitã Payo rodriguez daraujo, & quinhentos piães da terra, & seus capitães Crisná & Ralu. E passando dõ Ioão em Pangî, começou a caminhar pera ondestauã os îmigos, q̃ era dali a hũa legoa, & as noue horas do dia ouue vista deles, de cima dhũas serras, q̃ cayão sobre hũas varzeas semeadas darroz, & no meyo delas se fazia hũ palmar, alẽ de hũ arroyo dagoa. E neste palmar que era muyto grande tinha Ianebeq̃ a sua gente de pé, em que auia oytenta espingardeiros, & os mais dos outros erão frecheiros. E dâbas as bandas do palmar estauão os de caualo repartidos em dous esquadrões, & a ordẽ era muy boa, & como quem sabia bẽ da guerra, porq̃ podião todos pelejar sem se embaraçarẽ hũs cõ os outros: E quando os Portugueses virã ho bõ concerto em q̃ os îmigos estauão & quantos erão, algũs q̃ yão na diãteyra se deteuerã, & deyxarã passar algũs dos traseiros: q̃ forã Ioão jusarte tição, Manuel de vascõcelos, Lisuarte dãdrade, Frãcisco de gouuea, Pero da cunha, Galuã viegas, & decendo da serra começarã os nossos piães de rõper cõ os îmigos, q̃ como estauã encubertos no palmar, nã queriã sayr dele, & tirauã dali muy rijo: & nisto saẽ do palmar tres mouros hũ espingardeiro, outro frecheiro, & outro descudo & lãça, q̃ nesta ordẽ pelejauã, & remeterã a hũ Ioão roïz (dalcunha ho taful) q̃ se desmãdou cõfiado na ligeyreza do caualo, & matarâno: o q̃ vendo Lisuarte dandrade, Frãcisco de gouuea, & Pero da cunha, q̃ começauã de chegar, quiserã lhe acodir, mas ja ho acharã morto: E Lisuarte dãdrade q̃ ya diante, cõ quãto nã passaua de dezoyto annos, remeteo aos tres mouros & ferio hũ á mão tente cõ a lãça pola cabeça cõ tãta força, q̃ lhe sayo o ferro por debaixo da barba, & o

mouro cõm o aperto da morte laçou as mãos na lãça tã fortemẽte q̃ a leuou cõsigo ao chão, & Lisuarte dàdrade porq̃ lhe nã ficasse se deceo, & tomàdoa tornou a caualgar cõ muyto perigo, porq̃ acodiã sobrele os ĩmigos: & se nã forã Francisco de gouuea, Pero da cunha, & hũ Fernã roĩz q̃ se poserão diante, tratarãno mal: & neste tempo deu dõ Ioã nos ĩmigos pola outra banda do palmar, cõ tamanho impeto, q̃ logo se desbaratarã & fogirão, principalmente porq̃ sintirão fugir Ianabeque q̃ estaua da outra banda, que dizem q̃ se vio tam apressado de Francisco de gouuea, Pero da cũha, & Lisuarte dàdrade, q̃ o seguiã sem o conhecer q̃ se deceo, & meteose ẽ hũa casa donde se saluou, cõ a reuolta q̃ era grãde dos ĩmigos q̃ fugiã & dos Portugueses q̃ os seguiã, & foram aposeles hũa legoa, em q̃ matarã & catiuarã deles bẽ duzẽtos, & dos Portugueses nã morreo mais q̃ Ioã roĩz, & forã feridos Pero da cunha, & outros algũs: & por ser ja noyte dõ Ioã se recolheo a hũ pagode ẽ q̃ se fez forte. E ao outro dia mãdou descobrir a terra, pera q̃ se ouuesse ĩmigos, fosse pelejar cõ eles, mas ja nã pareciam nhũs q̃ todos se acolherão, & Ianabeq̃ se tornou pera Açadacão muyto triste. E vẽdo dom Ioam q̃ ficaua a terra segura tornouse pera Goa.

CAPITVLO CXXXVII.

De como Antonio da silueira pelejou cõ Çarnabeq̃ capitão Daçadacão em Bardés, & o desbaratou.

Auẽdose Açadacão por muy injuriado de seus capitães serẽ vẽcidos tàtas vezes, nã disistio da guerra: & juntos quatro mil & duzẽtos homẽs de pé espingardeiros, frecheiros, & adargados, & oyto cẽtos de caualo: fez capitã deles a hũ valẽte Turco chamado Çarnabeq̃ q̃ auia pouco q̃ chegara, a q̃ cõtou quantas vezes os seus capitães forã vẽcidos, rogãdolhe muyto que trabalhasse por auer vitoria dos Portugueses, & cõ isto o mãdou á

terra de Bardés: & começãdo de recolher as rẽdas, foy o gouernador disso auisado, & mãdou a Antonio da silueira q̃ se fizesse prestes pera yr pelejar cõ os ĩmigos, & lançalos fora da terra. E porq̃ determinou de mãdar cõ ele a mais gẽte de caualo q̃ podesse: mãdou pregoar q̃ todo homẽ que quisesse yr a caualo, se o nã teuesse, fosse por essas estrebarias de mouros & de Christãos, & tomasse caualo, & andaua o meyrinho a fazelos dar, & cõ tudo por nã auer selas, nã ouue mais de cẽto & oytẽta de caualos Arabios, em que entrarã estes fidalgos, afora outros q̃ nã soube: Ioã de mẽdoça, Frãcisco de mẽdoça, Ioã jusarte tição, Antonio de lemos, Manuel de macedo, Frãcisco de gouuea, Lisuarte dãdrade, Pero da cunha, Ianemẽdez de macedo, Manuel de vascõcelos casado, Frãcisco da silua Dalcobaça, dõ Ioã lobo, Ruy diaz pereyra, Diogo botelho dãdrade, Christouão de sousa de Lamego, Pero roïz porras, Manuel Dazãbuja, Antonio cabral de Sãtarẽ, Iorge de melo punho, Aluaro de mẽdoça, Luys coutinho, Pero barriga, Frãcisco pacheco, Diogo pereira, os outros erã casados & cidadãos de Goa, & deles mesmos yão mais cento & trinta de rocĩs da terra, q̃ faziã numero de duzẽtos & oytẽta de caualo, & quinhẽtos de pé todos Portugueses, & os mais espingardeiros: & foy por seu capitã Ruy diaz pereira, & outros tãtos da terra, de q̃ foy capitã Crisná, & passarã em Pãgĩ em hũ dos dias de Setẽbro, estãdo hi ho gouernador, q̃ fazia muita hõrra a todos os q̃ passauã, & por isso passou tãta gẽte, & tã boa. E passados da bãda dalẽ, começarã de caminhar pera onde estaua çarnabeque q̃ era dali a duas legoas, ẽ hũ vale ãtre duas serras de grãde aruoredo, q̃ chegaua ate as rayzes das serras, & a entrada fortalecida de muytas couas cubertas de torrões cõ herua, porq̃ nã se parecessẽ, & ficaua hũ caminho dobra de doze palmos cuberto daq̃le aruoredo, antre as raizes das serras, & hũa varzia q̃ se fazia ao longo delas, q̃ era terra alagadiça por ser semeada darroz, & não se

podia andar por ela, & cõ isto estaua aq̃le lugar muito forte, & çarnabeq̃ muito cõfiado q̃ auia de desbaratar os Portugueses se ho cometessẽ: & pera os cõuidar a isso, tanto q̃ os vio, q̃ seria ás duas horas despois de meo dia, mãdou a hũ seu capitã q̃ cõ obra de duzentos de pé saysse fora da boca do vale, & se mostrasse aos Portugueses, & tãto q̃ os cometessẽ, se retirassẽ pera dẽtro, onde ele ficaua ẽ cilada cõ os de caualo, & algũs dos de pé polas fraldas das serras q̃ os vissẽ os Portugueses, & q̃ nã cuydassẽ que erã mais pera os cometerẽ. Antonio da silueyra como vio os q̃ sayrão á boca do vale, & vio os outros q̃ pareciã polas fraldas das serras, logo lhe pareceo q̃ era cilada, por saber q̃ antre os ĩmigos auia muytos de caualo, & como lhe isto pareceo, mandou a Ruy diaz pereyra q̃ cõ os Portugueses de pé, porq̃ erã todos espingardeiros, fosse dar nos ĩmigos, & assi mãdou a Galuão viegas q̃ fosse cõ cincoẽta de caualo em fauor dos de pé & estes forã nomeados por ele, q̃ não quis q̃ fossẽ se nã homẽs de feito, & Lisuarte dãdrade lhe pedio q̃ o metesse naq̃le cõto, & ele nã quis por ser mãcebo, & temer de se desmãdar, & todauia Lisuarte dãdrade se furtou & foy cõ os cincoẽta: & quãdo Antonio da silueira ho vio yr nã ho quis mandar tornar, & disse q̃ aq̃les nã se podiã estoruar & q̃ Deos os guardaua. Os ĩmigos como os Portugueses forã deles a tiro despingarda, q̃ lhes começarã de tirar cõ elas, começarã de se retirar pera onde estaua Çarnabeq̃ na cilada, & a este retirar começou de correr Galuã viegas cõ os q̃ yã cõ ele, & indo assi corrẽdo, cayrã bẽ quinze nas couas q̃ estauã cubertas, & o primeiro foy Antonio de lemos, & os outros passarã auãte, & quãto mais se chegauã ao boqueirã das serras, tãto mais chouiã sobreles espĩgardadas & frechadas, & valeolhes yrẽ por debaixo dũ aruoredo de tamarindos muyto basto, em cuja rama q̃braua a furia da mayor parte delas, & assi virẽ pola bãda esq̃rda dõde leuauão as adargas com q̃ se emparauão, q̃ doutra maneyra os mais ouuerã de

morrer, porq̃ ouue adarga em q̃ se acharã despois pregadas sessẽta frechas, & nẽ por isso os nossos nã deixarã de passar auãte, ate dar cõ a cilada q̃ estaua detras do lugar, & por ser a terra apertada tinha çarnabeq̃ os de caualo em fieyras, & a gẽte de pé polas fraldas das serras, & ele diãte dos de caualo, encima dũ poderoso caualo, & ele homẽ grande & mẽbrudo, armado de hũ laudel de laminas, & na cabeça hũa fota, & hũ terçado vazado ate a põta, & cheo dazougue, & cõ esta ajuda, & cõ a grãdissima força q̃ tinha, dizião q̃ fendia dũ golpe hũa bufara polo meo. E em os nossos começãdo dentrar por antre as casas, começã os ĩmigos de desparar muytas bõbas de fogo, com q̃ matarã algũs, & o primeyro foy Frãcisco da silua Dalcobaça, mas cõ tudo isto os nossos entrarã por antre as casas, & chegarã aos ĩmigos de caualo cõ muyto esforço, & cõ eles começarã de pelejar, mas nã teuerã os de pé q̃ os ajudassem cõ as espingardas, porq̃ ficaram muyto atras q̃ nã poderão ter coeles. E como os ĩmigos virão quão poucos os nossos erã, remeterã a eles cõ grãde impeto, principalmẽte çarnabeq̃, & o primeiro q̃ ferio foy Gaspar preto, & alcãçoulho por hũ hõbro & descoseolho tãto, sem lhe aproueitarẽ as armas, q̃ lhe viã latejar os bofes, & a Migel froes deu outro por cima do capacete, q̃ logo deu coele no chão, & juraua depois q̃ dali a quatro dias lhe nã ficara a vista perfeita, & outro deu a hũ q̃ fora porteiro de Lopo vaz de sãopayo, q̃ lhe cortou de hũa orelha ate o olho da outra parte q̃ lhe ficou a cabeça ẽbicada & cayo logo morto, & tirou outro a Diogo botelho dandrade, & errãdoho, tomoulhe o caualo por cima das ancas nas cubertas da séla, & fendeho quasi ate baixo, & em caindo foy Diogo botelho saluo por Cristouão de sousa, & por Lisuarte dãdrade, q̃ lhe derã hũ caualo dos q̃ andauã soltos, o q̃ fizerã cõ grãde perigo, por carregarẽ sobreles muytos mouros, q̃ estauam muyto fauorecidos cõ o esforço do seu capitã: E cõ os nossos serẽ tã poucos os tratauão muyto mal cõ os fe-

rirẽ, & assi aos caualos q̃ todos forão feridos, & algũs mortos, & tãbẽ os q̃ yão neles o ouuuerã de ser sem ficar nhũ se nã fora Pero barriga, q̃ como sabia bẽ da guerra, & vio o perigo dos Portugueses, pera os fazer recolher disse alto: Nã he tempo, ao cãpo, ao cãpo, & dizẽdo isto se começou de recolher, & outros q̃ o ouuyrão começarã de fugir a quẽ mais podia, sem atentarẽ por algũs q̃ estauam cercados de mouros em aperto grandissimo, & hũ destes foy Ioão jusarte tição, q̃ despois de chamar outros q̃ lhe acodissẽ, & nam quiseram, ou ho não ouuiram, chamou duas vezes por Lisuarte dandrade q̃ ya na derradeyra, & detẽdose ele por ver quẽ ho chamaua, arrãca dãtre os ĩmigos çarnabeq̃ cõ outros quatro de caualo, & apos ele outros muytos, pelo q̃ a Lisuarte dãdrade lhe cõueo acolherse indo ferido dũ dos ĩmigos, a que matou o caualo, & quis nosso Señor q̃ começando estes de se desbaratar, chegou Antonio da silueira cõ o resto dos nossos, indo diãte de todos, antre Ruy varela & Pero da cunha, & nas costas Frãcisco de gouuea & Frãcisco pacheco q̃ ya dizẽdo a brados: Sñores, olhai polo vosso capitã? E eles yã tão apertados dos mouros q̃ nã podiã fazer menos, & se Antonio da silueira nã chegara, nã escapara nhũ segũdo os mouros feriã neles, principalmẽte çarnabeq̃, q̃ vẽdo ho socorro q̃ sobreuinha aos q̃ fugiã, porq̃ nã cuydassẽ os nossos q̃ lhes auia medo, se meteo por antreles tã rijo como hũ corisco, & topãdo cõ Antonio da silueira, lhe deu hũ golpe sobre hũ hõbro, q̃ se as armas nã forã tã boas lho cortara, mas atormentoulho de tal maneyra, q̃ depois lhe foy necessario trazer ali hũ emprasto muytos dias, & em ele dando este golpe, Ruy varela & Pero da cunha q̃ ficarã hũ pouco atras Dãtonio da silueyra, lhe puserã as lanças nos peitos pera o derribarẽ mas não poderã, & por isso deixãdo as lãças pegarão nele, & ajudãdoos Frãcisco de gouuea & Lisuarte dãdrade, deram coele do caualo abayxo sem se poder valer, & ele derribado foy logo tão pisado dos pés

dos caualos que nã se pode mais leuantar & ali foy morto: E em caydo acodirão dos seus hũs dezoyto Turcos todos capitães Daçadacão, & forão sobre Antonio da silueira & sobre os outros que estauão coele, & começarã de pelejar muy brauamẽte, porem como çarnabeque era ja derribado, & os seus ho nã vião, & os nossos espingardeiros começassem de varejar com as espingardas, começarã os ĩmigos de se desbaratar & fugir, assi os do vale como os das fraldas das serras, & acabarão de se desbaratar de todo cõ a morte dos dezoyto capitães Turcos, que pelejarão com tanto esforço & valentia, que depois de hũ ser derribado do caualo, remeteo a hũ Diogo pereira que estaua a caualo pera lho tomar, & com tanta força lhe puxou por hũa perna, que lhe rasgou hũa bota. E desbaratados de todo os ĩmigos, que começarão de fugir, seguirão os nossos apos eles até hũ escãpado que foy muyto pouco espaço, & Antonio da silueira não quis que passassem dali, receando que ouuesse outra cilada, por ver yr os immigos de caualo muyto de vagar pola serra acima por caminhos que tinhão feitos, & este vagar segũdo se depois soube, era por amor de recolherẽ os de pé. E mandando Antonio da silueira deter os nossos, chegou Crisná, & requereolhe da parte de Deos & del rey que o seguisse & fosse apos os ĩmigos q̃ yão muyto desbaratados & que os matarião todos, & se não q̃ lhe desse licẽça pera os seguir cõ os seus piaẽs, porq̃ eles abastariã pera matar todos os ĩmigos, como fizera quando passara com dom Ioã pereyra a Salsete, que fizera afogar tres mil almas, & Antonio da silueyra não quis polo receyo da cilada, contentandose cõ desbaratar os ĩmigos, de q̃ forão mortos çarnabeq̃ & os dezoyto capitães, & quatrocẽtos outros, & muytos feridos, & só a morte de çarnabeq̃ bastara pera esta ser hũa muyto grande vitoria como foy, de q̃ Açadacão ficou tão quebrado, que nũca mais ousou de mandar nhũa gente que pelejasse em campo com os Portugueses, de q̃ morrerão nesta batalha, Francis-

co da silua Dalcobaça, Manuel dazambuja, o que foy porteiro de Lopo vaz de sãopayo, Pero rodriguez porras, & outros tres, & forã feridos, Ioã de mẽdoça, Aluaro de mẽdoça, Ioã jusarte tiçã, Lisuarte dàdrade, Gaspar preto, Antonio da raboreda, o moço, & outros algũs: & durou esta batalha das onze oras até as tres.

CAPITVLO CXXXVIII.

De como Antonio da silueira fez hũa tranqueyra em Bardes.

Recolhidos os Portugueses, mãdou Antonio da silueira ver hũ esteyro q̃ ya ter ali perto, a ver se estauão hi hũs bateis, q̃ lhe o gouernador dissera q̃ auia ali de mãdar cõ gẽte q̃ esteuesse naq̃le esteyro, porq̃ auiã os ĩmigos de passar por ele & os atalhasse, & Antonio da silueyra mãdaua buscar estes bateis, pera leuar neles os feridos & mortos, mas nã se acharã, pelo q̃ os sãos os ouuerã de leuar ás costas nos escudos dos Canarĩs ate onde desembarcarão, q̃ era legoa & mea, no q̃ leuarão trabalho ĩmenso, por fazer muyto grãde calma & nã terẽ ainda comido. E indo assi todos muyto cãsados, chegou Ioã de payua feitor da armada do gouernador, q̃ da sua parte ya visitar Antonio da silueira & saber como lhe ya, porq̃ quando os Portugueses começarã de fugir da batalha q̃ Antonio da silueira socorreo, tres casados de Goa (a q̃ nã soube os nomes) fugirã tão bẽ, & hũ foy dizer ao gouernador q̃ Antonio da silueyra fora desbaratado, & mortos muytos dos q̃ yã coele, nomeãdohos por seus nomes. E estãdo o gouernador muyto triste, soube a verdade por hũ pião de Crisnà q̃ lhe mãdou cõ a noua, & por isso o gouernador o mãdou visitar, & mais mãdaualhe fazer hũa tranq̃ira ondestaua o nosso Tanadar daq̃la comarca, em q̃ deixaria quorẽta espingardeiros pera q̃ ficasse seguro, & mãdaua rogar aos fidalgos q̃ estauã cõ Antonio da silueira q̃ o ajudas-

sẽ a fazer a trãq̃ira. E por a gente yr muyto cãsada & morta cõ fome, se foy Antonio da silueira onde ya pera hi descãçar, & aq̃la noite foy hũa braua & espãtosa tormẽta de vẽto, toruões, & chuua: & como os nossos estauã no cãpo, õde nã auia nhũ abrigo de tẽdas nẽ casas, desgrudarãse as adargas cõ a agoa, & os caualos se ouueram dafogar, & muytos por ser ho tempo tam forte se passarão secretamente a Pangĩ cõ quanto hi estaua o gouernador, que todavia mandou a Antonio da silueira que fosse fazer a tranqueyra, & ele foy nam leuando mais de duzentos Portugueses, em que entrauam trinta & seys de caualo, & fez a tranq̃ira muyto forte de duas faces & entulhada, cõ seus baluartes forrados de tauoado pela bãda de dẽtro, & foy feita ẽ oyto dias, cõ muyto trabalho dos fidalgos. E sabẽdo ho Gouernador q̃ a tranq̃ira era acabada, mãdou a Antonio da silueira q̃ corresse a terra ate onde fora a batalha, porq̃ auia noua q̃ tornaram ali os immigos & q̃ estauã hi, o q̃ deu grande opressão aos Portugueses, por serẽ tã poucos como erã: E logo se partio Antonio da silueira cõ sua gẽte, indo diãte Galuã viegas descobrindo a terra, & cõ ele Galaz viegas, Baltesar de vilhegas, & Lisuarte dãdrade, q̃ yã sempre diãte do corpo da gẽte hũ terço de legoa, & por isso chegarã sós onde fora a batalha, em q̃ não acharã ĩmigos nẽ rasto deles, & sabẽdo ho Antonio da silueira se tornou, deyxãdo a terra pacifica, & se passou a Pãgĩ onde ho gouernador ho esperaua, & dali se foram pera Goa.

CAPITVLO CXXXIX.

De como foy preso Garcia de Sá, & Antonio da silueira foy acabar de fazer a fortaleza de Baçaim.

Neste anno de mil & quinhentos & trinta & seys, partio pera a India por capitão mór da armada da carga hũ fidalgo chamado Iorge cabral, (de que se fez menção no liuro Septimo) & os outros capitães foram Francisco barreto, Ambrosio do rego, Gaspar dazeuedo, & Vicente gil, a que nã soube o que aconteceo, nem em que tempo chegaram á India. E porque el Rey de Portugal mandaua prender a Garcia de Sá (que estaua por capitã em Baçaim fazendo a fortaleza) & socrestarlhe sua fazenda, por capitulos que seus ĩmigos deram dele, mandou ho gouernador a Antonio da silueira, q̃ fosse acabar de fazer a fortaleza de Baçaĩ, & assi a Ioão de mendoça, & q̃ Garcia de Sá se fosse pera Goa, & eles forã com gente que lhes o gouernador deu pera isso. E chegado Antonio da silueira a Baçaĩ, mandou Garcia de Sa pera Goa, & ele ficou acabando a fortaleza cõ Ioam de mendoça, no q̃ gastarã tres meses.

CAPITVLO CXL.

De como Martĩ afonso de sousa foy socorrer a el rey de Cochĩ, & do que fez no caminho.

Durando a perfia del rey de Calicut se querer coroar em Repelĩ, & defendẽdolho os nossos, por nã ficar superior dos reys do Malabar amigos del rey de Portugal, soubeho ho gouernador, & por isso mãdou logo Martĩ afonso a Cochĩ cô a sua armada, em que leuaria quatrocentos homẽs, & os capitães q̃ leuou, afora ele q̃ ya em hũa carauela forã, Vasco pirez de sampayo, Fernã de sousa de tauora, Manuel de sousa de Sepulueda,

dõ Diogo dalmeyda, Martĩ correa, Frãcisco de barros de payua, Iorge barroso dalmeyda, Francisco pereira, Gaspar de lemos, Iorge de figueiredo, Diogo de reynoso, Antonio de souto mayor, Francisco de Sá, Ioão de sousa de matos, dõ Pedro de meneses, & estes em galeotas & fustas, afora outros q̃ yão em catures. E sabẽdo Martĩ afonso q̃ em Colemute se fazia sempre grãde armada cõtra os nossos, determinou de ho destruyr: & dando cõta disso a seus capitães, desembarcou cõ eles cõ a gẽte q̃ leuauã, & ao desembarcar, acharã obra de dous mil Naires, q̃ lhes quiserã defender a desembarcaçã, & ouue sobrisso hũa braua peleja, de q̃ os nossos ficarã vẽcedores, cõ morte de muytos dos ĩmigos, & os q̃ ficauão fugirã & desempararã ho lugar, q̃ foy todo queymado, & foram tomadas sete fustas que hi estauam varadas.

CAPITVLO CXLI.

De como Martim afonso de sousa chegou a Cochĩ.

Onde despois q̃ chegou, soube como el rey de Calicut caminhaua cõ sua gente, cõ determinação de passar a Repelĩ pelo passo de Crãganor, pera se coroar como disse atras, & gẽte sua q̃ ya diãte, era chegada ao passo onde tinha queymada hũa hermida q̃ ali deixara sam Thome, & fizerã hũa trãqueira forte, em q̃ assẽtara algũas peças dartelharia. E sabido isto por Martĩ afõso, determinou de yr tomar esta trãqueira, & defender aq̃lle passo a elrey de Calicut, & pera este feyto mãdaua elrey de Cochĩ hũa soma dos seus Naires, & assi ho Mãgate caimal seu vassalo, & grãde senhor: & os capitães desta gẽte, erã os regedores de Cochĩ, q̃ por nã acodirẽ a hũ dia q̃ Martĩ afonso tinha assinado, pera dar na trãqueira hũa menhaã, não deu, & ficou a cousa pera ho outro dia. E sabẽdoho el rey de Calicut naq̃le (por suas espias) q̃ Martĩ afonso deixara de yr dar na trã-

queira por falta de maré, & q̃ auia dir ao outro dia cõ grãde poder de gẽte, foy ho seu medo tamanho, q̃ nã ousou de ho esperar: & na noyte seguinte recolhida a artelharia da tranqueyra, se passou cõ sua gẽte á Chatuá, & dahi pera ho pé da serra, & não ousou de tornar a cometer o q̃ cometia, sem grãde poder de gente (como direy adiante.)

CAPITVLO CXLII.

De como el rey de Calicut, com medo de Martim afonso de sousa se retirou pera suas terras: & de como Martim afonso começou de fazer guerra a el rey de Repelim.

Sabido em Cochim como el rey de Calicut fugira, mudou Martĩ afonso a yda q̃ auia de fazer a esperalo, em yr cõtra el rey de Repelĩ, assi por ser nosso ĩmigo, & ajudar a el rey de Calicut, como por ter hũa pedra del rey de Cochĩ, q̃ lhe el rey de Calicut irmão de Nãbeadarì tomara, quãdo lhe tomou Cochĩ, q̃ se ele acolheo ao pagode de Vaipĩ (como disse no liuro primeyro.) E el rey de Cochĩ sabẽdo q̃ el rey de Repelĩ tinha esta pedra, q̃ era cousa de sua religiã, sentiase disso por muyto injuriado, & req̃ria a Martĩ afõso q̃ lha fosse tomar, que foy com cõselho do védor da fazenda & de todos os outros, & leuou mil dos nossos, & muytos Naires debaixo da capitania do prĩcepe de Cochĩ & do Mãgate caimal, & doutros senhores del rey de Cochĩ. E cõ Martĩ afonso forã todos os capitães da sua armada, & assi Antonio de brito capitão de Cochĩ, Iorge mascarenhas de montãs, & Pero froes, q̃ yã cõ elle por terra, & por mar ya Iorge cabral capitã mór da armada da carga, & Manuel rodriguez coutinho, em fustas & bateis. Partio como digo por terra, a vinte hũ de Nouẽbro, & aq̃le dia foy dormir á terra do Anche caimal, & ao outro foy cometer a terra del rey de Repelim, q̃ he quasi ilha, & dõde a não cerca a agoa, q̃ era pola

parte q̃ os nossos auião dẽtrar, cercada de canaueaes de canas da India, que sam muyto grossas, & estauão tecidas de maneyra, q̃ ficauão mais fortes q̃ muro, & tinha ali certas entradas, em q̃ estauã tranqueyras muyto fortes, & bẽ artilhadas & guardadas de gente. Os nossos yão nesta ordẽ: Antonio de brito leuaua a diãteyra cõ trezẽtos homẽs os mais espingardeyros, & yã cõ ele dõ Diogo dalmeida, Iorge mascarenhas de mõtãs, Pero froes, & outros capitães & fidalgos: E aposele, Martĩ afonso cõ a bãdeyra real cõ ho resto da gẽte. Antonio de brito foy cometer hũa destas tranqueyras q̃ digo, q̃ tinha tres peças dartelharia: & vẽdoho os ĩmigos, apartarãse cem Naires todos escolhidos por muyto esforçados, & sayrã a receber os nossos fora da trãqueyra, cuydando q̃ por sua valẽtia os nã deixassem chegar a ela, mas os nossos matarã & ferirã muytos cõ as espingardas, & os fizerã fugir: & indo assi desbaratados, hum que ya muyto ferido nam se atreuẽdo a viuer, chamou outro, & deulhe a sua agomia & seu escudo q̃ lho leuasse, & isto, porq̃ tẽ eles q̃ ainda q̃ morram na batalha, se saluã as armas, ficã inteyramẽte cõ sua hõrra. E seguindo os nossos os ĩmigos, entrarã cõ eles na trãqueyra, & dentro acharã resistẽcia nos ĩmigos q̃ a guardauão, & durou a peleja ate chegar Martĩ afonso, q̃ se os ĩmigos desbarataram de todo & fugirão, & dali fez Martĩ afõso volta sobre a mão esquerda, onde estauã duas estãcias pera ho rio q̃ o guardauã, & estas cõbatia Iorge cabral cõ os capitães q̃ leuaua por mar, q̃ apertarã tão rijo cõ os mouros q̃ os fizerã fugir. E sabẽdo el rey de Repelim q̃ aq̃las trãqueiras erã tomadas, mãdou alargar as outras, & recolher sua gẽte pera a cidade, onde esperaua de se defender cõ cinco mil Naires q̃ tinha seus, & do Mãgate achẽ vassalo del rey de Calicut, & entrauão nestes quinhentos espingardeyros.

CAPITVLO CXLIII.

De como Martĩ afonso de sousa desbaratou el rey de Repelim, & lhe queymou a cidade.

Desbaratadas as trãqueiras q̃ digo, deixouse Martĩ afonso ficar ali pera descãsar sua gẽte: & ao outro dia em amanhecendo, abalou pera a cidade de Repelim, q̃ era dali hũa legoa, & mandou a Frãcisco de barros de payua, q̃ cõ cẽto & cincoẽta espingardeyros fosse diante descobrindo a terra: & nas costas lhe ya Antonio de brito cõ quatro cẽtos homẽs, & cõ os mesmos capitães & fidalgos q̃ ho acõpanharão ho dia dãtes, & na retroguarda Martĩ afõso cõ ho resto da gẽte: & caminhãdo nesta ordem, posto q̃ no caminho auia muytos frecheyros, por antre muytos palmares q̃ auia duma parte & doutra: Francisco de barros cõ os seus espĩgardeyros os despejaua de maneira, q̃ os nossos nã receberã deles nhũ dãno, & assi forã ate a entrada da cidade, q̃ era per antre hũs valos & hũas cauas, q̃ o de mais era cercado de canaueaes E nesta ẽtrada estaua hũ capitã cõ muytos espĩgardeyros & frecheiros, & como ela era estreita podiãna os ĩmigos defender muyto bẽ, & por isso durou a peleja aqui hũ pedaço, & por derradeiro os ĩmigos ficarão desbaratados, & os nossos entrarão leuandoos diante de si fugindo ate dar nas casas del rey, donde ho resto dos ĩmigos q̃ hi estaua fugirã, vẽdo fugir os outros: & nũca el rey os pode deter por mais q̃ os esforçou, & então fugio coeles, sendo dos derradeiros. & Francisco de barros ho seguio cõ algũs outros, tirandolhe tantas espingardadas q̃ lhe matarão o que lhe leuaua ho sombreiro, que com a pressa não ouue quẽ ho leuãtasse, & ficou o q̃ el rey sentio muyto, por ser antreles grande desonra. E despois de perdido ho sombreiro, el rey foy tam apertado dos nossos q̃ ho seguião, que cõ muyto grande perigo escapou, saluandose em

hũa almadia em q̃ se embarcou cõ ho mangate Achẽ, & outros quatro & fugio. E entre tanto Martĩ afonso que tomou por outra parte, foy dar em hũa mezquita, de q̃ sayrã obra de vĩte mouros determinados de ho matar, segundo hũ remeteo a ele com grande ousadia, tirandolhe hũa cutilada, que ele tomou na rodela, & logo ho atrauessou com hũ zagũcho que leuaua: & a pos isso foy morto dos nossos: & os outros tambẽ morrerã, pelejãdo como muyto valẽtes homẽs. E mortos estes Martim afonso fez ali corpo recolhẽdo os nossos de que muytos andauão desmãdados pola cidade a roubar, & destes forão mortos dez ou doze, que na batalha não morreo nenhũ: somente forão feridos muytos, & antrestes forão hũ Duarte de miranda, & hũ Esteuão gago. E dos ĩmigos se acharã mortos cento, & os feridos forão sem conto, & em muyto pouco espaço. E desbaratados os ĩmigos & fugidos, foy roubada a cidade, & as casas delrey, em q̃ foy achada a pedra del rey de Cochim, q̃ era hũa pedra branca como qualq̃r outra, da feyção & do tamanho de hũa mea moo datafona, & tinha abertas hũas letras malabares. E cõ esta pedra fizerão os nayres de Cochim grande festa: & assi forão achadas hũas tauoas de metal, cõ hũas serpes escolpidas nelas, & hũas letras Chins, que el rey de repelim tinha em grande veneração, por ser cousa de sua religião. E saqueada a cidade, despoys de ser toda queimada se tornou Martim afõso a Cochim, onde foy recebido cõ muyta festa, & deu a el rey de Cochim ho sombreiro del rey de Repelim, & as tauoas, & a pedra, que ele estimou muyto, & lhe deu por isso grandes agardecimentos.

CAPITVLO CXLIIII.

De como Martim afonso defendeo a el rey de Calicut que não passasse polo passo do vao.

Vendo ho védor da fazenda q̃ el rey de Calicut continuaua a guerra, & q̃ cometia dentrar polo passo de Crãganor, pareceolhe bẽ cõ conselho de Martĩ afonso, & de Antonio de brito, fazer hũa fortaleza naq̃le passo, que se logo começou. E nisto tendo Martĩ afonso noua que partia a armada de Calicut carregar darroz a Bracelor, fez se prestes pera jr pelejar coela, & tomarlhe a carga quãdo tornasse, q̃ era hũ dos grãdes dãnos q̃ podia fazer a elrey de Calicut, com que a sua gente lhe morreria de fome. E fazendose prestes pera jr, ex que chega recado del rey de Cochim muyto de pressa, que vinha el rey de Calicut cõ grande poder de gente em q̃ entrauão dous mil espingardeiros, & determinaua dẽtrar polo passo do vao, que era na terra do Mãgate caymal, duas legoas acima do passo de Cranganor, & q̃ não queria entrar por este passo de Crãganor, por estar impedido cõ a fortaleza q̃ os nossos fazião, & polo passo do vao podia passar cõ a maré vazia, como em outro tẽpo intẽtara de passar seu antecessor, quãdo lho Duarte pacheco defendeo tão milagrosamẽte como disse no liuro primeiro. E por ho recado ser tam de pressa, se embarcou logo Martim afonso em hũs tones, por jr mays asinha, & embarcarãse coele obra de nouenta dos nossos, os mays deles capitães & fidalgos, & forã coele ho regedor de Cochim cõ algũs naires, & deyxou encomendado a Antonio de brito q̃ fosse a pos ele com a mais gente q̃ podesse. E mãdou a Francisco de barros de payua q̃ em hũa galé com outros dous capitães de dous bargantĩs se fosse meter no rio de Crãganor pera goardar ho passo, que não passasse por ele gente del rey de Calicut, & defendesse que não entrassem no mesmo rio,

hũas vintecinco fustas da armada del rey de Calicut, q̃ era certo que ele mãdaua jr a este rio pera ho ajudarẽ, & defenderẽ os nossos catures q̃ nã leuassem socorro onde fosse necessario: o que se podia fazer por a terra ser toda regadia de muytos rios (como disse no primeiro liuro). E se Martim afonso não mandara atalhar a estas fustas desta maneira, por nenhũ modo se podera tolher a passagẽ a el rey de Calicut, como despoys tolheo. Isto ordenado partiose Martim afonso pera ho passo do vao: & ao outro dia em amanhecẽdo chegou ás terras do Mangate caimal, q̃ pola breuidade do tẽpo não tinha juntos mays de tres mil nayres. E dele soube q̃ estaua el rey de Calicut dali a duas legoas, & que tinha quorẽta mil homẽs, & q̃ dahi a tres dias daria a batalha, porq̃ era seu costume dala aeste prazo, despois q̃ chegaua a terra de seus imigos. E no dia em q̃ auia de ser mandaua tanger hũa bozina & hũ atambor de tamanha grandura, que não auia quatro homẽs que ho abalassem, & este se ouuia a duas legoas: & sem estes sinays se não daua a batalha, & q̃ isto teuesse por certo. E como Martĩ afonso teuesse aquilo por abusam, nã ho creo, & foyse ao passo onde desembarcou, & por lhe os tones não ficarẽ em seco os mandou afastar pera ho rio, & ele pos se no cãpo cõ sua gente, & estauão coele ho mãgate & o regedor de Cochim cõ seus nayres, que lhe dizião que estaua ali de balde, porq̃ el rey de Calicut não auia de dar a batalha senão passados os tres dias: & primeiro se auia de tanger ho atâbor que digo. E estãdo nisto começa daparecer hũ corpo de gẽte dos ĩmigos, que serião cinco mil homẽs, que com grandes gritas remeterão ao passo, & começão de passar. E cuydando Martĩ afonso que era algũa gente da del rey q̃ vinha desmandada, mandou a Gaspar de lemos que cõ vinte espingardeiros se posesse detras dũ valo q̃ estaua perto do vao, & dali fizese rosto aos ĩmigos, q̃ em continẽte começarão de crecer, se não quando aparece a bãdeira delrey, q̃ era sinal q̃ vinha ali: E assi era que

não curando de superstições, por tomar os nossos de supito, & os desbaratar a seu saluo, não quis vsar dos sinays que mādaua fazer quando auia de dar batalha. E parece que nosso senhor inspirou em Martī afonso, que não cresse o q̃ lhe ho Mangate dizia do costume del rey de Calicut, porq̃ se lho crera passara elrey sem ser contrariado, & fizera o q̃ determinaua, que fora grande mal. E como as insinias del rey aparecerão os nayres do māgate & os de Cochim conhecendo q̃ ele vinha foy ho seu medo tamanho, que se afastarã dos nossos hũ bõ pedaço pera fugirẽ, se Martim afonso fosse desbaratado. E algũs dos nossos ate trinta cõ o mesmo medo fugirão pera os tones em q̃ se esconderão pera se acolherẽ se Martī afonso leuasse ho pior. Martim afõso que vio esta couardia, sabendo do Mangate ho porq̃, tomouho pela mão & teueo que não fugise, dizendo q̃ não ouuesse medo, porq̃ esperaua em nosso senhor de desbaratar el rey cõ aqueles poucos que tinha, que não serião mays de sessenta. E algũs dos nossos desconfiados disto poder ser, lhe acõselhauão q̃ se recolhesse aos tones, & se saluasse, porq̃ não era siso esperar tam grossa gẽte. Porẽ Vasco pirez de sam payo, & Frãcisco pereira lhe conselharão que pelejase & ho mesmo lhe pareceo a ele que deuia de fazer, por ja terẽ passado ho vao muytos dos īmigos: & segundo erão ligeiros antes de chegar aos tones matarião quantos hião coele: & a fora isto não poderia recolher Gaspar de lemos por estar cercado dīmigos. E encomendãdose a nosso sñor de todo coraçã, & cõ ho esforço nele, fez hũ corpo dos seus, & dá Santiago nos īmigos, ferindo & matando neles, q̃ erão bẽ cinco mil alẽ do passo: & ajudauao Ioão luys ho cõdestabre da fortaleza de Cochī tirando de traués aos īmigos cõ hũ berço q̃ estaua em hũ tone, em q̃ se chegou á boca do vao. E dali a pouco chegou cõ a maré hũ batel nosso cõ hũ falcão & dous berços q̃ tambẽ varejarão fortemẽte aos īmigos: & cõ tudo eles erão tantos, q̃ se os nosso sñor não enfraq̃cera afogarã os nossos, a q̃ ou-

uerã tamanho medo, que se começarã de retirar pera alẽ do passo ondestaua el rey de Calicut. O q̃ vẽdo a gẽte do Mãgate, ouue vergonha de ter fugido, & pera ẽmendarẽ ho passado remeterão cõ grandes gritas onde era a batalha, & ja nã acharão q̃ fazer, por serẽ todos os ĩmigos passados da outra bãda: & Martim afonso não quis deixar passar os nossos, de q̃ morrerã algũs nesta batalha, & dos ĩmigos perto de trezentos. E ainda despoys dos ĩmigos serẽ passados da outra bãda se poserã cõ os nossos ás espingardadas, & assi esteuerão per espaço de duas horas, ate q̃ se recolherão, & Martĩ afonso se afastou hũ pedaço, & ficou no cãpo aq̃la noyte.

C A P I T V L O CXLV.

De como Antonio de brito pelejou algũas vezes no passo do vao com a gente del rey de Calicut & sempre venceo.

Coesta vitoria tã milagrosa, q̃ nosso señor deu, ficou el rey de Calicut tã quebrado que se tornou ao seu arrayal & não quis tornar mais a dar batalha por sua pessoa, & ficou seu poder muyto desacreditado, & ho dos nossos cõ muyto grãde credito, vẽdo a gẽte da terra cõ quãta ousadia lhe resistirã, sendo tã poucos, & tornoulhes alẽbrar as grãdes vitorias q̃ ali ouuera Duarte pacheco cõtra aq̃le maluado rey de Calicut, que então reynaua: & os da parte del rey de Cochim se esforçarão tanto pera ajudar os nossos, que logo aq̃la noite acodirão ao Mãgate caymal mays quatro mil nayres. E ao outro dia chegou Antonio de brito com quatrocẽtos dos nossos: & vendo Martim afonso tam boa gente: dãdo a dianteira a Antonio de brito deu outra batalha aos ĩmigos q̃ prouarão de passar ho vao: & venceos com lhe matar mays gente que da outra vez & os fez afastar do passo, do que el rey de Calicut ficou bẽ triste, & quisera irse de todo, se os senhores que estauão coele ho não estoruarão. E ho dia seguinte desta batalha chegou ho

principe de Cochim cõ vinte mil naires seus & dos caymais q̃ ho acõpanhauão: & erão muytos espingardeiros. E vendo Martim afonso tanta gẽte junta, ouue sua estada ali por escusada: & mays sabẽdo q̃ andaua no már a armada de Calicut, a que era necessario q̃ acodisse. E por isso deixou a goarda daquele passo a Antonio de brito, deixãdolhe quatrocentos dos nossos, & os vinte mil nayres que digo. E despois de Martim afõso ser ido do passo, ficou nele Antonio de brito quinze dias: & neste espaço pelejou seys vezes com a gente del rey de Calicut, sobre querer passar o vao, & de todas foy vencedor, & fez grãde destroição nos immigos: o que vendo el rey de Calicut, & q̃ sua perfia era por demais, leuantou ho arrayal, & recolheose pera dẽtro de suas terras. E el rey de Cochim ficou liure do medo que tinha dele.

CAPITVLO CXLVI.

De como Martim afonso de sousa desbaratou Cotialemacar capitão mor do mar del rey de Calicut.

Partido Martim afonso do passo do vao, & chegado a Cochĩ, embarcouse cõ trezentos dos nossos, pera ir buscar a armada de Calicut, & ele foy em hũa carauela, & vasco pirez de sam payo, dom Diogo dalmeida, & Manuel de sousa de sepulueda em galés, & em fustas. Fernão de sousa de tauora. Martim correa. Francisco de barros de payua. Iorge barroso dalmeida. Francisco pereira. Gaspar de lemos. Ieronimo de figueiredo, Frãcisco de saa & outros. E partido de Cochĩ foy correndo a costa ate Chale, onde achou Diogo de reynoso com cinco fustas, q̃ se acolhera ali fugindo a Cotiale marcar capitã mór darmada de Calicut: & despoys de pelejar cõ ele hum pedaço: esteue muyto perto de se perder, & foylhe tomada hũa fusta de seys que trazia, & os ĩmigos ho seguirão ate Chale onde escapou. E recolhido Diogo de reynoso á conserua de Martim afonso, par-

tiose em busca da armada dos ĩmigos tornãdo pera Cochim & ao outro dia a horas de vespera indo Martĩ afonso alamar cõ as galés & fustas mayores da frota, & as ligeyras ao lõgo da terra, pareceo a frota dos ĩmigos tambẽ ao longo de terra da parte de Calicut, & era de vintecinco fustas, em q̃ andauã mil & quinhentos homẽs, & muytos deles espingardeiros. E como aparecerão os ĩmigos de supito, os nossos que andauão desejosos de pelejar coeles, principalmẽte Diogo de reynoso q̃ hia nos dianteiros, remeteo logo aos ĩmigos, & Antonio de lima capitão doutra fusta, & Antonio de souto mayor, & outros q̃ hião nas fustas ligeiras & derã coeles antre os ilheos de Pàdarane tirandolhe muytas bombardadas & espingardadas. Cotiale marcar que sabia que Martĩ afonso andaua no mar, pareceolhe logo que era aquele, & pola fama que tinha da resistẽcia que fizera a el rey de Calicut tinhalhe grande medo, & cõ ele nam ousou desperar, & determinando de se acolher a Calicut, çarrou sua armada, & a vélas & remos se foy ho mais que pode perlongando a terra pera dobrar a ponta de Coulete. Martim afonso que vio os ĩmigos, & como a peleja se começaua, porque nam podia chegar com a carauela, saltou em hũa fusta das mais ligeyras, & a sua gente mandoua meter na fusta de Ieronymo de figueyredo, & bota a boga arrancada a tomar a dianteyra aos ĩmigos, porque nam dobrassẽ a ponta, & foy cõ ele Francisco de barros, por ser a sua fusta das mais pequenas. E indo assi Diogo de reynoso & Antonio de lima que seguiam os ĩmigos alcãçarão hũa fusta, & aferrandoha saltaram dentro com sua gente, que pelejou com tanto esforço que nhũ dos ĩmigos ficou com a vida, & com tudo dos nossos forão mortos quatro & muytos feridos: E vendo Cotiale marcar que Martim afonso lhe tomaua a dianteira, & as outras fustas lhe yão nas costas, & as galés lhe fazião rosto pera o tomarem de traués vio que ho cercarião, & que não poderia escapar antes que ho cercassem, pos a próa em Tiracole, hũ lugar questá na

costa, que tem hũ arrecife de penedos diante do porto com duas entradas, hũa da bãda do norte, outra do sul, & os seus seguirão a pos ele, & ensecando as fustas quanto poderão saltarão em terra & meterãose antre as fustas, dõde tirauã muytas bombardadas & espingardadas a Martim Afonso, que entrou no arrecife com Francisco de barros, & Ieronymo de figueiredo pela entrada da banda do sul, & na boca da do norte ficou a nossa fustalha, por não caberem todos dentro, & era hum espantoso jogo de bombardadas & despingardadas dũs & doutros, & Martim afonso por se chegar aos ĩmigos ficou em seco no rolo do mar, o que vendo os imigos, remeteram deles á sua fusta com grandes gritas de prazer, de lhe parecer que a tinham tomada, & chegarãose tanto que lhe lançaram mão da apelaçam da fusta querendolha ensecar de todo: & os nossos quando assi viram tomar a fusta, meteramse ás lançadas & espingardadas com os immigos, de que mataram tantos que os fizeram afastar, & dos nossos foram mortos dous & feridos sete ou oyto: E entre tanto Francisco de Barros, & Ieronymo de Figueyredo, meteramse antre as fustas dos immigos, de que queymaram algũas com panelas de poluora & outros artificios de fogo, & nam deyxaram de pelejar até a noyte, & começaram ás quatro horas, & fizeram muyto grande dâno nos immigos, & dos nossos nam foram mortos mais de tres, & feridos muytos.

C A P I T V L O CXLVII.

De como Martim afonso de sousa quisera pelejar em terra com os ĩmigos & não pode.

Acabada a peleja, pola noyte que sobreueo mandou Martĩ afonso retirar todos, & fez a frota em duas partes, & dũa deu cuydado a Manuel de sousa de Sepulueda, que guardasse com ela a entrada do arrecife da banda do norte, & a Francisco de barros a outra, & que

guardasse a do sul, porque os ĩmigos nã fogissem de noyte, que temendo que os nossos lhe não queymassem as fustas ao outro dia, toda a noyte gastaram em varar as fustas, & fizerã estancias dartelharia & fortalecerãose grandemente, & na mesma noyte acodirã todos os de Coulete, Termapatão, & doutros lugares darredor, & ajuntarãse quinze mil homẽs, o que se logo enxergou em amanhecendo na grossa gente que apareceo & no grande rumor que fazia. E quãdo Martĩ afonso vio as estancias & a fortaleza q̃ tinham feyta, chamou os capitães a conselho a que propos o caso, & que era necessario pera sayr em terra fazer duas partes da gente que tinha, hũa pera ficar na frota, outra pera pelejar em terra, pera o que a gente que tinha era tam pouca q̃ nam abastaua pera nenhũa destas cousas, pelo que todos acordaram que nam era bem pelejar cõ os ĩmigos, pelo grãde risco que se corria, & q̃ se fossem logo, & assi ho fizeram, & tornarã na volta de Cananor: E tornando Martĩ afonso ao longo da costa pera Calicut, chegou a ele hũ catur bem esquipado com cartas del rey de Cochĩ, em q̃ lhe certeficaua q̃ tornaua el rey de Calicut, pedindolhe que lhe acudisse logo, & ele o fez assi, & entrou cõ toda a frota polo rio de Cranganor, & foy ter ao passo do Vao, por onde el rey de Calicut entraua da outra vez, & hi achou Antonio de brito com os casados de Cochim, & outra gente esperando por el rey de Calicut, que sabendo q̃ Martĩ afonso era chegado, nam quis cometer de passar, & tornouse, que nam cuydou que Martĩ afonso podesse acodir tam de pressa, & por isso cometia ho passo: & vendose assi estoruado ficou tã quebrado, que aquele verão nam cometeo mais de querer passar a Repelĩ & espalhou sua gente, o que sabido por Martim afonso se tornou outra vez a correr a costa, onde tambẽ não achou a armada de Calicut, que com medo dele se recolheo & ficou a costa despejada, pelo que aquele anno nã foy nenhũa especiaria ao estreyto, & Martĩ afonso se recolheo em Mayo a Cochim onde inuernou.

CAPITVLO CXLVIII.

De como Açadacão começou de fazer guerra ao gouernador.

Vendo Açadacam, senhor de Bilgão, que por mais gente que mandaua pera tomarem as Tanadarias, que lhe ho gouernador tinha as nam podião tomar, & sempre era vencida em todas as batalhas que dauam aos Portugueses, determinou de as cobrar por guerra guerreada, a que principalmente ho demoueram conselhos del Rey de Cambaya, que determinaua de tomar a India aos Portugueses (como direy a diante.) E determinando de fazer esta guerra foy com muyta gente assentar seu arrayal junto do Rio de Salsete, mea legoa da fortaleza de Rachol, com fundamento de çarrar aos Portugueses ho caminho pera esta fortaleza, com outra que ali queria fazer, & depois de çarrado tomar a fortaleza de Rachol, com quantos estauam nela: & mandou logo assentar hũa estãcia com tres peças dartelharia em hũa terra grossa ou morro, quasi como rocha que se fazia onde ho rio se estreitaua muyto, & como ho canal do rio era pegado cõ este morro, nam podia nenhũa cousa passar pera a fortaleza que a nam pescasse a artelharia: O que vendo Gonçalo vaz coutinho, & Anrrique de melo coutinho, & Iorge de melo soarez, q̃ guardauam aquele rio em duas galeotas & hũa albetoça, deram hũa antemenhaã com sua gente na estancia que digo, & fazendo fogir os mouros que a guardauam, tomaram a artelharia, do que Açadacão ficou muyto injuriado, & estãdo assi, faltou ho mantimento a estes capitães que guardauam ho rio, por lho nã mandar Miguel froes feytor de Goa, que tinha cuydado de lho mandar, & tardando ho mantimẽto, tanto q̃ os capitães nem a gẽte poderã sofrer a fome, forãose ao passo Dagacĩ na jlha de Goa, cuydãdo de ho acharẽ hi, & tãpouco ho não

acharão, & ainda ali esperaram por ele tres ou quatro dias, & neste tẽpo vẽdo Açadacão que nam auia guarda no rio q̃ estoruasse, fortaleceo logo aquele passo, fazendo em ambas as bandas do rio estacadas dobradas & entulhadas, estreitandoho de tal maneyra, que nam ficaua mais espaço que quanto passasse hũ bargantĩ diante doutro, & na coroa do morro que era chaã da banda do rio, onde auia algũa maneyra de desembarcaçam, ainda que muyto roim, fez logo hum muro de palmeyras de duas faces, entulhado de terra, rama, & pedras com hum baluarte, & traueses, em que forão assẽtadas algũas peças dartelharia, & na terra que cercaua o morro, que era apaulada, mãdou leuantar muytas valas, em que foy assentada algũa artelharia, & assi foy continuâdo a cerca, com que ficasse hũa força fortissima, & ficasse çarrado ho caminho pera Rachol. E afora a gẽte de seruiço q̃ era muyta, tinha Açadacão em guarda desta obra dez mil mouros, em que entrauam muytos frecheiros & espingardeiros: E quando Gonçalo vaz tornou com os outros capitães, q̃ viram a cousa como ya, & a determinação dos mouros, mandaram dizer ao gouernador que mandasse mais gente, pera verem se podiam estoruar que aquela obra nam fosse auante, & ele mandou tam pouca que nam aproueytou, & tornaramlhe a mandar que mandasse mais, porque era ho feyto perigoso, & era necessaria muyta gente.

C A P I T V L O CXLIX.

De como dom Gonçalo coutinho, foy desbaratado, no passo Debori.

Com este segundo recado de Gonçalo vaz coutinho, despachou logo ho gouernador a dom Gõçalo coutinho, q̃ fosse por mar cõ oytocẽtos Portugueses, a desfazer a fortaleza q̃ Açadacã fazia no passo de Bori (q̃ assi auia nome aquele passo) & os capitães que o acõpanharão

forão, Lionel de lima, Manuel de vasconcelos, Ioão jusarte tição, Gõçalo vaz coutinho, Iorge de melo soarez, Anrrique de melo, Tristão homẽ, Simã de lima, Diogo botelho dàdrade, Afonso fialho, Miguel dayala, & outros a que nã soube os nomes, todos fidalgos & gente de feito: E hũa terça feira em anoytecendo foy dom Gonçalo com seus capitães embarcar ao passo Dagacim, & o resto da noyte que passou no rio perto do passo de Bori, ordenou cõ os outros capitães de cometer a fortaleza dos mouros em amanhecẽdo, & que ele cõ quatrocentos homẽs daria no rosto da fortaleza, q̃ era o lugar mais perigoso, & Lionel de lima com duzentos Portugueses desembarcaria mais a baixo pera Goa, & rodearia pera cometer a fortaleza por de tras, & Manuel de vasconcelos com outros duzẽtos desembarcaria mais acima pera Rachol pera dár por outra parte, & tomassem os mouros no meo que não se podessem defender: E porque por amor do morro que fazia hũ cotouelo, não se podião ver pera darẽ todos a hũa, assentouse que quâdo dom Gonçalo ouuesse de desembarcar, mandasse tocar as suas trõbetas, pera que a este sinal desembarcassem Lionel de lima & Gonçalo vaz: E querendo amanhecer abalou dõ Gonçalo pera se chegar á fortaleza, & os outros coele, cada capitão cõ sua gente pera onde lhestaua assinado q̃ desembarcassem: & quis sua desauentura de dõ Gonçalo, que hũa fusta em que ya, assi por ser grande como por yr muyto carregada, nũca pode nadar pera chegar onde auia de desembarcar, no que se deteuė até menhaã clara, o que vendo dom Gonçalo, & que a fusta não surdia, mudouse dela a hũ catur, & coesta reuolta & cõ a grande opressão que lhe daua a artelharia dos ĩmigos que neste tẽpo jugaua muy brauamente, esqueceo a dom Gonçalo de leuar consigo as trombetas pera fazer o sinal questaua ordenado, nem menos lhe lembrou leuar a bandeira: E chegandose ele pera o morro com a gẽte do seu escoadrão, q̃ ficou no meo das estancias dartelharia, que os mouros tinhão nas

estacadas dambas as bandas do rio, em que tãobem estauão muytos frecheiros & espingardeiros, foy cousa medonha de ver os pelouros de bombardas & despingardas q̃ desparauã dũa & doutra parte, bõbas de fogo, & frechadas, que todo o ár era cuberto: E logo muytos dos Portugueses do escoadrão de dom Gonçalo forão feridos & mortos, & ele chegou cõ muyto grande trabalho a hũa calheta q̃ se fazia ao pé do morro á borda do rio onde auia de desembarcar, & hi achou o catur Dafonso fialho que ja tinha desembarcado, & foy o primeiro que com quatro dos da sua capitania trepou polo morro & subio ao muro, & hũ dos quatro auia nome Bastião da costa, & outro Ioão pinheiro mulato & natural de Setuuel, & aos outros nã soube os nomes: E posto que sobre o muro acharão grande resistẽcia nos ĩmigos, de que matarã algũs, & outros fizerão saltar a baixo feridos, ganharã hũ pedaço do muro, recebẽdo sobrisso muy grãdes feridas, & se teuerão quẽ os ajudara, sempre a fortaleza ficara polos Portugueses, por cujos peccados nosso Senhor permitio que não se ganhasse: E querendolhe dom Gonçalo acodir, arremesouse cõ muyta pressa fora do catur, & passando por cima do outro, começou de trepar por hũs páos diante de todos os que o acompanhauã, & sobindo ao muro cõ muyto grande ousadia, deulhe dũ traués hũa arcabuzada no braço esquerdo q̃ lhe esmiunçou grãde parte dele, & coesta juntamẽte lhe derão com hũa panela de poluora na cabeça que o ouuera de queimar, se não fora a celada que leuaua, & coisto foy tanta a pedrada com grandes pedras, que o desatinarão & cayo a baixo, & deste mesmo traués forão tantas as arcabuzadas, panelas de poluora, & pedradas, que não deixarã sobir nhũ da sua companhia, & no mesmo catur matarão & ferirão a todos, & antreles foy Tristão homẽ valente caualeiro, que eu conheci na India, & a gẽte dos outros catures do escoadrão de dõ Gõçalo não poderão desembarcar na calheta, por ser tão estreita que não cabião nela mais que os dous que es-

tauã dẽtro, & quãdo vião q̃ não podião entrar chegauãose ao morro & trepauã por ele pegandose a vergonteas & a troços deruas, mas os mouros não os deixauã, tirandolhes com o que disse, & coisso muytos tições acesos, com que ferião, espedaçauão & matauã os Portugueses sem se poderẽ valer, & entre tanto Afonso fialho & os outros quatro que estauão sobre o muro forão tão apertados dos mouros cõ feridas que receberão, que Ioão pinheiro & outros dous cayrão mortos do muyto sangue que se lhes foy, & Afonso fialho & Bastião da costa forão deitados do muro abaixo quasi mortos, & forã cayr no catur antre os outros, a q̃ os mouros derão grãde grita: Neste tempo Lionel de lima que desembarcou primeiro que dõ Gonçalo, quãdo vio que tardaua o sinal das trombetas, & entrando per hũ aruoredo espeso, foy sayr onde os mouros tinhã feytas suas valas detras da fortaleza, & como era mancebo & esforçado, em vendo os mouros adiantase do corpo da gente com cinco homẽs, leuando ho seu guiã, & foy cometer hũ magote de mouros, q̃ o ferirão tão mortalmente despingardadas que logo cayo morto, pelo q̃ o seu guião & os cinco lançarão a fugir, & os outros que ficauão nũ corpo quando aquilo virão desbarataraõse com medo, & fugirão tão desatinados que não pararão menos do rio & embarcarãose com grande afronta, porq̃ os seguião os mouros & matarão muytos, & acabarão todos se não forão os nauios a q̃ se acolherão, & Manuel de vasconcelos não desembarcou, porque não ouuio o sinal q̃ esperaua, & teuese até ver o que seria, se não quãdo ouuio a grita dos mouros cõ prazer do desbarato de dom Gonçalo, q̃ se partio logo pera Agacim, com lhe ficarem mortos perto de duzẽtos homẽs, em que entrarão Tristão homẽ, Lionel de lima, Simão de lima & outros, & leuar quatrocentos feridos, & assi se tornou pera Goa.

CAPITVLO CL.

De como Pero de faria derribou a fortaleza de Rachol.

Com quanto dom Gonçalo foy desbaratado, nem por isso ho Gouernador deyxou de mandar guardar o rio como dantes, pera que estoruasse q̃ não fizessem os ĩmigos a fortaleza que fazião, & deixou Gõçalo vaz coutinho com os capitães que tinha & ainda outros, que forão Ioão jusarte tição, Ioão fernandez de vasconcelos, Diogo botelho dandrade, & Miguel dayala, & estes tres em bateis de mantas, pera esbombardearem os mouros quando trabalhassem na fortaleza, & andauão certos capitães de catures pera acodirem a estes bateis se fosse necessario: E como Açadacão vio esta armada q̃ andaua no rio, não quis mandar trabalhar na fortaleza de dia, porque dos bateis lhe matauão a gente cõ bõbardadas, & mandaua trabalhar de noyte que lhe não farião tanto nojo: E com quanto os Portugueses derribauão de dia com a artelharia parte da obra que se fazia de noyte, não era tãto, que não fosse em muyto crecimento, & nesta perfia estauão continuamente, em que hũs & outros leuauão muy grande trabalho: E algũs arrenegados q̃ estauã com Açadacão, dizião de noyte por seu mandado a Gonçalo vaz, que se espãtauão dele, q̃ sendo tão bõ caualeiro & antigo na India, não conselhar ao gouernador q̃ disistisse daquela guerra que fazia a Açadacão pois era tão injusta, que por força lhe queria tomar suas terras, sendo ele amigo del Rey de Portugal & tendo ambos paz, & sobre q̃ tinha protestado q̃ a não quebraua por se defender & trabalhar de cobrar suas terras, que lhe o gouernador tinha por força, & como fosse na India outro gouernador, auia de mãdar tirar hũ estromento da pouca culpa que tinha naquela guerra, & de não ser em cargo dos gastos que o gouernador fazia nela, pois se defendia, & que com aquele estormento

auia de mandar hum seu criado a Portugal queixarse a el Rey da guerra que lhe ho gouernador fazia, & tãtas vezes foy isto dito a Gõçalo vaz que deitou mão disso, & escreueoho ao gouernador, & que deuia dacodir, porq̃ a fortaleza dos mouros ya de cada vez em crecimento, sem lhe poder estoruar que não fosse, & mais que ele & outros capitães estauão de dẽtro do rio pera Rachol, donde não podião sayr sem muyto perigo: E vista esta carta pelo gouernador, pareceolhe que Açadacão se justificaua, assi pera lhe alargar as Tanadarias que lhe tinha tomadas, que ele estaua bem fora de lhas tornar em quanto as podesse defender: E porq̃ pera esta guerra lhe fazia grande pejo a fortaleza de Rachol, pois pera a segurar lhera necessario ter sempre gẽte naquele rio, & por amor dela lhe era grande perjuyzo fortalecer Açadacão aquele passo, pos em conselho se seria bem derribala, & foy acordado que sy, pera ho que logo despachou Pero de faria, porq̃ sabia muytos ardijs, & a que os mouros auião grande medo: E chegado Pero de faria, logo de noyte lhe os arrenegados disserão ho que dizião a Gonçalo vaz acerca da guerra com Açadacão, ao que ele respondeo, que lhe dissessem, que cousa de tanto peso como aquela, se nam auia de dizer assi, que falasse coele & entenderseyão. E como Açadacã desejaua muyto de ter paz cõ o gouernador, pera cobrar as suas Tanadarias, que bem via q̃ por guerra auião de ser más dauer, folgou coeste recado de Pero de faria, & ao outro dia fez como Pero de faria lhe fosse falar, dãdolhe arrefeẽs seguros, porq̃ ele por ser muyto velho nã podia decer do Morro: E nesta vista cõcertarão, que Açadacão mandasse ao gouernador hũ embaixador, com hũa instruçã do que queria, & que ele lhe escreueria que o fizesse, & isto por Goa receber dele boa vezinhança, & nã por medo de guerra, porque aquela força nã era nada pera os Portugueses se eles quisessem: & entretãto que o embaixador fosse & tornasse q̃ teuessem tregoas, & tudo isto era ardil pera poder derribar a forta-

leza de Rachol & passar sem perigo, porque doutra maneira não podia ser, & assi ho escreueo ao gouernador, & q̃ pera o poder fazer deteuesse o embaixador Daçadacão até muyto tarde, & q̃ soubesse que quãtos Portugueses auia na India, não erão poderosos pera derribarẽ a fortaleza que fazia Açadacã: E partido ho embaixador, Pero de faria passou ẽ paz pera a fortaleza de Rachol por virtude das tregoas, & muito de pressa recolheo a artelharia da fortaleza & a gente nos nauios que tinha, que fez logo sayr pera fora, que tãobem passarã em paz, & ele ficou cõ algũs bõbardeiros picãdo a fortaleza & minãdoa, o que tudo se fez muyto prestes: & cõtra a tarde mãdou dar fogo ás minas, q̃ arrebentãdo cayo toda a fortaleza sem ficar nada em pé, & derão tamanho estouro q̃ foy ouuydo dos mouros, & Açadacão mandou logo por terra saber que era aquilo (que não vou ao que era) por estar descuydado de tal cousa, por lhe parecer que o gouernador quereria paz, segundo entendera em Pero de faria, que em dando fogo ás minas se foy polo rio abaixo: & entretãto o embaixador Daçadacão foy ao gouernador com a instrução de sua embaixada, q̃ era pedirlhe as Tanadarias, lembrandolhe a condição cõ q̃ lhas dera. E vendo o gouernador a carta de Pero de faria, deteue o embaixador até bem tarde, & respondeo por derradeiro que não queria soltar as Tanadarias, nẽ queria coele paz se nã guerra. E partido o embaixador coesta reposta, em chegãdo ao passo de Bori achou no rio Pero de faria que vinha de derribar a fortaleza de Rachol, & logo se foy pera Goa zombando Daçadacão, q̃ sentio muyto o engano que lhe fizera Pero de faria & mais porque ficaua de guerra com o gouernador, & esteue assi suspenso hũs dias cuydando no que faria.

CAPITVLO CLI.

Dũ ardil cõ que el rey de Cambaya quisera cegar a fortaleza de Diu & não pode.

El rey de Cambaya (como disse a tras) estaua muyto arrependido de dar fortaleza em Diu ao Gouernador determinou de a tomar, pera o que quisera fazer o muro ãtre a cidade & a fortaleza, que lhe o gouernador não cõsentio: E dissimulãdo q̃ lhe não daua disso: como se o gouernador partio de Diu, se lhe dobrou a vontade q̃ tinha de tomar a fortaleza, pera que mãdou ao Rao capitão de Diu, que tanto q̃ se ele partisse, começasse de fazer hũas estrebarias no lugar em que quisera fazer o muro & q̃ fossem compridas, & de vinte pés de largura, com as paredes muyto fortes que viessem ao oliuel do muro da fortaleza & se lhe perguntassem que era aquilo, dissesse que erã estrebarias pera caualos que ali determinaua de ter: & como fossem acabadas as entulhasse secretamẽte & entulhadas que ficaria hũ forte muro assentaria nele a artelharia que lhe parecesse necessaria pera bater a fortaleza, & que lhe mandasse recado que tornaria logo: E deixãdolhe cinquoenta mil homẽs de peleja, se partio a cobrar os lugares que lhe tinhão tomados, & ele partido, dahi a poucos dias começou o Rao de fazer as estrebarias: E sabido por Manuel de sousa capitão da fortaleza, logo lhe pareceo o que era, & mais lembrandolhe o muro q̃ elrey quisera fazer naquele lugar, & tãobẽ lho disserão os Portugueses, conselhandolhe que mãdasse dizer ao Rao que não fizesse aquelas estrebarias, & quando não quisesse, q̃ lhas derribassem: E parecendo isto bẽ a Manuel de sousa, logo aos quatro dias Dabril se foy a casa do Rao, & depois de falar coele sobre não fazer as estrebarias, & assentarão que o Rao mandasse dizer a el rey de Cãbaya, como Manuel de sousa lhe ya á mão a fazer as estreba-

rias, que lhe mandasse dizer o que faria, & q̃ entretanto nã se bolisse nelas: & o Rao nã ensistia mais em fazer o que lhe mandaua el rey de Cambaya, tendo tanta gẽte pera o poder fazer, assi por ser amigo de Manuel de sousa, como polo ter de sua parte, pera se lhe el rey de Cãbaya quisesse fazer algum mal, & se isto não fora sempre insistira em fazer as estrebarias, & rompera a guerra, com o q̃ Manuel de sousa teuera grande trabalho por ser entrada dinuerno, & o gouernador nã lhe podia socorrer: E sabendo el rey de Cãbaya por recado do Rao, como lhe Manuel de sousa impedia as estrebarias & ĩmaginando que seria por entẽder o fim pera que erão, não quis que lhe entẽdessem sua determinação, & mudou o proposito q̃ tinha de tomar a fortaleza cõ dissimulações, se nã descubertamẽte por sua pessoa: & pera q̃ o gouernador não podesse socorrer á fortaleza, escreueo a Nizamaluco, a Hidalcã, & a Açadacão, & a el rey de Calicut, q̃ determinaua de tomar a fortaleza de Diu, & despois deitar os Portugueses fora da India pedindolhes muyto q̃ o ajudassem cõ fazerẽ guerra aos Portugueses, porq̃ ocupados coela, não podessem socorrer hũs aos outros, & esta foy a causa Daçadacã & el rey de Calicut fazerem a guerra q̃ fazião aos Portugueses, & Nizamaluco & Hidalcão não a fizerão, por não estarem em tempo pera isso, & escreueo tãobem ao Rao q̃ deixasse de fazer as estrebarias, porque tinha determinado de tomar a fortaleza por outra maneira, que como fosse desocupado dos negocios ẽ que andaua, que ele acodiria a Diu & tomaria a fortaleza, & assi lhescreueo o q̃ escreuia aos reys da India, & coeste recado não foy feyta mais obra nas estrebarias, com o que Manuel de sousa ficou descãçado, porẽ ficoulhe outra guerra: porq̃ sabendo os mouros, principalmẽte os soldados, q̃ el rey de Cambaya determinaua de tomar a fortaleza, ẽsoberbeceranse muyto cõtra os Portugueses, & queriãnos tratar como catiuos, dandolhes muytos encõtros se os achauã na cidade, & cospindo

neles, & dizēdolhes palauras injuriosas. O que sabendo Manuel de sousa, por escusar brigas & soster a paz, mandou pregoar q̃ sopena de dez pardaos, nhũ Portugues nã fosse fora da fortaleza, mais q̃ até hũ tiro de pedra: & sabendo os Portugueses a causa do pregão, nã o podião sofrer, & dizião que pera q̃ era ter paz cõ os mouros pois eles querião guerra, & não deixauão dir á cidade em cõpanhias & muyto a recado: E acertouse aos quatorze de Iunho, q̃ andando hũs Portugueses na cidade, hũ tiro de bésta da fortaleza, quis hum mouro dar hũa bofetada a hum Portugues, & ele ho matou antes q̃ lha desse, sobre o que se armou hũ brauo arroido de cutiladas & pedradas, antre muytos mouros & algũs Portugueses, ao q̃ Manuel de sousa acodio & fez recolher os Portugueses, q̃ os mouros ouuerão por seu barato de se apartarẽ porq̃ leuauã o peor, do q̃ pesou muyto aos Portugueses q̃ andauão no arroido porq̃ lhe nam deixarão matar os mouros, & deitauão as armas no chão cõ menẽcoria: E recolhendose Manuel de sousa, matarão os mouros cinco Portugueses q̃ andauã negoceãdo na cidade, do q̃ Manuel de sousa ficou tão agastado, que pos em conselho se rõperia a guerra, & foy determinado q̃ não, & a principal causa, por nã terẽ agoa na fortaleza, sem q̃ não poderião sofrer o cerco, & tãobem por auer tamanha sõma de mouros na cidade, q̃ lhe darião assaz de fadiga, & por nã poderem ser socorridos em menos q̃ dali a tres meses, por isso q̃ se deuia de payrar o melhor q̃ podessem, & pedir ao Rao q̃ entregasse os mouros q̃ matarã os Portugueses, pera Manuel de sousa fazer justiça deles, & quando não quisesse, q̃ dissimulasse até a vinda do gouernador, a q̃ mandarião recado como viesse o verão & entã se vingariã. Isto assentado, Manuel de sousa quis ser ho q̃ fosse pedir os mouros ao Rao, & não leuou mais que quorenta alabardeiros & espingardeiros q̃ erão da sua guarda, & assi seus criados, fazendo fechar as portas da fortaleza ao alcaide mór antes que se apartasse dela, & re-

querendolhe da parte del rey q̃ não deixasse sayr dela nhũs Portugueses, & q̃ ficasse por capitão se lhe acõtecesse algũa cousa, & cõ isto se foy ás casas do Rao, q̃ estauã cercadas de bẽ quorenta mil mouros todos armados, & tã soberbos, q̃ punhão medo a quẽ os via, & cõ tudo nã bolirã consigo vẽdo Manuel de sousa, & derãolhe lugar que entrasse: Entrado ele, cõ tanta seguridade como q̃ eles forã seus, & falãdo ao Rao queixandose dos mouros q̃ lhe matarã os Portugueses, quisera q̃ lhos entregara, & ele se lhe desculpou q̃ o não podia fazer sem licẽça del rey de Cambaya, a quẽ escreueria a cousa como fora, & q̃ ele lhe mãdasse pedir os mouros, & assi se fez, mas el rey de Câbaya se rio bẽ de lhe Manuel de sousa pedir os mouros, & escreueolhe q̃ lhos nã auia de dar, porem q̃ mãdaria aos seus Cacizes que os encomendassem a Mafamede. E quãdo Manuel de sousa vio esta reposta, teue por certo q̃ el rey lhe auia de fazer guerra ou algũa treyção, & dali por diãte nã repousaua coeste cuydado, & tinha grãde guarda sobre os Portugueses que nã fossem á cidade, & vigiaua de noyte a fortaleza cõ muyta diligencia.

CAPITVLO CLII.

De como el rey de Cambaya tornou a Diu, & do que fez.

Passandose estas cousas em Diu, deu el rey de Cambaya fim a suas guerras, & foyse a Diu, onde chegou a dez dias Doutubro, & logo em chegando, hũa noyte disse hũ mouro a Manuel de sousa á porta da fortaleza estãdo ele só da banda de dentro cõ a porta fechada, & o mouro de fora, q̃ se ao outro dia ho mandasse chamar el rey de Cambaya q̃ nã fosse porq̃ o queria matar, & porq̃ nã cuydasse q̃ lhe dizia isto por algũ interesse, lhe nã dizia quẽ era, & Manuel de sousa não disse isto então a ninguẽ, até ver se era assi, se não quãdo ao outro dia foy chamado da parte del rey de Cambaya, &

ainda q̃ sabia ho q̃ lhe o mouro dissera não deixou dir, porq̃ ouue medo q̃ não indo tomasse el rey achaq̃ pera rõper a guerra, ao que ele desejaua muyto datalhar, & tãobẽ pareceolhe q̃ não ganhaua el rey nada ẽ o matar, pois coisso não tomaua a fortaleza, & mais q̃ o auiso q̃ lhe deu o mouro seria falso: E deitadas bẽ suas contas, assentou em yr, deixãdo o alcayde mór por capitão, a q̃ encomendou muyto a guarda daq̃la fortaleza & defensão se necessaria fosse: E deixando toda a gente armada & artelharia prestes, foy falar a el rey, não leuãdo mais q̃ os da sua guarda & seus criados, & el rey o recebeo cõ muyto gasalhado, & lhe mandou dar hũa Cabaya rica, & lhe pergũtou como estaua, & ele lhe deu de presente hũ Montante com a maçaã & cabos dourados, & hũs estribos & esporas do mesmo teor: E Manuel de sousa por ser esta a primeira vez q̃ o via, nã lhe quis logo falar na morte dos Portugueses, & tornouse aa fortaleza, mostrãdo el rey q̃ ficaua seu amigo: mas como era muyto incõstante logo se mudou, & dali a algũs dias estando na quintaã de Meliq̃, determinando consigo de tomar a fortaleza o pos em cõselho, em q̃ foy cõselhado per todos q̃ o nã fizesse, & sua mãy lho rogou muyto, dizẽdo q̃ os Portugueses não lhe fazião nhũ mal, & que se bolisse coeles lhe ficarião por ĩmigos, & não lhes auia de tomar a fortaleza, & eles destruirlheyão a cidade, por isso q̃ fosse seu amigo, & não lhes fizesse guerra, & ajudoua muyto Sãtiago em q̃ el rey confiaua, a q̃ disse q̃ não auia de tomar a fortaleza aos Portugueses tão facilmẽte como lhe parecia, porque a fora ela ser muyto forte, & artilhada de boa artelharia, eles erão tam leaeis & tão esforçados, q̃ auiã todos de morrer primeiro q̃ a perdessem, que se lha não tomasse por algũ ardil q̃ por força era escusado, q̃ o ardil auia de ser, fazerse muyto amigo de Manuel de sousa, & dissimular com o yr ver aa fortaleza, pera que tãobem descansasse dalgũa sospeyta se a teuesse: & vindo o gouernador a Diu, coesta amizade o poderia prẽ-

der ou matar, & sendo ele morto ou preso tomaria a fortaleza, porque morto o gouernador, não auião os Portugueses de ter esforço pera se defenderẽ, & q̃ daquela maneyra a tomaria a seu saluo, & nisto assentou el rey: E como era acidental & apetitoso, quis logo yr á fortaleza, onde foy aos treze de Nouẽbro ás oyto oras da noyte, não indo coele mais que o Rao & dous outros senhores mouros, & sem ter mandado recado a Manuel de sousa que auia dir, bateo de supito a estas oras q̃ digo: E sabendo Manuel de sousa q̃ ya mandou tocar as trõbetas, & como os Portugueses andauão cõ atoardas de guerra, em hũ momento forão todos armados & póstos no terreyro da fortaleza, & erão perto de nouecentos, a q̃ Manuel de sousa mãdou q̃ fizessem hũa rua perãtreles cõ muytas tochas antresachadas, cõ cuja claridade as armas resplãdecião q̃ era hũa bẽ fermosa cousa: E nisto abrio Manuel de sousa o postigo da porta da fortaleza, & entrou el rey, que mãdou q̃ não entrassem coele mais q̃ o Rao & os outros dous, & que toda a outra gente ficasse de fora, & logo mãdou fechar o postigo & isto por segurar Manuel de sousa, & ficou espantado de chegar tão de supito, & achar os Portugueses armados tão asinha: E dando a entender que se agastaua entre tantos armados, disse a Manuel de sousa, q̃ se ele era tamanho amigo del rey de Portugal & dos Portugueses que pera q̃ se armauão, ao que lhe respondeo, q̃ não estranhasse aos Portugueses armarense por sua vinda, porque costumauão de o fazer quando os reys entrauão nas fortalezas del rey de Portugal, com o q̃ el rey descansou, & foy ver dentro as casas de Manuel de sousa: E o Rao sabẽdo que lhe tinha descuberta algũa parte do mal q̃ el rey queria aos Portugueses, quando vio el rey na fortaleza & entrar nas casas de Manuel de sousa, receandose q̃ o matasse disselhe, capitão prender & não matar, & Manuel de sousa lhe disse, q̃ não auia de fazer hũa cousa nẽ outra, & depois dizia q̃ o deixara de fazer, porq̃ nã sabia se o ouuera o gouerna-

dor por bẽ: E vendo el rey as casas de Manuel de sousa gaoulhas muyto, & dizẽdolhe ele q̃ as casas, fortaleza, ele, & os Portugueses, tudo era seu, disse el rey em Portugues: Bofé amigo, a fortaleza he del rey teu señor, & as casas são tuas. E auendo obra de mea ora q̃ estaua dẽtro sayose, leuãdo Manuel de sousa por hũa mão, & o Rao por outra ate sayr da fortaleza, & foyse pera sua casa cuydando q̃ deixaua Manuel de sousa muyto fora de sospeyta cõ aquela yda, & ele como conhecia el rey, temiase dele como dantes.

C A P I T V L O CLIII.

De como Manuel de sousa escreueo ao Gouernador o que passaua em Diu.

Passados poucos dias que el rey foy à fortaleza, teue noua certa da grãde guerra que el rey de Calicut, & Açadacão, fazião aos Portugueses, & como era incõstante, & tinha mortal odio aos Portugueses, esquecido do conselho q̃ tinha tomado, quis tomar por força a fortaleza, & sem nhũ proposito, mãdou hum dia de presente a Manuel de sousa quorẽta galinhas muyto magras & sem cabeças & pernas, & isto assi por zõbar dele, como por sinal de guerra, & Manuel de sousa as tomou, o que não pareceo bem aos Portugueses, que logo souberã que aquilo era fazer el rey escarneo deles & mais sinal de guerra, & entã se arrepẽdeo Manuel de sousa de não prender el rey quãdo foy á fortaleza, pois sabia sua determinaçã, & escreueo logo ao gouernador por hũ Francisco anrriquez quanto lhe tinha dito o Rao da determinaçã del rey de Cambaya & o que tinha feito, & como o não prendera quando fora á fortaleza por não saber sua vontade, & q̃ acudisse a Diu porque esperaua por cerco: Vẽdo o gouernador esta carta ficou muy agastado de Manuel de sousa não prender el rey quando o teue na fortaleza pois sabia sua determinaçã: E em

acabando de a ler, escreueo outra por sua mão a Manuel de sousa, estranhandolhe não prender el rey, & que o prendesse se o acolhesse outra vez na fortaleza, porq̃ ele partia logo, & na mesma ora mãdou coesta carta a hũ criado seu, chamado Pero de chaues, de que confiaua muyto, que foy em hũ catur bem esquipado, leuando a carta cosida em hũ gibão, q̃ deu a Manuel de sousa, o qual não pode prẽder el rey por nã tornar mais á fortaleza: E por neste tempo o gouernador andar em concerto de pazes cõ Açadacão, mãdou diante a Diu Manuel de macedo cõ algũa gente, mandandolhe que dissesse a Manuel de sousa q̃ como ele chegasse a Diu, desparasse toda a artelharia & fizesse grande festa, dizendo que chegarã quatorze naos de Portugal que leuauão sete mil homẽs, & assi foy feito, com o q̃ el rey de Cãbaya ouue medo de declarar a guerra: E mudando então o conselho de tomar a fortaleza, assentou em prender o gouernador & mandalo chamar, fingindo que queria falar coele cousa que importaua muyto ao seruiço del rey de Portugal, porque coisto yria logo & mandoulhe hũ embaixador, que era hũ mouro muyto honrrado seu capitã, filho doutro chamado Lucão, grãde senhor em Cambaya, que tinha hũ conto douro de rẽda: & este embaixador sabia bem a treyção q̃ ordenaua el rey de Cãbaya, que lhe mandou que fosse por Baçaim & leuasse consigo Cojexacoez, q̃ era Tanadar mór del rey de Cambaya naquela terra.

CAPITVLO CLIIII.

De como foy descuberta ao gouernador a treyção del rey de Cambaya.

Com quanto Açadacão estaua tão forte no passo de Bori, & vio derribada a fortaleza de Rachol, & vio desbaratado dõ Gonçalo coutinho, & mortos duzentos Portugueses, não descansaua porq̃ o gouernador não queria paz coele, que bem sabia que sem ela não podia cobrar as Tanadarias de Salsete & de Bardés, q̃ era o fim porq̃ fazia esta guerra, & por isso não deixaua de pedir paz: E ainda depois de ydo Pero de faria, quãdo derribou a fortaleza de Rachol, mandou hũ embaixador a pedir paz ao gouernador, prometendolhe se a fizesse, cõ lhe dar as Tanadarias, de lhe descubryr hũa cousa que lhe importaua muyto sabela, & nisto lhe foy dada a carta de Manuel de sousa, acerca da determinaçam del rey de Cambaya: E vendo o gouernador que lhe era necessario acudir a Diu, & que Goa ficaua em perigo se ficasse de guerra com Açadacão, determinou de fazer paz coele & darlhe as Tanadarias, & mais porque soube do mesmo embaixador o que escreuera a Açadacã & aos outros senhores, acerca de fazerẽ a guerra q̃ lhe faziã por essa causa, & mostroulhe a propria carta quelrey de Cambaya escreuera a Açadacão, & que isto era ho q̃ lhe importaua de saber, porq̃ não se fiasse del rey de Cambaya: E ho gouernador porque não parecesse que coeste medo fazia as pazes dissimulou, dizendo que nã lhe daua nada del rey de Cambaya, porq̃ tinha em Diu muyto boa fortaleza & gẽte com que a defender, mas por Açadacã ser vezinho de Goa & amigo del rey de Portugal, folgaria de ter paz coele & tornarlhe as Tanadarias, com condiçã, que ele mandasse hũ embaixador a el rey de Portugal sobrisso, como dizia dantes, & que se el rey ouuesse por bem que lhe ficassem as

Tanadarias que lhe ficarião, & se não que as auia de tornar, & assi se fez a paz: E depois disto chegou o embaixador del rey de Càbaya, & coele Xacoez a que o gouernador mandou fazer bom recebimento & lhes fez muyta honrra, & deulhes por cõpanheiro a Coge percolim hũ mouro Persiano (de que faley a tras) que eu conhecy, em que o gouernador confiaua muyto, por auer annos q̃ andaua na India & ser amigo dos Portugueses & espremenlado por leal, & mais era muyto prudente, & por isso lhe encomendou o gouernador que lhe soubesse do embaixador del rey de Càbaya a determinação del rey, & tàbẽ rogou o mesmo a Xacoez que tinha por amigo, & lhe descobrira que el rey de Cambaya lhe mandara que comprasse quanto arroz ouuesse em Baçaim & por aq̃la terra, porq̃ os Portugueses o nã achassẽ, & que nisto lhe parecia que el rey queria fazer guerra á fortaleza de Diu, & a ele treyçã, por algũas cousas que lhe o embaixador dissera: E concertado isto com estes dous mouros, eles tomarão a cargo de o saber, pera que hũ dia derão hũ banquete ao embaixador, em que entrauão muyto bõs vinhos, com que ficou quẽte & ledo, & ficando todos tres sós sobre comer, começarã Cogepercolim & Cogexacoez de dizerem mal dos Portugueses, & brasfemando deles, por os males que fazião aos mouros, & espantandose muyto del rey de Cambaya sendo tamanho senhor, como os não deitaua fora da India, dandolhe por isso muyta culpa, & que deuia de tomar o gouernador em hũ bàquete que lhe desse, ou em outro lugar & prendelo, porque preso facilmẽte lhe tomaria a armada & a fortaleza, & depois tomaria as outras fortalezas, & deitaria os Portugueses fora da India, o que lhe seria mayor honrra, que ser tamanho senhor como era, & pera sua fama sayr pelo mundo, deuia de mandar o gouernador depois de preso ao Turco em hũa gayola de ferro: E o embaixador com a ledice que tinha, riose muyto quando ouuyo isto, dizendo que assi ho tinha el rey de Cambaya determina-

do: & que como ho gouernador fosse em Diu, lhe auia de dar hum banquete & a seus capitães, na quintaã de Melique, em hũa orta que tinha cercada de forte muro onde os auia de prẽder a todos, ou nas suas casas quando os nam podesse acolher na quintaã. E pera mayor certeza do gouernador, estaua em outra casa pegada com ela hũ Portugues, que sabia a lingoa, que ho ouuia & escreuia, & deu tudo ao gouernador, que deu muytas graças a nosso Senhor por lhe descobrir aquela treyçam, & bem parece que foy aquilo permissam diuina, porq̃ a Christandade que auia na India nam se perdesse, ho que ouuera de ser, se a treyçam del rey de Cambaya ouuera effeyto, & logo ho gouernador determinou cõsigo de prender el rey de Cambaya, se ho Manuel de sousa não teuesse preso, & auia de ser, fazer que ya doente do caminho, pera que quando chegasse a Diu o fosse el rey ver á fortaleza onde ho prenderia, & quando nam, prendelo em sua casa, a primeyra vez que ho fosse vér, leuando cincoenta fidalgos & homẽs de feyto armados secretamente, que ho auiam dacompanhar: E em ele chegàdo por terra ás casas del rey com esta companhia, auiam de chegar por mar os nauios de remo, com todo ho resto de sua gente, todos armados secretamente, tãgẽdo trombetas & atabales, como que lhe yão fazer festa, & em ho gouernador chegãdo á primeyra porta das casas del rey, auiam de matar ho porteyro, & despois arrombando as outras portas onde el rey estaua & prendelo, & dar com ele nos catures, que auiam destar pegados com as suas casas, por ho mar bater nelas, & dali dar com ele na fortaleza, porque a nossa armada defenderia que não chegasse a del rey, & os que yão com o gouernador ho defenderiam dos mouros se acodissem por terra, & nam deu logo parte disto a ninguem, por nam ser descuberto, & logo pos em obra sua partida, que foy na entrada de Ianeyro do anno de mil & quinhentos & trinta & sete, & leuou hũa armada de trinta vélas grossas & miudas, com quinhentos Portu-

gueses, mandãdo recado a Martĩ afõso de sousa que andaua no Malabar, que logo partisse pera Diu, & fosse com muyta pressa, porque era cousa de muyta importancia, & Martĩ afonso ho fez assi, leuando toda a armada que tinha, & ho gouernador nam esperou por ele, & foy com tam pouca gente com pressa de lhe parecer, que tanto que chegasse a Diu, por yr doente ho yria el rey de Cãbaya logo ver á fortaleza, onde ho prenderia, & fazia conta que com a gẽte que leuaua, & a que tinha Manuel de sousa se defenderia dos mouros, & que com a q̃ Martĩ afonso leuasse, abastaria pera segurar Diu, quanto mais que como os mouros vissem preso el rey de Cambaya, não auiam de ter coração pera bolirẽ cõsigo.

C A P I T V L O CLV.

De como Antonio galuão chegou a Malaca.

Partido Antonio galuão de Cochĩ, seguio sua rota pera Malaca com os nauios de sua conserua, & indo no mais que com a nao que fretou, de que era capitão Francisco nunez, & na paragem da jlha de çamatrá, lhes deu hũa tormẽta com que se ouuera de perder, porque estando surto, foy a outra nao dar por a sua, não a vendo com o grande escuro, & abalrroou coela, & desfaziãse hũa cõ a outra cõ o mar que era muito grosso. E estãdo neste grãde perigo, quis nosso Senhor que cessou a tormenta & apartarãose as naos, & daquy foy ter a Malaca aos dezoyto de Iunho, & estando aquy adoeceo & quasi morto o mãdou dom Esteuão da gama leuar pera a fortaleza, onde nosso Señor lhe deu saude, & já em Agosto chegou Diogo sardinha, per que Tristão datayde mandaua pedir socorro a dom Esteuão, encampãdolhe a fortaleza se lho logo não mandasse pela via de Borneo, & Diogo sardinha deu tãobem hũa carta de Tristão datayde a Antonio galuão, em que ho auisaua do que auia dyr apercebido: & assi lhe derão ou-

tra carta que lhe escreuiã algũs homẽs de Maluco, & antre outras cousas diziã nela: E assi esperamos senhor por vossa vinda, como os santos Padres que estauão no limbo esperauão pola de nosso Senhor, pera nos tirardes de tantos trabalhos como temos, & ate qua chegardes nos parece dez mil ãnos, praza a nosso Senhor que o traga como desejamos: Dizem que lhe hão lá de cõprar a fortaleza, se a vender será grande deseruiço de Deos & del rey, & risco desta fortaleza, & de nossas vidas & fazendas, & receamos muyto de a venderdes, porque se assi for, dará causa a se perder de todo o seruiço de Deos & del rey, a que importa muyto esta fortaleza & vindo parela fareis a ambos muyto seruiço, & a nos todos muyta merce, & muyto bem a toda a terra, que cõ grande desejo de sua vinda o está esperando. E tãobẽ lhe foy dada outra carta de Rodrigo rabelo feytor da nao Santispirito, em que lhe fazia grandes queixumes de Tristão datayde, por lhe não deixar carregar a nao & a deter dous annos. E sabendo Antonio galuão por estas cartas a grande necessidade que a fortaleza de Maluco tinha de mantimentos, armas, & gẽte, requereo ao feytor Belchior botelho que carregasse a nao del rey de mãtimentos por quão necessarios erão, & por ele não querer tomar se nã poucos, foy necessario a Antonio galuão buscar dinheiro emprestado, & comprou tantos á sua custa que carregou a nao q̃ leuaua fretada, & nisso & em peytar a gẽte que fosse coele gastou muyto, porque ouuyndo a gente que ya coele o trabalho que auia em Maluco: E vẽdo que os que de lá vinhão não queriào tornar, nã queriào yr cõ Antonio galuão, que fazẽdo o que digo, lhes ganhou as vontades pera yrem. E porq̃ sabia que toda a saluação da fortaleza de Maluco erã muytos mantimẽtos, deixou em Malaca hũ Antonio soarez, que fosse em hũ jungo pela Iaoá & o carregasse hi deles, & pera isso lhe deu a sua prata laurada q̃ tinha por não ter já dinheiro: E vendo quão necessaria era sua yda a Maluco, posto q̃ estaua

muyto doẽte, & dom Esteuão & os outros lhe conselhauão q̃ não se matasse, & que espaçasse sua partida pera o Ianeiro seguinte, não quis se nã partirse indo quasi com a candea na mão, tamanho era seu desejo de seruir a Deos & a el rey: & aos dezoyto Dagosto deu á vela, & se partio de Malaca pela via de Borneo: E sabendo quão perjudicial era ao seruiço del rey, leuarse a Maluco fazẽda de partes, não quis dar licença a ninguẽ que a leuasse, posto que por isso lhe dauao muyto, nẽ menos deu licença a mercadores pera que fossem coela depois q̃ lá esteuesse, o que nunca ate entao fizera nenhũ capitão.

CAPITVLO CLVI.

De como Antonio galuão chegou aa jlha de Ternate.

Partido Antonio galuão de Malaca foy ter ao porto de Borneo cõ sua conserua, & por el rey & os seus estarẽ muyto escãdalizados dos agrauos q̃ os mouros de Maluco recebião de Tristão datayde & dos Portugueses, nã foy Antonio galuão ali tãobem agassalhado, como o forão os outros capitães q̃ yão pera Maluco, pelo que não se quis deter & partiose logo, & dali foy ter á jlha de Ternate, em cujo porto surgio aos vintacinco dias Doutubro, & como foy visto da fortaleza, foy grande o aluoroço na gente, & algũs desses principaes o forão logo visitar, pera lhe dizerem mal de Tristão datayde como disserão, atrebuyndolhe toda a culpa de lhe os mouros fazerem guerra, & que os Portugueses estauão tão escãdalizados dele que se dom Esteuão da gama não esteuera por capitão de Malaca, eles o mandarão preso ao Gouernador da India, mas porque dõ Esteuão, que era seu sobrinho, estaua em Malaca onde auia dir ter, o não mandarão, & tantos males dizião de Tristão datayde, que Antonio galuão o não creo, parecendolhe que o dizião por lhe comprazer. E porq̃ sabia que sempre os

capitães daquela fortaleza quando entrauão prendião os outros questauão nela, determinou de nã fazer assi a Tristão datayde, se não mandalo com sua hõrra, saluo se lhe achasse taes culpas que nã podesse al fazer se nã prendelo, & assi lho mandou dizer, mãdandoho ele visitar, & pedirlhe q̃ fosse logo tomar posse daquela fortaleza, o q̃ nã quis fazer, & deteuese algũs dias sem sayr em terra, por lhe parecer que vẽdo a gente o fauor que fazia a Tristão datayde, recõciliassem com ele, ou ao menos nã se atreuessem a queixarselhe muito dele. E vendo os da fortaleza quanto dilataua tomar posse dela, diziã que era com medo de nam se atreuer com a carrega que era ser capitão: E por isso desembarcou hũ domingo, & foy recebido com procissam cantando os clerigos: Te Deum laudamus, & metido de posse da fortaleza, foy ho prazer muyto grande em todos, dizendo que os fora remir do catiueyro em que estauam, principalmente em leuar tantos mantimẽtos como leuou: E porque ele sabia a necessidade que auia deles, & a grande valia que tinham, pos tayxa neles, & pera que teuesse mais vigor, & todos soubessem que auia de permanecer, começou logo nos del rey que estauam na feitoria, mãdãdo que se dessem trinta gantas daroz, que sam oyto alqueires, por quatrocentos & oytenta rẽs, a rezão de sessenta o alqueire, valẽdo dantes a cinco cruzados, & a este preço se pagasse nele o mantimento & soldo que fosse diuido ás partes, a que ainda deuião a algũs do tẽpo Dantonio de brito, & nisto a fora el rey ganhar muyto em se desendiuidar, ganhou muyto no emprego deste aroz: E assi mandou que a jarra do çagu se desse a duzentos rẽs, & hum porco tres mil rẽs, & hũa cabra dous cruzados, & hũ cabrito tres tostoẽs, hũ leytão hũ cruzado, hũa galinha cincoenta rs, & assi todo ho mais muyto barato, pera quam caro estaua dantes (como disse atras) & assi em todas as outras cousas. E pera se melhor executarem as penas desta taixa, fez hũ juyz ordinario, & dous almota-

ceis, que ate entam nam ouuera, & deulhes os cinco liuros das ordenações, que leuou pera isso da India, que forão os primeyros que se virão naquela terra: & assi leuou pera ho ecclesiastico, as Cõstituyções que o Cardeal dõ Afonso de gloriosa memoria fez. E vẽdo a gente quam amigo Antonio galuã era do bem comũ, & quão zeloso da justiça, de cada vez lhe querião mayor bẽ, & dauam mais graças a Deos por lhes dar tal capitão. E depois de ter ordenado o que pertencia a bõ regimẽto da terra, entendeo em repayrar as cousas necessarias pera defensam da fortaleza, especialmente na artelharia que achou muyto daneficada, a grossa sem repayros, & a miuda sem rabos nem piães, & ainda dizião que falecia a melhor, que Tristam datayde dera aos jungos dos mercadores pera segurãça do crauo que lhe leuauam, nem auia ferreyro pera que a concertasse, porque hũ que auia, deralhe Tristão datayde licẽça pera Malaca na moução passada, nem auia poluora, nem caruão pera se fazer: & Antonio galuã fez tanta diligencia, que achou hũ ferreyro que andaua encuberto, a que deu tanto de sua fazenda, que quis vsar do officio, que importaua tanto q̃ sem ele não se podia concertar a artelharia, que logo foy concertada, & repayrada de todo o necessario: E feyta poluora, & Antonio galuão com os fidalgos & pessoas principaes yão ao mato a cortar madeyra, pera os repayros das bombardas, & lenha pera se fazer caruão, & a traziam ás costas com immenso trabalho, o que não se podera fazer se Antonio galuão não leuara a ferramenta que disse que leuou da India pera este mester.

C A P I T V L O CLVII.

De como Antonio galuão se apercebeo pera yr pelejar com os mouros a Tidore.

Tam soberbos estauã os reys de Maluco, com as vitorias passadas, que ainda q̃ souberão a vinda Dantonio galuão, & a boa gente que leuara, não disistirão da guerra q̃ faziam a fortaleza, & mãdauã suas armadas q̃ lhe fossẽ correr, & assi o fazião, dandolhe os mouros mil rebates de dia & de noyte, com q̃ Antonio galuão sucedeo no grãde trabalho q̃ Tristão datayde tinha dãtes, tendo cõtinuamẽte as armas vestidas, cõ quantos auia na fortaleza, acodindo aos saltos dos ĩmigos, muytas vezes estãdo comẽdo & dormindo, & sem terem nenhũ repouso. E parecendo a Antonio galuã, q̃ por ser nouo na terra, quererião os reys paz coele, & porque sabião que se auia dir Tristão datayde, mandoulha pedir per Gonçalo vaz çarnache capitão mór do mar, que foy em hũa carauela a Tidore, onde os reys estauam juntos: que ouuindo a embayxada Dantonio galuam sobre a paz, se desculparam da guerra que faziam, com os males & offensas que lhes Tristam datayde tinha feyto, & que aueriam sobrisso seu conselho, & entre tanto assentaram tregoas por certos dias, pera que coesta cór teuessem tempo de tomarem lingoa da fortaleza, & saberẽ a determinação Dãtonio galuão, quando o não podessẽ saber pelo çamarao: E cõ a confiança desta tregoa, de que Antonio galuão foy cõtente, começarão os da fortaleza de sayr pola jlha a buscar lenha, mais desmãdados que dãtes, principalmente os escrauos, de que os ĩmigos que estauam em cilada pera isso, tomarão logo tres, & forãose coeles tam asinha, que quando Antonio galuão acodio ja os não achou. E vendo ele quam mal lhe os reys guardauam a tregoa, mandoulho estranhar muyto, dizendo que pois assi era, que não lhe posessem

culpa se lhes fizesse guerra, q̃ lhe auia de fazer descuberta & não cõ treyções: ao que responderão, que fizesse ho que quisesse que prestes estauão: O que ouuido por Antonio galuão, determinou de yr sobre Tidore & dar batalha aos reys, posto que sabia o demasiado numero de gente que tinhão, & quão esforçada era, & que o gouernador da India, com todo seu poder faria muyto em a desbaratar, & que era perigo grandissimo auenturarse em hũa batalha: & porem lembraualhe, que pera esperar por mais gente, que a nam podia auer se nam da India, & em dous annos, se no caminho lhe nam acontecesse algũ desastre, & que pera a gente que tinha não auia mantimentos, pera a terça parte deste tempo, nem os podia auer de nenhũa parte, & sem eles era impossiuel sosterse, por isso que era melhor auenturarse em hũa batalha, com a esperança em nosso Senhor, que morrerem com fome poucos & poucos. E isto determinado, praticouho em conselho, & os mais foram de parecer, que nam se deuia de pelejar com tamanho poder de gente como tinham aqueles Reys, sendo os Portugueses tam poucos, que se deuia de meter na fortaleza & guardala, & mandar pedir gente ao gouernador da India: & Antonio galuão foy de parecer que pelejasse, dando as rezões que disse, & algũs foram deste parecer, & neste se assentou. E como tudo estaua prestes pera a partida, partiose Antonio galuão pera Talangame, onde estauam quatro vélas, em que auia dir, afora algũs paraós de seruiço, & em duas, q̃ eram duas naos, yr ele & Gonçalo vaz çarnache, & em hum nauio Francisco de sousa alcoforado, & em hum calaluz el rey Cachil aeyro, & ho çamarao com cincoenta mouros, & nas outras vélas cento & setenta Portugueses, & na fortaleza deyxou por capitam Tristam datayde, porque nam podia ficar outra pessoa mais pertencente pera isso, assi por ser tam esforçado, como por ser tio de dom Esteuam da gama que estaua em Malaca, que ho socorreria logo se fosse caso que Anto-

nia galuão morresse na batalha, & tambem folgou de ho deyxar, pera que tirasse estormentos de seus seruiços á sua vontade, & cobrasse a perda que tinha recebida cõ a guerra, & deyxou coele seus criados & amigos. E estando Antonio galuã em Talàgame pera partir, sayrâlhe de hũa cilada dous mil mouros, com q̃ ouue hũa escaramuça despingardadas, de q̃ nẽ hũs nẽ outros ficarão feridos, & em se os mouros embarcando, foy tomado hũ, a q̃ Antonio galuão pregũtou polo que os reys determinauão, prometendolhe merces se dissesse a verdade, & tormentos se dissesse mentira, a que o mouro respondeo muyto seguro. Sabe capitão, que se aos reys que eu siruo, & á sua gente, se seguisse algũ dãno pelo que eu dissesse, não aueria tormẽto que mo fizesse dizer, q̃ assi como eu tiue ousadia pera ficar na traseyra, pera defender os outros que se embarcauão, assi terey esforço pera sofrer a pena com que salue tãtas vidas: mas como sey certo, q̃ os reys & a gẽte que estão em Tidore, não perdẽ nada no q̃ te disser, direy verdadeyramente o que me preguntares, então lhe disse, que os quatro reys de Maluco, & outros quatro dos Papuas, estauam todos em Tidore, com tanta gente, que não se podia contar, & era sua determinação de ho tomarem viuo com todos os Portugueses, pera aos que estauão dantes com Tristão datayde & a ele matarem com graues tormentos, & a Antonio galuão & aos outros os resgatarem, & que a cidade de Tidore estaua fortissima com muros & baluartes, & muytos estrepes, que por nenhũa parte podia ser entrada, com hũa fortaleza sobre hũa rocha talhada, pera onde sobiam por hum caminho tam ingreme & estreyto, que ás pedradas se defenderia a sobida a todo mundo, & pera a encaualgarem por terra auiam de sobir mais de hũa legoa, por caminho muyto fragoso & çarrado daruoredo, & todauia o mouro lhe prometeo de ho leuar la, porque quanto mais cedo ho leuasse, tanto mais asinha seria liure, & ele seu catiuo: & Antonio galuão estaua espantado de ver

a ousadia deste mouro, & tudo lhe sofria, porque ho guardaua pera guia, se lhe fosse necessario.

CAPITVLO CLVIII.

De como Antonio galuão destruyo de todo a cidade de Tidore.

Ao outro dia em que Antonio galuão determinaua de partir, em rõpendo a alua, apareceo ao mar hũa armada dos mouros, de passante de trezentas vélas de remo, em que yão mais de trinta mil homẽs de peleja com os remeiros, que tambem se contam por homẽs darmas, & he costume da terra, os filhos dos reys, dos Sangajes, & dos Mandarĩs andarem ao remo em quanto sam mâcebos, & prezãose disso, porque dali vẽ a serem caualeyros. E os mouros que souberã que Antonio galuão estaua de partida, forãolhe dar mostra de sua armada pera o espãtarẽ, & cõ tudo cõ medo da sua artelharia, não ousarão de chegar a tiro de bombarda dele: E vẽdo ele q̃ tudo aquilo era rebolaria não deixou de partir, deixãdo em guarda de Talâgame Fernã anrriquez, em certos junges que hi ficauão, & em ele partindo, partio tambem a armada dos mouros indo sempre alamar: & chegado a Tidore que começou de costear a jlha, forão as prayas cubertas de gẽte que o sayão a ver, & dauã grãdes gritas. E em começando de descobrir a cidade, começou a artelharia de jugar dela, mas como passauã os pelouros por alto nam lhe faziam dãno, & Antonio galuão mãdou q̃ não tirassem á cidade, cô determinação de ver primeiro se podia fazer paz per bẽ, & quãdo não q̃ então faria a guerra, & foy surgir cõ sua armada diante dũa mezquita, & dali mãdou logo hũ recado aos reys sobre paz, mas o messageyro nã foy ouuydo, nẽ o deixarã chegar á cidade, cõ muitas espingardadas que lhe tirarão de q̃ o ferirão, & coisto derão muytas apupadas, como que zombauão da yda Dãtonio galuão, cha-

mando nomes injuriosos aos Portugueses, q̃ tudo ouuião por estarẽ perto de terra, & nisto gastarão o q̃ era por passar do dia, & quasi toda a noyte. E em aparecendo algũa cãdea na nossa armada, tirauãlhe logo cõ a artelharia, pelo q̃ se passou dali pera baixo da cidade, assi por se tirar daquele perigo, como por ter tẽpo pera praticar como daria na cidade, & ali lhe deu hũa toruoada com q̃ se ouuera de perder, & por isso determinou de surgir ao pé da rocha onde estaua a fortaleza da cidade, porq̃ ali lhe pareceo q̃ a poderia melhor esbõbardear, & estar mais emparado da sua artelharia. E querendo saber se era como lhe parecia, mãdou Gõçalo vaz çarnache q̃ o fosse ver, & sondasse ao pé da rocha, do q̃ se ele escusou, dizẽdo q̃ o matarião os tiros q̃ lhe tirassem de terra q̃ yria de noyte. E vẽdo Antonio galuão q̃ o não queria fazer, foy fazelo, o q̃ fez cõ muyto grãde perigo, & depois foy ali surgir cõ a armada, em que logo fez cõselho sobre sayr em terra, & hũs dizião, q̃ a cidade se deuia descalar por qualquer parte q̃ podesse, outros q̃ polo mais forte, porq̃ ali auia dauer menos gẽte pera a defender, outros q̃ deuiã de tomar a fortaleza, q̃ ainda q̃ fosse cousa muy trabalhosa de fazer, era de muyto menos perigo, porq̃ nã tinha artelharia nẽ gẽte q̃ a defendesse, porq̃ auião os mouros por impossiuel poderse tomar: & tomada, darião dali tanta guerra á cidade, que ou se os mouros yrião dela, ou farião paz, quanto mais q̃ auião muyto de desmayar com a fortaleza tomada, & ainda q̃ tomassẽ primeyro a cidade, estaua certo acolheremse os mouros á fortaleza, como fizerão outras vezes, & ali seria impossiuel fazerlhe dãno, & deste parecer foy Antonio galuão, & ali se assentou que pera este feyto leuasse cento & vinte Portugueses escolhidos, & os cincoenta ficassem na armada, assi pera a defenderem se a dos ĩmigos a cometesse, como pera que em amanhecendo aparecessem nos nauios todos armados, & tangẽdo suas trombetas & atãbores, q̃ cuydassem os ĩmigos que querião desembarcar, & acodis-

sem a tolherlhes a desembarcação, & Antonio galuão com os outros podessem mais facilmente tomar a fortaleza. E encomendàdose a nosso Senhor, que os liurasse de tamanho perigo como aquele a que se punhào, por exalçamento de sua sancta fee. Rendido ho quarto da modorra, que era o tempo em que os ĩmigos estauã mais assossegados, desembarcou Antonio galuã cõ os cẽto & vinte Portugueses, q̃ todos leuauã espingardas & lãças, & leuauãolhas seus escrauos, q̃ cõ os senhores faziam numero de trezẽtos. E tornados os bateis pera a frota, abalou Antonio galuão pera a fortaleza, per hũ caminho q̃ estaua afastado da cidade, pera cima da rocha q̃ disse, pelo que não foy sentido dos ĩmigos, & leuaua a gẽte feyta em corpo, & na dianteyra yã Gõçalo vaz çarnache, Diogo lopez dazeuedo, Iorge de brito, Antonio de teyue, dõ Fernãdo de mõrroy, Iorge datayde, & outros fidalgos cujos nomes nã soube, & assi hũ Antonio carneiro q̃ leuaua o mouro, q̃ disse q̃ os guiaua, & no meo ya Antonio galuão cõ a bandeira: & a traseyra por ser lugar de mais importãcia, foy encomẽdada a Frãcisco de sousa, cõ quem yão Ioão freyre & outros: E como o caminho era muy fragoso, & Antonio galuão ya de vagar, por os seus não cansarẽ, chegou a mea legoa da fortaleza ás oyto oras do dia (q̃ era do apostolo Sã Thome:) E como se ya chegãdo á cidade, foy sintido das atalayas dos ĩmigos, q̃ lhes logo derão auiso, dizẽdo quã poucos erã os Portugueses: E aluoroçados os reys coesta noua, derão logo rebate á sua gẽte, de q̃ se ajũtarão cincoẽta mil homẽs de peleja, & sayndo cõ os reys, tirarão a grãde pressa pera onde ya Antonio galuão, q̃ ouuindo ho arroydo da gẽte q̃ era grãde, por nã se embaraçar coele, antes de chegar á fortaleza, deixou o caminho q̃ leuaua, & meteose pelo mato, q̃ como era muy espesso ho encobrio dos ĩmigos, q̃ o perderã de vista: E cuydãdo q̃ fogiã, começã de dar grãdes apupadas cõ prazer, & era medonha cousa douuir os ecos q̃ fazião por aq̃les vales, q̃ isto só abas-

taua pera fazer desmayar Antonio galuã & os seus, q̃ cõ a esperãça em nosso Senhor yã todos muy esforçados. El rey Cachil dayalo q̃ leuaua a diãteira dos immigos, & a quẽ era encomẽdado q̃ fosse o primeyro q̃ desse nos Portugueses, trabalhou por lhes atalhar antes q̃ chegassẽ á fortaleza, & sayndo cõ sua gẽte a hũ escãpado q̃ se fazia antreles & a fortaleza, foy ali ter Antonio galuão por acerto, & el rey quisera auer fala dele pera o deter, q̃ chegassẽ entretanto os outros reys cõ o resto da gẽte & o tomassẽ ás mãos cõ os outros, q̃ nã se cõtẽtauã de os matarẽ pelejãdo: porẽm Antonio galuão nã curãdo de pratica, & fazẽdo tocar as trõbetas, remete cõ os seus aos mouros, chamando por Sãtiago, & desparãdo sua espĩgardaria, & outros ás lãçadas & cutiladas, de q̃ logo foy ferido el rey Dayalo q̃ andaua na diãteira, vestido em hũa saya de malha & hũ capacete na cabeça, pelejando cõ hũa espada dambas as mãos, & cahio das feridas q̃ lhe derã, & como era muyto esforçado, leuãtouse logo, dizendo q̃ nã era nada, posto q̃ lhe sahia muyto sangue. E neste tẽpo deu hũ mouro a hũ Pero pinheyro, cõ hũa espada hũ golpe de tãta força sobre o capacete, q̃ o derribou atordoado, & mataraho, se lhe não acodira Iorge de brito, q̃ o derribou cõ hũa lançada, & logo foy morto, & Pero pinheyro leuantado, & nisto era a batalha muy trauada, & ferida muy asperamẽte, trabalhãdo os mouros por cercarẽ os Portugueses, & sumirẽnos a todos, ho q̃ sem duuida ouuera de ser se a batalha mais durara, mas quis nosso Senhor por sua mĩa, atalharlhe com cayr el rey Dayalo desmayado, do muito sangue q̃ se lhe foi das feridas q̃ erã mortaes, & em caindo, bradou, dizẽdo que ho tirassem da batalha, porque os cães de seus ĩmigos, nã se alegrassem com a sua cabeça. E tanto q̃ os seus ho viram assi leuar, desmayaram de maneyra, q̃ não poderã mais pelejar, & fogiram a quẽ mais podia deyxando as armas, por yrem mais despejados, & estes deram na outra gente q̃ os reys leuauam pera os ajudarẽ, &

como deram neles dencontro fizerãnos fogir, & hũs yão pera a fortaleza, & outros por esses matos. Antonio galuão dando muytas graças a Deos por tão milagrosa vitoria, foy seguindo os q̃ yam pera a fortaleza, matando & ferindo neles, & entrou nela com todos os seus dẽuolta cõ algũs mouros, que vazaram logo fora & lha deixaram, & ele lhe mandou dar fogo, & como as casas eram de madeyra & de canas & cubertas dola, começa o fogo dacenderse tam brauamẽte, q̃ era espanto ouuir ho arroydo que fazia. E vendo os reys que nam auia ali remedio, acodirão á cidade, onde ho medo foy muyto grãde nos que nela ficarão, quando virã entrar elrey Dayalo quasi morto, & começaram logo de fogir dela, cõ molheres, filhos, & fazendas, & mais quãdo viram os reys q̃ fogiam, & ouuião ho arroydo do fogo q̃ queymaua a fortaleza. E vẽdo os reys tamanho destroço, começã de se poer em saluo por esses matos, & el rey de Tidore acodio a suas molheres & tesouro, cô quatro mil homẽs que ho ajudauão, & deram cô tudo em hũ profundo vale, & vẽdo os Portugueses & Arabios marinheiros q̃ estauã na nossa frota ho destroço dos mouros, em q̃ pes a hũ Francisco nunez, & a hũ Fernão leytão, q̃ Antonio galuão deixou nas naos por capitaes, tomãdo nos bateis algũs berços & falcões, forãse á cidade, & nã achãdo defensa nos mouros, meterãse a roubar sem nhũa ordem, o q̃ foy causa de os mouros darẽ neles & matarã & ferirã algũs Arabios, & assi ouuerão de fazer aos Portugueses, se nesta cõjunção nã entrara Antonio galuão cõ os seus, q̃ vendo q̃ estauã todos viuos & sãos, tãto q̃ o fogo foy bẽ ateado na fortaleza deceo á cidade, & em entrãdo cõ grande grita & arroydo de trõbetas, desemparã os mouros tudo & acolhẽse. E por se os Portugueses nã embaraçarẽ cõ ho roubo, mãdou Antonio galuã poer fogo á cidade, q̃ foy toda queymada, afora os muros, ẽ q̃ ardeo muyta riqueza, porq̃ como os mouros estauã muy cõfiados em os não tomarẽ, tinhã todas suas fazẽdas sem tirarẽ nhũa cousa, & forã mortos muytos

mouros, & feridos sem côto, & catiuos infindos homẽs & molheres, & tomada muyta artelharia, & nauios de remo, & hũ jũgo: & dos Portugueses nã foy morto nhũ, saluo hũ escrauo. E parece q̃ quis nosso Senhor fazer este milagre, pera cõfusã dos mouros & q̃brarlhes sua soberba.

CAPITVLO CLIX.

De como os Reys de Geilolo & de Bachão, & os outros se foram pera suas terras.

Auida esta tã milagrosa vitoria, mãdou Antonio galuã derribar os muros & baluartes da cerca da cidade, q̃ em algũs dias forã derribados, q̃ tudo ficou tã raso como se nũca ali esteuera cidade, & assi foi atupida a caua, & isto com ĩmẽso trabalho Dãtonio galuão & dos seus, que de dia estauã em terra, & de noyte dormiam na armada. E como os Reys estauam juntos, & tinham ainda junta a gente que escapou da batalha, determinaram de ho tomarem no mar com sua armada, quando fosse das naos pera a cidade, por ser a distancia hũ pouco comprida, do q̃ Antonio galuão foy auisado por suas espias, & aquela noyte mandou poer em cilada ao longo da terra debayxo do aruoredo algũa gente nos nauios de remo que tomou, pera q̃ sayndolhe os ĩmigos, lhes ficassem os seus detras & ele diante, & pera os prouocar a sayrenlhe, embarcouse pola menhaã com grãde arroydo de trõbetas, & como os mouros estauão prestes na armada, sayrão logo a ele indo cosidos com terra, pera lhe tomarem a diãteira antes q̃ chegasse, & indo assi, foram dar de supito com a cilada, que lhe Antonio galuão tinha posta, de que lhe logo começarão de tirar com a artelharia & chegarse a eles, & aferrarã hũa coracora del rey de Bachão, q̃ ya diante carregada de gẽte, q̃ nam ousando de pelejar se deitou ao mar, & a coracora foy tomada: E vẽdo os outros isto, forase retirando, & defendẽdo de maneyra, q̃ nam receberã

mais nojo & forãose, do q̃ os reys ficarão muy enuergonhados, vẽdo quã pouco lhes fundira seu ardil, & por isso acordarã de darẽ em Antonio galuão per terra & per mar, & estãdo juntos pera isso, foy Antonio galuão auisado, & foy logo sobreles por terra, & partio de dia por lugares encubertos, pera os tomar de sobresalto, & assi ouuera de ser, se os da companhia de Frãcisco de sousa, que ya na dianteyra, nam tirarã certas espingardadas yndo perto dos ĩmigos, q̃ os sintirã, & como estauã cortados do medo, & os tomassem de sobresalto acolheramse logo, & todauia Antonio galuam alcançou os da traseyra, de que matou & ferio & catiuou algũs, & antre os mortos foy hum primo del rey de Geilolo muyto valente caualeyro, de que os immigos receberam grande perda, & fizeram por ele grandes prantos, & despois disto, foy Antonio galuam sobre hum lugar que estaua hi perto, que achou despouoado cõ medo & queymouho, & era ja ho medo tamanho nos mouros, que nam ousauam daparecer, o que visto polos reys de Bachão, & de Geilolo, & dos Papuas, & q̃ era escusado tentar mais a fortuna contra Antonio galuam, determinaram de se tornarem pera suas terras, & deyxarẽ a guerra pera outro tempo, & assi ho disseram a el rey de Tidore, dandolhe pera isso algũas rezões, & as principaes forão, que Deos pelejaua por Antonio galuão, ou Mafamede destar yroso cõtreles, cõsentia que fossem assi vencidos por tam poucos Portugueses, tendo eles tanta gẽte que nam tinha conto, infirindo dali, que nam era bem que pelejassem mais & com isto se partiram, ficando el Rey de Tidore muyto triste de ho deixarem daquela maneyra. E vendo os Portugueses desaparecer os immigos, cuydauam que yão sobre a nossa fortaleza, & fizerã grandes requerimẽtos q̃ lhe acodisse, & ele nã quis, dizẽdo q̃ quẽ nã defendia sua terra, que não auia dir tomar a alhea.

CAPITVLO CLX.

De como Antonio galuão fez paz com el rey de Tidore.

Determinando Antonio galuão de nam se yr dali, sem fazer paz com el rey de Tidore, ou quando nà quisesse yr sobrele & matalo, escreueolhe hûa carta, em que dizia, como sem ho ele nunca ter anojado, em chegando áquela terra lhe yão cada dia correr suas armadas, & mandandolhe cometer paz, nunca vira sua reposta, & de se ver injuriado, acodira por sua honrra, & mais por isso, q̃ por desejar a guerra lha fizera, & aos outros reys, com quem desejaua de ter paz, & pois eram ydos, & ele tinha experiencia de quanto mal fazia a guerra, lhe pedia muyto que fizesse com ele paz, & que apertaua tanto com ele, que a quisesse pola muito boa fama que tinha dele. Recebida del rey esta carta, mandouha ler em conselho, em que foy praticado que Antonio galuão, como homẽ que desejaua paz & conseruação da terra, sempre defendera aos seus que a nam destruyssem, nem cortassem palmeiras, nem nenhûas aruores, & atee a sua mezquita (cousa tã auorrecida dos Portugueses,) deixara sem tocar nela, & quem isto fazia, & nam se ensoberbecia com a vitoria, deuia de ser bõ homẽ, pelo que deuià de fazer tregoa com ele, com condição que se fosse logo do seu porto, & lhe não fizesse mais guerra, & despois de vagar fariam paz com ele, porque não a auiam de fazer em quanto Tristão datayde esteuesse em Maluco, & assi lho mandou el rey dizer, do que Antonio galuão não foy contente, por lhe aquilo parecer cousa muyto desapegada, & assi ho mãdou dizer a el rey, & que nã auia de fazer nada sobre a paz, sem se ver com ele, & logo lhe os Portugueses disserão que aquilo seria impossiuel, por ser antigo costume dos reys de Maluco, nam verem ho rosto a quẽ os vencia, se nam dahi a seys meses, & por esta

causa el rey se escusou de se ver com ele, & mandou em seu nome a Cachil rade seu jrmão, & a segunda pessoa do reyno. E por Antonio galuão ter dele boa informaçam, antes de falar com ele a bem de feyto, lhe cometeo que quisesse ser rey daquele reyno & q̃ lho daria, por seu jrmão ho ter perdido, por se ter leuantado contra a fortaleza, & lhe ter feyta tam crua guerra, & não querer ainda paz offerecendolha ele, & Antonio galuão fazia isto, por lhe parecer que com este beneficio teria Cachil rade da sua parte, & ho ajudaria cõtra os outros reys, & ele nam quis, dizendo que nunca Deos quisesse que fosse tredoro a seu jrmão. E por ele não querer aceitar ho reyno, nẽ querer prometer a Antonio galuão, que faria com el rey que se visse com ele, ficou Antonio galuão tão agastado, que nam quis fazer nada com ele, & Cachil rade se foy, ficando de guerra como dantes: Porem el rey mudou seu costume, & viose com Antonio galuão, leuãdo consigo Cachil rade & seus jrmãos, & muytos Mandarĩs, & assentarão paz, com condição que el rey desse toda a artelharia q̃ tinha, & todas as armas Portuguesas, & assi desse pera el rey de Portugal ho crauo que ouuesse em sua terra, pelo preço da feytoria, & que nã ajudasse nhũ rey contra os Portugueses: E nesta vista deu Antonio galuão presentes a el rey & a Cachil rade & seus yrmãos, & aos Mandarĩs, & dali por diante em algũs dias que se Antonio galuão deteue ho forão ver el rey & eles, & comião & bebião como que auia muyto tempo q̃ se conuersauão, & el rey & todos estauã muy contentes da condição Dantonio galuão, & folgauã muyto com sua amizade, & Cachil rade o auisou que se nã fosse dali ate esta amizade não ficar bẽ firme, porque el rey seu yrmão era muy perseguido dos reys de Bachão & Geylolo, & temia que tão que dali fosse partido lhe tornasse a fazer guerra, em vingança da morte del rey Cachil dayalo, que fora morto a ferro, que todos estauã obrigados per juramento de a vingarẽ, & assi lho pregauão seus Ca-

cizes: pelo que Antonio galuão se deteue mais algũs dias do q̃ se ouuera de deter, & neste tempo lhe prometeo de tornar a fazer a cidade onde estaua, & a começou antes de sua partida.

CAPITVLO CLXI.

De como se os Portugueses amotinarão pera fazerem crauo.

Vendo Antonio galuão que el rey de Tidore estaua firme em sua amizade, determinou de yr sobre el rey de Geilolo, pera se por bem não quisesse fazer paz, lhe fazer guerra ate que a fizesse. E partido lhe deu hũ tão brauo temporal que arribou a Talangame, & como os Portugueses se ali virão, porque era já a moução de Malaca & desejauão de se yrem & fazerem crauo, não quiserão tornar com Antonio galuão á guerra, & amotinarãoselhe de maneira, que lhe foy forçado desembarcarse & yrse á fortaleza, onde logo mandou adubar a nao de que era capitão Francisco de sousa & a outra em que ele fora. E porq̃ Tristão datayde se auia dyr naquela mouçã mãdou tirar deuassa dele, como era costume tirarse dos capitães quãdo acabauã: E sabendo Tristão datayde que os mais o acusauã, pedia a Antonio galuão que ouuesse piedade dele, & ele lhe prometeo de fazer todo o fauor que podesse, cõ tanto que não fosse contra sua conciencia, por isso que descansasse: E sabendo que hũ Ioão freyre estaua mal coele fez que fosse seu amigo, & assi outras amizades, apacificandoho com os mais que lhe querião mal, ate pacificar hũs pescadores que se lhe queixauão dũ comprador de Tristão datayde, chamado Pratas dalcunha, porque lhes tomara o pescado & os escalaurara, & mãdou dizer a Tristão datayde que castigasse o Pratas, & tãtas cousas fazia por ele, q̃ muytos dizião, que pois o não castigaua polas culpas que tinha, & mandaua preso á India, algũ

viria q̃ o prendesse & castigasse sem culpa. E com tudo mandou q̃ se tirasse deuassa de Tristão datayde, do que se ele logo escandalizou Dantonio galuão, & começou de lhamotinar a gẽte em segredo, & Antonio galuão nã sabendo disso nada, entendia em auer crauo com que carregasse pera el rey a nao de Francisco de sousa & a outra, & mandou pregoar que sob graues penas que nhũa pessoa vẽdesse crauo se não na feitoria, ou a quem o feytor deputasse pera o comprar, & ao tabalião pubrico q̃ sob a mesma pena não fizesse conhecimento nem escritura de compra nem vẽda de crauo a nhũa pessoa, & ao Ouuidor q̃ nhũas partes ouuisse sobre crauo. E sabendo que nas jlhas de Moutel & de Maquiem estauão certos jungos de mouros tomando crauo, mãdou logo lá Gonçalo vaz çarnache com hũa armada pera os deitar fora, & foram cõ ele Cachil rade & o çamarao, & os deitaram fora, & com todas estas diligencias que Antonio galuão fazia, nam podia auer crauo, nẽ os Portugueses deixauam de o comprar, o que faziam de noyte depois que se fechaua a fortaleza, & carregauãno em hũ jungo dũ Dinis de payua. E sabendo Antonio galuão como comprauam de noyte, mãdou vigiar a praya de noyte pelo meyrinho da fortaleza, mandandolhe q̃ o tomasse, & querendo ele fazelo, foy espancado, & nisto foy Antonio galuã auisado pelo vigayro da fortaleza, & por outro clerigo, que o querião matar por amor da defesa do crauo, & cada hũ lhe deu seu assinado do que lhe dizia. E vendo ele o escãdalo dos Portugueses, prouou de ver se os podia amansar com boas palauras, & fazendoos todos ajuntar á porta da fortaleza, lhes disse. Nam me negareis senhores, que todos os homẽs que se tem em conta domẽs, tem por cousa muy abominauel a ingratidão, & por grande baixeza, & se prezão muyto dagardecidos, & tẽ por nobreza vsar dagardecimẽto, & de quem recebem algũ beneficio, desejã de lhe fazer outros, & he certo que se perguntar a cada hũ de vos, que dira q̃ assi he, pois se assi he por-

que fazeis o contrayro com el Rey nosso senhor, que faz a todos tãtas merces de contino, dandovos terra em que moreis, dãdovos leys em q̃ viuaes, defẽdendovos de vossos ĩmigos, dandovos maneira pera terdes de que vos mãter, & outras muytas merces que sam largas de contar: pois de quem receberieis tantos beneficios, que se lhe fosse necessario ajudardeslhe a sustentar sua fazẽda que o nam fizesseis, o que nam fazeis a el Rey, mas antes lha destruys, porque nam tendo ele nesta terra outra cousa, com que sustẽtar dez ou doze mil cruzados que gasta cadanno, nos soldos & mantimentos desta fortaleza, se nam o crauo, que ha tanto tempo que assentou com os reys que lhe dessem a mil reis o bár, vos lho tẽdes leuãtado a vinte mil, que nam val tanto na India, com que fazeis que nam se acha pera se lhe comprar, & lhe fazeis perder o cabedal de q̃ tem necessidade, pera soster os grandes gastos desta fortaleza: pelo que vos requeyro da sua parte, que não compreis crauo, & lhe deixeis comprar, & o queirais antes comprar do seu feitor, que volo ha de dar mais barato q̃ os mouros, porque assi o ha ele por bem em hũ regimẽto que aqui está Dafonso mexia, sendo veedor da fazenda da India, & pera que saybais que nam he isto ardil pera o auer pera mĩ eu volo jurarey, & logo jurou solẽnemẽte em hũ missal de nã cõprar crauo pera sy por nhũa pessoa, se nam todo pera el Rey, ate as suas naos serem carregadas, & rogou a seus amigos, & mandou a seus criados que assi o fizessem, & certo crauo que lhe deram por amizade el rey de Ternate & o çamarao, & el rey de Tidore, & Cachil rade, nam quis que lhe entrasse em casa, & mandouho leuar á feytoria.

CAPITVLO CLXII.

Do mais que passou Antonio galuão cõ os Portugueses sobre o crauo.

Nenhũa destas diligẽcias aproueytauam, pera se auer crauo pera el Rey & de dous mil Báres dele, que Antonio galuão sabia que erão feytos, depois de chegar a Maluco, não se ouuerã pera el Rey mais de cẽto, & isto porq̃ o comprauão a mil reis, & as partes dauà por ele vinte mil, & mais não o queriào carregar nas naos del rey, se não em hũ jungo dũ Dinis de payua, em que Tristào datayde tinha parte. E receàdo Antonio galuão que se fossem sem sua licẽça, & lhe leuassem a gẽte, fez vir as naos & o jungo de Talangame, & surgir em hũa calheta perto de nossa Senhora da barra, & ainda deu juramẽto aos capitàes, que nào se fossem sem sua licença, nem lhe leuassem gẽte, & deste juramẽto se fez hũ auto que todos assinaram. E cõ tudo Antonio galuão por sua pessoa, vigiaua de noyte a praya, pera ver se topaua algũs cõ crauo, & tomaua o q̃ achaua: do que aqueles que o traziào se agastauam muyto, & diziào que fazia grande erro em se sayr de noyte da fortaleza, que o poderiào matar, porem ele não deixaua a vigia. O que vẽdo os Portugueses que comprauào o crauo, se ajuntarão hũ dia com Tristão datayde q̃ os fauorecia & era sua cabeça por lhe pesar com as diligencias q̃ fazia Antonio galuão, & forãose dassuada com armas diante da porta da ygreja, estàdo ele dẽtro na fortaleza, & diziào com grandes brados, que não auiã de deixar de fazer crauo, & que o auiào de defender ás lãçadas a quẽ lho quisesse tomar dali por diante, & foy isto em tanto crecimẽto, que Antonio galuão mandou repicar o sino da vigia, pera ver se auia alguẽ que fosse da parte del Rey, & nisto quis sayr fora, pera ver o que a gente determinaua, & em sayndo, achou á por-

ta da fortaleza Francisco de sousa com outros, & dissele que ja Tristão datayde & os da assũada erão ydos, que nã lhe lembrasse aquilo, & ele o fez assi. E vendo a gente quão remisso era em castigar aquele delito & outros, cuydauão que auia medo a Tristão datayde, pelo que o não teueram em conta, & pareceo tão mal esta assuada a muytos, que Gôçalo vaz çarnache culpaua muyto Antonio galuão de não prender Tristão datayde, & ho mandar preso á India, & diziaho pubricamente, pelo que Tristão datayde saltou coele com gente pera o matar ou injuriar, & assi o fizera se Gonçalo vaz nã se acolhera á ygreja, & Antonio galuão não acodira: & sintindo Gonçalo vaz isto, desafiou Tristão datayde, que lhe nã sayo ao desafio, pelo q̃ Gôçalo vaz lhe escreueo hũa carta de muy feas palauras. E desejãdo Antonio galuão assossego, prẽdeo sobre sua menagẽ Gonçalo vaz por amor do desafio, parecendolhe que coisso poeria paz antrele & Tristão datayde, de cuja discordia, por serẽ taes pessoas, se podia seguir muyto desseruiço de Deos & del Rey: porem Gôçalo vaz se ouue por muyto injuriado de ser preso, acodindo por sua hõrra, & ficou ĩmigo Dãtonio galuão, nem Tristão datayde não ficou seu amigo, nẽ deixou de lhe leuar quanta gente pode á India, que sabia a necessidade que tinha dela por amor da guerra em que ficaua. E pera mais escandalizar a gente da terra, leuou hũ moço Christão chamado Paulo, filho dũ homem dos principaes do Morro, que auia de cuydar que lho leuauão a vender á India. E não o querendo Tristão datayde dar, nem a gẽte que leuaua, mandãdolhe Antonio galuão pedir tudo cõ muyta cortesia, depois destar embarcado, mandoulhe depois sobrisso muytos requerimẽtos, o que nam satisfazendo Tristão datayde, antes soltãdo palauras muy feas, foy Antonio galuão ás naos ao outro dia, assi pera lhe tomar a gente que lhe leuauão, como pera tomar pera el rey o terço de todo o crauo que achasse de partes pelo preço da feitoria, & embarcouse em hũ batel com hũ falcão por proa.

CAPITVLO CLXIII.

Do que Tristão Datayde fez a Antonio da Madureyra.

Como os que estauão no mar, tinhã em terra quem os auisasse do q̃ Antonio galuão determinaua, forão logo auisados q̃ auia dir ás naos ao outro dia, & o pera que, leuarão de noyte as ancoras, & sem lhes lembrar o juramento q̃ tinhão feyto a Antonio galuão, de nam se yrẽ sem sua licença, nem lhe leuarẽ gẽte, derão algũs á vela & forãose, & quando Antonio galuã chegou, ja nã achou mais que hũa nao, & o jũgo de Dinis de payua que se fazião á vela, & foyse ao jũgo, requerendo de fora que amaynasse, & Dinis de payua se pos a bordo com toda a gente armada, & espingardas ceuadas, com murrões acesos, dizendo q̃ quẽ chegasse a ele que o mataria. E como ho vento era fresco, & o mar grosso foyse, sem lhe lembrar que por ter muytas diuidas & emburilhadas, o embargauam por elas ao tempo da embarcação, & Antonio galuão se obrigou por ele se nam pagasse, & se isso não fora, não se podia yr, & ficaua perdido, por ter feyto muyto grãde emprego, & em ele partindo, acabou a nao de dar ás velas & se partio tambẽ, & estas velas & as outras, leuarã a mayor parte da gente da fortaleza, sem nhũ temor de serem castigados, que bẽ sabião que auião de ficar sem castigo, como ficaram os passados, que fizerão os mesmos dilitos, & por isso forão de cada vez mayores. E vendo Antonio galuão como se forão, leuandolhe a gente de q̃ tinha tãta necessidade, por ficar de guerra, ouueos por aleuantados, & cõdenouos em perdimento das fazendas pera el Rey, & tirou estormẽtos, & deuassas do que lhe fizerão, & de como ficaua, & cõ dous requerimentos, hũ pera o capitão de Malaca, & outro pera o gouernador da India, que tomassem pera el Rey as fazẽdas daqueles aleuãtados, & lhe dessẽ a mais pena que mere-

ciāo suas culpas, despachando logo pera Banda hũ Antonio da madureyra, que leuou todos estes papeis em hũa carauela, & mais cartas pera el Rey de Portugal, em que lhe escreuia o estado em que achara a terra, & o q̃ tinha feyto, & que desse tudo ao capitāo que esteuesse em Banda: a que chegado Antonio da madureyra, achou hi por capitāo hũ Manuel da gama, parente de dõ Esteuāo capitāo de Malaca. E por Manuel da gama estar auisado de Dinis de payua, & doutros que ja lá erāo, que nāo tomasse nhũs papeis q̃ lhe Antonio galuāo mandasse, dizendolhe o sobre que erāo, nāo quis tomar nhũs, por mais requerimentos que lhe Antonio da madureyra fez que os tomasse, nẽ menos consentio que tomasse agoa, nem lenha, & como a ĩmigo o fez sayr do porto: & pola necessidade q̃ tinha de fazer agoada, se foy á jlha Damboyno, & surgio em hũ porto perto doutro donde Tristāo datayde estaua surto, que logo soube o que Antonio da madureira leuaua, & temendose que o desse em algũ nauio dos que ali estauāo, & se saberia na India & em Portugal o que fizera em Maluco, & porque nāo se soubesse, mandou contrele hũ Antonio pereyra que fora capitāo mór do mar em Maluco, q̃ fosse cõ gente armada contra Antonio da madureira & que o fizesse yr dali, & assi o fez, que lhe nāo deixou fazer agoada, & tornouse pera Maluco sem dar os papeis que leuaua, & assi se enterrou o q̃ Tristã datayde & os outros fizerāo, & el rey foy muyto deseruido, & os mais deles forāo tāobem galardoados como que o seruirāo muyto bem. E a culpa disto he toda dos gouernadores da India, q̃ nāo trabalhāo muyto por saberem os dilitos que se fazem em Maluco, & sabidos os nāo castigāo muyto bem.

CAPITVLO CLXIIII.

De como el rey de Cambaya foy ver ho gouernador ao galeão.

Partido ho Gouernador pera Diu, começou de se fazer doente, pera q̃ podesse bem fingir que o era quãdo chegasse á fortaleza, porq̃ el rey o fosse ver a ela & lá o prendesse, & de cada vez se fazia mais doẽte, & por isso se deteue em Chaul algũs dias, & dali se foy a Baçaĩ em hũa fusta por dẽtro do rio, pera mostrar quão doẽte ya, porque a fama corresse, & quando chegasse a Diu soubesse el rey de Cambaya q̃ ya doente, & aqui se deteue algũs dias, & quando ya a terra por mostrar que não se podia ter, leuauãono em hũ Palanquĩ, que sam como Esquifes, & leuauãno homẽs & ya cercado de fidalgos. E partido de Baçaĩ chegou á jlha dos Mortos a fazer agoada, & pera lhe yr hi falar Manuel de sousa, que foy vespora Dentrudo á noyte, & lhe contou tudo o que el rey de Cãbaya determinaua em sua treyção, & ainda de noyte se tornou pera a fortaleza, sem ser sentido dos mouros onde fora. E passado o dia Dentrudo, ao outro dia, que era quarta feyra de Cinza, em amanhecẽdo se foy o gouernador á vela pera Diu, & indo assi, el rey de Cambaya que andaua á caça de monte ao lõgo do mar o vio yr, & mãdoulhe logo preguntar por sua disposição por hum porteiro, por quem lhe mandou algũs veados & gazelas, deles sem pernas, & outros sem braços: E dado por ele o recado del rey de Cambaya ao gouernador, respondeolhe que ya muyto doẽte, & por isso se deteuera tãto no caminho que se isso não fora, logo lhe fora beijar as mãos. E partido o porteiro, foy ho Gouernador surgir na baya de Diu, & ali ho foy logo ver Manuel de sousa, & nisto chegou o embayxador per que el rey de Cãbaya mandara chamar o gouernador, que ho ya visitar da parte

del rey que o mandou, & depois de ho ter mandado chegou a Diu, & em chegando lhe tornaua o embaixador cõ reposta do Gouernador como ya doente, & por isso lhe não ya beijar as mãos. E sabendo el rey que o gouernador ya doente, o quis yr ver, parecendolhe que o seguraua coisso: & assi como vinha da caça se embarcou em hũa fustinha, leuãdo consigo Coge çofar, & hũ seu filho, que auia nome Rumecão, & dous gẽrros, hũ chamado ho Tigre do mundo, outro Caracem, & ho seu secretario, & Langarcão grãde senhor, que tinha hũ cõto douro, & Ioão de santiago lingoa & outros cinco mouros, todos capitães & grandes senhores. E em outras tres fustas yão os criados destes, & chegou tão de supito ao galeão, que não teue o gouernador tempo pera mais, que pera o sayr a receber ao portaló todo infiado. E afora os fidalgos que yão coele no galeão estauão outros & algũs capitães q̃ forão ao galeão em surgindo. E quando o gouernador deceo pera o conues a receber el rey disse a Lisuarte dandrade, Manuel de vasconcelos casado, Ioão jusarte tição, Cristouã de melo, Antonio de Sá o rume, Antonio mendez de vascõcelos, & a outros que estauão juntos, que se fossem pera ho chapiteo como q̃ o goardassem, q̃ receaua algũa treyção, pelo que assi aqueles como todos os outros, mandarão polas espadas & as poserão na cinta, & nisto entrou el rey no conues vestido em hũa cabaya de pano verde, & na cabeça hũa touca preta peq̃na, & hũa adaga rica na cinta, & dous pagẽs lhe leuauão hũ terçado & hũ arco com frechas, & deste modo yão os q̃ o acompanhauão. O gouernador q̃ o esperaua lhe tirou hũ chapeo de guedelha leonado, & fezlhe hũa mesura que pos hũ giolho no chão muy pesadamẽte como que estaua muyto doente: El rey lhe tomou as mãos com as suas, que era ho mayor gassalhado que lhe podia fazer, & o leuantou, & lançandolhe ho braço por cima das costas, sobirã ambos á tolda, onde os fidalgos oulharão todos pera o gouernador, principalmente Manuel de sousa que

sabia q̃ o gouernador determinaua de prender el rey, assi pelo q̃ lhescreuera antes de sua yda que o prẽdesse, como pelo que lhe disse quãdo o foy ver á jlha dos Mortos: E ainda q̃ os outros fidalgos não sabião que o gouernador queria prender el rey, parecialhes que era bem prenderse, porque tinhão algũa sospeita que queria fazer treyção & sabião certo q̃ quisera tomar a fortaleza, mas o gouernador nũca oulhou pera ninguẽ, & cõ os olhos no chão entrou com el rey na sua camara, entrãdo coele Coge çofar, o Tigre do mundo, o Secretario del rey, Santiago, & outros dous mouros, & nhũ Portugues. E em entrando, mandou el rey fechar a porta por dentro, & ficando os fidalgos muyto espantados de lhe o gouernador não fazer nhũ sinal, começarão de murmurar disso hũs com os outros: E Manuel de sousa que sabia como o gouernador determinaua de prender el rey, quando vio entrar o gouernador & el rey na camara, ficou muyto agastado de o gouernador lhe não dizer nada nem lhe fazer sinal, & não se sabendo determinar no q̃ faria, disse a Manuel de macedo, & Antonio cardoso, o que lhe o gouernador escreuera acerca da prisam del rey, pedindolhes conselho no que faria, & eles lhe conselharão que mandasse preguntar ao gouernador que determinaua ou que queria que fizesse, & ele lho mandou pergũtar por Iorge barbosa q̃ agora he juyz dos Orfãos em Coimbra, q̃ por não lhe quererẽ abrir a porta da camara, nem poder entrar pela escotilha da camara do leme, se foy á varanda da camara onde ho gouernador estaua, & entrou, & achou assentados el rey & ho gouernador em hũa alcatifa falando, & ho gouernador encostado ao masto da mezena, & assentado Iorge barbosa em giolhos, lhe deu o recado á orelha, a q̃ o gouernador não respondeo, nẽ Iorge barbosa não sayo fora a dizer isto a Manuel de sousa, porque el rey como quẽ se temia, se leuãtou logo muyto de pressa, & sayose da camara sem esperar q̃ ho gouernador fosse coele, nẽ ate o prepao, & todos os fidalgos oulharão pe-

ra o gouernador como da primeira, & tãobem abaixou os olhos, & el rey se foy embarcar tão de pressa, que ficaua Coge çofar no galeão, & alargandose el rey, que lhe disserão que ficaua o tornou a tomar, q̃ foy muyto grande honrra, & como ho tomou, mandando remar a todo tira, partio pera a cidade q̃ estaria hũa legoa ou mais, dõde o gouernador estaua surto.

CAPITVLO CLXV.

De como foy morto el rey de Cambaya.

Indose el rey embarcar, apartouse o gouernador com Manuel de sousa, & disselhe que fosse a pos el rey & lhe dissesse que cõ a pressa de sua yda não teuera tempo de lhe dar hũ recado del rey de Portugal seu senhor, que cũpria muyto darselhe logo, que lhe beijaria as mãos por se yr á fortaleza pera onde logo ya & hi lho daria: E com isto se embarcou Manuel de sousa em hũ catur que tinha a bordo, indo coele Diogo de mezquita & Antonio correa. Os fidalgos que ficauão no galeão de pasmados do gouernador deixar assi yr el rey oulhauão parele, & ele lhes disse. Senhores q̃ me oulhaeis, embarcayuos nessas fustas que estão a bordo, & acõpanhay el rey & fazei o que vos Manuel de sousa disser: E dizendo isto, dão todos consigo nas fustas, cõ no mais outras armas que espadas, & em hũas muytos, & em outras poucos, com pressa grandissima botão a pos Manuel de sousa q̃ ya atracãdo quanto podia por chegar a el rey, & valeolhe muyto pera o alcançar, a detẽça que el rey fez em tornar a tomar Coge çofar, que doutra maneira nunca ho alcançara: E emparelhando com a fusta, disse a Santiago que dissesse a el rey que se passasse ao seu catur que queria o gouernador que fosse á fortaleza, & Santiago respondeo que doudices erão aquelas, que nã auia de dar tal recado a el rey que lho fosse ele dizer dẽtro á fusta. E parece que querendo Ma-

nuel de sousa saltar dentro, ou como quer que foy cayo no mar, & logo hũ seu page se lançou a pos ele & leuandoho polos cabelos o teue, & nisto chegou hũa fusta em q̃ yão Lopo de sousa coutinho, Antonio cardoso, o doutor Pedraluarez dalmeida ouuidor geral da India, & desta fusta saltou Lopo de sousa no catur de Manuel de sousa, & ajudouho a tirar do mar aos outros: E el rey de Câbaya quando vio aq̃le desastre, como que lhe pesaua dele, chamou Manuel de sousa pera a sua fusta, que em todo tempo teue leuantado ho remo, & Manuel de sousa entrou logo dentro, & coele Diogo de mezquita, & Lopo de sousa, Pedraluarez dalmeida, & Antonio correa, & seria ás quatro oras depois de meo dia, & ficarã de proa Manuel de sousa, Antonio correa, & Pedraluarez, Lopo de sousa, & Diogo de mezquita passarão á popa: E vendo Santiago entrar estes sem o el rey mandar, & vendo como as outras fustas dos Portugueses vinhã apressadas, disse a el rey que o querião prender, & como era colerico, logo tirou hũa frecha pera o ceo, que era sinal de guerra, o que entendẽdo Diogo de mezquita, & mais polo q̃ ouuio a Santiago, arrancou da espada supitamente, & arrebatâdo el rey por hũ braço o ferio pela parte dereyta de hũa estocada pequena, por amor dos mouros que logo acodirão & o embaraçarão, & como erão treze & todos de muyto esforço carregarão sobre os Portugueses ferindoos brauamẽte, & quasi dos primeiros golpes forão mortos Manuel de sousa, & Pedraluarez dalmeyda, ou tomados forão deitados ao mar, & Diogo de mezquita, Lopo de sousa, & Antonio correa, pelejauão com muyto esforço, & coesta detença teuerão tempo de chegar duas fustas Portuguesas, de que erão capitães hũ Afonso fialho, & hũ Aluaro mendez de Chaul, homẽs sem medo, & leuauão ambos bem corenta Portugueses, & em chegando acertou de cayr nagoa Antonio cardoso em querendo saltar na fusta delrey, & eles o tirarão, & em o tirando hũ page del rey Abexim moço de ate dezoyto an-

nos ajudaua os seus muy valentemente, tirãdo cõ o arco del rey tão ameude, q̃ parecia que punha as frechas duas & duas, & em tirãdo Antonio cardoso dagoa deulhe hũa frechada com que o atrauessou & logo morreo, os criados daqueles senhores que yão cõ el rey de que erão os mais Turcos, tambẽ ajudauão por sua parte esquentãdo a batalha brauamẽte, & Aluaro mendez q̃ isto vio aferrou logo com hũa das fustas em que saltou com algũs dos seus, & pelejou tam sem medo que matou os mais deles & os outros fez saltar ao mar, muyto feridos, mas deulhe o page del rey neste tẽpo hũa frechada polo estamago cõ que ho derribou morto, & assi matou Afonso fialho, & outros dez ou doze, & matara todos se o nã acertarão de matar com hũa espingardada. Lopo de sousa & Diogo de mezquita que estauam cercados de mouros, ainda que recebião muytas feridas matarã cinco ou seys, porem os outros que os sentirão cansados & fracos do sangue que tinhão perdido çarrarão coeles, & como tinhão mais força derão coeles no mar em que ouuerão de morrer se os não tomarão. El rey como vio despejada a fusta dos Portugueses manda remar a boga arrancada caminho da cidade, seguindoho quasi toda a nossa armada de remo que tiraua cõ sua artelharia, & era ja a barafunda muy grãde de gritas, bombardadas, & espingardadas, o que vendo os Turcos q̃ estauão surtos em hũa galeota & em hũa taforea que chegarão ali onde andauã darmada por mãdado del rey de Cambaya, começarão de desparar sua artelharia cõtra os Portugueses, o que visto por Gonçalo vaz coutinho & outros capitães que ficauão muyto a tras pera alcãçarẽ elrey os forão aferrar & os matarão quasi todos pelejando. El rey que se acolhia quãto podia chegou antre os baluartes onde se daua por saluo, mas nosso Senhor que via quão perjudicial era sua saluação pera os Portugueses, ordenou q̃ em ele ali chegando saysse de dentro do rio hũ catur nosso de q̃ era capitão hũ Portugues chamado dalcunha Pantafasul que se lhe atraues-

sou diante, & com hũ pelouro de berço lhe matou quatro remeiros: & como nisto vazaua a maré & deitasse a fusta pera fora, por mingoa dos remeiros que faltauã, & el rey visse que a nossa armada se chegaua, pareceolhe que melhor se saluaria a nado, & por isso se deitou com os outros ao mar, & nadando chegou hũa fusta de que era capitão hũ Tristão de payua de Santarem a quem el rey bradou em sua lingoa que o não matassem que era el rey de Cãbaya, & q̃ daria muyto dinheyro a quẽ o saluasse, & segurandoho Tristão de payua lhe deu hũ remo a q̃ se pegou, & depois de pegado ao remo, lhe deu outro cõ hũa chuça pelo rosto & lho atrauessou: & vẽdoho Tristão de payua ferido, acabouho de matar cõ hũa espada, & depois se foy ao fundo q̃ nũca pareceo, & Sãtiago foy ter nadãdo até junto do baluarte do mar, donde hũ Portugues lhe deu cõ hũ canto na cabeça de q̃ logo morreo, & assi forão mortos todos os outros, saluo Coge çofar, q̃ ferido na cabeça de duas feridas o saluou Antonio de souto mayor porq̃ o conhecia. E este foy o fim del rey de Cãbaya, tamanho senhor de terras, gẽtes, & tesouros, q̃ se escapara viuo cõ saber q̃ os Portugueses o querião matar lhes dera muyto trabalho, por ter passante de cincoẽta mil homẽs em Diu, & armada & artelharia: mas nosso Senhor q̃ ouue piedade dos Portugueses permitio q̃ o matassem, vẽdo o descuydo q̃ ouue de o prenderẽ tendoho na mão, & sabendo a treyção que queria fazer, & o odio que tinha aos Portugueses.

CAPITVLO CLXVI.

Do que sucedeo depois da morte del rey de Cambaya.

Sabido pelo Gouernador a morte del rey de Cambaya, ficou muyto triste por isso, porq̃ lhe parecia q̃ melhor negocio fizera se fora preso, & como ja lhe tinhão leuado Coge çofar, prometeolhe a vida, & muytas merces, se lhe desse maneyra pera auer Diu em paz, & ele lho prometeo, & dandolhe sua fee, de não fazer outra cousa, foyse á cidade, ainda que era quasi noyte, onde auia grãde aluoroço pola morte del rey, & os mercadores (cõ medo de os roubarem) despejauão ho mais que podião, & ho Rao capitão da cidade estaua pera se yr, sabendo que Manuel de sousa era morto. E Coge çofar mandou logo deitar hum pregão em nome do Gouernador, que ele daua seguro real a todo mercador que ficasse em Diu, de nam lhe ser feyto nenhũ damno, nem nos corpos nem nas fazendas, & mandaua a todos os soldados, que logo despejassem a cidade, sopena de morte, cõ o que os mercadores assossegaram do aluoroço que tinham, & os soldados se acolheram, & o Rao tambẽ fogio aquela noyte, & foyse pera as molheres del rey, que estauam na quintaã de Melique, & pos em saluo a elas & ao tesouro del rey. E sabendo o Gouernador como a cidade estaua assossegada, desembarcou ao outro dia, & dando muytos louuores a nosso Senhor foy tomar posse dela, & achou hũa boa armada, & quatro basaliscos de metal, & cinco esperas, & hum quartao, a fora outra muyta artelharia de ferro, & mais de dous mil quintaes de poluora de bombarda, & despingarda, & pelouros, & outras munições de guerra sem conto, em muy bõs almazẽs, & assi cobrou a alfandega de Diu pera el Rey de Portugal, que rendia cento & oytenta mil cruzados ou mais, & ficaua senhor da melhor cidade q̃ auia na costa de Cãbaya, & da principal

que na India lhe daua mais guerra que outra nhũa, & cõ cuja tomada os reys da India, ficarã mais assombrados de medo dos Portugueses que doutra nhũa, & mais quãdo souberão que el rey de Cambaya fora morto. E depois disto, chegou Martim afonso de sousa com sua armada, a que pesou muyto de não se achar ali, porque se se achara sempre el rey de Cambaya fora preso, & não morrera nhũ Portugues, de quatorze que forão mórtos q̃ nomeey, & vinte cinco ou trinta feridos.

C A P I T V L O CLXVII.

De como Mirzãohamet se fez rey de Cambaya cõ fauor do Gouernador.

Diuulgada a morte del rey de Cambaya, foy ter a noua ao seu arrayal ondestaua hũ cunhado que fora do rey dos Mogores, chamado Mirzãohamet que andaua com el rey de Cambaya, q̃ sabendo como ele era morto, & não deixaua filhos, & era mal quisto, & que por essa causa poderia auer controuersia sobre quem seria rey de Cambaya, determinou dintentar de o ser, & logo se fez chamar rey de Cambaya com fauor de dous mil Mogores de caualo, gente escolhida que andauão no arrayal com que fez corpo, & tomou o dinheiro q̃ el rey de Cambaya trazia no arrayal, que era hũ conto & meo douro, & assi todas as cousas de seu seruiço. E sabẽdo como os grandes de Cambaya querião fazer seu rey Mirãomuhmala q̃ andaua no Mandou, & por ser morto, tomauão por rey a hũ moço que auia nome çoltãomahmude, socorreose ao gouernador Nuno da cunha q̃ o fauorecesse, mandandolhe offrecer por isso cincoẽta mil pardaos pera os gastos de sua armada, q̃ lhe logo daria. E depois de ser de todo rey de Cambaya de Mangalor ate Diu, que sam dezoyto legoas, com hũa pelo sertão, & de çurrate até Baçaĩ com outra, pedindolhe tãobem conselho no que faria pera se conseruar em rey. E sen-

do o gouernador contente de fazer sua petição, o mandou pubricar por rey de Cãbaya no alcorão de Diu, & lhe mandou dizer, que em quãto os do reyno estauão sem rey, ele deuia dyr polo reyno, porque como auia muytos que querião mal a çoltão badur, & nã tinhão rey, folgarião de o ter por esse, & se ajuntarião coele, & quando os q̃ querião fazer rey o fizessem, já lhe não poderião dar o reyno, o que seria ao reues se ele se deixasse estar quedo, por isso que logo deuia dabalar: Porem ele não tomou este conselho, & deixouse estar na vila de Nouaguer leuando boa vida, & mãdou os cincoẽta mil pardaos ao gouernador, & hũ assinado do q̃ lhe prometia. E depois disto no mes de Março adoeceo ho gouernador, & por se achar muyto mal & dizerem os Medicos que de cada vez se auia dachar peor, por Diu ser muyto contrayro a sua saude, lhe requererão os fidalgos que se fosse inuernar a Goa, (porq̃ determinaua dinuernar em Diu,) & por isso ho Gouernador ouue de yr inuernar a Goa, posto que foy muyto contra sua vontade, & nam leuou mais que seus criados & Martĩ afonso de sousa com sua armada, & deixou em Diu todos os fidalgos da India, & assi a outra gente da armada, & ficou por capitam Antonio da silueyra, & nos dous baluartes da vila dos Rumes, Ioão de mendoça, & Francisco de mendoça yrmãos, q̃ dauão de comer cada hũ a cento & vinte homẽs, & Ruy diaz pereyra ficou por capitam nas casas que foram da mãy del rey de Cambaya, que eram como fortaleza, & daua de comer a cem homẽs, & Antonio da silueyra a trezentos, & assi dauão mesa algũs fidalgos. s. dõ Ioã lobo filho do barão, Francisco pereyra, Anrrique de melo, filho bastardo do cõde de Marialua, & Gaspar de sousa, no que todos gastarão muyto, principalmẽte Antonio da silueyra que tinha mais q̃ todos, no que fizerão muyto seruiço a el Rey de Portugal, porque sem isso nam se podia sostentar a muyta gente que inuernou em Diu, que sem ela fora tomado pelos capitães de Cambaya, que

com medo desta gente nam ousarã de lhe fazer guerra, como determinauã, pera se vingarẽ dos nossos pola morte do seu rey.

CAPITVLO CLXVIII.

De como os capitães & senhores de Cambaya desbaratarão Mirzãohamet, que se chamaua rey de Cambaya.

Partido ho gouernador pera Goa, como os capitães de Cambaya sintião muyto ser Mirzâohamet rey de Câbaya, & mais com fauor dos Portugueses, determinarão de ho destruyr, pera o que leuantaram por rey a Mirâomuhmahla que andaua no Mandou, & em quanto não fosse, foram eleytos tres capitães principaes, pera que em seu nome regessem o reyno, com a mãy de çoltão badur, & forã estes Madre maluco, Driacão, & Aucão, que ajuntando dez mil de caualo, & quinze mil de pé, forão cõtra Mirzão hamet que ainda estaua em Nuaguer muyto de vagar. E sabendo ele que seus immigos o yão buscar, lhes sahio ao encõtro com os dous mil Mogores que tinha de caualo, & ouueram hũa batalha em que Mirzão foy desbaratado, & fogio pera o reyno de Vlcinde, cujo rey era seu parẽte, & dos seus forão mortos quinhẽtos, & os outros fogirão pera a vila dos Rumes, q̃ estaua dali legoa & mea, & todo este caminho os seguirão os ĩmigos, & matarão os q̃ digo, & os acabarão de matar a todos, se não q̃ chegando a tiro de bôbarda da vila dos Rumes, se teuerã por as muytas bôbardadas q̃ lhes Ioão de mẽdoça mãdou tirar, cuydàdo q̃ yão contrele, & dali se afastarão os de Câbaya, & ficarã os Mogores, q̃ passados tres dias, em q̃ Antonio da silueira soube a verdade de como vinhão, os mandou recolher na vila dos Rumes, por serẽ nossos amigos, & depois q̃ os feridos forão sãos, lhes deu auiamẽto pera q̃ se partissem. E nestes tres dias q̃ os Mogores esteuerã sem os Antonio da silueyra querer mandar recolher,

por se temer de treyção, aconteceo q̃ hũ Mogor aperfiou muyto cõ Ioão de mẽdoça, q̃ o deixasse entrar na vila cõ sua molher, & Ioã de mẽdoça dimportunado disse q̃ entrasse ela só, & cõsentindo o Mogor, ela nam quis, dizẽdo que coele queria morrer & viuer.

CAPITVLO CLXIX.

De como os regẽtes de Cambaya, deyxarão por fronteiro cõtra Diu Alucão, & do mais q̃ passou.

Estes capitães de Cambaya, depois que virão que não podiã fazer mais mal aos Mogores do q̃ lhes tinhão feyto, recolherãose pera Nouaguer, cõ determinação de fazerẽ guerra a Antonio da silueyra, & primeiro que a rõpessem, ouue algũs recados deles a ele sobre pazes: E por Antonio da silueira lhes pedir que dessem a el rey de Portugal ho q̃ lhe daua Mirzão hamet se fosse rey, nã ouue a paz effeito, & declarouse a guerra, que foy encomendada a Alucão que tinha ali suas terras, & os outros se forão pera Madauá, deixandolhe doze mil homẽs, & ele tolheo logo que não fossem da terra firme á jlha buscar carnes & fruytas, & mãdaua de noyte passar sua gente á jlha por certos passos q̃ tinha de bayxa mar, pera que atupissem algũs poços de que os Portugueses bebião. O que Ioão de mẽdoça cõtrariaua com os seus com muyto esforço, & quasi cada noyte auia rebates de peleja, & nisso & em vigiar leuauã os Portugueses trabalho immenso, & leuarão em dous meses que durou este cerco, em que passarão tanta fome de carne que chegou hũa galinha a valer seys tostoẽs, & quasi na fim de Iunho negoceou Antonio da silueyra como ouuesse tregoas antrele & Alucão até a uinda do gouernador, que esperaua que fosse dahi a hum anno, & mandou coeste recado a hum Francisco pacheco, que foy juyz dalfandega, que foy arrepelado dũ capitão Dalucão, sobre palauras que á cinte quis auer com Fran-

cisco pacheco, pera ho injuriar, que por isso se tornou sem dar ho recado que leuaua. O que sintindo muyto Antonio da silueyra, pedio a Ioão de mẽdoça que na menhaã de sam Ioão, que auia de ser ao outro dia, fosse colher as lampas á estancia do capitão que arrepelara Francisco pacheco, & estando pera partir, chegou hum recado Dalucão, em que se desculpaua a Antonio da silueyra do que o seu capitão fizera, & por isso ho tinha preso pera ho mandar degolar, & mandou confirmar as tregoas, & leuantou ho cerco, de que a cidade ficando desapressada, foy logo abastada de muytos mantimentos, & ennobrecida de muytas & muy ricas mercadorias.

C A P I T V L O CLXX.

De como Iorge mascarenhas partio pera Maluco.

Continuando ho Gouernador sua viagem pera Goa chegou lá, & dahi se foy Martim afonso de sousa a Cochim, onde auia dinuernar, & dahi despachou Fernã rodriguez de castelo branco védor da fazenda, hũ fidalgo que auia nome Iorge Mascarenhas, de que fiz menção nos liuros atras, que ya por capitão & feytor da nao do trato da India pera Maluco, que partio em Abril pera Malaca, & dahi auia dyr carregar de crauo a Maluco, & da torna viagem de noz & maça em Banda, & partio tãobem de Cochim em hũa fusta hum Afonso vaz de brito pera Bẽgala, per mandado de Martim Afonso de sousa a resgatar Martim Afonso de melo jusarte que lá estaua catiuo com outros Portugueses (como tenho dito) & trazelo se lho quisessem dar. E partidos estes, em diuersos tempos chegarão aos lugares a que yão: & quando Afonso vaz chegou a Chetigão, ja el rey de Bẽgala sabia a morte del rey de Cambaya, que lhe fora por terra, & os mouros lha contarão mentirosa, dâdo a culpa ao gouernador q̃ o matara, por lhe tomar Diu tendo coele paz, com o que el rey ficou toruado, & per-

deo o credito dos Portugueses, parecendolhe que assi lhe farião, & os mouros cospião aos que estauã no Gouro, & lhes dizião injurias. E estando nesta afronta, chegou a Chetigão logo no principio Dabril, hũ Antonio mẽdez de crasto, que fora criado Dantonio da silueyra, que ya em hũ nauio com fazenda, & leuaua hũa carta do gouernador pera Martĩ afonso, em que lhe contaua da morte del rey de Cambaya, & as rezões porq̃ fora morto, & logo Nuno fernãdez freire juyz da alfãdega de Chetigão terladou esta carta, & a mandou a Martĩ afonso por duas vias, & ele a mostrou a elrey, que quando soube as rezões porq̃ el rey de Cambaya fora morto, as ouue por boas, & pedio perdão do passado a Martim afonso, & tornou os Portugueses a sua graça.

CAPITVLO CLXXI.

De como os capitães das naos da carga chegarã aa India.

Vindo o verão da India, chegarão a ela em diuersos tempos, algũas das naos da carga que aquele anno partirão de Portugal, de que foy capitão mór dõ Fernando de lima, filho de Diogo Lopez de lima, q̃ ya por capitão Dormuz, & os capitães de sua conserua forão, Iorge de lima, que ya pera capitã de Chaul, dom Pedro da silua, Martĩ de freytas, que depois que chegou á India foy morto por mouros, não soube como, & Lopo vaz vogado. E depois da partida destas naos, partirão outras tres carregadas de gente, de que forão capitães, Diogo lopez de sousa, Fernão de morais, & Fernão de crasto, & estas mandou el rey de Portugal, por ser certeficado pela via de Veneza, que mandaua o Turco hũa armada á India pera lha tomar.

CAPITVLO CLXXII.

De como ho Gouernador soube que ya hũa armada de Turcos aa India.

Feytas as tregoas antre Antonio da silueyra capitão de Diu, & Alucão, todos os mercadores & outra gente pobre, que se forão de Diu, quando mataram el rey de Cambaya, se tornarão pera a cidade, & na entrada de Setembro, mãdou Antonio da silueyra Miguel vaz, & Pantalião pereyra em dous catures contra Mangalor, pera que fizessem arribar a Diu as naos que fossem do estreyto, segurandoos, que ainda q̃ Diu fosse de Portugueses, seriam tambem tratados, como quando era del rey de Cambaya, & coisso arribaram muytas naos, com que a cidade foy tam ennobrecida, que diziam os mouros, que depois da morte de Meliqueaz, nunca a cidade ho esteuera tanto nem tam rica. E nestas naos escreueo ho senhor Dazibele no estreyto a Coge çofar, que ho Turco mandaua hũa armada aa India, de que era capitam mór çoleymão Baxá, rey do Cayro & Dalexandria, & mandoulhe ho terlado do regimento que çoleymão tinha do Turco nesta armada, o que logo Coge çofar disse a Antonio da silueyra, & ele o escreueo ao gouernador & assi Coge çofar. E ouuidas pelo gouernador estas nouas, partiose pera Diu na fim de Dezẽbro, a fazer certas cousas necessarias pera a vinda dos Turcos: & por rogo Dãtonio da silueyra, mandou Coge çofar hũa fusta cõ recado ao senhor Dazibele, que lhe mandasse certeza da determinação de çoleymão baxá, & que tornasse a inuernar a Diu.

CAPITVLO CLXXIII.

Do dãno que Patemacar, & outros capitães de Calicut fizerão aos Portugueses.

Neste tempo se leuãtou cõtra el rey de Ceilão hũ seu yrmão, que auia nome Maduna pãdale, a que fauorecia el rey de Calicut, por ele ser muyto grãde ĩmigo dos Portugueses, & mandou em sua ajuda tres valẽtes mouros. s. Pate macar, Cutiale macar, Ale habrahẽ, por capitães de corẽta & sete fustas grandes, & bẽ armadas, em que yão oyto mil mouros, q̃ partirão do porto de Panane, andãdo Martĩ afonso de sousa darmada na costa. E partidos estes capitães, acharam surtas na barra de Cochim quatro naos Portuguesas, q̃ tomauã carga pera Portugal, a q̃ se chegauão a remos pera as tomarẽ, ou meterem no fundo, porq̃ lhes pareceo q̃ auiã destar sem gẽte como estauão, mas não poderão, porq̃ tanto q̃ se vio esta armada de Cochĩ, mãdou logo Fernão rodriguez de castelo branco védor da fazenda, muyta gẽte em socorro das naos, que chegou a elas primeyro q̃ chegassem os mouros, a que deram hũa grande çurriada de bombardadas, & os fizerão yr seu caminho, que tomarão pera Coulão, em cujo porto acharão hum Niculao jusarte, capitão de hũa nao que estaua carregando: & cuydãdo de o tomar, o cometerão ás bombardadas cõ que o matarão, & vendo que não podião tomar a nao passarão de largo, & tomarão muytos zambucos, & naos q̃ yão de Choramãdel pera Cochĩ, & hũa nao q̃ ya de Ceilão com as pareas. E alẽ do cabo de Comorĩ, derão em hum lugar de Christãos da terra, chamado Tutucori, da pescaria do aljofar, & não estando hi Manuel rodriguez coutinho, q̃ era capitão dela o tomarã, & roubarão de quãto tinha, até as vestimẽtas & a pedra dara, & matarã muyta gẽte, & depois se deyxarã andar por aquela costa, q̃ não topauão nenhũ nauio que não tomassem.

CAPITVLO CLXXIIII.

De como Martĩ afonso de sousa chegou onde estauão os capitães del rey de Calicut.

No tẽpo q̃ esta armada sahio de Panane, andaua Martĩ afonso de sousa cõ a sua na costa do Malabar, & ya na volta de Cananor quãdo soube dela, pelo q̃ tornou logo atras, & se foy a Cochĩ, & reformãdose do necessario, foy em busca dos mouros, de q̃ sabia cada dia nouas, & no cabo de Comorĩ achou o vẽto, q̃ chamã comũmẽte na India, a vara de Choromãdel, q̃ lhe era por dauãte, & como o mar era muyto grosso, dobrou aq̃le cabo cõ assaz de trabalho & de fome, falecẽdolhe os mãtimẽtos, por se deter mais dias do q̃ cuydou. Dobrado o cabo, q̃ os mouros ouuerã vista de Martĩ afonso, nã quiserã pelejar coele, posto q̃ lhe tinhão grãde auãtagẽ, & isto fizerã duas ou tres vezes, sẽ os Martĩ afonso poder alcãçar, do que se ele agastou muyto, porq̃ vio q̃ se os seguisse daquela maneyra, assi como assi não os podia alcançar, & desbarataloyão pouco & pouco, & afora não poder fazer ao que fora, receaua que em sua ausencia se leuantassem na costa do Malabar algũs mouros cossayros, q̃ tomassem quãtas naos nauegassem por aquela costa, pelo que lhe pareceo que era melhor tornarse a guardar a costa, q̃ gastar ali o tempo sem fazer nada & assi o fez, & cõ quanto deu em Cochĩ esta causa pera se tornar, pos Fernão rodriguez em conselho coele, & cõ os outros capitães & fidalgos o seu parecer, & ainda q̃ o ouuerã por bõ, assentarão q̃ era muyto necessario não yrẽ os mouros a Ceylão, porq̃ se Maduna pandale desbaratasse el rey de Ceylão, & ficasse vitorioso, traria ali aquela armada del rey de Calicut, & tomaria quantas naos passassem, assi pera dẽtro de Ceylão, como de dẽtro pera fora, pelo q̃ Martĩ afonso deuia de tornar a buscar os mouros

& pelejar coeles, & prazeria a nosso Senhor q̃ os acharia varados em hũa enseada onde os desbarataria, o q̃ parece que foy pronostico da vitoria q̃ Martĩ afonso ouue. E tãbẽ indo Martĩ afonso pola cidade, depois q̃ se assentou que tornasse a buscar os mouros, sayo á rua hũa molher viuua, a q̃ os mouros de Calicut catiuarão hũ filho didade de doze ãnos q̃ auia nome Marcos, & tomãdoho pola fralda dũa loba, lhe pedio cõ muytas lagrimas q̃ lhe trouuesse seu filho, q̃ sabia q̃ lho leuauã os mouros naquelas fustas, & q̃ ouuesse piedade dela, porq̃ nã tinha outro, Martĩ afonso por se desapressar dela, lhe prometeo o q̃ pedia, & bẽ o cũprio: E reformada sua armada de mais nauios & gẽte, se partio cõ quatrocẽtos Portugueses, ẽ vinteduas vélas de remo, de q̃ afora ele forã capitães, Fernão de sousa de tauora, Manuel de sousa de Sepulueda, Frãcisco de sá, Ioão de mẽdoça, Martĩ correa da silua, dom Diogo dalmeida, Iorge barroso dalmeida, Frãcisco de barros de paiua, Gaspar de lemos, Frãcisco pereira, Ieronymo de figueiredo, Antonio de lima, Antonio de sousa, Symão rãgel de Coimbra, Antonio fernãdez, & Francisco de sequeira Malabares, & outros dous, a q̃ não soube os nomes: & indo Martĩ afonso por sua viagẽ tomou certas champanas de mouros, q̃ yão da pescaria do aljofar, em q̃ catiuou obra de corẽta mouros dos q̃ yão cõ Pate macar, & cõ os outros capitães, q̃ mãdou entregar aos Christãos de Tutocori, pera se vingarẽ do mal q̃ lhe fizerã, do q̃ se eles vingarão bẽ: E proseguindo daqui ẽ busca dos mouros, foy os achar na enseada de Beadalá, hũa grãde pouoação perto dos baixos de Chilã, & aqui estauã os mouros, pera por força, arrecadarẽ os dereytos da pescaria do aljofar, & como estauã de vagar, tinhã varada a armada ẽ hũa lingoa darea q̃ ficaua em restĩga, & tinhã assẽtado o arrayal em q̃ estauã dentro em hũ palmar, & os marinheiros, & bombardeyros estauão nas fustas: Chegado Martim afonso a vista dos mouros, em hũa segunda feyra vintoyto de

Ianeyro, & auendo eles vista de sua armada, acodiram logo os que estauam no arrayal ás fustas, que tinhão todas seus tiros nas proas, com que começarão logo de jugar pera a nossa armada, que tambẽ desparaua sua artelharia chegandose pera os mouros, & era o estrondo dos pelouros muyto grande dambas as partes, & assi a matinada de brados, & de gritas, que dauão hũs & outros, & os mouros de lhes parecer q̃ por serẽ muytos tinhão tomados os Portugueses, & os Portugueses de os acharẽ em lugar que não lhes podião fogir, & coeste aluoroço q̃ os Portugueses tinhão, errarã o canal da restĩga por onde ouuerão dẽtrar com os mouros & aferralos, pelo que como as suas fustas erão grandes, pera nadarem pola restinga encalharão nela, o que vendo os marinheyros dalgũas se deitarão nagoa pera tomarem fundo, & verẽ se podião os soldados desembarcar, por estarem em grande perigo, com as muytas bombardadas, espingardadas & frechadas, que os mouros tirauão, & achãdo os marinheiros que o fundo era darea solta & a agoa alta pera desembarcarem homẽs armados, disserãno aos capitães, q̃ mandarão que ninguẽ desembarcasse. E por mandado de Martĩ afonso se afastarão pera o pego, & nisto desembarcarão cõ sua gente mais abaixo da restinga, dõ Diogo dalmeida, Fernão de sousa de tauora, & outro capitão, & encaminharão ao lõgo da praya pera os mouros, cuydando q̃ desembarcasse Martĩ afonso, & vẽdo os mouros q̃ ele nã desembarcaua, antes se afastaua pera o pego, pareceolhes q̃ poderião tomar as fustas de dõ Diogo, de Fernão de sousa, & do outro q̃ ficauã sós, pera q̃ logo começarão de desencalhar algũas das suas em que se metião, o que visto por Martĩ afonso, conhecendo seus pensamentos, lançouse logo no seu balam, & varando por cima da restinga, per antre tamanha multidão de pelouros como digo, salta em terra & fez recolher dom Diogo, & os outros capitães com sua gente ás suas fustas, & fazendo acabar dafastar as outras pera ho pego, foy ver

a disposiçã da restinga em que achou o canal: & como as bombardadas eram muytas, arromboulhe hũa o balão, com que se vio em grande perigo.

CAPITVLO CLXXV.

De como forão desbaratados por Martim afonso de sousa os capitães del rey de Calicut.

Visto por Martim afonso o que queria, tornouse á sua frota, & como foy noyte, mandou a Francisco de sequeyra, que se fosse deytar com o seu catur hũa legoa abayxo da enseada, & que deytasse em terra certos Malabares seus parentes pera espias dos mouros, & pera cima da enseada, mandou deytar sete fustas ao longo da terra, porq̃ se os mouros quisessem fugir de noyte, como fizeram em Calecare, que os estoruassem, & que tirassem tiros, respondendo hũs aos outros, & de quando em quando espingardadas. O que ouuindo os mouros, & temendo que fossem aquela noyte cometidos pola praya fortalecerãose daquela parte de valos, & tunchas darea, em que assentaram algũs tiros, com que respondiam aos dos Portugueses, & teueram toda a noyte muy grande vigia, & como foy menhaã recolherãose os catures da vigia, onde estaua Martim afonso, que sabendo das espias o q̃ os mouros receauão & como se fortalecerão, quis ainda esperar outra noyte sem os cometer ate saber mais deles, & anoytecendo, mandou ter a mesma vigia que a passada & pola mesma maneira, & os mouros responderão aos tiros dos Portugueses ate o quarto da prima rendido, & não quiserão mais respõder, parecendolhes que os Portugueses fazião aquilo pera lhe fazer gastar a poluora de balde, & que não ousauão de pelejar coeles por serem poucos, & esperauã o socorro de Cochĩ ou Choromandel, & se lhes fosse pelejariã, & se não nã: E feyta esta conta, não responderão aos nossos tiros, nem curarão de muyta vigia

& deitarãose a dormir, do que Martim afonso foy logo auisado por suas espias, pelo que vio que tinha tẽpo de pelejar coeles pois o não tinhão em conta, & por não esperarẽ por isso estarião mais descuydados, & o descuydo lhes faria mayor medo, & assi o disse aos capitães da frota, & a outras pessoas principaes, cõ que assentou que pelejaria coeles em terra, em que desembarcaria em quatro fustas grandes, hũ quarto de legoa dõde os mouros estauão pera o norte, & como fosse perto deles, faria sinal com hũa camara de falcão a Antonio de sousa & a Gaspar de lemos, que cõ oytenta homẽs de lãças & rodelas, & a gẽte do mar ficarião em sete catures no canal sobre o remo, & em ouuindo o sinal cometerião os mouros: E deixãdohos no canal, foyse ao posto õde auia de desembarcar, & mandou a todos os que soubessem tirar com espingardas que as leuassem, & dessẽ as rodelas & lãças aos marinheiros q̃ lhas leuassẽ, & q̃ cobrissẽ os murroẽs, porq̃ os mouros lhos nã enxergassem, q̃ os q̃ria tomar de supito, & desta maneira começou de caminhar pera onde estauão os mouros cõ a gente em corpo, q̃ serião seyscentos homẽs com os escrauos & marinheiros, & as fustas em que desembarcou yão ao lõgo de terra emparelhando coele, pera que hũa fizesse o sinal cõ o tiro, & caminhando nesta ordem, Antonio de sousa & Gaspar de lemos que ficauão no canal com os sete catures sobre o remo, estauão esperando o sinal, se não quando hũ dos catures se atrauessou no canal per roĩ vigia, & atrauessado foy logo visto dos mouros, a q̃ parecendo que o acertassem lhes tirarã com hũ falcão, & em Antonio de sousa & Gaspar de lemos o ouuindo, cuydarã que era o sinal que lhes Martim afonso auia de fazer, pelo q̃ remeterão aos mouros tangendo as trombetas & gritando com tamanho arroido que fazião mostra de serem todos os da armada, & assi o cuydarão os mouros, que logo acodirão a defenderlhes a desembarcação, & meterãose nagoa aos receber, & sentindo quão poucos os Portugue-

ses erão esforçarãose muyto, & remeterão aos catures, & tomauãnos polos remos querẽdohos varar em terra, ao que os Portugueses saltarão nagoa, & começarão de pelejar com os mouros, que como erão muytos os tratauão mal, & matarã Antonio de sousa, Gaspar de lemos, & outros sete, & com tudo os outros se defendião brauamente. Martim afonso que tinha ouuido o tiro dos mouros, & a pos ele ouuio as trombetas & a grita, logo conheceo o que era, & disseho á sua gẽte, a que mandou sopena de morte que ninguẽ não fosse se não seu passo cheo, porque se fossem de pressa chegarião tão cansados, por ser ainda longe, que nam poderião pelejar & os ĩmigos os matarião, & que encomendassem a Deos os outros que pelejauão que ele os goardaria, & coisto chegou aos mouros, & sem o sentirem lhes deu nas costas, porẽ eles nã desmayarão coeste supito cometimẽto, antes como erão oyto mil homẽs, fizerão logo rosto aos Portugueses, lançãdo diante os espingardeiros que erã duzentos, & hũs & outros começarão hũa espantosa peleja, em que Martim afonso pelejaua como caualeiro, & mãdaua como capitão, & não estimando cõ os outros espingardadas nem lançadas, nem outros golpes, se metião todos cõ muyto esforço antre os ĩmigos matando & ferindo, ao que os outros ajudauão tàbẽ, que não o podẽdo os mouros sofrer, começarão de despejar as fustas & retirarse pera o palmar onde tinhão o arrayal, seguindohos os Portugueses, & como forão no largo que se os mouros poderão estender & cercar os Portugueses, q̃ erã muy poucos antre tantos, apertarãonos de maneira q̃ se acolherão ás fustas, ate onde os mouros os seguirão: E como os Portugueses forão em terra apertada, em que tanto montaua aos mouros serẽ poucos como muytos, porque nã podiã pelejar se não os da dianteira, tornarã a auer a melhor deles, & tornarãnos a leuar de vencida ate o palmar, donde os mouros os tornarã a leuar ate as fustas. E vencendo ora hũs ora outros, gastarã nisto ate as oyto oras do dia, em q̃

forão feridos bem setenta Portugueses, o que vendo Martim afonso, & que os mouros não se auião de desbaratar, em quanto teuessem suas fustas inteiras, com esperança de as cobrarem, determinou de lhas queymar, por conselho Dantonio fernandez malabar, que assi lho disse, & ele mãdou logo que lhes posessem fogo & assi foy feyto: & como estauão cifadas & enseuadas começarão darder, laurando o fogo com grande furia, o que desesperou os mouros de as saluarẽ, & começou de fugir a gente q̃ não tinha obrigação, & logo a outra, & a tras ela os capitães, & fogindo assi os mouros, algũs seus filhos pequenos quiserão leuar por força ho menino Marcos filho da viuua de Cochim, que se liurou deles ás punhadas & ficou: E Martim afonso q̃ vio fugir os mouros, deixouhos yr por ter sua gente cansada, & saluar algũas das fustas de que saluou vinteduas, & forão queymadas vintecinco, em que forão tomadas quatrocẽtas peças dartelharia, as cẽto de metal, & mil & quinhentas espingardas, & dos mouros forã mortos oytocẽtos, & algũs catiuos, & achouse antreles hũ Portugues que trazião catiuo, q̃ auia nome Andre luys, & ho menino Marcos, cõ que Martim afonso folgou muyto pera o dar a sua mãy, & dos Portugueses forã mórtos dez, & feridos setenta, de que hũ foy Diogo de reynoso de hũa espingardada por hũa perna.

C A P I T V L O CLXXVI.

Do mais que fez Martim afonso de sousa depois da vitoria de Beadala.

Auida esta vitoria, deu Martĩ afonso muytos louuores a nosso Señor por a grande merce que lhe fez, & certo que foy muyto grande, porque afora a perda que el rey de Calicut recebeo em perder esta armada, se ela esteuera inteira, quando os Turcos vierão a Diu, como direy adiante, ela fizera tãta guerra aos Portugueses, q̃

a costa do Malabar não se podera nauegar, & as naos Portuguesas da carga ou escaparão ou não de serem tomadas, & que não fizera outro mal, se não ajuntarse com a dos Turcos fora muyto grande: Assi que foy esta vitoria muy importãte pera segurar a India. E por ela ser de tanta fama, muytos fidalgos pedirão a Martim afonso q̃ os fizesse ali caualeiros, & ele os fez, & dali mandou ao gouernador a noua desta vitoria, per hũ caualeiro chamado Miguel dayala que mora em Lisboa, que foy em hũa fusta, & de caminho a desse em Cochim a Fernão roîz de castelo brãco vedor da fazenda. E indo de viagẽ, depois de partir de Cochim, topou a Montedeli duas fustas de Malabares cõ q̃ quisera pelejar, & fugirãolhe, & logo topou outra muyto grande & com muyta gẽte, cõ que aferrou & pelejou cõ os mouros hũ bom pedaço sem o poderem entrar, & matou muytos cõ os seus soldados que erão dezoyto, & assi se apartarã matandolhe os mouros dous. E Martĩ afonso q̃ ficaua em Beadalá, por ser perto Ceilão, foy lá a visitar el rey, & saber dele se tinha necessidade de sua ajuda, cõ o que el rey folgou muyto, & cõ ho desbarato dos Malabares. O que sabido tãbẽ por Madune pandale, se recolheo pera hũa serra õde se fez forte, & desapressou el rey, pelo que el rey não teue necessidade de Martĩ afonso, & deulhe vinte mil pardaos pera os gastos da armada, & dali se tornou a Cochim, onde foy recebido cõ grãde festa, & depois se tornou a correr a costa cõ a mesma armada q̃ leuaua & indo de Calicut pera Cananor defrõte de Tiracole, pelejou cõ dezoyto fustas de Calicut, que yão carregadas darroz, cuidando os mouros que yão nelas, que serião tres mil, que ainda Martim afonso não era passado do cabo de Comorĩ pera o Malabar, & como o conhecerão fugirão vẽdo que os ya cómeter, & ele & os seus capitães os seguirão ate que os alcãçarão, aferrarão, & entrarão, & forã mortos bẽ mil & quinhentos mouros, & algũs catiuos, & os outros se saluarã a nado por ser perto de terra, &

as fustas forão todas tomadas, saluo hũa que varou & das outras tomou Simão rangel duas que aferrou cõ os seus soldados, & matarão quantos mouros yão dẽtro, & dos Portugueses morrerão vinte, & forão feridos cẽto & dez, porẽ os mouros sintirã muyto a grãde perda q̃ aqui receberã principalmente os de Calicut, cujo rey acabou aqui de perder toda sua armada, pelo q̃ lhe foi forçado fazer depois pazes cõ o Visorey dõ Garcia de noronha (como direy no liuro Nono.) E auida por Martim afonso esta vitoria, se foy a Cananor, leuando os mouros que catiuou enforcados nas vergas dos nauios, pera q̃ os vissem os mouros de Cananor, porq̃ sabia que andauão muytos deles naq̃la armada, pelo que tàobem lhes mandou deitar na praya os que forão mortos na batalha pera q̃ os vissem. E coestes dous despojos que Martim afonso fez nas armadas de Calicut, ficou a costa do Malabar limpa delas por hũs dias.

C A P I T V L O CLXXVII.

De como Martim afonso de melo jusarte sayo do catiueyro de Bengala.

Chegado Afonso Vaz de Brito a Chetigão (como disse a tras) falou logo com Nuno Fernandez Freyre, dizendolhe ao que ya, & auido seguro del rey de Bẽgala, foyse ao Gouro, onde lhe deu a carta de Martim afonso de sousa, em que lhe contaua os grãdes negocios q̃ ficarã ao gouernador depois da morte del rey de Cambaya pera segurãça de Diu, & por isso lhe nã podera aq̃le anno mandar a gente que lhe pedira por seu embaixador, que lhe mandaria coela no anno seguinte, pedindolhe muyto pois era amigo del rey de Portugal, que deixasse yr Martim afonso de melo, de que auia necessidade na India pera capitã de hũa fortaleza que lhe dera el rey de Portugal: E por esta carta deu el rey licença a Martim afonso que se fosse com os outros Por-

tugueses, saluo Nuno fernãdez freyre, Ioão adão, Antonio paez, Afonso vaz de brito, q̃ auiã de ficar em arrefẽs de Martim afonso, q̃ prometeo a el rey de fazer que o gouernador lhe mãdasse logo muyta gente: E cõ os Portugueses que auião de yr coele, se foy embarcar a Chetigão na fusta Dafonso vaz de brito, & dahi se partio pera a India, onde chegou a saluamẽto: E já a este tempo auia noua no Gouro que Xercansur (aquele Patane de que falei a tras) tornaua sobre o Gouro cõ cem mil de caualo, & trezẽtos mil de pee: & ao dia seguinte em que Martim afonso partio do Gouro, chegarão muytos Bengalas q̃ estauão na frontaria contra os Patanes, de q̃ forão desbaratados, & afirmarão a el rey q̃ Xercãsur se chegaua de cada vez mais pera ho Gouro cõ a gente q̃ digo, & dizia q̃ nã fizera paz cõ el rey, se não porq̃ lhe desse cadãno treze leques, & el rey mãdou logo saber se estaua Martim afonso ainda no Gouro pera o não deixar yr, porq̃ o ajudasse naquela guerra que esperaua: & vendo que Martim afonso era ydo cõ os outros Portugueses, mandou Nuno fernãdez freyre cõ grãdes poderes a Chetigão, pera que lhe fizesse mil manchuas como as de Malaca, pera estoruar coelas a Xercansur a passagem do Ganges ao Gouro, o que não pode ser, porq̃ quãdo Nuno fernandez partio: já muyta gẽte de Xercansur tinha passada, & tinhã cercado o Gouro por agoa, q̃ não pode Nuno fernandez sayr em hũ paraó em q̃ ya se não defendendose ás espingardadas cõ dous escrauos que leuaua q̃ o ajudauão, & assi se foy sayndo dãtre os Patanes. E em hũa cidade abaixo do Gouro, chamada çarnagão, achou no rio o Lascar dela com seyscentas almadias carregadas de mantimentos que leuaua ao Gouro, & quãdo soube q̃ estaua cercado, cometeo a Nuno fernandez que fosse coele, q̃ não quis por o aperto em que se vira, & por ele não q̃rer yr, não ousou o Lascar dyr cõ os mantimentos nem foy, & por falta deles foy a fome tamanha no Gouro, q̃ os pays comerão os filhos pequenos, tendo primeiro co-

midos os caualos & os alifantes, & por derradeiro os Patanes entrarão a cidade, & matarão a mayor parte dos q̃ estauão dẽtro, & el rey de Bẽgala fugio muyto ferido, & indo assi, topou cõ hũ capitão del rey dos Mogores que o ya socorrer por lho ele mãdar pedir, & este capitão leuaua quorenta mil de caualo, cõ que el rey de Bengala assi ferido como ya, fez logo volta pera o Gouro, parecẽdolhe que o tornaria a tomar, & el rey dos Mogores ya a pos ele cõ o resto de seu exercito: & sabendo Xercãsur que ya, como não queria mais que o tesouro del rey de Bengala, apanhouho todo & leuouho deixãdo a cidade despejada, & assi a acharão os Mogores, cujo rey por não achar o tesouro, & porque morreo el rey de Bẽgala das feridas, não quis ali mais estar & tornouse. O que sabendo Xercansur depois de se fazer jurar por rey de Bengala & dos Patanes, foy a pos ele com seu exercito, & depois de o desbaratar lhe tomou ho reyno de Deli, de Sanga, & do Mandou, & ficou senhor deles, & do de Bengala, & do dos Patanes, & morreo muy grande senhor, & por sua morte deyxou estes Reynos aos filhos que tinha.

CAPITVLO CLXXVIII.

De como os Achẽs quiserão tomar a fortaleza de Malaca.

Em todos os liuros a tras fica dito, o mortal odio que el rey Dachem tinha aos Portugueses, & quanto trabalhou por tomar a fortaleza de Malaca, & estando ainda neste proposito, mandou hũ seu capitão com tres mil homẽs que a fosse tomar, & desembarcaria de noyte, & logo escalaria a fortaleza. E partido cõ hũa grande armada, sem ser sentido dos Portugueses, nem saberem sua yda, chegou a Malaca vespora de nossa Sñora de Setembro, do anno de 1537. ao quarto da modorra, & desembarcado muy caladamẽte, foyse á pouoaçã dos Quelĩs q̃ era cercada de madeyra, & entrou por hũ ba-

luarte, que se chamaua do Bẽdara, cujos criados o vigiauão, mas dormião a este tempo tãobem, q̃ os Achẽs os matarão a todos sem acordarem, & entrando por aqui na cidade, repartidos em escoadrões, se forão com suas guias á ponte pera dali yrem á fortaleza & escalarẽna, o que ouuera de ser, se lhe nosso Senhor não atalhara, & indo seu caminho desmandarãose algũs a roubar certas casas, cujos moradores sintindo que erão ĩmigos, & cuydando que fosse gẽte del rey Dungentana, forão dar auiso ás vigias da fortaleza, que dãdo rebate a dõ Esteuão da gama que era capitão, se pos logo em armas com os Portugueses, & sabẽdo ele que erão Achẽs, temeo muyto sua vinda, parecendolhe que nã deuia de ser sem terem inteligencia na cidade, principalmente com Ninapão & Ninabay jrmãos, mouros honrrados & ricos, de que dom Esteuão tinha grande receo de lhe fazerem treyção. E deixãdo a fortaleza a recado, foyse á ponte com duzẽtos Portugueses, em que entrauão Tristã datayde, que auia pouco que chegara de Maluco pola via de Banda, Manuel da gama, Paulo da gama, Antonio pereira, dom Manuel de lima, dom Francisco de lima, dom Cristouão da gama, Frãcisco bocarro feytor, & outros fidalgos & caualeiros, & passando a ponte, logo na entrada da pouoação dos Quelĩs foy dar cõ hũ escoadrão dos Achẽs, cõ q̃ começou de pelejar, ao que os outros acodirã logo & foy antreles hũa braua batalha, em q̃ os Portugueses pelejarão tãobẽ, q̃ fizerã afastar os Achẽs hũ pedaço pera dẽtro da cidade, matando algũs: E vendo o seu capitão que não podia fazer o pera que viera, soltouhos a roubarem na cidade, ao que dom Esteuão acodio ainda q̃ era denoyte, & apertouhos tão rijo, q̃ em amanhecẽdo os fez recolher ao baluarte por onde entrarã, o que fizerão com muyto tento, & fechando a porta sobre sy, sem lhe os Portugueses poderem impedir q̃ a não fechassem, & feriãnos do baluarte com muyta pressa cõ frechas heruadas: O que vendo dom Esteuão, mandou a Tristã datayde que

cõ cem homẽs quebrasse a porta do baluarte, & ele cõ duzẽtos entraria entre tanto polas costas, & assi se fez, sobre o que foy hũa espãtosa peleja, & por derradeyro os Achẽs forã tão mal tratados, q̃ tomarão por remedio fugirẽ & yrense pera sua terra, ficando trezẽtos mortos, & dos Portugueses não morrerão nhũs, sómente forão feridos Tristão datayde, dõ Francisco de lima, Antonio pereira, Francisco bocarro & outros. E el rey Dachẽ depois q̃ soube q̃ a sua gente fora desbaratada, acrecentoulhe mais o desejo de tomar a fortaleza, & tornou a mandar outro capitã com cinco mil homẽs que a tomasse por força a escala vista.

CAPITVLO CLXXIX.

De como os Achẽs tornarão a Malaca.

Vendo dom Esteuão quão de rebate chegarão os Achẽs, & a opressam em q̃ poserão a fortaleza, ordenou sessenta Portugueses pera vigiarẽ a cerca dos Quelîs, & porque era de madeyra, ajuntarãose eles todos por rogo de dõ Esteuã & cercarãna de taypa, & dõ Esteuão por acabar asinha a obra andaua sempre nela louuando os que o fazião bem, & dandolhes de comer á custa del rey, no que gastou trezẽtos cruzados, & coisto fez obra em trinta dias, q̃ doutra maneira não se fizera cõ menos de trinta mil cruzados, & a menos altura do muro era dũ homẽ, & a mayor de dous & tres: & nisto soube dõ Esteuão como yão os Achẽs pera Malaca, & temẽdose que desembarcassem logo de caminho como da outra vez, pos no baluarte do Bendara duzẽtos espingardeiros, & por seu capitão Paulo da gama, & a Tristão datayde, a dom Francisco de lima, a dõ Manuel de lima, & a Manuel da gama, deu a cada hũ vinte cinco sobresalentes pera q̃ corressem o muro, & acodissem onde fosse necessario, & ele com outros cento se pos junto da fortaleza: E esperãdo coesta ordem os Achẽs, chega-

rão, & como yão pera tomarẽ a cidade per cõbate, assentarã seu arrayal hũ quarto de legoa dela, onde chamão a põta de Tãjaquelĩ, que na noyte seguinte fazendo grande escuro feytos em tres escoadrões hũ pera escalar o baluarte do Bendara, & os outros pera escalarem o muro, & quando não podessem o cortarẽ cõ escopros & macetas, cuydando que era ainda de madeira, & os que auião descalar o baluarte, sobirão muy caladamente parecẽdolhes q̃ os não sentião, se não quãdo os Portugueses que estauão nele arremesarão sobreles tanta panela de poluora, & lhes tirarão tantas espingardadas que os q̃ sobião se decerão muy de pressa & os outros não ousarão de sobir, & ho mesmo acõteceo aos que quiserão sobir pelo muro, & com tudo os Achẽs nam deixarão o combate, em que perfiaram duas oras de relogio, & forão muytos feridos & mortos: & como sayo a lũa se forão por nã receberẽ mais dâno, & tornarão na noyte seguinte, & aconteseolhes da mesma maneira. E vendo dom Esteuão que por virem polo escuro não recebião tãto dâno como receberião se ouuesse claridade, recebeos na primeyra noyte que tornarão com grandes nouelos de fiado ensopados em azeyte, & estes acesos de tres em tres postos em grãdes espetos de tres pontas, que estauam fincados no chão hum tiro de pedra do muro, & dauão tanta claridade como q̃ fora de dia, pelo q̃ os Achẽs forão bẽ vistos a hũ grande pedaço do muro, onde lhes tirarão cõ a artelharia & espingardaria com que os fizerão tornar sem ousarem de chegar ao muro, nem ousarão de tornar mais pois os vião: E recebendo muyto grãde dâno de mortos & feridos se partirão pera sua terra tão de pressa que Tristão dataype que foy a pos eles com hũa armada os não pode alcãçar: & com a fama dos Achẽs yrem tão mal tratados não ousarão outros de bolir consigo.

CAPITVLO CLXXX.

De como Antonio galuão fez pazes com el rey de Geilolo, & de Bachão.

Partido Tristão datayde de Ternate como a tras fica dito, Antonio galuão que ficaua por capitão da fortaleza, ficou em grande trabalho por se yr tãta gente que quasi ficou só, & por estarem ainda os Ternates de guerra. E como ele conhecia que a principal causa de seu descanso era pacificar a gẽte da terra & tornala a ser amiga dos Portugueses, trabalhou polo fazer por meo de Cachil rade yrmão del rey de Tidore, que nisso lhe aproueitou tanto, q̃ se ele não fora custaralhe muyto fazelo, porque os Sãgages do senhorio de Ternate querião q̃ desposessem de rey de Ternate a el rey Cachil aeyro dizendo que era bastardo, & auia outros que lhe percedião pera serẽ reys, & que desposessem de regedor ao çamarao, cometião a Antonio galuão q̃screuesse ao Gouernador da India, que lhes mandasse el rey Tabarija que era seu rey de dereyto, & se fosse morto q̃ então farião outro, & que entre tãto fosse Antonio galuão seu rey. E como ele era muyto bom homẽ & desejaua muyto de seruir a Deos & a el rey, não quis aceytar aquele partido, receando que o pouo se escandalizasse de ser regido por ele q̃ era Cristão, & por isso trabalhou tanto com os Sangages & gouernadores dos lugares, que forão contẽtes dobedecerẽ por rey a Cachil aeyro, & ao çamarao por regedor, & assi o fizerã pelo q̃ Antonio galuão deu muytos presentes á sua custa & coisto começarão os Ternates q̃ estauão espalhados por outras jlhas de se tornar pera Ternate & pouoar a terra, em que Antonio galuão começou daquerir grande fama de muyto bom homẽ, & q̃ nã auia nele nhũa cobiça, & espantauãse os mouros muyto de lhofferecerẽ a gouernança do reyno & não a querer aceitar, porque no tempo que

a teuera se podera fazer quão rico quisera, & el rey, & o çamarao lhe ficarão por isso em obrigação grãdissima, & assi o dizião pubricamente. E tendo assentada a terra, pera a cõseruar, trabalhou por fazer cõ el rey de Geilolo & com el rey de Bachão, que sabia que se apercebião pera lhe fazerem guerra & trabalhauão com el rey de Tidore que os ajudasse, & isto por vingarẽ a morte del rey Cachil dáyalo, que fora morto a ferro, que erão obrigados a vingar segundo seu costume. E por os reys não quererẽ a paz, os desafiou Antonio galuão a ambos que se matassem coele pois ele só era o de quem desejauão de se vingar, & os reys aceitarã o desafio, mas não ouue effeito, por el rey de Tidore & seu yrmão Cachil rade interuirẽ nisso, & lhes fizerão fazer a paz com Antonio galuão: E ao tempo que a assentarã, lhes mandou Antonio galuão grãdes presentes da parte del Rey de Portugal, & eles lhe mandarão algũs Portugueses que tinhão catiuos, & artelharia, & outras armas. E assentadas as pazes, muytos Ternates que estauão naqueles dous reynos se tornarão pera Ternate, & assi se tornauão cada dia outros, & se ya pouoãdo a terra como dãtes, de que a gente estaua tão fora como disse a tras, nẽ ouuera nũca de tornar a Ternate se não fora a boa fama Dantonio galuão, & verẽ por obra que era assi como ouuião.

CAPITVLO CLXXXI.

De como se perderão duas naos de Castelhanos que yão pera Maluco.

Neste tempo mandarão os reys daquelas jlhas recado a Antonio galuão q̃ per antrelas contra as dos Papuas andauão duas naos de Castelhanos q̃ nã podião tomar porto, nem eles auião de consentir que o tomassem ate não saberem se era disso contente, ho que lhes ele mandou agradecer, & pedir que os não deixassem tomar por-

to em suas terras, & que lhes dissessem da sua parte que se fossem á fortaleza & serião remedeados de todo o necessario: E logo mandou fazer algũs bateis de que tinha necessidade se os Castelhanos quisessem guerra: Cujo capitão mór auia nome Fernão de grijaluarez, & o da outra nao se chamaua Aluarado, q̃ indo da noua Espanha pera o Peru do Emperador ondestaua o marques dõ Fernando cortes, & ou por võtade de Fernão de grijaluarez, ou por lhe assi ser mãdado, sendo a duzẽtas legoas da costa da noua Espanha, disse á sua gẽte q̃ auião de descobrir outra terra sem dizer q̃ terra era, do q̃ a todos pesou muyto, & por nauegarẽ ao lõgo da linha ora a hũa parte ora á outra ate cinco ou seys graos daltura, parecia a todos que a terra que auião de descobrir erão as jlhas de Maluco, & assi andarão ate se poerem em treze graos da parte do sul, & tornarão ate vintaquatro da banda do norte, & sem nunca acharem terra, por falta dagoa, tornarão a demãdar a linha pera fazerem agoada dos chuueyros, no q̃ gastarão muytos dias. E falecendolhes o mantimento, quiserão tornar á noua Espanha & não poderão, porque chegãdo a vinte sete graos da linha escaseaualhes o vẽto, & fizerão isto tantas vezes, que lhes foy forçado yrense dereitos ás jlhas de Maluco, & morreolhes quasi toda a gente, & antrestes foy Fernão de grijaluarez, & forão ter a elas, cujos moradores lhes não deixarão tomar porto por amor Dantonio galuão, & diziãlhes que se fossem á nossa fortaleza, o que nã quiserão, & vendose sem remedio de poderem tomar porto, & com medo de se alagarem por as naos andarem muyto abertas derão á costa, onde os mais forã mórtos pola gente da terra, & escaparão tres ou quatro que forão catiuos, & depois os resgatou Antonio galuão & soube deles tudo isto, & q̃ na noua Espanha se fazia hũa armada pera yr a Maluco q̃ foy (como direy no liuro Nono.)

CAPITVLO CLXXXII.

De como Ioão freyre foy ao Morro por capitão de hũa armada.

Depois Dantonio galuão mandar recado aos reys de Maluco que nã deixassem tomar porto aos Castelhanos fez logo hũa armada de que foy por capitão mór ao Morro hũ Ioão freyre pera tornar á obediencia da fortaleza certos lugares que lá estauão leuantados, & foy coelẽ Cachil rade, por cuja causa algũs daqueles lugares derão logo obediencia a Ioão freyre, & outros não quiserão & se defenderão, & ouue hi peleja antre os mouros & os Portugueses, & foy morto hũ Fernão pinto, & andando lá Ioam freyre, chegou Iorge mascarenhas capitão, & feytor da nao do trato da India pera Maluco, que ya carregar de crauo pera el Rey dom Ioão de Portugal: & tanto que surgio em Talangame, soubese na fortaleza por algũs da nao que forão a terra, que Iorge mascarenhas leuaua hum aluará del Rey em que defendia que nenhũa pessoa comprasse crauo & todo se vendesse na feytoria sopena de perdimento do crauo & de toda a fazenda: & que mandaua ao gouernador da India & ao védor da fazẽda que o fizessem comprir: E assi disseram mais que o védor da fazenda dera licẽça a Iorge mascarenhas & aos que yão coele pera comprarem certos báres de crauo & os carregarem, & a mesma licença mandaua a Antonio galuão, & ao feytor & a seus escriuães, com ho que toda a gẽte da fortaleza se aluoroçou grandemente, & ajuntarãose os mais â porta da fortaleza, dizendo a grandes brados, que auião dir queymar a nao de Iorge mascarenhas cõ quantos estauam dentro pois vinha nela tal aluará, & que se auião dir pera os castelhanos se viessem, ou pera os mouros, pois lhe tirauam o crauo que eles tambẽ mereciam, pois não tinham outra cousa em que tratar: & defendiam

aquela fortaleza com tanto derramamento de sangue & trabalhos tam immensos, & defendẽdo el Rey ho crauo, geralmente ho seu vedor da fazenda ho alargaua a Iorge mascarenhas & aos seus marinheyros que nunca pelejaram naquela terra: & diziam a Antonio galuão que acodio a este aluoroço, que nam sofresse ho aluaraa que leuaua Iorge mascarenhas pois nunca el Rey ho mandara em tempo doutro nenhũ capitão, ao que ele respondeo que pois que ele era del rey & eles tambem, que auiam de comprir os seus mandados, & que se el rey aquilo mandaua, ele era contente de lhe obedecer & ho auia por bem, & que el rey fazia ho que deuia pera forrar ho grande gasto que auia tantos annos que tinha naquela fortaleza sem auer dela nenhũ proueyto: & quanto a ele nam lhe daua nada de yr pobre por goardar os mãdados del rey, em que esperaua que lhe faria merce pois a fazia a todos os que ho seruiam, rogando a todos que nam se aluoroçassem em quanto nam vissem ho aluará que diziam, porque ele daria a tudo hum meo com que ficassem cõtentes: Porem a gente nam foy contente disto, & mais porque sabia que Antonio galuam era tam amigo do seruiço del rey, que auia de goardar ho aluará ao pé da letra, & nam podiam assossegar: & tam danados andauam, que sayndo Iorge Mascarenhas em terra, sem ho saber Antonio galuam, assi como os que digo ho viram saltaram com ele pera ho matarem, & assi ouuera de ser se nam se acolhera a hũa casa na pouoação dos Portugueses onde se defendia com a porta fechada, a que acodio Antonio galuam, & quando chegou jaa acendiam fogo pera queymarem a casa & a ele: E como a gente vio Antonio galuam, foramse todos, & ele leuou Iorge Mascarenhas pera a fortaleza: & como nam estaua em tempo pera castigar aquele crime, por amor dos castelhanos que esperaua, & recear que se lhe fosse a gente, dissimulou com os culpados, dandolhe esperãça que quãdo visse o aluará faria o que fosse justiça, pois naquelas partes era védor da fazẽda del Rey,

& fez que fossem amigos de Iorge mascarenhas & dos que yão cõ ele, no que lhe foy bõ padrinho, porque doutra maneyra foralhe grande trabalho saluar a vida, segundo a gente desejaua de o matar.

CAPITVLO CLXXXIII.

De como foy lido, & pubricado o aluaraa que leuaua Iorge mascarenhas, & das muytas desordẽs que sobrisso sucederão.

Assossegado este aluoroço, mostrou Iorge mascarenhas o aluará que leuaua, que depois de Antonio galuão dizer que lhe obedecia, foy lido em voz alta perante todos, cuja sustancia era o que disse: & assi foy lida a licença que o védor da fazenda daua a Antonio galuão & a Iorge mascarenhas & aos outros pera fazerem crauo, & Antonio galuão disistio logo da sua, dizendo que posto que perdia nisso muyto, que antes o queria q̃ perderse ho seruiço del Rey seu senhor, que pera se conseruar naquela terra era muyto necessario não fazer ninguem crauo se não ele, pera se tornar ao primeyro preço que lhe fora posto per Antonio de brito, porque os mouros auerião por seu barato de o darem, não ho podendo vender a outrem se nã a el Rey, & que melhor seria aos Portugueses comprarẽno na feytoria que aos mouros pois lho dauão tão caro que nam valia mais na India q̃ em Maluco, & mais que na feytoria lho dariào em desconto de seus soldos & mantimentos, sem terem necessidade de darem por ele roupas & outras cousas que auiam dauer de fora, & ja que dauão tamanho ganho aos mouros, que melhor seria darem algum a el Rey que os mantinha, & gastaua tanto em soster aquela fortaleza & era causa de eles enrriquecerem, que nam era rezã que eles leuassem tudo & el Rey nada, pedindo a todos q̃ ouuessem por bem ho que el Rey mandaua & comprisse ao pé da letra: E logo

mandou pregoar o aluará com trombetas por a cidade, & depois pola jlha. E mandou ao ouuidor & ao feytor que tirassem deuassa se ele ou seus criados fizeram algum crauo, ou ò compraram depois que ali estauão, & achouse que nam, porque desejaua tanto de seruir el Rey, & tomarem todos dele exempro pera ho seruirem, que antes queria perder sua fazenda, que fazer cousa em que parecesse que o deseruia. E mandou mais que do crauo que as partes tinhão feyto, se tomasse ho terço pera el rey, & lhes fosse pago polo preço da feytoria, & assi foy feyto, no que se ouueram quinhentos báres de crauo pera el Rey: E pera que dali por diante se ouuesse todo ho crauo pera el Rey, escreueo cartas aos reys de Maluco & aos Sangages, pedindolhes que defendessem em suas terras que nam se vendesse o crauo se nam ao feytor, mandandolhes ho terlado do aluará del rey, ao que todos responderam que seruiriam de muy boa vontade a el Rey de Portugal, mas que naquilo não podiam por serẽ certos que ainda que matassem os mouros que nam auiam de deyxar de vender ho crauo a quem lhe mais desse, que defendesse ele aos Portugueses que lho não comprassem, porque doutra maneira não podia ser: E por neste tempo Antonio galuão ser auisado que Iorge mascarenhas mandaua fazer crauo, & q̃ os Portugueses o querião tãobem fazer, pediolhe Antonio galuão que o nam fizesse por não dar azo que ho quisessem os outros fazer, que muyto crauo auia de leuar del Rey em que se entregaria daquele, pera que lhe ho védor da fazenda daua licença: E não o querendo ele fazer pos Antonio galuão pena conforme ao aluará del rey que não comprasse crauo, & Iorge mascarenhas lhe mostrou hum aluará do gouernador, em que o isentaua de todo de sua jurdição, assi a ele, como a quantos yão coele, & a nao & sua carga, & sobristo ouue ãtreles discordia, & Iorge mascarenhas se foy pera a nao, & não tornou mais a terra. E vendo os Portugueses esta discordia, começarão logo dapertar

com Antonio galuão que lhes deixasse fazer crauo, se não que se yrião pera a India, fazendolhe sobrisso grandes requerimẽtos, & protestando de ele ser em cargo a el rey da perda que recebesse por sua yda: & com tudo Antonio galuão nã quis nunca alargar ho crauo, & mandou requerer a Iorge mascarenhas pelo Ouuidor, que lhe não leuasse nhũa gente sem sua licença, & ele não quis deyxar chegar ho Ouuidor a bordo, mandandolhe tirar com espingardas, cuydando que o ya prender: & foy ho aluoroço tamanho na gente, & o desauergonhamento, por lhe Antonio galuão nam querer alargar o crauo, que o quiserão matar, mas não poderão. E por derradeyro se armaram cento & oytenta homẽs, & assi armados na metade do dia se forão embarcar, ameaçãdoho com a morte se lho quisesse tolher, & dizendo que pois era tão amigo do seruiço del Rey, que lhe goardasse a sua fortaleza, & assi se forão embarcar cõ Iorge mascarenhas, & com hum Fernão anrriquez senhor dũ Iungo em que se ya pera a India, & Antonio galuão nam pode resistir a isto, porque lhe nam ficauam mais de cento & vinte homẽs, & estes porque lhes daua de comer á sua custa, que não auia na feitoria com que lhes pagassem mantimento, & Antonio galuão porque não ficasse só & se perdesse aquela fortaleza, gastaua o seu, & não lhe daua nada perdelo por seruir el Rey, dizendo que pois o perdia nisso que el Rey ho satisfaria: E era a reuolta tamanha, & ho Ouuidor ouue tamanho medo, que por lhe Antonio galuão não mandar prẽder ninguem deixou a vara, nem ho Vigairo queria seruir a ygreja, & tão bem se foy. E embarcada esta gente com Iorge mascarenhas, & com Fernão anrriquez, partirãose pera Banda: & tambem foy em sua conserua hum Gonçalo Vaz çarnache, que andaua darmada no Morro, onde tomou por força a Ioão Freyre hũ nauio em que andaua que Antonio galuão tinha pera mandar aquele anno aa India carregado de Crauo, & por mays requerimentos que mandou fazer a

Gõçalo vaz (depois que foy em Talãgame) que tomasse o crauo nunca quis, & foyse com o nauio vazio, no que el rey recebeo muyto grande perda, & Gonçalo vaz nã ouue por isso nhũ castigo, pelo que em Maluco cada hũ fazia ho que podia sem temor de Deos, nem del Rey, nem vergonha do mũdo, & mais porq̃ sabião q̃ os não podia castigar o capitão de Maluco. E vẽdo algũs castelhanos que estauã na fortaleza (& estauã pera se yr) como Antonio galuão ficaua só, não se quiserã yr, lembrados da muyta hõrra & gasalhado, & outras muytas boas obras que lhes tinha feytas, & por lhe pagarẽ tudo isto quiserão ficar: Pois os Portugueses a quem tinha feyto o mesmo, lho pagauã tão mal, & assi lho disseram & ficaram coele, o que lhes ele agardeceo muyto, & logo escolheo hũ deles, que auia nome Pero de ramos q̃ conhecia por bõ homẽ, & escreueo por ele a el Rey de Portugal & ao gouernador & ao védor da fazenda o que lhe fizerão muy miudamente, mandandolhe os estormẽtos que disso tirara & os autos q̃ fizera, & mandoulhe que desse tudo a qualquer capitão que achasse em Banda: & em guarda deste Pero de ramos foy Cachil rade com hũa armada del rey de Tidore, & chegado a Bãda deu tudo a Paulo da gama que hi estaua por capitão, & estando hi morrerão Iorge Mascarenhas, & Gonçalo vaz çarnache de doença que lhes sobreueo.

C A P I T V L O CLXXXIIII.

Do que o gouernador fez em Diu pera a vinda dos Turcos.

O Gouernador que ya pera Diu, como disse a tras, chegou lá na entrada de Feuereiro, do anno de mil & quinhentos & trinta & oyto, & sabendo de Coge çofar como tinha por certa a vinda dos Turcos, & que vinhão com grande poder, por quanto a cerca da vila dos Rumes era grãde, & era necessaria muyta gente pera a

defender, que ele não tinha, pelo que os Turcos a poderião tomar, acordou com conselho de a derribar, & que fizesse na borda dagoa hũ baluarte & hũa casa forte pera apousentamento do capitão do baluarte, o que logo foy começado, & tinhão as paredes de vinte pés de largo, cuja capitania o gouernador deu a hũ Francisco pacheco juyz dalfandega de Diu, & dentro na fortaleza foy começada hũa cisterna de vinte palmos dalto, & tão alta que cada palmo auia de leuar duzentos & cincoenta toneis dagoa: E neste tempo quisera o gouernador reformar as tregoas que Antonio da silueyra tinha assentadas cõ Alucão que se acabauão então, & Alucão nũca o pos em obra, por mais recados que lhe forão sobrisso: E o gouernador ainda que esperaua pelos Turcos, não quis inuernar em Diu, & foyse a Goa, deixando a Antonio da silueyra seys cẽtos homẽs, de que os quatrocentos erão mal armados, & os duzentos não eram pera pelejar, & antrestes muyto poucos fidalgos, & leuou toda a gente consigo, deixando a fortaleza em tamanho risco & de guerra com Cambaya: & de Goa despachou a Vasco pirez de sampayo pera yr a Bengala com gente em ajuda del rey, & foy por capitão mór de noue velas, de que foram por capitães afora ele, Antonio de melo q̃ agora mora em Bucelas, Frãcisco de barros de payua, Manuel mascarenhas, Cristouão douria, Diogo rabelo, & outros, & mandou nesta frota ho embayxador del rey de Bengala, & Vasco pirez se foy a Cochim, donde partio em Mayo pera Bengala.

CAPITVLO CLXXXV.

De como Coge çofar fugio de Diu.

Depois do Gouernador partir de Diu, reformou Antonio da silueyra as tregoas que tinha com Alucão, & a pos isso chegou a Diu hũa carta q̃ Coge çofar tinha mandada a Caxem a saber ainda mais certeza da passagem dos Turcos á India, q̃ lhe leuou recado muyto certo que auião de passar com grande armada, de que ele folgou muyto, porq̃ lhe parecia que deitarião os Portugueses fora da India, que era cousa que muyto desejaua, por lhes ter mortal odio, posto que mostraua ser seu amigo: E logo determinou de se yr pera çurrate secretamente com toda sua casa & fazenda, pelo que encobrio o recado que tinha a Antonio da silueyra, dizendo que lhe parecia vento a vinda dos Turcos, porque el rey de Caxẽ & algũs mercadores de Meca lhescreuerão que não auia lá tal noua. E pera mais dissimulação de sua yda, fez q̃ carregaua hũa nao noua q̃ fizera auia pouco pera a mandar a Tenaçarĩ, & em quanto fazia isto, mandou suas molheres pera çurrate em companhia das de hum mouro honrrado, que por lhe o gouernador tirar a xabandaria de Diu, se ya morar a çurrate com toda sua casa, & por isso forão as molheres de Coge çofar coele, sem ninguem entender que se yão, por os mouros terem muytas. E mandadas as molheres, carregou hũa noyte o fato na nao que dizia que mandaua a Tenaçarĩ, & fazendo que deitaua a nao fora da barra pera partir, se acolheo aos vinte seys Dabril de mil & quinhẽtos & trinta & oyto: De cuja supita yda foy grande espanto na cidade, especialmente antre a gẽte da terra, que dizia que não se fora Coge çofar se não pera fazer guerra aos Portugueses, & assi pareceo a Antonio da silueyra, que sabendo que estaua em çurrate lhescreueo muytas vezes, que se sua yda fora

por agrauos, que lhos declarasse & o desagrauaria, pedindolhe muyto que se tornasse pera Diu, a que ele nunca respondeo, pelo que Antonio da silueyra se receou de guerra, & pos grande diligencia em se acabar ho baluarte & a cisterna. E logo hũ domingo depois da yda de Coge çofar aconteceo hũa cousa que pareceo pronostico das guerras que mouros & Turcos fizerã aquele anno á fortaleza: E foy que os moços catiuos assi Christãos como mouros se fizerão em dous bandos, & por modo de folgar pelejarão cõ paos hũs contra os outros, & ficando os moços Christãos com a vitoria, o sintirão tanto os moços mouros que se quiserão vingar, & pola somana tornarão a pelejar de verdade, leuãdo hũs & outros arteficios de fogo, & os Christãos leuauão hũa bandeyra com a Cruz de Christo, & os mouros outra com a ymagem de Mafamede, & sempre os Christãos leuauão a vitoria, & por se fazerem muyto mal hũs aos outros, lhes foy deffeso que nam pelejassem. E nisto a dezaseys dias de Mayo chegou a Diu Fernão de moraes que aquele anno partio de Portugal por capitão de hũa nao da carga, como disse, & por ele escreuia el rey ao gouernador a certeza da passagẽ dos Turcos á India, & esta tinha Antonio da silueyra per hũ Tristão gomez natural de cezimbra, que sendo catiuo de Barbaroxa lhe fugio & foy ter a Baçorá & depois á India, de quẽ Antonio da silueyra soube a certeza da passagem dos Turcos. E não podendo Fernão de moraes nauegar na sua nao pola cósta da India por ser inuerno, se foy em hũ catur caminho de Goa, & de Chaul não pode yr no catur & se foy por terra, & leuou as cartas ao gouernador, que se começou a fazer prestes pera ho Setembro seguinte yr a Diu.

CAPITVLO CLXXXVI.

De como os regedores de Cambaya mandarão cercar Diu.

Coge çofar que desejaua muyto de tomar a fortaleza de Diu, por saber quão mal prouida estaua de gente & dagoa, foyse a Châpaner ondestaua a mãy do çoltão badur, & seu neto çoltão mahmude rey de Cambaya moço pequeno, & os tres capitães que gouernauã o reyno, & deulhes cõta da disposição em que estaua a fortaleza de Diu, afirmando que nunca auião de ter tão bom tempo pera a tomarem como aquele, & eles o acordarão assy, & logo despacharão a Alucão pera fazer guerra a Diu com cinco mil de caualo & dez mil de pé, & porque era velho fosse Coge çofar seu companheiro, que por esta honrra que lhe foy feyta leuou á sua custa mil Turcos de caualo & tres mil Guzarates de pé, que cõ os Dalucão fazião dezanoue mil homẽs, com que partirão pera Diu, do que logo Antonio da silueyra foy auisado, que o disse aos fidalgos & pessoas principaes q̃ estauão coele, & mandou a Francisco pacheco capitã do baluarte da vila dos Rumes que dormisse lá cada noyte, porque estaua acabado & entulhado até o primeiro sobrado, & até li tinha vinte palmos daltura, & forão lá leuados cinco tiros grossos, hũ lião, hũa saluage de ferro, & hũa espera, & dous camelos de metal, a que logo mandou fazer as bombardeyras, & mandou lançar ao mar os nauios que tinha varados, pera defenderem coeles o rio. E andando nesta occupaçam leuantouse hũa noyte fogo na fortaleza em casa de hũa molher solteira q̃ queymou sessenta moradas de casas, de q̃ Coge çofar quando ho soube tomou bom pronostico, & disse á sua gente q̃ aquele fogo queymara quantas munições tinhão os Portugueses. E apressando coesta noua seu caminho, chegou ele & Alucão á quintaã de Meliq̃ aos vinte quatro de Iunho onde assentarã seu ar-

rayal, & tolherão logo os mantimentos q̃ yão da terra firme á cidade, em cujos moradores foy tamanho o medo que logo começarão de fugir. E sabendo Coge çofar destes que as bombardeyras do baluarte da vila dos Rumes não erão acabadas, & os tiros não podião jugar foyho saltear hũa quarta feyra antemanhaã vinte seys de Iunho, leuando os quatro mil homẽs de sua capitania, & chegou tam de supito que subio sua gente ao muro que ainda não era derribado, & matarão algũs Portugueses dos que vigiauão, & aos brados destes acordarão os officiaes da alfandega & outros Portugueses, que por todos forão vinte, & com pressa se acolherão em camisa ao baluarte, & dali se defenderã com as espingardas tão esforçadamente que os não poderão entrar, principalmente porque acodio logo Antonio da silueyra & fez afastar os ĩmigos, & Coge çofàr foy ferido de hũa espingardada por hũa mão, & por isso se tornou pera a quintaã de Melique onde se achou muyto mal da ferida.

C A P I T V L O CLXXXVII.

De como Antonio da silueyra pos goardas nos passos da ilha.

Neste tempo auia em Diu muytos mouros brancos do estreito todos homẽs de guerra, que el rey de Cambaya antes de morrer mandara chamar a soldo pera o ajudarem contra os Portugueses, & estes chegarão aquele Abril passado em habito de mercadores pera nam serem conhecidos, & leuauã suas armas secretas, & agassalhauãose cõ os outros mercadores onde tinhão escondidas as armas. E vendo estes a guerra que Coge çofar fazia aos Portugueses, creceolhes o desejo de o ajudarem, & descobrindose por lascarĩs começarão de prouocar a gẽte da cidade q̃ se leuantasse contra os Portugueses, & hũs por hũ cabo outros pelo outro fazião

grandes ajuntamentos nas ruas & nas praças, ao q̃ logo acodio Antonio da silueyra acõpanhado da melhor gẽte da fortaleza toda armada, & dãdo de supito nos mouros prẽdeo muytos destes, & buscando as casas dos mercadores tomou quantas armas achou cõ que os lascarĩs ficarão desarmados. Isto feyto, porque a cidade não tinha agoa se não a da jlha, pos goardas nos passos que auia dela pera a terra firme, & em dous baluartes que estauão em dous deles pos por capitães Gonçalo falcão filho de Ioão falcã, & Luys rodriguez de carualho, & em outro passo que auia nome Palari, Lopo de sousa coutinho de Santarẽ em hũa galeota com vinte cinco espingardeiros, & outros tantos em hũa barcaça & duas fustas, & o passo da ponta da jlha goardauão Antonio da veiga feytor, & Francisco anrriquez tesoureyro dalfandega, & Francisco foreyro, & Iorge barbosa de Coimbra escriuães, & Francisco de gouuea capitão mór do mar de Diu, & Miguel vaz, Pantalião pereyra andauão de sobresalente em tres catures correndo os passos de noyte & de dia: E em quanto duraua a ferida de Coge çofar q̃ os mouros não dauão rebates, fez Antonio da silueyra acabar o baluarte da vila dos Rumes, que ficou daltura de quorẽta palmos, & assi a casa de junto coele, pera que mandou logo Francisco pacheco cõ setenta homẽs, porem não se pode fazer caua a este baluarte que foy causa de se tomar depois, & tãbem foy acabada a cisterna da fortaleza, & assi como a yão acabando, a enchião dagoa, & leuou cinco mil toneis, com que a fortaleza ficou bẽ abastada dagoa.

CAPITVLO CLXXXVIII.

De como Antonio da silueyra deixou a ilha, & se recolheo na cidade.

Depois que Coge çofar foy sam da sua ferida, logo ele & Alucão assentarão seu arrayal na terra firme ao derredor da jlha, & fizerão suas estancias dartelharia defronte dos passos da jlha, Coge çofar defronte do de Palari, & Alucão dos outros, & de dia & de noyte nunca a artelharia estaua queda sem tirar, pera que defendessem a passagem a algũs catures que leuauão mantimentos & munições aos passos: E Coge çofar que desejaua muyto de tomar o passo de Palari, melhorou hũa noyte sua estancia em a chegar mais pera o passo, porque bem sabia que não auia de poder de dia, & pera se acabar logo em hũa noyte mâdoua fazer de cestos de campo cheos de terra, & andando nesta obra quinhẽtos Turcos dos da sua capitania, acertou de passar polo rio Miguel vaz no seu catur, & enxergando em terra a soma que fazião algũs cestos que estauão assentados, & sem poder desenferençar o que era, deulhe hũa çurriada despingardadas de q̃ se os Turcos empararão com os cestos, & não bolirão consigo por não serem sentidos, receando que os estoruassem da obra q̃ fazião. Lopo de sousa que ouuio as espingardadas acodio logo na sua galeota, & mandou tirar áquela soma que parecia com hũ camelo, cujo pelouro dando nos cestos os esborralhou todos, & matou algũs Turcos: E vendo Lopo de sousa q̃ com aquele tiro desapareceo a soma que via mandou tirar mais, & os Turcos lhe tirarão tãobem: porem como Lopo de sousa era esforçado não quis estar naquilo, & saltou em terra com Miguel vaz cõ todos os de sua companhia, & derã nos Turcos com tamanho impeto que os fizerão fugir ficando algũs mortos, o que pareceo ao outro dia no muyto sangue que ali foy achado & tripas do-

mẽs, que os corpos leuarão os viuos por não saberem os Portugueses o dàno que lhes fizerão, & Miguel vaz foy ferido de hũa espingardada em hũ pé. E com tudo isto como os mouros erão tantos como disse não lhes poderão os Portugueses tolher que não melhorasem suas estancias & as posessem a menos de cem passos do rio, com que impedirã aos Portugueses que não nauegassem por ele, porq̃ tudo quâto passaua de dia & de noyte pescauam com a artelharia, matando & ferindo os Portugueses, & por isso, & por Antonio da siloeira ver claramente que não podia defender a jlha com quão pouca gente tinha, & tãobem por ter a cisterna chea dagoa, & não ter necessidade da que auia na jlha, determinou com conselho, de a alargar aos mouros, o que fez aos noue Dagosto: E per Payo rodriguez daraujo mandou dizer de noyte aos capitães que estauã nos passos que se recolhessem á cidade, no que foy grande desmancho & desordem, porque afora fazer grande vẽto & marulhada no rio, com que o nauegar por ele era muyto perigoso. Em Antonio da veiga feytor ouuindo o recado Dantonio da silueyra não se quis mais deter, & deixãdo sua capitania se acolheo por terra cõ medo das bõbardadas q̃ lhe os mouros auiã de tirar se fosse por agoa, & os outros q̃ forão Frãcisco anrriquez, Iorge Barbosa, Frãcisco foreyro, Miguel Vaz, & Pantalião Pereyra se forão por mar nos catures & em duas galeotas, & foy tamanho o medo nos comitres delas das bombardadas que tirauã os mouros passando por diante de hũa estancia, que derão coelas em seco indo os catures diante, que por isso não sentirão o que acõtecera ás galeotas, cujos remeiros & gẽte darmas vendo que estauão em seco fugirão logo com medo de os tomarem os mouros, & deixarão sós os capitães, por cujos rogos nunca quiserão tornar: & vẽdo eles que sós não podião saluar as galeotas, & que se perderião esperando mais, poserãolhes o fogo & forãose por terra: & os mouros que as virão arder acodirã logo a ver o q̃ era, & achan-

doas sós, apagarão o fogo & recolherão as bõbardas que tinhão & outras armas, & o mesmo aconteceo a Gonçalo falcão que ya em hũa barcaça com a gente & artelharia q̃ tinha no baluarte de que era capitão, & a Luys rodriguez de carualho que ya em hũa fusta, que nunca a sua gente quis esperar & toda fugio, & deixarão a artelharia & outras armas aos mouros, que sem pelejarem, & ás escuras, ouuerão em hũa noyte o que não poderão auer em muytos dias pelejando continoamente: E fazendose tãobẽ á vela Lopo de sousa coutinho pera se yr na sua galeota, o grande vento que fazia & a maré que vazaua lha deitarão da banda da terra firme, onde ficou em seco hũ tiro de pedra da madre do rio, & sentindo que daua em seco, alargou o batel pelo rio abaixo, porque se receou que os seus fugissem nele, & sem ele bem sabia que não se podião yr por o rio ser ali de mais largura que em outra parte. E em amanhecendo que os mouros o virão tão perto de terra & tão longe dagoa, pareceolhes que o poderião tomar, & remeterão á galeota trezentos, deles Turcos, Abexĩs, & Arabios, dando grãdes gritas, & em eles abalãdo rebata Lopo de sousa o seu guião, ficãdo a lança no meo da galeota, & disse cõ o rosto ledo: Ainda que por mĩ queira passar algũa couardia, sam estes senhores q̃ estão em minha companhia tão valentes caualeyros que mo não consentirão, a que logo hũs remeterão ás espingardadas, & os que as não tinhão aos berços & falcões da galeota, & poendolhes o fogo tendohos aos hombros desparão nos ĩmigos, & juntamente coeles a artelharia grossa, cujos pelouros hũs leuauão em migalhas, outros em pedaços, & outros deyxauão feytos dous de cada hũ, & coesta esborralhada se escarmentarã os ĩmigos de maneira q̃ fugirã, & antes que tornassem outra vez tomarão Lopo de sousa & os seus a galeota nos braços, & ora neles, ora a empuxões com trabalho ĩmenso derão coela no pego, & escapando de tamanho perigo com ajuda de nosso Senhor se forão pera a ci-

dade, encontrando dous catures que yão em seu socorro.

CAPITVLO CLXXXIX.

De como Antonio da silueyra se recolheo aa fortaleza.

Perdida a artelharia que estaua nos passos com que Antonio da silueira esperaua de defender a cidade, foy por todos acordado que a não podia defender sem tirar artelharia da fortaleza, o q̃ era perigoso, porque não sabião o que sucederia, & por isso & por não ter gente pera defender tamanha cerca como tinha a cidade, acordouse em conselho q̃ a deixasse & se recolhesse na fortaleza q̃ era o mais seguro. E porque já os mouros erã entrados na jlha & andauão á vista da cidade, & os que estauã nela lhes fazião sinaes com bãdeiras, sayo Antonio da silueyra com cem Portugueses pola cidade & enforcou & alãceou muytos mouros principalmẽte os que via com armas, & prendeo quatro mercadores principaes, porque se se visse em algũa necessidade se remedeasse coeles, & quasi noyte se recolheo á fortaleza aos dez Dagosto, & ao outro dia começarão os mouros que já estauão na cidade de roubar algũas casas junto da fortaleza em que auia muyta fazenda & mantimentos que os Portugueses cõ pressa nã poderão recolher na fortaleza, & por rogo dalgũs, que vẽdo roubar o seu, quiserão sayr aos mouros mandou Antonio da silueyra coeles hũ fidalgo chamado Gaspar de sousa q̃ deu coeles nos mouros que fizerão fugir, ficando algũs mortos, & dos Portugueses foy morto hũ, & outros forão feridos, & com tudo tornarão pera a fortaleza carregados de mantimentos, & dali por diante ordenou Antonio da silueyra q̃ os fossem tomar cada dia, & fossem em sua goarda cincoẽta & quatro homẽs, & assi lenha & agoa dũs póços que estauão juntos da fortaleza: & por fazer hõrra a Lopo de sousa coutinho o fez capitão desta goarda, cõ que cada dia ya á cidade por mantimentos, le-

nha, & agoa, & auia recontro com os mouros, de que sempre morrião algũs. E neste tempo fazia Coge çofar bater ho nosso baluarte da vila dos Rumes, com hũa estãcia dartelharia que mãdou assentar no cays dalfandega de que tãbem varejaua o mar por amor dalgũs catures que da fortaleza leuauão mantimentos ao baluarte: & porem não fazião nhũ nojo, nem a artelharia que batia ho baluarte, nem tão pouco ho fazia Alucão que pousaua nas casas da mãy do çoltão badur, & sua gente estaua pola cidade, a que cada dia saya Lopo de sousa sem medo dos mouros. E hũ dia vespera da assunção de nossa Senhora, sayndo á cidade matou algũs Turcos de Coge çofar que achou desmandados, & outros fugirão & o forão dizer a Coge çofar, que mandou logo quinhẽtos homẽs escolhidos em busca de Lopo de sousa, que estaua no mais que cõ quatorze na boca de hũa rua, & os outros tinha postos nas bocas doutras, & dando os mouros coele determinou de pelejar coeles, & logo quisera começar, & por cõselho dũ Simã furtado bom caualeiro deixou bem encher a rua, porq̃ quanto os ĩmigos mais se apinhoassem menos se auiã dajudar das armas. E os mouros se ajũtarão tantos que nã podião pelejar mais que os dianteiros: E logo Lopo de sousa deu neles com os seus, & pelejarão tão esforçadamente q̃ matarão todos os mouros que estauão na dianteira & os q̃ estauão logo detras destes, & os outros fogirão ficando mortos trinta, & dos Portugueses nhũ, & Lopo de sousa foy ferido em hũa perna, & outro homẽ em outra, & a hũ seu page foy quebrado hum olho. E em quanto Lopo de sousa jouue ferido, forão capitães da goarda Gonçalo falcão, & Gaspar de sousa, que catiuarão hũ mouro honrrado, de que soube Antonio da silueyra que no arrayal Dalucão se dissera que a Mangalor chegara hũa nao de mouros, que dizia q̃ em Adem ficaua hũa grossa armada de Turcos, & porem que não se tinha por certo, & cõ tudo como ho mar deu jazigo, mandou Antonio da silueyra Miguel vaz q̃ fosse a Mangalor, &

passasse à vante pera saber noua da armada dos Turcos. E depois q̃ Lopo de sousa tornou a dar goarda achou hũ dia rosalgar nos poços, & por isso não quis Antonio da silueyra que saissem mais fora, & recolheose de todo na fortaleza, de que sempre do baluarte & da vila dos Rumes tirauão muytos tiros perdidos aos mouros, em q̃ fazião muyto dãno. E Antonio da silueyra escreueo ao gouernador per mar como estaua, pedindolhe socorro, & ele lho mandou logo (como direi a diante.)

C A P I T V L O CXC.

De como ho embaixador del rey de Cãbaya chegou a Costantinopla, & deu a embaixada ao Turco.

Atras fica dito, que çafercão capitão del rey de Cambaya que ele mãdaua por embaixador ao Turco a pedirlhe socorro, partio de Diu na entrada de Setembro do anno de mil & quinhentos & trinta & seys, & proseguindo por sua viagẽ foy ter a Iudá onde deixou sua frota & o presente que leuaua ao Turco, se foy por terra ao Cayro, & dahi polo Nilo abaixo ate Roxate hũ lugar na foz do Nilo sessenta milhas Dalexãdria: E chegado lá deu a embaixada & cartas q̃ leuaua ao Turco, que lhe respondeo logo que por aquele anno não podia dar a el rey de Cambaya a gente que lhe pedia, por quanto estaua de caminho pera a cidade de Belona, com determinação dentrar por ali em Italia, mandandolhe que esteuesse assi o presente q̃ lhe leuaua ate sua tornada, & então mãdaria a el rey de Cambaya a gente que pedia. E tornãdo o Turco de Belona sem fazer nada, foylhe o outro embaixador del rey de Cambaya que disse que lhe mandara com determinação de destruyr os Portugueses que andauão na India, por se arrepẽder de ter dada a fortaleza ẽ Diu. E este apertou cõ o Turco que mandasse a el rey de Cambaya o socorro que lhe mãdara pedir. E depois da chegada deste, chegou ou-

tro de Mirãomuhmahlá que mandaua pedir o socorro cõ grande efficacia pera se vingar dos Portugueses que tinhão morto a el rey de Càbaya, & lhe querião tomar o reyno. E com a vinda deste derradeiro embaixador, determinando o Turco de dar o socorro que lhe pedião, escreueo a çoleymão baxá Rey do Cayro, Alexandria, Roxate, Damasco, Meada, ate Iudá, que lhe mãdasse leuar a Costãtinopla o dinheiro & presente que lhe mandara el rey de Cambaya, & as sete velas em que fora fossem leuadas a çuez, & serião varadas com outras que hi estauão, o que çoleimão fez logo & mãdou o dinheiro & presente per hũ capitã chamado Hamed rex, & por mãdado do Turco foy em sua companhia Iorge o arrenegado. E vendo ho Turco tanta riqueza mandada assi tão leuemẽte por hũ rey que moraua tão longe, pareceolhe q̃ a riqueza daquela terra deuia de ser sem conto, pelo que desejou de poder cõquistar Cambaya & o resto da India, & por isso se enformou de Iorge o arrenegado, assi da riqueza de Cambaya & dos outros reynos, & do poder de seus reys, & do dos Portugueses, que o enformou muyto largamente de tudo fazẽdolhe muy pouca cousa o poder del rey de Portugual na India, & q̃ com qualquer armada poderia lançar os Portugueses fora da India, & tomarlhe ho q̃ tinhão tomado. E nisto chegou a Costãtinopla a principal molher q̃ fora del rey de Cambaya cõ muyto dinheyro & pedraria, & contou ao Turco a morte de seu marido, pedindolhe que mãdasse hũa armada á India pera lãçar os Portugueses fora. E nesta conjunçã chegou a Costãtinopla o embaixador del rey de Xael, q̃ lhe leuaua de presente dezoyto Portugueses que catiuara no seu porto com outros (como disse a tras.) E antreles ya hũ Aluaro madeyra que presumia de piloto, de que tãobẽ o Turco se enformou das cousas da India, & do poder del Rey de Portugual nela, & achou que cõformaua com o que Iorge lhe tinha dito, & offreceoselhe pera yr na armada se a mandasse á India, porque sabia muyto bem o caminho, & os pórtos, & barras dela.

CAPITVLO CXCI.

De como ho Turco deu a capitania moor da armada que mãdaua aa India a çoleymão baxaa rey do Cayro, & do regimento que lhe deu.

Coestas enformações & outras muitas que o Turco teue, determinou de mãdar hũa armada á India, pera ver se a podia tomar aos Portugueses, & os nauios pera esta armada estauão em çuez, que lhos mãdara fazer Habrahem baxá muyto grande seu priuado pera yr conquistar a India, onde não foy por o Turco o matar quando soube q̃ queria dar Costantinopla ao Emperador. E determinando o Turco de mãdar esta armada á India, deu a capitania mór dela a çoleimão baxá rey do Cayro, que sabendo como a armada auia dyr, pedio a capitania mór dela ao Turco, cujo porteiro da camara fora, & primeyro de seu pay, a quem sendo Christão & natural da Morea, fora dado de tributo em moço, & o Turco o mandou capar pera ser seu porteyro da camara & andar antre as suas molheres: & a causa de alcãçar tamanho senhorio foy, porque reynando ho mesmo Turco que então reynaua (a quẽ como digo seruira de porteiro da camara) se lhe leuãtou Hamedbaxá rey do Cayro, Alexandria, Roxate, Damasco, Meada, ate Iudá, a que o Turco deu este senhorio, porque no cerco de Rodes inuẽtou as albarradas com que foy tomado & fez a fortaleza de madeyra em que o Turco pousou em quanto durou o cerco: E leuantado este Hamed baxá, foy morto por Camusay mouro Arabio natural de Lepo, & tesoureiro mór do Cayro, que primeiro que o matasse screueo seu leuantamento, & que determinaua de o matar, & morto, mandou a cabeça ao Turco com as cartas de como o matara. E mãdado este recado, ya já por caminho çoleimão baxá, que o Turco mãdaua com hũa armada de doze velas em fauor de Camusay: E a-

chando çoleimão o seu recado que mandaua ao Turco, tomou as cartas & rõpeas, & com a cabeça de Hamed baxá se tornou a Costâtinopla, & disse ao Turco q̃ ele matara Hamed baxá, pelo qual lhe deu o senhorio que tinha Hamed baxá, & daqui ficou grâde ĩmizade antre Camusay & çoleimão, que com quanto era tamanho senhor & de ydade de setenta annos, & tã gordo que depois que se assentaua nã se podia leuantar, & dous homẽs o leuantauão, & tinha tamanha papada q̃ lhe caya sobre os peytos, era tão cobiçoso de gloria & de dinheiro, que por alcãçar tamanha como seria tomar a India aos Portugueses, & ser senhor dos muytos & grandes tesouros que lá auia, pedio esta empresa ao Turco, com condição q̃ pagaria á sua custa a gente da armada. E sendolhe côcedido pelo Turco, fugio Aluaro madeyra o piloto de Costâtinopla & deu consigo em Portugal, & contou a el rey a passagem desta armada á India, pelo que o el rey soube primeiro que ela lá fosse. E tẽdo çoleimão baxá prestes as cousas de sua armada, se partio de çuez na entrada de Iulho de 1538. annos com hũa frota de setenta & quatro velas. s. quinze galès bastardas de trinta & tres bãcos cada hũa, vinte cinco galès reays de trinta bancos, dez galès sotis, quatro albetoças, a que eles chamão maonas cõ sua apelaçã, seys galeões de duas gaueas, & outros quatro nauios mais pequenos, que fazião por todos sessenta & quatro velas, fornidas todas de muyta & boa artelharia de metal, & de seys mil & quinhentos homẽs de guerra. s. mil & quinhẽtos Ianiceros, & dous mil Turcos todos escolhidos & gente limpa que lhe forão de Costantinopla, & tres mil homẽs outros, q̃ por serem vsados no mar auiã de seruir dofficiaes dos nauios, & de soldados quando fosse necessario, & sete mil homẽs forçados pera remeyros, a que tomou as armas. E porque algũs se lhe querião amotinar mandou degolar duzentos, & a fora isso fez outras muyto grandes cruezas & tiranias pera auer dinheiro com que auia de pagar á gente. E le-

uaua nesta armada cinco capitães prĩcipaes. s. Iucefhamet capitã mór do mar Dalexandria, a que çoleimão deu a capitania mór daquela armada, deixãdo pera sy a jurdição, os outros forão Mustafaa, da casta dos Mamelucos, que çoleimão pos em lugar de Camusay tesoureyro mór do Cayro, que ya tãobem por capitão, & çoleimão o matou por se temer dele, que erão ĩmigos, como ja disse, os outros tres capitães auião nome, Habrahembeque Ianicero, & outro Habrahẽbeque da casta dos Mamelucos, & Mahmuhdebeque, & o regimento do Turco que leuaua foy este: Que fosse tomar a costa da enseada de Cambaya ou Mãgalor, & hi fizesse agoada, & não pelejasse com ninguem se não cõ a propria armada do gouernador da India por el rey de Portugual, porque não enfraquecesse ou diminuisse sua armada, & se o gouernador não quisesse pelejar coele no mar, se fosse á cidade de Goa & lhe posesse cerco & tomada se fizesse nela forte, porq̃ logo lhe mandaria socorro pera se defender dos Portugueses: E se em Mangalor soubesse que não podia pelejar com a armada do gouernador, nẽ tomar Goa sem auenturar muyto de sua armada & gẽte que então se fosse a Ormuz & o tomasse & se fizesse hi forte, porque logo o socorreria com breuidade.

CAPITVLO CXCII.

De como çoleimão baxaa se partio caminho da India, & do ardil que teue pera tomar a cidade Dadem, & de como chegou ao porto de Diu.

Partido çoleimão baxá de çuez, deuse a mayor pressa que pode em sua viagem, porque não fosse sabida na India primeiro que chegasse, pera o que tinha feita grande diligencia, porque nhũa vela saysse do estreyto antes de ele sayr: & de çuez pos tres dias de caminho ao Toro, & do Toro a Iudá cinco, & fez de demora doze, & quisera por manha acolher el rey de Iudá, que

como sabia bem a pouca verdade dos Turcos, principalmente de çoleimão, & quão cruel & tirano era, despejou a cidade & posse em saluo: E çoleimão ajuntou aquy á sua armada as sete velas que ali estauã que forão del rey de Cambaya, & tres naos de Hamezui védor da fazenda do Cayro, & outras duas del rey de Iudá, com que a fez de setenta & seys velas. E partido de Iudá pos quatro dias até Camarão, & de caminho tomou Azibelé, hũ lugar na costa Darabia, de que era senhor hũ Turco chamado Nacodahamet, q̃ depois de fazer muyto bõ recebimento a çoleimão, foy degolado por seu mandado, sem mais outra causa se não a de sua crueza, & deu ho senhorio do lugar a Mustafa seu capitam: E chegado a Camarão escreueo a el rey Dadem como ya á India & a causa por que, pedindolhe que ouuesse por bem de lhe dar licença pera entrar no porto Dadẽ a tomar agoa, lenha, & carne, que entretanto o que leuaua a carta lhe faria prestes & assi algũas casas pera deixar hi muytos doentes que trazia, do que el rey foy contente, parecendolhe que çoleimão lhe falaua verdade, que depois que fez em Camarão quinze dias de detẽça, se partio pera as portas, & gastou no caminho hum dia & hũa noyte, & outro tanto das portas ate o porto Dadem, onde surto, el rey Dadem o mandou visitar com muytos refrescos, & çoleimão pera tomar a cidade por manha como trazia determinado, mandou lá os doentes que mãdara dizer a el rey que trazia pera os deixar nela, & estes forão dos mais esforçados, & ya hũ homẽ lançado em hũ leyto, & nele escõdidas as armas pera sy & pera outros que o leuauão. E como as casas pera estes doentes estauão despejadas & perto do mar, de quatro que leuauão hũ doente ficauão dous pera o curarem, no que os da cidade não atentauão porque os viã sem armas, & coesta manha se meterão em quatro ou cinco dias bem quinhentos homẽs, & depois de serem dentro, mandou çoleimão rogar a el rey Dadem que fosse á sua galé, porq̃ tinha de falar coele

cousas que releuauão muyto, do que el rey fez escarneo. E como isso era o que çoleimão queria, mandou fazer hũ sinal, a q̃ os doentes sayrão todos cõ suas armas, & derão nos paços del rey, onde entrarão de roldão sem auer quem lhes podesse resistir por sua supita vinda, & el rey foy preso & leuado á galé de çoleimão, ficando a cidade em poder dos doentes: E el rey Dadem depois que foy na galé de çoleimão lhe perguntou, porque ho mandara prender fiandose dele, & ele lhe respondeo, que se lhe parecia bem estar ele em pessoa do Turco, & auer quatro dias que estaua ali & não o yr ver, ao q̃ el rey respondeo com muyto esforço, q̃ se ali esteuera o Turco senhor de çoleimão, q̃ era rey como ele, que o fora ver, mas a ele q̃ era seu escrauo & seu capitão, como queria que o fosse ver, que ele o tinha em seu poder porque se fiara dele, porq̃ se não se fiara nunca a sua gente lhe entrara na cidade, nem se liurara dali com cabeça, & çoleimão o mãdou logo enforcar em hũ palanco da galé, & depois pẽdurar á porta da cidade, que logo mandou saquear por sua gente, & ele sayo em terra & se pos á porta, mandando apregoar q̃ sopena de morte quanto fosse roubado na cidade tudo se leuasse á frota: E çoleimão buscaua a quantos sayão de dentro carregados do roubo, & tomaualhe todo ho ouro, prata, & joyas que lhes achaua, & o fato deixaualho, & coisto ouue muyto grande soma douro & de prata: E vendo os soldados que não partia coeles tomarãolhe mortal odio, & o mesmo saco q̃ se deu á cidade se deu a tres naos de Malabares que estauão no porto que lhes çoleimão mandou tomar pera leuar carregadas de mantimentos, & aos Malabares tomouos pera remeiros. Tomada a cidade, mandou cortar as cabeças aos principaes moradores dela, porque não fizessem aluoroço depois de sua yda: & prouendoa de gente de guerra & dartelharia, deixou nela por capitão Habrahẽbeque Ianicero, & partiose pera a India, & neste golfão assi por hũ grãde tẽporal que lhe deu, como por sua

forte & aspera condição, se apartarão de sua conserua seys velas, & hũa delas que era hũ galeão foy ter aos jlheos de santa Maria na costa da India, onde Antonio de souto mayor estaua com certas fustas darmada, q̃ pelejou todo hũ dia cõ os Turcos que yão neste galeão. E depois de muyto grande peleja os desbaratou matando os nossos os mais deles, & dos q̃ ficarão viuos soube como ya çoleimão, & os mandou ao gouernador Nuno da cunha, que sabendo esta noua se começou de fazer logo prestes pera socorrer a Diu, onde lhe pareceo que esta armada auia dyr dereyta. E continuando çoleimão sua viagẽ pera a costa da India, depois de quinze dias de partir Dadem, foy ter ao porto de Mãgalor, onde Coge çofar parece que auisado de sua yda o estaua esperando, & lhe foy falar ao mar louuando muyto sua vinda & poderosa armada, & aconselhandolhe que fosse a Diu, porque quem quisesse senhorear a India tinha muyta necessidade de ter aquela cidade pera ho fazer mais facilmente, por ser muyto forte de sua naturez, & ter bom porto & varadoyro, & estar a balrrauento da India, & que a tomaria sem nhũ trabalho por quão poucos & mal armados eram os Portugueses que estauã na fortaleza, & mingoados de muytas cousas necessarias pera sua defensam, & muyto cansados do trabalho da guerra que lhes ateli tinha feyta: & coestas rezões se demoueo çoleimão a yr a Diu & quebrar ho regimẽto do Turco. E partiose pera Diu, indo Coge çofar diante por terra, & a hũa quarta feyra quatro dias de Setẽbro de 1538, ás dez oras do dia chegou á vista de Diu, & começou de se ver da fortaleza a armada de çoleimão que ya nesta ordem: Da banda do mar afastadas da terra obra de duas legoas yão quatorze galès reays feitas em hũ escoadrão, & ao lõgo da terra sete, & a pos estas todas as outras galès & nauios de peleja da armada, & no meo as naos de carrega, então se conheceo ser esta armada de Turcos pelo grande numero de nauios de remo que era. E tãobem chegou nesta con-

junção Miguel vaz na sua fusta, que certificou ser a armada de Turcos. O q̃ sabēdo Antonio da silueyra escreueo logo hũa carta de crença pera o gouernador q̃ lhe mandou pelo mesmo Miguel vaz, dizendolhe que contasse largamente ao gouernador como ficaua, & ele se partio logo pera Goa, & como era muyto esforçado em sayndo do porto por se afirmar na verdade de camanha a frota era, fez seu caminho muyto perto da armada, & sayrãolhe doze galès tirandolhe ás bôbardadas que o ouuerão de tomar se lhe não acalmara o vento: & vendo que ho não podião tomar, se forão surgir junto da outra armada, que surgio ao baluarte de Diogo lopez de sequeyra fazendo grandes alegrias.

CAPITVLO CXCIII.

Do que fez Antonio da silueyra com a vinda dos Turcos.

Vendo Antonio da silueyra sobre sy hũa armada tão poderosa como a dos Turcos, & que segundo os muytos annos q̃ auia que sesperaua na India deuia dir muyto bem prouida de gente, artelharia, & munições, não perdeo a esperança que tinha em nosso Senhor que o ajudaria, nem o esforço que sempre teue em semelhantes perigos, & não lhe lembrou que estaua cem legoas do gouernador, nem em hũa fortaleza cõ tão pouca artelharia, & muyto pouca gente, que ainda que auia setecentos homẽs de rol, sómente os duzentos estauão bem armados pera pelejarem, porẽ dos outros os trezentos erão espingardeyros, que assi o achou polo alardo q̃ fez. E depois ajuntados os fidalgos & pessoas principaes q̃ estauão na fortaleza pera repartir por eles as estancias que auia de fazer lhes disse. Ex aquy senhores o tẽpo em q̃ auemos de poer diante seremos Portugueses, & vindos a estas partes a seruir a Deos & a el Rey nosso senhor, porque o contentamento de se offerecer cousa em que possamos alcançar o que pretendemos, nos

fara facilmente passar todos os trabalhos que se nos deuem representar do muyto aparato de gente & artelharia q̃ tão perto de nós temos. Eu de mĩ digo, q̃ estou tão confiado em nosso Senhor, & nestes bõs desejos, & na companhia com q̃ me acho, que tenho por muy certo, que não sómente auemos de defender esta fortaleza a estes infieys, mas ainda os auemos de desbaratar & alcançar deles jllustre vitoria. E porque tenho bem entendido q̃ nesta confiança não faço auentagẽ a nhũ dos que aqui estão, não lembro as grandes obrigações q̃ todos temos pera ter estas esperanças, nem as muytas vitorias que nos Deos por sua bõdade tem dado nestas partes contra estes seus & nossos ĩmigos. E logo tratou de repartir as estãcias da fortaleza da maneyra seguinte. A Gonçalo falcão deu a goarda do baluarte sam Thome, & no pano do muro q̃ se começa neste baluarte & vay direyto ao baluarte de Santiago (que fez Garcia de Sá) ordenou tres estancias, de q̃ forão capitães, Manuel de vascõcelos juyz dalfandega, natural da jlha da Madeyra, Francisco anrriquez tesoureiro dalfandega, & Antonio foreyro escriuão da fortaleza, & no pano do muro que corria do baluarte de sam Thome ate o postigo, pos duas estancias, de que forão capitães, Rodrigo de proença, & Fernão peleja, escriuães da feitoria, & no baluarte Santiago, deixou por capitão como estaua Gaspar de sousa, & no pano do muro que sae deste baluarte & corre ao longo do rio ate as casas dele mesmo Antonio da silueyra por ser ali o muro delgado q̃ ficara do tẽpo de çoltão badur, & era lugar de grande perigo ho deu a Lopo de sousa coutinho que o goardasse, dizẽdolhe logo o porq̃ lho daua, no q̃ mostrou ter nele grande confiança como tinha. Em outra estancia que fez na feitoria velha, pos por capitão o feitor Antonio da veiga, a capitania do baluarte da coyraça que entraua no mar, pos por capitão a Fernão velho filho do Alcayde mór, & por ser o lanço peq̃no lhe não deu mais de vinte cinco homẽs pera sua cõpanhia: a capitania do ba-

luarte da barra, que tãobem chamão do almazem, deu a Francisco de gouuea, q̃ era capitão mór do mar: No baluarte do mar ficou Antonio de sousa de Lamego como estaua. No pano do muro que vay ao longo delongo da costa braua, por ser muyto forte, & nam se poder por ali receber damno, não teue mais necessidade que de vigias, porq̃ não fugissem por ali os escrauos, & descobrissem aos ĩmigos o que ya na fortaleza, & Antonio da silueyra ficou por sobresalẽte com a sua gente pera acodir aos lugares necessitados de socorro, & pera roldar as estancias: & mandou aos casados que vigiassem a casa da poluora, porque lhe não posessem os escrauos fogo, & assi a cisterna, porque lhe não deytassem peçonha. Isto ordenado, logo os capitães das estancias começaram de se fortalecer onde era necessario, trabalhando com os de suas capitanias sem descansar, porque os immigos os nam tomassem desapercebidos.

C A P I T V L O CXCIIII.

Do que aconteceo aos Portugueses com setecentos Ianiceros que desembarcarão em Diu.

Coge çofar que naturalmente queria mal aos Portugueses por os ter por ĩmigos, & por nũca leuar deles o melhor em quanto lhe fez guerra, estaua muyto ledo com a vinda dos Turcos, porque a fora lhe ser inclinado pola criação que teue coeles, parecialhe que ho auiam de vingar dos Portugueses tomãdolhe a fortaleza, & destruyndo de todo, assi os que estauam nela, como per toda a India, & por isso desejaua muyto de os ajudar, & engrandecia muyto sua armada a Alucão, depois que se vio com çoleymão baxá em Mangalor: E sem nenhũa vergonha lhe cometeo que fizessem chamar no alcorão de Diu por rey de Cambaya ao Turco, como lhe çoleymão rogara que fizesse, o que Aluçâo nam quis fazer, espantandose muyto da deslealdade de Coge çofar, ten-

do recebida tanta honrra & merce em Câbaya, & querer fazer tamanha treyção a el rey & ao reyno, & disse que nam auia de ter nhũa amizade com çoleymão nem com os Turcos, porque sabia bem quam má gente eram, & se ele a ouuesse de ter, que nam estaria mais em sua companhia: & Coge çofar dissimulou coele. E como çoleymão surgio o foy visitar, & disselhe o que achara em Alucão, acerca de sua amizade, porem que ele o serueria com a gente que tinha, atee morrer em seruiço do Turco & seu, & deulhe informação do sitio da fortaleza, fazẽdoa sempre cousa muyto facil de tomar, & depois se tornou pera terra. E çoleymão por animar os Guzarates, ao outro dia que foram cinco de Setembro, mandou desembarcar setecentos Ianiceros que sayram com suas cabayas deles de borcado, outros de cetins carmesins, & doutras cores lustrosas, & nas cabeças hûs chapeos de feltros feytos como çaladas antigas, (que os fazem conhecer por Ianiceros antre a outra gente,) & eram todos guarnecidos & orlados douro & com ricas plumas, & estes eram todos frecheyros & espingardeyros: & assi como desembarcaram, fizeram ho caminho pera a fortaleza, poendo as mãos nos bigodes que eles tem por grande fero & assi outras rebolarias que costumam por serem de seu natural muyto soberbos. Os de Câbaya espantados de tamanha ousadia os seguiram, cuydando que auiam logo de subir ao muro, & eles nam o fizeram assi, mas meteramse polas casas que forão dos Portugueses, que estauão darredor da fortaleza pera as roubarem, ao que Antonio da silueyra acudio, mandandolhes tirar ás espingardadas, com que foram mortos cincoenta, & eles mataram sete dos Portugueses & ferirão vinte, mas como recebião mayor dãno nam quiseram yr mais por diante, & afastarãose dandolhes os Portugueses grandes apupadas, q̃ eles tem por grande injuria: E Alucão q̃ conhecia muyto bem os Turcos & sua pouca verdade, & mais pelo q̃ lhe Coge çofar cometeo da parte de çoleymão, nâ quis coeles nhũa ami-

zade, & por isso não quis estar ali mais, & partiose aquela tarde pera Nouaguer cõ seys mil homẽs, q̃ dos de sua cõpanhia nã quiserão yr mais coele por induzimento de Coge çofar cõ quem ficarão, que com os seus faziã treze mil: E em Nouaguer esteue Alucão todo o tempo que durou o cerco da fortaleza, & dahi escreueo a el rey de Cambaya o q̃ lhe Coge çofar cometera da parte de çoleymão, pelo que se fora pera Nouaguer: E el rey lhe respondeo que fizera muyto bem, mandãdolhe que não desse nenhũs mantimentos aos Turcos & defendesse q̃ lhos não leuassem, & assi o escreueo a todos seus capitães comarcãos de Diu, que o compriram muy bem, & nunca el rey de Cambaya quis mandar o contrayro por mais cartas que lhe çoleymão escreueo sobrisso: o que he de crer que quis nosso Senhor porque os Turcos fizessem tã pouco como fizerão contra os nossos, de que foy grande causa o pouco fauor que acharão nos Guzarates.

C A P I T V L O CXCV.

De como çoleymão baxaa se foy ao rio de Madre fabaa pera mandar çalhar sua artelharia sobre cuberta pera bater a fortaleza de Diu.

Como foy noyte deram os Turcos mostra de sua espingardaria, & em eles acabando a deram tambem os Portugueses per mandado Dantonio da silueyra, porque soubessem os Turcos q̃ auia quem lhes resistisse, & tiraram todos hũ & hum, & como eram trezentos deteueramse hum bom pedaço em tirar, & em acabando deuse mostra da nossa artelharia desparando cada peça por si, & apos isto tangeram as trombetas, & depois derão os da fortaleza grandes gritas, de que se os Turcos agastaram muyto, principalmente çoleymão, que na mostra que os Portugueses fizeram conheceo que era gente de feyto, porẽ dissimulou, & depois disto tudo ouuirão

os da fortaleza dizer de fora em altas vozes, portas, pedras, & isto por algũas vezes, no q̃ pareceo q̃ diziào aos Portugueses q̃ tapassẽ com pedras as portas da fortaleza, do que Antonio da silueyra tinha muyto bom cuydado, & nam era necessario lembraremlho. Ao outro dia, que foram seys de Setembro, começou de ventar Sul, que por ser trauessam ondestaua a armada dos Turcos fez algum receo de tormenta a çoleymam, mas acalmou logo, & quis nosso Senhor deyxar a matança dos Turcos pera os Portugueses. E determinando çoleymão de tomar a fortaleza por conselho de Coge çofar, se foy ao rio de Madre fabá pera hi çalhar sua artelharia sobre cuberta que trazia abatida, & porque nisto se auião de gastar algũs dias, não o quis mandar fazer no porto de Diu, porque o não destruysse a artelharia da fortaleza: E como seu fundamẽto era tomar primeyro ho baluarte da vila dos Rumes que a fortaleza, mandou a Coge çofar que ficasse preparando as cousas necessarias pera se bater, & deyxoulhe quinhentos Turcos que o ajudassem debaixo da capitania de Mahmudebeque, & ele se partio pera Madre fabá sabado sete de Setembro, & ao entrar no rio se lhe perderão quatro nauios de carrega, carregados de mantimentos & munições, que lhe depois deram grande perda: & a primeyra cousa que çoleymão fez, foy mãdar desembarcar tres basaliscos & outros tiros que mandou a Coge çofar per Abrahembeque com quinhentos Turcos, & por ser ho caminho comprido & em muytas partes darea solta, não pode yr mais que hum dos basaliscos com as outras peças que foram leuadas a Diu, onde Coge çofar & Mahmudebeque andauam occupados em fazer as trinchas, bastiães, repayros, & mantas de que tinham necessidade pera as baterias que esperauam de dar ao baluarte & á fortaleza, & com tudo nam deyxauam de tirar aa fortaleza muytos tiros perdidos com a artelharia, desque amanhecia até ho quarto da prima rendido, & assi cõ espingardas com que lhe tirauã cada dia bẽ dez mil ti-

ros, & os mais deles empregauão na ygreja que estaua em hũ alto & parecia de fora, & assi hũa rua pubrica q̃ atrauessaua por diante da porta principal & por ser passagem de gente, & assi por amor da que entraua na ygreja q̃ os ĩmigos vião fazião ali os seus tiros, mas nosso Senhor goardaua os Portugueses, posto que as espingardadas lhe yão zenindo pelas orelhas, & coisto erão brauamẽte atromentados, & sofrião muyto grande trabalho repayrando todos o que era necessario repayrarse na fortaleza. s. dobrando as ameas dos baluartes na grossura do muro de pedra & barro, & fazendo mantas & derribando as pontes da porta da fortaleza & do postigo, & tapãdo as portas dentulho de pedra & terra, & na coyraça foy feyto hũ contra muro, & na estancia de Lopo de sousa coutinho, se fez hũa tranqueyra de madeyra, & por dentro hũa estacada tecida, & todos trabalhauam nestas obras sem auer deferença de pessoas cada capitão na obra que fazia em sua estancia com a gente dela, & todos a qual mais esforçado sem mostrar nhũ cãsaço.

CAPITVLO CXCVI.

De hũ ardil com que Coge çofar quisera fazer muyto mal aos Portugueses, & de como lhe atalhou Francisco de Gouuea capitão moor do mar de Diu.

Determinando Coge çofar, Abrahẽbeque, & Mahmudebeq̃, de fazer aos Portugueses quãto mal podessem fabricarão hũa machina de guerra em hũa albetoça doytenta couados de comprido que fora de çoltão badur, & por sua grandeza nam podia nauegar, & estaua varada, & acrecentando esta em altura a fizerão quasi tã alta como o baluarte do mar ou da vila dos Rumes, & feyta a mandarão encher de lenha, salitre, enxofre, & alcatrão que fizesse tudo grande fumaça, & poer no meo do rio amarrada com quatro ancoras, duas de montãte

& duas de jusante, porque esteuesse mais segura até serem agoas viuas cõ que podesse nadar, porque por seu grande peso o não podia fazer com agoas mortas, & isto com determinação de a encostarem ao baluarte da vila dos Rumes & daremlhe fogo pera que com o fumo fizesse grande nojo aos Portugueses, ou tambem pera que facilmẽte os podessem cõbater, o q̃ se ouuera effeyto lhes fizera muyto mal: & considerando isto Antonio da silueyra, pera lhe atalhar, lhe pareceo bem queymarse esta fabrica antes que viessem as agoas viuas, sobre o que fez conselho no baluarte sam Thome com os capitães das estancias, a quem propos o caso & pedio seus pareceres de como se queymaria aquele edeficio & por quem: & Frãcisco de gouuea capitão mór do mar que estaua presente, & por seu officio lhe pertencia fazer aquela queyma, disse a Antonio da silueira primeyro que ninguem votasse, que ele podia praticar o modo que se auia de ter em se queymar aquela nao, porq̃ quẽ o auia de fazer ja estaua certo ser ele Francisco de gouuea, & que sua merce & todos aqueles senhores vião muyto bem o seruiço que fazia a el rey de Portugal, & o perigo que corria em o fazer. Antonio da silueyra lhe disse que todos serião testemunhas disso & da merce que merecia em o fazer: & ordenouse que aquela noyte fosse Francisco de gouuea no catur de Miguel vaz, que era ja vindo de Goa, & fossem coele Bertolameu fernandez, & Bastião diaz capitães de dous catures, pera que todos tres juntamente posessem o fogo com panelas de poluora, & que os que ouuessem dir nos catures fossem espingardeyros, pera que se defendessem dos ĩmigos se lhes fosse necessario: Isto assentado, como foy bem noyte partiose Francisco de gouuea a fazer a obra que lhe era encomendada, & com quanto fazia escuro, como o rio era estreyto foy logo sentido dos immigos que vigiauão na borda dele, que em o sentindo despararam sua artelharia que tinhã assentada por aquela parte: & quanto mais tudo estaua

calado, tanto mais espantoso foy ho supito estrondo da artelharia & a grande fumaça que se leuantou, & assi como a artelharia jugaua de pressa, assi os remeyros dos catures apertauão o remo com tanta força que parecia que voauam, & coesta diligencia ajudandoos nosso Senhor se escapulirão de tamanha soma de pelouros, & forão pegar com aquela machina q̃ parecia hũa muyto alta & grande torre, em que estauão obra de vinte mouros em sua goarda: E em Francisco de gouuea & os outros aferrãdo cõ a nao, arremessarãlhe dẽtro muytas panelas de poluora & rocas, & outros arteficios de fogo que se pegou logo ao alcatrão & aos outros materiaes, & começando a labareda de se leuantar, derão os mouros consigo nagoa com medo da morte, de que nam poderão escapar aos nossos que os mataram nagoa, & Francisco de gouuea & os dos outros catures esteuerão sobre o remo até que o fogo que poserão se ateou de maneira que não se podia apagar, o que foy feyto com muyto grande perigo dos que estauão nos catures, por serem em todo este tempo tão bastas as bombardadas & espingardadas que os mouros tirauão, que milagrosamente escaparão os Portugueses: E queymada a nao de todo, tornouse Francisco de gouuea com o mesmo perigo, & por este feyto que fez ficou muyto louuado.

CAPITVLO CXCVII.

De como soube ho Gouernador que estauão os Turcos no porto de Diu.

Sabido pelo Gouernador como çoleymão baxá estaua com sua armada no porto de Diu, receouse que passaria a Goa & a cercaria, & porque coisso tolheria yrem mantimentos a Goa, determinou de se prouer primeyro da terra firme, & por conselho de Fernão rodriguez de castelo branco védor da fazẽda, mandou hũ embaixador a Açadacão com a noua da vinda dos Turcos, pedindo-

lhe muyto que não fizesse gente com receo deles, & q̃ assi o mandasse dizer aos capitães do Daquẽ, porq̃ ele só queria tomar o trabalho de lhes resistir, pera q̃ soubessem quão bõ vezinho tinhão nele: E coeste embaixador foy quẽ comprasse mãtimentos dissimuladamẽte & os mãdasse a Goa, & assi se fez: & Açadacão folgou muyto coesta embayxada, & agardeceo ao Gouernador o q̃ lhe mandou dizer. E em quãto se o gouernador apercebia pera yr socorrer Antonio da silueira, lho mãdou dizer por Fernão de moraes, com q̃ forão obra de vinte soldados escolhidos, & em Chaul se ajũtou cõ Pero vaz guedez, q̃ Symão guedez de sousa capitã da fortaleza mandaua tambẽ cõ poluora & munições, & entrarão ambos no porto de Diu por estar despejado dos Turcos, nẽ forã vistos de Coge çofar por ser de noite, & Pero vaz se tornou a Chaul, & Fernão de moraes nã fez outro tãto por lhe Antonio da silueira requerer q̃ o nã fizesse: & dali a dous ou tres dias foy hũa noyte á fortaleza Frãcisco pacheco capitã do baluarte da vila dos Rumes, dizẽdo que queria fazer testamẽto & descarregar sua alma: o que sabẽdo o feytor Antonio da veyga lhe mãdou requerer que pagasse a el rey certa soma de dinheiro q̃ lhe deuia, do q̃ se ele ouue por muyto injuriado & se agrauou do feytor a Antonio da silueira, de q̃ se agrauou tãto por lhe dizerem q̃ era bem q̃ pagasse o q̃ deuia, q̃ lhe engeitou a capitania do baluarte, & por Antonio da silueyra ficar disso agastado, se lhe offereceo Lopo de sousa coutinho pera a capitania, quando Frãcisco pacheco a nã quisesse de todo, & isto por seruir el rey cõ quãto o perigo estaua muy certo, mas nã foy necessario por Frãcisco pacheco tornar a tomar a capitania, & Antonio da silueyra dissimulou este desacatamẽto por ser o tempo que era. E nesta conjunçam apareceo ao mar hũa nao da conserua dos Turcos que ya carregada de mantimentos, & leuaua trezentos homens, os mais de peleja, & per mandado Dantonio da silueira a foy reconhecer Miguel Vaz

no seu catur em que leuaua dous berços, & quinze espingardeyros: & chegando á nao que estaua surta pera auer fala dela, os mouros lhe tirarão com a artelharia & muytas frechadas, & assi se começou a peleja que durou até a tarde que veo a viração, com que os mouros leuando ancora forão varar na terra firme da banda da enseada, & Miguel vaz a seguio até lhe sayrem dous bargantins de Turcos que vigiauão o mar, & por nam ter poluora nem pelouros não quis coeles nada, & se foy leuando dous feridos, deyxando mortos & feridos dos mouros cẽto & cincoenta, segundo se soube.

CAPITVLO CXCVIII.

Do que fez Vasco pirez de Sampayo em Bẽgala.

Tomada a cidade do Gouro por Xercansur, como disse atras, escaparão muyto mal feridos tres Portugueses que estauã com el rey de Bengala, Afonso vaz de brito, Diogo ferraz, & Ioão adão, & foràose a Chetigão pera Nuno fernãdez freyre: E sabido là como o Gouro era tomado, & el rey de Bengala fugido, aleuãtouse grãde cõtenda antre dous senhores mouros vassalos del rey de Bengala, Codauazcão & Amazarcão que estauão em Chetigão sobre qual seria senhor dela, & Nuno fernãdez os concertou, & ficou Amazarcão: E nisto chegou a Chetigão per mandado de Xercansur hũ capitão Patane por Nogazil, q̃ he como regedor, & tomou posse dela pacificamente: & dizendolhe Nuno fernãdez os officios q̃ tinha em Chetigão por prouisão do rey que fora de Bengala, & ele disse que os teuesse, porque Xercansur folgaria muyto coisso, & lhe faria ainda mayores merces que aquelas por ser muyto amigo dos Portugueses, & estando nisto chegou Vasco pirez de sampayo com a armada que disse, com o que Amarzacã & outros senhores Bẽgalas folgarã muyto, & acordarão todos que pois leuaua tãta gente que lhe requeressem que

prẽdesse o Nogazil de Xercansur, & tomasse a cidade com voz de ser pera el rey de Bẽgala, porque todos o ajudarião: & se el rey tornasse como esperauão que ficaria a cidade pera el rey de Portugal, & se nã que mãdaria recado ao Gouernador q̃ o socorresse pera soster a cidade, & assi lho mandarão pedir por Nuno fernãdez freire que lhe conselhou que o fizesse, porq̃ ficarião os Portugueses em grande credito naquela terra, o que Vasco pirez nã quis fazer, dizendo que pois a terra estaua assi, q̃ queria fazer sua fazẽda & yrse, & mandouse escusar a Amarzacão pelas mais honestas rezões que pode, dãdolhe esperança que prenderia ainda o Nogazil, rogàdolhe que o não prẽdesse sem seu recado, & ele lho prometeo: E neste tempo chegarão os Mogores ao Gouro, não estando hi Xercansur que era ydo a poer em saluo o tesouro del Rey de Bẽgala: & sabendose em Chetigão a vinda dos Mogores, pareceo aos Bengalas que o seu rey era tornado (pelo que foy em todos grande aluoroço.) E Amarzacão vẽdo que Vasco pirez não quisera prender o Nogazil, não se fiou dele pera lhe dizer que o prendesse, & quis que fosse preso por seu mãdado, assi por ganhar nisso honrra, como por alegar aquele seruiço a el rey de Bengala, & secretamente mandou hũ capitão cõ quinhentos Bengalas frecheyros & espingardeyros que prendessem o Nogazil, que supitamente lhe cercarão a casa & o tomarão desapercebido pera não se defender, que quando se vio assi mandou chamar Nuno fernandez que lhe valesse, & que antes queria ser preso dos Portugueses que dos Bengalas: E Nuno fernãdez por auer perigo na tardança não deu cõta do caso a Vasco pirez que estaua na frota, & foyse a casa do Nogazil, & quando os Bengalas o virão, derão hũa grande grita nomeando el rey de Bengala, & por lhe terem grande acatamento o deyxarão entrar ondestaua o Nogazil com hum seu yrmão em poder de certos Bẽgalas que os tinhão presos, que ele fez afastar, & sabendo do Nogazil que queria ser antes preso dos

Portugueses que dos Bengalas, disselhes a parte que Amazarcão nã era bem conselhado em prender o Nogazil daquela maneyra, que ouuera de mandar algũs officiaes dalfandega, a que o Nogazil tinha tomado dinheyro de q̃ ouuera de saber quanto era, & mandalo escreuer, & depois proceder contrele: o que parecẽdo bem ao capitão que tinha preso o Nogazil, mandou dizer a Amazarcão o que dizia Nuno fernãdez, que tambem mandou logo hũ escrito a Vasco pirez, em que lhe contaua o caso pera que acodisse logo: & ele mãdou Frãcisco de barros de paiua cõ cincoenta espingardeyros, que em chegando ás casas do Nogazil começarão de tirar, pelo que os Bengalas fugirão & o seu capitã, & Francisco de barros tomou o Nogazil & o leuou a Vasco pirez, que o teue preso bem seys meses, & depois o deyxou fugir por peytas que lhe deu: E estãdo assi a cousa, forão ter a Bengala sessenta Turcos em hũa galeota que se apartarão na partida Dadem da armada de çoleymão baxá, & passando por Pegu deytarão fama que o Gouernador & os Portugueses erão mortos polos Turcos, & dando a mesma noua em Bengala, forãose meter em hum rio quatro legoas de Chetigão: O que sabendo Vasco pirez, mandou Francisco de barros de paiua na sua fusta, & algũs calaluzes com gẽte pera q̃ tomasse a galeota aos Turcos, que se defenderão tambem que o fizerã afastar, & logo vararão a galeota, & fizerão hũa tranqueyra em q̃ assestarão quatorze bombardas que tinhão, & estãdo ali catiuarão tres Portugueses a que derã muytos tormentos, ameaçando os outros que os auião denforcar. E Vasco pirez com quanto tinha muyta gente nũca quis vingar esta injuria, nem tomar os Turcos, o que podera bem fazer, nẽ menos quis dar ajuda a Nuno fernãdez freyre q̃ lha pedio pera yr defender hũa nao noua que tinha carregada de fazenda, q̃ soube que os Turcos querião yr tomar: o que vendo Diogo rabelo o foy ajudar com quinze Portugueses que andauão na sua fusta, & Antonio de Melo leuou cinco

no esquife do seu nauio, & Nuno fernandez em hũ parao, & chegados aa galeota não a poderão aferrar por desastre, & nã por lhes faltar coraçã, & os Turcos lhe matarão seys Portugueses & ferirão os outros, & hũ foy Nuno fernãdez, & depois deu Christouão douria de supito com os Turcos em outro rio que cô medo saltarã ao mar & fugirão, & Christouão douria tomou a galeota com a artelharia & com muyta riqueza que tinhão, & Vasco pirez inuernou em Bengala sem fazer mais que o que digo, & depois foyse a Pegû onde faleceo de doẽça: & assi perdeo el rey de Portugal esta cidade de Chetigão, que se podera soster com pouco trabalho, por Xercansur andar ocupado em sua conquista, como disse a tras.

CAPITVLO CXCIX.

De como Antonio galuão refez a fortaleza de Ternate.

Partido Iorge mascarenhas & os outros da jlha de Ternate, que Antonio galuão ficou desapressado, entendeo logo em refazer a fortaleza que estaua tam daneficada, que a fez quasi de nouo, & mandou fazer dentro casas pera pousarem Portugueses, & tulhas pera ter mantimẽtos dũs annos pera outros, porque se lhe sobreuiesse guerra que esteuesse prouido deles, & não auendo guerra os dar á gẽte em desconto de seu soldo & mantimẽto. E assi fez a casa da feytoria de pedra & cal com tulhas pera estar o crauo, & mandoulhe fazer hũa cerca de taypa, & junto coela mandou fazer a casa da ferraria de taypa que dantes era de sebe, & assi era a casa da poluora que mandou fazer de taipa defronte da porta da fortaleza, porque lha não furtassem os escrauos quando a fazião. E porque os Portugueses gastauam muyto em refazerem cadanno as suas casas, que erã de paredes de canas fendidas, fez coeles que as fizessem de pedra & cal, com suas janelas & chamines co-

mo em Portugal, & que se cercassem de muro de taypa, o que fizerão á sua custa sem custar a el Rey nada: E quando foy ao abrir dos aliceces pera esta cerca, el rey de Ternate deu as primeiras enxadadas por amor Dãtonio galuão, & apos ele o çamarao & outros fidalgos, & Antonio galuão os banqueteou aquele dia, & el rey lhe deu gẽte que trabalhasse nesta obra, & a fora este muro forã feytos ainda outros dous, porque ficasse ho resio darredor da cerca em campo raso, porque nas outras cercas ficaua a terra mais alta que elas: De maneyra que tinha a cidade tres cercas, & a derradeyra tinha seus baluartes & era cercada de caua que ficaua muyto forte, & a cidade muyto fermosa com muytos poços dentro & parreyras que Antonio galuão ali leuara, que estauão todo o ãno verdes & com fruyto, que assi he a qualidade da terra. E fez com elrey que desse aos Portugueses terras que laurassem & prantassem aruores, em que fizerão quintaãs, em que trazião criações de galinhas, porcos, cabras, & ouelhas, que parecia o campo de Sãtarẽ: E pera a terra ser melhor regida, fez almotacés & vereadores. E porq̃ a entrada no porto da cidade era trabalhosa & perigosa por amor dũ penedo q̃ estaua no meo da barra de nossa Senhora que era a principal, mandou quebrar este penedo, & ficou a barra tão boa que dõde dantes não podia entrar hũa coracora sem muyto tento, entraua & saya hũ nauio á véla sem payxão, & mandou aleuantar tanto o arrecife que ficaua o porto como hũa caldeyra sem o mar fazer nojo aos nauios que estauão dentro por mais brauo q̃ andasse, & çarrou as outras duas barras. E vendo el rey de Ternate a fermosura da nossa cidade, creceolhe cobiça de fazer assi a sua, ao menos nas casas, & por seu rogo lhe ordenou Antonio galuã como auia de ser, & ficou a cidade arruada & muyto mayor do que era, do q̃ os mouros estauão muy contentes: & porq̃ a sua mezquita ficaua padrasto da nossa fortaleza a mandou el rey meter dentro na sua cidade. E assi como se en-

nobreceo esta cidade de Ternate, se ennobreceram outras q̃ parecião pouoações Portuguesas. E pera a nossa cidade de Ternate ficar de todo nobre, trouue Antonio galuão agoa dali tres legoas a hum grande chafariz que fez junto da fortaleza de que bebia a gente, & em que bebião gados, & lauauão a roupa, & da agoa que sobejaua regauã ortas & pomares, assi dos Portugueses como dos mouros, que dali por diante a seu rogo deixarão a vida da guerra que tinhão, & derãose a laurar & a semear & a criarẽ gados, com q̃ a jlha ficou grandemente abastada. E Antonio galuã por pagar a el rey de Ternate quãtas boas obras lhe fizera, o tirou da fortaleza onde estaua como preso & o deixou yr pera a cidade pera hũas casas q̃ fez muy suntuosas, & lhentregou a gouernãça de seu reyno pera que liuremente o gouernasse, & lhe deu licença pera q̃ casasse, ho que os reys daquela jlha não fizerã mais depois que ali foy feyta a nossa fortaleza & estauão como catiuos, & por esta liberdade que Antonio galuão deu a este rey, lhe ficou ele & seus vassalos em tanta obrigação q̃ ele & eles lhe tinhão tãto acatamento como que se fora pay de todos & assi lho chamauão, nẽ o nomeauã por outro nome, nem fazia el rey nẽ nhũ Mandarĩ cousa q̃ lho não dissessem primeiro & não tomassem em tudo seu cõselho, & fazião em seu louuor muytas cãtigas. E assi como os mouros lhe queriã bem polas boas obras que lhe fazia, assi lho querião tãobẽ os Portugueses, porq̃ lhes fez pagar muytas diuidas que lhes os mouros deuião auia annos, & nhũ capitão teue poder pera lhas fazer pagar, & os que adoecião, ele os curaua á sua custa, por el rey não ter cõ q̃ os curassẽ, & se ele não fora, todos morrerão de fome, q̃ emprestou a el rey com q̃ lhes pagasse o mantimẽto, no q̃ perdeo muyto, porq̃ cõ empregar o seu dinheiro nisto, não fez nunca sua fazenda, & dous annos teue este trabalho & gasto, porq̃ em todo este tempo nunca os gouernadores nem o vèdor da fazenda mandarão roupas á fortaleza pera se a gente prouer de mantimentos.

CAPITVLO CC.

De como no Morro se leuantou hũ capitão, & de como foy morto, & do mais q̃ passou.

Andando Antonio galuão ocupado nestas cousas soube que no Morro se leuantara hũ capitão que afora leuãtar a terra, & trazia por mar hũa grossa armada com que andaua tão soberbo q̃ dizia que auia de correr a Ternate: o q̃ sabido por Antonio galuão mandou logo lá hũa armada de corascoras que lhe emprestou el rey de Tidore, & mandou por capitão mór dela hũ clerigo de missa que auia nome Fernão vinagre com corẽta Portugueses, que foy lá, & pelejou com aquele capitã, que foy morto na batalha & hũ seu yrmão, & outros muytos, & a outra gente fugio. E depois desta vitoria assentou Fernão vinagre a terra, & fez rebautizar muytos que forão Christãos, & fez muytos de nouo, & leuou a armada carregada de mantimentos. E vendo Antonio galuão quão bem aquilo sucedera, & os Christãos q̃ se lá fizerão, tornou a mandar Fernão vinagre, q̃ ainda fez mais Christãos, cujos filhos leuou a Antonio galuão por seu mandado pera os mandar doutrinar na nossa sancta fee, & mandalos insinar a ler & a escreuer, no que tãobẽ gastou muyto, & assi em dar peças a seus pays quãdo o yão ver, porq̃ coisto os tinha seguros na Christandade & na amizade, & este foy hũ grande seruiço que fez a Deos & a el rey, porq̃ afora os muytos Christãos que se fizerão & permanecerã, ganhouse leuarẽ dali muytos mantimentos a Ternate, cõ q̃ a terra esteue mais barata do que nũca esteue. E depois disto sabendo Antonio galuão que nauegaua pera Maluco hũa grossa armada de jungos da Iaóa, Bãda, Maçaçar, & Amboyno, que ya buscar crauo, a cujo trato esperauão de dar muyta arteiharia, & armas que leuauão como dantes fazião, & por esta gẽte nã yr ás jlhas de Malu-

co donde depois serião maos de deitar, & farião toruação em se auer ho crauo pera el rey, determinou de lhes impedir a vinda, pera o q̃ mandou a Amboyno Diogo lopez dazeuedo capitam mór do mar de Maluco, cõ hũa armada de vinte cinco corascoras & duzentos mouros que lhe emprestou el rey de Tidore, em q̃ foy seu yrmão Cachil rade, & Diogo lopez leuou corẽta Portugueses, & duzẽtos Ternates. E chegado a Amboyno, achou a frota que digo com que pelejou & a desbaratou & fez fugir & desfazer com morte de muytos dos que yão nela, & em algũs jungos que se lhe rẽderão, achou muyta artelharia, muytas armas, & muyto dinheiro, & dali foy ao lõgo da costa com sua armada, & assentou amizade em toda ela, & os q̃ a não q̃riã por bem, fazialha receber por mal, & em tres lugares principaes que se chamão, Atiua, Mantelo, & Nuciuèl, fez fazer os seus moradores Christãos, pedindolho eles com grãde instãcia. E assi se tornou pera Ternate leuando hũ yrmão del rey de Ternate que lá estaua fugido, do tẽpo de Tristão datayde, & Cachil vaidua do tempo de dom Iorge, & assi outros do pouo. E tãobem nesta cõjunção mãdou Antonio galuão a seu sobrinho Ioão fogaça cõ hũa armada ás jlhas dos Papuas a buscar as duas naos de Castelhanos q̃ disse, por saber que erão lá lançadas, mas não as achou por serem perdidas, & descobrio aquelas jlhas & assentou amizade com todos os reys delas, que mandarão a armada carregada de mantimentos a Antonio galuão. E neste tẽpo forão ter a Ternate dous yrmãos Macaçares de nação, que estãdo em Ternate & sendo gẽtios, inspirados de nosso Senhor se fizerã Christãos, & foy seu padrinho Antonio galuão, cujo nome tomou o mais velho & o mais moço ouue nome Miguel galuão, q̃ bautizados se forão á jlha do Macaçar donde erão naturaeis, & dahi tornarão a ver Antonio galuão, cõ hũa armada carregada de sandalo & algũ ouro & armas, & outras mercadorias, q̃ disserão a Antonio galuão que auia nas jlhas do Macaçar & dos Celebes, on-

de folgarião muyto de terẽ trato com os Portugueses, & se lá fossem se farião muytos Christãos, & pera o serem vinhão algũs mancebos fidalgos, a que logo foy dada agoa de bautismo. E ouuyndo Antonio galuão as nouas desta terra folgou muyto, assi por se alargar nela a fee de Christo, como pera os Portugueses fazerẽ seu proueito: & logo ordenou de mandar lá hũ caualeiro chamado Francisco de crasto casado, homẽ muyto pera isso, a q̃ deu hũ regimento que assentasse amizade cõ os reys daq̃las terras, & trabalhasse por se tornarẽ Christãos, pera ho que lhe deu muytas peças que lhes desse de presentes, & que tudo fosse por bem. E despachado Francisco de crasto partio de Ternate em Mayo, & aos vinteseis de Iunho chegou a hũa jlha dos Celebes chamada Chedigão, que está em doze graos & dous terços, cujo rey & pouo erão gentios, & assentou logo amizade com el rey vendose no mar, & ambos se sangrarão nos braços, & hũ bebeo ho sangue do outro, & dahi a poucos dias se fez el rey Christão, muyto contra vontade dos do seu conselho, & foylhe posto nome dom Frãcisco, & foy bautizarse dentro ao nauio, q̃ não quis Francisco de crasto yr a terra, & assi se fizerão Christãos tres yrmãos del rey & sua molher & hũ filho, & cento & trinta fidalgos, & muytos do pouo. E passados vinte dous dias que Francisco de crasto gastou nisso partiose, deixando em todos muyta soydade, & dali foy ao longo da jlha de Mindanao, & chegou a hum rio ondestaua hũa cidade chamada Soligão cujo rey se fez Christão, & foylhe posto nome Antonio galuão, & coele recebeo agoa de bautismo a Raynha & duas filhas, & bẽ cento & cincoenta pessoas outras. E depois se fizerão na mesma jlha Christãos el rey de Butuão, a que chamarão dom Ioão o rey grande, el rey de Pimilara que tãobem se chamou assi, el rey de Camiguy a q̃ poserão nome dõ Francisco. E assi receberão agoa de bautismo suas molheres, filhos, & yrmãos, & muyta parte de seus vassalos, assi dos nobres, como do pouo. E

querendo Francisco de crasto passar desta jlha á do Macaçar, foylhe o vento tão contrayro, que mil vezes esteue perdido, pelo que os que yão coele não quiserão que passasse por diante, & o fizerão tornar a Ternate, leuando muytos filhos daqueles que se tornarão Christãos, pera lhe ser insinada a doutrina christaã & a nossa lingoa, o que Antonio galuão fazia com grande cuydado, & os criaua como filhos.

L A V S D E O.

Foy impresso este Octauo liuro da historia da India em a muyto nobre & leal cidade de Coimbra, por João de Barreyra impressor del Rey na mesma vniuersidade. Acabouse aos vintaseys dias do mes Dagosto de 1561. annos.

TAVOADA

DO OCTAVO LIVRO.